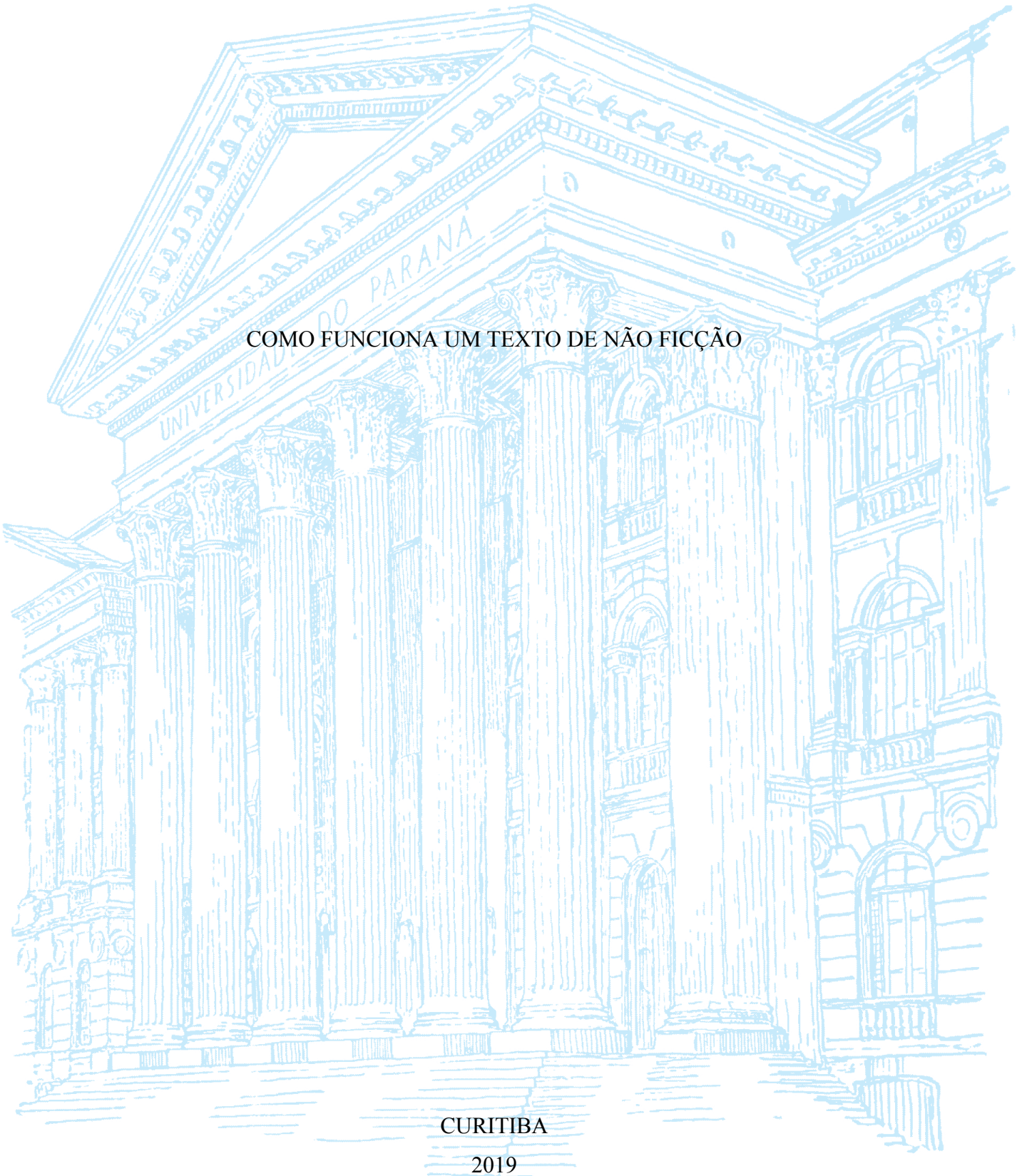
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IRINÊO FRARE BAPTISTA NETTO



COMO FUNCIONA UM TEXTO DE NÃO FICÇÃO

CURITIBA

2019

IRINÊO FRARE BAPTISTA NETTO

COMO FUNCIONA UM TEXTO DE NÃO FICÇÃO

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Literários, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Caetano Waldrigues Galindo.

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Baptista Netto, Irinêo Frare
Como funciona um texto de não ficção. / Irinêo Frare Baptista Netto. – Curitiba, 2019.

Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientador : Prof. Dr. Caetano Waldrigues Galindo

1. Mitchell, Joseph, 1908 - 1996 – Crítica e interpretação. 2. Jornalismo e literatura. 3. Estilo literário. I. Título.

CDD – 808

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIENCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS - 40001016016P7

ATA Nº916

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM LETRAS

No dia vinte e dois de abril de dois mil e dezenove às 14:00 horas, na sala 1013, Edifício D. Pedro I, foram instalados os trabalhos de arguição do doutorando **IRINEO FRARE BAPTISTA NETTO** para a Defesa Pública de sua tese intitulada **Como funciona um texto de não ficção**. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: CAETANO WALDRIGUES GALINDO (UFPR), MARILENE WEINHARDT (UFPR), SANDRA MARA STROPARO (UFPR), JOSÉ CARLOS FERNANDES (UFPR), CHRISTIAN LUIZ MELIM SCHWARTZ (UP). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra ao discente, para que o mesmo expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. O aluno respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais. A Banca Examinadora, então, reuniu-se e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela Aprovação do aluno. O doutorando foi convidado a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. A aprovação no rito de defesa deverá ser homologada pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais do programa. A outorga do título de doutor está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, CAETANO WALDRIGUES GALINDO, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 22 de Abril de 2019.

CAETANO WALDRIGUES GALINDO
Presidente da Banca Examinadora

MARILENE WEINHARDT
Avaliador Interno (UFPR)

SANDRA MARA STROPARO
Avaliador Interno (UFPR)

JOSÉ CARLOS FERNANDES
Avaliador Externo (UFPR)

CHRISTIAN LUIZ MELIM SCHWARTZ
Avaliador Externo (UP)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIENCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS - 40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **IRINEO FRARE BAPTISTA NETTO** intitulada: **Como funciona um texto de não ficção**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 22 de Abril de 2019.

CAETANO WALDRIGUES GALINDO
Presidente da Banca Examinadora

Sandra M. Stroparo
SANDRA MARA STROPARO
Avaliador Interno (UFPR)

José Carlos Fernandes
JOSÉ CARLOS FERNANDES
Avaliador Externo (UFPR)

CHRISTIAN LUIZ MELIM SCHWARTZ
Avaliador Externo (UP)

Marilene Weinhardt
MARILENE WEINHARDT
Avaliador Interno (UFPR)

RESUMO

Este estudo analisa e traduz a obra de Joseph Mitchell (1908–1996), que fez carreira publicando textos na revista *New Yorker* entre as décadas de 1930 e 1960. O escritor e jornalista estabeleceu alguns fundamentos para o que mais tarde seria o novo jornalismo, ou jornalismo literário. A carreira de Mitchell compreende cinco livros. Dois deles, inéditos em português, foram traduzidos como parte integral deste trabalho e serviram como instrumento de análise de sua obra: *O fabuloso bar do McSorley*, com vinte e sete textos publicados pela *New Yorker*; e *Estou no papo*, com sua produção para jornal. Para investigar os mecanismos de um texto jornalístico-literário, recorremos às ideias do britânico Gregory Currie sobre a natureza da ficção e às do francês Philippe Lejeune sobre o pacto referencial. Abordamos também as dificuldades de se representar a verdade objetiva (aquela passível de verificação), a falibilidade da memória e os artifícios dos textos literários para levar o leitor a fazer de conta (no caso da ficção) e a acreditar (no caso da não ficção). Partimos das pesquisas do biógrafo Thomas Kunkel e da historiadora Jill Lepore para argumentar que, hoje, os perfis escritos por Mitchell seriam, ao fim e ao cabo, vistos como ficção. E concluímos que, no jornalismo literário, um escritor acolhe os problemas que surgem ao sobrepor fatos e ficção. Na realidade, é o trânsito complicado entre esses dois mundos que faz funcionar um texto de não ficção.

Palavras-chave: Mitchell, Joseph; não ficção; jornalismo literário.

ABSTRACT

This study comprehends an analysis and the translation of two books by Joseph Mitchell (1908–1996), an american writer who made his name working for *The New Yorker* magazine between the 1930s and the 1960s. He laid the foundations for the so-called new journalism, or literary journalism. Mitchell published five books. Two of these, unpublished in Brazil, were translated to Portuguese as an essential part of our research: *McSorley's Wonderful Saloon*, which comprises twenty-seven stories published in the *New Yorker*, and *My Ears Are Bent*, which assembles his newspaper articles. To understand how the new journalism genre works, using tools of fiction to produce nonfiction, we employed Gregory Currie's ideas on the nature of fiction and Philippe Lejeune's ideas on the referential pact. We also address the difficulties in depicting the objective truth in nonfictional pieces, the fallibility of memory, and the differences between *believe* and *make-believe*. We use the researches from biographer Thomas Kunkel and historian Jill Lepore to recognize that, today, Mitchell's literary journalism would be seen as fiction. As a conclusion, we argue that a writer of literary journalism welcomes the complications caused by overlapping fiction and nonfiction. This is how nonfiction works.

Keywords: Mitchell, Joseph; nonfiction; literary journalism.

SUMÁRIO

1 Sobre Joseph Mitchell, Nova York e a *New Yorker* …… 8

2 Sobre o estilo, a obra e os temas de Mitchell …… 36

3 Sobre como funciona um texto de não ficção …… 59

4 Sobre os motores do jornalismo literário …… 89

REFERÊNCIAS ...…… 92

APÊNDICE 1 – A tradução anotada de *O fabuloso bar do McSorley* …. 97

APÊNDICE 2 – A tradução anotada de *Estou no papo* …….…… 444

1 Sobre Joseph Mitchell, Nova York e a *New Yorker*

Este é Joseph Mitchell: a certa altura da vida, um jornalista mais famoso por não escrever nada do que por tudo aquilo que de fato escreveu. A última vez que seu nome apareceu na revista *New Yorker* foi em setembro de 1964. Ninguém teria notícias dele por quase trinta anos.

Muito antes disso, Mitchell nasceu e cresceu numa família de produtores de algodão e tabaco, no estado da Carolina do Norte, região sudeste dos Estados Unidos. Era 1929 quando chegou aos vinte e um anos e decidiu ir embora de casa – para a decepção do pai, que contava com a ajuda do filho nos negócios. O plano do garoto era escrever para jornais.

Ainda em Fairmont, pouco antes, ele tinha conseguido vender um texto para um jornal nova-iorquino sobre plantações de tabaco. Foi uma chance de usar o conhecimento que tinha sobre a forma como sua família ganhava a vida. Mais ou menos nessa época, leu o livro *A comunidade americana*, de James Bryce, e decidiu ser um repórter de política.

Com isso em mente, viajou quase mil quilômetros para desembarcar em Nova York um dia depois da quebra da bolsa: era o começo da Grande Depressão que deixaria o país arruinado pela década seguinte. O único contato que tinha em Nova York era o editor do *Herald Tribune* que havia comprado seu texto e que também era do Sul. Foi conversar com ele na esperança de ser contratado, mas não conseguiu o emprego que queria. Em vez disso, o editor – que havia ficado surpreso com a visita inesperada de Mitchell – acabou indicando o rapaz para um colega do *World-Telegram* e foi assim que ele começou a trabalhar como repórter de Cidade.

A experiência urbana transformou a vida de Mitchell. Ele tinha saído de uma cidadezinha com 2.699 habitantes para morar na maior metrópole dos Estados Unidos. No primeiro emprego, aprendeu com seu editor que uma das qualidades mais importantes de um repórter é a disposição para gastar a sola do sapato (expressão que ainda hoje é uma espécie de axioma da profissão). Mitchell aceitou a sugestão e passou a palmilhar "todos os mil bairros de que esta cidade é composta" (MITCHELL, 2013, p. 56).

O fascínio por Nova York tinha surgido na infância com uma viagem ao lado do pai. Apesar disso, Mitchell nunca perdeu o carinho por Fairmont. Assim viveu a vida dividido: "Quando estava em Nova York, sentia saudade da Carolina do Norte;

quando estava na Carolina do Norte, muitas vezes sentia saudade de Nova York" (MITCHELL, 2013, p. 71).

Nos nove anos que levou para conquistar um lugar na *New Yorker*, Mitchell desenvolveu com a cidade grande uma relação íntima. Era um rapaz apegado à natureza, que veio do mato (passava horas observando pássaros e plantas na propriedade do pai), mas se tornou um homem apaixonado pela arquitetura metropolitana e pelas pessoas que eram tão parte do cenário quanto os prédios (passava horas caminhando pelas ruas e ouvindo todo tipo de gente).

Quando Mitchell chegou ao Grand Central Terminal, na esquina da 42nd Street com a Park Avenue, disposto a fazer jornalismo, a Lei Seca estava em vigor e a venda de bebidas alcoólicas, proibida. De acordo com o documentário de Ken Burns, *Prohibition* (2011), foi nessa época que a América se revelou "uma nação de bêbados, infratores e hipócritas". Na prática, quem queria tomar seu uísque ou sua cerveja, tomava; e fazia isso comprando bebida de contrabandistas (*bootleggers*) ou frequentando os bares ilegais (*speakeasies*) que ficavam escondidos em porões de residências. Ter uma televisão em casa era regalia de poucos e o rádio e a imprensa eram poderosos, seguidos de perto pelo cinema, que estava em processo de adotar o som. O primeiro filme falado, *O cantor de jazz*, tinha sido lançado pela Warner em 1927. Charlie Chaplin era um dos astros da época e faria uma de suas obras-primas, *Luzes da cidade*, em 1931. Nesse cenário, a *New Yorker*, que tinha sido criada em 1925, conseguiu se estabelecer como uma referência na imprensa norte-americana. De acordo com Thomas Kunkel, "fazer jornalismo na era da *primeira página* era algo tão agitado e empolgante quanto a cidade de Nova York, uma espécie de 'esporte de contato'. Nos anos 1920, havia quatorze jornais diários operando na cidade; a competição era tão feroz que os mais fortes estavam a ponto de engolir os mais fracos numa onda de fusões e aquisições" (KUNKEL, 2015, p. 77, tradução nossa).

Embora Nova York fosse sua nova casa, Mitchell se sentia fora do lugar. Para Kunkel, foi esse sentimento de não pertencimento que aproximou o autor de pessoas que também se sentiam excluídas de alguma forma, que ocupavam uma posição à margem nesse luminoso cenário nova-iorquino. A importância desse dado biográfico não é pequena, porque foi ele que alimentou um dos grandes temas da obra de Mitchell. Num contexto em que jornais e revistas se dedicavam aos ricos e famosos – algo comum ainda hoje –, um sujeito vindo da Carolina do Norte decide dar o mesmo tipo de atenção e de tratamento para os pobres, os perdedores e os desconhecidos.

Para figuras que não importavam para mais ninguém. Em 25 de maio de 1996, o título de seu obituário no jornal *The New York Times* dizia: "Joseph Mitchell, cronista dos anônimos e dos excêntricos, morre aos 87" (SEVERO, 1996, tradução nossa).

Faz sentido que seu personagem mais famoso seja um mendigo e que várias de suas histórias se passem em bares – um deles aparece até no título de seu segundo livro, *McSorley's Wonderful Saloon* (de agora em diante, *O fabuloso bar do McSorley*). Os locais que interessam a Mitchell não são casas noturnas divertidas cheias de gente alegre e bem-nascida. Ele não se importa com a Era do Jazz. Não liga para a música nem para as danças, não se importa com filmes e quer distância de requinte e sofisticação. Os bares de que fala são redutos mal iluminados para aqueles que não têm nenhum outro lugar para ir. Ou são bares-restaurantes que servem refeições e bebidas alcoólicas (oficialmente, só depois da revogação da Lei Seca em 1933). Havia quem achasse que somente nesses estabelecimentos era possível fazer uma refeição decente (MITCHELL, 1992, p. 330-336).

Não existe glamour nas descrições que Mitchell dá dos estabelecimentos e das pessoas que os frequentam. Ele não tenta embelezar nada nem ninguém, mas tem uma compaixão enorme por quase todo mundo. Uma postura que lhe permite encontrar humor onde outros só veriam desgraça; e não se trata de um humor às custas de quem está sendo retratado no texto – daí a compaixão. Mitchell é sempre respeitoso. O humor vem de uma forma específica de encarar a vida, que ele diz ter aprendido quando criança com uma de suas tias, em visitas ao cemitério.

Mitchell fala dessa experiência na introdução de *Up in the Old Hotel* (doravante, *Lá onde era um hotel*). Anne Parker Lytch, a tia em questão, era uma mulher bem-humorada e de olhos tristes que pipocava suas histórias com coisas "terríveis" ou coisas "terrivelmente engraçadas". Ela levava Mitchell para passear no cemitério de Fairmont e, enquanto caminhavam por entre os túmulos, falava das pessoas enterradas ali (MITCHELL, 1992, p. ix-xiii).

Ele amarra essa memória de infância a um episódio em que teve de entrevistar a pintora mexicana Frida Kahlo num hotel de Nova York, em 1932. Ela estava hospedada na cidade para acompanhar o marido, Diego Rivera, que trabalhava nos murais encomendados para o Rockefeller Center. Ao encontrar Kahlo, uma das coisas que mais chamaram a atenção do repórter foram os papéis de impressão barata que ela tinha prendido com tachinhas nas paredes da suíte: uma série de gravuras feitas pelo mexicano José Guadalupe Posada, um artista conhecido por desenhar esqueletos em

situações mais ou menos cotidianas. “Ela me disse que havia pendurado as gravuras para que pudesse olhar para elas de vez em quando e manter a sanidade enquanto vivia em Nova York”, escreveu Mitchell (1992, p. xii, tradução nossa). Havia imagens de esqueletos num casamento, ou num velório, ou cortejando mulheres-esqueletos etc. O escritor ficou surpreso porque as gravuras eram engraçadas, até a mais mórbida delas. Posada encontrava humor em situações improváveis ou trágicas – algo que Mitchell também fazia em seus textos (MITCHELL, 1992, p. xiii).

Ao falar do Bar e Restaurante do Dick no livro *My Ears Are Bent* (daqui em diante, *Estou no papo*), ele descreve um estabelecimento velho e malcuidado, com cheiro de estábulo. Alguém poderia considerar o bar deprimente, mas não Mitchell, que achava graça no fato de Dick não ter a menor paciência com a clientela. Toda vez que se irritava com uma situação qualquer, ele sacudia os punhos em direção ao teto e reclamava: “Querem acabar comigo!” (MITCHELL, 2001b, p. 27, tradução nossa).

A relação de Mitchell com algumas de suas fontes extrapolava a dinâmica entre repórter e entrevistado. No caso Bill McSorley, outro dono de bar, o escritor simpatizava com a relutância dele em mudar qualquer coisa dentro de seu estabelecimento, por mais simples que fosse. Das canecas de cerveja a uma pequena fotografia velha de um cavalo pendurada na parede. Quando teve de pintar o teto, porque a pintura anterior estava descascando e caindo sobre os chopes, Bill passou semanas sofrendo com a reforma, sentado com a cabeça apoiada nas mãos e os cotovelos sobre a mesa.

Mitchell parecia se sentir assim em relação à cidade, incomodado com as mudanças, brigando contra elas e vivendo em nostalgia. O obituário do *Times* cita uma entrevista em que o autor disse que não era contra mudanças, mas que seu coração continuava com a Nova York de Fiorello LaGuardia, prefeito da cidade entre 1934 e 1945. Bons tempos eram aqueles dos bares sem frescura, ou das churrascadas que não aceitavam mulheres, ou dos circos, quando ainda eram deslumbrantes. Nessas histórias, os personagens que lhe interessavam eram sempre os “velhos e velhas decepcionados”. Ao pesquisador Norman Sims (2008, p. 7, tradução nossa), ele disse: “Quando começavam a falar que a vida não era como eles tinham imaginado, eu dizia a mim mesmo: ‘Consigo me identificar com isso’.”

Ele perfilou, entre tantos, uma mulher barbada, um dono de bar (outro ainda) que sabia tudo sobre o submundo do Harlem, uma dona de cinema solteirona que distribuía dinheiro para indigentes na Bowery Street, um mendigo que dizia ser

historiador e alegava falar a língua das gaivotas e um homem que se apresentava como o rei dos ciganos. Eles eram *freaks*[1], excêntricos, mas eram também pessoas comuns que procuravam viver a vida intensamente (SIMS, 2008, p. 3).

Para dimensionar a proeza de Mitchell ao decidir perfilar figuras até então desprezadas pela imprensa norte-americana, tenha em mente que George Orwell (1903–1950) conseguiu publicar *Na pior em Paris e Londres*, sobre como foi viver entre anônimos e miseráveis, em 1933 (as experiências descritas no livro ocorreram anos antes, no fim da década de 1920). "Conseguiu publicar" porque o manuscrito tinha sido rejeitado duas vezes – uma delas pelo poeta T. S. Eliot, que trabalhava como parecerista para a Faber & Faber –, deixando Orwell desiludido. *Na pior em Paris e Londres* só não foi para o lixo porque a brasileira Mabel Sinclair Fierz, que resenhava livros e tinha conhecido Orwell em 1930, indicou a obra para o agente literário Leonard Moore e este deu um jeito de vendê-la (AUGUSTO, 2006, p. 253). Nada indica que Mitchell tenha lido o livro de Orwell, publicado nos Estados Unidos no mesmo ano da edição britânica, mas não é absurdo supor que sim, pois ele era um leitor bem-informado, fã de James Joyce (uma das filhas de Mitchell se chama Nora, nome da mulher de Joyce); leitor de Rabelais, Sterne e Dostoiévski; e conhecedor de escritores relativamente obscuros como o britânico George Borrow, autor de livros de viagem interessado em ciganos (SIMS, 2008, p. 23).

Em 1936, na mesma época em que Mitchell publicava seus textos em jornais e eventualmente na *New Yorker*, ainda como *freelancer*, James Agee viajou pelo Alabama com o fotógrafo Walker Evans para escrever a respeito da vida de colonos que trabalhavam em plantações de algodão. O resultado dessa viagem, o livro *Elogiemos os homens ilustres*, seria publicado apenas em 1940, depois de vários entreveros editoriais, para se tornar uma referência entre obras de não ficção.

Esse contexto, que envolve não só o jornalismo, mas também a literatura, serve para mostrar que a abordagem de Mitchell era próxima de algumas ideias e preocupações que mobilizavam outros escritores (é o que os alemães chamariam de *zeitgeist*: "espírito da época"). Se um artista pode às vezes se comportar como uma espécie de antena que capta as questões que são ou que serão relevantes no mundo, podemos considerar que Mitchell era um artista. Mas ele também era um jornalista. Um repórter. (Em inglês, a palavra *writer* serve para falar tanto de um jornalista

[1] Em português, traduzem *freak* como "aberração" ou "monstro", mas também é comum o uso da palavra em inglês.

quanto de um escritor. Em português, jornalistas não são considerados escritores, a não ser quando têm livros publicados.) A certa altura da vida, Mitchell se via como "apenas um escritor". De acordo com o biógrafo Thomas Kunkel, ele nunca se sentiu confortável com os rótulos que tentavam dar para sua obra e resistia a categorizar o que fazia porque "talvez soubesse, ao contrário do público em geral, até que ponto havia distorcido as regras jornalísticas em seus textos". O biógrafo cita uma nota encontrada nos diários de Mitchell, provavelmente dos anos setenta, em que ele usa letras em caixa alta para registrar seu desdém: "Eu era um repórter e me tornei um escritor de revista e depois, ao menos para mim, eu me tornei apenas um escritor E EU DESPREZO PROFUNDAMENTE TERMOS COMO NOVO JORNALISMO, JORNALISMO CRIATIVO" (KUNKEL, 2015, p. 241, tradução nossa). Mais velho, ele acabaria contemporizando.

Mas esse desprezo de Mitchell pelo novo jornalismo tem explicação.

Apesar de ter uma definição bastante ampla, abarcando tanto trabalhos de antropologia e história quanto livros de autoajuda e jardinagem, *não ficção* tem a força de uma negativa. É um termo que recusa a ficção, que se coloca contra ela: qualquer coisa, menos ficção. Esse contraponto é importante para as ideias que serão exploradas nas próximas páginas. Assim, este estudo usa *não ficção* para se referir a um texto literário baseado em fatos – mais especificamente, a um texto jornalístico-literário. Para tratar do gênero desses textos, a expressão *jornalismo literário* parece mais clara. A alternativa que aparece com frequência, *novo jornalismo*, é mais ou menos obscura e de origem disputada.

Para começo de conversa, *qual* novo jornalismo? Porque existem dois. O primeiro, do século XIX, surgiu no contexto da alfabetização em massa e do barateamento dos jornais impressos. Como o jornal ficou mais acessível, um número maior de pessoas passou a comprá-lo. Um exemplar, naquele tempo, valia seis centavos. Depois, passou a custar apenas um – daí esse período ficar conhecido como *penny press* (imprensa de um centavo) (SCHUDSON, 2010, p. 25). Com o aumento das tiragens, entre 1830 e 1840, de acordo com o pesquisador Nelson Traquina, surge "um novo conceito de audiência: 1) um público mais generalizado e não uma elite educada; 2) um público politicamente menos homogêneo" (TRAQUINA, 2012, p. 50). E surge também o novo jornalismo, o primeiro deles, preocupado com

informação e não com propaganda, separando fatos de opiniões. Para Traquina, foi nesse período que o jornalismo descobriu o culto aos fatos, sob influência do positivismo, e o papel do repórter, comparado ao cientista, ao explorador e ao historiador (TRAQUINA, 2012, p. 53). Comparações, aliás, extremamente generosas, pois a figura do repórter – do jornalista, de modo geral – é bem mais controversa.

Asa Briggs e Peter Burke (2016, p. 236), em *Uma história social da mídia*, contam que naqueles dias, como hoje, havia jornais "de qualidade" (preocupados em informar) e os tabloides (com um estilo mais informal e mais dispostos a entreter). O papel dos jornalistas como homens que colhiam notícias (havia poucas mulheres antes da década de 1890) e dos editores que as selecionavam, compilavam, apresentavam e interpretavam, sempre foi polêmico e era comum que copiassem o trabalho uns dos outros, por vezes deliberadamente. Para Briggs e Burke (2016, p. 239), o intelectual Matthew Arnold (1822–1888) pode ter sido a primeira pessoa a usar o termo novo jornalismo, que ele definia como "de 'espírito cerebral', pois tentava atrair leitores que acabavam de ganhar direitos civis".

O novo jornalismo alvo da repulsa de Mitchell surgiu na segunda metade do século XX. Se você pesquisar pelo termo em inglês (*new journalism*) ou em português na Wikipédia (2019), encontrará mais ou menos a mesma história: trata-se de um estilo de escrita dentro do jornalismo, desenvolvido nos anos 1960 e 1970, que usa técnicas literárias e cujos expoentes são, entre outros, Gay Talese, Truman Capote e Joan Didion. Tom Wolfe é creditado como o homem que cunhou o termo "com seu significado atual" por ter escrito, em 1973, um livro com o título *O novo jornalismo* (no Brasil, a edição mais recente desse texto está na coletânea *Radical chique e o novo jornalismo*).

"Não faço ideia de quem cunhou a expressão 'Novo Jornalismo', nem de quando foi cunhada", diz Wolfe (2005, p. 40), para em seguida especular que o termo começou a circular pela imprensa americana por volta de 1965 e se referia ao que faziam jornalistas como Talese. Nesse mesmo ano, Wolfe resolveu provocar o pessoal da *New Yorker* e aprontou "uma brincadeira leve". No *Herald Tribune*, ele publicou dois textos em fins de semana consecutivos: "*Tiny mummies! The true story of the ruler of 43rd Street's Land of Walking Dead*!" (Pequenas múmias! A verdadeira história do chefão da Terra dos Mortos-Vivos da Rua 43!) e "*Lost in the Whichy Thicket*" (Perdido no matagal de quês), atacando o editor William Shawn, da *New*

Yorker, e os profissionais que trabalhavam para ele. Marc Weingarten, no livro *A turma que não escrevia direito*, conta detalhes do imbróglio:

> Wolfe descreveu Shawn como um gerente ausente, passivo-agressivo, seu escritório como "uma espécie de atmosfera de velhos tapetes de pelo de cavalo… e uma fineza de surrado-feliz, de maçã-assada". Inventou palavras como *prestigeful* (algo como "cheio de prestígio") e usou frases fragmentadas como "William Shawn – editor de uma das revistas mais poderosas dos Estados Unidos. O Homem. Ninguém Conhece". […] Tanto em forma quanto em conteúdo, as reportagens eram um ataque frontal aos muros de instituição venerada. Shawn era um diretor moribundo, seus escritores, mortos-vivos, seus funcionários, "pequenas múmias" (WEINGARTEN, 2010, p. 12-13).

Nas palavras de Norman Sims, foi um episódio "sórdido":

> Na superfície, o texto de Wolfe não era tão ruim quanto as reações davam a entender. Ele elogiou bastante Lillian Ross [autora do livro *Filme*], algo que não tinha conseguido fazer quando escreveu *O novo jornalismo*. Mesmo que tenha sido pensado como uma paródia, partes do texto pareciam o trabalho de um crítico – achincalhando o hábito que a revista tinha de publicar longas frases complexas, por exemplo. Wolfe chamava essas construções de "matagal de quês" [*the whichy thicket*]. […] Mais para o fim, Wolfe escreveu um tratado sobre os leitores da *New Yorker*: "desde a guerra, os subúrbios das grandes cidades americanas estão cheios de mulheres educadas com casas espaçosas, maridões e gosto por… comprar coisas caras". Wolfe disse que essa tendência explicava um sentimentalismo burguês na ficção da *New Yorker* (SIMS, 2008, p. 26, tradução nossa).

Os escritores da revista ficaram furiosos e Shawn, que raramente se pronunciava sobre qualquer coisa, disse que o texto de Wolfe era "falso e difamatório" e "sem precedentes no jornalismo americano de respeito" (SIMS, 2008, p. 25, tradução nossa). A história teve desdobramentos, com Wolfe falando mais barbaridades e o pessoal da *New Yorker* contra-atacando. O resultado disso foi que, anos depois, profissionais como John Hersey, autor de *Hiroshima*, ainda não tinham perdoado Wolfe. Este, com o passar dos anos, tentou minimizar os estragos afirmando que o texto tinha sido uma sátira, uma piada. Sims resume as consequências do episódio:

> Com exceção de Truman Capote, os escritores da *New Yorker*, depois do episódio das "Pequenas múmias!", não queriam ver seus nomes associados ao de Wolfe e ao que eles consideravam a praga do novo jornalismo. O incidente causou danos permanentes, criando uma divisão entre o novo jornalismo e os escritores da *New Yorker*. Wolfe e seus amigos se tornaram porta-vozes de um estilo que os pesos-pesados da *New Yorker* não reconheceriam, muito embora tivessem cultivado esse mesmo estilo nos anos do pós-guerra. Sem críticas positivas e debates acadêmicos, o novo jornalismo tropeçou nas próprias pernas (SIMS, 2008, p. 27, tradução nossa).

Pode-se argumentar que faltou senso de humor para o pessoal da *New Yorker* e que Wolfe estava mesmo fazendo graça (afinal, ele chamou Hersey, Capote, Ross e A. J. Liebling – não cita Mitchell nenhuma vez – de "candidatos não tão ruins" a precursores do novo jornalismo, junto de Dickens, Twain e Tchekhov. Ele também reconheceu que não havia nada de "novo" naquele jornalismo e que esse termo não era elegante). "Se alguém quiser dizer que a atual tradição teve início com a *New Yorker* e com a *True* [outra revista da época], não vou contestar", escreveu Wolfe (2005, p. 8, 76).

A questão, como explica Sims, é que o fenômeno que ficou evidente nas publicações americanas dos anos 1960 (e também no Brasil, com a revista *Cruzeiro*) precisava de um nome e Wolfe se revelou um prodígio do que hoje chamam de marketing pessoal. "[Esse fenômeno] precisava também de uma história, o que Wolfe não se preocupou muito em oferecer – de fato, como chamar algo de *novo* jornalismo se, entre os seus precursores, estão vários dos maiores escritores do século XX e suas origens remetem a Defoe?" (SIMS, 2008, p. 28, grifo do autor, tradução nossa).

No Brasil, Ruy Castro, o biógrafo de Carmen Miranda, Nelson Rodrigues e Garrincha, abomina a fama de Talese:

> Gay Talese é um escritor americano que ficou famoso nos anos 60 porque, ao não conseguir entrevistar Frank Sinatra, armou-se de depoimentos de amigos de Frank e compôs um perfil tido como formidável do cantor. Para muitos, esta é uma façanha do jornalismo moderno. Já os espíritos de porco, como eu, não veem nenhuma façanha nisso, mas uma prática comum na imprensa há 150 anos (CASTRO, 2016).

Talese é hoje um senhor octogenário que já falou sobre seu ofício em virtualmente toda entrevista que concedeu na vida, explicando que a literatura de não ficção une o jornalismo e as ferramentas da ficção. Sendo jornalista, ele apura os fatos. Porém, na hora de escrever, abre mão do lide da matéria – com as respostas telegráficas para as perguntas elementares do texto – e usa recursos como diálogo e monólogo interior na construção de uma narrativa que é lida tal qual uma obra literária. Talese é um repórter que diz o que as pessoas estão *pensando* (contrariando uma das máximas adotadas por editores turrões: a de que é impossível saber com certeza o que alguém pensa. No máximo, pode-se afirmar que o sujeito diz pensar alguma coisa, ou diz acreditar nisso ou naquilo). No entanto, para Talese, se o repórter fizer as perguntas certas nas horas certas, ele consegue saber o que a fonte pensa e pode escrever sobre isso mais tarde.

No texto achincalhado por Ruy Castro, Talese faz um perfil do cantor Frank Sinatra sem entrevistá-lo nenhuma vez. “Frank Sinatra está resfriado” foi publicado pela revista *Esquire* em 1965, baseado no que Talese viu e ouviu de amigos e pessoas próximas do artista. Existem editores que o censurariam por usar fontes de segunda mão – quando o jornalista atribui aspas a uma pessoa sem ter ouvido a frase diretamente dela.

Apesar disso, “Frank Sinatra está resfriado” é considerado um texto importante do jornalismo literário, que mostra bem como é a abordagem imaginativa citada por Talese – reportando fatos de um jeito criativo. Em vez de relatar historicamente que Sinatra quase saiu no tapa tempos atrás porque implicou com a roupa de um sujeito que estava no bar, Talese volta no tempo, entra no bar, descreve o lugar e as pessoas, investe em suspense, entra na cabeça dos personagens e dá voz a eles. Assim o leitor pode reconstruir a situação e não apenas ficar sabendo do ocorrido.

Descontado o mau humor de Ruy Castro e considerando que ele pode ter razão sobre esse texto específico de Talese, não é difícil apontar as diferenças entre o jornalismo diário e o literário, embora ambos sejam fundamentados nas mesmas práticas. O diário, das *hardnews*, não tem ambições literárias. Basta ver o resultado final de cada um.

Por sua vez, Tom Wolfe (2005, p. 53-55) esquematizou as qualidades que definem um texto do novo jornalismo. Na opinião dele, são quatro os recursos essenciais que os jornalistas extraíram do romance realista para construir relatos de não ficção: 1) construção de cena (“recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica”); 2) diálogo completo; 3) narração sob o ponto de vista de um determinado personagem; e 4) registro de detalhes simbólicos (Wolfe dá uma longa lista de exemplos: gestos, costumes, hábitos, roupas, olhares, modo de andar etc.).

Essas quatro qualidades já faziam parte dos textos da *New Yorker* pelo menos desde os anos 1930, graças à turma de Mitchell – escritores que, assim como ele, estavam preocupados com a maneira como suas histórias eram contadas. Era uma preocupação no mínimo inconveniente nas redações de jornal. É justamente para não se preocupar com o texto que jornalistas aprendem a técnica do lide, respondendo a todas as perguntas principais na abertura do texto (o quê, quem, quando, como, onde,

por quê e quanto). O editor Harold Ross era diferente porque tratava seus colaboradores como artistas, oferecendo prazos longos e pagando adiantamentos semanais pelo tempo que fosse necessário. Quando um trabalho era entregue, o valor a ser pago pelo texto era deduzido do total acumulado de pagamentos antecipados. Quando um escritor produzia bastante, recebia mais dinheiro. Se produzisse pouco, como era o caso de Mitchell, ganhava um valor fixo semanal e jamais ficava sem dinheiro. Ross, a propósito, gostava de um lide, mas foi aprendendo – com Mitchell, inclusive –, que havia vantagens em distribuir as informações ao longo do texto.

No livro que escreveu sobre a *New Yorker*, *About Town*, Ben Yagoda (2000, p. 142-143, tradução nossa) procura explicar o que faziam Mitchell e seus contemporâneos, entre eles A. J. Liebling, que se tornaria um amigo íntimo. "Nós [Mitchell se referindo a Liebling] tínhamos conversas intermináveis sobre como retratar Nova York. […] Não nos considerávamos desbravadores, mas estávamos pensando sobre o melhor jeito de escrever sobre a cidade, sem os adereços literários [uma referência a outros escritores de não ficção, como Stephen Crane, autor de *O emblema vermelho da coragem*]". É um paradoxo. Mitchell diz querer se livrar de adereços literários, mas a preocupação que demonstra com a forma do texto é também uma preocupação com ornamentos. Sua crítica faz sentido se tiver como alvo um estilo afetado de escrever descrito às vezes como beletrismo.

Quando escreveu um prospecto da publicação que tinha em mente, Harold Ross pensou que seria divertido editar uma revista humorística. Ele tinha acumulado experiência como repórter e também como editor, e conseguiria parte do dinheiro necessário para começar a *New Yorker* com Raoul Fleischmann, herdeiro da General Baking Company e parente dos donos da Fleischmann que fabricava o fermento em pó. No documento, Ross explicou:

> A *New Yorker* será um reflexo da vida metropolitana em imagens e palavras. Será humana. Seu tom geral será alegre, perspicaz e satírico, mas a revista não será só humorística. Não será o que se costuma chamar de intelectual ou radical. Será o que se costuma chamar de sofisticada e assim vai pressupor que seus leitores são razoavelmente esclarecidos. Ela vai odiar *nonsense* (YAGODA, 2000, p. 38, tradução nossa).

A *New Yorker* número um saiu na semana do dia 21 de fevereiro de 1925. Era, segundo Yagoda, uma boa época para se criar uma revista. A economia prosperava, as

taxas postais eram acessíveis, o mercado nacional de propaganda havia se consolidado e os avanços tecnológicos da época permitiam que os exemplares fossem impressos e encadernados com velocidade (YAGODA, 2000, p. 33). Até o humor vivia um bom momento, com Buster Keaton e Charlie Chaplin – dois gênios do cinema mudo – atraindo multidões para as salas de exibição.

Nova York, nessa época, era a cidade para onde quase todo mundo queria ir. Essa noção se deve, em parte, à onda migratória que aumentou a população nova-iorquina em trezentos por cento entre 1880 e 1920 (YAGODA, 2000, p. 26), chegando a nove milhões de habitantes, e a consolidação dos cinco burgos[2] – Manhattan, Brooklyn, Queens, The Bronx e Richmond (hoje chamado de Staten Island). Yagoda explica que não eram só as pessoas que queriam ir para Nova York, mas também as instituições. Na virada do século XIX para o XX, a cidade se tornou o centro do mercado editorial no país, tanto para livros como para revistas, um processo que se acelerou nos anos 1920.

Mitchell foi contratado pela revista no dia 26 de setembro de 1938. A *New Yorker* já existia há treze anos e era uma revista de sucesso, mais pelo humor do que pelo jornalismo (isso mudaria ao longo das décadas seguintes). O tipo de texto que Mitchell estava fazendo era diferente do que a revista vinha publicando – ele queria escrever contos de não ficção com começo, meio e fim. Yagoda afirma que, no início, o autor encontrou resistência. Esta fala é de Mitchell:

> Quando comecei [na *New Yorker*], o normal para os repórteres era escrever o lide e depois listar os detalhes que tinham a ver com o lide. E essa noção foi defendida por Mr. Ross durante muito tempo – ele queria tudo no lide, igual a um jornal. Ele questionava a ausência de alguma informação no começo da história e eu respondia: "O que você quer que eu faça, que conte tudo no primeiro parágrafo?". Aí ele começou a entender que a surpresa e o desenvolvimento da história eram parte da coisa toda (YAGODA, 2000, p. 144, tradução nossa).

Nos anos 1930, a indústria cinematográfica se esmerava em distrair as pessoas que viviam as agruras da Depressão com musicais cada vez mais elaborados. Busby Berkeley, um dos maiores coreógrafos de Hollywood, dirigiu dezenove filmes em oito anos – o primeiro foi *Mulher por atacado*, de 1933. *O picolino* foi um dos treze filmes que Fred Astaire fez entre 1933 e 1940, sapateando e cantando em todos eles. Essa fase do cinema americano é retratada por Woody Allen em *A Rosa Púrpura do*

[2] Um *borough* pode ser traduzido como bairro, burgo, ou mesmo município. Em Nova York, um *borough* tem a mesma autonomia de uma cidade.

Cairo (1985). Há até uma cena em que Cecilia, a protagonista vivida por Mia Farrow, escapa para o cinema e entra numa sessão de *O picolino*, com Astaire cantando "Cheek to Cheek" e dançando de rosto colado com Ginger Rodgers. O desejo que Cecilia tem de fugir da existência miserável e do marido violento é tão grande que sua vida acaba se confundindo com um filme, *A Rosa Púrpura do Cairo*, que ela não cansa de ver na sala de projeção. Em seus textos, Mitchell não oferece uma fuga da realidade. O que faz não tem nada a ver com distração, embora você possa se entreter lendo suas histórias. Primeiro, com paciência e atenção, ele ganha outra perspectiva sobre uma vida que à primeira vista parece triste. Depois, ele procura apresentar essa perspectiva diferente para o leitor.

Trabalhando no diário *World-Telegram*, emendando uma reportagem na outra, Mitchell entendeu quais eram os personagens que queria ouvir:

> As únicas pessoas que não me interessam são mulheres da sociedade, líderes da indústria, autores respeitados, ministros, exploradores, atores de cinema (exceto W. C. Fields e Stepin Fetchit), e qualquer atriz com menos de trinta e cinco anos. Acredito que os seres humanos mais interessantes, no que diz respeito a bater papo, são antropólogos, fazendeiros, prostitutas, psiquiatras e um ou outro *barman*. A melhor conversa é simples, a conversa de alguém tentando se tranquilizar ou se consolar; de mulheres tomando sol ao redor de carrinhos de bebê, falando sobre suas semanas no hospital ou sobre como o preço da carne subiu; ou de homens em bares, falando para combater a solidão que todo mundo sente. A conversa quando você entrevista alguém para o jornal é quase sempre premeditada e artificial (MITCHELL, 2001b, p. 6-7, tradução nossa).

Era assim que fazia jornalismo. Seus textos mostravam "a vida estilosa da ralé [*highlife-lowlife*]", na definição de Ross (THE NEW YORKER, 2019). Seus personagens eram tidos como desajustados e desconhecidos, mas Mitchell transcendia as bizarrices de suas fontes e acabava mostrando histórias de vida com que qualquer um era capaz de se relacionar – e, talvez mais importante, histórias com que ele próprio conseguia se relacionar.

Ele dizia que seu maior talento era o de não se entediar fácil (SIMS, 2008, p. 17). Na prática, isso se traduzia numa capacidade extraordinária de ouvir os outros. O jornalista conseguia ficar horas prestando atenção num interlocutor, balançando a cabeça e emitindo sons de concordância. O que o motivava, além da curiosidade, era a espera pelo que chamava de "observação reveladora [*revealing remark*]" – aquilo que a pessoa diz mais cedo ou mais tarde, quase sempre mais tarde, e que revela algo sobre si mesma que talvez nem ela saiba; ou que talvez nunca tenha colocado em palavras (MOREIRA SALLES, 2003, p. 152). Segundo o colega de revista Ian

Frazier, Mitchell se dispunha a ouvir aqueles que nunca eram ouvidos e isso às vezes bastava para criar um vínculo entre o jornalista e a fonte (THE NEW YORKER, 2019). Juntos, um falando e o outro escutando, eles buscariam a "observação reveladora" que daria sentido à história.

Para Yagoda, os textos que Mitchell publicou nos anos 1950 – "O fundo do porto", "Lá onde era um hotel", "O túmulo de Mr. Hunter" e "Os homens do rio" – são revolucionários. "Mitchell foi o pioneiro de um novo tipo de jornalismo literário, uma mistura de revelações pessoais, um rico simbolismo, um profundo retrato psicológico e o 'humor tétrico' que sempre lhe agradou" (YAGODA, 2000, p. 266, tradução nossa).

Brendan Gill trabalhou para a *New Yorker* por mais de sessenta anos e, na década de 1970, escreveu sobre os bastidores da revista em *Here at the New Yorker*. Gill, que respondia pelas áreas de arquitetura e cinema na redação, disse que Mitchell era o melhor escritor que a revista jamais teve (GILL, 1997, p. 313). Direto assim. O livro é de 1975 – reeditado em 1997, ano da morte de Gill – e ficou famoso por construir um relato mais fofoqueiro do que histórico. O autor está interessado em contar causos, anedotas e detalhes meio maldosos sobre seus colegas de revista. Gill foi talvez o primeiro a falar abertamente que Mr. Flood tinha sido inventado. "[Mr. Flood] era um amálgama de vários velhos que Mitchell conhecia e, mais importante, dos devaneios do próprio Mitchell sobre velhice e morte", escreveu Gill (1997, p. 16, tradução nossa). O elogio de Gill ilustra o tipo de reverência que Mitchell inspirava em seus colegas. Fora da *New Yorker*, Gay Talese, tido como um dos fundadores do novo jornalismo (BOYNTON, 2005, p. 361), veio a público para dizer que "roubou" várias ideias de Mitchell (ST. NORBERT COLLEGE, 2015). Para Richard Severo, obituarista do *Times*, "Mitchell sempre teve uma fama extraordinária entre autores de não ficção, e seus livros fora de catálogo eram motivo de disputa entre colecionadores" (SUZUKI JR. 2008, p. 34).

Norman Sims afirma que Mitchell encontrou uma forma de inserir a si mesmo na narrativa, passando despercebido pelos leitores que estavam acostumados à prosa impessoal dos jornais. Enquanto outros escritores – como James Agee e A. J. Liebling – se colocavam de fato nas histórias, em geral como personagens secundários, Mitchell optou por se entrelaçar (*merge*), por se incorporar aos personagens e escrever sobre eles em terceira pessoa. Sims cita Joe Gould e Mr. Flood como exemplos de personagens que, de alguma forma, *são* Mitchell. Disse Sims:

> A certa altura, perguntei se os interesses dele tinham se misturado com os de Joe Gould no processo de criar a obra. "Minha nossa, sim", disse Mitchell. "Estávamos no mesmo barco. Nós dois tínhamos saído de cidades pequenas e não nos encaixávamos, e nós dois tínhamos uma ideia. Ele também se interessava por pessoas que conversavam no banco do parque. Eu estava falando sobre mim mesmo quando escrevi sobre ele" (SIMS, 2008, p. 18-19, tradução nossa).

Para se fundir a um personagem, Mitchell buscou neles o que lhe interessava e encontrou neles vários pontos em comum – ideias, gostos, medos, fraquezas… Ao se entrelaçar nas narrativas sobre Gould, ou sobre Bill McSorley, Mitchell conseguiu falar de si falando de outra pessoa. Ele e seus personagens viraram um só. Outro exemplo dessa fusão entre autor e personagem ocorre no texto "O túmulo de Mr. Hunter", com longas aspas do ministro George Henry Hunter, da Igreja Metodista Africana. Ao comparar as notas feitas por Mitchell com a versão final do trabalho, o biógrafo Thomas Kunkel conclui: "Embora Mitchell tenha respeitado o espírito e o sabor das observações de Hunter, fica claro que muito da linguagem adotada pelo velho é a linguagem de Mitchell" (KUNKEL, 2015, p. 198, tradução nossa).

Mitchell morreu em 1996 depois de trabalhar por cinquenta e oito anos na *New Yorker*. Sua morte ocorreu uma década antes do lançamento do primeiro iPhone (em 2007) e antes também que a internet, as fotografias e os vídeos se tornassem relativamente banais. Um pouco por causa disso, não existe nenhum vídeo de Mitchell na web, ao menos não nos arquivos do *New York Times*, da *New Yorker* e da National Public Radio (NPR). Ou no YouTube. No entanto, existem fotos. Não muitas, mas em geral elas são em preto e branco, sérias e elegantes como as fotografias antigas conseguem ser, e mostram o escritor usando um terno impecável e um chapéu fedora. Uma imagem colorida, de 1994, publicada pelo *Times* com uma resenha da biografia escrita por Kunkel (BAILEY, 2015), é um flagrante de Mitchell sem chapéu (algo raro de se ver, segundo aqueles que o conheciam), encostado em um arquivo dentro do cubículo onde trabalhava, na redação da *New Yorker*. Seu chapéu aparece na cena, sobre o armário do arquivo, descansando sobre um livro chamado *Big Dreams*. Mitchell usa um paletó de *tweed*, camisa azul e gravata verde com listras vermelhas e amarelas. Um sorriso espontâneo deixa seus olhos bem pequenininhos. É um senhor careca. O pouco cabelo que tem está branco e forma o

desenho de uma ferradura que começa numa orelha e termina na outra. Alguns fios de cabelo avulsos pipocam no alto da cabeça. Ele tirou os óculos, provavelmente para fazer pose, e segura a armação com a mão direita, muito branca e marcada por veias de um tom de verde que parece combinar com o paletó. O nariz e as orelhas são mesmo de um octogenário – grandes – e olhando para Mitchell dá para entender por que as pessoas se sentiam confortáveis para conversar com ele sobre tudo. As descrições que fazem de Mitchell como um homem extremamente paciente e generoso casam com essa imagem.

No ano 2000, uma adaptação de *O segredo de Joe Gould* estreou nos cinemas, o que talvez explique por que o livro homônimo é o único traduzido no Brasil e em Portugal. Aqui, o título do filme foi *Crônica de uma certa Nova York*. Dirigido por Stanley Tucci, que também interpreta Mitchell na história, o filme reconstrói a Nova York dos anos 1940 com mulheres de vestido colorido e carros rechonchudos (CRÔNICA, 2000). Para o papel do mendigo Joe Gould, Tucci escolheu o britânico Ian Holm, um ator de teatro com experiência em Shakespeare (para muitos, ele é só o Bilbo Bolseiro de *O senhor dos anéis*). Holm faz um Joe Gould explosivo, serelepe e arrogante. O crítico David Denby, da *New Yorker*, escreveu:

> Ian Holm nasceu em Goodmayes, na Inglaterra, e Joe Gould veio de Norwood, Massachusetts, mas é difícil imaginar que alguém pudesse ser mais autêntico do que *sir* Ian no papel de Gould, o boêmio, gênio, bêbado, vagabundo e impostor do Greenwich Village […]. Maltrapilho e moído depois de passar a noite em um albergue, o Joe Gould dele mexe furiosamente na barba, grita, grasna e rosna […]. Arrisco dizer que Holm fez uso de sua larga experiência com Shakespeare nos palcos para interpretar esse narcisista pulguento" (DENBY, 2000, tradução nossa).

Tucci interpreta um Mitchell pacato, de fala tranquila e que gagueja muito quando tenta explicar uma ideia que tem na cabeça. "Ainda bem que você não escreve como fala", diz o editor Harold Ross (o ator Patrick Tovatt). Diante das barbaridades e das bravatas de Gould/Holm, Mitchell/Tucci arregala os olhos, balança a cabeça e diz: "Que impressionante!". No filme, Mitchell aparece casado com a fotógrafa Therese Jacobsen e tem duas filhas (Therese foi de fato sua esposa de 1932 até 1980, quando morreu de câncer. Viúvo, o escritor teria Sheila McGrath como companheira na sua última década de vida. Ela foi auxiliar de escritório na *New Yorker* e, depois da

morte de Mitchell, ficou encarregada de cuidar de sua obra, papel que desempenha até hoje).

O roteirista Howard A. Rodman assina a adaptação dos textos "Professor Gaivota" e "O segredo de Joe Gould", além de pinçar referências de outras histórias e da vida do autor. Há uma frase famosa na obra de Mitchell, dita por Miss Barnell, também conhecida como Lady Olga, a mulher barbada, no desfecho de seu perfil (o texto faz parte de *O fabuloso bar do McSorley*). O escritor explica que pessoas como Miss Barnell, que trabalham em circo por terem alguma característica estranha, são chamadas de *freaks*. De acordo com Mitchell, algumas dessas pessoas não gostam da palavra *freak* e preferem ser chamadas de artistas. E o texto termina assim:

> Miss Barnell gosta de ser considerada durona e diz não se importar com essas coisas. "Não faz diferença que a palavra usada para falar de mim seja bonita", diz ela, "a barba continua a mesma". Além disso, ela tem uma espécie de orgulho da profissão. Às vezes, cercada de outros artistas no camarim, ela diz em tom de desafio que um *freak* é tão bom quanto qualquer outro ator, seja ele um Barrymore ou não. "A verdade é uma só: somos todos *freaks*", diz (MITCHELL, 1992, p. 105, tradução nossa).

No filme, como a mulher barbada não aparece nenhuma vez, essa frase sobre sermos todos *freaks* é dita por um garçom numa conversa rápida com Mitchell a respeito de Joe Gould. Quando adapta uma obra literária, o cinema precisa de atalhos porque, com frequência, é inviável colocar na tela tudo que está no papel entre a capa e a contracapa. Assim o roteirista deve decidir o que deixar de fora e o que pode ser adaptado. Uma alteração drástica da parte de Rodman foi eliminar todo o conflito de Mitchell com Gould e do repórter consigo mesmo depois de ter publicado "O Professor Gaivota" em 1942. O embate relatado por Mitchell no segundo texto, "O segredo de Joe Gould" (1964), não faz parte da narrativa do filme e aparece só como uma nota nos créditos finais.

No *New York Times*, Stephen Holden também elogiou Ian Holm:

> Seria fácil sentimentalizar Gould tornando mais simpático esse boêmio complicado que vivia de esmolas e de bravatas literárias. (…) Em vez disso, o ator de sessenta e nove anos vai na direção oposta. O personagem é um maluco inconveniente, um mentiroso patológico, um bêbado insuportável, um gênio frustrado, arruinado e esfarrapado. O tipo de pessoa que muitos atravessariam a rua para evitar (HOLDEN, 2000, tradução nossa).

Embalado pelo carisma e pelo talento de Ian Holm, o filme se concentrou em Gould, enquanto que, no livro, a força da história está na dinâmica entre autor e

personagem. Mitchell fala de Gould tanto quanto fala de si próprio – ainda que indiretamente. Ele é tão personagem da história quanto o próprio boêmio e isso é ainda mais evidente no segundo texto. Algo que o filme ignora por completo. Para Holden, o filme carece de tensão dramática e "poderia ter sido muito melhor" (HOLDEN, 2000, tradução nossa).

Contudo, o que mais faz falta nessa adaptação cinematográfica é o humor tétrico de Mitchell. Porque é esse senso de humor que eleva suas histórias, que dá substância a elas. É o humor que ele encontrou nos desenhos de Jorge Posada quando visitou a suíte de Frida Kahlo. É o humor de suas tias passeando pelo cemitério e de James Joyce em *Finnegans Wake*.[3] Esse humor tétrico não tem a ver com rir da desgraça alheia, mas com ser capaz de rir em meio à desgraça que for. Tire o humor da história de Gould e sobra um relato triste sobre um ser humano desgraçado – uma definição apropriada para o filme de Stanley Tucci.

Agora parece ser uma boa hora para falar de Joe Gould.

Foi em meados da década de 1930 que Mitchell ouviu falar pela primeira vez de um sujeito que vivia pelo bairro do Greenwich Village e dizia estar escrevendo "Uma história oral de nossa época", um livro misterioso com nove milhões de palavras – onze vezes o tamanho da Bíblia. Era um excêntrico de nome Joseph Ferdinand Gould. Formado em Harvard – "*magna cum difficultate*"[4], dizia ele (MITCHELL, 2003, p. 24) –, Gould sobrevivia de favores, dormia cada dia num lugar diferente e se considerava o historiador mais genial do século XX. A ideia de Gould era anotar tudo que ouvia nas ruas – todas as conversas, por mais banais que fossem. "O que as pessoas dizem é história", explicou a Mitchell (2003, p. 17-18). "Vou registrar a história informal de gente em mangas de camisa – o que o povo tem a declarar sobre seus empregos, amores, comidas, pileques, problemas, tristezas – ou hei de morrer tentando."

Dá para entender o interesse de Mitchell em Gould: o escritor havia encontrado um personagem que, além de ser seu xará (Mitchell também era chamado

[3] Na nota do autor em *Lá onde era um hotel*, Mitchell escreveu: "Sou um leitor obsessivo de *Finnegans Wake* – devo ter lido o livro pelo menos meia dúzia de vezes – e, toda vez que leio a parte sobre Anna Livia Plurabelle, escuto as vozes de minha mãe e de minhas tias enquanto caminham no fim de tarde entre os túmulos do velho cemitério de Iona".

[4] "Com grande dificuldade", num gracejo com *magna cum laude*, forma normal de elogio nos diplomas: "com grande mérito".

de Joe), defendia o valor daquilo que os anônimos da sociedade têm a dizer. Por fim, Gould era um sujeito que não se encaixava, um sentimento que o escritor carregou consigo a vida inteira. Gould levou esse não pertencimento a um extremo e se recusava a ser proprietário de qualquer coisa, dizendo que, se fosse dono do edifício Chrysler, na verdade, o edifício Chrysler é que seria dono dele (MITCHELL, 2003, p. 12).

O perfil que Mitchell fez de Gould, "O Professor Gaivota", saiu no dia 12 de dezembro de 1942, depois de meses de entrevistas. Foi um estouro. Tornou-se um dos textos mais influentes da revista (LEPORE, 2016, p. 8). O título fazia referência ao fato de Gould afirmar que falava a língua das gaivotas (é curioso como a pronúncia do sobrenome Gould às vezes soa como *gull*, gaivota em inglês). Ele também era conhecido por invadir festas e bares, arrancar a própria roupa e subir nas mesas, balançar os braços como se fossem asas e guinchar: "Scriiic! Scriiic! Scriiic!" (MITCHELL, 2003, p. 32). No texto, Mitchell (2003, p. 18) descreveu "A história oral" como uma "vasta miscelânea, um amontoado de diz-que-diz-que, um repositório de tagarelice, uma coletânea de disparates, conversas moles, mexericos, embromações, baboseiras, despautérios – fruto de mais de 20 mil conversas, segundo a estimativa de Gould". Bravatas à parte, Gould não viveu para ver o termo que ele cunhou, *história oral*, ser usado para nomear um ramo da pesquisa historiográfica. Jill Lepore, professora de Harvard e colaboradora da *New Yorker*, também escreveu um livro sobre Gould e explica:

> "A História oral de nossa época" nunca foi publicada. Mas deu início a um movimento.
>
> "Nós começamos usando papel, caneta e lápis, e mais nada", escreveu o historiador Allan Nevins, da Columbia University, ao fundar o Projeto História Oral em 1948. "Assim ficamos muito agradecidos quando, anos depois, surgiu o gravador de fita."
>
> Gould foi a primeira pessoa a falar em registro de fala como história oral. "Quanto ao termo *história oral*, parece que ele foi cunhado por um membro dissoluto dos letrados do Greenwich Village, chamado Joe Gould", admitiu, com algum constrangimento, um diretor do Centro de Pesquisa em História Oral, da Columbia, acrescentando: "O termo deve ter entrado para o vocabulário de Allan Nevins por meio da *New Yorker*, mas suas ideias acerca de um esquema de entrevistas contínuas para auxiliar futuros pesquisadores remetem ao ano de 1931". Mil novecentos e trinta um, o ano em que Nevins teve a ideia do Projeto História Oral, é o ano em que Gould escreveu para historiadores eminentes do país inteiro para falar da "História oral de nossa época". É provável que ele tenha escrito para Nevins e dado a ideia para ele (LEPORE, 2016, p. 132, tradução nossa).

Lepore conta que o projeto de Nevins foi extraordinariamente bem-sucedido. Diferente de Gould, que tinha interesse em pessoas comuns, Nevins queria registrar os relatos de pessoas influentes e de celebridades. Para coletar os depoimentos,

criaram-se escritórios em várias cidades americanas e no exterior. Em 1966, o professor da Columbia criou a Associação da História Oral, mas continuou ignorando certos grupos que Gould gostaria de ouvir: imigrantes, índios e negros (LEPORE, 2016, p. 133).

Nos anos 1940, as regras do "jornalismo antagonista" (na definição de David Remnick, editor da *New Yorker* e biógrafo do presidente Barack Obama) ainda eram um território a ser desbravado, e você tinha de ter disposição e talento para se aventurar nele. Mitchell foi um dos primeiros a abrir caminho no muque, explorando possibilidades e estabelecendo referências para quem viria depois. Assim ele se tornou um nome importante do jornalismo nova-iorquino e ajudou a transformar a *New Yorker* numa espécie de farol do gênero nos Estados Unidos. Já Joe Gould ficou famoso de uma hora para outra, como sempre imaginou que seria. Depois do perfil, foi procurado por revistas e jornais, por canais de televisão e emissoras de rádio. Todos queriam perguntar sobre a sua vida e sobre a "História Oral".

Na série de entrevistas que fez com Mitchell, o pesquisador Norman Sims, a certa altura, perguntou: "No meio de tanta gente em Nova York, por que você se interessou justamente por Joe Gould?".

"Porque ele é eu", respondeu Mitchell:

> Tudo no livro sobre Gould está documentado, todas aquelas coisas sobre a *Dial* [revista que publicou textos de Gould] e os documentos de família. Mas eu poderia ter usado essa documentação de maneira diferente. O que há de criativo [no processo de escrita da não ficção] é a escolha de fatos específicos e a escolha de conversas específicas, e o fato de que você passou tempo suficiente com o homem para montar uma panóplia de conversas das quais você pode escolher aquelas que considera mais significantes. O Gould que eu descrevo é, para mim, o verdadeiro Gould. Mas outra pessoa poderia ter escrito a história de Gould de um jeito bem diferente (SIMS, 2008, p. 19, tradução nossa).

Vinte e dois anos depois de "O Professor Gaivota", Mitchell publicou um segundo texto, "O Segredo de Joe Gould", dividido em duas partes nas edições de 19 e de 26 de setembro de 1964. Nele, o escritor admitia que, até onde podia saber, não existia nem nunca existiu "Uma história oral de nossa época". Gould havia morrido em 1957. O boêmio dizia ter preenchido duzentos e setenta cadernos escolares com uma escrita febril e às vezes incompreensível; dizia que havia distribuído os cadernos entre pessoas de confiança pois não tinha onde guardar a pilha de papel que superava

o seu 1,62 metro de altura; dizia que os cadernos eram valiosos e por isso preferia mantê-los em segurança; dizia sofrer de memória eidética e ser capaz de guardar trechos inteiros da obra, que recitava para provar que não estava mentindo.

O perfil de 1942 é bem-humorado e explora o lado excêntrico do boêmio, apresentando-o como uma figura divertida e inusitada, querida até. A frase de abertura diz: "Joe Gould é um homenzinho alegre e macilento, conhecido em todas as lanchonetes, tabernas e botecos imundos do Greenwich Village há um quarto de século" (MITCHELL, 2003, p. 11).

O texto de 1964 é mais sombrio e duro. Mitchell (2003, p. 33) estabelece o tom logo na abertura, com a força de um pé na porta: "Joe Gould é um homenzinho esquisito, paupérrimo, desempregado crônico, que chegou à cidade em 1916 e aos trancos e barrancos conseguiu sobreviver por mais de 35 anos."

Se você leu "O Professor Gaivota", fica com a impressão de que o segundo texto é um acerto de contas, pois o autor continua a descrição incômoda de Gould, que era "disparatado, arrogante, intrometido, mexeriqueiro, caçoísta, sarcástico e grosseiro", entre várias outras coisas infames (MITCHELL, 2003, p. 34).

Mas não é um acerto de contas apenas de Mitchell com Gould (ou com a memória de Gould) e sim do escritor consigo mesmo. É um *mea culpa*, uma chance de se livrar de um segredo que guardou por tempo demais e de pôr fim a uma mentira que ajudou a propagar.

Pouco antes de escrever o primeiro perfil, Mitchell pressionou Gould dizendo que não poderia publicar nada se "A história oral" não existisse. Gould falou então sobre uma amiga bibliotecária que decidiu se mudar para o interior e cuidar de uma granja. Ela tinha um porão onde mantinha um fardo de cadernos da "História Oral". Gould pediu a ela que guardasse o material porque andava preocupado com a segurança de sua obra desde que ouviu a história de como o Metropolitan Museum havia decidido arquivar obras em *bunkers* à prova de bombas durante a Segunda Guerra Mundial. Se Mitchell pagasse as passagens de ônibus, os trechos de táxi entre a granja e a estação e uma caixa de bombons para dar de presente à amiga, Gould estaria disposto a buscar os cadernos. Uma semana depois, o boêmio reapareceu na redação dizendo que tinha viajado até a granja, mas que não encontrou a amiga em casa – segundo a sobrinha, ela teria viajado para visitar um irmão doente. Antes de

sair de casa, trancou vários cômodos, inclusive o porão. Ele voltou da viagem sem os cadernos e, ao tentar telefonar para a amiga, de Nova York, levou uma invertida. O trato era que ela guardaria a "História oral" com a condição de que não houvesse leva-e-traz. Ela voltaria à propriedade daqui a algumas semanas, meses ou anos. O tempo de espera incerto era inviável para Mitchell, que tinha de decidir se publicava ou não o perfil.

O jornalista diz que todas as outras informações de Gould conferiam, e decidiu aceitar a palavra dele como garantia. Mitchell publicou o primeiro perfil sem ver nenhum dos cadernos que o mendigo dizia preencher há pelo menos vinte e seis anos. Depois de "O Professor Gaivota", Gould passou a atormentar o escritor na redação duas, três vezes por semana, pedindo dinheiro para o "Fundo Joe Gould" ou aparecendo para pegar sua correspondência. Várias pessoas escreveram para a revista fascinadas pela figura do mendigo, enviando dinheiro para ele e querendo saber mais da "História oral". O cenário era desesperador para Mitchell, que não suportava mais essas visitas, ao mesmo tempo que se sentia obrigado a lidar com elas. "Escuta aqui", disse Gould, "foi você que começou tudo isso. Eu não procurei você. Você é que me procurou. Você queria escrever um artigo sobre mim e escreveu e agora tem de arcar com as consequências" (MITCHELL, 2003, p. 99-100).

Desesperado, Mitchell conta que procurou transferir a responsabilidade para outra pessoa e teve a ideia de marcar uma reunião com um possível editor para a "História oral". Ao conversar com seus contatos no mercado editorial, descobriu que Gould já havia conseguido pelo menos uma reunião importante: com Max Perkins, da Scribner's, editor de Ernest Hemingway e F. Scott Fitzgerald. Numa conversa com a secretária de Perkins, soube que o encontro tinha sido um fracasso. Ela ficou responsável por datilografar os garranchos de Gould e, feito isso, Perkins leu e não ficou "nem um pouco impressionado" (MITCHELL, 2003, p. 103). Quando os dois se reuniram para conversar sobre a "História oral", Perkins explicou que não estava interessado e Gould soltou os cachorros no editor.

O episódio deveria ter sido suficiente para enterrar fundo as ambições de Gould publicar qualquer coisa em Nova York, mas Mitchell conseguiu agendar outros dois encontros com editores. No primeiro, John Woodburn aceitou fazer uma reunião de última hora, à qual Gould não compareceu. A segunda conversa, com Charles A. Pearce, foi testemunhada por Mitchell, que terminou exasperado com a atitude do boêmio. Uma a uma, Pearce aceitou todas as exigências absurdas de Gould –

considerando até a publicação integral dos duzentos e setenta cadernos – e se mostrou disposto a ler todos eles e dar um parecer a respeito. Quanto mais solícito o editor se mostrava, mais arrogante e convencido ficava o sem-teto do Village. O papo terminou com Gould argumentando que havia revelações no manuscrito que só poderiam vir à tona depois de sua morte. Pearce desistiu, mas ainda foi embora dizendo para Gould entrar em contato caso mudasse de ideia.

A reunião havia ocorrido no escritório de Mitchell. Assim que Pearce saiu, o jornalista mal disfarçou a irritação. A palavra que usou para descrever o que sentia foi "fúria":

> Assim que Pearce saiu, voltei-me para Gould. "Você disse [nas conversas para o perfil] que levou braçadas da 'História oral' a catorze editoras", falei. "Por que diabos teve todo esse trabalho se havia decidido no fundo de você mesmo que a 'História oral' seria uma obra póstuma? Estou começando a crer que a 'História oral' não existe." Essa frase saiu do meu inconsciente, e eu não tinha muita noção do que estava dizendo – só estava desabafando a minha raiva –, mas no momento seguinte, ao olhar para Gould, tive certeza de que havia descoberto a verdade sobre a 'História oral'.
>
> "Meu Deus!", exclamei. "Ela não existe." Eu estava estarrecido. "A 'História oral' não existe. Não existe."
>
> Encarei Gould, e ele me encarou. Seu rosto não tinha expressão alguma (MITCHELL, 2003, p. 107-108).

A cena continua com o jornalista despejando todos os detalhes que havia coletado ao longo de meses, como num desabafo sobre as informações que eram invenções de Gould: a amiga dona da granja, o porão, os cadernos… Se a "História oral" existia, argumentou Mitchell, era somente na cabeça de Gould, que era preguiçoso demais para colocar o projeto em prática.

Gould ouviu Mitchell sem retrucar, até que os dois foram interrompidos por um editor da revista, pedindo para resolver questões de revisão com o escritor. Um mal-estar típico de discussões inacabadas ficou no ar, Mitchell pediu licença e foi ao trabalho. Quando voltou, Gould já tinha ido embora.

Sozinho, Mitchell conseguiu se acalmar e depois até se sentiu mal por ter perdido a paciência. Ele disse que sempre sentiu horror de flagrar pessoas em situações constrangedoras, "com a boca na botija" (MITCHELL, 2003, p. 109). À medida que se acalmava, foi se sentindo deprimido. O boêmio tinha enganado o jornalista, as pessoas que o ajudavam e até a si mesmo por não estar à altura do projeto que havia imaginado. Mas a questão não era só essa. Mitchell se expõe ao dizer que entendia o vagabundo porque também tinha um projeto que não conseguia

colocar em prática, por incompetência ou por preguiça: um livro sobre Nova York, inspirado no *Ulysses*, de James Joyce.

No fim de "O segredo de Joe Gould", Mitchell fala da ligação que recebeu de Edward Gottlieb, um editor de jornal próximo de Gould. Ele havia telefonado a fim de informar sobre a morte do amigo e também para convidar o jornalista a fazer parte de um comitê que procuraria reunir os cadernos da "História oral" e organizá-los para publicação. Escreve Mitchell:

> Eu não sabia o que dizer. Gottlieb era um homem enérgico, o tipo de homem que consegue tudo que quer, e pela maneira como falava não tive dúvida de que entraria em ação logo de manhã para formar um comitê, e que muito em breve os membros do comitê estariam vasculhando todas as granjas de Long Island e todos os apartamentos do Village e todos os albergues da Bowery. Eu poderia poupar-lhe muito trabalho, se naquele instante contasse o que sabia sobre a História Oral – poderia poupar Gottlieb e seu comitê de uma procura inútil –, mas uma das poucas coisas que aprendi na vida é que há hora e lugar para tudo e achei que não era hora nem lugar de dizer a um dos amigos mais antigos de Joe Gould que eu não acreditava na existência da História Oral. Joe Gould ainda não estava enterrado, seu corpo ainda não esfriara, e aquele não era o momento de revelar o seu segredo. Eu poderia guardá-lo. Eles que fossem em frente e procurassem a História Oral. Afinal, eu poderia estar enganado. Que diabo, pensei – e esse pensamento me fez sorrir –, pode ser que a encontrem.
>
> Gottlieb repetiu a pergunta, dessa vez com certa impaciência: "Você vai participar do comitê, não vai?".
>
> "Vou", respondi, continuando a representar o papel que assumi na tarde em que descobri a inexistência da História Oral – papel que só agora estou abandonando. "Claro que vou" (MITCHELL, 2003, p. 138).

"Claro que vou" foram as últimas palavras de Mitchell em papel e tinta. Por um tempo.

Vinte e oito anos mais tarde, o silêncio de Mitchell tinha se tornado mais contundente do que sua obra. Ele era o escritor de textos geniais publicados entre os anos 1930 e 1960, mas que agora assombrava a redação da *New Yorker* supostamente escrevendo coisas que ninguém via. Diziam que, ao fim de um dia de trabalho, o pessoal da limpeza entrava na salinha dele e não encontrava nada. Nem na lixeira (MOREIRA SALLES, 2003, p. 156). Parte das histórias sobre o mistério em torno do bloqueio de Mitchell soa exagerada.

O escritor Mark Singer, outro colega de revista, diz que ele pode ter parado de publicar, mas que nunca desistiu de escrever. "Ele continuou tentando", disse Singer (THE NEW YORKER, 2019).

Existem teorias a respeito do silêncio de Mitchell. Uma das mais difundidas diz que ele teria punido a si mesmo depois de reconhecer o erro cometido no perfil de Joe Gould – é o que chamam de "explicação psicanalítica" (MOREIRA SALLES, 2003, p. 154). O segredo que se viu obrigado a guardar era incompatível com sua ética.

Fundador da revista *Piauí*, o documentarista João Moreira Salles diz no posfácio de *O segredo de Joe Gould*:

> De minha parte, acho que Joseph Mitchell parou por outras razões, ao mesmo tempo mais simples e mais dolorosas. Ele passara a vida escrevendo sobre pessoas e lugares que, apesar de estarem em vias de desaparecimento, continuavam firmes e fortes, resistindo. Seu tema era a permanência. Jamais se tratou de nostalgia, porque nada deixara de existir – o velho hotel, o velho *saloon*, a mulher barbada, o antigo cinema, pessoas e lugares anacrônicos, sim, mas ainda vivos, ainda de pé. Até que desapareceram (MOREIRA SALLES, 2003, p. 154).

De 2015 para cá, surgiram informações dramáticas sobre o legado de Mitchell e sobre a história de Joe Gould. A começar por arquivos e documentos que chegaram a bibliotecas de universidades norte-americanas. Cartas, notas, cadernos e manuscritos de Mitchell estão na Biblioteca Pública de Nova York, tendo sido doados em 2015 pela família. Gould aparece em arquivos pessoais e médicos, e na correspondência de gente mais importante que ele – como nas cartas trocadas com o poeta E. E. Cummings e com o romancista William Saroyan –, documentos hoje espalhados por toda parte, das universidades de Harvard e Yale até a Fundação Guggenheim e o FBI, a polícia federal americana.

Esses arquivos deram bases para a pesquisa de Thomas Kunkel na biografia *Man in Profile – Joseph Mitchell of* The New Yorker (*Homem de perfil – Joseph Mitchell, da* New Yorker), publicada em 2015. No livro, Kunkel teve de lidar com um tema desagradável: o fato de Mitchell ter inventado personagens em textos publicados como não ficção. (Houve, enfim, outros segredos além do de Joe Gould.)

E aqui a história das décadas sem publicar nada se torna um pouquinho mais complicada.

Kunkel trata de quatro textos. O caso mais conhecido é o de um personagem chamado Hugh G. Flood, um velho comerciante do Fulton Fish Market, o mercado de peixes do Bronx, em Nova York, que foi tema de um perfil e de duas reportagens. Falaremos mais disso no capítulo "Sobre como funciona um texto de não ficção".

E há o problema do quarto texto, "Rei dos ciganos".

Na nota do autor publicada na antologia *Lá onde era um hotel*, em que procura esclarecer o que é fato e o que é ficção nos seus livros, Mitchell diz que todos os textos na primeira parte de *O fabuloso bar do McSorley* são factuais, inclusive o perfil de Johnny "Caolho" Nikanov, o rei dos ciganos. Porém, Kunkel descobriu documentos envolvendo uma disputa entre Mitchell e o escritor Sidney Sheldon. Este ainda não era um autor best-seller e estava a alguns anos de criar a série de televisão *Jeannie é um Gênio* (1965). Sheldon pagava as contas produzindo peças para a Broadway e, ao ler o perfil de Nikanov publicado pela revista em 1942, decidiu transformar a história do cigano num musical. Sheldon não queria pagar direitos autorais e o raciocínio dele foi simples: este homem é uma pessoa que existe de fato dentro de um texto de não ficção e Mitchell não poderia deter os direitos autorais sobre a existência de Nikanov. Acontece que o rei cigano era uma invenção de Mitchell, que também estava trabalhando numa adaptação para a Broadway do mesmo texto. Ao ler a peça de Sheldon, Mitchell reconheceu sua cria e resolveu consultar o advogado Milton Greenstein, da *New Yorker*, sobre a possibilidade de processar o produtor, e acabou revelando o mal-entendido num memorando de 1961: "Não importa o quão verossímil Johnny Caolho pareça ser, ele é um personagem ficcional, e eu o inventei, e ele não está em 'domínio público', ele é meu", escreveu Mitchell (KUNKEL, 2015, p. 153, tradução nossa). Nikanov, assim como Mr. Flood, era um híbrido de histórias, referências e de características do próprio Mitchell.

A biografia feita por Kunkel é autorizada (ele agradece muito às filhas do biografado, Nora e Elizabeth, por toda a ajuda) e talvez isso explique em parte o tom conciliador que adotou nessas polêmicas entre verdades e mentiras:

> É uma tática questionável dos críticos de hoje lançar mão de regras atuais para avaliar ações do passado em vez de considerar as práticas da época. Outra distinção crucial entre Mr. Flood e as invencionices do jornalismo contemporâneo é que [Jayson] Blair, [Stephen] Glass e sua gangue [exemplos de repórteres que publicaram notícias falsas em veículos importantes dos Estados Unidos e foram desmoralizados por isso] estavam enganando seus próprios editores e publicações, enquanto que no caso de Mitchell o editor não só sabia da mentira como na verdade a encorajou.
>
> É preciso ter em mente também que, no fim das contas, Mitchell estava na verdade fazendo literatura (KUNKEL, 2015, p. 159, tradução nossa).

Foi uma defesa que não passou despercebida. Ela foi notada, por exemplo, por Janet Malcolm na *New York Review of Books*, que disse: "Fica claro que ele [Kunkel] não aprova as 'táticas' de Mitchell, mas venera Mitchell e detesta a ideia de denunciá-lo assim como Mitchell detestou a ideia de denunciar Joe Gould" (MALCOLM, 2015,

tradução nossa). Para explicar o bloqueio de Mitchell, o biógrafo dispensa o dilema moral, mas lista motivos ainda mais sofridos do que os imaginados por Moreira Salles.

Kunkel revela que Mitchell passou uma parte significativa da vida lidando com crises de depressão; a partir da morte da mãe, ele sofreu uma sequência pesada de perdas: de amigos queridos (como o jornalista A. J. Liebling), do pai e da esposa, Therese, que morreu de câncer no rim. Como herdeiro, ele se envolveu mais com a propriedade da família na Carolina do Norte, dedicando tempo aos negócios e, principalmente, à venda de madeira de reflorestamento. A razão mais intrigante para o silêncio, no entanto, é a insegurança – ele se sentia cada vez menos capaz de corresponder às expectativas criadas pelo que havia escrito no passado. Algo que a demora para publicar e o seu propalado perfeccionismo só acentuaram. Ainda segundo Malcolm:

> Fui colega e amiga dele e sempre pressupus que a razão para não estar publicando nada era porque não estava satisfeito com aquilo que escrevia: ele conseguiu produzir trabalhos cada vez mais belos e profundos, e o padrão que estabeleceu para si mesmo era alto demais. […] Nós deveríamos respeitar a reverência de Mitchell pela importância da literatura, e sermos gratos pelo trabalho que ele não censurou (MALCOLM, 2015, tradução nossa).

A obra de Joseph Mitchell é formada por dois volumes: a antologia *Lá onde era um hotel* (1992) e a coletânea de textos jornalísticos *Estou no papo* (a edição de 2001 tem várias alterações em relação à primeira, de 1938, que detalharemos no capítulo a seguir). A antologia reúne os quatro livros que o autor publicou ao longo da vida, depois de *Estou no papo.* São reuniões de textos que saíram primeiro na revista *New Yorker* (mas as datas entre parênteses se referem ao ano da primeira edição como livro): *O fabuloso bar do McSorley* (1943), *Bom e velho Mr. Flood* (1948), *O fundo do porto* (1960) e *O segredo de Joe Gould* (1965).[5]

Apenas um deles foi traduzido para o português: *O segredo de Joe Gould*. Outros três textos avulsos foram traduzidos e publicados nas revistas *Serrote* (dois póstumos, fragmentos de uma autobiografia que o autor não concluiu) e *Piauí* ("O velho bar da minha cidade", sobre o McSorley).

Em março de 2019, quando esta tese já tinha sido enviada para a Banca Examinadora – com a Defesa Pública marcada para 22 de abril –, a revista *Serrote*

[5] Vamos nos referir aos livros sempre com os títulos em português. Em inglês, os livros se chamam, em ordem cronológica: *My Ears Are Bent* (1938), *McSorley's Wonderful Saloon* (1943); *Old Mr. Flood* (1948); *The Bottom of the Harbor* (1960); *Joe Gould's Secret* (1965); e *Up in the Old Hotel* (1992).

publicou “O homem – com variações”, uma série de textos de Mitchell produzidos originalmente para o jornal *World-Telegram* em 1937, sobre o antropólogo Franz Boas (1858–1942) e sobre os estudos que seus colegas e alunos desenvolviam na época, nos Estados Unidos. Em 2017, essas reportagens foram agrupadas em livro (com o título *Man – With Variations*) pela Prickly Paradigm Press, uma editora pequenininha de Chicago, no estado de Illinois, fundada em 1993 para publicar trabalhos de antropologia. Se não fosse pela *Serrote*, esse título teria passado despercebido nestas páginas.

Este estudo tem duas etapas paralelas e necessárias uma para a outra. A primeira é uma análise da obra de Mitchell – é a ela que se refere o título “Como funciona *um texto* de não ficção” – com o objetivo de entender, a partir de uma discussão teórica que lança mão das ideias do francês Philippe Lejeune e do britânico Gregory Currie, como funcionam os mecanismos de um texto de não ficção, das motivações do autor ao contrato estabelecido com o leitor. A segunda etapa é a tradução anotada dos dois primeiros livros de Mitchell: *Estou no papo* e *O fabuloso bar do McSorley*. As notas procuram situar os textos em sua época (os Estados Unidos dos anos 1930 e 1940), explicar referências que porventura tenham se perdido no tempo (sobre artistas, políticos, comidas, bebidas e costumes) e apontar inconsistências de edição. Juntos, esses dois livros respondem por uma parte substancial e importante da obra do autor, tanto em número de páginas (670 de um total de 1.015) quanto em temas abordados (o livro do McSorley é o maior e mais amplo de sua bibliografia, com vinte e sete histórias organizadas em três capítulos). Embora sejam distintas, as etapas de pesquisa e de tradução foram, em alguma medida, simultâneas e solidárias. O aparato teórico beneficiou a leitura dos textos ao passo que a tradução serviu como um instrumento de análise da produção de Mitchell. Da forma como esta tese se apresenta, no entanto, a discussão teórica – precedida por textos que explicam o autor, sua obra e o contexto em que foi publicada – pode ser lida como um prelúdio para os dois livros traduzidos.

2 Sobre o estilo, a obra e os temas de Mitchell

Dos textos escritos por Joseph Mitchell, muitos dialogam entre si, compartilhando temas, cenários e personagens, apesar de terem sido publicados como trabalhos independentes às vezes com anos de distância entre um e outro. Além da obra jornalística – quase toda feita de perfis –, Mitchell escreveu também contos, de ficção mesmo, sobre a Carolina do Norte. Dos perfis, há notícia de pelo menos dois que se revelaram fictícios. Por definição, um perfil retrata alguém tangível. Então que nome dar ao perfil de alguém que não existe no mundo concreto? Um conto, talvez. Porque "perfil fictício" soa estranho.

Há ainda os casos em que o autor não perfila ninguém e prefere escrever sobre um grupo de pessoas ou sobre um lugar, como fez com os ostreiros da zona portuária de Nova York e com o bar do McSorley. Esses textos seriam "contos de não ficção" (com um aceno para Truman Capote, que chamou seu livro *A sangue frio* de "romance de não ficção"). Na verdade, o rótulo de conto de não ficção definiria boa parte do material jornalístico publicado pela *New Yorker*.

O texto mais extenso que Mitchell escreveu na vida foi o segundo perfil de Joe Gould, com cerca de cem páginas. Todos os outros trabalhos são menores e a maioria fica na casa das vinte páginas. Neste estudo, optamos por analisar mais detalhadamente os livros *O fabuloso bar do McSorley* e *Estou no papo* (citaremos os outros, mas de passagem). A escolha por esses dois permite traçar a evolução de Mitchell como escritor comparando seus trabalhos para jornal nos anos 1930 com os textos publicados pela *New Yorker* no início dos anos 1940, quando se tornou mais ambicioso do ponto de vista literário. Sua trajetória profissional é um capítulo importante no desenvolvimento de um estilo de narrar histórias que ficaria conhecido como jornalismo literário.

O propalado silêncio de Mitchell, que durou de 1965, quando publicou o livro *O segredo de Joe Gould*, até 1992, quando saiu a antologia *Lá onde era um hotel*, valeu também para o mercado editorial. Ele não só desapareceu das páginas da *New Yorker*, mas também nunca mais permitiu que seus livros fossem reeditados. O mercado americano é um pouco diferente do brasileiro e lá uma obra literária é, quase sempre, publicada primeiro em capa dura (*hardcover*), com papel e encadernação de

qualidade. Depois que a *hardcover* se esgota, as edições seguintes saem numa versão mais simples, com capa mole e papel modesto, chamada de *paperback* ou, mais raramente, de *softcover*. Nesse formato, os volumes tendem a ser mais baratos e a ganhar tiragens maiores.

Ao longo dos anos, Mitchell foi abordado sobre a ideia de reeditar seus livros, mas ele achava que o formato *paperback* era ignorado e considerava fazer uma antologia de sua obra (KUNKEL, 2015, p. 306). Nos anos noventa, o editor Dan Frank conseguiu vencer a resistência de um octogenário Mitchell ao aceitar as condições do autor. Em vez de reeditar os livros separadamente em *paperback*, ele publicaria um volume único em capa dura com os quatro livros que produziu desde que entrou para a *New Yorker*. O único texto novo dentro da antologia era uma nota do autor abrindo o volume de setecentas e vinte páginas.

Recolocar a obra de Mitchell para circular se revelou uma ótima notícia – o *New York Times* considerou a antologia um dos "livros notáveis" de 1992 e a revista *Time* o destacou como o segundo livro de não ficção mais importante daquele ano. *Lá onde era um hotel* vendeu o suficiente para ganhar uma edição em *paperback* um ano depois (Mitchell não se incomodou com isso dessa vez) e nos vinte e cinco anos desde então não ficou fora de catálogo, vendendo milhares de cópias por ano (RUNDUS, 2013, p. 15).

A nota do autor explica que os quatro capítulos de *Lá onde era um hotel* – um para cada livro publicado – misturam ficção e não ficção. A nota procede de forma burocrática, como em um relatório: "Os quatro contos, se é que posso chamá-los assim, na seção II do livro do McSorley são ficcionais. Os três textos sobre o condado de Black Ankle na seção III do McSorley são ficcionais. Todos os outros textos no livro do McSorley são factuais. As três histórias no livro de Flood são ficcionais. Todas as histórias no livro *O fundo do porto* são factuais. 'O segredo de Joe Gould' é factual" (MITCHELL, 1992, p. ix, tradução nossa). Não passa despercebida a ironia na observação: "se é que posso chamá-los assim". E a nota é tão burocrática quanto uma daquelas frases que isentam o romancista de responsabilidades, afirmando que "os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles". Mesmo antes de entrarem para a antologia, os livros de Mitchell não se esforçaram muito para esclarecer a que gênero pertenciam. Uma frase discreta aparece na página dos dados catalográficos de *O fabuloso bar do McSorley*: "As últimas sete histórias deste livro

são ficcionais; o resto é factual" (MITCHELL, 2001a, p. iv, tradução nossa); e uma nota, na abertura de *Bom e velho Mr. Flood*: "Mr. Flood não é um homem; ele é uma mistura das características de vários senhores que trabalham ou que confraternizam no Fulton Fish Market, ou que fizeram isso no passado. Eu queria que esses textos fossem verdadeiros e não factuais, mas eles são solidamente baseados em fatos" (MITCHELL, 1992, p. 373, tradução nossa).

O fabuloso bar do McSorley (1943) soma vinte e sete histórias. A primeira delas, "O velho bar da minha cidade", se passa no estabelecimento do título e bem poderia ser um compêndio das obsessões de Mitchell. O bar de John McSorley reunia todas as qualidades prezadas pelo autor: o proprietário era um acumulador (ou um apaixonado por memorabilia, para colocar nos termos mais simpáticos do livro) que passou anos guardando até os ossinhos da sorte de perus do Natal e do Dia de Ação de Graças e acabou fazendo com eles uma espécie de varal sobre o balcão do bar. O Velho John, como era chamado, tinha um interesse enorme pelo passado, decorando o bar com fotos de cavalos, atores e de três ex-presidentes americanos assassinados (Abraham Lincoln, James Garfield e William McKinley), e páginas de jornais antigos com notícias da Batalha de Waterloo e do atentado contra Lincoln. John McSorley era um homem metódico que gostava de rituais. Quando um de seus clientes mais assíduos morreu, todos os anos, no dia de sua morte, John cobria com um pano preto a cadeira que o homem usava.

Mitchell tinha cerca de trinta anos quando começou a frequentar o McSorley, mas as pessoas que conheciam o repórter identificavam nele um interesse fora do comum pelo passado e por pessoas de idade. Assim como John, Mitchell também colecionava (acumulava) objetos. Ele sofria sempre que um prédio antigo era demolido e revirava os destroços levando para casa exemplares de telhas, tijolos e ornamentações de metal. Um dos textos póstumos de Mitchell, publicado no Brasil pela revista *Serrote* como "A vida assombrada das ruas", fala justamente dos detalhes arquitetônicos que ele admirava nas velhas construções de Nova York.

Mitchell publicou o texto sobre o McSorley em 1940 e, naquela época, o bar já era o mais antigo da cidade, tendo sido fundado em 1854. Até então, o estabelecimento havia passado por quatro proprietários: de John para o seu filho, William, que na velhice vendeu o bar para um policial, Daniel O'Connell, que morreu

três anos depois deixando o bar para sua filha, Dorothy. É nesse ponto da história que se encontra Mitchell.[6]

Com a morte de John, William (Bill, no diminutivo) assumiu os negócios e transformou o bar num templo em memória do pai, com quem tinha uma ligação forte. O Velho Bill, como era conhecido, não era velho de fato, mas todos o chamavam assim por causa de sua personalidade e de seu comportamento. Ele tinha aversão a mudanças e fez o que pôde para manter o bar como seu pai havia deixado.

O retrato do Velho Bill feito por Mitchell é cheio de afeto e mostra que o próprio autor se diverte com o personagem, como quando conta que Bill passava dias sem pronunciar uma palavra, respondendo a todas as perguntas que lhe faziam com grunhidos ou bufadas. Quando, por fim, decidia falar alguma coisa, era para responder um freguês que tinha perguntado com jeitinho qual era a história por trás de um par de algemas enferrujadas expostas no bar. E Bill disse apenas cinco palavras inteligíveis: "A curiosidade matou o gato".

Depois da Depressão, e após a Segunda Guerra Mundial, quando os dias de penúria ficaram para trás, Nova York passou a encorajar um movimento de renovação que não se incomodava em passar por cima da história. Construções antigas eram demolidas, estabelecimentos, fechados e hábitos, transformados. A melhor forma que o autor encontrou para lidar com essas mudanças que o incomodavam foi escrever sobre os lugares e pessoas que pareciam resistir ao progresso ou que não se importavam com ele. Nesse aspecto, o McSorley seria um abrigo para quem quisesse proteção contra essa Nova York progressista. E Mitchell estava entre os abrigados. Como escreveu João Moreira Salles no posfácio de *O segredo de Joe Gould*:

> A sua Nova York [de Mitchell] não é a cidade indiferente e anônima da literatura do século XIX, nem o inferno dos desvalidos do romance social da década de 30. Tampouco é a metrópole positiva da utopia modernista, berço único de todas as possibilidades e invenções. A sensibilidade de Mitchell, temperada pelo tempo largo, quase elegíaco, dos modos do campo, viria buscar na cidade grande um semiparadoxo: a permanência – aquilo que não muda, ou muda pouco. Mais ainda: aquilo que resiste à mudança, às vezes militantemente. A obra de Mitchell é uma celebração de pessoas e lugares que, apesar de todas as tendências e argumentos contrários, escolhem preservar seus anacronismos. Nada o satisfazia tanto como

[6] O bar ainda existe, com o mesmo nome – McSorley's Old Ale House – e no mesmo endereço da 7th Street, em Nova York. Dorothy Kirwan, filha do policial e proprietária do bar a partir de 1939, entregou a administração do lugar para o marido, Harry, disposta a respeitar até o fim a regra criada por John McSorley no século XIX que proibia mulheres de entrar no bar (uma regra abandonada somente em 1970, a mando da Justiça). Com a morte de Harry e de Dorothy, o filho deles, Daniel, assumiu o controle dos negócios. Mais tarde, ele vendeu o estabelecimento para o irlandês Matthew Maher, que tinha sido contratado como garçom pelo seu pai em 1964. Hoje, quem comanda o bar é Matthew e sua filha, Teresa, a primeira mulher a trabalhar atrás do balcão nos 165 anos do McSorley.

> as pequenas insurreições contra a crueldade do tempo. Quanto mais idiossincráticas fossem, melhor (MITCHELL, 2003, p. 142).

Além do McSorley, existe mais um estabelecimento que ganha espaço no livro. O texto "Obituário de um bar" narra o triste fim do Bar e Restaurante do Dick. Trata-se do mesmo bar que aparece em um dos primeiros textos que Mitchell publicou na *New Yorker* antes de ser contratado pela revista (incluído no livro *Estou no papo*). No "obituário", Mitchell escreve sobre como Dick, na tentativa de modernizar o bar, acabou descaracterizando-o. Ele queria uma cozinha maior e por isso decidiu mudar de endereço. No lugar novo, caiu na conversa do pessoal que vende móveis e equipamentos para bar e acabou trocando tudo: mesas, cadeiras, balcão, passou a oferecer sete rótulos diferentes de uísque escocês e mandou imprimir o cardápio, que agora estava cheio de palavras francesas. Dick abraçou o progresso e entrou em desgraça. O bar não chegou a fechar, mas, para Mitchell, foi como se tivesse morrido.

Os dois textos do Dick mais o texto do McSorley formam uma espécie de trilogia. Para Mitchell, um bar é uma boa amostra do mundo. "Vou ao Dick com frequência para observar a vida, um tema pelo qual me interesso desde a infância", escreve (2001b, p. 26, tradução nossa). A trilogia mostra: 1) o bar como ele era, no primeiro texto sobre o Dick; 2) o bar em desgraça, com o progresso e a indiferença ao passado que costuma vir com ele, no "obituário" do Dick; e 3) o bar heroico que resiste como pode à passagem do tempo e ao progresso indiferente, no texto sobre o McSorley.

Segundo as orientações dadas pela nota do autor, os quatro textos do segundo capítulo de *O fabuloso bar do McSorley* são ficcionais – e são narrados com afeto, mas sem nenhum humor. Eles têm personagens que lidam com problemas causados pelo álcool e fazem um contraponto aos perfis do McSorley e do Dick, marcados pelo humor melancólico característico de Mitchell.

A terceira parte do livro, com três textos de ficção, é sobre a terra natal do autor, no estado da Carolina do Norte. Ele pensou numa cidade fictícia chamada Black Ankle para falar das palhaçadas de um grupo da Ku Klux Klan, que se dizia uma filial dos cavaleiros do Império Invisível, nesse fim de mundo carolinense. Os

membros da KKK eram um bando de desocupados que saía de casa para aterrorizar os moradores da região e acabava com as mulas atoladas em algum banhado. Os outros dois contos dessa parte giram em torno de personagens que poderiam ter marcado a infância e a adolescência de Mitchell. Um é sobre uma mulher que trabalhava como cozinheira numa estação de trem, Mrs. Copenhagen Calhoun, e que se casou com um mestre destilador solitário apelidado de Corisco por ser extremamente lento para fazer qualquer coisa. O outro fala do turrão tio Dockery Fitzsimmons, um fazendeiro de tabaco que é contra automóveis. "Eu só vou até onde uma mula consegue me levar", dizia ele (MITCHELL, 1992, p. 364, tradução nossa).

O primeiro capítulo do *Fabuloso bar do McSorley*, com vinte histórias, é o mais extenso. Delas, as que mais nos interessam aqui são as que têm alguma relação com *Estou no papo*: "Obituário de um bar" (citada nos parágrafos anteriores), "Mazie" e "Uma porção de mariscos". Para a *New Yorker*, Mitchell voltou a escrever sobre personagens que já havia perfilado em jornais e assim temos a chance de analisar de que forma ele fazia perfis no começo da carreira como repórter e, mais tarde, como um escritor maduro numa das revistas mais importantes dos Estados Unidos. Outros dois textos desse capítulo, "O Professor Gaivota" e "O rei dos ciganos", também importam por terem sido desmoralizados – o primeiro, pela historiadora Jill Lepore; e o segundo, pelo biógrafo Thomas Kunkel. As duas controvérsias serão abordadas neste trabalho e têm a ver com a discussão proposta aqui.

À primeira vista, o texto sobre Mazie publicado pelo jornal *World-Telegram* e depois incluído em *Estou no papo* é mais jornalístico, enquanto a versão veiculada pela *New Yorker* e abarcada pelo livro *O fabuloso bar do McSorley* é mais literária (ou jornalístico-literária). As diferenças começam nos títulos. O primeiro, escrito em algum ponto dos anos 1930 – a data exata da publicação não é dada no livro –, aparece em *Estou no papo* com o título: "Tirando o fato de que ela fuma, bebe e fala palavrão, Miss Mazie é uma freira". Isso é um recurso típico do jornalismo: resumir a história da melhor maneira possível, no título. Para ajudar, é a própria Mazie que diz a frase: "A única diferença entre mim e uma freira é que eu fumo, bebo um pouquinho e falo palavrão. Tirando essas coisas, eu sou que nem uma freira" (MITCHELL, 2001b, p. 102, tradução nossa). O leitor tem uma ideia clara do que vai encontrar: a mulher engraçadona, que procura fazer o bem (ou que se acha boazinha) e tem lá os seus vícios. Assim começa o texto:

> Ela é conhecida como "Miss Mazie" pelos homens arruinados que vivem nas calçadas dos hotéis ao longo da Bowery. Seu nome verdadeiro é Mazie Gordon e ela é uma loira de coração bom. Veste-se de maneira extravagante e exagera no perfume. Até a meia-noite, fica sentada na cabine apertada da bilheteria do Venice Theatre, que é de sua propriedade, no número 209 da Park Row, com Fluffy, um lulu-da-pomerânia, no colo (MITCHELL, 2001b, p. 99, tradução nossa).

O fato de Mazie ser durona, desbocada e praticar boas ações é o "gancho" da história, para usar o jargão jornalístico. E Mitchell a entrega exatamente dessa forma, sem se preocupar muito com nuances. Todas as aspas atribuídas a Mazie estão no texto para fazer graça. Ela responde todo mundo de atravessado e ninguém sabe coisa alguma a respeito de sua vida. "Não é da sua conta!", diz ela para qualquer um que faça uma pergunta um pouco mais pessoal (MITCHELL, 2001b, p. 102, tradução nossa). Mazie, nesse texto de jornal, é uma caricatura. O repórter pega os traços mais evidentes – físicos e também de personalidade – e os destaca em busca de um efeito cômico.

No segundo texto, que saiu na *New Yorker*, o título é apenas: "Mazie", sem ganchos nem resumos. Não se trata de uma caricatura. Dessa vez, Mitchell procura as nuances e contradições de Mazie P. Gordon. (Ele dá até o nome do meio dela, Phillips, coisa que não fez no texto anterior, mas Mazie não revela muito mais sobre sua família.) Mazie continua engraçada, só que agora parece mais complexa. O escritor procura informações sobre o passado de Mazie com outras pessoas e faz o que pode para ser discreto toda vez que fala com ela. "Fui conhecendo Mazie aos poucos sem que ela percebesse o que eu estava fazendo. Passava pelo cinema de vez em quando para conversar com ela sobre nada em especial. Quando vim [para a *New Yorker*], eu tinha acumulado informações suficientes para escrever sobre ela", disse Mitchell (KUNKEL, 2015, p. 112, tradução nossa). Assim começa o perfil:

> Uma loira mandona de cabelo bem amarelo chamada Mazie P. Gordon é uma celebridade na Bowery. Nos bares com drinques a cinco centavos e nos restaurantes vinte e quatro horas especializados em focinho de porco com repolho vendidos a dez centavos o prato, ela é conhecida por seu primeiro nome. Mazie faz a ronda nesses estabelecimentos quase todas as noites, às vezes mendigos bêbados chegam por trás, dão um tapinha nas suas costas e a chamam de docinho. Ela nunca se incomoda. Tem uma afeição genuína e arbitrária por mendigos e sem dúvida os conhece melhor do que qualquer outra pessoa da cidade. Todos os dias, ela distribui algo entre cinco e quinze dólares em moedas, o que é um bocado de dinheiro na Bowery (MITCHELL, 1992, p. 23, tradução nossa).

O tom do texto é outro. O objetivo principal não é fazer graça – como parece ser no primeiro perfil –, mas sim mostrar para o leitor quem é Mazie e quais são suas motivações. Parte do encanto da história é exatamente a dificuldade de Mitchell em lidar com as perguntas básicas de um perfil. Porque Mazie é arredia e não gosta que façam alarde sobre sua beneficência. Não se sabe se ela gostou de sair na revista. É provável que sim porque se divertia de receber a visita de turistas que passavam pela Bowery. "Tenho uma plateia só para mim, como se eu fosse uma dessas estrelas de cinema", disse ela (MITCHELL, 1992, p. 27, tradução nossa).

Na biografia, Kunkel compara as duas abordagens de Mitchell para uma mesma cena. Mazie trabalha na bilheteria de seu cinema – é proprietária ao lado da irmã – e o Venice é o tipo de estabelecimento que às vezes parece mais uma pensão do que um cinema, servindo de abrigo para os sem-teto que vivem pela região. Na cena em questão, Mazie é chamada para arrancar da sala um dos mendigos que está gritando para os atores na tela, atrapalhando o resto da plateia. A primeira versão, escrita para o jornal *World-Telegram*, diz:

> Às vezes, um vagabundo entra na sala às dez horas da manhã e à meia-noite ainda está lá, dormindo na poltrona, roncando como se fosse dono do lugar. Mazie não se importa, mas se alguém começa a gritar de maneira sarcástica para os atores na tela, distribuindo conselhos, ela entra na sala e agarra o sujeito pela cintura frouxa da calça velha e o carrega para fora (MITCHELL, 2001b, p. 98, tradução nossa).

A segunda versão, para a *New Yorker*, é mais vívida:

> De vez em quando, no Venice, um vagabundo deixa a cabeça cair para trás e começa a roncar de um jeito tão descarado que todo mundo consegue ouvir, ainda mais nas cenas de suspense. Quando isso acontece, ou quando um dos bêbados resolve berrar para a tela, as mulheres e crianças na seção reservada batem os pés no chão e entoam: "Mazie! Mazie! Queremos Mazie!". No instante em que essas palavras são pronunciadas, a inspetora dá uma corridinha pelo saguão e chega até a cabine da bilheteria. Mazie chaveia a gaveta do caixa, pega um porrete que deixa à mão, feito com um par de livros vagabundos enrolados e presos com elásticos, e entra no cinema a passos largos. À medida que desce pelo corredor, olhando de um lado para o outro, mulheres e crianças ficam de pé, apontam para o infrator e berram: "Ali, Mazie! Ali!". Mazie dá um sopapo na cabeça do homem com o porrete e continua batendo até ele dar sinais de que vai cooperar. Entre um golpe e outro, ela ameaça fazer coisa pior. As ameaças são ferozes e sem muita coerência. "Cai fora daqui!", grita ela. "Arranco os olhos! Seu animal! Todos os dentes também! E os ossos do corpo!". As mulheres e crianças se divertem com isso, ainda mais se Mazie pega o homem errado, como às vezes acontece (MITCHELL, 1992, p. 24-25, tradução nossa).

No exemplo dado pelo biógrafo, há uma construção de cena que culmina com a divertida frase final. Em vez de simplesmente relatar o que acontece quando Mazie

precisa tirar um bêbado de dentro do cinema, Mitchell coloca o leitor dentro sala para ver Mazie esbofetear quem quer que esteja atrapalhando a sessão. A segunda versão é mais detalhada e mais elaborada, o que explica a diferença de tamanho entre os dois textos: a primeira versão tem cerca de mil palavras e a segunda, sete mil.

O perfil de Mazie na *New Yorker* foi publicado em 21 de dezembro de 1940. Foi o sexto perfil que Mitchell emplacou nas páginas da revista e todos os seis eram sobre pessoas relativamente comuns; não eram celebridades e não eram *socialites*. Eram donos de bar (em dois textos diferentes), um apostador, uma cantora desconhecida que pesava mais de cem quilos, uma mulher barbada e Mazie. Eram pessoas que não apareceriam na *New Yorker* de outro modo. Com os textos de Mitchell, o leitor passou a visitar lugares que dificilmente conheceria e a ter contato com personagens carismáticos, complexos e que, no íntimo, não são muito diferentes de mim e de você. Segundo Kunkel (2015, p. 114, tradução nossa), "[Mitchell] era uma testemunha que via o que via, nem sempre o que queria ver e certamente não o que esperava ver. Mas ele nunca tratou seus personagens com indulgência, nunca julgou. Não importa o quão miseráveis fossem, não importa o quão desafortunados, Mitchell os retrata com decência e humanidade."

É no livro *O fundo do porto* que se encontra o texto que dá título à antologia da obra de Mitchell, "Lá onde era um hotel". O protagonista da história é Louie Morino, proprietário do Sloppy Louie's, um restaurante na região do Fulton Fish Market. Mitchell e Louie são amigos de longa data e um dia o comerciante comenta que, no prédio alugado do seu restaurante, onde antes era um hotel de seis andares, ele nunca foi além do segundo andar. No térreo, fica o salão do restaurante. No segundo andar, o depósito. Do terceiro ao sexto, é mistério. Porque as escadas dão acesso só até o segundo andar. Dali em diante, é preciso usar um elevador manual empoeirado e pouco confiável, que Louie nunca teve coragem de usar. Acontece que Mitchell é um sujeito curioso e diz a Louie que aceita explorar o prédio com ele e se arriscar no elevador manual. A história (uma das poucas de Mitchell que têm enredo) é construída com suspense: o que os dois vão encontrar nos andares onde antes funcionava um hotel? *Spoiler*: eles não encontram nada de valor. Só restos de móveis e muita sujeira.

Na leitura do crítico Noel Perrin, explorar os andares fechados do prédio onde funcionava um hotel é uma metáfora: “Eles irromperam no passado e só encontraram entulhos. Por um instante, o passado pareceu acessível – mas, quando eles enfim tiveram acesso a ele, tudo que encontraram foi poeira e lixo” (SIMS, 2008, p. 6, tradução nossa).

O fato de o clímax da história ser frustrante é significativo. Até então, Mitchell nunca tinha sido negativo. Seus textos sempre tinham um tom enlevado, mesmo diante das piores adversidades (imagine que ele conseguia fazer graça com a Ku Klux Klan e que se divertia com um cinema frequentado por mendigos). Ao escrever “Lá onde era um hotel”, parece que ele vira uma chave e muda sua maneira de encarar – e, por consequência, de retratar – o mundo. Ele se torna pessimista.

Esse é o caráter também das outras cinco histórias do livro, inclusive a do título, “O fundo do porto”, que trata da sujeira, dos germes e do óleo que poluem a zona portuária nova-iorquina. O título se explica porque o pessoal que trabalha e vive na região não fala de outra coisa: “Muitos homens da baía, quando param para conversar, quase sempre falam sobre o fundo do porto, sobre o que há nele”, diz Mitchell (1992, p. 485, tradução nossa).

“Os ratos na zona portuária” tem o clima de um conto policial e é Mitchell escrevendo sobre os tipos de rato que vivem em Nova York e os que chegam de navio; sobre como as pestes são controladas; e sobre como os nova-iorquinos escaparam por pouco da peste negra.

“O túmulo de Mr. Hunter” tem um tom mais pessoal e o autor conta que gosta de visitar cemitérios quando se sente angustiado, munido de dois sanduíches e de um livro sobre flores selvagens. Depois de algum tempo olhando para as plantas e para as inscrições nas lápides, ele se sente revigorado e pronto para lidar com os problemas da vida mais uma vez. É nesse cenário que conhece Mr. Hunter, presidente do conselho de curadores da Igreja Metodista Africana, o homem com quem Mitchell deve falar para poder visitar o cemitério de Sandy Ground. Mr. Hunter tem oitenta e sete anos e conversa com Mitchell sobre velhice, a vida e a morte.

“Capitão de arrastão” trata de Ellery Franklin Thompson, o homem do título. *Arrastão* é um barco de pesca que opera com redes de arrasto. Thompson é mais um na galeria de marinheiros perfilados pelo autor. Ele trabalha em Stonington, Connecticut, uma região que ajuda a abastecer o Fulton Fish Market, de Nova York:

> Ellery é o capitão mais habilidoso e o mais respeitado da frota de Stonington, e é também o menos ambicioso. Seu conhecimento sobre os hábitos do linguado é tão profundo que ele poderia dobrar sua produção sem muito empenho, mas não vê nenhuma vantagem nisso. Existem quatro motivos para pensar assim. Primeiro, ele sofre de reumatismo. Segundo, ele é um pintor autodidata. Gosta de pintar quando o tempo está chuvoso ou nebuloso demais para trabalhar, mas se um quadro está ficando bom, é capaz de passar dias pintando mesmo que o tempo esteja perfeito para pesca. Terceiro, ele é um oceanógrafo amador, uma espécie de membro não oficial da equipe do Laboratório Oceanográfico de Bingham, da Universidade de Yale, e isso toma bastante seu tempo. Quarto, ele não se interessa por dinheiro. Tem uma boa fonte de sustento e considera isso suficiente. Diz que tem um barco, um carro, uma casa e o terreno onde ela fica, setenta e cinco livros, um trompete, uma lâmina de barbear e uma roupa de domingo, e não consegue pensar em mais nada que possa querer (MITCHELL, 1992, p. 555, tradução nossa).

O fundo do porto termina com "Os homens do rio", um texto sobre a região de Edgewater, em Nova Jersey, que fica de frente para o West Side de Manhattan, do outro lado do Rio Hudson. Escreve Mitchell (1992, p. 585, tradução nossa): "Essa palavra [*rivermen*] tem um significado especial em Edgewater: um homem do rio não apenas trabalha no rio ou passa bastante tempo no rio ou perto do rio, ele também é emocionalmente ligado ao rio – não consegue ficar longe dele". O próprio autor era, sem dúvida, um *riverman* – a primeira frase do texto é: "Com frequência, eu me sinto atraído pelo Rio Hudson".

A história tem uma estrutura recorrente na obra de Mitchell, encontrada também no texto do McSorley, no de Mr. Hunter e no de Louie Morino. Ela começa com a descrição de um cenário. Sem pressa, o escritor dá detalhes do lugar, de seu passado e de suas características, ele passeia pelo ambiente observando tudo. Com o lugar estabelecido, surgem os personagens. No McSorley, era o Velho John, por exemplo. Em "Os homens do rio", depois de treze páginas descrevendo Edgewater, o personagem que surge nesse cenário é Harry Lyons, um homem de setenta e quatro anos que toma conta da narrativa falando ao longo das vinte e duas páginas seguintes (com pequenas interrupções do autor e de outros personagens). "Harry tem um metro e sessenta e oito, e pesa sessenta e oito quilos. Ele é um homem de estatura baixa, parrudo e brincalhão, com uma postura ereta e um pouco arrogante, do tipo que consegue se impor mais do que muitos homens maiores do que ele" (MITCHELL, 1992, p. 587, tradução nossa).

O interesse pela zona portuária de Nova York, que Mitchell começou a explorar no texto "Fazendeiros de água salgada", em *Estou no papo*, lá em meados dos anos 1930, virou algo maior, mais complexo e também mais afetuoso em *O fundo do porto*, que é de 1959. Interesses podem mudar com o tempo. No caso de Mitchell,

os temas que pautavam suas aventuras cotidianas a trabalho do jornal *World-Telegram* continuaram importantes para ele ao longo da vida: mariscos e ostras, Mazie, os bares, o Fulton Fish Market, Lady Olga… Não eram só temas de sua obra, eram também a sua vida.

Estou no papo foi o primeiro livro de Mitchell, publicado em 1938 e reeditado só em 2001, com alterações significativas. Neste estudo, analisamos e traduzimos a edição mais recente, preparada pelo editor Dan Frank e por Sheila McGrath, companheira do autor. Quando teve chance de reunir sua obra num volume único, em 1992, Mitchell optou por deixar de fora as histórias de *Estou no papo*. Questionado sobre o motivo dessa decisão, ele respondeu: "Era uma forma diferente de escrever" (MITCHELL, 2001b, p. xi, tradução nossa). Ele não quis misturar os textos que produziu para a *New Yorker* – com prazos maiores, mais estrutura e quando já tinha mais experiência – com os textos para jornais que teve de escrever às pressas na primeira metade da década de 1930.

Estou no papo não tem aparatos que contextualizem os eventos e personagens descritos na obra, e não explica quais foram as alterações feitas em relação à primeira edição. Em *Joseph Mitchell – A reader's and writer's guide* (*Joseph Mitchell – Um guia para escritores e leitores*), o pesquisador Raymond R. Rundus explica as alterações: quatro textos foram substituídos no capítulo "É um jeito de ganhar a vida" e toda a seção VIII ("Nossos líderes") deu lugar a um capítulo chamado "Domínio de cena". De acordo com Rundus (2013, p. 11, tradução nossa), essas alterações se explicam porque, "sem dúvida, Frank e Sheila McGrath reconheceram a efemeridade do material [original]". Já os textos que foram mantidos funcionariam melhor se estivessem datados e se notas ajudassem nessa transição do jornal para o livro, explicando fatos da época e até a geografia de Nova York na primeira metade do século XX (algumas informações podem ser surpreendentemente difíceis de achar).

Alguns textos fazem referências temporais como "nesta semana" e "dentro de algumas semanas", mas estão sem as datas originais de publicação. A falta de contexto cria um desconforto: parece que as matérias foram compiladas sem nenhum trabalho de edição (isso é particularmente incômodo no que se refere a personalidades mais ou menos obscuras da época, como o político Huey Long e o cartunista Peter Arno).

De acordo com o prefácio, todos os textos foram publicados originalmente no *World-Telegram* e no *Herald Tribune*, o que é um erro, pois dois deles ("Bar e Restaurante" e "Tanya") saíram antes na *New Yorker* e foram encomendados pelo editor Harold Ross como uma espécie de teste para ver o desempenho de Mitchell no formato de revista.

Estou no papo é então uma compilação de textos distribuídos em oito capítulos. O primeiro, que leva o nome do livro, é diferente de tudo que Mitchell escreveu, funciona como uma introdução e é, ao mesmo tempo, um relato autobiográfico. O autor narra, em retrospecto, alguns episódios de sua vida como jornalista em Nova York, fazendo uso da primeira pessoa de uma forma que não se repetiria em sua obra (à exceção dos textos póstumos). Em trabalhos futuros, ele apareceria como um coadjuvante, ou um narrador-personagem, mas não como protagonista, a exemplo do que ocorre neste caso:

> Na maior parte do tempo, minha tarefa é escrever reportagens longas e entrevistas, e nessa função tenho sido torturado por alguns dos tagarelas mais extravagantes do mundo, incluindo George Bernard Shaw e o educador notoriamente prolixo Nicholas Murray Butler, e faz tempo que me tornei incapaz de detectar insanidade. Às vezes, por causa de uma matéria, preciso ir a um hospital psiquiátrico e nunca percebo a diferença (MITCHELL, 2001b, p. 6, tradução nossa).

Essa noção de ser "torturado" por tagarelas, descrita por um repórter em início de carreira, daria origem a uma das características mais célebres de Mitchell: a paciência para ouvir virtualmente qualquer tipo de conversa por um tempo indeterminado. Diante de situações em que repórteres menos tolerantes virariam as costas, Mitchell ouvia com atenção. No posfácio da edição brasileira de *O segredo de Joe Gould*, Moreira Salles (2003, p. 139), escreve:

> Certa vez, no Sul dos Estados Unidos, Joseph Mitchell apontou um binóculo na direção de um pica-pau. O passarinho fazia o que fazem os pica-paus: martelava o tronco de uma árvore. Mitchell acomodou-se no chão e ficou observando. Laboriosamente o pica-pau avançou tronco adentro, rasgando a madeira de casca a casca. A façanha durou quase duas horas e terminou com a árvore vindo ao chão. Mitchell não arredou pé até o final. Mais tarde, disse: "Foi a coisa mais sensacional que já testemunhei".

A parte em que diz ser incapaz de detectar insanidade (tenha em mente que *Estou no papo* é de 1938 e antecede todos os outros livros de Mitchell) hoje ganha contornos de profecia, pois seu personagem mais famoso, aquele que inspirou seu

livro mais conhecido[7], *O segredo de Joe Gould*, era de fato um homem com problemas mentais que terminaria a vida internado em um hospital psiquiátrico.

Em 2001, a reedição de *Estou no papo* ganhou uma notinha na *New Yorker* de 15 de outubro. A íntegra da nota, que não foi assinada, dizia:

> Publicada originalmente em 1938 (o ano em que Mitchell entrou para a *New Yorker*) e fora de catálogo há bastante tempo, esta coleção das reportagens que Mitchell produziu para jornais é um pequeno panorama de Nova York na época da Depressão. Desde o início, ou quase, ele demonstra uma disposição antropológica por figuras excêntricas e largadas. Entre os muitos prazeres do livro, estão as cenas com apostadores do Harlem, dançarinas burlescas e um editor anarquista, além dos bufões que frequentam seu bar favorito na cidade. Igualmente bem-vinda e mais surpreendente é a percepção que se tem do próprio Mitchell nesses textos – sua juventude, seu entusiasmo, suas ressacas e suas bisbilhotices –, algo que mais tarde ele se esforçaria para ocultar (BRIEFLY, 2001, tradução nossa).

O texto autobiográfico que abre o livro *Estou no papo* é sarcástico, algo estranho para um escritor conhecido por demonstrar compaixão e respeito por figuras desprezadas pela sociedade. Escrevendo para a *New Yorker*, Mitchell pode achar graça em algumas situações, mas nunca é mordaz. Porém, seu olhar sobre a vida de repórter é, sem dúvida, azedo.

O Capítulo II, "Bêbados", apresenta um dos temas (e ambientes) caros para o autor: bares. Ao longo da vida, Mitchell descobriu várias histórias e personagens nos balcões e mesas de bar, pois queria falar sobre aqueles que normalmente não ganhavam espaço na imprensa, sobre pessoas que não chegaram a ser nada na vida, ou sobre aquelas que foram e não eram mais, ou ainda sobre aquelas que não faziam questão de ser coisa alguma.

O bar favorito de Mitchell era o McSorley – tema de seu livro seguinte –, mas aqui ele fala do Bar e Restaurante do Dick. O texto começa como se fosse um filme (na verdade, os filmes é que começam como os livros, mas): estamos do lado de fora e Mitchell (2001b, p. 25) se aproxima do lugar explicando que toda redação de jornal – com exceção do católico *Christian Science Monitor* – tem um bar que fica a uma caminhada de distância, frequentado pelo pessoal da redação. O Dick é um desses bares. Eles funcionam também como bancos, banheiros, academias de ginástica e às vezes como residência. Ficamos sabendo do cartaz que anuncia o especial do dia, das tigelas com amendoim, do chão de linóleo, das bitucas de cigarro e do cheiro característico do lugar.

---

[7] *O segredo de Joe Gould* é o único livro da bibliografia de Mitchell com traduções em português, espanhol, francês e italiano.

Em seguida, Mitchell descreve o proprietário, Dick:

> [É] um italiano de olhos tristes e quadris largos que com frequência sacode os punhos gordos e peludos na direção do teto cheio de moscas e fala alto: "Querem acabar comigo!". Ele odeia todos os clientes, mas é liberal em relação a crédito e tem uma caixa de charutos debaixo do balcão cheio de divisórias. Se está de bom humor, a cada duas doses, ele entrega a garrafa para o cliente se servir de uma terceira e diz: "Esta é por minha conta" (MITCHELL, 2001b, p. 26-27, tradução nossa).

Depois de apresentar Dick, que quase todo mundo prefere chamar de "A Casa", o autor fala dos garçons, do cozinheiro e dos clientes. E termina deixando a impressão de que não aconteceu muita coisa na história. Você passou um tempo com aquelas pessoas, ficou conhecendo particularidades de uma e de outra, mas ficou no mesmo lugar, o tempo todo dentro do bar. O texto não tem enredo. Não existe uma série de acontecimentos encadeados que levam o leitor a se perguntar o que vai acontecer em seguida. É parte do estilo de Mitchell. Ele prefere se dedicar a cenários, a listas e, sobretudo, a pessoas. Em *Estou no papo*, o autor cita aspas de seus personagens, às vezes criando contexto para que elas tenham um efeito cômico ("Querem acabar comigo!"). Com o tempo – e isso aparece já no livro seguinte, do McSorley –, ele vai deixar seus personagens falarem sem interrupções, às vezes abrindo aspas que duram várias páginas. É como se desse um passinho para o lado e deixasse o personagem assumir o controle da história (o que, claro, não procede, pois é Mitchell que está ali, fazendo o personagem falar daquele jeito).

Esse recurso, das aspas que se estendem, aparece na segunda história desta seção, "Ano da graça de 1936; ou manda ver, William". Elas ainda não duram páginas, mas parágrafos. Mitchell explica por que donos de bar são ótimas fontes para jornalistas. Eles sabem muito sobre a clientela e as redondezas e são como padres que não precisam guardar segredo. Donos de bar também dão opinião e são citados como "líderes da comunidade". A história começa falando sobre donos de bar em geral para chegar a um dono de bar específico, chamado Gilligan F. Holton, que comandava um bar ilegal durante a Lei Seca e acabou preso em 1931. O autor o reencontra depois de ele ter cumprido sua pena de prisão. É 1936 e a Lei Seca acabou há três anos. Holton está no bar de um sujeito que trabalhava para ele como *barman*.

O propósito da conversa com Holton tem a ver com uma pauta dada pelo jornal. Mitchell tinha de encontrar um especialista em histeria coletiva que pudesse comentar os acontecimentos daquele ano. Com o início da Segunda Guerra Mundial,

o jornal queria publicar um texto em que alguém atestasse a suposta loucura que havia tomado conta dos alemães. Assim que Holton entra em cena, é ele que vai falar até quase o fim da história, com Mitchell retornando para contar como Holton acabou morrendo louco e sifilítico.

Nesse episódio sobre Holton, nota-se o desprezo do autor pelo ramerrão jornalístico, como quando um repórter é pautado para repercutir a opinião dos moradores locais sobre toda sorte de acontecimentos mundiais. Se há uma guerra entre Itália e Etiópia – é o exemplo dado no texto –, o repórter deve perguntar para os italianos que vivem em Nova York o que eles pensam sobre o conflito.

(É notável como algumas fórmulas jornalísticas resistem ao tempo. Um dos quesitos que tornam uma notícia relevante é a proximidade do fato noticiado, é a capacidade que tem de influenciar a comunidade em que o veículo de comunicação circula. Assim, entrevistar imigrantes e descendentes acaba sendo uma forma de vincular um fato relevante, porém distante, à comunidade em questão. Setenta anos depois de Mitchell, o autor deste estudo, enquanto trabalhava como repórter de Mundo para um jornal curitibano, chegou a entrevistar comerciantes de origem síria para saber como suas famílias lidavam com a guerra na Síria.)

Mitchell (2001b, p. 38, tradução nossa) escreve: "Quando sou pautado para entrevistar uma 'autoridade' em qualquer coisa, às vezes acho melhor sair rumo ao bar mais próximo e entrevistar o *barman*". Essa ironia escancarada no livro *Estou no papo* beira o ressentimento – como quando fala sobre o ódio que repórteres sentem dos copidesques que destroem seus textos –, um ressentimento que não voltaria a aparecer nos livros seguintes.

O Capítulo III, "Chuchuzinho", reúne seis textos sobre um dos grupos mais divertidos de se entrevistar, na opinião do autor. O grupo das "pessoas peladas", formado por nudistas, *strippers* e dançarinas (MITCHELL, p. 45). No jargão jornalístico da época, uma foto ou um texto sobre alguém dessa classe era chamado de "chuchuzinho" (*cheese-cake*, no original).

Nas mãos de um escritor menos talentoso, um tema desses poderia render textos safados ou maliciosos. E aqui está um exemplo da elegância de Mitchell: à medida que você avança na leitura, percebe que ele não está tão interessado assim nos corpos das mulheres (mas não deixa de informar quando uma é "bem fornida" ou "esguia"). Ele prefere se concentrar nas histórias que elas têm para contar, e demonstra compaixão mesmo quando o personagem não parece muito coerente – caso

da dançarina no texto "Nua, completamente nua" que pretendia fazer uma crítica ao *striptease* criando um número que era um *striptease* ao contrário: ela começava dançando nua, completamente nua, e ia colocando a roupa até terminar o número vestida.

O interesse por essas mulheres tem mais a ver com o fato de serem marginalizadas do que qualquer outra coisa. Mitchell mostra um pouco como elas vivem suas rotinas, como gostam de jantar *yakisoba* com as amigas e têm suas ambições e frustrações. Quando não está escrevendo sobre o que pensam e sobre como vivem as dançarinas, ele se ocupa dos detalhes: quer saber quem fabrica e como funcionam os adereços que as dançarinas usam, sejam os leques feitos com plumas de avestruz ou as bexigas gigantes complicadas de encher. As dançarinas perfiladas por Mitchell são do gênero burlesco, o que já pode ser considerado um ponto fora da curva. Não são mulheres de corpos sarados, mas sim dançarinas extravagantes e bem-humoradas do burlesco, um gênero muito mais democrático.

O Capítulo IV, "Aceite Jesus", tem quatro histórias. As três primeiras são sobre líderes religiosos pitorescos de Nova York, como o reverendo Divine que, além de promover cultos, também vende vegetais frescos produzidos em suas terras. Antes de Divine, Mitchell fala do bispo Michaux, que é terminantemente contra bebidas, caça-níqueis e lorotas. E contra cigarros, a julgar pela cena final em que ele obriga um de seus fiéis a apagar o cigarro que tinha na mão. "Seu corpo é um templo e não uma fornalha", diz ele (MITCHELL, 2001b, p. 90, tradução nossa). O terceiro líder religioso descrito pelo autor é o reverendo Spund, que trabalha no rentável ramo de cerimônias de casamento. O quarto e último texto dessa seção não envolve bispos, padres ou reverendos. É nele que ficamos conhecendo Mazie Gordon, dona de um cinema na Bowery que trabalha na bilheteria e tem o costume de distribuir moedas para os necessitados.

O Capítulo V fala de "Esportes" e isso é bem estranho. Porque é um caso único na bibliografia de Mitchell. Não se trata de um tema ao qual ele dedique atenção, ainda que, nesse caso, tenha falado de esportes à sua maneira, conversando com Mr. Jack Pfefer, um promotor de luta livre que fez fama importando grandalhões bizarros da Europa Oriental, no texto "Algum vagabundo pode me confundir com um lutador". Em "Uma porca", o autor perfila uma lutadora de boxe que não consegue encontrar um adversário (homem ou mulher) à altura. A história "Velho atleta de ceroulas" fala do reverendo William Ashley Sunday que, no passado, foi um bom

jogador de beisebol. É engraçado como Mitchell consegue fazer o líder religioso esquecer por alguns instantes a sua missão de fé para lembrar de jogos e de jogadas que fazia nos velhos tempos. Pelo menos até a mulher do evangelista entrar em cena e lhe dizer para dormir porque já tinha falado demais naquele dia.

"Deve ter sido alguma coisa que ele comeu" é dos raros textos em que Mitchell fala de celebridades – neste caso, o time de beisebol dos Brooklyn Dodgers (mais tarde vendido e levado para a Califórnia, onde se tornaria o Los Angeles Dodgers, que é hoje uma das principais equipes da Major League Baseball, a liga de beisebol profissional dos Estados Unidos). No entanto, é uma época – meados dos anos 1930 – em que a liga e os jogadores famosos ainda não eram milionários. Mitchell fala especificamente de John Buddy Hassett, um jovem de vinte e cinco anos que, além de jogar na primeira base, era também ajudante de encanador e cantor romântico. Nas duas histórias seguintes, o repórter fala sobre o impacto de um combate de Joe Louis no mundo de apostas do Harlem, um dos bairros negros de Nova York, e na aposta em que ele mesmo, Mitchell, se envolveu.

O Capítulo VI é dedicado a Nova York e é prova da maneira peculiar com que Mitchell observava "A maior cidade do mundo". Em vez de investir tempo e esforço para escrever sobre as maravilhas evidentes da metrópole, ele fala a respeito dos abrigos que acolhem moradores de rua ("Uma noite fria no centro da cidade") e acompanha um policial pelos cortiços da cidade ("Os fumantes de maconha") – no percurso, com o distanciamento característico de um repórter, tenta explicar como se comporta um usuário da erva. A terceira história do capítulo, "Vodu em Nova York", é uma das mais extensas do livro e descreve o submundo da magia negra na cidade, mas com graça – uma das melhores partes diz respeito a um vendedor de velas para vodu que pede para não ser identificado porque também vende velas e incenso para clientes católicos. A extensão do texto e a quantidade de detalhes citados e explicados – de "pó de cérebro humano" à "caixa de ectoplasma" – atestam os interesses incomuns de Mitchell.

De acordo com o biógrafo Thomas Kunkel (2015, p. 106-108, tradução nossa), Mitchell era um "desvio inovador" para a *New Yorker*, pois a revista não dedicava muito espaço para falar das camadas mais baixas da sociedade. Foi preciso um jornalista paciente e atencioso para mudar o esquema e levar os leitores a lugares que eles "jamais visitariam (ao menos não de propósito)". "Mitchell posicionou um

holofote sobre as classes inferiores de Nova York, largamente ignoradas e subestimadas."

No que se refere à forma, o recurso de abrir aspas e deixar falar um personagem amarra o trabalho jornalístico ao literário. O jornalista ouve o que a fonte tem a dizer – no caso de Mitchell, por muitas horas até concluir o texto – e o escritor procura jeitos de reproduzir no papel a prosódia do personagem.

Há também o que a crítica literária Michiko Kakutani (2008) chamou de "olhar jornalístico para detalhes sociais" numa resenha para o *New York Times* sobre *Vida vadia*, de Jonathan Price (aliás, um escritor conhecido pelos diálogos que cria). É esse olhar jornalístico que faz um escritor notar que a roupa no corpo do entrevistado é maior do que deveria, ou que os cigarros que ele fuma são guimbas catadas do chão, ou que sua dentadura está ligeiramente solta dentro da boca.

Parece que resenhistas de livros adoram destacar o talento de um escritor para reproduzir uma prosódia específica, mas sem nunca detalhar como isso *funciona*. Talvez porque a explicação não seja simples. Mesmo Kakutani não se dá o trabalho de esmiuçar as qualidades dos diálogos escritos por Richard Price. Ou o que significa ter sensibilidade para um tipo determinado de jargão (Price escreve sobre a região do Lower East Side, de Manhattan). Parece algo mais fácil de identificar do que de explicar. Você percebe quando um personagem salta do papel com vida porque a maneira como fala é autêntica. E percebe também quando a fala é desconjuntada, quando ela não funciona.

Há ainda um problema característico da língua portuguesa, apontado por Caetano Waldrigues Galindo em entrevista a Carol Bensimon (2018), numa discussão sobre o uso da ênclise na literatura brasileira: "O grande problema sociolinguístico do Brasil é […] a criação de um abismo virtualmente sem par (no panorama das grandes línguas de cultura) entre a norma escolar e a norma efetivamente empregada mesmo pela população bem educada, mesmo em situação de formalidade. A gente escreve coisas que quase ninguém fala. E a gente fala coisas que quase nunca se escrevem".

No jornalismo, é notável como se ignoram as dificuldades próprias da transcrição de falas – o ato de transpor para o texto, entre aspas, o que um entrevistado disse. Há quem afirme que as aspas devem ser relevantes, que não podem ser redundantes dentro do texto, mas não se fala sobre a técnica usada na transcrição de uma entrevista, se é que há uma técnica que transcenda o talento individual do jornalista.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* diz:

> Na reprodução da declaração textual, seja fiel ao que foi dito, mas, se não for de relevância jornalística, elimine repetições de palavras ou expressões da linguagem oral: *hum, é, ah, né, tá, sabe?, entende?, viu?* Para facilitar a leitura, pode-se suprimir o trecho ou alterar a ordem do que foi dito – desde que respeitado o conteúdo (FOLHA DE S. PAULO, 2001, p. 39).

O manual do *Estado de S. Paulo*, por sua vez, orienta:

> Procure usar declarações textuais a cada um ou dois parágrafos da matéria. Uma frase por parágrafo já seria uma boa medida e ela funcionaria quase como uma testemunha que confirmasse a história ou fato que o repórter quer levar ao leitor. Exemplo: A queda de uma barreira provocou congestionamento de 20 quilômetros na Marginal Pinheiros, em São Paulo. "Foi horrível", disse a advogada Denise Barros, que ficou presa no trânsito durante quatro horas. O texto conta uma história e usa a personagem para lhe dar veracidade. O leitor tenderá a confiar mais nas informações que lhe estão sendo transmitidas (não é só o repórter que está dizendo aquilo; outra pessoa está confirmando a informação) (O ESTADO DE S. PAULO, 2019).

Os dois manuais se limitam a dar pequenas dicas, como eliminar repetições e expressões da linguagem oral, e não se preocupam com prosódia, por exemplo – até porque não faz sentido se preocupar com algo assim num texto informativo cotidiano. Eles também não se aventuram a falar sobre as dificuldades de transformar uma fala em prosa escrita e não citam que a fala é cheia de lacunas e frases incompletas. O que importa é que as informações entre aspas estejam corretas.

A jornalista Janet Malcolm encarou de frente o problema da transcrição de falas (seu idioma é o inglês, mas ela vai além das questões de língua para analisar, de maneira geral, as diferenças entre a escrita e a fala). Amiga de Mitchell e também colaboradora da *New Yorker*, Malcolm escreveu sobre a disputa envolvendo os arquivos de Sigmund Freud, o criador da psicanálise. Depois de publicar o livro *Nos arquivos de Freud*, ela foi processada por Jeffrey Masson, seu principal personagem, que contestava quatro aspas citadas por ela na história. Só esse fato dá a medida da importância das aspas no jornalismo: elas podem render processos de difamação com a fonte alegando que não disse o que a jornalista afirma que ela disse; e a ré – a jornalista – tendo de provar que as aspas são verdadeiras, que foram mesmo ditas pela fonte. Hoje é relativamente comum encontrar em redações de jornal telefones que gravam todas as ligações que passam por eles – principalmente nas editorias de política.

Malcolm tratou do processo que Masson moveu contra ela no posfácio de seu livro *O jornalista e o assassino*, que narra a história de um jornalista, Joe McGinniss, também processado por sua fonte (um paralelo evidente que Malcolm rebateu dizendo que ela acabou se identificando com o assassino e não com o jornalista). O detalhe aqui é que a fonte, Jeffrey MacDonald, era um homem acusado de matar a esposa grávida e as duas filhas (ele acabou sendo condenado à prisão perpétua e hoje cumpre pena em Maryland, nos Estados Unidos). MacDonald processou McGinniss por fraude alegando que o jornalista fingiu acreditar em sua inocência quando, na verdade, o considerava um psicopata assassino – foi essa a teoria defendida pelo biógrafo no livro *Fatal Vision*. O julgamento acabou sendo anulado, mas não sem um acordo entre as partes – McGinniss pagou trezentos e vinte e cinco mil dólares para MacDonald (AFTER, 2012).

Como foi processada por causa de aspas que usou (ela também acabou fazendo um acordo com Masson), Malcolm (2011, p. 150) discute com afinco o problema da transcrição de uma fala: "Quando falamos com alguém, não temos consciência da estranheza da linguagem que estamos usando. O nosso ouvido a aceita como a nossa própria língua, e só quando a vemos transcrita *verbatim* é que percebemos que se trata de uma espécie de língua estrangeira", afirma a jornalista. Para ela, o que o gravador revela sobre uma conversa é semelhante ao que a máquina fotográfica mostra em relação ao movimento, nos estudos feitos por Eadweard Muybridge no século XIX: "A câmera rápida de Muybridge captou e congelou posições nunca vistas antes, e demonstrou que os artistas, ao longo de toda a história da arte, haviam estado 'errados' nas suas representações de cavalos (entre outros animais) em movimento". Os artistas, em vez de se deixarem influenciar pela descoberta de Muybridge, optaram por continuar a pintar o que o olho via e não o que a lente da câmera captava. Na literatura, o escritor assume postura semelhante. Ele não escreve o que o gravador registra e sim o que a orelha percebe. Um bom escritor precisa criar o efeito da prosódia que quer reproduzir. Simplesmente transcrevê-la não funciona. Se funcionasse, qualquer pessoa com um gravador escreveria como Richard Price. Mitchell não usava gravador. Quando se sentava para escrever, ele reconstruía a fala de seus personagens porque tinha ferramentas literárias suficientes para tanto (faz sentido que passasse bastante tempo convivendo com suas fontes; pode-se supor que ele as ouvia por um tempo tão longo que se tornava capaz de replicar suas prosódias em texto).

Ao citar a obra de Malcolm, gravadores e as longas aspas de Mitchell, nosso objetivo não é analisar a oralidade em textos literários, mas reconhecer que Mitchell estava lidando com questões complicadas quando decidiu dar voz a seus personagens (alguns deles, como Gould, falavam pelos cotovelos) na forma de longos monólogos; e notar que o uso de aspas em textos jornalísticos é uma questão que envolve também a discussão sobre o que é fato ou não, sobre o que é verdade ou não. Pode a fala transcrita de um gravador ser considerada mais verdadeira do que a construção literária dessa mesma fala? Pela lógica de Malcolm, não. Pois o que o gravador capta é diferente do que o interlocutor escuta. O gravador registra apenas uma parte do que é dito.

De volta ao *Estou no papo*, no Capítulo VII, a seção "Fazendeiros de água salgada" introduz um tema recorrente na obra de Mitchell: a zona portuária de Nova York e tudo que a envolve. A história é dividida em duas partes e fala do capitão Jacobus Kwaak, que ganha a vida colhendo e cultivando ostras para uma empresa nova-iorquina e diz que o segredo de sua disposição e longevidade (ele marcha pelo deque do navio como se tivesse quarenta anos quando na verdade tem quase setenta e cinco) é comer pelo menos uma dúzia de ostras por dia, todos os dias. Algo que faz há sessenta e cinco anos. Uma afirmação semelhante é feita pelo personagem Hugh G. Flood, em *Bom e velho Mr. Flood*. E Mitchell também aborda ostras e longevidade nos textos portuários do livro do McSorley.

O biógrafo Thomas Kunkel afirmou que várias particularidades de alguns personagens (notadamente de Mr. Flood) são características do próprio autor – o gosto por ostras, por exemplo. Até o fim da vida, Mitchell frequentava o restaurante Oyster, no Grand Central Terminal, e tinha um apetite invejável por frutos do mar. Em "Uma porção de mariscos", no livro do McSorley, ele conta que ficou em terceiro lugar num torneio para ver quem comia mais mariscos, ingerindo oitenta e quatro unidades. "Considero uma das proezas mais importantes da minha vida", escreveu (1992, p. 304, tradução nossa).

Descrevendo a rotina de trabalho do capitão Kwaak, o escritor dá detalhes de como as ostras são cultivadas na região de Long Island, em Nova York, fala de tipos diferentes de ostras, predadores de ostra, piratas de ostra, tamanhos de ostra e oferece números relacionados à produção da empresa Bluepoints. Mitchell é às vezes bastante

minucioso no que se refere a dados. Mas, enquanto explica o mercado de frutos do mar, ele também está interessado em Kwaak. “Comer ostras e mariscos virou um hábito e faço isso todos os dias. Agora, para mim, elas são quase tão necessárias quanto água”, diz Kwaak (MITCHELL, 2001b, p. 251, tradução nossa). Podemos considerar o capitão de ascendência holandesa o primeiro de uma galeria de personagens criados ou perfilados por Mitchell, todos eles velhos, mais ou menos ranzinzas, excêntricos, quase todos carismáticos e cada um deles com uma opinião muito pessoal no que diz respeito a como a vida deve ser vivida.

Por fim, o Capítulo VIII é uma trinca de perfis de artistas relativamente conhecidos: o escritor George Bernard Shaw, o baterista Gene Krupa e o ator George M. Cohan. O texto mais peculiar é o que trata de Shaw. Na época, o fato de ter sido premiado com o Nobel de Literatura (de 1925) dava a Shaw o tipo de fama que levava os jornalistas a pedir sua opinião sobre Deus e o mundo. Na entrevista coletiva a bordo do navio que o levava para a Europa, o autor de *Pigmaleão* estava com uma má vontade espetacular e a conversa acabou sendo sofrível, mas divertida. Mitchell escreve tanto sobre o comportamento dos jornalistas quanto sobre Shaw e se coloca à margem do grupo de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas que querem um naco do escritor irlandês. Mitchell assiste a todos os envolvidos com um olhar antropológico. É uma atitude que pode parecer arrogante, afinal ele também estava lá como jornalista e também teve de cobrir a coletiva, mas sua escolha faz sentido. Se o texto fosse só a entrevista com Shaw, ele seria tão comum quanto os perfis de Cohan e Krupa. É a crítica sutil aos colegas de imprensa que torna o material inusitado. E é o olhar antropológico que dá ao texto sua marca autoral.

3 Sobre como funciona um texto de não ficção

Janet Malcolm (2011, p. 11) ficou famosa por dizer que "Qualquer jornalista que não seja demasiado obtuso ou cheio de si para perceber o que está acontecendo sabe que o que ele faz é moralmente indefensável". A frase abre o livro *O jornalista e o assassino* e se refere à relação entre o jornalista e suas fontes. Agora, o que nos interessa não é a gororoba que o jornalista prepara com as versões dadas pelas fontes e sim o que Malcolm tem a dizer sobre as diferenças entre um escritor de não ficção e um ficcionista (o primeiro teria menos liberdade que o segundo). No posfácio do livro, ela argumenta que o escritor de não ficção não pode inventar nem conduzir experiências modernistas como faz Philip Roth, por exemplo, ao matar um personagem no primeiro capítulo de *O avesso da vida* e, logo no segundo, mostrá-lo vivo viajando para Israel. Para Malcolm (2011, p. 149), o escritor de ficção tem direito a mais privilégios:

> Ele [o ficcionista] é dono da sua própria casa e pode fazer nela o que quiser; pode até derrubá-la, se tiver inclinação para tanto, tal como tinha Philip Roth em *O avesso da vida*. Mas o escritor de não ficção é apenas um inquilino, que se deve ater às cláusulas do contrato, que estipulam que ele deve deixar a casa (conhecida pelo nome de Realidade) nas mesmas condições em que a encontrou. Pode trazer a sua própria mobília e distribuí-la como quiser pela casa (o chamado Novo Jornalismo trata da distribuição da mobília pela casa), e pode ligar o rádio, não muito alto. Mas não deve mexer na estrutura fundamental da casa, nem alterar qualquer das suas características arquiteturais. O escritor de não ficção tem com o leitor um contrato que o obriga a limitar-se a eventos que ocorreram de fato e às personagens que tenham equivalentes na vida real, e que não permite que ele enfeite a verdade sobre tais eventos ou personagens.

A metáfora do inquilino ilustra o argumento de Malcolm, mas deixa algumas perguntas importantes sem resposta. Poderíamos questionar: qual é o significado que os móveis têm na analogia – são os fatos?, as fontes?, o texto? – e o ato de dispor os móveis como quiser já não seria suficiente para mudar bastante uma casa? Para dar outra cara a ela? E a maior de todas as questões: se o ficcionista é dono da própria casa, quem é o proprietário da casa ocupada pelo escritor de não ficção? Quem é o dono da Realidade? A quem o escritor de não ficção presta contas? Partindo dessa imagem criada por Malcolm, vamos analisar como o escritor de não ficção se comporta como inquilino dessa casa que ela chama de Realidade (Gregory Currie a chamaria de mundo concreto [*actual world*] e Philippe Lejeune, de "realidade", entre aspas) e como, em certos casos, "enfeitar a verdade" é exatamente o que um escritor

faz num texto literário baseado em fatos (isso depende também do que se entende por "enfeitar").

Ainda no posfácio de *O jornalista e o assassino*, Malcolm (2011, p. 149) afirma que ter limites nas possibilidades de invenção torna o trabalho do escritor de não ficção "menos árduo". A cada nova história, o romancista se vê obrigado a começar do nada para conceber um mundo (será?), enquanto o escritor de não ficção recebe o seu mundo já pronto. Malcolm argumenta que os personagens num relato factual não são de modo algum tão vivos quanto os personagens de ficção e que o mundo real não é tão coerente quanto o mundo da ficção. Nesse ponto, ela constrói um argumento que soa irônico, dizendo que o leitor aceita a incoerência e os personagens não tão vivos numa experiência de leitura inferior – em contraponto à experiência mais intensa da ficção – em troca do caráter edificante da não ficção. Uma obra desse gênero tem valor por tratar de coisas que aconteceram e de pessoas que de fato existem ou existiram. "O leitor dá ao escritor de não ficção uma espécie de crédito que não estende ao escritor de ficção, e por isso o escritor de não ficção tem de ser meticuloso na entrega da mercadoria pela qual o leitor pagou adiantadamente com a sua indulgência" (MALCOLM, 2011, p. 149).

Quando sugere que o leitor não precisa ser conquistado pelo escritor de não ficção (e essa afirmação é de 1990), o raciocínio de Malcolm remete aos estudos sobre autobiografia do professor francês Philippe Lejeune, iniciados em 1971 e desenvolvidos ao longo de mais de quarenta anos. Embora o pesquisador concentre esforços em analisar textos autobiográficos, contrastando-os sobretudo com biografias, ele também fala, à medida que desenvolve sua teoria, sobre como funcionam textos científicos, históricos e jornalísticos. Além disso, compreender o que disse Lejeune a respeito de relatos autobiográficos pode servir para entender o funcionamento dos textos de não ficção de maneira geral, pois todos são, nas palavras do francês, textos referenciais. "[Eles] se propõem a fornecer informações a respeito de uma 'realidade' externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o 'efeito de real', mas a imagem do real" (LEJEUNE, 2014, p. 43). Lejeune não chega a explorar essa questão da verificabilidade de um texto, mas existe um sem-número de informações que não são acessíveis para o leitor verificar, que não estão a um Google de distância. Assim, podemos considerar que o pacto referencial proposto por textos jornalísticos – nome que o francês usa para distingui-lo do pacto

autobiográfico – se baseia na possibilidade de verificabilidade e não na sua execução em qualquer horizonte possível.

De acordo com Lejeune, o pacto referencial pode ser implícito – como em um texto publicado por uma revista semanal sob um cabeçalho que diz: "perfil" (uma informação externa ao texto) – ou explícito, quando o autor deixa claro dentro do texto que se trata de uma reportagem ou de um trabalho histórico. Para Lejeune, na autobiografia, o autor jura dizer a verdade na medida do possível. Ele diz a verdade tal qual lhe parece, "levando-se em conta os inevitáveis esquecimentos, erros, deformações involuntárias etc." (LEJEUNE, 2014, p. 43). No texto jornalístico, por extensão, essa verdade possível respeita as informações apuradas pelo escritor e também as fontes consultadas por ele, levando-se em conta, aqui também, os inevitáveis esquecimentos e erros dessas fontes.

Lejeune argumenta que, nas autobiografias, o escritor pode frustrar o leitor em alguma medida, descumprindo o pacto referencial ou cumprindo-o mal. Ainda assim a narrativa autobiográfica tem valor porque se trata da visão do autor sobre a própria vida. O mesmo não se pode dizer de uma notícia de jornal. Se o pacto não for cumprido, o texto perde seu valor referencial. Nesse ponto, percebe-se que Lejeune não tinha o jornalismo literário nem a ficção histórica em seu radar. Se um texto científico ou uma notícia de jornal perde o valor referencial, ele ou ela perde seu valor e ponto. No caso de um texto jornalístico ou de um histórico, elaborado com ambições literárias, seu valor não iria além do referencial?

Essa questão foi discutida pelo atual editor da *New Yorker*, David Remnick, com o biógrafo Thomas Kunkel e outros dois colaboradores da revista em um bate-papo promovido pela revista quatro anos atrás. Na conversa, o grupo debate se os textos que Mitchell publicou entre os anos 1930 e 1960 seriam possíveis hoje, se a *New Yorker* os publicaria sem nenhuma alteração. No minuto trinta do vídeo (THE NEW YORKER, 2019), o escritor Ian Frazier fala sobre as aspas longuíssimas que Mitchell usava: "Existe uma regra para escrever não ficção: você pode afirmar o que quiser desde que diga que a pessoa [a fonte] é muito linda. [A plateia e os debatedores riem.] Acho que todos os textos de Mitchell são sobre pessoas que ele amava. Ele enxerga essas pessoas com amor e dá valor a elas. […] O que essas aspas expressam é essa relação. A pessoa que está falando não era ouvida e Mitchell presta atenção no que ela diz e acho que isso meio que justifica o tamanho das citações. É o afeto e o

talento artístico. [O texto] é tão lindo e impressionante que você não vai parar e dizer: 'Peraí, deixa eu ver as transcrições dessa entrevista'. Porque isso não tem nada a ver".

Remnick, o editor, interrompe Frazier e diz:

> Mas agora é isso que a gente faz [ver as transcrições da entrevista]. Acho que isso se tornou uma questão quando um jornalismo antagonista [*oppositional journalism*] começou a ser feito pela *New Yorker* e por outros veículos. Foi quando as regras tiveram de ser restabelecidas. E você resolveria esse problema [das citações longuíssimas] muito rápido explicando que "essas reuniões ocorreram ao longo de tanto tempo" (THE NEW YORKER, 2019).

Remnick procura resolver o embate com um argumento que separa o jornalismo em dois tipos: o antagonista e o amigo (*non-oppositional*). "O problema começou quando as regras antiquíssimas do jornalismo amigo foram aplicadas ao jornalismo antagonista, foi quando as pessoas começaram a reclamar. E com razão." Ele argumenta que o problema é ainda mais delicado numa revista como a *New Yorker* porque um texto sai ao lado de outro, feito por outro escritor, sobre outro tema. Se um escritor desrespeita as regras, pode gerar uma desconfiança no leitor que vai se estender para o resto da publicação. "Se você inventou o texto, existe uma palavra para definir isso e não há nada de errado com ela. É algo magnífico e se chama 'ficção'", arremata Remnick (THE NEW YORKER, 2019), deixando no ar que, hoje, os textos de Mitchell talvez fossem publicados como ficção.

Para o biógrafo Thomas Kunkel, Mitchell teria de respeitar as regras de hoje e não escrever da forma como fez no passado (o que equivale a dizer que seus textos não seriam publicados hoje como foram antes).

Remnick retoma a palavra e diz, num tom conciliatório (até porque o editor da *New Yorker* não iria a um evento promovido pela revista para censurar um dos escritores mais admirados de sua história), que ele como editor publicaria, sim, os textos de Mitchell. Mas o escritor teria de explicar as técnicas e a lógica que usou para escrevê-los. Dentro desses parâmetros, é possível que Mitchell tivesse de admitir que outros trabalhos seus também eram ficção e não só os três dedicados a Mr. Flood. Aliás, sobre a retratação que Mitchell escreveu a respeito de Mr. Flood, o escritor Mark Singer comenta: "Essa foi a única vez que ele admitiu isso [ter manipulado as informações], mas é razoável supor que tenha feito isso em todos os textos". Remnick concorda e encerra a conversa:

> A última coisa que eu quero, além de continuar falando sobre esse assunto, é destruir ou subjugar o mérito artístico de Joe Mitchell, que eu respeito tanto quanto qualquer um de vocês aqui. A questão é: se você vai chamar um texto de não ficção dentro de uma revista que opera com uma série de regras, o leitor precisa saber o que está acontecendo. Caso contrário, você vai arranjar um problemão" (THE NEW YORKER, 2019).

Nesse comentário de jogar limpo com o público, Remnick mostra que entende a dinâmica do pacto entre autor e leitor e diz que é preciso respeitá-lo deixando claro para o leitor como o texto foi feito e, no fim das contas, o que o texto é. Essa lógica explica por que mesmo em algumas entrevistas cotidianas da imprensa americana (o *New York Times* faz isso), os textos digam algo com o efeito de "a conversa a seguir foi editada e condensada para fins de publicação".

Lejeune (2014, p. 54, grifo do autor) diz que a autobiografia "é tanto um modo de leitura quanto um tipo de escrita, é um *efeito contratual* historicamente variável". Para analisar uma autobiografia, Lejeune diz considerar não apenas a relação entre a referência extratextual e o texto, ou somente o funcionamento interno do texto. O que ele faz é "uma análise, empreendida a partir de um enfoque global da *publicação*, do contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto e engendra os efeitos que, atribuídos ao texto, nos parecem defini-lo como autobiografia". Sem esquecer que são "as margens do texto impresso que, na verdade, comandam toda a leitura (desde o nome do autor, título, subtítulo, nome da coleção, editora, até o jogo ambíguo dos prefácios)" (LEJEUNE, 2014, p. 53-55).

Numa revista que publica tanto textos de ficção quanto de não ficção, essas margens – como um cabeçalho, uma seção, uma apresentação – são importantes. Todos esses dados fazem parte do contrato entre autor e leitor: são eles os códigos implícitos ou explícitos da publicação. E Lejeune (2014, p. 55) conclui seu raciocínio com uma proposta: "Se podemos dizer que a autobiografia se define por algo que é exterior ao texto, não se trata de buscar, aquém, uma inverificável semelhança com uma pessoa real, mas sim de ir além, para verificar, no texto crítico, o tipo de leitura que ela engendra, a crença que produz".

Nesse contexto, o texto jornalístico-literário seria também um modo de leitura, além de ser um modo de escrita. Essa ideia parece animar o argumento de Janet Malcolm sobre o crédito que o leitor dá ao escritor de não ficção. Quando começa a

ler um texto literário baseado em fatos, o leitor não precisa ser convencido de que a história narrada é verdadeira (em relação ao mundo concreto), ele já a aceita como tal. Na ficção, o convencimento é parte do processo de leitura e a matéria narrada precisa ser verdadeira em relação ao mundo criado pelo texto. Se a ficção pede uma suspensão da descrença (voluntária ou involuntária), a não ficção pede uma suspensão da desconfiança do autor (é a "indulgência paga adiantadamente" de que fala Malcolm). Numa corrida pelo comprometimento do leitor, o escritor de não ficção começa uns passos na frente do escritor de ficção.

Quando Malcolm (2011, p. 11) disse aquilo sobre o trabalho do jornalista ser "moralmente indefensável", ela se referia ao jogo de interesses que orienta a relação entre o repórter e suas fontes:

> Ele [o jornalista] é uma espécie de confidente que se nutre da vaidade, da ignorância ou da solidão das pessoas. Tal como a viúva confiante, que acorda um belo dia e descobre que aquele rapaz encantador e todas as suas economias sumiram, o indivíduo que consente em ser tema de um escrito não ficcional aprende – quando o artigo ou livro aparece – a *sua* própria dura lição.

Não importa o que aconteça, diz Malcolm, o jornalista escreve a *sua* versão da história e não necessariamente a versão imaginada por suas fontes. "A disparidade entre o que parece ser a intenção de uma entrevista quando ela está acontecendo e aquilo que no fim ela estava de fato ajudando a fazer é sempre um choque para o entrevistado" (MALCOLM, 2011, p. 11). Mesmo o mendigo Joe Gould acusou Mitchell de inventar coisas a seu respeito em "O Professor Gaivota", contrariando a teoria brincalhona de Ian Frazier segundo a qual o jornalista pode escrever o que quiser desde que enalteça a beleza do entrevistado. O perfil na *New Yorker* mudou a vida de Gould, que se tornou famoso e, em alguma medida, respeitado. Ele deixou de ser apenas um mendigo louco que vivia em abrigos para se tornar um historiador genial e excêntrico capaz de atrair o interesse de editoras. Apesar dos benefícios que teve, Gould escreveu a Mitchell: "Sinto como eu se fosse uma invenção da sua cabeça" (LEPORE, 2016, p. 42, tradução nossa). Para o mendigo, o texto era uma ficção e ele comemorou o fato de "O Professor Gaivota" ter sido compilado por H. Allen Smith em uma antologia de contos humorísticos em 1945.

O texto publicado, enfim, faz parte do trabalho "moralmente indefensável" do jornalista e não só porque há uma distância entre a versão da fonte e a versão do repórter, mas também porque o escritor consegue passar para debaixo do tapete suas

artimanhas literárias enquanto o leitor está de guarda baixa, preocupado com o teor dos fatos e não com o jogo proposto pelo texto. É o melhor de dois mundos: o escritor tem a autoridade dos fatos e a liberdade da ficção.

Joseph Mitchell transformou Hugh G. Flood em uma celebridade quando o perfilou em "Bom e velho Mr. Flood". Depois da publicação do texto pela *New Yorker*, outros repórteres também queriam entrevistar esse senhor nonagenário que atribuía sua longevidade ao consumo de frutos do mar e que planejava viver até os cento e quinze anos. Os jornalistas da concorrência foram até o Fulton Fish Market, em Nova York, local onde Flood passava a maior parte do tempo, e começaram a perguntar por ele. Será que poderiam trocar uma palavrinha com Flood? Ele não está? Aonde ele foi? Quando ele volta? O problema, na verdade, era que Flood não poderia falar com os jornalistas porque ele não existia. Pelo menos não como a *New Yorker* deu a entender que existia.

O episódio é explicado pelo biógrafo Thomas Kunkel. Mitchell adorava o mercado de peixes e se dizia adepto de um regime pescetariano (*seafoodetarian*), vivendo de uma dieta concentrada em frutos do mar (SIMS, 2008, p. 16). Quando decidiu escrever sobre o Fulton Fish Market, ele era conhecido e querido por vários dos comerciantes locais. Mas a boa relação com os velhinhos mal-humorados não lhe garantiu fontes dispostas a aparecer na reportagem. Então ele fez o que um repórter deve fazer nesses casos: levou o problema para o editor. Harold Ross, diante de uma história que parecia saborosa, sugeriu a Mitchell que criasse um personagem híbrido de todas as figuras que ele havia ouvido na apuração. "Em retrospecto, esse método de escrever um texto para a *New Yorker* parece estranho e inexplicável, mas é consistente com a personalidade de Ross e com suas peculiaridades como editor", afirma Kunkel (2015, p. 152, tradução nossa).

Assim surgiu Mr. Flood, que nunca existiu de fato. Ross (que criou um departamento inteiro só para a checagem de fatos na revista) bancou a publicação de "Bom e velho Mr. Flood" como perfil, sem nenhuma explicação sobre o amálgama criado pelo escritor, uma explicação que provavelmente não justificaria a decisão de veicular o texto como perfil. A revista estava dizendo para o leitor que aquele texto era um exemplar de não ficção, que Mr. Flood era um homem de carne e osso, e que bastava ir ao Fulton para encontrá-lo lá.

A *New Yorker* publicava e ainda publica textos jornalísticos e de ficção lado a lado – a distinção mais evidente entre um e outro é o cabeçalho que anuncia "ficção" ou "perfil" ou "*reporter at large*" (no contexto da revista, o termo *at large* pode ser traduzido como "enviado especial" e pode designar reportagens de qualquer parte do mundo, sobre qualquer tema). Se "Bom e velho Mr. Flood" tivesse ganhado a chancela de ficção, não haveria nenhum constrangimento. E isso de publicar ficção como não ficção não ocorreu apenas uma vez nesse episódio, mas três. Os outros dois textos sobre Flood saíram como reportagens. Com a fama de Flood cimentada, Ross chegou a sugerir que Mitchell fizesse o obituário do personagem, mas o escritor, sentindo-se pouco à vontade, disse não. De acordo com Kunkel (2015, p. 152, tradução nossa): "Sobretudo em seus primeiros anos, a *New Yorker* misturava fato e ficção em textos curtos que chamava de 'casuais', e ela não se dava o trabalho de rotulá-los para os leitores – que não se importavam porque, de qualquer forma, os textos eram tão efêmeros que se revelavam inofensivos".

Diz Kunkel que Mitchell procurou inventar uma história sobre como Flood teve de ir embora da cidade para impedir que a mentira fosse descoberta. Nesse cenário, houve até cumplicidade de outros jornalistas, que tinham condições de verificar os dados, mas não o fizeram.

Em princípio, Ross e Mitchell traíram a confiança do leitor. Quebraram o pacto referencial. O texto não ficou pior por causa disso, mas se tornou outra coisa. Ele se tornou ficção, ainda que Mitchell afirme que tenha sido "solidamente baseado em fatos". Pois existem muitos romances, contos e poemas baseados em fatos. Que Mitchell não tenha entendido isso é um pouco surpreendente. Parece até teimosia. Como se tivesse escrito a retratação contra sua vontade. Sem dar detalhes, a nota do autor incluída no livro *Bom e velho Mr. Flood*, que pôs fim ao bafafá em 1948, acabou soando incoerente, como se dissesse: "OK, esses textos não são factuais, mas são solidamente baseados em fatos, então eu vou chamá-los de verdadeiros". (Na nota do autor que saiu com a antologia de 1992, ele finalmente admitiu sem meios-termos que os textos eram ficções.)

Na metáfora de Malcolm, em que o escritor de não ficção é apenas um inquilino numa casa chamada Realidade, faz sentido pensar que essa casa é um patrimônio público – é compartilhada por fontes, jornalistas e leitores. E são todos

responsáveis por ela. Foi um jornalista do *Washington Post* que revelou inconsistências no livro *O Voyeur*, de Gay Talese; foi a denúncia de um atleta que tornou público o uso de *doping* pelo ciclista Lance Armstrong – e lojas dos Estados Unidos mudaram os livros sobre sua vida para a área de ficção; foi um checador que argumentou durante anos sobre os erros factuais de um escritor no livro *The Lifespan of a Fact*. Para ficar em uns poucos exemplos.

O compromisso com esse patrimônio público relativiza a ideia de que escrever não ficção é um trabalho "menos árduo", como sugeriu Malcolm. Pois ele tem as suas complicações.

Antigamente, quando as regras não eram tão claras, parecia mais fácil ignorá-las. É essa impressão deixada pelas ocorrências envolvendo Mitchell e seus textos engenhosos (ou fraudulentos segundo os padrões atuais). Um autor podia transitar mais livremente entre a ficção e a não ficção e ainda ver seu trabalho ganhar a chancela de perfil ou de reportagem. Hoje, esse trânsito é mais policiado. Há limites mais nítidos para o que se pode fazer com as ferramentas da ficção num texto que se pretende factual. O leitor precisa saber o que está acontecendo.

De uma perspectiva epistemológica, o pesquisador inglês Gregory Currie afirma que o valor de verdade de uma oração é determinado por suas relações referenciais com o mundo. Antes, ele faz uma distinção entre os conceitos de *significado* e *força*:

> Podemos identificar o que é dito apenas em termos de significado […], ou em termos de força e significado juntos. Quando identificamos o que é dito apenas em termos de significado, nós identificamos o conteúdo, ou a proposição expressa. Quando levamos em consideração a força, nós identificamos o que é dito como um ato de dizer específico, por exemplo, afirmar ou perguntar. Mas identificação no nível de força não é relevante para responder a questão sobre se o enunciado tem valor de verdade. O valor de verdade de uma oração é determinado por suas relações referenciais com o mundo. "Fred é alto" é verdade somente no caso em que a referência de "Fred" está na extensão do predicado "é alto". E relações referenciais são, por sua vez, determinadas pelos significados de expressões e fatos sobre o mundo: a extensão de "é alto" depende do que "é alto" significa e de quem é considerado alto. Não há espaço aqui para considerações sobre força interferirem na determinação do valor de verdade. O argumento de que as orações em ficção não têm valor de verdade é baseado em uma confusão de significado com força. […] Força pode variar enquanto significado não (CURRIE, 2008, p. 6, tradução nossa).

De acordo com Currie, a ficcionalidade (e, por extensão, a não ficcionalidade) não é determinada por nenhuma característica linguística ou semântica do texto, e

também não tem nada a ver com a resposta do leitor. Para ele, o que importa nesse caso é o tipo de ação que o autor desempenha – uma ideia bastante difundida, segundo ele, mas cuja versão mais conhecida é equivocada (vale notar que se trata de um ponto de partida muito diferente do de Lejeune, que prefere assumir a posição de leitor em vez de analisar as ações do autor). Segundo essa versão equivocada, quando alguém articula uma frase dentro de um discurso não ficcional, está fazendo uma asserção. Ou, como prefere o pesquisador britânico, "se for uma frase denotativa, ela será articulada com uma força afirmativa – o locutor estará fazendo uma asserção". Se o contexto for o da ficção, a asserção terá outro tipo de força e esse alguém estará então simulando uma asserção. "Sob esse ponto de vista, a ficção não se explica pelo significado, mas pela *força*", diz Currie (2008, p. 12, tradução nossa). É o que ele chama de teoria da simulação (*pretense theory*).

O erro dessa teoria está, na opinião de Currie, na ideia de que o autor de ficção está simulando a asserção de alguma coisa. Porque, para ele, o autor de um texto ficcional está realizando um genuíno ato de comunicação e não apenas a simulação de um ato. A intenção do autor de ficção é articular proposições de modo que o leitor assuma determinada atitude em relação a elas. "É essa atitude que é descrita, com frequência e muito vagamente, nos termos de um 'envolvimento imaginativo' ou (melhor) de um 'fazer de conta'. O autor quer que o leitor faça de conta que a história expressa é verdade". Currie não ignora completamente a recepção do texto e explica que, como leitores, as decisões que tomamos sobre quando devemos fazer de conta dependem, em parte, dos significados literais do que está sendo articulado, "mas elas dependem também da nossa percepção de que a narrativa é o produto de um indivíduo consciente cuja intenção ao articular uma asserção pode ser diferente do significado literal dessa asserção". Em um texto de não ficção, o autor não espera que o leitor faça de conta que a história expressa é verdade, ele quer que o leitor acredite que ela é verdade. "A diferença entre a leitura de ficção e a leitura de não ficção não é o desempenho da imaginação (que ocorre em ambas), mas a atitude que adotamos em relação ao conteúdo do que nós lemos: fazer de conta [*make-believe*] em um caso, acreditar [*believe*] no outro" (CURRIE, 2008, p. 18-22, tradução nossa).

No caso do Mr. Flood de Mitchell, o autor apresentou um texto como sendo de não ficção – publicado como um perfil na *New Yorker* –, diante do qual os leitores adotaram a atitude de acreditar no que estava escrito, acreditar que Mr. Flood era um senhor que circulava pelo mercado de peixes na parte baixa da ilha de Manhattan.

Não devia ser um faz de conta. No corpo do texto, há vários detalhes que alimentam a ideia de que Mr. Flood existe não apenas no papel. Logo no início, Mitchell (1992, p. 375, tradução nossa) escreve: "Um vigoroso escocês-irlandês que eu conheço, Hugh G. Flood…" para, em seguida, explicar que ele tem um quarto na Hartford House, no número 309 da Pearl Street, e que Mitchell costuma visitá-lo nesse lugar, emendando uma série de detalhes sobre a vida e as preferências pessoais de Mr. Flood. Nada no relato sugere que o velhinho possa ser uma invenção. No que pode ser considerado, discutivelmente, um feito literário do autor, Mr. Flood *parece* ser de verdade. Se de fato não existe, então só pode ser ficção. Ao menos é o que sugere David Remnick, editor da *New Yorker*: é ficção e não há nenhum mal nisso. Se tomarmos como base as ideias de Gregorie Currie, não é bem assim que funciona. Não há nenhum mal numa ficção – nesse contexto dado por Remnick, de separar um gênero do outro – se as asserções do autor em questão tiverem o propósito de criar ficção. No entanto, se um autor fizer uma asserção sabendo que o que está afirmando não é verdade – se disser num texto de não ficção que um personagem fictício existe no mundo concreto, por exemplo –, ele estará contando uma *mentira*.

Mr. Flood é tão real quanto Robinson Crusoé. Mitchell e Ross mentiram.

Currie sugere que pensemos na leitura como um tipo de conversa. Uma troca conversacional pressupõe um acordo tácito de cooperação entre as partes. Porém, em um texto ficcional, a troca é mais limitada porque se trata de uma conversa em que apenas um dos envolvidos fala. Ao longo da leitura, enquanto ouvimos o que o autor tem a dizer, nossas expectativas sobre o que é verdade podem mudar ou podem ser confirmadas. Esse exercício, para o pesquisador britânico, funciona tanto para a ficção quanto para a não ficção. "A diferença entre elas é que, se a narrativa for de ficção, eu vou me guiar pelas minhas pressuposições do que é 'verdade na história', e não pelas minhas pressuposições do que é verdade" (CURRIE, 2008, p. 30, tradução nossa). Faz sentido então que, na leitura de um e de outro gênero, a diferença não esteja na imaginação e sim na atitude (fazer de conta ou acreditar) que o leitor assume em relação ao conteúdo daquilo que está lendo.

Com Currie, que publicou seu *The Nature of Fiction* em 2008, podemos questionar em que medida as informações extratextuais desempenham um papel importante na hora de calibrar a atitude do leitor – algo crucial na teoria de Philippe

Lejeune. Currie começa dizendo que tudo que é preciso para se engajar num texto de ficção está dentro do texto. Porém, mais adiante em seu estudo, o britânico afirma que o autor possivelmente espera que sua intenção (de enunciar uma história fictícia) seja reconhecida de várias formas: pelo estilo de sua escrita, pela natureza de sua história, ou simplesmente – e aqui entram os dados extratextuais – porque o autor sabe que seu trabalho será anunciado e vendido como ficção. Além disso, existe também o expediente em que se avisa que "os personagens desta história são reais apenas no universo da ficção…". De todo modo, segundo Currie (2008, p. 30, tradução nossa), "na ficção e em uma conversa, é só quando as coisas dão errado que nós nos preocupamos com essas questões".

Currie cita uma ocasião em que alguém disse para ele que a intenção de Daniel Defoe ao escrever *Robinson Crusoé* era fazer com que o público acreditasse na história como se ela fosse factual. O pesquisador não oferece referências para essa informação e não se preocupa em verificar se ela procede ou não, mas se dispõe a analisá-la até concluir que, se essa era mesmo a intenção de Defoe, então seu enunciado – assim como o de Mitchell, com intenção semelhante – seria uma mentira. "Sem dúvida, a melhor forma de ler a obra [de Defoe] é *como se ela fosse* ficção" (CURRIE, 2008, p. 36, tradução nossa, grifo do autor). O mesmo talvez possa ser dito sobre a obra de Mitchell.

A ficção, para Currie (2008, p. 49, tradução nossa), é "um mosaico de verdade e falsidade, de confiabilidade e desconfiabilidade, de ficção e asserção". Nesses termos, a não ficção funcionaria, com certeza, com confiabilidade e asserção – importante notar que num texto baseado em fatos não ocorre a oscilação do leitor entre confiar e desconfiar. Se há um mosaico no jornalismo literário, ele envolve verdade e criatividade na maneira de apresentar a verdade. Um escritor de não ficção pode estar livre da desconfiança que cerca a legitimidade do mundo retratado no livro, mas não está livre de escrever um texto capenga. Isso significa que, mesmo tendo o respaldo do mundo concreto, uma narrativa de não ficção ainda precisa, em alguma medida, ser convincente a respeito das informações que fornece sobre esse mundo.

Robinson Crusoé faz parte de uma categoria que Currie chama de pseudoficção, formada por obras que são amplamente lidas como se fossem ficção. O esforço empreendido por Currie de elaborar um desdobramento dentro de sua teoria só para acomodar a possibilidade de que Defoe talvez quisesse mentir para o leitor se deve ao fato de estar trabalhando com as intenções do autor como chave para entender

de que forma um texto de ficção é percebido como tal. Pode-se argumentar que a obra de Mitchell hoje, setenta e cinco anos depois, publicada em livro (e não em revista), funciona como pseudoficção. Faz diferença para um leitor brasileiro, em 2019, que Mr. Flood seja uma invenção? Fazia diferença para o leitor que vivia em Nova York naquele 1944 e que pegou a *New Yorker* para ler o perfil? Se for encarado como pseudoficção pelo brasileiro e não como um perfil, hoje, não tem muita importância. Com o leitor de 1944, o problema foi contratual. Um problema que Mitchell procurou resolver quando admitiu suas invenções. Entretanto, suas práticas jornalísticas são de outra época e não surpreende que algumas delas tenham se tornado obsoletas. As tecnologias de que dispunha eram lápis, papel e máquina de escrever. E uma memória espetacular (KUNKEL, 2015, p. 183).

Na biografia, Kunkel (2015, p. 183-184, tradução nossa) explica alguns métodos de Mitchell. Ele fazia anotações taquigráficas durante suas entrevistas e passava a limpo, desenvolvendo as ideias, na máquina de escrever da redação. "Nesse aspecto, ele trabalhava igual a vários repórteres. Registrar citações longas *era* uma forma de arte, sem dúvida, mas com bastante prática era possível fazê-la bem-feita." Mitchell valorizava a força das aspas numa narrativa. Elas são capazes de engendrar uma "conexão visceral" com o leitor situando-o em meio às emoções, pensamentos e motivações do personagem. "Por isso as aspas são tão importantes para escritores de não ficção quanto o são para os romancistas."

> Diferentemente de outros jornalistas, no entanto, Mitchell com frequência amarrava conversas dispersas e fazia delas um longo monólogo dentro do texto. É por isso que as falas nas narrativas de Mitchell são excepcionalmente longas e ininterruptas. Para Mitchell, era apenas uma questão de se sentir confortável ao renunciar um relato literal de modo a alcançar uma verdade mais fundamental (KUNKEL, 2015, p. 184, tradução nossa).

Citando a historiadora Jill Lepore (2016, p. 62), a verdade fundamental de que o biógrafo fala nesse trecho tem a ver com o sentido keatsiano do termo – a verdade está no que é belo – e é esse sentido que costuma aparecer nos argumentos dos escritores de ficção. Lepore, os historiadores e os jornalistas de maneira geral, costumam se preocupar com a verdade no sentido baconiano, mais prático e sombrio.

Kunkel (2015, p. 184, tradução nossa) cita uma frase em que Mitchell explica como funciona sua lógica de citações:

> Eu posso pegar alguma coisa que Louie [Morino, personagem de "Lá onde era um hotel"] me disse depois que descemos do hotel e citá-la como se tivesse dito enquanto estávamos lá. […] Eu não acho que você deva inventar frases, mas não vejo problema nenhum em mexer com a cronologia delas. […] Existe o risco de pecar pelo excesso de exatidão e de referências. Eu não quero inventar nada, mas às vezes o escritor precisa fazer algumas justaposições. Algo que foi dito pela fonte na mesa do café da manhã, eu posso citar enquanto estávamos no barco, mas não acho que isso seja errado de forma alguma. Eu me sinto responsável tanto como repórter quanto como escritor. Quero fazer a coisa certa.

Kunkel (2015, p. 198, tradução nossa) afirma que a *New Yorker* de hoje não aprovaria alguns dos métodos usados por Mitchell no passado, mas argumenta que transparência no processo de reportagem é uma ética relativamente nova. "Ela se desenvolveu, aos poucos, durante a segunda metade do século XX, à medida que o jornalismo evoluiu de um trabalho braçal para uma profissão mais respeitável".

Para Ben Yagoda, é difusa a linha que separa fato e invenção na *New Yorker* e, de maneira geral, em qualquer texto de não ficção (ele escreveu isso no ano 2000). E Yagoda diz que citações extremamente longas não eram privilégio de Mitchell. Outros escritores, antes e depois dele, fizeram o mesmo – Henry Mayhew no século XIX e Morris Markey no XX. É possível que Mitchell tenha levado esse recurso a um extremo, escrevendo um texto ("As mulheres ciganas") em que noventa por cento das palavras eram ditas, entre aspas, por um chefe da polícia. Para a revista, o tamanho das citações não era problema. Um escritor só ouviria reclamações se as falas parecessem artificiais. Era uma questão de "habilidade", para usar o termo de Yagoda. E Mitchell era habilidoso.

No livro *Como funciona a ficção*, o crítico britânico James Wood (2011, p. 202-203) diz que "a ficção não pede que acreditemos nas coisas (num sentido filosófico), e sim para imaginá-las (num sentido artístico)". Embora Wood não esteja falando diretamente sobre a não ficção – e desconsidere que ela também pede para o leitor imaginar coisas –, a distinção que faz é muito parecida com a de Currie: imaginar, no sentindo artístico de que fala Wood, seria como fazer de conta. E acreditar, num sentido filosófico, seria aquilo que um texto de não ficção pede para o leitor fazer. Mais adiante, ele arremata: "quando contamos uma história […], nosso objetivo primário é gerar uma experiência imaginativa". Wood sublinha essa distinção entre acreditar e imaginar. *Acreditar*, segundo a filosofia analítica contemporânea, nomeia a "atitude que se tem ao admitir que algo pode ser considerado ou é visto

como verdade" (BELIEF, 2019, tradução nossa). Se você acredita em algo que um livro diz, num sentido filosófico, você aceita aquilo como verdade. Não ficção.

Ou, para ir além no paralelo proposto por Wood, talvez o jornalismo literário invista numa espécie de combinação dessas duas possibilidades: ele pede para você, a um só tempo, imaginar as coisas num sentido artístico e acreditar nelas num sentido filosófico. O efeito disso é um tipo de empatia diferente da empatia gerada pela ficção. Com o pacto referencial, a disposição do leitor para com o texto envolve baixar a guarda: ele, em princípio, não questiona a veracidade das informações e talvez libere o escritor para investir em um estilo diferente de narrativa. Para Malcolm, os personagens de um texto jornalístico-literário são pálidos se comparados aos fictícios (ela gostava dos russos e é compreensível que qualquer um pareça meio inexpressivo ao lado de figuras como Raskólnikov, Anna Kariênina e os irmãos Karamázov). Mas é possível que um personagem num texto factual não pareça tão vivo quanto outro num romance porque ele não precise disso. Sob a atmosfera da não ficção, tudo que entra no texto ganha vida na mesma hora. Mitchell escreve: "Uma loira mandona de cabelo bem amarelo chamada Mazie P. Gordon é uma celebridade na Bowery" e pronto!, Mazie surge na página com a moral de uma mulher *de verdade*. Existe uma pessoa chamada Mazie e é dela que Mitchell está falando. (Precisamos reconhecer que não é tão simples assim, afinal Mitchell escreveu dezenas de páginas sobre Mazie. Mas o argumento aqui é que a mesma frase teria um peso diferente no começo de um conto de ficção. Ela seria uma introdução e o leitor continuaria lendo para saber o que o escritor quer fazer com essa personagem. Num texto factual, é como se a personagem tivesse mais autonomia. O leitor considera que não é o escritor que decide o que fazer com Mazie, pois ela é dona do próprio destino e cabe ao escritor apenas contar aquilo que vê. Ainda que essa ideia seja ilusória em alguma medida – o escritor sempre terá poder de decisão –, trata-se de uma ilusão poderosa. No limite, Mitchell não poderia matar Mazie e ainda chamar o seu texto de perfil, mas ele pode escolher o que contar e também de que forma contar.)

O ensaísta argentino Juan José Saer (1937–2005), num texto curto – curtíssimo, se considerarmos os nós que procura desfazer – escrito em 1989 e intitulado "O conceito de ficção", argumenta que "a veracidade, atributo pretensamente científico, é nada mais do que o constructo retórico de um gênero

literário" (SAER, 2012). Por constructo – um termo da psicologia –, Saer parece se referir a uma criação mental.

Só essa frase já tem potencial para resolver problemas enormes do embate entre ficção e não ficção.[8] Aqui, cabe dizer que alguns autores que tratam do tema, ao falar de não ficção, costumam se referir a memórias e autobiografias. Muito raramente o jornalismo aparece no pacote. Quando se refere ao gênero "tão em moda na atualidade, chamado com excessiva segurança de *nonfiction*", Saer (2012) está falando também do jornalismo:

> A especificidade do gênero baseia-se na exclusão de todo rastro fictício, mas essa exclusão não é em si mesma garantia de veracidade. Mesmo quando a intenção de veracidade é sincera e os feitos narrados são rigorosamente exatos – o que nem sempre ocorre – continua vigente o obstáculo da autenticidade das fontes, dos critérios interpretativos e das turbulências de sentido características de toda construção verbal. Essas dificuldades, familiares no campo da lógica e amplamente debatidas no campo das ciências humanas, não parecem preocupar os felizes praticantes da *nonfiction*.

A crítica de Saer tem como alvo escritores que dizem retratar a verdade e não admitem nuances – nuances importantes por motivos como os listados pelo autor argentino. Defender a veracidade de um texto pode ser complicado, mas dispensar todas as tentativas de escrever um relato baseado em fatos apenas como mais uma versão do que ocorreu parece extremo. Existe mediação em tudo, mas também existem referências, regras e espaços para compreender e distinguir um texto que se assume como ficção de outro que se pretende não ficcional. Há diferenças entre um e outro. O problema são os percalços para se determinar que diferenças são essas e como percebê-las.

Com frequência, apela-se para o contrato que o autor faz com o leitor, como nos pactos propostos por Lejeune. O acordo é estabelecido e mantido com informações que estão dentro e ao redor do texto (e por vezes também distantes dele). No pacto autobiográfico, por exemplo, um livro cuja capa indique "Memórias" propõe que o relato no miolo de papel tem como ponto de partida as experiências de vida do autor – o que não diz muito, é preciso admitir, pois um romance também pode ser baseado na vida de quem escreve. Porém, de maneira mais simples e objetiva, e de acordo com Lejeune, um autor de memórias se propõe e escrever sobre o que

[8] Se você buscar ajuda em um dicionário, só para ver o que ele diz, a definição do *Merriam-Webster* para *nonfiction* explica que se trata de "textos e filmes que são sobre fatos e eventos reais". Problema: "ser sobre fatos" não determina o grau de compromisso que o texto ou filme deve ter com eles.

aconteceu, da forma como ele lembra que aconteceu. Isso já é alguma coisa. O jornalista também lança mão da memória para escrever. Além das entrevistas e dos documentos, ele pode usar as próprias experiências e testemunhos para relatar uma história. Para escrever *Na pior em Paris e Londres*, seu primeiro livro, Orwell viveu como um desvalido e trabalhou não só com suas anotações, mas também, com certeza, acessando suas memórias da experiência. Há até um episódio inusitado envolvendo o livro: em 1989, alguém encontrou uma primeira edição de *Na pior em Paris e Londres* em um sebo londrino com anotações do próprio Orwell nas margens das páginas. De acordo com jornalista Sérgio Augusto: "Em dezesseis pontos do volume, Orwell escrevera a caneta: '*This happened very much as described*' [Isso aconteceu bem assim]". É como se Orwell tivesse relido o livro para confrontar aquilo que colocou no papel com aquilo que viveu – ou, para ser mais exato, com aquilo que ele *lembra* que viveu.

O neurologista Oliver Sacks (1933–2015), escrevendo sobre a "Falibilidade da memória", afirma:

> Ao que parece, a mente ou o cérebro não possui um mecanismo para assegurar a verdade, ou pelo menos o caráter verídico das nossas recordações. Não temos acesso direto à verdade histórica, e o que sentimos ou afirmamos ser verdade […] depende tanto da nossa imaginação como dos nossos sentidos. Não existe nenhum modo pelo qual acontecimentos do mundo possam ser transmitidos ou registrados diretamente no cérebro: eles são experimentados e construídos de um modo acentuadamente subjetivo, que, para começar, é diferente em cada indivíduo, e além disso são reinterpretados ou novamente experimentados de forma diferente toda vez que a pessoa os recorda. Nossa única verdade é a verdade narrativa, as histórias que contamos uns aos outros e a nós mesmos – as histórias que recategorizamos e refinamos continuamente. Essa subjetividade é embutida na própria natureza da memória e decorre de sua base e dos mecanismos que possuímos no cérebro. O espantoso é que aberrações muito gritantes sejam relativamente raras e que a maior parte das nossas memórias seja sólida e confiável (SACKS, 2017, p. 91-92).

Não existem meios de fazer os eventos do mundo serem registrados pelo cérebro sem mediação nenhuma, explica Sacks. Assim como nossas memórias não são entidades inertes sobre as quais temos controle absoluto. Na opinião do neurologista, nossas memórias são falhas, frágeis e imperfeitas, mas também flexíveis e criativas. Diz Sacks (2017, p. 92):

> Fazer confusão com fontes ou ser indiferente a elas pode ser uma vantagem paradoxal: se pudéssemos identificar as fontes de todos os nossos conhecimentos, acabaríamos atolados em informações, muitas delas irrelevantes. A indiferença a fontes nos permite assimilar o que lemos, o que nos dizem, o que outros falam, pensam, escrevem e pintam, de um modo tão intenso e rico como se fossem experiências primárias.

No início do texto, Sacks conta que havia começado a colocar no papel algumas memórias suas com o intuito de escrever o que viria a ser o livro *Tio Tungstênio*, além de consultar cartas e diários que guardava desde os dezoito anos de idade.

> Aceitei que eu devia ter esquecido ou perdido muita coisa, mas supus que as memórias que ainda me restavam – em especial as que eram muito vívidas, concretas e circunstanciais – eram essencialmente válidas e confiáveis, e foi um choque quando descobri que algumas delas não eram nem uma coisa, nem outra (SACKS, 2017, p. 78-79).

Em *Tio Tungstênio*, ele escreve sobre dois bombardeios ocorridos em Londres entre 1940 e 1941. No primeiro, uma bomba de quinhentos quilos caiu no jardim do vizinho, mas não explodiu e todo mundo que morava por perto teve de abandonar sua casa com medo que o artefato detonasse de uma hora para outra. No segundo, uma bomba incendiária caiu atrás da casa da família Sacks e o pai de Oliver teria apagado o fogo com a ajuda dos filhos. Meses depois da publicação do livro, Sacks conversou sobre esses dois incidentes com seu irmão Michael, cinco anos mais velho, e descobriu, perplexo, que nem ele nem Michael estavam na casa da família no dia do incidente com a bomba incendiária. Porque os dois haviam sido mandados para um colégio interno no início da Segunda Guerra Mundial. David, o irmão mais velho de Oliver e Michael, foi quem viveu a experiência ao lado do pai e escreveu uma carta para os irmãos contando o que tinha acontecido. Oliver ficou eletrizado com o relato do irmão. "Não só fiquei eletrizado, mas decerto construí a cena em minha mente, com base nas palavras de David, e então apropriei-me da narrativa como se fosse uma memória pessoal" (SACKS, 2017, p. 80). O texto segue com outros exemplos – um famoso ocorreu com o então candidato a presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan, em 1980. Mais de uma vez, Reagan citou um relato de guerra em que o piloto de uma aeronave seriamente danificada não quis saltar de paraquedas para salvar a própria vida porque um de seus tripulantes estava ferido e não conseguiria pular. O piloto assumiu os riscos de pousar o bombardeiro. A história sempre levava Reagan às lágrimas, mas logo a imprensa (sempre ela) descobriu que a cena relatada pelo então candidato republicano fazia parte do filme *Uma asa e uma prece* (1944), com Don Ameche no papel principal. De acordo com Sacks, Reagan não agiu de má-fé e realmente acreditava no que estava dizendo. "Contudo, é espantoso perceber que algumas das nossas memórias mais queridas podem nunca ter acontecido – ou ter

acontecido com outra pessoa", escreve, e conclui: "A memória surge não só da experiência, mas também da interação de muitas mentes" (SACKS, 2017, p. 92).

Dentro do jornalismo, usa-se a técnica de consultar várias fontes relacionadas a um mesmo evento para se criar um quadro possível do ocorrido. Algo que o jornalista Bob Woodward, do caso Watergate, chama de "a melhor versão disponível da verdade". É um processo parecido com o da memória criada pela interação de várias mentes.

O objetivo deste estudo passa longe de discutir de maneira consistente questões ligadas à memória. Fizemos referência ao texto de Sacks apenas para reconhecer o quanto a memória pode ser complexa. Existem ferramentas e técnicas que ajudam um escritor de não ficção a reconstituir um fato, mas, em alguma medida (que não é pequena), ele depende das memórias de alguéns. Para complicar, às vezes não é possível confirmar uma informação crucial dada por uma fonte específica (algo que torturou Mitchell em *O segredo de Joe Gould*), ou nem sempre o escritor se dá o trabalho de confirmar (Gay Talese acabou descobrindo inconsistências no relato de seu perfilado no livro *O Voyeur* da pior maneira possível: lendo sobre elas no *Washington Post*[9]). Outro exemplo é da historiadora Jill Lepore (2016, p. 22-23). Quando se dispôs a checar as informações dadas por Mitchell nos perfis de Joe Gould, ela não conseguiu confirmar a data exata em que o mendigo do Village começou a trabalhar na sua "História oral". Nas referências, Gould e outras fontes citaram cinco datas diferentes (1912, 1914, 1916, 1917, 1918). Mais tarde, Lepore deduziu que a ideia para a "História oral" teria vindo do trabalho de conclusão de curso que Gould apresentou em Harvard. Outra justificativa para a profusão de datas, que Lepore não parece considerar a sério, seria o fato de a "História oral" não existir (a não ser na cabeça de Gould, que a cada hora falava uma coisa diferente).

Outra vez: Janet Malcolm. Além de escrever não ficção, ela está interessada em analisar o que um texto baseado em fatos é ou não é capaz de fazer. No livro *Lendo Tchekhov*, sobre o autor russo de "O beijo", Malcolm não só quer saber como

[9] O documentário *Voyeur*, lançado em 2017 e distribuído pela Netflix, mostra como o jornalista Gay Talese se deixou engambelar por um sujeito que tinha comprado um motel para espionar seus clientes, construindo até um esquema de dutos de ar e trilhas pelo sótão do prédio a fim de ter pontos de vista privilegiados. Talese acreditou em tudo que o sujeito lhe disse e depois descobriu que o relato dele sobre o período em que foi proprietário do motel tinha inconsistências.

foi que Tchekhov morreu, mas também como sua morte foi descrita pelas pessoas que estavam presentes no quarto de hotel em que ele morreu, na Alemanha, e também pelas pessoas que tiveram acesso aos relatos daqueles que testemunharam o ocorrido. Malcolm confronta (*compara* é um verbo leve demais) quatorze versões diferentes. Todas elas respeitam alguns fatos básicos: Tchekhov morreu num quarto de hotel; ele foi atendido por um médico alemão; o escritor disse para o médico: "Estou morrendo", em alemão (*Ich sterbe*); ele tomou uma taça derradeira de champanhe, depois deitou e morreu. Era 2 de julho de 1904. No quarto, além do dr. Schwöhrer, estavam a esposa de Tchekhov, Olga Knipper, e o estudante Lev Rabeneck, que presenciou a morte por acaso. Olga escreveu dois relatos, um em 1908 e outro em 1922. Lev foi escrever sua versão somente em 1958. O médico não deixou um relato próprio, mas foi citado três dias depois como referência num artigo assinado com as iniciais S.S. Um jornalista russo que escreveu sobre a morte no dia seguinte e mais oito biógrafos que publicaram seus livros entre 1937 e 1998 completam a lista de referências. Os fatos básicos não mudam de um relato para o outro, mas os detalhes mudam bastante. E parece que as versões vão ficando mais floreadas com o passar do tempo. Em seu segundo relato, de 1922, Olga escreve:

> Ele [Tchekhov] então pegou uma taça, virou seu rosto para mim, abriu seu fantástico sorriso e disse: "Há muito tempo não bebo champanhe", esvaziou calmamente sua taça, deitou-se tranquilamente apoiado no lado esquerdo e calou-se para sempre. O terrível silêncio da noite só foi perturbado por uma grande mariposa que entrou no quarto como num redemoinho, debateu-se aflita contra as lâmpadas elétricas e voou às tontas pelo aposento (MALCOLM, 2005, p. 61-62).

Numa biografia de 1950, *A Life of Chekhov* (*Uma vida de Tchekhov*), Irène Némirovski descreveu a mesma cena assim:

> Uma grande mariposa negra entrou no aposento. Voou de encontro às paredes, lançando-se contra as lâmpadas acesas, caindo dolorosamente no chão, com as asas chamuscadas, para esvoaçar de novo, no seu voo cego, impulsivo. Então, encontrando aberta a janela, desapareceu na noite sombria e amena. Nesse meio-tempo, Tchekhov tinha parado de falar e respirar: sua vida tinha chegado ao fim (MALCOLM, 2005, p. 66).

As leituras de Malcolm culminam na biografia publicada por Philip Callow em 1998, *Chekhov: The Hidden Ground* (*Tchekhov: a base oculta*), em que ele usa detalhes que tinham sido inventados pelo escritor Raymond Carver numa coletânea de contos publicada nove anos antes: surge um telefone que o médico usa para pedir uma

garrafa do melhor champanhe disponível no hotel; surge um jovem que levou o champanhe até o quarto e que tinha a aparência cansada e o paletó abotoado pela metade; e surgem três taças, uma bandeja de prata e um balde de gelo. Carver construiu um relato meio ficcional e meio factual da morte de Tchekhov, e Callow tomou tudo como fato, usando as informações na biografia sem fazer a devida referência (Malcolm descobriu porque conhecia o conto de Carver). "Carver pecou contra o espírito da ficção tanto quanto Callow pecou contra o espírito dos fatos. Como Callow não nos informa o que ele pegou de Carver, da mesma forma Carver não nos informa o que ele pegou de Olga e dos biógrafos", diz Malcolm (2005, p. 69).

Para o jornalista Otávio Frias Filho, com os relatos da morte de Tchekhov, Malcolm faz um "exercício fascinante de crítica comparada":

> O leitor sai da experiência [de ler Malcolm] persuadido de que Tchekhov morreu de forma não muito diversa da narrada (não há discrepâncias relevantes entre os relatos), mas também de que sua morte, tal como realmente ocorreu, jamais será conhecida. Malcolm deduz dessa cena a trivialidade de toda biografia, e filosofa que o âmago morre conosco, o que perdura é a casca (FRIAS FILHO, 2011, p. 165-166).

No episódio da morte de Tchekhov, as informações elementares foram respeitadas por autores diferentes. Mas há casos em que até um dado aparentemente simples consegue virar um problema. Num exercício parecido com o de Janet Malcolm, e posterior, o escritor George Saunders, no romance *Lincoln no Limbo*, extrai fragmentos de dezenas de livros históricos para criar uma narrativa que se passa no cemitério em que foi enterrado o filho de Lincoln, Willie, que de fato morreu aos onze anos, de febre tifoide. Não é fácil descrever a obra de Saunders. Ele mistura fragmentos históricos, devidamente referenciados com livro e autor (resta saber se são todos do mundo concreto, mas vários são), com o que dizem personagens fictícios (como os fantasmas que habitam o cemitério). Esses fantasmas ficam comovidos com aquele homem alto e magro que continua a visitar o túmulo de seu filho (na ficção, Lincoln volta ao cemitério várias vezes para abraçar o corpo do menino morto e os fantasmas querem saber do menino – do fantasma do menino – qual é a sensação de ser tocado assim por alguém vivo quando se está morto?). Nesse contexto, há um momento em que Saunders (2018, p. 228-229) procura montar um retrato de Lincoln a partir de descrições encontradas em textos históricos e algo simples como a cor dos olhos do presidente americano se torna um mistério indecifrável:

> Seus olhos cinza-escuros, límpidos, muito expressivos, variando conforme o estado de espírito.
> "The Life of Abraham Lincoln", Isaac N. Arnold.
>
> Seus olhos eram claros, penetrantes, com uma luminosa coloração cinzenta.
> "Lincoln's Photographs: A Complete Album", Lloyd Ostendorf, relato de Martin P. S. Rindlaub.
>
> Olhos entre o cinza e o castanho enterrados sob grossas sobrancelhas e circundados por rugas profundas e escuras.
> "Personal Recollections of Mr. Lincoln", Marquis de Chambrun.
>
> Seus olhos eram de um castanho-azulado.
> "Herndon's Informants", editado por Douglas L. Wilson e Rodney O. Davis, relato de Robert Wilson.
>
> Seus olhos eram de um cinza-azulado – embora sempre escurecidos pelas pálpebras superiores, anormalmente pesadas.
> "Six Months in the White House: The Story of a Picture", F. B. Carpenter.
>
> Bondosos olhos azuis, semiencobertos pelas pálpebras.
> "With Lincoln from Washington to Richmond in 1865", John S. Barnes.
>
> Eu diria que os olhos do presidente Lincoln eram de um cinzento-azulado ou de um azul-acinzentado, porque o azul, sem ser dominante, sempre era visível.
> Notas de Ruth Painter Randall, relato de Edward Dalton Marchant.

Diante dessa profusão de cores, não há como saber qual é a informação certa ou a mais próxima da realidade. Não há acordo. Quem tem razão? (Além disso, como mostrou Malcolm no caso dos biógrafos de Tchekhov, o exercício de escrever um texto de não ficção envolve às vezes um bocado de imaginação.)

O que diz o ensaísta Juan José Saer, que também era romancista, tem a ver com essa indefinição em torno da cor dos olhos de Lincoln. Quando critica a hierarquia que coloca a verdade dos fatos acima da ficção – veja os filmes e livros baseados em histórias reais que afirmam isso como um tipo de vantagem –, Saer (2012) aponta para o problema da indeterminação da verdade objetiva:

> Não se escrevem ficções para eludir, por imaturidade ou irresponsabilidade, o tratamento que a "verdade" exige, mas para evidenciar o caráter complexo da situação, complexidade esta em que o tratamento limitado ao verificável implica uma redução abusiva e um empobrecimento. […] A ficção é o meio mais apropriado para tratar as relações complexas entre o verdadeiro e o falso.

O jornalista Gay Talese se aproxima de Saer quando explica por que usa técnicas da ficção para escrever reportagens. Talese (2004, p. 9) argumenta que seu objetivo é "buscar uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação"; ele quer "uma abordagem mais imaginativa da

reportagem". Para Saer (2012), a maior dificuldade da não ficção está na sua eficácia ao representar a verdade objetiva. "Esta é uma obrigação difícil de cumprir", escreveu.

O tamanho dessa dificuldade é aparente no livro *The Lifespan of a Fact* (*A vida útil de um fato*). A revista *Harper's* encomendou um texto de John D'Agata sobre o fato de Las Vegas, em Nevada, ser a cidade com o maior número de suicídios dos Estados Unidos. O escritor decidiu abordar o assunto a partir da morte de um adolescente de dezesseis anos, Levi Presley, que saltou do topo de um arranha-céu com trezentos e cinquenta metros de altura. O suicídio de Presley foi um dos duzentos e sessenta e quatro registrados na cidade entre 2001 e 2003.

Por causa do que considerou imprecisões factuais (MCDONALD, 2012), a *Harper's* desistiu de publicar o texto e D'Agata o levou para outra revista, *The Believer* (e é divertido que o nome da publicação seja "A crente", embora não tenha nada a ver com religião e tenha sido fundada por escritores para falar principalmente sobre literatura). Antes de publicar a história, os editores submeteram o material a um *fact-checker*, o responsável pela checagem de fatos, de nome Jim Fingal.

(No Brasil, a Agência Lupa (2019) usa o termo em inglês – "A primeira agência de *fact-checking* do Brasil" –, mas também lança mão de "checador" para se referir ao profissional e de "checagem" para se referir à atividade.)

Com persistência, Fingal dissecou o trabalho de D'Agata e apontou os problemas do texto numa série de e-mails trocados entre 2003 e 2010, quando a *Believer* enfim publicou o texto, com correções, sob o título "*What happens there*" ("O que acontece lá", uma referência à expressão *What happens in Vegas stays in Vegas* ["O que acontece em Vegas fica em Vegas"], espécie de lema da cidade famosa por seus divertimentos adultos). O livro *The Lifespan of a Fact* publica o ensaio recusado pela *Harper's* em fragmentos pequenos no centro de cada página, emoldurados pela correspondência entre o escritor e o checador. O texto fica vermelho quando há conflito entre o que afirma D'Agata e o que conseguiu apurar Fingal. (O livro teve os direitos autorais cedidos para uma bolsa de estudos criada em memória de Levi Presley e, em 2018, deu origem a uma peça de teatro homônima no palco do Studio 54, de Nova York, com críticas positivas.)

Uma das questões abordadas em *The Lifespan of a Fact* é, exatamente: o quão negociável é um fato dentro de um texto de não ficção? Para complicar um pouco mais – uma complicação que não pretendemos enfrentar neste trabalho –, D'Agata rebate várias correções do checador dizendo que não é jornalista e que não tem a pretensão de escrever um texto jornalístico. Ele diz ter escrito um *ensaio* e usa esse carteiraço mais de uma vez. É uma complicação porque esse argumento aceita que o ensaio esteja na categoria de não ficção, mas o encara como algo diferente do jornalismo literário ou do texto científico. Nos termos de D'Agata, um ensaio é não ficção, mas não é factual.

Antes de continuarmos, vale explicar que o trabalho de um checador respeita algumas regras elementares – como transparência das fontes e da metodologia usada por ele, segundo a International Fact-Checking Network (IFCN, 2019). Além dessas, as publicações são livres para estabelecer regras próprias. No episódio envolvendo o ensaio sobre Las Vegas, a *Harper's* optou por não publicar o texto, mas a *Believer* o publicou com algumas correções e perdoou vários problemas apontados pelo checador – nesses casos, o editor funciona como um juiz. Quando um texto vai ser checado, é normal que o autor forneça para o *fact-checker* suas anotações e referências indicando de onde vieram as informações usadas no trabalho. Além disso, o checador entra em contato com as pessoas ouvidas pelo escritor a fim de conferir detalhes tão prosaicos quanto a grafia do nome da pessoa, mas confere também se o que elas disseram foi respeitado pelas aspas do texto.

No livro, a disputa entre Fingal e D'Agata é dura. O autor afirma que a queda de Presley levou nove segundos. Fingal foi atrás do boletim de ocorrência da polícia e descobriu que as autoridades registraram oito segundos – policiais que atenderam aos chamados de emergência feitos por testemunhas presenciaram o salto do adolescente (é estranho pensar que tenham cronometrado a queda do rapaz, mas é isso que sugere o documento oficial, da maneira como foi citado por Fingal).[10] Confrontado com a informação dos oito segundos, D'Agata responde que o número nove tem um significado importante para a história do jovem – remete, por exemplo, aos nove níveis do *tae kwon do* que era praticado por Levi. Em outras palavras, não era tão

[10] *The Splat Calculator*, disponível na internet, calcula o tempo de queda de um corpo e a velocidade no momento do impacto, mas não leva em consideração o atrito com o ar. De acordo com a calculadora, alguém (não importa o peso) que salta do topo da antena do Stratosphere, em Las Vegas, a 350 metros de altura, leva 8,45 segundos para atingir o chão. O atrito com o ar viria com uma série de variáveis e faria esse tempo aumentar. Na realidade, o observatório é um pouco mais baixo que a antena, mas sua propaganda oficial usa o número de 350 metros de altura.

importante assim o fato de ele ter acrescentado um segundo à queda, ainda mais se foi com a intenção de criar um efeito poético. "É só um segundo", diz D'Agata. Aliás, esse é um argumento frequente do autor: de estar usando arte e poesia para narrar uma história, e que arte e poesia são mais importantes que fatos verificáveis. Fingal, no entanto, discorda do escritor e contra-argumenta com vontade, dizendo que existe um documento afirmando que a queda levou oito segundos, então por que não corrigir a informação que está errada? "'Nove' é uma parte fundamental do texto a essa altura. E, de qualquer forma, admito mais para a frente que estou errado a respeito do número. Então não vou corrigir. Isso arruinaria o texto", escreve D'Agata em e-mail para Fingal. "O texto ficaria 'arruinado' por ficar mais preciso?", devolve o homem da checagem de fatos. "Sim", diz o autor (D'AGATA; FINGAL, 2012, p. 19, tradução nossa).

Lendo os fragmentos, é difícil não pensar que os dois estão de picuinha. Pode-se questionar inclusive como foi que a polícia calculou os oito segundos (algo que o livro não explica). A esgrima continua.

Em outro momento, Fingal discute a lógica de D'Agata por trás das estatísticas que cita. O autor relaciona todos os números a Las Vegas, mas Fingal descobre que parte deles se refere a Clark County, o condado onde fica Las Vegas, e outros se referem ao estado de Nevada. Fingal então pergunta se D'Agata gostaria de acrescentar um esclarecimento no ensaio, dando detalhes sobre os números apurados por ele. D'Agata responde:

> Não. Com todo respeito, Jim, você na verdade está muito enganado. Clark County *é* Las Vegas. Sim, existem várias comunidades além de Las Vegas dentro do condado, mas hoje em dia quando a gente se refere a "Las Vegas", quase sempre está falando de Clark County. Como você mesmo observou, Las Vegas é uma cidade relativamente pequena e, geograficamente, limita-se sobretudo ao "centro" de Las Vegas – a parte velha e esfarrapada da cidade que poucos turistas chegam a visitar. De fato, a maior parte da Las Vegas Strip – a parte da cidade em que a gente pensa quando ouve falar de "Las Vegas" – não fica em Las Vegas e sim em Clark County. Quando o Flamingo Hotel abriu em 1946, por exemplo – o primeiro hotel do que viria a ser a Strip [trecho da Las Vegas Boulevard onde fica a maioria dos cassinos e hotéis] –, ele abriu em uma cidade ao sul de Las Vegas, chamada Paradise, Nevada, que fica em Clark County. O hotel foi construído lá porque Bugsy Siegel queria que ele ficasse fora da jurisdição da cidade de Las Vegas. Apesar disso, duvido que hoje em dia a gente fosse considerar o Flamingo, ou qualquer um dos muitos hotéis que ficam na Strip, como estando fora de "Las Vegas". Então não existe nenhuma discrepância [nos números]. Esse é o tipo de simplificação que precisa ser feita, acho eu, para salvar o leitor de ter que ler explicações ridículas, extensas e desajeitadas como esta (D'AGATA; FINGAL, 2012, p. 29, tradução nossa).

Talvez a arte de um escritor de não ficção esteja justamente na capacidade de dar explicações que ficariam desajeitadas nas mãos de alguém menos talentoso sem passar por cima de informações relevantes. Esse parece ser o propósito de D'Agata. Ou talvez Fingal seja o herói da história, encontrando incoerências e inconsistências não só no texto de D'Agata, mas também em documentos oficiais – como nos relatórios da polícia (nesse caso, para onde correr?). A impressão que o livro deixa é de que os dois lados exageram seus argumentos.

The Lifespan of a Fact trata dos bastidores de um único texto feito por um escritor específico e verificado por um checador específico, mostrando que tipo de decisão orienta o processo de criação e edição de um texto de não ficção. Não significa que todos os escritores de não ficção ou que todos os ensaístas trabalham do mesmo jeito que John D'Agata, nem que todos os checadores pensam como Jim Fingal.

Quando Joseph Mitchell foi contratado pela *New Yorker* em 1938, a revista já tinha um departamento de checagem de fatos, criado por volta de 1927 pelo editor Harold Ross (KUNKEL, 2015, p. 155), o mesmo homem que daria a Mitchell a ideia de inventar o personagem Hugh G. Flood. Thomas Kunkel, o biógrafo de Mitchell, escreveu também uma biografia de Ross e, no livro sobre o editor, ele nem sequer menciona o episódio de Flood, mas conta que a ocorrência que levou à criação do departamento de *fact-checking* envolvia um perfil da poeta e dramaturga Edna St. Vincent Millay, publicado na edição de 12 de fevereiro de 1927. Dizem que o texto tinha tantos erros factuais que a mãe de Edna foi até a redação, furiosa, tirar satisfação com os editores.

Havia então um departamento de checagem na *New Yorker* que teria cuidado dos textos de Mitchell durante o tempo que ele trabalhou na revista. É possível que o próprio Ross, como primeiro chefe desse departamento, tenha sido o checador de Mitchell. Não se sabe como a checagem funcionava naquela época. Outros autores que escreveram sobre a *New Yorker* – como Ben Yagoda e Brendan Gill – não tocam nesse assunto.

Ter um departamento de *fact-checking* não era uma exclusividade da *New Yorker*. A revista *Time* já trabalhava com checadoras – eram todas mulheres – desde o início de sua publicação, em 1924, começando com Nancy Ford, assistente de Henry Luce, um dos fundadores da revista (HERE'S, 2017).

A preocupação com os fatos surgiu quando o jornalismo começou a se profissionalizar nos Estados Unidos, na virada do século XIX para o XX. Nas primeiras décadas do século XX, as publicações já tinham mecanismos que as ajudavam a ser mais precisas nas informações que publicavam. Um exemplo: o filho de Joseph Pulitzer, Ralph, criou o Bureau of Accuracy and Fair Play (Escritório de exatidão e equidade) dentro do jornal *World*, de Nova York, em 1913. Era esse escritório que recebia as reclamações e monitorava os erros dos repórteres. Porém, ele lidava com os problemas depois da publicação e não trabalhava para prevenir erros. Hoje, a checagem interna de publicações como *New Yorker* e *Time* ocorre antes de o texto ser veiculado.

Entra em cena a historiadora Jill Lepore.

Em 2016, vinte anos depois da morte de Mitchell, Lepore publicou *Joe Gould's Teeth* (*Os dentes de Joe Gould*). O livro é um trabalho minucioso de *fact-checking* dos dois textos que Mitchell escreveu sobre o mendigo do Village – "O Professor Gaivota" e "O segredo de Joe Gould". Sessenta e sete páginas do livro, de um total de duzentas e quarenta e quatro, são só para as notas e as fontes consultadas. Além de ser professora em Harvard, Lepore também escreve para a *New Yorker* e você poderia pensar que, por fazer parte da equipe da revista, ela talvez fosse condescendente com Mitchell. Lepore reconhece a importância do escritor e perdoa alguns pontos, mas, no fim das contas, é implacável. Com Mitchell e mais ainda com Gould.

A parte de Lepore na história de Mitchell começa quando ela decidiu dar um curso para estudantes de segundo ano em Harvard, chamado "O que é biografia?". "O objetivo era ensinar os alunos como pesquisar e escrever sobre a vida de outras pessoas", explica Lepore (2016, p. 15, tradução nossa). Como bibliografia, ela pensou em obras que admira e que, de alguma forma, falam sobre "o erro que é acreditar que você pode mesmo conhecer uma pessoa". Entre os livros que indicou, estavam *O sentido de um fim*, de Julian Barnes, e *O segredo de Joe Gould*. Ao reler os textos de Mitchell, lembrou: uma parte do livro tem a ver com Harvard (além de ter estudado na universidade, Gould queria deixar uma parte substancial de sua "História oral" para a biblioteca da instituição):

> No bolso interno do paletó [Gould] sempre leva um envelope encardido, contendo um testamento em que lega dois terços do manuscrito à Biblioteca de Harvard e o terço restante à Smithsonian Institution. "Depois que eu morrer, os acadêmicos vão começar a folhear minha obra", gosta de repetir. "Imagine só a surpresa deles. 'Puxa, esse cara foi o historiador mais brilhante do século', dirão." (MITCHELL, 2003, p. 17).

Lepore começou a se perguntar onde estava esse testamento e, sobretudo, onde estava a "História oral"? "Um dia antes de começar as aulas, fui até a biblioteca. Tive uma ideia louca: eu queria encontrar os arquivos perdidos", escreve ela (2016, p. 17, tradução nossa).

À medida que percorria as cartas, diários e outros papéis de Gould, de Mitchell e de pessoas que se corresponderam com ambos – outros escritores, professores e artistas –, Lepore encontrou "um abismo":

> Reportagem começa com o ato de ouvir; história começa com o ato de ler. O passado é o que está escrito. É muito silencioso; os únicos sons que você ouve são de pessoas que sabem escrever. Gould queria que a história fosse mais barulhenta e também mais democrática; ele queria registrar falas. Mitchell amou essa ideia. E se você conseguisse *misturar* reportagem e história?
>
> Quando Mitchell foi até a biblioteca, as informações [fornecidas por Gould] conferiam. Mas quando eu fui até a biblioteca, e sob a meia-luz dos arquivos, quase nada conferia. Surgiu um abismo. E eu despenquei dele (LEPORE, 2016, p. 18, tradução nossa).

Lepore descobriu, para começar, que Gould não se formou em Harvard em 1911, como tinha afirmado Mitchell, porque teve um colapso nervoso (as fontes dessas informações são cartas trocadas entre a universidade e o pai de Gould). Ele conseguiu seu diploma somente em 1917 e, logo depois, viajou para Nova York onde passou a dormir em abrigos, a viver de esmolas e a "dizer, para quem quisesse ouvir, que era o historiador mais genial do século XX, que estava escrevendo a história do mundo e que, enquanto houvesse língua inglesa, sua obra continuaria relevante" (LEPORE, 2016, p. 40, tradução nossa). O impulso inicial da historiadora foi tentar descobrir o que teria acontecido com a "História oral". Ela seguiu as pistas de Mitchell, mas terminou desencavando uma quantidade impressionante de informações sobre Gould – de sua prisão por ter protestado contra a estreia de *O nascimento de uma nação*, o filme racista de D. W. Griffith, até a obsessão por uma artista plástica negra que Lepore, depois de algum esforço, descobriu se chamar Augusta Savage. Numa espécie de justiça poética, Lepore dedica o segundo e mais extenso capítulo do livro para falar de Miss Savage, uma artista talentosa que caiu no ostracismo, de acordo com a historiadora, por não ter correspondido aos sentimentos de Gould. Ele a

perseguiu tanto e a assombrou tanto que ela acabou destruindo seus documentos e boa parte de sua arte num esforço para desaparecer, para apagar os próprios rastros (WHO, 2016).

Lepore chega a conclusões que colocam Mitchell numa situação bem difícil. "Eu não acho que ele [Mitchell] estava assim tão interessado em ler a 'História oral'", escreve Lepore (2016, p. 49, tradução nossa). "Ele estava mais interessado em ouvir Gould. (O texto funcionou melhor em 1942 porque a 'História oral' existia. E o de 1964 funcionou melhor porque ela não existia)." Ela sugere que Mitchell ignorou de propósito evidências que teriam comprometido seus textos. Contudo, as provas que encontra para afirmar isso não são conclusivas – ela mesma admite isso. Dos duzentos e setenta cadernos que Gould dizia ter preenchido com a "História oral", ela encontra apenas um – justamente o que estava no arquivo de Mitchell. Uma mulher que conhecia Gould, chamada Florence Lowe, depois de ter lido o segundo perfil (o do segredo), escreveu para o autor dizendo ter guardado alguns cadernos de Gould e se ofereceu para enviar um exemplar. Mitchell aceitou. O caderno, de acordo com a descrição de Lepore, tem só as primeiras páginas preenchidas com o que parecem ser relatos orais de pessoas comuns. Assim como Mitchell, esse caderno foi o mais perto que ela chegou de uma prova concreta da "História oral". Nada impressionante. Diante disso, e diante dos erros factuais que Mitchell não conseguiu apurar – ou preferiu não apurar – e dos fatos que ele escolheu relatar, Lepore (2016, p. 50) afirma que era arriscado cravar que a "História oral" era uma mentira elaborada e encenada por anos. Tudo que Mitchell tinha era um palpite. O raciocínio de Lepore (2016, p. 147, tradução nossa), que também soa como um palpite, é: "Que a história oral nunca tenha sido encontrada não prova que ela nunca existiu". Porém, ela também se desincumbe da tarefa de encontrá-la.

A maior crítica que Lepore faz a Mitchell tem a ver com o embelezamento da desgraça de Joe Gould. Para ela, os problemas psicológicos do boêmio eram evidentes e cita a história de imitar gaivotas como exemplo. Hoje, abanar os braços e berrar como uma ave são sintomas reconhecidos de autismo. Ela encontrou anotações que Mitchell fez depois de visitar Gould num hospital psiquiátrico – ele tinha sido encontrado na rua, desmaiado e com ferimentos – em 1943. O psiquiatra com quem Mitchell conversou, afirma Lepore (2016, p. 112), "não acreditava que Gould era um excêntrico inofensivo. Acreditava que ele era um psicopata" (a nota associada à afirmação explica que esse diagnóstico era mais amplo naquela época).

Lepore e Mitchell falam da mesma pessoa, mas escrevem histórias muito diferentes. A que Lepore escolheu contar é sobre a vida triste de um homem com problemas mentais que vivia nas ruas e morreu doente num sanatório. Uma figura que não tem nada a ver com o excêntrico divertido de "O Professor Gaivota" (um retrato que o próprio Mitchell rebateria vinte e dois anos depois). Sobre o primeiro perfil, o que romantiza Joe Gould, Lepore (2016, p. 26, tradução nossa) diz:

> Acreditar no que não é real e escrever ficção têm a ver com imaginar coisas: delírio e ilusão. Mas apresentar uma ficção como fato não tem a ver com imaginar coisas: é uma mentira. E mentiras costumam prejudicar as pessoas. Gould foi prejudicado e Mitchell também. Imagino que eles não foram os únicos.

4 Sobre os motores do jornalismo literário

A suspeita na origem deste estudo era de que a diferença entre um texto literário de ficção e outro de não ficção se resumiria apenas ao rótulo escolhido pelo escritor ou pelo editor. Chamar um texto de perfil (como fez o editor Harold Ross com o trabalho de Mitchell sobre Mr. Flood) ou de ficção (como Ross deveria ter feito) era só uma questão de decidir que carroceria pôr sobre um motor que funcionaria da mesma forma nos dois casos. Romancistas usam o mundo concreto assim como o escritor de não ficção apela para a imaginação e um texto pode ser aquilo que dizem que ele é. O perfil de Mr. Flood, repleto de detalhes factuais, foi lido primeiro como não ficção. Depois, como texto ficcional. Hoje, talvez isso não faça diferença.

No entanto, jornalistas com ambições literárias continuam escrevendo textos baseados em fatos e chamam isso de não ficção. O jornalismo literário ainda é uma modalidade do jornalismo, por mais que Ruy Castro pense diferente. Aos noventa e quatro anos, a revista *New Yorker* segue publicando tanto ficção quanto não ficção. Os problemas não deixaram de existir, mas escândalos como o do livro *O Voyeur*, de Talese, são raros. Isso significa que existe muita gente fazendo um bom trabalho em produzir literatura de não ficção. Bom o bastante para não gerar escândalos.

A pergunta feita pelos jornalistas num debate promovido pela *New Yorker* é importante: os textos de Mitchell poderiam ser publicados hoje pela revista da mesma forma que foram sessenta, setenta, oitenta anos atrás? “O leitor precisa saber o que está acontecendo”, respondeu David Remnick. Ele, na condição de editor da *New Yorker*, disse que hoje o trabalho de Mitchell teria de passar por mudanças para que pudesse ser rotulado como não ficção. Caso contrário, seria considerado… ficção. E não se pode esquecer que os critérios da *New Yorker* são diferentes dos critérios do *New York Times*, que não são os mesmos da revista *Time*. Apesar de compartilharem um território comum, cada veículo opera da maneira que lhe convém – como quando a *Believer* acabou publicando o texto de John D’Agata que tinha sido recusado pela *Harper’s*.

Remnick não dá detalhes de que mudanças seriam necessárias nos textos de Mitchell, mas podemos supor que elas envolvem aspas que se estendem por várias páginas sem interrupção, personagens que não existem, biografias inventadas e depois desmentidas, e meses de entrevistas condensados num único dia. São liberdades

grandes demais para um texto que se pretende factual. Somadas à relutância de Mitchell em reconhecer a ficcionalidade de seus textos, ou em explicar seus métodos para o leitor, fica evidente a mudança de paradigmas que ocorreu na segunda metade do século XX. Não só no canto do jornalismo literário, mas em toda a prática jornalística. Repórteres descobriram como ser mais combativos e críticos, e tiveram de aprender a se defender. Dito isso, é preciso reconhecer que Mitchell foi um desbravador que definitivamente mudou o jornalismo e indicou o caminho para profissionais que vieram depois dele.

As diferenças entre dois textos literários, um factual e outro ficcional, não se resume apenas a uma escolha aleatória de rótulos (embora pareça ter sido assim antigamente). O jogo literário da não ficção é, afinal, mais complexo que isso. As ferramentas da ficção dão mais liberdade para um escritor, mas trata-se de uma liberdade vigiada.

Sobrepor ficção e não ficção, como fazem os adeptos do jornalismo literário, gera complicações. Mais que isso, parece que essas complicações são bem-vindas, pois elas animam a história que está sendo narrada. São elas que fazem um texto de não ficção funcionar.

O trânsito entre o mundo que está no papel e o que está fora dele, apesar de complicado, acaba criando um espaço confortável, aconchegante. O leitor fica à vontade para se envolver com a história e com os personagens. E o escritor, à vontade para selecionar os fatos que julga mais importantes, a fim de narrar uma das histórias possíveis sobre o tema ou o personagem que escolheu abordar. As possibilidades são várias. No caso de Joe Gould, Mitchell e Lepore contaram histórias bem diferentes sobre um mesmo homem.

Sentindo-se seguro nesse espaço (trata-se de um texto solidamente baseado em fatos), o leitor deixa os artifícios literários em segundo plano. Rendido, acaba sendo levado para onde o escritor quiser levá-lo. Seu envolvimento com o texto é diferente do que seria lendo uma ficção.

Do ponto de vista do escritor, o texto de não ficção funciona como um filme do gênero documentário. O autor decide o que mostrar, o que ignorar, quando chamar atenção para um detalhe específico e como organizar a sequência de eventos. A certa altura do documentário *Caverna dos sonhos esquecidos* (2010), o cineasta Werner Herzog dá uma ordem para seu entrevistado, um pesquisador simpático que está no meio de um vinhedo disposto a mostrar como os homens caçavam com lanças

milhares de anos atrás. O pesquisador arremessa a lança, que desenha uma trajetória meio torta e cai vários metros adiante, depois ele olha para a câmera meio sem jeito e faz menção de buscar a lança para tentar uma segunda vez. É quando Herzog diz, bruscamente: "Fique aqui" para impedir que o entrevistado se afaste da câmera. Ele fica e continua a responder às perguntas do diretor. Algo semelhante ocorre no documentário *Santiago* (2007), de João Moreira Salles. O protagonista foi mordomo da família do diretor e o filme é sobre suas memórias. Santiago está sentado na cozinha de seu apartamento, dando um depoimento com um pesado sotaque espanhol e o diretor diz: "Agora, Santiago [que ameaça se levantar]… se levanta depois. Fica nessa posição, pensa um pouco na sua avó, na minha mãe e fala *requiem in pace, amen*, só isso".[11] Moreira Salles controla não só o lugar em que o personagem deve ficar, mas também *o que ele deve dizer*.

O trabalho de um escritor de não ficção obedece a uma lógica parecida. Fique aqui. Pense naquilo. Fale isso. O personagem é dirigido pelo autor da história. Quem está lendo talvez não tenha ideia do tamanho do controle exercido pelo escritor. O controle de alguém que está de posse dos fatos, ainda que não tenha a propriedade deles.

[11] A expressão correta em latim seria: *requiescant in pace, amen* (descansem em paz, amém).

REFERÊNCIAS

A CAVERNA dos sonhos esquecidos. Direção: Werner Herzog. Canadá, Estados Unidos, França, Alemanha e Reino Unido: Creative Differences, 2010. 90 min., son., color.

AFTER 35 Years, 'Fatal Vision' author, killer meet again. **CNN**, Nova York, 30 set. 2012. Disponível em: <http://tiny.cc/nuye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

AGEE, J.; EVANS, W. **Elogiemos os homens ilustres**. Tradução: Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AGÊNCIA LUPA. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em: 22 maio 2019.

AUGUSTO, S. A opção pelos pobres. In: ORWELL, G. **Na pior em Paris e Londres**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BAILEY, B. Man in Profile: Joseph Mitchell of *The New Yorker*, by Thomas Kunkel. **The New York Times**, Nova York, 24 maio 2015. Disponível em: <http://tiny.cc/2hye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

BELIEF. In: **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/belief/>. Acesso em: 22 maio 2019.

BENSIMON, C. **The Tallest Tree #1** [Newsletter mensal enviada por e-mail]. Mensagem recebida por: <inetto@gmail.com>. 5 dez. 2018.

BOYNTON, R. S. **The New New Journalism**. Nova York: Vintage, 2005.

BRIEFLY noted. **The New Yorker**, Nova York, 15 out. 2001. Disponível em: <http://tiny.cc/hxye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 3 ed.

CAPOTE, T. **A sangue frio**. Tradução: Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CASTRO, R. O tapeador tapeado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 3 ago. 2016. Disponível em: <http://tiny.cc/8fye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

CRÔNICA de uma certa Nova York. Direção: Stanley Tucci. Estados Unidos: Bohemian Productions, 2000. 104 min., son., color.

CURRIE, G. **The Nature of Fiction**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2008.

D'AGATA, J. What happens there. **The Believer**. Las Vegas, 1 jan. 2010. Disponível em: <https://believermag.com/what-happens-there/>. Acesso em: 22 maio 2019.

D'AGATA, J.; FINGAL, J. **The Lifespan of a Fact**. Nova York: W. W. Norton & Company, 2012.

DENBY, D. Opposites Attract. **The New Yorker**, Nova York. 10 abr. 2000. Disponível em: <http://tiny.cc/glye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

DIDION, J. **O ano do pensamento mágico**. Tradução: Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo: Publifolha, 2001.

FRIAS FILHO, O. Janet Malcolm, a narrativa impossível. In: MALCOLM, J. **O jornalista e o assassino**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GALINDO, C. W. **Sim, eu digo sim**: uma visita guiada ao *Ulysses* de James Joyce. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GILL, B. **Here at the New Yorker**. Cambridge: Da Capo Press, 1997.

HERE'S How the First Fact-Checkers Were Able to Do Their Jobs Before the Internet. **Time**, Nova York, 24 ago. 2017. Disponível em: <http://tiny.cc/5oye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

HOLDEN, S. Charismatic Curmudgeon vs. New York City Writer. **The New York Times**, Nova York, 7 abr. 2000. Disponível em: <http://tiny.cc/lnye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

IFCN – International Fact-Checking Network. Disponível em: <http://tiny.cc/oqye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

JOYCE, J. **Finnegans Wake**. Londres: Penguin Books, 2000.

_____. **Ulysses**. Tradução: Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

KAKUTANI, M. A Kaleidoscopic Perspective on a Murder, and Dreams Lost and Found. **The New York Times**, Nova York, 4 mar. 2008. Disponível em: <http://tiny.cc/0sye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

KUNKEL, T. **Genius in Disguise: Harold Ross of *The New Yorker***. Nova York: Random House, 1995.

_____. **Man in Profile: Joseph Mitchell of *The New Yorker***. Nova York: Random House, 2015.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 2 ed.

LEPORE, J. **Joe Gould's Teeth**. Nova York: Alfred A. Knopf, 2016.

MALCOLM, J. **In the Freud Archives**. Nova York: New York Review of Books, 2002.

_____. **Lendo Tchekhov**. Tradução de Tatiana Belinky. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

_____. **O jornalista e o assassino**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. The master writer of the city. **The New York Review of Books**, Nova York, 23 abr. 2015. Disponível em: <http://tiny.cc/71ye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

MCDONALD, J. B. In the Details. **The New York Times**, Nova York, 21 fev. 2012. Disponível em: <http://tiny.cc/y3ye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

MCSORLEY'S OLD ALE HOUSE. Disponível em: <https://mcsorleysoldalehouse.nyc/history/>. Acesso em: 22 maio 2019.

MITCHELL, J. A place of pasts. **The New Yorker**, Nova York, 16 fev. 2015. Disponível em: <http://tiny.cc/u5ye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

_____. A vida assombrada das ruas. Tradução: José Rubens Siqueira. **Serrote**, São Paulo, jul. 2013, n. 14, p. 56-71.

_____. Days in the branch. **The New Yorker**, Nova York, 1 dez. 2014. Disponível em: <http://tiny.cc/h7ye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

_____. **McSorley's Wonderful Saloon**. Nova York: Pantheon, 2001a.

_____. **My Ears Are Bent**. Nova York: Vintage, 2001b.

_____. O bar do McSorley. Tradução: Hildegard Feist. **Piauí**, Rio de Janeiro, jan. 2017, n. 100, p. 42-48.

_____. O homem – com variações. Tradução: Jorio Dauster. **Serrote**, São Paulo, mar. 2019, n. 31, p. 40-65.

_____. **O Segredo de Joe Gould**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Robeson em Manhattan. Tradução: Donaldson M. Garschagen. **Serrote**, São Paulo, mar. 2016, n. 22, p. 156-169.

MITCHELL, J. Street Life. **The New Yorker**, Nova York, 11 fev. 2013. Disponível em: <http://tiny.cc/29ye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

_____. **Up in the Old Hotel**. Nova York: Pantheon, 1992.

MOREIRA SALLES, J. O homem que escutava. In: MITCHELL, J. **O segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NEW JOURNALISM. In: **Wikipedia**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/New_Journalism>. Acesso em: 22 maio 2019.

O ESTADO DE S. PAULO. **Manual de Redação**. Disponível em: <http://tiny.cc/ccze7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

ORWELL, G. **Na pior em Paris e Londres**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RUNDUS, R. J. **Joseph Mitchell – A Reader's and Writer's Guide**. Lincoln: iUniverse, 2013.

SACKS, O. A falibilidade da memória. In: _____. **O rio da consciência**. Tradução: Laura Teixeia Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SAER, J. J. O conceito da ficção. Tradução: Luís Eduardo Wexell Machado. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 8, jul. 2012.

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2007. 80 min., son., p&b.

SAUNDERS, G. **Lincoln no limbo** – Um romance. Tradução: Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHUDSON, M. **Descobrindo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Tradução: Denise Jardim Duarte. Petrópolis: Vozes, 2010.

SEVERO, R. Joseph Mitchell, Chronicler of the Unsung and the Unconventional, Dies at 87. **The New York Times**, Nova York, 25 maio 1996. Disponível em: <http://tiny.cc/tcye7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

_____. Cronista dos anônimos – Joseph Mitchell. In: SUZUKI JR., M. (Org.). **O livro das vidas** – obituários do *New York Times*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SIMS, N. Joseph Mitchell and *The New Yorker* Nonfiction Writers. In: _____. (Ed.). **Literary Journalism in the Twentieth Century**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2008. Disponível em: <http://tiny.cc/aeze7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

ST. NORBERT COLLEGE. **Joseph Mitchell and the City**. Disponível em: <http://tiny.cc/2fze7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

TALESE, G. **Fama & anonimato**. Tradução: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THE NEW YORKER. **A talk on Joseph Mitchell**. Disponível em: <http://tiny.cc/nhze7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

THE SPLAT CALCULATOR. Disponível em: <http://tiny.cc/6ize7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

VOYEUR. Direção: Myles Kane; Josh Koury. Estados Unidos: Brooklyn Underground Films, 2017. 95 min., son., color.

WEINGARTEN, M. **A turma que não escrevia direito**. Tradução: Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2010.

WHO Was Joe Gould, And Did He Really Write The World's Longest Book? **NPR – National Public Radio**, Nova York, 16 maio 2016. Disponível em: <http://tiny.cc/tkze7y>. Acesso em: 22 maio 2019.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOOD, J. **Como funciona a ficção**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

YAGODA, B. **About Town**. Cambridge: Da Capo Press, 2000.

APÊNDICE 1 – A tradução anotada de *O fabuloso bar do McSorley*

I

O velho bar da minha cidade

O McSorley ocupa o andar térreo de um predinho de tijolos vermelhos no número 15 da 7th Street, perto da Cooper Square, onde termina a Bowery. Fundado em 1854, é o bar mais antigo de Nova York. Em oitenta e oito anos, teve quatro donos – um imigrante irlandês, seu filho, um policial aposentado, e sua filha – e todos eles foram contra mudanças. O bar é equipado com eletricidade, mas continua a ser teimosamente iluminado por um par de lamparinas a gás bruxuleantes que lançam sombras no teto baixo cheio de teias de aranha toda vez que alguém abre a porta da frente. Não há caixa registradora. As moedas ficam em tigelas de sopa – uma para as de cinco, uma para as de dez, uma para as de vinte e cinco e uma para as de cinquenta centavos – e as notas são guardadas em uma caixa de madeira[12]. É um lugar sonolento; os *bartenders* nunca fazem um movimento desnecessário, os clientes afagam suas canecas de cerveja e os três relógios nas paredes não entram em acordo há muito tempo. A clientela é sortida. Inclui mecânicos de várias oficinas da vizinhança, vendedores de lojas de suprimentos para restaurantes na Cooper Square, motoristas de caminhão da Wanamaker's[13], internos do Bellevue[14], estudantes da Cooper Union e balconistas do corredor de sebos ao norte da Astor Place[15]. A base da clientela, no entanto, é um grupo cada vez menor de velhos ríspidos, muitos deles irlandeses, que bebem no bar desde que eram jovens e agora se sentem um pouco donos do lugar. Alguns têm aposentadorias ínfimas e são sozinhos no mundo; dormem em hotéis na Bowery e passam quase todas as horas do dia no McSorley. Um

[12] *Rosewood*, no original. Chamada de pau-rosa, é uma árvore nativa das Guianas e da Amazônia, da família das lauráceas, com casca pardo-avermelhada.
[13] Wanamaker's é uma das primeiras lojas de departamentos dos Estados Unidos. Fundada em Filadélfia, na Pensilvânia, o melhor momento da rede foi nas primeiras décadas do século XX, quando havia uma filial na Broadway, em Nova York.
[14] O Bellevue fica em Manhattan e é o hospital público mais antigo dos Estados Unidos, fundado em 1736.
[15] A Astor Place é uma ruazinha de duas quadras em Manhattan que parte da Broadway, passa pela Cooper Square e termina na Third Avenue.

punhado desses veteranos com certeza se lembra de John McSorley, o fundador, que morreu em 1910 aos oitenta e sete anos. Eles gostam de falar do Velho John sentados em poltronas mirradas ao redor da estufa barriguda que aquece o lugar, mascando as piteiras de seus cachimbos.

O Velho John era excêntrico. Quase sempre era afável, mas estava sujeito a períodos de um mau humor inexplicável durante os quais se recusava a responder quando lhe dirigiam a palavra. Ele ficou careca ainda jovem e começou a usar costeletas patriarcais e desgrenhadas antes dos quarenta. Ainda existem várias fotografias dele, e é evidente que tinha uma dignidade discreta. Ele moldou sua taberna inspirado em um bar que conheceu em sua cidade natal, na Irlanda – Omagh, em County Tyrone – e a chamou originalmente de O Velho Bar da Minha Cidade; por volta de 1908, a placa foi arrancada pelo vento e, quando encomendou uma nova, ele mudou o nome para A Velha Cervejaria do McSorley. Esse ainda é o nome oficial; os clientes chamam só de McSorley. O Velho John acreditava ser impossível para os homens beber com tranquilidade na presença de mulheres; existe um bom espaço reservado nos fundos do bar, mas por vários anos uma placa pendurada na porta de entrada dizia: "Aviso. Não temos espaço reservado para mulheres". Na verdade, em toda a história do McSorley, a única mulher tolerada no bar foi uma senhora chamada Dona Amendoinzinho Torrado, uma vendedora ambulante confusa que dizia que o marido havia morrido de uma mordida de lagarto em Cuba durante a Guerra Hispano-Americana e que viveu de bar em bar no Lower East Side durante duas gerações vendendo amendoins, que carregava num avental. Em dias quentes, o Velho John lhe vendia uma cerveja e ela o estimava tanto que chegou a bordar uma pequena bandeira americana para presenteá-lo num Quatro de Julho; ele mandou enquadrar, pendurou na parede acima da torneira de cerveja e a bandeira ainda está lá. Quando outras mulheres entravam, o Velho John saía rápido de trás do balcão, fazia uma reverência e dizia: "Madame, sinto muito, mas não servimos mulheres". Se uma mulher insistia, o Velho John a pegava pelo braço e a conduzia até a porta dizendo: "Madame, por favor, não me provoque. Seja rápida e saia do meu estabelecimento, ou serei obrigado a esquecer que a senhora é uma dama". Essa técnica, sem tirar nem pôr, ainda é usada.

Em sua época, o Velho John atendia os trabalhadores irlandeses e alemães – carpinteiros, curtidores, pedreiros, açougueiros de matadouros, caminhoneiros e cervejeiros – que povoavam a vizinhança da 7th Street, vendendo cerveja em canecas

de estanho por cinco centavos a caneca e fornecendo almoços grátis que consistiam, invariavelmente, de bolachas salgadas, cebolas cruas e queijo; clientes de hoje em dia reclamam que o queijo ainda é o mesmo servido pelo Velho John na noite de abertura em 1854. Para acompanhar o almoço grátis, sobre um suporte de argila, ele disponibilizava um pote de tabaco e cachimbos feitos de argila e de sabugo de milho – a compra de uma cerveja dava ao cliente o direito de fumar por conta da casa; o suporte ainda guarda alguns dos cachimbos comunitários. O Velho John era econômico e conseguiu comprar o predinho onde fica o bar – com cinco andares, abriga oito famílias – mais ou menos dez anos depois de ter aberto o bar no térreo. Ele desconfiava de bancos e sempre guardava seu dinheiro num cofre de ferro; o cofre ainda existe e fica no espaço reservado, mas as dobradiças das portas estão frouxas e a única coisa que ainda guarda é uma pilha de alvarás de bar vencidos e várias relíquias do McSorley, incluindo a navalha do Velho John. Ele vivia com a família num apartamento bem em cima do bar e acordava todo dia às cinco da manhã e dava uma longa caminhada antes do café, não importavam as condições meteorológicas. Ele abria a taberna às sete, varria o lugar e espalhava serragem pelo chão. Até ficar fraco demais para manobrar uma aranha[16], foi dono de um cavalo e de uma cabrita num estábulo virando a esquina da St. Mark's Place. Ele mantinha os dois no mesmo espaço, acreditando, como muitos que gostam de animais, que cavalos precisam de companhia à noite. Quando o movimento baixava à tarde, um funcionário da estrebaria conduzia o cavalo até um poste diante do bar e o Velho John, de pé no meio-fio usando seu avental, almofaçava o animal. Um cliente que quisesse ser atendido, dava umas batidinhas na janela e o Velho John largava a almofaça, entrava no bar, servia a cerveja e voltava rápido para cuidar do cavalo. Aos domingos, ele disputava corridas de aranha em percursos na parte alta da ilha.

Dos vinte até os cinquenta e cinco anos, o Velho John bebeu regularmente, mas ao longo dos últimos trinta e dois anos de vida, não ingeriu nem uma gota de álcool, dizendo: "Já bebi a minha cota". A não ser por alguns meses de experiência em 1905 e em 1906, o McSorley nunca vendeu destilados; o Velho John dizia que não existia homem no mundo que precisasse de uma bebida mais forte do que uma caneca de cerveja aquecida na borda da estufa. Ele comia bem. Pouco antes de fechar à noite, tinha o hábito de assar uma bisteca de um quilo e meio, colocando a carne na pá de

[16] *Aranha* é um veículo leve de duas rodas puxado por um cavalo, semelhante a uma charrete, mas com assento para apenas uma pessoa.

carvão e segurando acima do fogo feito com lenha de carvalho na lareira do espaço reservado. Ele gostava de encaixar uma cebola inteira na ponta de uma baguete sem o miolo e comer como se fosse uma maçã. Tinha um apetite extraordinário para cebolas, quanto mais fortes, melhor, e dizia que: "Uma boa cerveja, cebolas cruas e nada de mulheres" era o lema de sua taberna. No período do inverno, mais ou menos uma vez por mês, ele presidia uma churrascada por conta da casa no espaço reservado e, no fim da vida, ele se tornou presidente de uma agremiação de glutões chamada Clube do Honorável John McSorley de Picles, Bisteca, Beisebol e Ensopado[17], que promovia mariscadas[18] em piqueniques num bosque da North Brother Island, no East River. Nas paredes, estão penduradas várias fotos dos eventos do clube, e na maioria delas os membros estão agachados ao redor de barris de cerveja; à exceção do presidente, todos parecem atordoados e com um sorriso frouxo de quem tomou todas. O Velho John tinha um vozeirão grave e gostava de cantar com um coro de bêbados. Suas canções favoritas eram "Muldoon, the Solid Man", "Swim Out, You're Over Your Head", "Maggie Murphy's Home" e "Since the Soup House Moved Away". Essas canções eram de Harrigan e Hart, que na época eram conhecidos como "Gilbert e Sullivan dos Estados Unidos"[19]. O Velho John tinha um respeito enorme por eles e ficou extremamente satisfeito quando, em 1882, os dois se inspiraram no bar para fazer uma de suas comédias, "A Inflação do McSorley".

Embora não fosse nada político, o Velho John conhecia vários homens proeminentes. Um de seus amigos mais próximos era Peter Cooper, presidente da North American Telegraph Company e fundador da Cooper Union, que fica a meio quarteirão de distância da taberna. Mr. Cooper, em seus últimos anos, passava tantas tardes no espaço reservado filosofando com os trabalhadores que acabou recebendo uma cadeira própria, equipada com uma almofada de borracha inflável. (A cadeira ainda está lá; desde a morte de Mr. Cooper no dia 4 de abril de 1883, todo dia 4 de abril, há alguns anos, ela é coberta com um tecido preto.) Além disso, assim como

[17] No original, *Honorable John McSorley Pickle, Beefsteak, Baseball Nine, and Chowder Club*. Prato típico da região da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, o *chowder* é um ensopado de peixe ou mariscos com cebolas, legumes e batatas (no lugar do peixe ou dos mariscos, também pode ser usada carne de porco). É uma receita que lembra um pouco a moqueca do Brasil.

[18] Mitchell usa a expressão *clambake*, que significa "mariscada cozida sobre pedras quentes". O termo serve também para se referir ao piquenique em que o prato é preparado.

[19] Referência a W. S. Gilbert (1836–1911) e Arthur Sullivan (1842–1900) que juntos criaram vários espetáculos famosos na Grã-Bretanha da Rainha Vitória. A exemplo de seus colegas britânicos, Edward Harrigan (1844–1911) e Tony Hart (1855–1891) formaram uma das parcerias mais importantes do teatro no século XIX, nos Estados Unidos.

outros clientes cativos, Mr. Cooper tinha seu nome gravado com um furador de gelo numa caneca de estanho. Ele deu para o bar um retrato de si mesmo em tamanho natural, que está pendurado sobre a cornija da lareira no espaço reservado. É uma decoração apropriada porque, desde o começo da Lei Seca, o McSorley se tornou o bar oficial dos estudantes da Cooper Union. Por vezes, um estudante mais sentimental fica de pé sob o retrato e propõe um brinde a Mr. Cooper.

O Velho John tinha uma paixão notável por memorabilia. Por anos ele guardou os ossos da sorte de perus do Natal e do Dia de Ação de Graças e os amarrou na haste que conecta as duas lamparinas sobre o balcão do bar; o ossos empoeirados são a primeira coisa que atrai a curiosidade de um cliente novo. Não faz muito tempo, um principiante irritou um dos *bartenders* ao comentar: "Talvez o velho acreditasse em vodu". O Velho John decorou a seção entre o bar e o espaço reservado com cardápios, autógrafos, conchas, programas de teatro, cartazes políticos e ferraduras gastas de cavalos de corrida de raças diferentes. Acima da entrada do espaço reservado, pendurou um bastão e uma placa: "Seja educado ou dê o fora". Numa das paredes do salão, pendurou fotografias de cavalos, de barcos a vapor, de líderes do Tammany[20], de jóqueis, de atores, de cantores e de políticos. Por volta de 1902, pendurou um quadro com uma pesada moldura de carvalho em torno de três excelentes retratos de Lincoln, Garfield e McKinley[21], e fixou na moldura uma plaquinha de metal com a frase: "Foram canalhas que assassinaram esses homens honrados". Na mesma parede, pendurou primeiras páginas de jornais antigos; uma, do *Times* de Londres publicada em 22 de junho de 1815, exibe no canto inferior direito um único parágrafo sobre o começo da Batalha de Waterloo, e outra, do *Herald* de Nova York publicada em 15 de abril de 1865, tem um texto de uma coluna sobre o atentado contra Lincoln. Ele cobriu outra parede com litografias e gravuras em aço. Uma delas retrata o leito de morte de Garfield. Outra é intitulada: "A Grande Luta". Ela foi entre Tom Hyer e Yankee Sullivan, ambos com as mãos nuas, em Still Pond Heights, Maryland, em 1849. Hyer venceu em dezesseis assaltos, levando o prêmio de dez mil dólares. Os juízes usavam cartola. O título na plaquinha de outra gravura diz: "O resgate do coronel Thomas J. Kelly e do capitão Timothy Deacy por membros da

[20] A Tammany Society foi uma organização política de influência no cenário estadual e municipal de Nova York. Fundada no fim do século XVIII e ligada ao Partido Democrata, defendia os interesses de imigrantes – sobretudo dos irlandeses. Ela foi extinta nos anos 1960.

[21] Referência aos presidentes americanos Abraham Lincoln (1809–1865), James A. Garfield (1831–1881) e William B. McKinley (1843–1901), os três foram baleados e morreram em decorrência de seus ferimentos.

Irmandade Revolucionária Irlandesa das mãos do governo inglês em Manchester, Inglaterra, no dia 18 de setembro de 1867". Uma cópia da Proclamação de Emancipação está na mesma parede; e também, como não podia deixar de ser, um fac-símile do alvará que Lincoln tirou para operar um bar[22]. Uma gravura de Washington com seus generais está pendurada ao lado da gravura de uma sessão do Grande Parlamento da Irlanda. Por fim, o Velho John preencheu cada centímetro quadrado de parede, do rodapé ao teto, com fotografias e suvenires. Todos ainda estão em bom estado, embora vários estejam cobertos por teias de aranhas. Fregueses novos sobem em cadeiras e ficam horas analisando esses artefatos.

Embora o Velho John não se considerasse aposentado até poucos anos antes de morrer, ele deixou de cumprir obrigações diárias do bar por volta de 1890 e fez de seu filho, William, o gerente. Bill McSorley era o tipo de pessoa que ficava, vigorosamente, na sua. Ele herdou todo o mau humor do pai e quase nada da afabilidade. O pai jamais cometia excessos, mas o filho levava a moderação a um extremo; ele não bebia nada além de água da torneira e chá, e se vangloriava disso. Ele cheirava um pouquinho de rapé. Era tão solene que antes mesmo dos trinta anos vários fregueses adquiriram o hábito de chamá-lo de Velho Bill. Ele venerava o pai, mas ninguém sabia o quanto até que o Velho John morreu. Depois do funeral, Bill fechou o bar, subiu até o apartamento da família, fechou as cortinas e não saiu de lá por quase uma semana. Enfim, num domingo de manhã, triste e sem dizer uma palavra, desceu até o bar com um martelo e uma chave de fenda e passou o dia arrumando as fotografias e suvenires de seu pai; eles tinham sido pendurados de qualquer jeito nas paredes, e os fregueses tiravam tudo do lugar. Mais tarde, contratou um professor de arte da Cooper Union para fazer uma pequena pintura do Velho John a partir de uma fotografia. Bill colocou o quadro na parede atrás do balcão do bar e desde então manteve uma luz direcionada para a pintura, um costume que ainda é respeitado.

Ao longo da vida, a maior preocupação de Bill foi manter o McSorley exatamente como era na época de seu pai. Quando alguma coisa tinha de ser alterada ou consertada, ele parecia sofrer fisicamente. Por vinte anos, o teto do bar foi cedendo. Um carpinteiro avisou repetidas vezes que poderia cair a qualquer momento;

[22] Com vinte e poucos anos de idade e antes de estudar Direito, Abraham Lincoln abriu um bar em sociedade com o amigo William F. Berry em New Salem, Illinois. Era janeiro de 1833. Em apenas um par de meses, os dois acumularam uma dívida considerável – culpa, em parte, do alcoolismo de Berry – e Lincoln desistiu da empreitada, vendendo sua parte no negócio para o amigo.

por fim, em 1933, ele disse para o carpinteiro arrumar o problema. Durante a reforma, Bill ocupou uma mesa no espaço reservado com a cabeça entre as mãos e ficou tão transtornado que passou dias sem comer. No mesmo ano, a pintura do teto encrustada de fumaça e teias de aranha começou a descascar e cair no chão. Depois que os fregueses reclamaram dos pedaços de tinta que caíam nas cervejas – eles tinham medo de morrer engasgados –, Bill providenciou, ressentido, uma nova pintura. Em 1925, ele teve de adotar canecas de cerâmica; a maioria das canecas de estanho foi roubada por clientes à caça de um suvenir. No mesmo ano, um telefone público, que ele jamais atendeu, foi instalado no espaço reservado. Essas foram as mudanças mais importantes que autorizou. Às vezes, um dos quadros pendurados por seu pai caía da parede e o vidro quebrava, mas ele logo preenchia a lacuna. Entre suas contribuições, estão os retratos das esposas dos presidentes desde Mrs. Woodrow Wilson, um pôster de Barney Oldfield em um carro vermelho de corrida e um poema chamado "O homem atrás do balcão". Ele sabia esse poema de cor e gostava particularmente da última estrofe:

> *Quando ele se aproxima, São Pedro deixa entreaberto o portão,*
> *Pois sabe que viveu o inferno na terra, o homem atrás do balcão.*

Como homem de negócios, Bill era anacrônico; odiava bancos, caixas registradoras, contabilidade e representantes comerciais. Se a taberna ficava cheia de gente, fechava mais cedo, dizendo: "Estou ficando confuso com todo esse povo aqui". Representantes da cervejaria que lhe fornecia bebida com frequência tentavam convencê-lo a abrir uma conta; ele preferia pagar com dinheiro vivo, usando muitas moedas de prata. Ele contava o dinheiro quatro ou cinco vezes e entregava para o motorista num saco de papel. Bill era um balconista hábil. Entendia de cerveja; sabia como servir e como guardar, e as torneiras do bar estavam sempre impecáveis. Em dias quentes, passou a gelar as canecas em um tonel de gelo; mesmo que o cliente demorasse para tomar sua cerveja, a caneca de cerâmica a mantinha gelada. A não ser durante a Lei Seca, a cerveja saborosa cor de âmbar vendida pelo McSorley veio sempre da Fidelio Brewery na First Avenue; a cervejaria foi fundada dois anos antes da taberna. Em 1934, Bill vendeu para a cervejaria o direto de chamar sua cerveja de

Matéria-Prima Cremosa do McSorley[23] e deu permissão para que usassem uma fotografia do Velho John no rótulo; ao redor da fotografia, está a legenda: "A receita da Velha Cervejaria do McSorley". Durante a Lei Seca, a cerveja do McSorley foi misteriosamente produzida numa série de barris e em tanques no porão do cervejeiro aposentado Barney Kelly, que aparecia no bar três vezes por semana vindo de sua casa no Bronx. Nesses dias, o bar recendia malte e lúpulo. O produto feito por Kelly era extraordinariamente bruto e pungente, e Bill adotou a prática de dilui-lo com cerveja sem álcool. Na verdade, durante todo o período da Lei Seca, Bill dizia que sua cerveja era sem álcool, um eufemismo que divertia sobremaneira sua clientela. Em uma noite, um policial que conhecia Bill apareceu na porta do bar e disse: "Vi um velho ali na esquina se batendo para montar num cavalo. Perguntei o que ele tinha bebido e ele respondeu: 'Cerveja sem álcool no McSorley'". A cerveja da Lei Seca custava quinze centavos, ou duas canecas por vinte e cinco. Agora, uma caneca sai por dez centavos.

Bill era grande e tinha ombros largos, mas não parecia forte; tinha um andar lento e desajeitado, uma cara abatida, e parecia estar sempre convalescendo de alguma coisa. Usava ternos escuros, cor de ferrugem, e gravatas-borboletas pretas; suas camisas, no entanto, eram surpreendentemente elegantes – de seda e listradas com cores vivas. Por causa de sua miopia, o bar era sempre pouco iluminado[24] e sua maior convicção na vida era de que bebida alcoólica não deveria ser vendida para menores de idade; por consequência, ele às vezes via um adulto de pequena estatura do outro lado do bar e dizia: "Não vou te vender nada, amigo. Vá para casa, que é o teu lugar". Numa ocasião, ele ficou olhando por muito tempo para um dos cantos da taberna e de repente berrou: "Tire o pé da mesa!". Era evidente que ele estava encarando uma sombra; não havia ninguém sentado naquele canto. Bill era um tirano. Se estivesse lendo o jornal, ignorava por completo uma fila de fregueses que esperavam ser servidos. Se um homem perdesse a paciência e exigisse um drinque, Bill erguia a cabeça irritado e berrava uns palavrões com sua voz aguda e anasalada. Esse tipo de tratamento não incomodava os fregueses, que se divertiam; eles o achavam engraçado. Na verdade, apesar da má vontade de Bill, muitos fregueses o admiravam. Eles o conheciam desde a época em que eram jovens e acabaram se

[23] *McSorley's Cream Stock*.
[24] O autor associa a sensibilidade à luz, também chamada de fotofobia, à miopia. De fato, pessoas míopes podem sofrer com o excesso de luminosidade ou com a mudança de um ambiente de pouca luz para outro mais iluminado.

acostumando com suas idiossincrasias. Chegavam a ter uma espécie de orgulho torto dele e, quando diziam que Bill era o homem mais pessimista ou o mais mesquinho do Hemisfério Ocidental, havia uma dignidade em suas vozes; quanto mais excêntrico Bill se tornava, mais eles o respeitavam. Às vezes, para sorte de um novato, um desses fregueses daria uma demonstração de quem era Bill gritando: "Ei, Bill, me empresta cinquenta dólares!" ou "Ei, Bill, não existe mortalha com bolso!". Esse tipo de afirmação provocava uma explosão de frases sórdidas. Assim o freguês olhava orgulhoso para o novato e dizia: "Viu?". Quando veio a Lei Seca, Bill simplesmente a ignorou. Ele continuou funcionando. Não tinha uma portinhola, nem pagava por proteção, mas o McSorley nunca foi alvo de batidas policiais; o fato de ser frequentado por políticos do Tammany e por policiais de baixa patente talvez tenha lhe dado imunidade.

Bill nunca teve um horário fixo para fechar, mas trancava as portas assim que o sono batia, o que acontecia por volta das dez da noite. Pouco antes de fechar, ele reunia todo mundo no balcão e pagava uma rodada. Esse era um costume de seu pai adotado fielmente pelo filho, muito embora parecesse penoso para ele colocá-lo em prática. Se os fregueses demorassem demais para terminar o último drinque, ele tossia de um jeito mal-humorado uma ou duas vezes, batia no balcão com os dois punhos fechados e dizia: "O negócio é o seguinte, cavalheiros. Não tenho a menor obrigação de ficar aqui a noite inteira enquanto vocês se agarram aos copos". Toda vez que Bill perdia completamente a paciência, dava uns pulos e resmungava de um jeito patético. Numa noite durante o inverno de 1924, uma feminista do Greenwich Village vestiu um par de calças, um sobretudo masculino e um boné, colocou um charuto da boca e entrou no McSorley. Ela comprou uma cerveja, bebeu, tirou o boné e chacoalhou o cabelo que batia nos ombros. Depois chamou Bill de macho chauvinista, gritou alguma coisa sobre a igualdade dos sexos e saiu correndo. Quando Bill se deu conta de ter vendido um drinque para uma mulher, ele soltou algo entre um grunhido e um berro e começou a dar pulos de raiva. "Ela era mulher!", berrou ele. "Ela era mulher!"

Bill era surdo, ou fingia ser; ainda assim, barulhos corriqueiros pareciam incomodá-lo sem nenhuma razão. O método que desenvolveu para manter o salão tranquilo era característico. Comprou um gongo usado como alarme de incêndio, semelhante àqueles que se veem em escolas e fábricas e o fixou na geladeira de dois metros de altura que ficava atrás do balcão. Se alguém desembestava a cantar, ou se os velhos sentados ao redor da estufa começavam a gritar uns com os outros, ele se

dirigia até o gongo e dava uns puxões violentos na cordinha. O gongo continua no mesmo lugar e é usado sempre que faltam quinze minutos para a meia-noite como um aviso de que o expediente está acabando; os fregueses tapam os ouvidos toda vez que ele toca. Bill era consistente em sua aversão a barulho; ele não gostava nem do som da própria voz. Podia passar dias sem falar nada, respondendo a todas as perguntas com uma bufada ou com um grunhido. Um homem que frequenta o McSorley há dezesseis anos disse certa vez que nessa época ouviu Bill pronunciar exatamente cinco palavras inteligíveis. Foram elas: "A curiosidade matou o gato". O homem havia pedido, com educação, para que Bill contasse a história por trás de um par de algemas enferrujadas que estavam penduradas na parede. Depois ele foi saber que um freguês veterano da Guerra Civil tinha trazido as algemas de uma prisão dos confederados em Andersonville, na Geórgia, e dado de presente para o Velho John.

Bill às vezes desenvolvia uma simpatia inexplicável por alguns fregueses. Por volta de 1911, um grupo de pintores começou a confraternizar no McSorley. Entre eles, estavam John Sloan, George Luks, Glenn O. Coleman e Stuart Davis. Eram todos bons pintores, não eram afetados e os trabalhadores que viviam no bar os acolheram como seus semelhantes. Numa noite, Hippolyte Havel, o anarquista, veio com os pintores. Havel era um tcheco delicado, míope e de cabelos compridos cujos discursos com frequência lhe causavam problemas com a polícia. Até Bill se interessava por ele. "Como é que aquele camarada com cara de louco ganha a vida?", perguntou para um dos pintores. Por precaução, o pintor disse que Havel era político, mais ou menos. Havel gostou do bar e se tornou um freguês assíduo. Na maioria das noites em que fazia um discurso inflamado na Union Square, ele depois descia até o McSorley. Para o espanto dos veteranos, surgiu uma amizade sólida entre Havel e Bill, que era um democrata filiado ao Tammany e um completo reacionário[25]; ninguém nunca conseguiu entender qual era a base da amizade. Bill chamava o anarquista de Hippo e lhe dava dois dólares de crédito para que pudesse comprar fiado; outros fregueses não podiam pendurar nem sequer um charuto de cinco centavos. Bill tinha uma ideia bastante vaga da posição política de Havel. Charles Francis Murphy, o líder do Tammany, aparecia de vez em quando, e uma vez Bill

[25] Foi somente nos anos 1980, a partir da eleição do republicano Ronald Reagan à presidência dos Estado Unidos, que os republicanos foram ganhando a pecha de conservadores (ou reacionários, dependendo do ponto de vista) e os democratas, de liberais (ou progressistas). Na época do texto (anos 1940), os papéis desempenhados por republicanos e democratas eram outros – então faz sentido o personagem ser democrata e "um completo reacionário".

disse para Havel que o recomendaria para Murphy. “Talvez ele consiga alguma coisa para você”, disse Bill. O anarquista, que desprezava o líder do Tammany, sorriu e agradeceu. Um capitão da polícia assumiu a tarefa de alertar Bill sobre Havel. “Fique de olho naquele cabeludo, ele não bate bem”, disse. “Por quê?”, questionou Bill. A pergunta incomodou o capitão. “Mas que inferno”, disse, “Havel é um anarquista! Ele é a favor de explodir todos os bancos do país”. “E eu também”, disse Bill. A amizade de Bill com Havel era extraordinária em todos os sentidos. Como regra, ele reservava seu afeto para os gatos. Chegou a ter dezoito de uma vez, e eles tomavam conta do bar. Bill os alimentava com fígado de boi moído e os gatos ficaram enormes. Quando chegava a hora de dar de comer aos gatos, ele largava o bar, não importava o movimento, e batia no fundo de uma tigela de metal; os bichos gordos trotavam como leopardos, vindos de todos os cantos do bar.

Bill foi casado, mas não teve filhos, e dizia: “Quando eu morrer, esse lugar morre comigo”. Em março de 1936, no entanto, ele mudou de ideia – ninguém sabe o porquê – e, para a surpresa dos frequentadores veteranos, vendeu o bar e o prédio para Daniel O’Connell, um velho policial que, desde 1900, passou a maior parte do seu tempo livre ocupando uma mesa no espaço reservado. O’Connell se aposentou dois dias antes de comprar o bar. Ele era o tipo de homem de quem as pessoas diziam: “Se não puder falar bem de você, ele não vai falar mal”. O’Connell tinha quase tanto orgulho das tradições do bar quanto Bill e prontamente assumiu o compromisso de não fazer nenhuma mudança; essa era uma das condições impostas na venda. Quase no mesmo dia em que Bill fechou o negócio, sua saúde começou a deteriorar. Ele ocupou um quarto na casa de um parente no Queens. Às vezes, no período da tarde, com tempo bom, ele caminhava até o bar, um velho pálido e desencantado, e se sentava na cadeira de Peter Cooper com as mãos largadas no colo. Ficava sentado durante horas só olhando o retrato do Velho John. Os fregueses tinham certeza de que ele estava se preparando para morrer, mas toda vez que O’Connell entrava no bar, eles diziam: “Você está com uma cara ótima, Billy”, ou algo assim. Ele parecia satisfeito ao ouvir esses comentários. Quase nunca falava, mas uma vez se virou para um homem que conhecia há quarenta anos e disse: “Os tempos mudaram, McNally”. “É isso aí, Bill”, McNally respondeu. Em seguida, como se temesse ter soado sentimental, Bill tossiu, cuspiu e disse, fazendo pouco: “O pão que vendem hoje em dia não presta nem pra cachorro comer”. Na noite de 21 de setembro de 1938, apenas

trinta e um meses depois de ter parado de servir cerveja, ele morreu enquanto dormia. De acordo com os melhores palpites de seus amigos, ele tinha setenta e seis anos.

O policial aposentado se tornou um dono de bar gentil. Diferente de Bill, ele nunca botava um bêbado briguento para fora e preferia servir um café ou uma sopa para ajudar a passar o efeito do álcool. "Se um homem perde o controle por consumir uma coisa que eu vendi, não posso chutar o sujeito para fora", disse numa ocasião. "Isso seria fugir da minha responsabilidade." Ele foi proprietário por menos de quatro anos. Morreu em dezembro de 1939 e deixou a propriedade para uma filha, Mrs. Dorothy O'Connell Kirwan. Uma jovem que respeitava tradições, Mrs. Kirwan optou por ficar nos bastidores. A princípio, os fregueses ficaram com medo de que reformasse o lugar, mas agora percebem que esse medo é infundado. "Sei exatamente qual era a relação de meu pai com o McSorley", disse Mrs. Kirwan, "e, enquanto eu for dona, não haverá nenhuma mudança. Não vou nem mudar a regra que proíbe mulheres no bar". Ela mesma só visitava o bar nas noites de domingo, depois do expediente. Ainda assim, pouco depois de assumir, cometeu um erro de julgamento que acabou gerando uma crise no McSorley. Ela teve dificuldade para superar esse erro, mas hoje o encara como uma bênção disfarçada, uma espécie de divisão inevitável entre o passado do McSorley com o Velho John, o Velho Bill e seu pai, e o tempo presente do McSorley sob sua responsabilidade. Ela gosta de falar sobre isso.

"Durante alguns meses depois da morte do meu pai", diz ela, "o McSorley ficou à deriva. Deixei tudo nas mãos dos dois *bartenders* que trabalhavam há tempos pro meu pai, o balconista do dia e o balconista da noite, mas a responsabilidade era grande demais pra eles e aos poucos a situação fugiu do controle, e vi que precisava de alguém que administrasse o lugar – alguém que cuidasse da contabilidade, que pagasse as contas e que, de maneira geral, assumisse as responsabilidades. E quanto mais eu pensava nisso, mais eu pensava que a pessoa ideal pro trabalho era um tio meu chamado Joe Hnida. Bom, cresci numa família de irlandeses que viveu numa daquelas vizinhanças irlandesas antigas na parte oeste do Greenwich Village durante décadas, cercada de boêmios e de figuras imprevisíveis, e pensei que sabia bastante sobre o comportamento humano, mas logo descobri que estava errada. Joe Hnida é tcheco e ele não é meu tio de sangue – casou com a irmã do meu pai. Ele trabalhava pra um serviço de limusines especializado em funerais e casamentos; era o supervisor dos motoristas. Joe é um homem gentil, decente, trabalhador e confiável, e perguntei pra ele se gostaria de assumir a direção do McSorley. Ele pensou no assunto e aceitou.

Bom, Joe começou a trabalhar no McSorley numa segunda-feira de manhã e, no fim de semana, eu estava recebendo telefonemas de alguns dos fregueses mais antigos, todos eles velhos amigos do meu pai, reclamando do Joe. O que eu não levei em consideração foi o fato de que Joe é um homem de poucas palavras, muito poucas – ele é do tipo que não gosta de conversa fiada. Além disso, ele é autossuficiente demais. E além disso também, e acho que ele concordaria comigo, se Joe tem algum senso de humor, é um senso de humor tcheco – com certeza não é um senso de humor irlandês. De qualquer forma, parece que alguns dos homens mais velhos que passam o dia inteiro naquelas cadeiras encostadas nas paredes do McSorley, e que conversam um monte, e que discutem sobre tudo, tentavam puxar conversa com Joe e Joe não dava trela. Um deles me contou: 'Digo "Bom dia" ou "Tudo bem?" e ele responde sim ou não, mas esse é o máximo de conversa que permite e a soma total do que tem a dizer. Ele nem sequer fala sobre o tempo'. 'Se estiver atrás do balcão', outro me disse, 'ele serve a cerveja, pega o dinheiro, dá o troco e é isso aí. Ele não fala nenhuma palavra desnecessária'. Alguns dos homens desenvolveram uma simpatia por Joe, mas eles também não eram muito de conversar. Aos poucos, a maioria dos homens se convenceu de que Joe os considerava um bando de velhos entediantes que falavam demais e diziam pouco e eles também se convenceram de que Joe os menosprezava e, pra se vingar, começaram a falar mal dele pelas costas, dizendo: 'Aquele tcheco motorista de rabecão metido a besta'. Quando os homens me ligaram, tentei explicar o Joe pra eles, tentei defender meu tio e resolver as diferenças. 'Afinal de contas', eu disse, 'Bill McSorley não era de falar pelos cotovelos. De acordo com meu pai, havia dias em que você não conseguia arrancar nem uma palavra dele'. Mas essa comparação não foi boa. Bill McSorley era diferente – ele era proprietário do lugar e tinha o direito de agir como quisesse, e ele podia não se importar com você, mas não dava a impressão de que menosprezava você. Agora esse sujeito novo vem aqui do nada e se recusa até a ser educado. E as reclamações continuaram. Semanas se passaram e meses se passaram e a situação não melhorou. Até que um dia o mais antigo dos *bartenders*, um homem que tem minha inteira confiança, me telefonou pra contar que o pior que poderia acontecer de fato tinha acontecido. 'É ridículo, Dot', disse ele, 'mas o velhos descobriram que Joe não gosta de cerveja. Joe se esforçou pra esconder essa informação, mas de alguma forma ela vazou e eles começaram a pegar no pé dele na mesma hora, até que ele se irritou e disse que não só não gostava de cerveja como também não suportava nem o cheiro. Na verdade, ele disse que às vezes

fica com dor de cabeça por causa do cheiro da cerveja. Bom, como eu disse, é ridículo, mas os velhos estão agindo como se tivessem descoberto algo sobre Joe que é revoltante demais pra suportarem. E sei como eles são – eles não vão passar por cima dessa história. Além do mais, pra completar, alguns se tornaram de repente muito instáveis e melindrados – de maneira geral, a situação reavivou diferenças que eles imaginavam ultrapassadas e esquecidas há bastante tempo, e pararam de conversar entre si, só que às vezes eles não se lembram direito do porquê de terem parado de conversar, e evitam se aproximar uns dos outros e parecem confusos. É um caos'. Percebi que deveria tomar uma atitude. Era minha responsabilidade. Ora, acontece que meu marido, Harry Kirwan, cresceu numa cidade muito, muito velha da Irlanda chamada Ballyragget, perto de Kilkenny. Ballyragget é uma cidade conhecida por seus bares antigos. Harry perdeu a mãe quando era criança e foi morar com a avó. E muito cedo ele começou a trabalhar pra um bar antigo chamado Staunton. A caminho da escola, ele fazia uma parada pra varrer o lugar e, depois da escola, voltava pra trabalhar o resto da tarde no bar, lavando copos, arrumando a lenha da estufa, resolvendo tarefas em geral e sendo útil. Harry tem um perfil de estudioso; sempre leu muito. Queria se tornar professor na Irlanda, mas não tinha como pagar os estudos. Quando estava com uns dezenove anos, veio pros Estados Unidos e arranjou um trabalho numa indústria química do Bronx e, na época em que casamos – que, na realidade, foi menos de um ano antes da morte do meu pai –, ele já era chefe da contabilidade. Quando Harry voltou pra casa naquela noite, eu disse pra ele: 'Sente aqui, Harry. Tenho algo muito sério pra conversar com você'. Expliquei a situação do McSorley e então disse a ele: 'Harry, sei o quanto você gosta do seu trabalho, e odeio ter que pedir isso, mas você estaria disposto a abrir mão do seu emprego e assumir a direção do McSorley?'. 'Bom, Dot', disse ele, e lembro bem de cada palavra que me disse naquela noite, 'pra começo de conversa, não gosto do meu trabalho, finjo que gosto, mas odeio. E além disso, Dot, por que diabos você demorou tanto pra pensar nisso? Você me ouviu falar tanto do Staunton em Ballyragget, e a maioria dos fregueses lá era de velhos difíceis de lidar e eu me dava bem com eles. Não só me dava bem, como gostava de me dar bem com eles. Gostava de observar e de ouvir. Eles eram como atores numa peça de teatro, mas a peça era a vida real. Havia alguns Falstaffs[26] entre eles – quer dizer, eles eram só uns velhos bêbados e tagarelas dos

[26] Falstaff é um personagem fictício criado pelo dramaturgo William Shakespeare (1564–1616). Ele aparece em três peças – entre elas, *Henrique V* – e é citado em uma quarta. Seu nome acabou se

becos de Ballyragget, mas eles eram Falstaffs pra mim. Alguns deles eram como o estandarte Pistol[27]. E tinha um senhor com uma expressão de quem teve o coração partido que sentava num canto do bar com uma Guinness e ficava com um olhar perdido durante horas e às vezes resmungava falando sozinho e, toda vez que ele entrava no bar, eu pensava: "Rei Lear". Alguns dos velhos que frequentavam o bar eram almas boas, e havia uns parasitas também – parasitas, leprosos e Judas – e imagino que os personagens do McSorley não sejam muito diferentes. Em outras palavras, Dot', disse ele, 'em resposta à sua pergunta, sim, estou disposto a arriscar e ver se consigo cuidar do McSorley'. A transição não demorou muito. Na manhã seguinte, bem cedo, fui até o apartamento de Joe Hnida e tive uma conversa franca com ele e pedi que me perdoasse por tê-lo colocado numa situação difícil, e ele me perdoou e voltou a trabalhar com limusines. E no mesmo dia Harry deu o aviso prévio no Bronx. E, duas semanas depois, ele começou no McSorley. Eu me lembro bem desse dia. Eu estava passando mal de preocupada, achando que poderia ter cometido outro erro grave, então telefonei pro McSorley no meio da tarde e pedi pra falar com o Harry. 'Está tudo bem, Dot', disse ele. 'Estou surpreso de ver como estou gostando daqui. Sinto como se tivesse voltado pra casa – voltado pra Ballyragget, voltado pro Staunton'. E quando ele chegou em casa naquela noite e abriu a porta, a primeira coisa que ele disse foi: 'Acho que finalmente encontrei o meu lugar no mundo'."

Assim como o Velho John e como o Velho Bill, e como seu sogro e como sua esposa, Harry Kirwan é terminantemente contra mudanças e, desde que assumiu o bar, houve apenas uma mudança e foi na folha de pagamento: e já não era sem tempo. Ele deu aumento para os *bartenders* antigos, Eddie Mullins e Joe Martoccio, e deu aumento para Mike Boiko, o cozinheiro, que é um velho ucraniano, e deu um aumento para Tommy Kelly, que não conseguiu conter as lágrimas quando recebeu a notícia. Tommy Kelly é talvez o funcionário mais importante do McSorley, mas as obrigações dele são tão indefinidas que os velhos o chamam de Kelly Pra Lá e Pra Cá. Quando o negócio vai bem, ele ajuda a servir drinques – carrega as canecas do balcão até as mesas, enganchando os dedos nas alças e carregando duas em cada mão. Às vezes, é o balconista substituto. Ele faz compras ocasionais para Mike no açougue ou

---

tornando sinônimo de figuras dadas a beber e comer demais, meio cômicas e meio trágicas, mas absolutamente cativantes.

[27] O Velho Pistol, estandarte de Falstaff (veja nota 19), é um personagem criado por Shakespeare. Trata-se de um cavaleiro que gosta de contar vantagem de suas proezas quando, na verdade, ele não passa de um covarde.

no mercado. Ele atende o telefone público. No inverno, cuida do fogo na estufa. Quando chega, por volta das oito e meia da manhã, ele é um homenzinho triste de ressaca, mas ao meio-dia a cerveja aquecida lhe deu uma certa majestade; às seis da tarde, ele está num bom humor tão grande que fica de pé ao lado da porta de entrada apertando a mão dos fregueses como se fosse o proprietário. Alguns estranhos acham que ele é o proprietário e o chamam de Mr. McSorley. Kelly diz que teve uma série de empregos diferentes até se fixar no McSorley. "E quando digo diferentes, é diferente mesmo", diz ele. Uma vez, durante um período curto, trabalhou como atendente noturno e vigia noturno de uma grande agência funerária no Brooklyn, e largou o emprego depois que um cadáver falou com ele. "Eu ficava sentado bem na frente do escritório a noite inteira", diz ele, "e tinha uma garrafinha de gim no bolso do casaco que ficava pendurado no armário dos fundos, e de tempos em tempos eu ia lá e dava um golinho – nem era um gole de verdade, só molhava o bico, só pra me ajudar a atravessar a noite. E pra chegar até o armário, eu precisava passar pelo salão onde ficavam os caixões e os cadáveres, e nessa noite específica tive de passar por um caixão que estava aberto e que tinha um cadáver, um homem todo arrumado e pronto para o funeral da manhã seguinte, e eu já devia ter passado por ele uma meia dúzia de vezes, indo de um lado para o outro, mas dessa vez, enquanto passava por ele, ele falou comigo, e de um jeito muito articulado. 'Tire o chapéu', disse ele, 'apague esse charuto, jogue fora o gim e desligue o maldito rádio'".

Para um freguês assíduo do McSorley, a maioria dos outros bares de Nova York é cheia de gente nervosa e perturbada. No McSorley, você consegue relaxar. Em primeiro lugar, ele tem pouca iluminação, e é mais fácil repousar num lugar escuro. Além disso, o tique-taque quase inaudível dos relógios antigos acalma. Além disso, há um cheiro denso de mofo que funciona como um bálsamo para mudanças bruscas de humor; é realmente uma mistura complexa de serragem de pinheiro, cerveja, tabaco de cachimbo, lenha e cebola. Certa vez, um interno do hospital Bellevue comentou que, para certos problemas da mente, o odor do McSorley seria um tratamento muito mais eficiente do que psicanálise, ou sedativos, ou orações.

Ao meio-dia, o McSorley está lotado. A tarde é tranquila. Às seis, fica cheio de homens que trabalham na vizinhança. Na maioria das noites, aparecem uns curiosos no bar. Se se comportam e não fazem perguntas demais, eles são tolerados. A maioria ficou sabendo do bar por meio das pinturas de John Sloan. Entre 1912 e 1930, Sloan fez cinco quadros, cheios de detalhes, retratando a taberna – "O bar do

McSorley", que mostra Bill imponente ao lado da torneira de cerveja e se encontra em exposição no Instituto das Artes em Detroit; "O espaço reservado do McSorley", que retrata um trabalhador sentado perto da janela no entardecer com as mãos no colo, e sua caneca de estanho sobre a mesa; "McSorley em casa", que mostra um grupo de veteranos conversando ao redor da estufa; "Os gatos do McSorley", em que Bill se prepara para dar de comer aos gatos; e "Noite de sábado, McSorley", que foi pintado durante a Lei Seca e mostra Bill servindo canecas para uma multidão de fregueses alegres. Toda vez que um desses quadros aparecia numa exposição, ou num jornal, ou numa revista, aparecia no bar uma leva de estranhos. "O bar do McSorley" foi reproduzido no livro "A Treasury of Art Masterpieces", de Thomas Craven, publicado em 1939, e levou centenas de pessoas a visitar o bar. Não há dúvida de que o McSorley é o bar do país que mais aparece em pinturas. Louis Bouché fez um quadro, "McSorley", que é propriedade da Universidade de Nebraska. Uma pintura, "Manhã no bar do McSorley", feita por um comissário de bordo de navio chamado Ben Rosen, venceu o primeiro prêmio num salão de arte feita por marinheiros mercantes em fevereiro de 1943. Reginald Marsh fez vários esboços do bar. Em 1939, uma retrospectiva da obra de Sloan foi montada no Departamento de Arte do Wanamaker's, e vários fregueses do McSorley compareceram em massa. Um deles perguntou qual era o preço do quadro "Os gatos de McSorley". "Três mil dólares[28]", foi a resposta. Ele achou que o vendedor não estava falando sério e se mostra indignado até hoje. Kelly gosta das pinturas de Sloan, mas prefere um nu dourado e corpulento que o Velho John pendurou no espaço reservado muitos anos atrás, ao lado do retrato de Peter Cooper. Para um estranho, interessado no bar por causa de um quadro de Sloan, Kelly diria: "Ô, amigo, se você quer ver arte de verdade, dá uma olhada na mulher pelada lá no espaço reservado". A mulher nua, deitada num sofá, brinca com um papagaio; o quadro é uma cópia, feita provavelmente por um estudante da Cooper Union, do quadro "La femme au perroquet"[29], de Gustave Courbet. Kelly sempre traduz o nome para estranhos. "É francês", diz ele, culto. "E significa: 'A guria e o passarinho'."

O balcão do McSorley é pequeno, acomoda cerca de dez cotovelos, e se sustenta sobre canos de ferro. Ele fica à direita de quem entra. À esquerda, há uma fileira de cadeiras com encostos duros apoiados contra a parede. As cadeiras são

[28] Corrigido, esse valor de três mil dólares representa hoje algo em torno dos cinquenta mil dólares.
[29] Em bom francês: "A mulher com o papagaio".

raquíticas; quando um homem gordo se senta numa delas, ela range igual a sapato novo toda vez que o sujeito respira. Os fregueses são adeptos das cadeiras; se existem cadeiras disponíveis, ninguém nunca fica de pé no balcão. No meio do salão, estão enfileiradas as mesas maltratadas. Os tampos estão sempre grudentos de cerveja. No centro do salão, fica a estufa barriguda que tem uma portinhola de mica[30] e é idêntica às estufas das estações elevadas de trem. Durante o inverno inteiro, Kelly mantém a estufa muito quente. "Quanto mais você se aquece, mais bêbado fica", diz ele. Alguns clientes preferem a cerveja aquecida. Eles deixam a cerveja na borda da estufa até ficar tão quente quanto um café. Uma gata preguiçosa chamada Minnie dorme numa bacia ao lado da estufa. As tábuas do piso estão empenadas e em alguns pontos existem buracos que foram remendados com lâminas de latas de sopa. O espaço reservado dá para o pátio coberto de um prédio vizinho. Nessa sala, há três mesas de jantar, grandes e redondas. A cozinha fica num extremo da sala; Mike usa um biombo dobrável ao redor do fogão e mantém panelas, frigideiras e sacos de papel com mantimentos sobre a cornija da lareira. Enquanto descasca batatas, ele se senta com os primeiros clientes à uma mesa na frente do bar, segurando uma bacia no colo e conversando enquanto descasca. A comida no McSorley é simples, barata e bem feita. As especialidades de Mike são *goulash*, salsicha e repolho azedo, e hambúrguer coberto com cebola frita. Ele escreve o cardápio com giz numa lousa que fica pendurada no salão principal e sempre erra a grafia de pelo menos quatro de cinco pratos. Não existem garçons. Na hora do almoço, se Mike está muito ocupado para atender os fregueses, eles pegam os pratos e se servem direto das panelas.

A taberna abre às oito da manhã. Mike dá uma limpada rápida no chão e espalha serragem nova[31]. Ele reabastece as bandejas de cortesia com queijo e cebola e enche uma tigela com ovos cozidos, cinco centavos cada um. Kelly chega ao bar. O caminhão de cerveja faz a entrega. Depois, ao meio da manhã, os velhos começam a ocupar o bar. Kelly os chama de "os fixos". A maioria é composta de aposentados e de pequenos comerciantes. Ele gostam mais do McSorley do que das próprias casas. Alguns moram na vizinhança, mas muitos vêm de longe. Um deles, um atendente aposentado de uma rede de pensões na Bowery, vem de Sheepshead Bay quase todos

[30] *Mica* é um tipo de minério usado como isolante.
[31] Por sua capacidade de absorção, a serragem era utilizada como um recurso de limpeza.

os dias[32]. No dia em que se aposentou, esse homem disse: "Enquanto tiver um dinheiro guardado, não quero saber de ficar sóbrio". Ele diz que bebe para esquecer a miséria que viu nas pensões; deve ter visto muita miséria porque com frequência bebe vinte e cinco canecas por dia, e a cerveja do McSorley não é nada fraca. Kelly serve os drinques para os veteranos. Para economizar uma viagem, eles pedem duas canecas de uma vez. A maioria é quieta e digna; alguns são excêntricos. Anos atrás, um deles teve de dar uma corridinha para desviar um automóvel em alta velocidade na 3rd Avenue e está furioso até hoje. Ele resmunga consigo mesmo o tempo inteiro. Uma vez, perguntado sobre o que estava resmungando, ele disse: "Vou comprar uma espingarda e ficar de pé no meio da 3rd Avenue mandando bala nos carros". "Você vai mirar nos pneus?", perguntaram para ele. "De jeito nenhum!", disse. "Vou mirar nos motoristas. Calculo que consigo matar uns quatro ou cinco antes que me prendam. Talvez consiga matar mais se eu for rápido para recarregar."

Entre os veteranos, apenas uns poucos se interessam pelo presente a ponto de ler jornais. Esses fregueses se sentam na parte da frente do bar para aproveitar a luz que atravessa as janelas encardidas. Quando se cansam de ler, passam horas olhando para a rua. Existe sempre alguma coisa que valha a pena ser vista na 7th Street. É uma daquelas ruas do East Side completamente tomadas por crianças. Enquanto jogam bete-ombro, elas usam caixas para fazer fogo na sarjeta; às vezes assam batatas nessas fogueiras. No McSorley, as bandejas de cortesia ficam na ponta do balcão, perto da porta de entrada, e várias vezes durante as tardes os garotos entram meio de lado, sequestram porções de queijo e fatias de cebola, e disparam para fora, batendo a porta. Não tem uma vez que os velhos não se divirtam com isso.

A estufa superaquece o lugar e alguns dos velhos conseguem dormir sentados durante longos intervalos. De vez em quando, um deles começa a roncar e Kelly o acorda dizendo: "Você está fazendo barulho o suficiente para acordar os mortos". Uma vez, Kelly se interessou por um dos dorminhocos e resolveu cronometrar. Duas horas e quarenta minutos depois que o sujeito pegou no sono, Kelly ficou preocupado – "Será que ele morreu?", disse – e o chacoalhou até que acordasse. "Quanto tempo dormi?", perguntou o homem. "O desfile inteiro", disse Kelly. O homem coçou os olhos e disse: "Que desfile?". "O desfile de São Patrício, duas semanas atrás", disse Kelly, zombeteiro. "Vixe!", disse o homem. Então ele bocejou e voltou a dormir.

[32] Sheepshead Bay, no Brooklyn, fica a cerca de vinte quilômetros do bar do McSorley, na 7th Street. É uma distância considerável a se percorrer para tomar uma cerveja.

Kelly faz piada com a frequência dos velhos. “Ei, Eddie”, disse ele numa manhã, “o velho Ryan deve ter morrido!”. “Por quê?”, perguntou Mullins. “Bom”, disse Kelly, “ele não deu as caras a semana inteira”. No verão, eles se sentam no espaço reservado, que é fresco como uma adega. No inverno, eles arrastam as cadeiras para perto da estufa e ficam ao redor dela, tão imóveis quanto um crustáceo, até por volta das seis, quando bocejam, se espreguiçam e vão para casa, inoculados com cerveja contra a solidão terrível de quem é velho. “Deus acompanhe”, diz Kelly para quem vai embora.

(1940)

Mazie

Uma loira mandona de cabelo bem amarelo chamada Mazie P. Gordon é uma celebridade na Bowery. Nos bares com drinques a cinco centavos e nos restaurantes vinte e quatro horas especializados em focinho de porco com repolho, vendido a dez centavos o prato, ela é conhecida por seu primeiro nome. Mazie faz a ronda nesses estabelecimentos quase todas as noites, às vezes mendigos bêbados chegam por trás, dão um tapinha nas costas dela e a chamam de docinho. Ela nunca se incomoda. Tem uma afeição genuína e arbitrária por mendigos e sem dúvida os conhece melhor do que qualquer outra pessoa da cidade. Todos os dias, distribui algo entre cinco e quinze dólares em moedas, o que é um bocado de dinheiro na Bowery. "Na minha época, com os meus centavinhos, eu me sentia tão rica quanto o velho John D.[33]", diz ela. Faz vinte e um anos que Mazie comanda a bilheteria do Venice Theatre, no 209 da Park Row, perto da Chatham Square, onde começa a Bowery.

O Venice é uma sala de cinema pequena e maltrapilha que abre às oito da manhã e fecha à meia-noite. Com ingressos a dez centavos. Por esse valor, o cliente vê dois longas-metragens, um noticiário, um desenho animado, um curta-metragem e um episódio de série. O Venice não é um "pulgueiro". Na verdade, é bastante estimado por seus frequentadores porque as poltronas são limpas pelo menos uma vez por semana. Mazie se vangloria que ele é tão limpo quanto o Paramount. "Nunca ninguém pegou piolho no Venice", diz. Na Bowery, depois do álcool, filmes baratos são a segunda melhor forma de escapismo e a maioria dos mendigos é fã de cinema. Eles são uma parte considerável da clientela do Venice. A sala de cinema é frequentada também por pessoas que vivem nos bairros vizinhos da Chatham Square, como a Little Italy da parte baixa da Mulberry Street, o setor espanhol da Cherry Street e Chinatown. Dois terços dos fregueses são homens. Crianças e boa parte das mulheres usam uma seção reservada que é vigiada por uma inspetora. Uma vez, sentindo-se elegante, Mazie se gabou de nunca admitir a entrada de pessoas alcoolizadas. Ela foi questionada: "Quando você considera que alguém está alcoolizado?". Mazie deu uma risadinha. "Quando tem que ficar de quatro e engatinhar", disse ela. De qualquer forma, dá para encontrar bêbados em quase todas

[33] Referência ao magnata americano John D. Rockefeller (1839–1937), considerado o homem mais rico dos Estados Unidos em todos os tempos. Ele fez fortuna no ramo do petróleo.

as sessões do Venice. Quando passa o efeito do álcool, eles ficam irritados e resmungam sozinhos, e fazem comentários depreciativos, malucos e barulhentos a respeito dos atores nos filmes românticos, mas em geral eles não são problemáticos como os mendigos que Mazie chama de "os cadáveres". Esses são os mendigos mais indiferentes que existem. Eles têm um olhar inexpressivo e andam se arrastando, e não têm disposição para nada a não ser dormir. Alguns conseguem cochilar de pé encostados na parede, mesmo numa temperatura congelante. Vários cadáveres chegam cedo ao Venice e dormem nas poltronas até serem tirados do cinema à meia-noite. "Em alguns dias, não sei se isso aqui é um cinema ou é uma pensão", observou Mazie numa ocasião. "Dia desses, falei para o gerente que filmes de tiroteio são um mau negócio. Eles acordam os fregueses".

A maioria das salas de cinema da Bowery contrata seguranças. No Venice, Mazie é a segurança. Para os íntimos, ela diz que brigar não é algo próprio de uma dama, mas que considera sua obrigação expulsar do cinema pelo menos um cliente por dia. "Se eu não me cuidar, os fregueses tomam conta do lugar", diz. "Não me divirto por ter que brigar. Sempre perco a calma. Quando começo a brigar, a raiva toma conta e não consigo parar. Às vezes me descontrolo. Além disso, vários mendigos são tão fracos que não reagem e isso faz eu me sentir uma babaca." Mazie é pequena, mas é durona e corajosa, e tem uma voz assustadora. A cabine da bilheteria fica à sombra das linhas elevadas da 3rd Avenue que levam à prefeitura, e duas décadas falando mais alto que o ruído dos trens lhe deram um vozeirão áspero que usa para dominar homens com o dobro do seu tamanho. De vez em quando, no Venice, um cadáver deixa a cabeça cair para trás e começa a roncar de um jeito tão descarado que todo mundo consegue ouvir, ainda mais nas cenas de suspense. Quando isso acontece, ou quando um dos bêbados resolve berrar para a tela, as mulheres e crianças na seção reservada batem os pés no chão e entoam: "Mazie! Mazie! Queremos Mazie!". No instante em que essas palavras são pronunciadas, a inspetora dá uma corridinha pelo saguão e chega até a cabine da bilheteria. Mazie chaveia a gaveta do caixa, pega um porrete que deixa à mão, feito com um par de livros vagabundos enrolados e presos com elásticos, e entra no cinema a passos largos. À medida que desce pelo corredor, olhando de um lado para o outro, mulheres e crianças ficam de pé apontando para o infrator e berram: "Ali, Mazie! Ali!". Mazie dá um sopapo na cabeça do homem com o porrete e continua batendo até ele dar sinais de que vai cooperar. Entre um golpe e outro, ela ameaça fazer coisa pior. As ameaças são ferozes

e sem muita coerência. “Cai fora daqui!”, grita ela. “Arranco teus olhos! Seu animal! Todos os dentes também! Te quebro de porrada!”. As mulheres e crianças se divertem com isso, ainda mais se Mazie pega o homem errado, como às vezes acontece. Em ação, Mazie dá medo. Ela fica descabelada, com o rosto vermelho e um pedaço da anágua à mostra. Se um homem tenta se defender ou dar uma resposta, ela o arranca da poltrona e o expulsa do cinema. Enquanto o sujeito trota pelo corredor levando porradas de Mazie, as mulheres e as crianças aplaudem.

A animosidade de Mazie contra um cadáver ou contra um bêbado dura até o momento em que eles saem na calçada. Depois disso, invariavelmente, ela soa arrependida e se desculpa. “Ó, amigo, sinto muito”, disse ela uma tarde dessas para um bêbado que expulsou porque ele ficava gritando: “Maricas! Maricas!” para George Raft durante a exibição de um filme de cadeia chamado *A morte me persegue*[34]. “Se você quiser terminar de ver o filme”, continuou, “pode voltar pra dentro”. “Caramba, Mazie”, disse o bêbado, “já vi o filme três vezes”. “Então olha aqui”, disse ela, dando uma moeda de dez centavos. “Deixe eu te pagar um drinque.” Embora as orelhas do bêbado ainda estivessem vermelhas dos sopapos dados por Mazie, ele sorriu. “Você tem um coração de ouro, Mazie”, disse ele. “Você é o meu amorzinho.” “O.k., amigo”, disse Mazie, voltando para a cabine da bilheteria. “Se você quer me chamar de amorzinho, pare de agir como um idiota.”

O Venice é um empreendimento de família. Ele é propriedade de Mazie com suas duas irmãs – Rosie, viúva de um apostador chegado em corridas de cavalo, e Jeanie, uma dançarina acrobática. As irmãs de Mazie deixam que ela administre os negócios do seu jeito. Ela é profundamente desinteressada por cinema e é raro quando consegue assistir a um filme inteiro. “Fico enjoada”, diz. Por consequência, ela contratou um gerente e deixa ele fazer a seleção e os pedidos de filmes. Para um estabelecimento de sua classe, o Venice é próspero e Mazie poderia contratar uma garota para atender a bilheteria, e relaxar, mas ela gosta do trabalho e não vai abrir mão dele, como suas irmãs a encorajam a fazer. De sua cabine, ela consegue ver a Chatham Square, que é o passeio favorito dos bêbados e dos excêntricos da Bowery. “Meu Deus, cada coisa que eu vejo, você não ia acreditar”, diz ela com orgulho. Quando vê algum conhecido, ela enfia a cabeça no buraco redondo da cabine e grita alguma coisa. Às vezes, discute assuntos extremamente particulares com gente que

[34] *Each Dawn I Die* (1939) é um filme produzido pela Warner Bros. com direção de William Keighley e estrelado por James Cagney e George Raft.

está do outro lado da rua. “Ô, Baixinho”, gritou numa tarde para um homenzinho com olhar perdido, “achei que você estava em Bellevue”. “Estava, Mazie”, disse o homem. “Eles me deram alta ontem.” “Onde eles te colocaram dessa vez – na ala dos bêbados ou na ala dos loucos?” “Dessa vez foi com os bêbados.” “Eles te trataram bem?” “Acho que eles não me trataram mal, não.” “Você encheu a cara ontem, Baixinho?” “Com certeza.” “Acho que você precisava comemorar.” “Com certeza.” “Então fique bem, Baixinho.” “Obrigado, Mazie. Você também.”

Sentada toda majestosa em sua cabine, como uma rainha despreocupada, Mazie é uma das poucas coisas boas de se ver na Bowery. Ela é uma mulher com quarenta e poucos anos de estatura baixa, e seios fartos. Há quem veja nela uma semelhança com Mae West. Ela tem cabelo cor de enxofre. Seu rosto é muito branco e ela usa uma mancha de ruge do tamanho de uma moeda de um dólar em cada bochecha. Seus olhos são sonolentos e têm as pálpebras caídas. A trabalho, com frequência usa uma sombra verde-celuloide. Ela quase sempre tem um cigarro pendurado no canto da boca e isso lhe dá uma aparência arrogante. Como um crupiê de filme, ela consegue fumar um cigarro inteiro sem tirá-lo da boca nenhuma vez, mesmo enquanto fala. Ela tem uma tosse grossa causada pelo cigarro; fuma três maços e meio por dia e diz que o tabaco vai matá-la. Na mão direita, usa quatro anéis de diamante. Ela gosta de cores intensas e seus vestidos são espetaculares; são vendidos em lojas da Division Street. Ônibus de turistas da Bowery e de Chinatown, com o teto de vidro, sempre param diante do Venice, e vez ou outra um bando de turistas fica na calçada olhando para Mazie. Ela despreza turistas e diz que eles são os responsáveis pela má fama da Bowery. Às vezes, ela mostra a língua para eles. No entanto, a bem da verdade, ela não se incomoda de ser admirada. “Pessoal passa por aqui só para me ver”, disse numa ocasião. “Tenho uma plateia só para mim, como se eu fosse uma dessas estrelas de filme.”

Mazie é uma mulher que gosta de conversar e na maioria dos assuntos ela é extremamente honesta, mas é raro que fale sobre sua vida privada e algumas pessoas na Bowery a consideram uma mulher misteriosa. Um homem que parava para conversar com ela várias vezes por semana ao longo de anos de repente se deu conta de que não sabia se ela era casada ou não. “Você foi casada, Mazie?”, perguntou ele. “Isso é problema meu”, respondeu ela, de atravessado. Um instante depois, ela acrescentou: “Mas pare pra pensar: tenho cara de quem nunca teve um namorado?”. Nos arredores da Chatham Square, as pessoas acham que, na juventude, ela foi uma

dançarina do ventre nas casas burlescas de Hurtig & Seamon, o que não é verdade. Dizem que ela dá dinheiro para mendigos porque é frustrada no amor, o que não faz muito sentido. Além disso, pensam que ela nasceu em Chinatown. Na verdade, ela é nativa de Boston, um fato que lhe dá bastante satisfação. Todo inverno, ela tira uma semana de folga e viaja para Boston, só para caminhar por lá. Ela acredita que as pessoas de Boston são superiores às pessoas de outros lugares. Numa noite, um mendigo caindo de bêbado deu de cara com um poste na frente do Venice, machucando o nariz, e ela prestou socorro levando-o para o saguão do cinema. Em seguida, foi a um bar perto dali e berrou: "Me arranjem um pouco de água quente e um pano limpo!". "Você quer tomar um banho, Mazie?", perguntou o balconista do bar. O comentário a deixou furiosa. "Não fale assim comigo, seu idiota barrigudo", disse ela. "Eu sou de Boston, sou uma dama."

Mazie diz que seu verdadeiro nome é Mazie Phillips, mas ela não revela nada sobre seus pais. Os mais íntimos dizem que, por volta de 1903, quando ainda estava na escola em Boston, sua irmã mais velha, Rosie, veio para Nova York e se casou com Louis Gordon, um apostador e promotor de eventos do East Side. Eles se mudaram para a Grand Street e, poucos anos depois, Mazie e sua irmã mais nova, Jeanie, vieram morar com eles. A família de Belle Baker, a cantora do Vaudeville, morava perto deles na Chrystie Street. Irving Becker, irmão de Belle, agora empresário de uma companhia itinerante da "Tobacco Road", trabalhou recarregando rifles numa galeria de tiro administrada por Gordon na Grand Street e na Bowery. "Nós e os Gordons somos grandes amigos", disse Becker há pouco tempo. "Louie Gordon era o melhor apostador de East Side. Ele era um cavalheiro grande e majestoso e ajudava os pobres, e o maço de dinheiro que carregava era tão grande que um bode não conseguiria engolir. Ele passava o tempo em pistas de corrida, mas apostava em qualquer coisa. Ele fez muito dinheiro com os cavalos e investiu tudo em Coney Island. Ele e o irmão, Leo, deram uma força para o Luna Park original[35], que abriu em 1903. Ele era um daqueles apostadores quietos. Nunca dizia nada sobre si mesmo. Cumprimentava todo mundo com respeito e não tinha nada a esconder, mas nunca dizia nada sobre si mesmo. Todos os Gordons eram assim."

Em 1914, Gordon abriu uma sala de cinema num prédio que havia comprado na Park Row, batizando-o de Venice, inspirado em um restaurante italiano de Coney

[35] Luna Park era um parque de diversões em Coney Island, no Brooklyn, inaugurado em 1903.

Island que fazia um espaguete que ele adorava. Depois de administrar o lugar por quatro anos, achou que estava muito tempo longe das corridas e resolveu passar o cinema para Rosie, que trabalhava na cabine da bilheteria. No ano seguinte, ele vendeu a galeria de tiro, na qual, há vários meses, Mazie mantinha um negócio de doces e refrigerante. Rosie não gostava de vender ingressos, então Mazie assumiu o trabalho. Nessa época, Mazie começou a chamar a si mesma de Mazie Gordon. Ela não explica por que resolveu assumir o sobrenome do cunhado. "Isso é problema meu", diz. Os Gordons deixaram a Grand Street no início dos anos 1920 para morar na Surf Avenue em Coney. Mazie continuou vivendo com eles. Louis passava a maior parte do tempo longe de casa, seguindo os cavalos. Mazie diz que, uma vez, depois de uma temporada em Saratoga, Gordon deu um Stutz[36] para ela que, com acessórios, valia cinco mil dólares[37]. Ela viajava para Coney com o Stutz toda noite depois do trabalho; um dos porteiros do Venice era seu motorista. Em outubro de 1932, Louis morreu de um ataque cardíaco na pista do Empire City. Mazie e suas irmãs deixaram Coney Island alguns anos depois e voltaram para East Side e acabaram ocupando um apartamento juntas em Knickerbocker Village, a quatro quadras do Venice. Elas viviam tranquilas. Rosie, uma mulher taciturna de olhos tristes, cuida das propriedades deixadas pelo marido. Além de uma parte do Venice, essas propriedades incluem alguns lotes ao longo do calçadão na orla de Coney e um velho predinho de tijolos vermelhos no número 9 da James Street, a uma quadra do Venice. Esse predinho tem dezesseis apartamentos sem água quente, todos ocupados por chineses solteiros. Jeanie, uma jovem bonita, se gaba de ter viajado para a Costa Oeste dez vezes enquanto trabalhava como uma dançarina acrobática do vaudeville. De vez em quando, ela substitui Mazie na bilheteria do Venice.

O horário de trabalho de Mazie acabaria com qualquer mulher. Ela trabalha sete dias por semana, raramente tirando um dia de folga, e o expediente em geral vai das nove e meia da manhã até as onze horas da noite. A bilheteria não é muito maior do que uma cabine telefônica, mas Mazie deu um jeito de se sentir confortável. Ela senta sobre duas almofadas numa cadeira giratória e usa chinelos macios. No verão, liga um ventilador elétrico no chão, virado para cima, trocando-o por um aquecedor elétrico no inverno. Quando faz muito frio, ela traz sua cachorra, Fluffy, uma

[36] Com sede em Indianápolis, no estado de Indiana, Stutz era uma marca americana de carros esportivos e de luxo. A fábrica foi inaugurada em 1911 e fechou em 1935.
[37] O equivalente hoje a cerca de oitenta mil dólares.

estridente lulu-da-pomerânia, para o cinema. Ela deixa Fluffy dormir no seu colo e isso mantém as duas aquecidas. Para Mazie, calcular o troco é tão automático quanto respirar, e ela encontra tempo para resolver várias tarefas domésticas enquanto trabalha. Ela remenda roupas, pintas as unhas com esmalte vermelho, lê um pouco e às vezes gasta meia hora limpando seus diamantes com um pedaço de camurça. Em dias de chuva, encomenda suas refeições e come dentro da cabine mesmo. Ela usa o balcão de mármore da bilheteria como mesa. Uma vez, debruçada sobre um prato de rosbife, ela levantou os olhos para um visitante e disse: "Faço pequenos serviços domésticos aqui dentro". Quando fica com sede, manda um porteiro atravessar a rua para comprar uma cerveja em copo de papel no Bar e Restaurante King Kong. Ela guardava uma garrafa de uísque canadense – que ela chama de "fumo" – escondida na gaveta do caixa, mas desde que operou o apêndice em 1939 só bebe tônica e cerveja.

Existem duas prateleiras desorganizadas numa das paredes da cabine. Na prateleira de baixo, há um pote de vidro com "quebra-queixos", um tipo de bala dura que dá para as crianças, uma concha de molusco que serve de cinzeiro, uma pata traseira de coelho, uma pilha de toalhas de papel e uma caixa de sabonetes. Quando um mendigo com o rosto encardido demais chega para comprar um ingresso, Mazie coloca um par de toalhas de papel e uma barra de sabonete na frente dele e diz: "Olha, amigo, vou propor uma troca. Se você pegar isso aqui e for até o banheiro masculino e lavar o rosto, deixo você entrar de graça". Poucos mendigos se ofendem com essa proposta; a maioria é receptiva e aceita. De vez em quando, ela dá quinze centavos e manda o sujeito para uma escola de barbeiros na Chatham Square para fazer a barba e cortar o cabelo. Quando está de bom humor, Mazie deixa um mendigo entrar de graça sem nenhum problema. No entanto, ela diz que consegue reconhecer um mendigo pela maneira de olhar e fica indignada quando um cidadão comum tenta tirar proveito da generosidade dela. "Se você não tem dinheiro", diz ela para esse tipo de gente, "vá roubar um relógio".

Na prateleira de cima, Mazie guarda uma pilha de livros de bolso que inclui *O livro dos sonhos e da cartomancia*, da velha cigana Nan; *O livro cinco estrelas dos sonhos*, do príncipe Ali; e *O livro dos sonhos mágicos e espirituais*, da madame Fu Futtam. Mazie é profundamente interessada por sonhos, embora às vezes tenha um pouco de vergonha de admitir. "Um sonho significa só que você comeu alguma coisa que não caiu bem", diz ela às vezes, de um jeito bem desafiador. Mesmo assim, lembrar dos sonhos virou uma espécie de exercício e ela passa horas caçando

interpretações satisfatórias em seus livros. Na prateleira de cima, há também um rosário, alguns números antigos de um periódico religioso chamado *Mensageiro do Coração Sagrado* e uma cópia usada de *Reflexões espirituais para freiras*, do reverendo Charles J. Mullaly, da Companhia de Jesus, que ela emprestou de uma freira italiana, uma das Filhas de Maria Auxiliadora, que coordena uma escola em Chinatown. No últimos tempos, Mazie tem lido uma página desse livro por dia. Ela diz que não consegue entender quase nada, mas que se sente bem quando lê. Mazie não é católica; é judia, mas está envolvida com o catolicismo romano há muitos anos. Um de seus amigos mais antigos na vizinhança é o monsenhor William E. Cashin, pároco de Santo André, uma igrejinha nos fundos da prefeitura. Ela frequenta a missa dos trabalhadores noturnos, celebrada todos os domingos às duas e meia da manhã na Igreja de Santo André pelo monsenhor Cashin. Ela ocupa um banco com a cabeça curvada. Cercada por policiais, bombeiros, zeladoras, telefonistas, enfermeiras, gráficos e outros trabalhadores noturnos que comparecem à missa com regularidade, ela se sente em casa. Na saída, sempre coloca uma nota de um dólar na caixa de doações. De vez em quando, telefona para o monsenhor e tem uma longa conversa com ele e ele, sempre que percorre a Bowery, passa pela cabine do cinema para cumprimentá-la.

Além disso, Mazie conhece bastante bem duas madres superioras. O rosário que guarda na cabine foi presente das Irmãs de Nossa Senhora da Doutrina Cristã, que comandam a Madonna House, um abrigo na Cherry Street. A irmã Margaret, que é a madre superiora lá, conhece Mazie há anos e fez o esforço de tentar entendê-la. “Ter fama de durona talvez seja um trunfo na Bowery”, disse certa vez a irmã Margaret para um amigo, “e meu receio é que Mazie tente dar às pessoas a pior impressão possível, só para se proteger. Ela não é durona de verdade. No fundo, ela é bondosa e gentil. A gente pode sempre contar com a ajuda dela. Algumas semanas atrás, houve um incêndio em um predinho pobre de famílias italianas perto daqui. Uma das famílias tinha um bebê. Era tarde da noite e a gente não sabia muito bem como ajudar. Duas irmãs foram falar com Mazie e ela veio na mesma hora, encontrou um lugar para a família morar e deu um pouco de dinheiro para a mãe”. O santo favorito de Mazie é São João Bosco. Existe uma estátua dele num nicho no campanário da Igreja da Transfiguração, uma abadia em Chinatown castigada pelo tempo. De noite, o santo pode ser visto à luz da galáxia de luminosos que brilha nos restaurantes de *yakisoba* ao redor da igreja. Quando passa pela Mott Street, Mazie levanta a cabeça, olha para o

santo e persigna-se. “Uma vez, perguntei pra uma freira se não tinha problema eu fazer o sinal da cruz em mim e ela disse que não tinha”, diz Mazie.

Mazie se interessou pelo catolicismo no inverno de 1920. Uma prostituta da Mulberry Street, mãe de duas filhas pequenas e viciada em drogas, foi até a cabine dela numa noite e pediu ajuda. A mulher disse que as crianças estavam morrendo de fome. “Eu sabia que essa garota era uma drogada”, diz Mazie, “e fui até a casa dela só pra ver se ela não estava mentindo sobre as crianças. Ela tinha mesmo duas filhas e elas estavam morrendo de fome dentro de um quarto minúsculo. Tentei conseguir ajuda – com a polícia, com a assistência social, com as chamadas missões na Bowery comandadas por metodistas ou sei lá o quê que eles são. Mas todas essas pessoas disseram que a garota era drogada. Usaram isso como desculpa para não mover nem um dedo. Até que encontrei duas freiras na rua e elas foram comigo até a casa da garota. Aqui, entre nós, a gente conseguiu endireitar a menina. Gostei das freiras. Elas pareceram humanas de verdade. Foi assim que fiquei interessada pela Igreja Católica”.

Mazie não passa muito tempo em casa e encoraja todo mundo a ir vê-la no trabalho. Suas visitas se mantêm perto da porta traseira da cabine da bilheteria, no saguão do cinema. Ela fica com frequência tão envolvida numa conversa que se vira na cadeira giratória, dando as costas para os clientes, que têm de gritar e bater no vidro para conseguir comprar ingressos. De manhã, quase todos os visitantes dela são mendigos de ressaca que aparecem se coçando e se contorcendo para pedir dinheiro a fim de tomar os primeiros drinques do dia. Ela dá moedas de dez centavos com regularidade para cerca de vinte e cinco desses homens. Por causa disso, ela é criticada por evangélicos linhas-duras que realizam cantorias de hinos nas sarjetas da Bowery todas as noites. Uma dessas pessoas, uma senhora de idade com aparência sinistra, apareceu na cabine não faz muito tempo e deu de dedo em Mazie. “A gente sacrifica nossas noites pra vir aqui e encorajar esses infelizes a virar a página”, disse ela. “E você dá dinheiro pra eles beberem.” Quando Mazie é confrontada com uma situação dessas, faz comentários irrelevantes ou vulgares até que a reclamante vá embora. Nessa ocasião, ela se inclinou para frente e disse: “A senhora me desculpe, mas dá pra ouvir o seu estômago roncando. Acho que a senhora precisa de uma cerveja”.

Entre os homens que ganham dinheiro de Mazie para beber, poucos são sociáveis. Eles pegam as moedas com dedos trêmulos, resmungam um obrigado e

desaparecem. Existem dois, no entanto, que demoram um pouco mais para ir embora. Eles se tornaram amigos próximos de Mazie. Um deles é um irlandês muito educado de nome Pop, o outro é um homenzinho lamentável que se diz poeta e a quem Mazie chama de Eddie Guest. Ela diz que gosta de Pop porque ele é muito feliz e de Eddie Guest porque ele é muito triste. "Venho de uma família devota de abstêmios", disse Pop certa vez. "A gente era uns treze na família toda e eles diziam que eu era o fraco porque ficava bêbado nas noites de sábado. Pois todos eles já esticaram as canelas. Woodrow Wilson era o presidente[38] quando o último morreu e eu ainda estou aqui bebendo do bom e do melhor e piscando para as moças bonitas." "É isso aí, Pop", disse Mazie. Pop opera em pontos de ônibus. Ele aborda pessoas que estão esperando ônibus nas esquinas e pede um trocado para ir até o centro ou voltar, dependendo do caso. Quando consegue um trocado, belisca a aba do chapéu e corre para o próximo ponto de ônibus. De noite, canta músicas românticas em bares irlandeses da 3rd Avenue. Mazie acha que ele é um ótimo barítono e todas as manhãs, para retribuir o trocado, ele canta duas ou três baladas. As favoritas – aquelas que ela cantarola – são "Whiskey, You're the Devil", "The Garden Where the Praties Grow", "Tiddly-Aye-Aye for the One-Eyed Reilly" e "The Widow McGinnis's Pig". Às vezes, Pop arrisca uns passinhos de dança no saguão do cinema. "Ver o Pop é muito melhor do que ver o filme que passa lá dentro", diz Mazie nessas ocasiões.

Eddie Guest é um poeta melancólico, derrotado, que circulava pelo Greenwich Village e que, nos últimos oito ou nove anos, é visto de vez em quando na Bowery. O tempo todo ele fica resmungando poemas para si mesmo e pelo menos uma vez por ano é colocado em observação no Bellevue. Ele carrega tudo que tem numa bolsa de praia ensebada e dorme em albergues noturnos, mas nunca passa duas noites seguidas no mesmo lugar porque, diz ele, não quer que seus inimigos saibam onde está. Durante o dia, ele entra e sai de filiais da Biblioteca Pública espalhadas pelo centro. Numa noite, no Venice, ele viu *The River*[39], o filme em que os nomes dos afluentes do Mississippi deram origem a um poema. Quando saiu do cinema, ele parou na cabine de Mazie, abriu os braços e recitou os nomes de várias hospedarias na Bowery. "O Alabama Hotel, o Comet e a Uncle Sam House", disse ele, declamando, "o Dandy, o Defender, o Niagara, o Owl, a Victoria House e o Grand Windsor Hotel, o Houston, o

[38] Woodrow Wilson foi presidente dos Estados Unidos entre 1913 e 1921. A história de Mazie se passa em 1940.
[39] O curta-metragem *The River* (1938), de Pare Lorentz, trata dos problemas ligados à bacia do rio Mississippi, como enchentes sazonais e erosão de solos férteis.

Mascot, o Palace, o Progress, a Palma House e o White House Hotel, o Newport, o Crystal, o Lion e a Marathon. Todos albergues noturnos. Todos na Bowery. Todos e cada um deles, meu lar, doce lar." Por alguma razão, Mazie achou isso extraordinariamente engraçado. Agora, nas manhãs, para conseguir um trocado, Eddie Guest é obrigado a recitar esse cântico para ela. A reação de Mazie é sempre dar um tapa na coxa direita, jogar a cabeça para trás e gargalhar. Eddie Guest e Mazie conseguem se divertir de um jeito absurdo e lúgubre com as placas penduradas nas entradas dos albergues e com os menus escritos com letras brancas nas janelas dos restaurantes de focinho de porco. Quando Mazie passa pela Victoria House e vê a placa do lugar, "Quartos com luz elétrica, 30 centavos", ou quando olha para a janela do Greek na Chatham Square, "Focinhos com porção de batatas fritas & café, chá ou leite, 10 centavos", ela sempre dá uma risadinha. Mazie tem um respeito considerável por Eddie Guest, mas acha que ele brinca quando diz que é poeta. Uma vez, ele leu para ela um poema ininteligível sobre a civilização nos Estados Unidos, no qual diz que estava trabalhando há vinte anos e cujo título é: "Hoje, nada de trapos, nada de ossos, nada de garrafas". "Se isso aí é um poema", disse Mazie quando ele terminou de ler, "eu sou a rainha da Suécia".

Os visitantes que Mazie recebe à tarde são muito mais respeitáveis do que os da manhã. As pessoas que passaram para conversar com ela entre o meio-dia e as seis da tarde de um sábado incluem o monsenhor Cashin, Fannie Hurst[40], dois detetives da delegacia de Oak Street, um jovem apostador chinês vestido de maneira extravagante que Mazie chama de Fu Manchu e que é influente no Tze Far, a versão de Chinatown para a loteria; duas freiras da Madonna House, que queriam agradecê-la por ter comprado um fonógrafo para a ala das mulheres no abrigo; uma garota tagarela de Atlanta, na Geórgia, chamada Bingo, que foi anfitriã em um clube de *taxi-dancers*[41] na Broadway e hoje vive numa união estável com o *chef* de um restaurante de *yakisoba* na Mott Street; o balconista de um bar da Chatham Square, que pediu para ela interpretar um sonho; e o recepcionista de uma pensão, que veio contar que um mendigo chamado Tex havia se enforcado no banheiro, na noite anterior. Quando recebeu a notícia sobre Tex, ela acenou sabiamente com a cabeça e disse, como

[40] Fannie Hurst (1885–1968) foi uma escritora americana muito famosa no período entre-guerras. Entre seus livros mais conhecidos, estão *Imitação da Vida* (adaptado para o cinema em 1934 com a atriz Claudette Colbert no papel principal) e *Corações Enamorados* (também levado ao cinema, em 1954, com Frank Sinatra e Doris Day).

[41] Os clubes de *taxi-dancing* eram aqueles em que você podia pagar para ter uma parceira de dança, escolhendo entre as mulheres que trabalhavam na casa – as chamadas *taxi-dancers*.

sempre faz quando fica sabendo da morte de um conhecido: “Bom, todo mundo vai morrer uma hora ou outra. Ninguém vive para sempre. Quando chega a sua vez, não importa se você é rico ou pobre, você tem que ir”. A maioria dos visitantes naquela tarde era de velhos amigos de Mazie. Miss Hurst, por exemplo, ela conhece há onze anos. Mazie a chama de Fannie e gosta de contar como foi que se conheceram.

“Numa noite”, diz ela, “uma dama bonitona veio até a minha cabine e disse que estava passeando pela Bowery e que tinha vontade de me conhecer. Ela disse que o nome dela era Fannie Hurst. ‘Prazer, Fannie’, eu disse. ‘Eu sou a Mary Pickford.’ No fim das contas, era mesmo Fannie Hurst. No início, achei que ela ia me colocar num de seus livros e não fui muito com a cara dela. Quando prometeu que não escreveria nada sobre mim, viramos amigas”. Miss Hurst visita Mazie com frequência. Cada vez que ela aparece, Mazie dá uma olhada no vestido de Miss Hurst, apalpa o tecido, pergunta quanto custou, diz que ela foi enganada e recomenda que experimente uma das lojas na Division Street. Miss Hurst não se incomoda. “Admiro a Mazie”, disse. “Ela é a pessoa mais generosa que eu conheço. Não importa se o mendigo está imundo, bêbado ou fedorento, ela o trata como um igual.” Até pouco tempo atrás, Miss Hurst levava amigos para conhecer Mazie. “Meu medo é de que olhem para ela como se fosse apenas mais uma curiosidade da Bowery”, diz ela. “Por isso não levo mais ninguém. Convidava Mazie para as minhas festas. Ela sempre aceitou os convites, mas nunca foi a nenhuma. Acho que ela ainda é um pouco desconfiada comigo, apesar de eu nunca ter escrito nada sobre ela e de não ter a intenção de escrever. Eu a considero uma amiga. Só isso.”

De figuras como Fu Manchu e Bingo, ela ouve uma quantidade significativa de fofocas sobre pessoas de quinta categoria no submundo de Chinatown. Ela diz que nunca passa essas fofocas para frente, nem mesmo para suas irmãs. Detetives sabem que ela tem muitos amigos chineses e às vezes passam pela cabine do cinema para fazer perguntas aparentemente ingênuas sobre eles; Mazie encolhe os ombros e diz: “Não falar inglês”. De modo geral, no entanto, ela coopera com a polícia. Turistas bêbados procuram os estabelecimentos da Bowery para ver a vida como ela é e, quando Mazie percebe um deles cambaleando pela Chatham Square, telefona para a delegacia de Oak Street. “Esses idiotas sempre são um alvo fácil para vagabundos”, diz ela. “Não tenho simpatia nenhuma por esse pessoal que vem de fora, mas os vagabundos são o tipo mais desastrado de ladrão que existe. Eles sempre são pegos e é melhor acabar com as tentações pelo caminho.” Embora o linguajar dela assuste os

policiais de Oak Street, eles admiram Mazie. O detetive Kain, por exemplo, diz que ela é "a pessoa mais durona e com o coração mais mole nas redondezas da delegacia". "Ela conhece essa vizinhança como um fazendeiro conhece suas terras", diz ele. "Acho que ela tem um sexto sentido. É capaz de sentir quando qualquer coisa estranha acontece na Bowery."

Faz algum tempo que o detetive Kain está tentando resolver um mistério que envolve Mazie. É lógico que ela tem um telefone na cabine da bilheteria e, no dia 29 de junho de 1929, um homem cuja voz ela não reconhece começou a telefonar todos os dias às cinco horas da tarde, convidando Mazie para sair ou fazendo comentários enigmáticos como: "Ele fecharam a rua, Mazie. Ninguém consegue passar". Depois de três meses, parou de telefonar. Perto do Natal do ano seguinte, começou de novo. Desde então, tem telefonado de tempos em tempos. "Ele fica uns seis meses sem ligar", diz Mazie. "Aí, um dia, por volta das cinco da tarde, o telefone toca e a voz do outro lado diz: 'Todos os relógios estão parados' ou 'Mazie, eles cortaram o grande carvalho' ou algum outro comentário estúpido. Ele sempre fala pouco e, quando eu falo alguma coisa, ele desliga em seguida. Teve uma tarde que fiquei assustada. Ele me telefonou e disse: 'Mazie, tenho um sobrinho que está estudando para ser agente funerário e ele precisa de um corpo para poder praticar'. E desligou. Um minuto depois, ele ligou de novo e disse: 'Pode ser você! Pode ser você!'. De algum jeito, tive a sensação de que ele estava numa cabine telefônica do outro lado da rua. O pior é que desconfio de cada estranho que compra ingresso. Puxo conversa com estranhos só para ver se consigo reconhecer a voz no telefone. Acho que ele quer me deixar louca." Entre os amigos, Mazie se refere ao sujeito como "O Homem". Se ela tem visitas por volta das cinco da tarde e o telefone toca, ela diz: "Atenda e veja o que O Homem vai dizer dessa vez". Fannie Hurst atendeu uma vez. "Foi macabro", disse ela. O detetive Kain ouviu várias vezes, fez advertências ao homem e tentou em vão rastrear as ligações. Mazie troca de número com frequência, mas não adianta nada.

Mazie fecha a bilheteria pouco depois das onze da noite, quando o último filme está passando, e vai até uma lanchonete vinte e quatro horas perto da Brooklyn Bridge, onde dá uma folheada no *Daily News* enquanto toma café com pão de mel. As únicas coisas que lê com regularidade e do início ao fim são as seções de quadrinhos, da "Voz do Povo" e do "Fotógrafo Questionador". Ela diz que não lê artigos sobre política nem sobre guerra porque não consegue entendê-los e porque são tristes. "O mundo está perdido", disse certa vez. "Sempre esteve, sempre estará." Quando lhe

perguntaram: “Você realmente acredita nisso?”, respondeu: “Não”, depois de pensar por um momento, “acho que não”. Ela passa meia hora na lanchonete. Em seguida, quase todas as noites, antes de ir para casa dormir, dá uma volta samaritana pela Bowery e arredores. Ela carrega uma sombrinha e uma bolsa grande, com uma lanterna, alguns sabonetes do tamanho que se vê em banheiros de hotel e um suprimento de moedas de cinco, dez e vinte e cinco centavos.

Se faz frio, ela passa primeiro por um beco perto dos degraus que levam até o corredor de acesso da Manhattan Bridge. Nesse beco, mendigos gostam de fazer fogo em tambores de óleo. Ela distribui alguns trocados. Depois fiscaliza o Columbus Park, um quarteirão a oeste de Chatham Square, um lugar onde, no inverno, mendigos desmaiam nos bancos e acabam morrendo de frio. A polícia diz que Mazie salvou dezenas de homens nesse parque. Depois, atravessando Chinatown, volta para a Bowery e vai para a parte alta da cidade, parando toda vez que reconhece um mendigo e dando dinheiro suficiente para uma refeição, para um drinque ou para uma pensão. Com frequência, além de uns trocados, dá também um sabonete. “Meu amigo, *por favor*, use isso”, ela quase implora. Aqui e ali, ela pega a lanterna e examina com cuidado o batente de uma porta. Presta bastante atenção nos mendigos bêbados ou nos exaustos que dormem encostados nas portas, em plataformas de carga e nas calçadas. Ela sempre tenta acordá-los e mandá-los para pensões. Com o tempo ameno, se eles não parecem dispostos a se mexer, ela os deixa no lugar em que estão. “Uma calçada é quase tão boa quanto um leito de albergue no verão”, diz ela. “Você pode acordar entrevado, mas não vai se sentir miserável.” Porém, no inverno, ela os importuna até que acordem. Ela usa a sombrinha para acertar as costelas e, se for necessário, fica de joelhos para estapear a cara deles. “Quando um mendigo dorme a valer, dá pra serrar uma perna que ele não percebe nada”, diz. Às vezes, um mendigo acordado pela Mazie tenta revidar. Quando isso acontece, ela assume a posição de um esgrimista, com as pernas bem abertas, e acerta o ar com violência usando a sombrinha. “Nem vem”, grita ela, “que não tem”. Se um homem está muito fraco, bêbado ou sem ânimo para se levantar, Mazie o segura pelos cotovelos e puxa até que fique de pé. Sustentado pelas pernas, ele é guiado até o albergue mais próximo e puxado e empurrado pelos degraus da entrada. Ela paga pela hospedagem do homem para o recepcionista (trinta centavos costuma ser o preço) e insiste que deem ao menos dois cobertores para ele. Em seguida, com a ajuda do recepcionista ou do segurança, ela tira os sapatos do homem, desabotoa o colarinho, afrouxa o cinto e o coloca na cama

sem tirar as roupas. Em geral, esse é um processo tumultuoso e acontece de vários hóspedes serem acordados. Eles colocam a cabeça para fora da porta de seus cubículos. “É a Mazie!”, gritam eles. “Oi, Mazie!” De vez em quando, um mendigo mais emotivo sai do quarto só de cueca e insiste em apertar a mão de Mazie. “Deus te abençoe, Mazie!”, berra ele. Mazie não aprova essas bobices. “Volte pra cama, seu bode velho”, diz ela. Se conhece o recepcionista e confia nele, ela deixa alguns trocados e pede que entregue o dinheiro para o mendigo quando ele acordar. Os albergues são exclusivos para homens e Mazie é a única mulher que cruzou a porta de muitos desses lugares.

Pelo menos duas vezes por semana, Mazie encontra homens feridos na rua. Nessas situações, ela telefona para a central de polícia e pede uma ambulância que venha do Gouverneur ou do Beekman Street, os hospitais que cuidam da maioria dos casos da Bowery. Ela conhece vários motoristas desses hospitais pelo nome e fica dizendo o que eles devem fazer. A polícia diz que Mazie chama mais ambulâncias do que qualquer outra pessoa física na cidade, e ela se orgulha disso. “Eu não abuso”, diz. “A menos que um homem esteja todo machucado e ensanguentado, não chamo a ambulância. Mas, se fosse do meu jeito, elas trabalhariam a noite inteira. Quase todos os mendigos da Bowery deveriam estar no hospital.”

Em sua caminhada, Mazie procura manter distância de figuras populares da noite na Bowery. Entre elas, estão a Viúva e o Chorão. O Chorão é um mendigo velho que senta no meio-fio durante horas, com os pés na sarjeta, chorando sem parar. Uma vez, Mazie o tocou no ombro e perguntou: “Qual é o problema?” “Cometi o pecado imperdoável”, disse ele. Mazie perguntou no que consistia o pecado e ele começou a dar uma descrição teológica que ela não entendeu e que interrompeu depois de alguns minutos, observando: “Caramba, Chorão, você não cometeu pecado nenhum. Você só deve estar com uma úlcera”. A Viúva é uma velha feia, corcunda e reclamona que usa um véu de luto, um chapéu espalhafatoso e um casaco preto ultrapassado, e que desce a Bowery mancando, por volta da meia-noite, distribuindo para os mendigos pedacinhos de papel com mensagens como: “Deus é amor” e “O fogo do inferno vai queimar para sempre”. Mazie tem medo dela. “Ela anda como uma mulher e se veste como uma mulher, mas quando fala tenho a impressão de que é um homem.”

Na maioria das noites, antes de ir para casa dormir, por volta das duas da manhã, Mazie faz paradas rápidas em vários bares e restaurantes vinte e quatro horas. Ela não se incomoda com o fedor de cerveja choca, repolho gorduroso e desinfetante.

“Depois de alguns anos na Bowery, o teu nariz não funciona mais”, diz. Ela vai a esses lugares não para comer nem para beber, mas para fofocar com os garçons e *bartenders*, e para ouvir a conversa dos mendigos bêbados. Ela descobriu que mendigos não falam muito de sexo, de esportes, de política ou de negócios – temas comuns num bar. Ela diz que a maioria deles é subnutrida demais para se interessar por sexo. Em vez disso, falam sobre como eles eram os maiorais antes de acabarem na Bowery. Embora Mazie ache fascinantes as histórias que contam, geralmente ela é cínica. “Pelo que eles falam”, diz, “todos os mendigos da Bowery ganharam milhões em Wall Street quando eram jovens, ou foram senadores, os foram dirigentes de alguma coisa muito importante. Mas esses pobres coitados nunca foram coisa nenhuma a não ser bebuns”.

(1940)

Como se uma vaca tivesse caído na minha cabeça

Quando tenho tempo de sobra, às vezes vou até o porão de um predinho marrom na 59th Street, a menos de um quarteirão do Columbus Circle, sento numa múmia egípcia roída por ratos e bato um papo com Charles Eugene Cassell, um velho ianque amargo e confuso por quem tenho um enorme respeito. Mr. Cassell tem sangue negro, francês, português e inglês. Ele chama a si mesmo de capitão Charley porque foi responsável por uma balsa com munição por um breve período durante a Primeira Guerra Mundial e não encontrou nenhuma razão que o impedisse de adotar a patente. Cerca de quinze anos atrás, depois de ter se tornado incoerente demais para se manter num emprego fixo, ele usou parte de suas economias para abrir um museu – o Museu Privado do Capitão Charley para Pessoas Inteligentes – em um prédio no Harlem; algum tempo depois, após uma série de roubos, ele se mudou para o porão na 59th Street. O capitão é um colecionador incansável e desordenado, e seu estabelecimento armazena milhares de objetos curiosos de todo tipo coletados durante os cinquenta e cinco anos em que trabalhou como marinheiro ou cozinheiro em embarcações comerciais e da marinha, e durante outros anos em que foi funcionário de clubes e de hotéis de Manhattan. As peças mais valiosas são um grupo de animais empalhados. Eles estão sarnentos e marcados por traças, mas várias vezes por ano o capitão consegue alugá-los para salas de cinema que os exibem no saguão sempre que têm um filme de selva em cartaz. A entrada no museu do capitão custa quinze centavos, mas ele vive esquecendo de cobrar. Grande parte dos visitantes é de gente que estava passando pela frente e ficou interessada pelos cartazes enormes dispostos no topo dos degraus que levam para o porão – cartazes como "Se você se considera inteligente, entre aqui", "O capitão Charley vende uma variedade de itens com preços de dez centavos até mil e quinhentos dólares" e "Se você é assim tão esperto, por que não está rico?". Algumas visitantes são mulheres em busca de barganhas em antiguidades.

Gosto de sentar no porão sinistro e cheio de mofo para escutar o capitão. Depois de ouvi-lo por mais ou menos quinze minutos, comecei a pensar numa coisa que aconteceu comigo quando eu tinha dez anos. Meu pai e um funcionário de nome Alonzo estavam abatendo uma vaca na entrada do celeiro, nos fundos da casa onde nasci numa cidadezinha da Carolina do Norte, e eu estava ajudando. A gente tinha um equipamento para içar a vaca de modo que pudéssemos tirar a pele; eu e Alonzo

segurávamos a corda. Tínhamos erguido a vaca do chão quando alguma coisa deu errado com o equipamento e, quando me dei conta, estava fora do celeiro correndo em círculos e berrando, e minha cabeça estava ensanguentada. Quando Alonzo me segurou e me acalmou, estatelado na grama verde debaixo de uma nogueira-pecã, olhei para o meu pai e disse: "Pai, o que foi que aconteceu?". Meu pai tinha um olhar distante e disse: "Filho, uma vaca caiu na sua cabeça". Por pelo menos uma semana depois do golpe na cabeça, tudo que as pessoas diziam para mim parecia ilógico e sem sentido; todas as conversas que eu ouvia pareciam acabar sempre de um jeito confuso e divertido. É assim que me sinto depois de ouvir o capitão Charley por um tempo. Sinto como se uma vaca tivesse caído na minha cabeça.

Na última vez que fui vê-lo, levei um caderno para tomar notas e, enquanto ele inspecionava o museu – estava procurando um osso que arrancou de um árabe por volta das nove horas de uma noite de lua cheia em 1907, após o árabe ter sido morto por assinar um tratado –, escrevi tudo que ele disse. O capitão não prestava muita atenção em mim enquanto falava; na maior parte do tempo, ele falava consigo mesmo. E, enquanto divagava, colhia alguns objetos da bagunça no piso do porão. Ele disse que queria encontrar o osso do árabe e enviar para o comissário Grover A. Whalen, da polícia, num pacote pelo correio. "Sonhei com o velho Grover na noite passada e decidi mandar um presente pra ele", disse o capitão. "No sonho, o velho Grover era o engenheiro de um cargueiro veloz na New York Central e eu era o bombeiro, e nós estávamos discutindo sobre quem tinha o direito de usar o apito. Apita! Apita! O velho Grover venceu." (O capitão Charley é um grande admirador de Mr. Whalen e uma vez perguntei por quê. Mr. Whalen é conhecido pela ousadia de suas roupas e é justamente esse o porquê. "Gosto do jeito como o velho Grover se veste", disse o capitão Charley. "Ele se veste com coragem.") Não demorou para o capitão acumular uma montanha empoeirada de objetos que incluem uma coruja empalhada, um porta-retratos velho de bordas douradas, uma lancheira de metal, uma pilha de programas de teatro e cardápios de restaurantes dos anos 1890, um chapéu feminino com uma pena verde de avestruz, uma bolsa velha de miçangas, um capacete colonial amassado, uma caixa de charutos cheia de conchas, broches de campanhas políticas e moedas chinesas; um rolo grande de jornais amarelados atado por uma gravata, uma faca de marinheiro, um guarda-sol que ele diz ter sido propriedade de uma senhora famosa de Nova Orleans chamada Mrs. Lilly-Belle Sue-

Belle Russell e a pele comprida de uma jiboia que matou uma garota e uma cabra na América do Sul no momento em que a garota estava ordenhando a cabra.

"Capitão Charley, onde o senhor nasceu?", perguntei.

"Nasci em Boston", disse. "Nasci no Centro[42]. Sou um ianque da Nova Escócia, criado a bacalhau e oxicoco. Pessoas como eu não existem mais. Estão todas mortas. Eu me considero diferente dos outros homens, estou num plano superior, sempre fui chefe, nunca usei pijama listrado. Pegue o homem mais importante do país e, não importa o que ele tenha feito de importante, eu fiz duas vezes mais. Não fumo e não frequento nenhum daqueles bares duvidosos da Columbus Avenue. Bebo em lugares finos. Nada além de champanhe e conhaque, não bebo outra coisa. Pessoas finas me convidam para jantar na casa delas, só para se sentirem honradas, e me mandam para casa cheio de conhaque. Sou muito específico com relação à minha comida. Quando tenho dinheiro no bolso, preparo uma bela mesa e não como nada além de lagosta, pêssegos frescos e bistecas. Existe gente que viveria muito bem só com o que eu jogo fora. Eu tirava vantagem das mulheres, mas em algum ponto da vida perdi meus instintos animais. Consigo encarar um bandido nos olhos e convencer o sujeito a mudar de ideia, mas não consigo fazer mais nada com uma mulher. Cheguei a ter nove mulheres na minha folha de pagamento e todas elas roubaram de mim, me deixaram sem nada. Malditas! Qualquer dias desses, vou fazer a mala, voltar pra Boston e morrer. Não vou nem me incomodar com terreno no cemitério. Vou só achar uma sarjeta que seja conveniente pra mim, deitar e morrer. Que tristeza! Decidi morrer em Boston porque nasci lá. Do pó viemos e ao pó voltaremos. Quando mais velho fico, mais indignado me sinto. É impossível encontrar um homem honesto, uma mulher honesta. Não sou a favor de boas ações; uma vez tentei ajudar um sujeito a sair de um poço e acabei caindo no poço e quebrando as duas pernas. Sou a favor de homicídios porque eles abrem espaço pra quem fica. Sou a favor de matar todos os velhos com exceção de mim. Sou esperto demais pra ser morto. Sou taxidermista. Consigo montar um mosquito. Consigo montar um morango. Consigo montar qualquer peixe que você queira."

[42] "Centro" faz referência a um dos apelidos de Boston: o Centro do Sistema Solar ou o Centro do Universo – *The Hub of the Solar System* ou *The Hub of the Universe*. Com o tempo, virou apenas *The Hub*. A origem do nome se deve a um jurista americano que afirmou, em 1858 e a sério, que a Assembleia Legislativa de Massachusetts era o centro do universo. O comentário foi considerado arrogante e prepotente, mas o apelido pegou.

Nesse momento, uma campainha pendurada na maçaneta da porta de entrada tilintou e uma mulher de meia idade entrou no museu. Quando os olhos dela se adaptaram à pouca luminosidade, ela olhou bem para nós e disse: "Posso dar uma olhada nas antiguidades?". O capitão disse: "Fique à vontade". Ele arrastou os pés na direção dela e cobrou os quinze centavos da entrada, e depois continuou procurando o osso do árabe. A mulher ficou alguns instantes imóvel, encarando o capitão. Ele é pequeno, encardido e tosco. Tem um olhar cansado. Ostenta um bigode branco e encerado. Ele estava usando sua roupa de sempre – calças esfarrapadas de linho, uma blusa de gola rulê, um casaco grosso de lã, um boné de capitão e um par de tênis pintados com tinta esmaltada de cor prata. Um dia, ele estava pintando algumas conchas com tinta prateada e achou que ela ficaria boa nos tênis.

"Dá uma olhada nessa lancheira", disse. "Ela era de Al Smith[43] quando ele trabalhava no Fulton Fish Market. Nunca usei uma coisa dessas na vida. Sempre tive dinheiro, nunca passei necessidade; tive catapora, tive doença do sono, tive hidropisia, tive febre amarela, tive um princípio de pneumonia. Tive todas as doenças listadas pela medicina. Meu pai era um homem grandalhão, forte como uma mula, nascido numa fazenda da Nova Escócia, que passou a maior parte da vida em Boston. Ele nasceu num celeiro. Toda vez que entrava em algum lugar, deixava a porta escancarada. As pessoas gritavam para ele: 'Feche a porta! Você por acaso nasceu num celeiro?'. E ele respondia: 'Nasci, sim. Como foi que você adivinhou?'. Ele era extremamente orgulhoso. Era o que chamam de vagabundo de praia. Ele trabalhava fazendo uns bicos no porto e fazia a gente comer peixe até as espinhas saírem pelas orelhas. Quando penteava meu cabelo de manhã, chegava a tirar dele uma porção de espinhas. Era de tal jeito que meu estômago ficava cheio ou vazio de acordo com a maré. Peixe, peixe! Eu já era quase crescido quando descobri que as pessoas comiam outras coisas. Ele me levava junto pros bares quando eu ainda era pequenininho. Ele me colocava sentado no balcão do lado do copo de uísque. Quando ele olhava pro lado, eu roubava um golinho e depois engatinhava na serragem provocando os gatos que viviam bar. Meu pai me colocava debaixo do braço direito como se eu fosse um saco de compras e me carregava para casa e me colocava na cama e eu curava a bebedeira dormindo. Eu resmungava e roncava como um adulto. As pessoas diziam

[43] O democrata Alfred Emanuel Smith (1873–1944) foi quatro vezes eleito governador do estado de Nova York e concorreu à presidência dos Estados Unidos em 1928, perdendo para o republicano Herbert Hoover (1874–1964).

que eu era o menininho mais lindo de Boston. Sempre fui esperto. Trabalhei a vida inteira, nunca tive tempo pra jogar beisebol, nunca brinquei de pião. O primeiro trabalho que tive na vida foi como guia de um pedinte cego nas ruas de Boston, um sujeito chamado de Cego Clancy, que gostava de gim. Eu tinha sete anos de idade, quase oito. A mão dele parecia de aço. Ele agarrava meu ombro e o aperto era tão forte que doía. Ele era um cego esperto; nunca me deixava segurar o copo das esmolas. A gente cambaleava juntos enquanto ele cantava: 'Pessoas, por favor, sejam boas e deem um trocadinho para o cego'. Fiquei de saco cheio de ouvir essa frase e um dia fui embora deixando o cego bem no meio de um desfile na Tremont Street. Eu ficava à toa nas docas. Aos dezesseis me tornei fisicamente apto para trabalhar em mar aberto, recebendo o salário de um adulto. Imagine aqueles capitães velhos; caramba, eu deixava todos eles no chinelo porque sabia um monte de astronomia. Eu era ateu, mas estou ficando tão velho que sinto medo de ser ateu. Ser condenado ao inferno, por exemplo. Não acreditava nisso, mas agora estou na dúvida. E me parece tão lógico. Sou um Cristão Só Pra Garantir. De vez em quando, acho uma igreja e me acerto com o Espírito Santo, só pra garantir. Ainda assim, e levando tudo em consideração, não suporto religiosos. No fundo do meu coração, não sou a favor de falsas esperanças; sou a favor de uma bisteca aqui e agora. Veja isso. O capacete colonial de Theodore Roosevelt. Eu estava trabalhando num clube cheio de velhos endinheirados que ficavam por ali o dia inteiro sentados em poltronas confortáveis de couro, cochilando, resmungando e se coçando. E um desses velhos ricos disse para mim: 'Escuta, Charley, você quer ficar com esse capacete? Ele foi do presidente Roosevelt'. Claro que fiquei feliz de pegar o capacete pra mim. O velho Theodore usava quando se embrenhava na selva. Isso que era vida: caçar pra valer. Pá! Pá!"

Súbito o capitão se virou para analisar a visitante e garantir que não estava roubando nada. Ele acha que todas as pessoas que entram no museu querem roubar alguma coisa. A mulher fingia examinar um crocodilo empalhado, mas, pela expressão de perplexidade em seu rosto, eu sabia que ela estava prestando atenção em tudo que o capitão dizia.

"O mundo me deve muita coisa", continuou o capitão, "mas não vou receber nada. Ele me deve muitas horas de sono. Não saio da cama antes do meio-dia. Às vezes, continuo na cama mesmo depois do meio-dia. Tem dias que me sinto tão indignado que fico três, quatro dias seguidos na cama. Alguém bate na porta e grito: 'Vá embora! Vá embora! Tem um velho aqui dentro com um caso grave de lepra.

Fuja enquanto há tempo, seja você quem for'. Fico deitado na cama elaborando uma lista longa de pessoas que eu queria que morressem. Às vezes fico sentado e coloco um espelho no colo para encerar o meu bigode e ele fica tão pontudo que chega a ser perigoso. Às vezes canto sozinho. Você conhece aquela música, "Mother"? O capitão jogou a cabeça para trás e começou a cantar com a voz trêmula. "M é das maravilhas que ela fez por mim, O é dos seus olhos lindos e carinhosos, T é de toda tristeza que causei em sua vida, H é do hábito de me amar…" Ele desafinou, bufou de raiva e cuspiu no chão. "Ah, inferno. Eu andava com as mulheres mais festeiras do país até que me casei com uma garota de Buffalo. Fui até Buffalo pra resolver umas questões políticas, vi a garota e me casei com ela. Tivemos duas filhas lindas e, depois que elas cresceram, montei uma loja de doces pra elas na Amsterdam Avenue, meio a meio, mas as duas eram muito frescas pra atender os clientes, por isso fiz as duas se casarem com funcionários dos correios. Não acho que médicos e advogados tenham o futuro garantido, por isso fiz as duas se casarem com funcionários dos correios do Bronx. Trabalhar pro governo é o emprego mais garantido que existe. Se eu tivesse uma segunda chance, ia abocanhar uma teta do governo e segurar firme até a morte. Sempre fui um líder, sempre tive amigos importantes. O. Henry[44] era meu chapa. Ele me perguntava sobre os países que eu tinha visitado e, quando eu respondia, ele me dava um dólar. Quando surgiram as primeiras bicicletas, ele me comprou uma bicicleta e me comprou uma mala de roupas. Ele era esse tipo de homem. Trabalhei para um sujeito que cuidava de um hotel. Às dez da noite, ele ia embora e me deixava sozinho cuidando do maldito hotel. E eu cuidava, sem problema. Nunca bebi tanto na minha vida como bebi naquela época. Lavava as minhas meias em bebida de qualidade. Fui de grumete a capitão. Onde foi parar aquela porcaria de osso árabe? Espero que o gato não tenha levado embora. O nome do meu gato é Timoneiro. Fui o primeiro colecionador de selos que existiu. Se você não acredita, prove que estou errado. Tente provar que estou errado, vou deixar você no chinelo. Quando você para pra pensar em tudo que eu fiz, as pessoas deviam me respeitar muito mais. Se um homem não mostra o respeito devido, dou nas pernas do sujeito."

A visitante foi embora. A campainha na porta tilintou quando a porta se fechou.

[44] O escritor O. Henry, pseudônimo de William Sydney Porter (1862–1910), foi célebre como contista.

"Aposto que ela roubou alguma coisa", disse o capitão, socando um joelho num gesto infantil e descontraído. "Todo mundo rouba alguma coisa. Arranjei um gato de primeira categoria, o melhor gato que já tive. Salta para acender a luz. Sobe na cama e coça minhas costas. Tive um macaco de estimação. E me livrei dele; macaco fede. Quando falo, eu me animo. Bati tanto a cabeça em brigas de bar que minha memória não é muito boa. É um negócio desagradável quando você não consegue se lembrar das coisas; me incomoda um bocado. É de ficar louco. Olha essa pele de cobra aqui. Um jiboia da América do Sul. Dava para fazer cinquenta e cinco pares lindos de sapatos femininos com essa pele de cobra. Maior pele de cobra dos Estados Unidos inteiro. Não existe nenhum milionário com uma pele de cobra longa desse jeito. Estou muito indignado com esse mundo. Gostaria de participar de uma expedição, de uma expedição científica. Admiro inteligência. Mataria um homem só por ele ser burro ou reconheceria seu valor se tentasse me roubar porque isso mostraria que tem bom senso. O que importa é a inteligência. Recebo uma pensão do Estaleiro Naval do Brooklyn, recebo uma pensão pela Guerra Hispano-Americana e não confio em ninguém. Não confio em religiosos, não confio em jornais, não confio em rádios, não confio em cartazes, não confio no rótulo bonito da garrafa de bebida que diz envelhecido por oito anos; é tudo um monte de mentiras. Quando escuto o apito, eu não consigo acreditar nem que o trem está vindo. Minha personalidade é a de um radical e não consigo ser de outro jeito. Quando ia pro mar, vivia arranjando encrenca. Era briguento. Bastava eu descer do barco para todo mundo sumir em terra firme. Em algumas cidadezinhas, meia hora depois de eu aportar, ficava tudo deserto. As pessoas pegavam um cobertor pra deitar em cima e alguns mantimentos e se escondiam nas montanhas até que eu voltasse pro mar. Teve uma vez que fui o cozinheiro numa expedição científica pro Ártico. Achei o osso de um mastodonte e queria pegar pra mim. Era bem o que eu queria. Sempre estive à procura de ossos e outros artefatos históricos; mesmo quando eu era jovem e vivia pensando em mulher, eu já estava planejando meu museu. Mas existia uma regra que mandava você entregar tudo o que encontrasse. Aí um marinheiro disse pra mim: 'Quebre, cozinhe e você vai conseguir ficar com ele'. Levantei aquele osso valioso acima da cabeça e dei com tudo no deque do navio e ele ficou totalmente despedaçado. E consegui ficar com ele. Ainda tenho um pedaço dele lá naquele canto. Vale pelo menos mil e quinhentos dólares."

Esse é um bom exemplo de como o capitão responde a uma pergunta. Não sei se você vai lembrar, mas a única coisa que perguntei foi: "Capitão Charley, onde o senhor nasceu?". Depois da minha última visita, chequei várias afirmações do capitão, não que faça alguma diferença para mim se elas são falsas ou verdadeiras. Primeiro, fui atrás da história de que ele só bebe champanhe e conhaque. O balconista de um bar na Columbus Avenue, na esquina do museu, disse: "Aquele velho vem aqui às vezes pra dar um telefonema, eu me ofereço pra pagar uma bebida e é claro que ele aceita". O balconista disse que visitou o museu uma vez. "Meu Deus", disse ele, "que lugar! Se eles querem mesmo encontrar o juiz Crater[45], deviam dar uma olhada lá". Depois telefonei para Alfred E. Smith e perguntei se ele sabia que sua antiga lancheira de metal estava num museu. "Não pode ser minha lancheira", disse Mr. Smith, "porque eu nunca tive uma lancheira. Quando trabalhava no mercado de peixe, eu almoçava sempre em casa".

O capitão se torna evasivo e hostil quando alguém o obriga se explicar. Uma vez perguntei qual era o nome do navio de que ele foi capitão.

"Foi em 1917", disse ele. "Época de guerra."

"Qual era o nome do navio?"

"Como eu disse, era época de guerra. Eles chamavam de Guerra Mundial; pra mim, era só uma confusão e um alvoroço."

"Qual era o nome do navio?"

"Número Quatro."

"Que tipo de navio era o Número Quatro."

"Mas que coisa! O senhor não me interrompa. Sou uma pessoa de idade. Que falta de respeito!"

"Que tipo de navio era o Número Quatro."

"Era uma balsa. Era uma balsa com munição. Foi rebocada de Wilmington até o Estaleiro Naval do Brooklyn, e eu era o capitão. Todo mundo recebia ordens do capitão Charley. Metade do Brooklyn teria explodido numa noite se eu não tivesse desconectado a balsa do rebocador. A maré estava jogando a balsa de um lado para o outro e eu assumi o comando e desconectei. Se ela tivesse se chocado com o Brooklyn, teria sido o fim do Brooklyn. O que talvez não fosse ruim. Teria acabado com alguns cortiços. Já me envolvi em todo tipo de coisa. Fui até sequestrado.

[45] Joseph Force Crater (1889–1939) era um juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos e seu desaparecimento nunca foi solucionado.

Quando meu museu era no Harlem, um sujeito e uma garota que nunca vi na vida chegaram pisando no meu jardim e o sujeito disse: 'Foi você que se aproveitou dessa menina?'. E eu disse: 'Não sei. Talvez. Sou um velho ruim'. E a garota disse: 'Vamos arrancar tua cabeça'. Aí eles me sequestraram e me levaram até o banco e fizeram eu sacar o dinheiro da minha conta, duzentos e poucos dólares. Ameaçaram arrancar meu pescoço se eu falasse alguma coisa. Descobri quem era o sujeito; ele varria uma barbearia a quatro ou cinco quadras do museu. Passei por ele na rua algumas vezes, mas fiquei com medo de falar com a polícia. Nunca falei nenhuma palavra sequer. Não quis correr o risco. Preciso do meu pescoço para segurar a minha cabeça. Eu me sinto mal só de pensar numa faca. Como dizia a minha mãe: 'Por maior que seja o buldogue, quando entra numa encrenca, ele baixa a bola como se fosse um totozinho querido'."

Fiquei surpreso de descobrir que o capitão tem momentos de timidez. Ele é pequeno e de aparência frágil, mas é agressivo. Gosta de empurrar o boné de capitão para trás, erguer os punhos como um boxeador e fazer um relato assustador sobre como aleijou um colega desbocado de tripulação jogando pimenta nos olhos dele e depois acertando o rosto do sujeito com "a extremidade pontiaguda de uma garrafa de cerveja quebrada". Ele tem orgulho de seu boné de capitão. "Esse quepe abre portas e me leva a qualquer lugar". O capitão quer dar aos visitantes a impressão de que foi um amante magnífico; há um quadro pendurado na parede do museu com um velho lema de bar que diz: "Os momentos mais felizes da minha vida foram nos braços da esposa de outro homem". É comum que esse lema termine com um travessão e as palavras: "Minha mãe", mas o capitão cortou fora essa parte. Ele fica muito melancólico quando fala sobre suas conquistas em Paris, entre os esquimós e em várias ilhas do Pacífico Sul. Ele mexe a cabeça, dá um sorriso amarelo e diz: "Ainda tenho a paixão, mas não tenho mais o poder. Minha época acabou". Ele diz aos visitantes que tem "mais ou menos setenta e sete anos". "Não vou durar muito", gosta de dizer. "Mais uns três anos e vou esticar as canelas". No entanto, ele ainda tem muita força e ousadia. O porão é tão abarrotado que ele precisa lutar contra as peças em exibição para poder chegar até os fundos do museu, onde fica o quartinho onde come e dorme, tirando do caminho uma imensa divisória das antigas ou um baú pesado de marinheiro, e faz isso com uma facilidade de fazer inveja a qualquer jovem. Ele tem consciência de que é forte e sempre ameaça perder o controle e arrancar a cabeça de alguém. Assim como o museu, o quarto nos fundos é repleto de tralhas até

o teto. Ele faz as refeições sentado na cama. Na última vez que o visitei, havia uma bandeja na cama, com a cabeça e as espinhas de um peixe que o gato estava comendo.

O capitão Charley tem um bom motivo para ter medo de roubos porque o museu com frequência é invadido por assaltantes de quinta categoria; uma situação pela qual ele mesmo é o responsável; ao falar com visitantes, ele atribui valores espetaculares até para as bugigangas mais inúteis. É lógico que alguns visitantes acabam acreditando quando ele se gaba, segurando um balangandã sem valor: "Isso aqui vale mil quinhentos e setenta e cinco dólares". De vez em quando, um visitante volta à noite, quando o capitão não está, e entra no museu para roubar algumas coisas. Tenho certeza de que os ladrões ficam furiosos quando tentam passar adiante esses objetos. Quando o capitão sai do museu, ele deixa a porta aberta e pendura um aviso do lado de dentro que diz: "cuidado com as cobras vivas soltas por aqui". Durante o dia, a placa é eficaz, mas à noite, claro, não adianta nada. De maneira paradoxal, o capitão tem orgulho de ser roubado com frequência. Ele dá uma gargalhada aguda, que lembra um bode, e diz: "*Todo* mundo rouba o capitão Charley".

As propriedades mais extraordinárias do capitão Charley são dois objetos que parecem tábuas de passar envolvidas com tiras de tecido marrom. O museu é cheio demais para ter cadeiras e eu às vezes uso um desses objetos como banco.

"Você sabe no que está sentado?", o capitão me perguntou.

"Não, senhor", disse eu. "No quê?"

"Numa múmia egípcia."

"É sério?"

"Sim, caramba. É sério."

"Onde foi que o senhor conseguiu isso?"

"No Egito. Meu barco ficou retido em Alexandria e resolvi dar um passeio pelo Egito. Eles estavam tirando milhares de múmias antigas de suas tumbas e peguei três para mim. Peguei três de tamanho médio. Acho que são múmias masculinas. Acho que não faziam múmias com mulheres. Nessa viagem, eu era cozinheiro e dei um jeito de guardar as múmias na cozinha do navio. Deixei as múmias de pé nos cantos da cozinha. Quando a tripulação soube que eu tinha enchido a cozinha de múmias egípcias, eles me encheram o saco. Queriam jogar minhas múmias no mar, mas naquela noite peguei as múmias e usei os botes salva-vidas como esconderijos, debaixo de lonas. Fazia meses que a gente estava no mar, voltando para os Estados Unidos, e eu me divertia toda vez que pensava nas três múmias escondidas nos botes

salva-vidas como se fossem passageiros clandestinos. Depois de chegar em terra, fui pegar minhas múmias e uma coisa estranha aconteceu. Uma delas tinha sumido."

"O que o senhor acha que aconteceu com ela?"

"Ah, caramba, não faço ideia. Alguma coisa muito estranha. Quando um homem resolve mexer com múmias egípcias que acabaram de sair da tumba, todo tipo de porcaria pode acontecer."

(1938)

Professor Gaivota

Joe Gould é um homenzinho esquelético e despreocupado que há um quarto de século marca presença em cafeterias, lanchonetes, bares e pocilgas do Greenwich Village. Às vezes ele se gaba com ironia de ser o último dos boêmios. "Todos os outros ficaram pelo caminho", diz. "Alguns na cova, alguns no hospício, alguns no ramo de publicidade." A vida de Gould não é nem um pouco tranquila; ele é atormentado o tempo todo pelo que chama de "os três pês" – penúria, perdas e porres. Ele dorme em bancos de estações de metrô, no chão da casa de amigos e em pensões da Bowery que cobram vinte e cinco centavos por noite. De vez em quando, enfrenta uma caminhada até o Harlem para dormir num desses estabelecimentos conhecidos como "anexos do paraíso", administrados por seguidores do reverendo Divine, o evangelista negro, e consegue um pernoite por quinze centavos. Ele tem um metro e sessenta e não pesa mais do que quarenta e cinco quilos. Há pouco tempo contou para um amigo que não faz uma refeição decente desde junho de 1936, quando mendigou até chegar a Cambridge e participou de um banquete durante um encontro da sua turma de Harvard, formada em 1911. "Quando o assunto é viver na míngua", diz ele, "sou a maior autoridade dos Estados Unidos". Gould diz às pessoas que vive de "ar, autoestima, xepas de cigarro, café caubói, pão com ovo e *ketchup*". Café caubói, diz ele, é café forte que se bebe preto e sem açúcar. "Faz tempo que perdi meu paladar pra café de qualidade", diz. "Prefiro o tipo que, se você toma bastante, mais cedo ou mais tarde suas mãos começam a tremer e o branco dos olhos fica amarelado." Quando come um sanduíche, Gould esvazia um ou dois frascos de *ketchup* no prato e come de colher. Os garçons do Jefferson Diner, na Village Square, um de seus pontos de encontro, escondem todos os *ketchups* no momento em que ele põe os pés na lanchonete. "Particularmente, não sou muito fã dessa gororoba", diz, "mas adotei a prática de comer o máximo possível sempre que tenho chance. É a única boia grátis que eu conheço".

Gould é um ianque[46]. O seu ramo dos Gould vive na Nova Inglaterra desde 1635 e ele é aparentado com outras famílias antigas da região, como os Lawrences, os

[46] Em inglês, *yankee* é um termo usado para se referir a quem nasce ou a quem vive na região da Nova Inglaterra, no nordeste americano, formada pelos estados de Connecticut, Maine, Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Vermont. Na Guerra da Secessão (1861–1865), ianque era também o

Clarkes e os Storers. “Nada acontece comigo por acaso”, disse certa vez. “Vou contar o que foi preciso pra eu me tornar o que sou hoje. Foi preciso o velho sangue ianque, uma aversão extraordinária por propriedades, quatro anos em Harvard e vinte e cinco anos botando pra dentro bebida ruim e comida ruim.” Ele diz ser diferente do resto da raça humana porque não quer ter nada. “Se Mr. Chrysler tentasse me dar de presente o edifício Chrysler”, diz, “eu sairia correndo sem olhar para trás. Eu não seria dono do prédio; o prédio é que seria meu dono. Na minha terra, em Massachusetts, eu seria considerado um velho ranzinza. Aqui, sou um boêmio. Mas não faz diferença”. Gould tem a voz anasalada e o sotaque de Harvard. Atendentes de bares e de lanchonetes do Village o chamam de Professor, de Gaivota, de Professor Gaivota, de Mangusto, de Professor Mangusto, ou de Garoto de Bellevue. Ele usa roupas doadas por amigos. O sobretudo, o terno, a camisa e até os sapatos são um ou dois números maiores, mas ele os usa com uma espécie de cinismo miserável. “Olhe para mim”, diz, “a única coisa que me serve é a gravata”. Nos piores dias de inverno, ele usa uma camada de jornais entre a camisa e a roupa de baixo. “Sou esnobe”, diz. “Só uso o *Times*.” Ele aprecia chapéus inusitados – um gorro, uma boina, ou um quepe da marinha. Era uma noite de verão quando apareceu numa festa usando um terno de linho, uma camisa polo, uma faixa escarlate de *smoking*, sandálias e um quepe da marinha, todos de segunda mão. Ele usa uma piteira de cigarro longa e preta e na maior parte do tempo fuma as xepas que encontra pela calçada.

A boêmia envelheceu Gould consideravelmente. Ele adquiriu o hábito recente de pedir para as pessoas que acabou de conhecer adivinharem sua idade. Os palpites vão dos sessenta e cinco até os setenta e cinco; ele tem cinquenta e três. E nunca se incomoda com isso; encara como um atestado de sua superioridade. “Consigo viver em um ano”, diz, “o que humanos comuns vivem em dez”. Gould é banguela e sua mandíbula oscila de um lado para o outro quando fala. É careca no topo da cabeça, mas o cabelo na parte de trás é longo e encrespado, e ele tem uma barba volumosa cor de canela. Usa um par de óculos frouxos e entortados que escorregam para a ponta do nariz depois. Nem sempre usa óculos na rua e, sem eles, fica com a expressão selvagem e distraída de um velho acadêmico que estragou a visão lendo letras miúdas. Mesmo no Village ele chama atenção. É curvado e se move rápido, resmungando sozinho, com a cabeça projetada para frente e inclinada para o lado. Debaixo do braço

---

exército – e, por extensão, os soldados – que lutavam pela União contra as forças confederadas, formadas pelos separatistas do Sul.

esquerdo, carrega uma pasta de papelão marrom, ensebada e abarrotada; e balança o braço direito com agressividade. Enquanto anda apressado, parece que tenta afastar um inimigo imaginário. Um amigo dele, o artista Don Freeman, uma vez fez um esboço de Gould caminhando. Freeman chamou o desenho de "Joe Gould contra os elementos". Gould é tão agitado e independente quanto um gato vira-lata, e dá caminhadas longas pela cidade, às vezes sumindo do Village por semanas e deixando os amigos encasquetados; eles nunca sabem aonde ele vai. Quando volta, parecendo sempre feliz da vida, faz algumas observações misteriosas, dá umas risadinhas e não fala mais nada. "Saí para observar pássaros à beira-mar com uma velha condessa", disse depois do sumiço mais recente. "Eu e a condessa passamos três semanas observando gaivotas."

Gould quase nunca é visto sem sua pasta. Ele a coloca sobre as pernas enquanto come e debaixo da cabeça quando dorme nas pensões. Ela guarda montes de textos e anotações e cartas e recortes de jornal e exemplares de revistas obscuras de pequena circulação, um frasco de tinta, um dicionário, um saco de papel com xepas de cigarro, um saco de papel com migalhas de pão e um saco de papel com balas duras e redondas, compradas em lojas de miudezas, do tipo que chamam de azedinho doce. "Combato a fadiga com balas", diz. As migalhas são para os pombos; assim como vários outros excêntricos, Gould gosta de alimentar os pombos. Ele cuida de um bando que se empoleira no topo e ao redor da estátua de Garibaldi, na Washington Square. Esses pombos o conhecem. Quando vai até a praça e se senta nos pés da estátua, as aves pousam na sua cabeça e nos seus ombros, esperando pelo saco de papel com migalhas de pão. Ele deu nomes para alguns pombos. "Venha cá, Patrão", diz ele. "Hoje de manhã, na Stewart Cafeteria, uma senhora não terminou sua torrada integral e, quando ela foi embora, bingo, surrupiei a torrada do prato dela especialmente pra vocês. Olá, Peitudo. Olá, Barrigudo. Olá, Lady Astor. Olá, São João Batista. Olá, Polly Adler. Olá, Fiorello, meu velho, como vai você?"

Embora Gould se esforce para dar a impressão de que é um vadio filosófico, ele tem trabalhado numa quantidade enorme de coisas ao longo de sua carreira como boêmio. Todos os dias, mesmo quando tem uma ressaca braba, ou mesmo quando se sente fraco e indiferente por causa da fome, ele dedica pelo menos duas horas de trabalho para um livro sem forma e muito misterioso que chama de "Uma história oral do nosso tempo". Ele começou esse livro vinte e seis anos atrás e está longe de terminá-lo. A preocupação em torno do livro parece ser a principal responsável pela

forma como vive; um trabalho fixo de qualquer tipo, diz ele, acabaria interferindo nas suas reflexões. Dependendo do tempo, ele escreve em parques, em batentes de portas, em entradas de pensões, em cafeterias, em bancos nas plataformas elevadas de trem, em vagões de metrô e em bibliotecas públicas. Dependendo do ânimo, escreve até ficar exausto, e ele encontra ânimo em circunstâncias peculiares. Ele disse que teve uma noite em que ocupou uma mesa por seis ou sete horas num bar e restaurante da 3rd Avenue, ouvindo uma velha húngara bêbada contar a história de sua vida, sobre como tinha sido respeitável, sobre como tinha sido também uma traficante de drogas, e sobre como agora trabalhava de cozinheira fazendo sopa num hospital. Três dias depois, por volta das quatro da manhã, num leito do hotel Defender, no número 300 da Bowery, ele foi acordado pela buzina de nevoeiro de rebocadores no East River e não conseguiu voltar a dormir porque sentiu que estava com o ânimo ideal para incluir a biografia da velha cozinheira em sua história. Ele tem uma memória fora do comum; se fica impressionado com uma conversa, consegue memorizá-la, mesmo que seja longa e sem sentido, por vários dias, a maior parte palavra por palavra. Ele estava com uma gripe forte e mesmo assim se levantou, vestiu as roupas sob a luz vermelha que indica a saída e, na ponta dos pés para não incomodar os homens que dormiam em leitos ao redor dele, desceu as escadas até o saguão.

Lá escreveu das quatro e quinze da manhã até o meio-dia. Depois saiu do Defender, tomou um café numa lanchonete da Bowery e caminhou até a Biblioteca Pública. Ele trabalhou com afinco, ocupando uma mesa na sala de genealogia, que é um de seus passeios em dias de chuva. Ele diz gostar mais dessa sala por ser mais escura do que a sala principal de leitura, e ficou nela até a hora em que fechou, às seis da tarde. Depois foi para a sala principal e ficou lá, raramente tirando os olhos de sua obra, até a biblioteca fechar de vez às dez horas da noite. Ele comeu dois sanduíches de pão com ovo e uma porção de *ketchup* numa cafeteria da Times Square. Mais tarde, sem dinheiro para uma pensão, e cansado demais para ir até o Village em busca de abrigo, pegou o metrô do West Side e ficou nele o resto da noite, escrevendo sem parar enquanto o trem dava três voltas completas entre a estação de New Lots Avenue, no Brooklyn, e a estação de Van Cortlandt Park, no Bronx, que é um dos percursos mais longos do sistema de metrô. Manteve a pasta no colo, usando-a como se fosse uma mesa. Ele tem a persistência dos endemoniados. Sempre que o sono batia, chacoalhava a cabeça com vigor, pegava seu saco de papel e comia uma bala. As pessoas ficavam olhando e, numa ocasião, ele foi interrompido por um bêbado que

perguntou o que diabos estava escrevendo. Gould sabe como se livrar de bêbados curiosos. Ele apontou para a orelha esquerda e disse: “O quê? Que foi que você disse? Sou surdo como uma porta. Não escuto nada”. O bêbado perdeu o interesse. “Quando saí do metrô, o dia amanhecia”, diz Gould. “Peguei uma tosse e meu nariz escorria. Meus olhos doíam, meus joelhos tremiam, estava azul de fome e tinha exatamente oito centavos no bolso. Nada disso importava porque minha história tinha ganhado onze mil palavras novas e, naquele momento, aposto que não existia nenhum dono de empresa mais feliz do que eu em toda Nova York.”

Gould é assombrado pelo medo de morrer antes de terminar a primeira versão da “História oral”. Ela já tem onze vezes o número de páginas da Bíblia. Ele estima que o manuscrito some nove milhões de palavras, todas escritas à mão. É possível que seja a obra não publicada mais longa que existe. Gould escreve em cadernos de cinco centavos, do tipo que crianças usam nas escolas, e a “História oral” e as notas que fez para ela preencheram duzentos e setenta cadernos, todos esfarrapados, encardidos e manchados de café, gordura e cerveja. Usando uma caneta-tinteiro, ele preenche frente e verso das folhas, não deixa margens em parte nenhuma, e sua caligrafia é ruim; centenas de milhares de palavras são legíveis apenas para ele. Nenhum editor se interessou pela “História oral”. Ele chegou a carregar braçadas dela para quatorze editoras. “Metade disse que o livro era obsceno e escandaloso e que era pra eu levá-lo embora o mais rápido possível”, diz, “e os outros disseram que não conseguiram entender minha caligrafia.” Experiências desse tipo não afetam Gould; ele repete para si mesmo que, de qualquer forma, é a posteridade que lhe interessa. No bolso interno do paletó, dentro de um envelope sujo, carrega um testamento que lega dois terços do manuscrito para a Biblioteca de Harvard, e um terço para a Smithsonian Institution. “Algumas gerações depois que eu estiver morto e enterrado”, ele gosta de dizer, “os doutores vão começar a fuçar na minha obra. Imagine a surpresa deles. ‘Ora vejam só’, eles dirão, ‘esse sujeito foi o historiador mais genial do século’. Eles vão reconhecer o meu trabalho. Não estou dizendo que a ‘História oral’ inteira é coisa de primeira, mas partes dela serão lembradas enquanto houver a língua inglesa”. Gould mantinha seus cadernos espalhados pelo Village, nos apartamentos e nos estúdios de amigos. Ele os guardava em armários e debaixo de camas e atrás de livros em estantes. No inverno de 1942, depois de saber que o Metropolitan Museum havia

levado seus quadros mais valiosos para um armazém à prova de bombas fora da cidade pelo tempo que durar a guerra, ele entrou em pânico. Fez uma via-sacra e reuniu todos os fragmentos de seu livro num fardo, embrulhou o fardo em duas camadas de lona e o confiou a uma mulher que conhece, dona de uma granja de frangos e patos perto de Huntington, Long Island. A propriedade tem um porão de pedra.

Gould inclui na "História oral" apenas as coisas que viu ou ouviu. Pelo menos metade dela é feita de conversas anotadas na íntegra ou resumidas; o título vem daí. "O que as pessoas dizem é história", diz Gould. "O que a gente achava que era história – reis, rainhas, tratados, invenções, batalhas, decapitações, César, Napoleão, Pôncio Pilatos, Colombo, William Jennings Bryan[47] – é apenas história formal e, em grande medida, falsa. Vou registrar a história informal de pessoas simples – o que elas têm a dizer sobre trabalho, relacionamento, comida, festa, perrengues e arrependimentos – ou vou morrer tentando." A "História oral" é uma confusão enorme, um sambaqui de boatos, um depósito de tagarelices, uma mixórdia de absurdos, disparates, falatórios, incoerências, lengalengas e palavrórios; tudo isso fruto, de acordo com a estimativa de Gould, de mais de vinte mil conversas. Nela estão as biografias irremediavelmente incoerentes de centenas de mendigos, relatos das perambulações de marinheiros encontrados em bares da South Street, descrições terríveis de experiências em clínicas e hospitais ("Você fez alguma cirurgia complicada ou teve alguma doença?", é uma das primeiras perguntas que Gould, com a caneta-tinteiro e o caderno em mãos, faz para uma pessoa que acabou de conhecer), sumários de inúmeros discursos ocorridos na Union Square e no Columbus Circle, depoimentos dados por pessoas convertidas em reuniões do Exército da Salvação, e as opiniões inúteis de dezenas de oráculos ouvidos em bancos de parque e de sábios encontrados em bares. Durante um tempo, Gould assombrou restaurantes sujos que funcionam a noite toda nos arredores do Bellevue Hospital, bisbilhotando as conversas de internos exaustos, enfermeiras, serventes, motoristas de ambulância, estudantes de embalsamamento e funcionários do necrotério, e anotando a conversa deles com exatidão. Em dias de desfile, anda apressado para cima e para baixo na 5th Avenue, tomando notas de um jeito febril. Gould escreve com muita sinceridade e o índice de obscenidades na "História oral" é alto. Ele tem um capítulo chamado

[47] William Jennings Bryan (1860-1925), político americano do Partido Democrata, disputou a eleição presidencial três vezes e perdeu em todas.

"Exemplos da Tão Falada Indecência de Nosso Tempo", ao qual faz acréscimos quase todos os dias. Outro capítulo tem várias rimas e observações que encontrou rabiscadas em banheiros de metrô. Ele acredita que esses rabiscos são tão verdadeiramente históricos quanto a estratégia do general Robert E. Lee. Centenas de milhares de palavras são dedicadas às bebedeiras e às aventuras sexuais de várias figuras do Greenwich Village nos anos 1920. Há centenas de relatos de festas no Village regadas a gim, incluindo fofocas a respeito dos convidados e relatos fiéis de suas discussões sobre temas como reencarnação, métodos contraceptivos, amor livre, psicanálise, Ciência Cristã[48], Swedenborgianismo[49], vegetarianismo, alcoolismo e outros ismos políticos e artísticos. "Dei conta de cobrir o que pode ser chamado de submundo intelectual do meu tempo", diz Gould. Existem descrições detalhadas da vida noturna em dezenas de estabelecimentos que vendem comida e bebida no Village, alguns deles – como o Little Quakeress, o Original Julius, a Troubadour Tavern, o Samovar, o Hubert's, a Cafeteria, o Sam Swartz's T.N.T. e o Eli Greifer's Last Outpost of Bohemia Tea Shoppe, não existem mais.

Gould é um andarilho noturno e colocou no papel descrições de coisas terríveis que viu em ruas escuras de Nova York – descrições, por exemplo, de bandos de ratos cinzentos enormes que surgem nas horas que antecedem o amanhecer em alguns bairros do Lower East Side e do Harlem, caminhando despreocupadamente pelas calçadas. "Às vezes, acho que esses ratos não são ratos coisa nenhuma", diz, "mas as almas sofridas e amaldiçoadas dos senhorios que viviam na região". Uma porção considerável da "História oral" tem a forma de um diário. Gould é vítima de uma memória fotográfica e de vez em quando pega um período de tempo no passado recente – pode ser um dia, uma semana ou um mês – e escreve meticulosamente tudo que fez nesse período, por mais banal que seja. Às vezes escreve um capítulo em que xinga de um jeito monótono e medonho alguma pessoa ou instituição. Aqui e ali surgem ensaios desconexos sobre temas como pulgas de pensão, espaguete, o zíper como um sinal do declínio da civilização, dentes falsos, insanidade, o sistema judicial, remorso, comida de cafeteria e o modo como a máquina de escrever emasculou a literatura. "William Shakespeare não ficava por aí martelando uma traquitana abominável de noventa e cinco dólares", escreveu, "e Joe Gould também não".

---

[48] Ciência Cristã, ou *Christian Science*, é um movimento religioso fundado por Mary Baker Eddy (1821–1910) na região da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, no fim do século XIX.

[49] Também chamada de Nova Igreja (*The New Church*), o Swedenborgianismo é um movimento religioso criado a partir dos escritos do teólogo sueco Emanuel Swedenborg (1688–1772).

A "História oral" é quase tão discursiva quanto *A vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy*[50]. Num capítulo, "Os homens bons estão morrendo como moscas", Gould começa a biografia de um proprietário de lanchonete e apostador em corridas de cavalo chamado Benny "Aposta Paralela" Altschuler, que enfiou um furador de gelo enferrujado na mão e morreu de tétano; e depois de alguns parágrafos pula para uma história que um marinheiro contou para ele sobre ter visto um grupo de leprosos bebendo, dançando e cantando numa praia de Porto de Espanha, em Trinidad; e depois pula para uma anedota sobre o dia em que chutou um policial durante uma manifestação diante de um cinema em Boston, ocorrida em 1915, contra a exibição de "O Nascimento de uma Nação"; e depois pula para uma descrição de um passeio que deu pelo hospício de Central Islip, durante o qual uma mulher apontou para ele e gritou: "É ele! Pega ladrão! Foi ele que matou meus gerânios e que roubou a mula e a carroça da minha mãe"; e depois pula para um relato que um mendigo trôpego deu sobre ter visto e sentido o fogo azul-escuro do inferno numa noite em que estava sentado num batente de porta da Great Jones Street e sobre ter visto duas sereias brincando no East River ao norte do Fulton Fish Market, na mesma noite; e pula para uma explanação feita por um padre da antiga Catedral de São Patrício, que fica na Mott Street, na Little Italy mais antiga da cidade, sobre por que tantas mulheres italianas sempre usam roupas pretas ("Elas estão em luto perpétuo por nosso Senhor"); e depois pula de volta para Benny "Aposta Paralela", o proprietário tetânico de lanchonete.

Apenas algumas das centenas de pessoas que conhecem Gould leram partes da "História oral", e a maioria dá como certo que ela não passa de uma bravata. Aqueles que tentam ler acabam desistindo depois de alguns capítulos. Gould diz que pode contar numa mão ou num pé aqueles que leram o suficiente para formar uma opinião qualificada. Um deles é o poeta e crítico Horace Gregory. "Encaro Gould como uma espécie de Samuel Pepys[51] da Bowery", diz Gregory. "Uma vez, li com dificuldade uns vinte e poucos cadernos e a maior parte tinha a qualidade de um bom texto adolescente, mas alguns trechos foram escritos com a sinceridade maravilhosa de uma

[50] Publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2008, com tradução de José Paulo Paes, *A vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy*, de Laurence Sterne, é um livro que brinca com alguns recursos literários – como o de falar diretamente ao leitor – e narra uma história difícil de ser classificada.

[51] O inglês Samuel Pepys (1633–1703) foi um gestor da marinha britânica que ficou famoso pelo diário que escreveu entre 1660 e 1669, com observações sobre eventos como o Grande Incêndio e a Grande Praga, ambos ocorridos em Londres. O diário de Pepys virou uma referência importante sobre o período da Restauração (1660–1685).

criança, e encontrei aqui e ali lampejos de uma incisiva sabedoria ianque. Se alguém tiver a disposição de separar o que é bom do que é bobagem, como editores fizeram com as milhões de palavras de Thomas Wolfe, talvez descubra que Gould na verdade escreveu uma obra-prima". Outro deles é o poeta E. E. Cummings, que é amigo íntimo de Gould. Cummings chegou a escrever um poema sobre Gould, o n. 261 em seus *Collected poems*, que apresenta a seguinte descrição da "História oral":

…um mito é tão bom quanto um riso mas a obra do pequeno joe gould abre aspas história oral fecha aspas poderia (nota do editor) se intitular a evolução de um espectro ou inundado enquanto submerso ou uma moralidade amoral meio-que-vivificada por inumeráveis quase-que-mortes

Ao longo dos anos 1920, Gould assombrou o escritório da *Dial*, a revista mais intelectual da época, hoje extinta. Enfim, na sua edição de abril de 1929, a *Dial* imprimiu um de seus ensaios mais curtos, "Civilização". Ao longo do texto, ele faz divagações zombando da compra e da venda de ações como se fosse "um passatempo bitolado para senhoras" e se referindo aos arranha-céus e aos barcos a vapor como "bricabraques" e dando sua opinião sobre como "o automóvel é desnecessário". "Se a mesma engenhosidade distorcida dos carros fosse usada no aprimoramento das raças de cavalo", escreveu, "a humanidade estaria numa situação muito melhor". Esse ensaio teve um efeito curioso na literatura americana. Um exemplar da *Dial* em que ele aparece acabou num sebo de Fresno, na Califórnia, e foi comprado por dez centavos por William Saroyan, que tinha vinte anos na época e vivia aflito para se tornar um escritor. O ensaio de Gould o impressionou muito e o influenciou. "Ele me libertou das preocupações sobre a forma", diz. Doze anos depois, no inverno de 1941, no estúdio de Don Freeman no Columbus Circle, Saroyan viu alguns desenhos que Freeman havia feito de Gould para a *Don Freeman's Newstand*, uma publicação trimestral com imagens peculiares de cenas e de personalidades nova-iorquinas, editada pelos Artistas Americanos Associados. Saroyan ficou empolgado. Ele falou para Freeman que se sentia em débito com Gould. "Quem é ele, afinal?", perguntou Saroyan. "Faz anos que tento descobrir. Ler aquelas poucas páginas na *Dial* foi como tomar o rumo errado e topar com o cara certo e depois nunca mais vê-lo." Freeman contou da "História oral". Saroyan decidiu escrever um comentário para acompanhar os desenhos de Gould na *Newstand*. "Até hoje", escreveu, "não li mais nada escrito

por Joe Gould. E, no entanto, para mim, ele continua sendo um dos poucos escritores autênticos da América. O texto dele era fácil e limpo enquanto quase todos os outros eram difíceis e atulhados. Ele não se sentia à vontade em lugar nenhum; estava dando tudo de si; era miserável; era um pouco doentio; era literário; e não conseguia dizer coisa nenhuma de um jeito simples. Todos os outros escritores americanos tentavam adotar algum tipo de forma e nenhum escritor à exceção de Joe Gould parecia ter imaginação suficiente para entender que, na pior das hipóteses, você não precisa de forma nenhuma. Não precisa colocar o que você tem a dizer dentro de um poema, de um ensaio, de um conto, ou de um romance. Tudo que você tinha de fazer era dizer." Pouco tempo depois que essa edição da *Newstand* foi publicada, alguém encontrou Gould na 8th Street e mostrou a ele o elogio que seu trabalho recebeu de Saroyan. Gould deu de ombros. Ele tinha feito uma farra e perdido seus dentes postiços, e naquele momento não estava interessado em questões literárias. Depois de pensar um pouco, no entanto, decidiu telefonar para Saroyan e pedir ajuda para arranjar uns dentes. Ele deu um jeito de descobrir que Saroyan vivia na Hampshire House, em Central Park South. O porteiro do lugar abordou Gould no saguão e perguntou o que ele queria. Gould disse que queria falar com William Saroyan. "Você conhece Mr. Saroyan?", perguntou o porteiro. "Nossa, não", disse Gould, "mas isso não tem importância. Ele é meu discípulo". "O que você quer dizer com discípulo?", perguntou o porteiro. "Quero dizer", disse Gould, "que ele é meu discípulo literário. Quero pedir para ele comprar uns dentes pra mim". "Uns dentes?", perguntou o porteiro. "O que você quer dizer com uns dentes?" "Quero dizer dentes que têm pra vender", disse Gould. "Dentes postiços." "Me acompanhe", disse o porteiro, agarrando o braço de Gould e conduzindo-o para fora. Mais tarde, Freeman marcou um encontro e os dois passaram várias noites juntos em bares. "Saroyan queria saber tudo sobre a 'História oral'", diz Gould, "mas não tive chance de contar nada. Ele não parava de falar. Eu não conseguia abrir a boca".

Desde sempre, Gould se sente desnorteado com relação à própria personalidade. Existem alguns ensaios autobiográficos na "História oral" e ele diz que todos são tentativas de explicar a si mesmo para si mesmo. Num deles, "Por que sou incapaz de me ajustar à civilização como ela é, ou faça, não faça, faça, não faça, um texto e tanto", Gould chegou à conclusão de que sua timidez era responsável por tudo. "Sou

um introvertido extrovertido", escreveu, "uma mistura conflitante de recluso e leiloeiro da 6th Avenue. Um lado diz faça, o outro diz não faça. Um lado diz cale a boca, o outro diz berre como um animal. Sou dolorosamente tímido, mas tento não deixar que as pessoas percebam. Elas tirariam vantagem de mim." Gould mantém sua timidez muito bem escondida. Ela só fica evidente quando está sóbrio. Nesse estado, ele é quieto, desconfiado e retraído, mas duas cervejas ou uma dose de gim bastam para que solte a língua e assuma uma atitude cheia de malícia. Ele é extraordinariamente responsivo ao álcool. "Numa noite quente", diz, "se ficar andando de um lado para o outro na frente de um bar por dez minutos, respirando fundo, fico meio bêbado".

Embora Gould precise de uns poucos drinques, consegui-los é às vezes uma tarefa difícil. Na maioria das noites, fica rondando os bares e buracos da região oeste do Village, à procura de turistas curiosos para mendigar cervejas, sanduíches e quantias pequenas de dinheiro. Se não consegue abordar ninguém nos bares movimentados ao redor da Sheridan Square, vai até a 6th Avenue e caminha na direção norte, passando pela Jericho Tavern, pelo bar e restaurante Village Square, pelo Belmar, pelo Goody's e pelo Rochambeau. Ele segue uma rotina. Só entra em lugares cheios de gente. Uma vez lá dentro, segue rápido até a cabine telefônica e finge procurar um número. Enquanto faz isso, analisa a clientela. Se encontra um freguês, vai até ele e diz: "Deixe eu me apresentar. Meu nome é Joseph Ferdinand Gould, formado em Harvard, *magna cum difficultate*, turma de 1911, e presidente do Conselho da Boa e da Má Sorte. Em troca de um drinque, posso recitar um poema, dar uma palestra, argumentar sobre um tema, ou tirar meus sapatos e imitar uma gaivota. Prefiro gim, mas pode ser cerveja também". Gould não é nem um pouco vagabundo. Acha que o entretenimento que oferece faz valer qualquer esmola que receba. Ele não faz festa e nunca se mostra agradecido. Se alguém diz não educadamente, ele dá de ombros e vai embora. No entanto, se o freguês faz um comentário na linha de: "Sai fora, seu vagabundo", Gould olha para o sujeito, seja do tamanho que for, e dá uma bronca estridente e cheia de malícia. Ele não se importa com o que diz. Quando perde as estribeiras, fica corajoso. Larga a pasta, ergue os punhos e ameaça lutar contra homens que o matariam sem nenhum esforço. Se não encontra uma plateia na 6th Avenue, segue a oeste pela 11th, rumo ao Village Vanguard, num porão da 7th Avenue South. O Vanguard já foi um ponto de encontro de quinta categoria para o meio artístico, mas atualmente é um clube noturno bem-

sucedido. Gould e o proprietário, Max Gordon, se conhecem há muitos anos e se dão bem na maior parte do tempo. Gould sempre deixa o Vanguard por último. Lá é garantido, então ele procura não abusar. Desde que se tornou próspero, o lugar passou a incomodá-lo. Ele desce as escadas e diz: "Oi, Max, seu porco capitalista. Quero um pouco de comida e uma cerveja. Se você não me der, vou subir no palco e fazer uma cena". "Vá encher o saco do cozinheiro", diz Gordon. Gould entra na cozinha, come qualquer coisa que o cozinheiro prepara, bebe umas duas cervejas, enche uma sacola com migalhas de pão e vai embora.

Apesar de sua timidez, Gould tem um apreço enorme por festas. Existem muitas pessoas no Village que fazem festas grandes com alguma frequência. Entre elas, está um velho médico rico e idiossincrático, uma solteirona rica e de idade, um cenógrafo famoso, um casal famoso de teatro e vários pintores, escultores, escritores, editores e donos de editora. Quando Gould descobre que qualquer uma dessas pessoas vai dar uma festa, ele quase sempre vai, e quase sempre o recebem. Em geral, ele fica reservado por um tempo e apreensivo, fumando um cigarro atrás do outro e duro como uma tábua, de tanta tensão. Mais cedo ou mais tarde, no entanto, impulsionado por um ou dois drinques e pelo desespero típico dos constrangidos, ele começa a circular. Escolhe a mulher mais linda da festa, vai até ela, faz uma reverência e beija sua mão. Ele conta histórias difamatórias sobre si mesmo. Fica animado; de repente, sem nenhum motivo aparente, explode numa gargalhada de prazer, dá um salto e bate os calcanhares. Em seguida, berra: "Quem quer ver um espetáculo de um homem só, por favor, diga: 'Sim'!". Com o mínimo de incentivo, ele fica nu da cintura para cima e executa uma dança, sapateando e batendo as palmas das mãos, que diz ter aprendido numa reserva Chippewa na Dakota do Norte, e à qual deu o nome de Os Passos de Joseph Ferdinand Gould. Enquanto dança, ele canta uma velha canção do Exército da Salvação, "As moscas estão em mim, as moscas estão em você, mas as moscas não estão em Jesus". Depois imita uma gaivota. Tira os sapatos e as meias e dá saltos precipitados pelo aposento, batendo os braços e dando um grasnado agudo a cada salto. Na infância, teve várias gaivotas de estimação e ainda passa vários domingos na ponta de um cais de pescadores na Sheepshead Bay observando as gaivotas; e diz ter um conhecimento tão profundo do grasnado das aves que se sente capaz de traduzir poesia com ele. "Traduzi alguns poemas de Henry Wadsworth Longfellow para a língua das gaivotas", diz.

Em toda festa, é inevitável que Gould suba numa cadeira ou numa mesa e dê um sermão. Esses sermões são fragmentos de capítulos da "História oral". Eles são breves, mas Gould dá títulos longos como: "Bêbado como um gambá, ou como medi as cabeças de mil e quinhentos índios numa temperatura de zero grau" e "O terrível hábito do tomate, ou cuidado! Cuidado! Abaixo o Dr. Gallup!". Ele desconfia de estatísticas. No sermão mais recente, citando estatísticas que diz ter encontrado nas páginas de economia dos jornais, ele prova que "o consumo de tomates por engenheiros da ferrovia foi responsável por cinquenta e três por cento dos acidentes de trem nos Estados Unidos nos últimos sete anos". Quando Gould chega a uma festa, pessoas que nunca o viram antes se afastam devagar. No entanto, até o fim da noite, algumas delas ficam intrigadas e quase sempre desenvolvem uma espécie de respeito por ele; elas o cercam, fazem perguntas e tentam determinar o que há de errado com Gould. Ele gosta disso. "Quando você se aproximou e beijou minha mão", uma jovem disse a ele numa noite, "eu disse pra mim mesma: 'Mas que cavalheiro simpático'. Um minuto depois, vi você sem camisa saltando de cima pra baixo, imitando um índio selvagem. Fiquei chocada. Por que você precisa se exibir assim?" "Senhora", disse Gould, "faz parte do dever de um boêmio dar esse tipo de espetáculo. Se minha informalidade lhe parece típica de um bêbado, ou faz a senhora pensar que sou louco, pode se agarrar a essa ideia, se agarre com força e mostre sua ignorância".

Gould é natural de Norwood, em Massachusetts, um subúrbio de Boston. Ele é de uma família de médicos. Seu avô, Joseph Ferdinand Gould, de quem herdou o nome, deu aulas no curso de medicina de Harvard e exerceu a profissão em Boston. Seu pai, Clarke Storer Gould, foi um clínico geral em Norwood. Ele serviu como capitão na Corporação Médica do Exército e morreu envenenado num acampamento militar de Ohio durante a Primeira Guerra Mundial. A família foi abastada até a adolescência de Gould, quando seu pai fez um investimento insensato nas ações de uma companhia de loteamentos do Alasca. Gould diz que foi para Harvard apenas porque era uma tradição da família. "Eu não queria ir", escreveu num de seus ensaios autobiográficos. "Meu plano era ficar em casa, sentar numa cadeira de balanço na varanda dos fundos e refletir." Ele diz ter sido um estudante que não se destacava. Entre seus colegas de classe, estavam o poeta Conrad Aiken; o dramaturgo e ator Howard Lindsay; o cartunista Gluyas Williams; e o ex-presidente da Bolsa de Valores

de Nova York Richard F. Whitney. Seus melhores amigos eram três estudantes estrangeiros – um chinês, um siamês[52] e um albanês.

A mãe de Gould dava como certo que o filho seria médico, mas, depois de se bacharelar, ele disse à mãe que tinha encerrado sua educação formal. Ela perguntou qual era seu plano. "Meu plano é caminhar e refletir", disse. Ele passou boa parte dos três anos seguintes caminhando e ponderando no rancho de um tio no Canadá. Em 1913, num restaurante albanês de Boston chamado Scanderbeg, cujo café ele apreciava, conheceu Theofan S. Noli, um arquimandrita da Igreja Ortodoxa Albanesa que o levou a se interessar pela política dos Bálcãs. Em fevereiro de 1914, Gould surpreendeu sua família ao anunciar que planejava dedicar o resto de sua vida a angariar fundos para a Albânia livre. Ele fundou uma organização em Boston chamada Amigos da Independência Albanesa, recrutou mais ou menos duas dezenas de membros pagantes e começou a telegrafar e telefonar para editores perplexos de jornais de Boston e de Nova York, tentando convencê-los a publicar tratados extensos sobre questões albanesas escritos por Noli. Depois de uns oito meses disso, numa noite, Gould estava no Scanderberg, tomando café e ouvindo um grupo de operários albaneses discutir política balcânica em sua língua nativa, quando de repente chegou à conclusão de que estava prestes a sofrer um colapso nervoso. "Comecei a me contorcer de um jeito incontrolável e a enxergar dobrado", diz. Dessa noite em diante, seu interesse pela Albânia diminuiu muito.

Depois de mais um período caminhando e refletindo, Gould resolveu se dedicar à eugenia. Ele não se lembra exatamente como surgiu esse interesse. De qualquer forma, passou o verão de 1915 como estudante numa pesquisa de campo para o Escritório de Registros Eugênicos em Cold Spring Harbor, Long Island. Essa organização, com apoio do Instituto Carnegie, se dedicava naquela época a fazer estudos de pobres, de famílias com deficiências hereditárias e de outros problemas em comunidades com um alto teor de consanguinidade. Essas pessoas eram muito simplórias para Gould; ele decidiu se especializar em índios. No inverno seguinte, viajou para Dakota do Norte a fim de medir as cabeças de mil Chippewas na Reserva de Turtle Mountain e de quinhentos Mandans na Reserva de Fort Berthold. Hoje em dia, quando perguntam para Gould por que fez essas medições, ele muda de assunto dizendo: "A questão toda é um segredo científico". Ele vivia feliz em Dakota do

[52] Nascido no Sião, hoje Tailândia.

Norte. “Foi o período mais gratificante da minha vida”, diz. “Sou um bom cavaleiro, na minha humilde opinião, e gosto de dançar e de me divertir, e parecia que os índios desfrutavam da minha companhia. Fiquei com medo de que pensassem que eu era louco quando pedi permissão para medir suas cabeças, mas eles não se incomodaram. Acho até que se divertiram. Os índios são os únicos aristocratas de verdade que conheço. Eles deveriam comandar o país e nós é que deveríamos ficar em reservas.” Depois de sete meses vivendo em reservas, acabou o dinheiro de Gould. Ele voltou para Massachusetts e tentou em vão angariar mais fundos para outra expedição a fim de medir cabeças. “Nessa conjuntura da minha vida”, diz, “decidi me dedicar à vida literária”. Ele veio para Nova York e conseguiu um emprego como assistente de repórter policial no *Evening Mail*. Numa manhã durante o verão de 1917, depois de trabalhar com reportagem por quase um ano, ele estava lagarteando nos fundos da delegacia, tentando se recuperar de uma ressaca, quando a ideia da “História oral” despontou na sua cabeça. Na mesma hora, pediu demissão e começou a escrever. “Desde aquela manhã fatídica”, disse certa vez, em um momento de exaltação, “a ‘História oral’ tem sido minha corda e meu cadafalso, minha cama e minha comida, minha esposa e minha amante, o sal da minha ferida, meu uísque e minha aspirina, minha pedra e minha salvação. É a única coisa que importa para mim. O resto é lixo”.

Gould diz que raramente tem mais de um dólar no bolso e que isso não o incomoda muito. “Tenho uma regra”, diz, “desprezo dinheiro”. No entanto, existe uma ideia bastante difundida no Village de que ele é rico e recebe uma renda relativa a uma propriedade herdada na Nova Inglaterra. “Só um velho milionário poderia se permitir andar maltrapilho desse jeito”, um garçom disse para ele pouco tempo atrás. “Você é um daqueles sujeitos que morrem na rua e quando a polícia vai ver, encontra nos bolsos uma caderneta de banco. Sou capaz de apostar que, se você quisesse, poderia entrar no West Side Savings Bank agora mesmo e sacar vinte mil dólares.” Após a morte de sua mãe em 1939, Gould recebeu algum dinheiro. Amigos próximos dizem que foi menos de mil dólares e que ele gastou tudo em menos de um mês, pagando bebidas por todo o Village para pessoas que nunca viu na vida. “Ele parecia sofrer com dinheiro no bolso”, diz Gordon, proprietário do Vanguard. “Quando terminou de gastar tudo, parecia ter se livrado de um problema.” Enquanto Gould gastava sua herança, fez uma coisa que lhe deu muita satisfação. Comprou um rádio enorme, novo

em folha, e o levou até a Sixth Avenue para arrebentá-lo de porradas. Ele nunca deu muita bola para rádio. “Cinco minutos do falatório idiota que sai desses aparelhos”, diz, “bastam para revirar o estômago de um bode”.

Ao longo dos anos vinte e no começo dos anos trinta, houve ocasiões em que Gould interrompeu seu trabalho na “História oral” para servir de modelo em aulas da Art Student’s League e para resenhar livros para jornais e revistas. Ele diz que houve épocas em que conseguia viver com conforto graças ao dinheiro que recebia desses trabalhos. Burton Rascoe, editor de literatura do velho *Tribune*, deu a ele muitas oportunidades. Numa entrada de *A Bookman’s Daybook*, um diário dos eventos que marcaram o meio literário de Nova York nos anos vinte, Rascoe falou sobre sua experiência com Gould. “Uma vez pedi para ele resenhar um livro pequeno sobre índios americanos”, escreveu Rascoe, “e ele me devolveu um texto grande o suficiente para preencher três edições inteiras do *Tribune* de domingo. Tenho uma estima especial por ele porque, diferente da maioria dos resenhistas, ele nunca me cobrou por não ter publicado o texto. Ele deu uma opinião, aliás relevante, a respeito do livro, do autor e do tema, e para ele a história terminou ali.” Gould diz que largou mão de resenhar livros por achar que não era digno competir com máquinas. “O *Times* de domingo e o *Herald Tribune* de domingo têm máquinas de resenhar livros”, diz. “Você coloca o livro numa dessas máquinas, aperta alguns botões e ela faz a resenha.” Em anos recentes, Gould tem se virado com menos de cinco dólares por semana em dinheiro. Ele tem alguns amigos – como o escritor e editor Malcolm Cowley, o fotógrafo Aaron Siskind, o poeta Cummings e o empresário Max Gordon – que lhe dão pequenas somas de dinheiro com regularidade. Não importa o que pensam da “História oral”, todos têm um respeito enorme pela persistência de Gould.

Gould é crítico da maioria dos escritores, poetas, pintores e escultores do Village, e não se incomoda de admitir isso. Por causa de sua franqueza, nunca conseguiu permissão para fazer parte de nenhuma dessas organizações de arte, de escrita, de cultura ou de ismos. Faz dez anos que tenta entrar para o Círculo de Poesia Corvo, que realiza eventos na Washington Square todos os verões e é a organização mais poderosa de sua área no Village, mas ele é sempre escanteado. O líder do Corvo é um funcionário aposentado da New York Telephone Company chamado Francis Lambert McCrudden. Por muitos anos, Mr. McCrudden fazia a coleta de moedas dos telefones

públicos para a companhia telefônica. Ele é um autodidata muito idealista. Seu tema predileto é a dignidade do trabalho e sua obra mais importante é um poema autobiográfico chamado "O coletador de moedas". "Nós deixamos Mr. Gould participar de nossas leituras, e eu gostaria que o aceitássemos como membro, mas simplesmente não podemos", disse certa vez Mr. McCrudden. "Ele não leva a poesia a sério. A única razão para ele participar é que servimos vinhos em nossas leituras. Ele às vezes insiste em ler poemas bobos de sua autoria e é uma coisa irritante. Na nossa Noite de Poesia Religiosa, ele exigiu a chance de recitar um de seus poemas, intitulado 'Minha religião'. Eu lhe dei a chance e foi isso que ele recitou: 'No inverno sou budista/ e no verão sou nudista'. E na nossa Noite de Poesia sobre a Natureza, ele implorou para recitar um de seus poemas intitulado 'A gaivota'. Eu lhe dei permissão e ele saltou da cadeira, começou a balançar os braços, a pular e a gritar: 'Pi-piii! Pi-piii! Pi-piii-pi-pi-pi!'. Foi perturbador. Somos poetas sérios e não toleramos esse tipo de comportamento." No verão de 1942, Gould fez piquete na exposição do Corvo, realizada na cerca de uma quadra de tênis na parte sul da Washington Square. Numa das mãos, ele segurava sua pasta e, na outra, uma placa com os dizeres: "Joseph Ferdinand Gould, maior poeta de Poetópolis, um refugiado dos Corvos. Poetas do mundo, incendeiem-se! Vocês não têm nada a perder a não ser seus cérebros!".[53] Por vezes, ao andar de um lado para o outro, ele dava um salto e dizia para os passantes: "Você gostaria de saber o que Joe Gould pensa do mundo e de tudo que existe nele? Pi-piii! Pi-piii! Pi-piii-pi-pi-pi!".

(1942)

[53] Gould parece acenar aqui para o *Manifesto do Partido Comunista* (1848), de Karl Marx e Friedrich Engels, que termina com a frase: "Proletários de todos os países, unam-se!". (Na tradução de Sergio Tellaroli).

Caótica e confusa

Um velho sulista tagarela, o reverendo Mr. James Jefferson Davis Hall é o maior e mais espantoso pregador de rua da cidade. Ele é um pastor episcopal de boa reputação, mas não tem igreja desde 1904. "A sarjeta é meu púlpito", diz, "e o trânsito barulhento é meu órgão de tubo. Aleluia!". Ele vem pregando nas ruas e praças de Manhattan há vinte anos. Antes de vir para cá, ele foi, sucessivamente, pároco de várias cidadezinhas produtoras de algodão no Alabama, capelão de uma colônia de prisioneiros e superintendente de uma missão que oferecia refeições e abrigo para necessitados na Filadélfia. Hall pregava ao meio-dia em Wall Street, à tarde na Madison Square e na Union Square, e à noite no Columbus Circle, mas nos últimos sete anos tem se concentrado na região dos teatros, uma área que descreveu numa ocasião como "a barriga e o coração tenebroso daquela Grande Meretriz da Babilônia e mãe de todas as abominações: a cidade de Nova York". Ele tem um pequeno bando de seguidores, em sua maioria formado por solteironas de idade e viúvas, e elas por vezes se referem a ele como o Bispo da Times Square.

Em noites agradáveis, depois de jantar habitualmente uma cebola, um bulbo de alho e uma cabeça de repolho, tudo cru, ele sai de seu apartamento num prédio da 45th Street, a leste da 9th Avenue, e caminha de três a quatro horas, gritando para as pessoas e ameaçando-as com *delirium tremens*, a cadeira elétrica, o cemitério de indigentes e as chamas azuis e fervilhantes do inferno. Como regra, ele trabalha sozinho, carregando alguns cartazes de lona, algumas notícias de jornal sobre suicídios de mulheres, cuidadosamente coladas em pedaços de cartolina, e um maço de folhetos elaborados por ele mesmo. Hall escreveu e publicou dezenas de folhetos; entre eles, estão: "Sete comunistas na noite antes da MORTE", "A conversa entre uma garrafa de uísque e um cigarro" e "O apelo dos carnívoros é 'MAIS HOSPITAIS!'". Ele fica indignado sobretudo com mulheres bêbadas e aborda todas as que encontra e lhes dá um recorte de jornal sobre suicídio. "É uma lembrancinha do GRANDE CAMINHO ILUMINADO, irmã", disse ele a uma mulher pouco tempo atrás, "uma lembrancinha e um aviso. Não, não! Não jogue fora. Guarde na bolsa e leia amanhã de manhã bem cedo. Você é atriz? Aposto que você é atriz! Você está no trem para o inferno, irmã, juntinho do maquinista. Próxima parada, o hospício! Próxima parada, o necrotério!". Ele abomina o teatro e acha que todas as mulheres

bêbadas que encontra são atrizes; mesmo a palavra “atriz”, do jeito que ele fala, parece sinistra.

Hall tem uma voz exaltada. Quando sobe o tom, ainda mais em ruas mal iluminadas, ela tem um efeito extraordinariamente perturbador. “Posso falar sobre quase qualquer assunto e deixar minha plateia desconfortável”, disse numa ocasião. “O papel de um pregador de rua é assustar as pessoas – dar uma chacoalhada nelas, injetar nelas o temor a Deus eterno – e acho que minha voz é meu trunfo.” Anos atrás, no Alabama, ele desenvolveu um quê de histeria no jeito de falar ao caminhar por cerca de uma hora todos os dias num pântano cheio de ciprestes gritando alertas de todo tipo para uma multidão imaginária. “Cuidado! Cuidado!”, ele gritava. “Cuidado com o cachorro bravo! Fogo! Fogo! O celeiro está pegando fogo!” “Depois de um tempo”, diz, “fiquei tão bom que conseguia assustar a mim mesmo”.

Sua aparência também é um trunfo. Ele é alto e magro, tem as bochechas secas, um olhar atormentado, o rosto pálido e uma gargalhada sinistra. É solteiro. Ele gosta de contar sua idade. “Tenho setenta e nove”, diz. “Sem dores nem problemas de saúde, sem remédios nem médicos ou farmácias.” Seu cabelo é branco e despenteado, e ele tem um bigode e um cavanhaque, ambos mal aparados; ele se gaba de não colocar os pés numa barbearia há mais de vinte anos. Ele tem um jogo de utensílios de barbeiro que comprou no Sears Roebuck e, uma vez por mês, ele e um colega, um velho vendedor de livros e artigos religiosos de Staten Island, se encontram e cortam o cabelo um do outro. Ele é contra barbearias porque acha que elas cobram caro e por causa do que chama de “a vergonha e a desgraça da manicure”. “Não vou frequentar um lugar”, diz, “que tem uma mulher bonita sentada num canto com o único propósito de segurar as mãos de qualquer homem disposto a pagar o preço que ela cobra. Não existe nada de bom nisso.”

Hall tem opinião formada sobre vários outros assuntos. Por exemplo, ele é contra o uso de caixões (que chama de “caixas” ou “caixas de ossos”) e às vezes deixa uma plateia de rua intrigada ao denunciar o “cartel das funerárias”. Ele acha que as pessoas deveriam ser enterradas apenas com um tecido envolvendo o corpo, como nos períodos bíblicos. Quinze anos atrás, convenceu os diretores do cemitério Elmwood em Birmingham, no Alabama, onde é dono de um jazigo, a assinar um documento que o autoriza a ser enterrado dessa forma quando chegar o momento. “Não sou um reacionário”, diz. “Eu não seria contra o costume de se usar caixão se eles fossem feitos de caixas velhas e vendidos por dois ou três dólares. Não teria problema

nenhum. Se caixões são *necessários*, eles deveriam ser empilhados um em cima do outro, uma família inteira numa única cova. Pense na economia de espaço! Caso contrário, dentro de algumas gerações, os Estados Unidos serão um imenso cemitério." Hall também é contra as máquinas de refrigerante. "Começa com a máquina de refrigerante", diz. "Depois vem o bar. Água gelada, *milk-shakes*, gengibirra, cerveja, coquetéis[54], uísque e *delirium tremens* – essas são as etapas de um bebedor." Ele é um proibicionista confiante. Está convencido de que bebidas alcoólicas serão ilegais dentro de cinco anos, de um jeito ou de outro. Ele se corresponde com outros pregadores de rua do país inteiro e pouco tempo atrás um deles escreveu: "Meu querido irmão de fé: tenho tanta confiança no retorno da Lei Seca que parei de me preocupar. Minha convicção é tamanha que, se o cartel do uísque soubesse, ficaria nervoso. É isso. Durante anos, toda vez que eu mencionava o assunto da Lei Seca nas ruas de Nova York, as pessoas riam e faziam pouco. Bom, elas não estão rindo agora. Não, não. Muito pelo contrário. Elas estão sérias e algumas concordam com a cabeça. Até os bebuns sabem que falta pouco. Eles têm um pressentimento. Mais de um ano atrás, o dr. Gallup disse que trinta e seis por cento das pessoas estão prontas para votar essa questão. Números e fatos. E o porcentual está crescendo, crescendo, crescendo, como água numa banheira. Calculo que, daqui a cinco anos, vamos destronar o uísque, que descanse em paz. E o primeiro malandro que ousar abrir um bar – ora, os bons cristãos vão persegui-lo e acabar com ele".

Outros estabelecimentos que Hall critica são lavanderias que oferecem serviços de lavar e passar. "Este é um país democrático", diz, "e nenhum homem saudável deveria ter o direito de apelar para outro homem a fim de ter suas roupas lavadas. Se as pessoas em geral, até os mais educados, até Nicholas Murray Butler, tivessem de se debruçar sobre um tanque uma vez por semana, isso daria a eles alguma perspectiva; eles seriam mais humildes". Hall lava e passa as próprias roupas, e de vez em quando usa um ferro de passar para fazer vincos tortos em suas calças. Ele se veste mal. Compra ternos em lojas de segunda mão da 9th Avenue. Pagou sete dólares e quinze centavos pelo último terno que comprou e um chapéu que usa há quase três anos custou trinta e cinco centavos. "Ainda está novinho", diz. Ele usa um colar clerical, uma camisa clerical e um crucifixo dourado. O crucifixo foi presente de

[54] No original: *hot toddies* que, apesar do nome, não tem nada a ver com o achocolatado em pó. *Hot toddy* é um drinque feito com água quente (ou chá), uísque, mel, limão e especiarias como cravo e canela. Para os antigos, era uma forma de aliviar os sintomas da gripe ou do resfriado.

um grupo de bandidos convertidos – assaltantes, arrombadores de cofres e assassinos de policiais – em Flattop, uma colônia penal do Alabama, onde trabalhou como capelão. Ele usa um broche de plástico com uma interrogação preso na lapela esquerda. Quando questionado sobre o significado do broche, ele estreita os olhos e diz: "Meu amigo, cada passo que você dá, a morte vai logo atrás. Não importa o quão vigoroso e corajoso você seja, cada segundo de vida é vivido à beira do túmulo. A pergunta é: 'Você está pronto pra mortalha e pra caixa, você está pronto pro Juízo Final?'".

Em geral, Hall começa uma noite de trabalho apresentando pequenos sermões – que chama de "aleluias hipodérmicas" – na entrada de uma dúzia de bares diferentes da 8th Avenue. Ele nunca entra nos bares e nunca tenta arrecadar nada; só fica de pé na entrada e berra. Os balconistas estão acostumados. Eles se referem a Hall como "Papai", "Reverendo" ou "Sadraque"[55]. Numa noite, pouco tempo atrás, ele parou primeiro no Restaurante Dublin, um bar perto da 42nd Street. Enfiou a cabeça através da porta, limpou a garganta e berrou: "Maldição destilada e morte líquida, é isso que vocês estão tomando e bebendo!". Súbito muitas das pessoas no bar se viraram para a porta. Enquanto elas olhavam, ele desenrolou um de seus cartazes. Em letras vermelhas, estava escrita a mensagem: "Largue esse copo e vá embora. O bar é o portão do inferno. Horrendas são as manhãs de um bêbado. Prepare-se para encontrar Deus". (Hall é um bom cartazista amador e faz os próprios cartazes.) Erguendo o cartaz, Hall gritou: "Irmãos! Irmãs! Seus pés não estão no caminho certo. Não, não! Vocês estão perdidos! Uísque e cerveja! Ruína e perdição! Morte e destruição! O copo opressor, o divertimento, a briga tarde da noite, a camisa de força! Eis o destino do bebedor de uísque: esquecido pelos amigos, os móveis apreendidos, a esposa de coração partido, as crianças passando fome, o fígado em frangalhos, os pensamentos emaranhados, os nervos rugindo e os pés descalços. Vocês não dormem nunca? Vão pra casa! Vão pra cama! Vocês estão prontos pro Juízo Final? Vocês podem ser levados de repente. No caminho de casa, caindo de bêbado, fazendo algazarra, *você pode ser levado*! Você, irmã, sentada diante dessa mesa com um cigarro numa mão e

[55] Sadraque, ao lado de Mesaque e de Abede-Nego, foram os três príncipes judeus aprisionados pelo Império Babilônico na rebelião pela independência de Judá, na famosa narrativa bíblica. Esse trio também é conhecido por nomes de origem hebraica: Hananias, Misael e Azarias.

um copo de maldição destilada na outra, que cena triste, *você* está pronta?". Hall foi interrompido por um dos balconistas que veio até a frente do bar e disse: "O.k., Papai, deu já. É gritaria demais pra uma noite só". "Ora, vejam só, como vai você, meu jovem?", disse Hall. "Fazia tempo que a gente não se via. Você estava trabalhando de dia? Tenha certeza de que seus pecados vão achá-lo em qualquer lugar. Vou embora, mas volto." "Sim", disse o balconista com tristeza, "eu sei".

Erguendo bem alto seu cartaz, Hall subiu a avenida. Em uma hora e meia, depois de parar no O'Donnell's, no Kieran & Dineen's, no Larry's, no Eagle Bar, no Gilhuly's, no Pete Moran's, no Ranch Bar, no Morahan's, no McGreevy's, no Mickey Walker's e no Ringside, ele chegou à 50th Street, que é o mais longe que vai rumo à parte alta da cidade. No caminho, distribuiu duas dúzias de folhetos. Ele encontrou uma mulher trançando as pernas e tentou dar a ela um recorte de jornal sobre suicídio, mas ela o jogou no chão e disse: "Sai fora, macaco velho. Vá pro inferno". "Você me desculpe, irmã", Hall disse, "mas eu não estou indo para esses lados".

Na 50th Street, Hall seguiu a leste. Na esquina nordeste da Broadway com a 50th, onde quase todas as noites os apostadores em corridas de cavalo se reúnem ao longo do meio-fio para debater as tabelas do dia na primeira edição do *Mirror*, ele tirou seu segundo cartaz e o desenrolou. O cartaz dizia: "Jogadores são ladrões e sempre roubam. Satã e o jogador andam de mãos dadas. Cigarros causam mortes. Onde vocês vão passar a eternidade?". Exibindo os dois cartazes, ele ficou de pé por uns dez minutos diante do bar e restaurante Paddock, um ponto de encontro para o pessoal das corridas, olhando para o alto com uma expressão comovente, sem dizer uma palavra. Depois, como de costume, seguiu rumo ao sul pela Broadway, um cartaz erguido em cada mão, andando devagar e pregando, a plenos pulmões na maior parte do tempo.

Para poder pregar num único ponto na Broadway, é preciso uma permissão do Departamento de Polícia; Hall se dá bem sem uma porque nunca fica parado. Ele caminha perto das fachadas dos prédios, de modo que seus cartazes possam ser lidos sob as luzes das janelas. Até mesmo nos quarteirões mais movimentados, é difícil ele se embolar numa multidão; assustadas com sua voz, as pessoas abrem espaço para ele passar. Ele raramente planeja um sermão de rua e fala de acordo com o que vem à cabeça. De vez em quando, canta o trecho de um hino ou cita versos das escrituras, quase sempre uma passagem mais barra pesada do livro de Jó, da Revelação ou das Lamentações. Assim como o reverendo Divine, ele inventa palavras. Também como

Divine, ele cita duplas de palavras com significados semelhantes – "latir e uivar", "tremer e estremecer", "multidões e massas", "tomar e beber". Ele enfatiza as primeiras sílabas de várias palavras; "perturbado e desorientado", por exemplo, vira "*pêr*-turbado e *dê*-sorientado".

Hall é prolixo demais. Nessa noite em particular, ao longo de um quarteirão, o que fica entre a 49th e a 50th Street, ele fez a seguinte reflexão: "Uma cidade perdida, sedenta de destruição, ansiosa por destruição, a população inteira caótica e confusa, pervertida e promíscua, enojada e enjoada, pulando e saltando, rindo e gargalhando, agitada e conturbada, suando e transpirando. Mal pode esperar pelo cair da noite, mal pode esperar pelo nascer do dia. Até os sinos das igrejas em Nova York não entram num acordo; eles soam muito rápido. E as mulheres! Usam *de tudo*! Azar dos fígados! Elas são glutonas orgulhosas e como comem! Usando calças curtas, usando uniformes, sobrecarregando as juntas com sapatos de salto alto. Elas estão virando índios. As bocas manchadas, marcadas e maculadas com tinta, *e* as bochechas, *e* as unhas das mãos. E qual é a cor que escolhem? A favorita do Tinhoso. A marca do diabo, é isso aí. E elas começaram a pintar as unhas dos pés! Por que elas não pegam um balde de tinta e viram em cima de si mesmas, de cima a baixo, como um índio pele vermelha, e acabam logo com isso? Economizando esforço e energia. Minha nossa! Vou contar o que foi que vi domingo passado! Visitei a São Bartolomeu e vi uma freira de idade sentada no banco da igreja na minha frente com o cabelo pintado de *azul*, e quero dizer azul-*azul*! Chamem um médico!

"Sou o Papai Hall e meu amor por vocês é meu xodó[56]. Sou um pregador das antigas e acredito em *tudo* que está na Bíblia, inclusive nos cortes dos tês e nos pingos nos is. Sou só um estranho aqui; o paraíso é o meu lar. Não me considero um homem estudado, mas sei ler em latim; lia em grego. Se for preciso, consigo citar Shakespeare. Não tenho diplomas, mas sou graduado naquele que me fortalece, tenho mestrado à luz da santidade e doutorado no poder da transformação. Se você não consegue dar conta de seus problemas, bata um fio – disque 6-6483, o número de telefone santificado. Faço sermões por telefone. Rezo por você e faço um alerta: tudo que te interessa é a gula, o uísque, o cinema, o divórcio, a cocaína, roupas íntimas, controle de natalidade, títulos e ações. Disso tudo, e do poderoso dólar, você nunca se cansa. Como uma senhora de respeito me disse uma vez: 'Se o governo deixasse

[56] Com *Hall* (*ról*) e *xodó*, a tradução procura mal-e-mal reproduzir a rima e o sentido existentes na frase original: *My name is Daddy Hall, and I love you one and all*.

encostar um caminhão de dez toneladas na porta da frente da Casa da Moeda dos Estados Unidos pra carregar uma quantidade absurda de notas de um milhão de dólares, isso ainda não chegaria nem perto de satisfazer esse povo de hoje em dia'. Não mesmo! Não, não. Eles voltariam bem cedo no dia seguinte arranhando a porta como um cachorro, implorando e pedindo só mais um carregamento. A raiz de todo mal. E qual é o tipo de música que se ouve hoje em dia? Do tipo que diz: 'Deus seja louvado e passo fogo'. Eles tocam nos bares, e ainda dançam! Música blasfema, isso sim, blasfema e profana! Usa o nome de Deus em vão. Aquele sujeito grande e atarracado, com cara de besta ali na calçada, está rindo de mim. Ele me acha engraçado. Pois ria! O riso dos tolos é como o som dos espinhos que crepitam sob o vaso. Ele deve se achar muito inteligente. Os grandes professores hoje em dia, os mais estudados, não acreditam no pecado. Ah, não! É só uma questão de glândulas. Sim, glândulas! Eles dizem, falam e não expressam nada! Espere pra ver esses professores glandulosos chegarem ao fundo do poço ardente, sem fundo, sem eira nem beira, só com o rugido do fogo. Eles vão mesmo desejar que o pecado não existisse.

"As pessoas se desgarraram, Deus está sendo usado e provocado, e Ele nos mergulhou em guerra como um teste e como uma prova, como uma punição. Está na hora dos gafanhotos e da praga dos furúnculos. Fome! Racionamento de comida! Ora, tudo isso foi previsto. 'A língua do bebê a ser amamentado gruda no céu da boca porque ele sente sede. A criança pede um pedaço de pão e ninguém compartilha. Quem comia bem se sente desolado nas ruas'. De qualquer forma, as pessoas comem demais. Precisamos de um ou dois famintos. Pessoalmente, sou um vegetariano roxo. Não existe nada melhor na cadeia alimentar do que um bom vegetal, verde, raiz, talo e folha. As imagens colocadas na frente desses cinemas aqui são uma sem-vergonhice e uma pouca-vergonha. Mulheres adultas exibindo a barriga. Ora, até os umbigos aparecem. É um tormento para os homens. Faz com que eles tenham certos tipos de pensamento. Até parece Sodoma e Gomorra. 'Rocha eterna que me serve de refúgio, deixe eu me esconder em Ti'. Sou o Papai Hall e meu amor por vocês é meu xodó. Se você pensa em suicídio, bata um fio. Digo pra você o que fazer. Anote: disque 6-6483. Olhe aquele pobre irmão. Ele com certeza está alterado; está tentando andar dos dois lados da rua ao mesmo tempo. Acho que ele está combatendo uma ressaca. Parece que está brigando contra essa ressaca há bastante tempo. A essa hora da noite,

em todas as partes da cidade, as pessoas estão bebendo – rios de *highballs*[57], rios de coquetéis, trens carregados de maldição destilada; só falta lavarem o rosto na bebida, esses bêbados, ébrios e embriagados.

"Um batedor de carteiras que converti no outro dia me disse que eles têm uma escola lá em Chicago, uma escola de como bater carteiras, e a primeira regra que eles ensinam é: 'Sem estimulantes!'. Eles têm de estar com a mente limpa. Ora, meus amigos, se você colocar um balde de cerveja na frente de um porco, ele dá um grunhido e vai embora. *Highballs*! Coquetéis! Winston Churchill! Li na revista *Life* que ele bebe um litro de champanhe por dia e sabe-se lá quanto de uísque escocês no mesmo período. Não faz mal! É como um cristão que bebe leite desnatado. Um porco nem chega perto da bebida, tampouco um batedor de carteiras, mas Mr. Churchill cai de boca e chafurda nela. Um ótimo exemplo pros nossos soldados. Ah, sim! Ah, sim! A cidade de Nova York está pronta pra um clamor religioso. É um broto, crescendo a cada minuto. A qualquer momento, ele vai se abrir e florescer. As pessoas estão tirando o pó de suas Bíblias e se arrependendo de seus erros e se preparando pra ira de Deus. Antes de Pearl Harbor, não adiantava tentar distribuir folhetos nas ruas. As pessoas jogavam os papéis no chão e pisavam neles. Agora, elas dobram os papéis e guardam no bolso. Ao menos isso. Falta pouco! Está chegando! Sou o Papai Hall e meu amor por vocês é meu xodó…"

Hall continuou a falar, mesmo enquanto atravessava as ruas, até chegar à esquina da Broadway com a 42nd Street. Lá, rouco mas feliz, ele enrolou os cartazes e encerrou a noite. "Eu avisei as pessoas", disse a um policial. "Ensinei a elas o temor a Deus. Agora vou pra casa, vou comer uma bela cebola das Bermudas[58] e beber um copo de água pura abençoada por Deus. E vou pra cama. E se houver ao longo da noite qualquer sinal do apocalipse ou um traço de fogo no céu, estarei pronto."

Hall tem um bom motivo para acreditar na iminência de um clamor religioso na cidade. Desde que veio para cá, de modo intermitente, no percurso de seus sermões de rua, ele tem o hábito de dar seu número de telefone e de pedir para que pessoas com problemas telefonem para ele. "Vou confortá-lo", diz. "Vou pregar um sermão das

[57] *Highballs* é o nome dado aos drinques em que se mistura uma parte de bebida alcoólica com duas partes (ou mais) de uma bebida não alcoólica, como o *cuba libre* – feito com rum e coca-cola.
[58] Cebola das Bermudas é um tipo de cebola típica das Bermudas (o território britânico no Caribe), mais suave e mais doce se comparada a outras variedades, devido ao seu baixo teor de enxofre.

antigas por telefone." Em dezessete anos, nunca alguém ligou. Enfim, numa manhã de dezembro de 1939, um estranho telefonou. Ele estava preocupado com a filha. Ela tinha dezesseis anos; saiu com um marinheiro sem a permissão dele, tomou algumas cervejas e por aí vai. Ele pediu para Hall rezar pela alma dela. Hall rezou, na mesma hora. Mais tarde no mesmo dia, a esposa do homem telefonou e colocou a voluntariosa filha na linha. Hall deu a ela uma descrição tão violenta do inferno que ela começou a chorar e derrubou o telefone. A esposa pegou de volta e disse, da maneira como Hall se lembra: "Veja só, reverendo, o senhor fez ela chorar! Nossa, ela está chorando como se estivesse de coração partido. Obrigada! Ai, muito obrigada! Não sei *como* agradecer!". "Não foi nada, irmã", disse Hall. "Se você tiver amigos ou vizinhos com algum problema, diga pra me telefonarem. Espalhe a notícia." A mulher disse que faria isso com certeza. No dia seguinte, Hall recebeu quatro telefonemas de estranhos, todos querendo um sermão. No terceiro dia, de acordo com suas lembranças, foram sete. No quarto dia, dezesseis telefonemas. "De uma hora pra outra, entre os humildes e os de coração pesado", diz Hall, "a fama do Papai Hall começou a se espalhar como fogo em palha seca. Um contava pro outro. Algo como uma corrente. Círculos dentro de círculos". Um de seus convertidos, uma zeladora, ficou tão interessada que começou a distribuir bilhetes anônimos – "Existe uma mensagem para você no 6-6483" – nas mesas do prédio de escritórios em que ela trabalha de noite. Ela convenceu outra zeladora a fazer o mesmo. Quando o destinatário de um desses bilhetes telefonava, Hall dizia: "Sim, senhor, meu amigo, tenho uma mensagem pra dar. O senhor está preparado pra morrer? Está preparado pra mortalha e pra caixa, preparado pro Juízo Final?". Depois, se a pessoa não bufava nem desligava, Hall pregava um sermão breve e violento.

Dia a dia, o número de telefonemas aumentou. Em dois anos, Hall passou a receber setenta e cinco telefonemas por dia. Ele não cabia em si. Das seis da manhã até as sete da noite, ficava sentado ao lado do telefone, saindo para pregar nas ruas somente depois desse horário. "As coisas começaram a caminhar", diz, "até a segunda-feira depois de Pearl Harbor. Nesse dia, preguei até perder a voz. Sem nenhum momento de folga. No instante em que colocava o fone no gancho e recuperava o fôlego, ele tocava de novo. Calculo que preguei oitenta e três sermões seguidos, alguns com pouco mais de cinco minutos, e depois disso me deu uma tontura. Deixei o fone fora do gancho, fui pro quarto e deitei na cama, esgotado". Pouco depois, um funcionário da companhia telefônica bateu na porta, tirando-o da

cama, e disse que dezenas de pessoas reclamaram que o número só dá ocupado quando telefonam para ele. Hall suspirou, foi até o telefone, e começou tudo de novo. Na manhã seguinte, em seu apartamento, ele reuniu seis seguidoras, todas elas mulheres mais velhas acostumadas a distribuir os folhetos, todas pregadoras leigas; elas concordaram em ajudá-lo e passaram a se revezar no telefone.

Hoje em dia, Hall raramente prega por telefone mais do que vinte vezes por dia; ele guarda energia para os sermões nos bares e para as jornadas noturnas pela Broadway. Suas seguidoras, que se inspiram nele para seus sermões, atendem a maioria das ligações. Em troca, elas recebem o dinheiro do transporte, uma ocasional refeição vegetariana e suas bênçãos. A mais dedicada delas é uma senhora inglesa chamada Frances Woodcock. Ela vem do Queens todos os dias e prega das oito e meia até as onze e cinquenta e cinco, no período da manhã. Depois segue rápido para o Tabernáculo do Evangelho, virando a esquina, uma missão fundamentalista e não denominacional na 8th Avenue, em cujo trabalho Hall acredita e onde toca órgão na reunião do meio-dia. Com frequência, ela volta para o telefone à tarde. O único ajudante do sexo masculino é Joseph Serafin, um locutor romeno que trabalha como agente imobiliário de um prédio que é propriedade do Tabernáculo na 8th Avenue. Ele sempre aparece quando tem uma ou duas horas livres. Telefonemas são atendidos o tempo todo das seis da manhã até a meia-noite, quando o fone é tirado do gancho. Hall diz que mais de cento e cinquenta mil sermões foram pregados usando seu telefone desde dezembro de 1939. Ele calcula que mais ou menos um quarto das ligações é de gente curiosa, de alguém passando um trote ou de vítimas de trote. Muitas dessas vítimas acham que o número 6-6483 recebe apostas em corridas de cavalo. Num desses trotes, o sujeito começou a falar de um jeito confuso. Depois de ouvi-lo por algum tempo, Hall exclamou: “Fale logo de uma vez, homem! Afinal de contas, você é muçulmano?”. Por fim, ele chamou Serafin, que estava no quarto ao lado, comendo uma cabeça de repolho. “Vem cá, Serafin”, disse Hall. “Acho que estou com um pobre coitado na linha. Um muçulmano que parece muito perturbado.” Serafin, com mais experiência de mundo, ouviu por alguns momentos e depois explicou a fala confusa para Hall. “Dei um jeito nesse irmão”, disse Hall, rindo. “Gritei com ele em latim até ele ficar bravo e me mandar para aquele lugar.”

Hall faz perguntas para quem telefona e chegou à conclusão de que a maioria é de apóstatas arrependidos. “Eles eram religiosos das *antigas*”, diz ele, “mas em algum momento deixaram de ser. A guerra faz com que eles procurem a religião de

novo. ‘Vire a página’, digo pra eles. ‘É preciso se arrepender. Rezar. Ler a Bíblia. Encontre uma igreja das antigas e comece a frequentá-la. Não vá pra uma dessas igrejas da 5th Avenue porque a única coisa que elas fazem é casamento’. A maioria se sente ansiosa para confessar. Minha nossa! Alguns confessam pecados de que nunca tinha ouvido falar. Ouço coisas que não revelaria pra *ninguém*, nem mesmo pra outro pregador. Alguns me ligam de dentro do bar; enquanto dou meus conselhos, consigo ouvir o barulho de um daqueles fonógrafos monstruosos que funcionam com moedas de cinco centavos. Uns são solitários, outras têm filhos lutando na guerra, uns têm consciências pesadas, outras são jovens solteiras que acabaram grávidas muito antes de poder considerar a proposta de algum safado, uns combatem o vício em bebida, outras contemplam o suicídio”.

Entre aqueles que telefonam para Hall, alguns dos mais desesperados insistem em conversar com ele cara a cara, e quase todas as manhãs começam com pessoas sentadas em sua sala de estar, esperando para serem atendidas. Hall mora em um predinho sem água quente no número 360 da West 45th Street, pagando trinta dólares mensais por cinco cômodos pequenos. Ele vive lá há doze anos. Ocupa um daqueles apartamentos dos fundos cuja entrada é através da cozinha e cujas janelas dão para um pátio mal-iluminado que tem uma única árvore coberta de fuligem. O telefone dele tem três metros de fio; no inverno, ele fica perto do forno da cozinha e, no verão, é levado para uma mesa adjacente a uma janela na sala de estar. O telefone custa apenas três dólares e cinquenta e quatro centavos por mês; como é clérigo, ele ganha um desconto de vinte e cinco por cento sobre a tarifa básica. O estúdio de Hall é abarrotado. Nele, há uma cama de ferro esmaltado, um rádio, uma divisória, um par de cadeiras com encosto reto, três mesas e um armário onde guarda fardos de folhetos. Ele tem três camas dobráveis encostadas na parede em um canto. Hall se relaciona com dezenas de evangelistas e vendedores ambulantes de livros e artigos religiosos e, quando vêm a Nova York, eles dormem no apartamento dele. Às vezes, tem tantos hóspedes que as camas não são suficientes e precisa espalhar estrados pelo chão. Há uma máquina de escrever em cima de uma das mesas e um verdadeiro ninho de rato de correspondências e manuscritos. Hall é editor de uma revista mensal bem pequenininha, a *Church Militant*, vendida por vinte e cinco centavos por ano e com mil e trezentos assinantes. A posição política da publicação é extraordinária: a favor da Lei Seca, das cadernetas de poupança, da osteopatia e de mulheres pregadoras; e contra jantares de igreja, vacinação, bingo e aspirinas.

Debaixo da cama de ferro, há uma pilha de jornais, quase todos tabloides. É raro Hall comprar um jornal; esses foram recolhidos por seus seguidores em bancos do metrô. Ele diz que, quando a pilha fica grande o suficiente para começar a atrapalhar, ele folheia os jornais e recorta as matérias que provam que o pecado leva à morte, como as histórias sobre mulheres suicidas e sobre eletrocuções em Sing Sing; ele tem duas gavetas do armário repletas de recortes. Uma das paredes é coberta de fotografias instantâneas de pessoas convertidas por Hall. Outra parede tem dois cartazes. Um diz: "Procura-se: uma alma humana de valor incalculável. Quem entregá-la a Deus será muito bem recompensado". O outro diz: "Fumantes de cigarro, por favor, rastejem para dentro do forno e usem a chaminé". Hall é um inimigo do tabaco. "Meu pai foi assassinado pelo cartel do tabaco", diz. "Ele era um fumante de charuto e morreu muito jovem." Hall chega a realizar casamentos em seu estúdio, com casais que vêm conhecê-lo depois de terem falado com ele por telefone. O estúdio passa por uma faxina em dias de casamento, mas não é limpo com frequência. Um de seus seguidores apontou para um dos parapeitos da janela, onde o pó e a sujeira formaram uma camada de dois centímetros e disse: "Isso que eu chamo de sujeira. Por que você não passa um pano?". "Não limpo janelas", disse Hall, indignado. "Limpo almas humanas."

A maneira de Hall ver a vida é resultado do período cinzento da Reconstrução[59] no Sul. Ele nasceu em 1864, durante o inverno do quarto ano da Guerra Civil, em Greenville, sede de um condado pequeno no Alabama. Sua família vive no Sul desde o período pré-revolucionário. Os antepassados de seu pai vieram da Escócia e os de sua mãe, da Holanda. A família tinha dinheiro, mas perdeu tudo durante a guerra, na qual o pai de Hall, o Dr. James Woodward Hall, serviu como médico do exército confederado. "Tive uma infância muito dura", diz Hall. "Éramos onze crianças e a gente não tinha roupa nem comida suficiente. Tirando alguns domingos e os períodos frios, só fui usar sapatos mesmo quando completei dezoito anos. Estudei até a quinta série, vivendo só de grãos e de verduras, e depois tive de ficar em casa e trabalhar na plantação de algodão. Eu arava a terra com a ajuda de um boi. Não existia mais

[59] A Reconstrução dos Estados Unidos (1865–1877) foi o período logo após a Guerra da Secessão em que os estados confederados foram reintegrados à União. Foi também quando começou o processo de integração dos negros depois do fim da escravidão.

nenhuma mula naquela época. Os ianques mataram todas elas só pra se divertir. Foi um período muito, muito difícil." De noite, Hall tinha aulas com a mãe, dona do que ele define como "uma educação mínima em latim e Shakespeare". Aos vinte anos, abandonou os campos de algodão para se tornar um professor.

Em Anniston, no Alabama, em 1888, teve seu primeiro encontro memorável com o pecado. "Eu dava aulas numa escola de meninos e dormia num hotel, o melhor da cidade", diz. "Uns artistas que trabalhavam com uma companhia chamada Graw's Dixieland Grand Opera vieram para Anniston e se hospedaram no mesmo hotel. Eu nunca tinha ido ao teatro e tive a ideia boba de ver como era. Não sei o que deu em mim. Não sou o que você chamaria de quadrado, mas minha nossa! Fiquei chocado! Na mesma noite, de volta ao hotel, aquelas mulheres exibidas fizeram bagunça até as duas da manhã, rindo sem parar. Desconfio que estavam bebendo. Dei uma olhada no corredor e vi uma delas andando na ponta dos pés em direção ao saguão usando só uma camisola. Ela estava de cabelo solto. O cabelo era comprido e loiro, mais dourado do que amarelo. Até hoje, nada me tira da cabeça que ela estava a caminho do quarto de algum homem. Ainda rezo por ela; espero que ela melhore. Na manhã seguinte, fiquei de joelhos e pedi a Deus que me perdoasse por ter ido ao teatro e pedi que fizesse de mim um pregador, para que eu pudesse lutar contra esse tipo de maldade." Hall diz que nunca mais voltou ao teatro. Ele tem muito orgulho disso. Há pouco tempo, no bonde da 42nd Street, ouviu uma mulher dizendo para outra: "Faz meses que não vou ao teatro". Hall se inclinou na direção delas e disse: "Irmã, *eu* não vou ao teatro desde 1888".

Em 1892, quando Hall tinha vinte e oito, ele pegou o dinheiro que ganhou como professor e entrou no Seminário Episcopal Protestante, em Alexandria, na Virginia. Quatro anos depois, tornou-se pastor episcopal. Começou com igrejas em duas cidadezinhas do Alabama, Troy e Union Springs, a setenta quilômetros uma da outra. "Pregava um domingo aqui", diz, "e outro domingo acolá". Ele recebia cinquenta dólares por mês. Em 1904, foi apontado como capelão episcopal de Pratt City e Flattop, duas colônias penais nos arredores de Birmingham, com um salário de mil dólares por ano, o melhor que já teve. Flattop era uma Sibéria; só os piores criminosos eram mandados para lá, obrigados a trabalhar numa mina de carvão. Hall orientava homens condenados à morte e desde então passou a usar suas experiências para ilustrar sermões assustadores. Ele diz ter convertido centenas de homens. "O melhor momento para converter um prisioneiro", diz, "é logo depois de algum

enforcamento. Numa sexta-feira, acompanhei três irmãos assaltantes de trem até o cadafalso e, toda vez que o alçapão era aberto, dava pra ouvir um barulho específico. Cataplam, *crac*! Cataplam, *crac*! Cataplam, *crac*! Fui direto do pátio de enforcamento para a cela ocupada por Tom Fay, um prisioneiro recém-chegado. Tom era uma víbora de verdade; ele era o cabeça da gangue Miller Duncan de bandidos de estrada, e todo mundo no Alabama tinha medo dele. Descrevi esse barulho específico pro Tom e falei com ele sobre o inferno. Ora, veja só! Não só consegui convertê-lo, como ele também se tornou pregador alguns meses depois".

O trabalho de Hall com prisioneiros se tornou conhecido entre os evangelistas do país inteiro e, em 1908, ele foi convidado para ir até a Filadélfia para assumir a Galilee Mission, na Vine Street. Mantido por episcopais, a Galilee serve de ponto de encontro e de dormitório para necessitados. Ela se inspira nas missões da Bowery. O trabalho pagava apenas novecentos dólares por ano, mas Hall aceitou. "A coisa mais importante que aprendi na Galilee", diz, "foi que os tormentos da humanidade são adultério, bebida, droga e dúvida. Uma vez por ano, fazíamos uma reunião noturna de três horas de duração para que cada um se levantasse e testemunhasse. Tinha gente de todo tipo, até religiosos, mas havia semelhanças em suas confissões – adultério, bebida, droga ou dúvida, uma noite após a outra. Entre os desamparados que atendi, conheci sessenta e um ligados ao clero, todos eles tinham problemas com a bebida. E uma coisa é certa sobre o pregador que bebe. Quando decide tomar todas, não faz o serviço pela metade. Ele se dedica com afinco. Ele se esforça. Uma coisa horrível, horrível de se ver!". Depois de doze anos como superintendente da Galilee, Hall pediu demissão e se tornou pregador de rua. Perambulou por quatro anos, quase nunca ficando mais do que duas semanas em cada cidade. "Numa noite em Los Angeles, em 1923", diz, "senti que era o momento de escolher um lugar para ficar por uns tempos e me fiz uma pergunta. 'Irmão Hall', disse a mim mesmo, 'qual é a cidade mais vil, mais profundamente maligna, que você conhece?'. Sem nenhuma hesitação, a resposta foi: 'Nova York, Nova York'. Por consequência, peguei um trem e vim pra cá e criei raízes aqui. Se você está determinado a lutar contra o demônio, a melhor coisa é encarar as trincheiras na frente de batalha".

Hall é diferente de outros pregadores de rua porque nunca pede doações. Se alguém na rua oferece dinheiro, ele aceita, mas isso é raro. "Quando o assunto é religião", diz,

"os cidadãos mais comuns de Nova York não são mesquinhos; eles só não acreditam em dar as coisas". Desde que veio para cá, suas pregações têm sido subsidiadas por uma fileira de senhoras de idade, fundamentalistas e abastadas, a maioria delas nascida no Sul. Uma viúva de um homem do setor imobiliário, por exemplo, deu-lhe setenta e cinco dólares mensais por mais de cinco anos, pedindo apenas que ele pregasse ao meio-dia em frente ao J. P. Morgan & Company sempre que possível. Outra viúva, que vivia no Plaza, dava-lhe um envelope contendo de uma a cinco notas de dez dólares toda vez que ele a procurava. Em 1930, ela lhe deu quinhentos dólares e o mandou para Londres a fim de participar da conferência Lambeth. "Uma vez, passei para visitar essa senhora e a encontrei tomando uma taça de vinho", disse Hall. "Ela disse que bebia por recomendação médica. A não ser pelo vinho, tinha uma boa alma." Desde 1933, quando Hall chegou à idade de se aposentar, ele vem recebendo cinquenta dólares por mês do fundo de pensão da Igreja Episcopal.

Os pregadores de rua são um bando barulhento. Hall é atípico porque nunca brigou com seus colegas por causa de doutrinas ou dogmas. "Gosto de pregar no Columbus Circle do lado de figuras de todo tipo: testemunhas de Jeová, soldados do Exército da Salvação, mulheres do Pilar de Fogo, discípulos do reverendo Divine, gente cantando "Happy Am I"[60] e irmãos com teologias de um homem só inventadas por eles mesmos", diz Hall, "mas nunca tive nenhuma discussão com eles. O batismo, por exemplo. Do meu ponto de vista, você pode usar só um pouquinho de água, ou pode mergulhar a pessoa de cabeça e tudo, molhando primeiro as mãos, ou primeiro os pés, o que dá tudo na mesma desde que a água seja pura e que a pessoa não se afogue". O único pregador de rua com quem Hall entrou em conflito foi Charles Lee Smith, presidente da Associação Americana para o Progresso do Ateísmo. Smith também é sulista. Hall se refere a ele como o Papa Ateu e berrou com ele na Wall Street, na Union Square e no Columbus Circle. "Não porque ele é ateu", diz Hall. "Isso, eu poderia deixar passar. O problema é aquele nome do meio. Ele foi batizado em homenagem a Robert E. Lee. É o que ele diz. O que levou um homem batizado em homenagem ao grande herói cristão que foi Robert E. Lee a se tornar um mero ateu qualquer está além da minha compreensão." Smith, ao contrário, gosta de Hall. "Junto de W. C. Fields", diz Smith, "o único homem que tenho satisfação de ouvir é o velho James Jefferson Davis Hall. Eu daria um bom dinheiro, no dia que fosse, pra

[60] "Happy Am I" é uma música religiosa de autoria incerta. Sem mencionar o fato de que existem dezenas de canções religiosas compostas com as palavras "Happy Am I".

ouvir seu sermão sobre *delirium tremens*. Devo ter ouvido esse sermão uma dúzia de vezes, mas nunca é igual. Ele divaga bastante e gosto de suas divagações. Elas são muito intensas". Esse sermão, "Casos que conheço de *delirium tremens*", é sua obra-prima. Um dos casos que cita é o de Bobcat Jones, um velho cantor e dançarino.

"Mr. Jones vivia desamparado, era um velho ator de vaudeville", diz Hall, "e eu o converti na missão Galilee em 1917, mas ele recaiu. Ficou vagando por semanas até que um dia apareceu, resmungando e delirando. Ele segurava a cabeça com ambas as mãos; dizia ter medo que aranhas entrassem nas suas orelhas. 'Arrependa-se, Mr. Jones!', eu disse a ele. 'Arrependa-se!' Ele começou a se abaixar e a se desviar, dizia que o Tinhoso estava jogando lanças contra ele. Eu o levei para o segundo andar, no dormitório, e no instante em que o coloquei na cama, ele berrou: 'Tem um bode vindo na minha direção! É o diabo. Os chifres estão pegando fogo. Não se aproxime, bode! Não deixe o bode me acertar!'. 'Nossa, Mr. Jones', eu disse, 'não tem bode nenhum. Arrependa-se, arrependa-se e você será salvo'. Ele saltou pra fora da cama e amarrou três gravatas, uma na outra, e berrava: 'Vou laçar o velho Tinhoso'. Vou laçar e vou amarrar e vou chutar o maldito'. Eu o coloquei de volta na cama, mas foi uma luta. O ambiente tinha um ventilador elétrico e em algum momento ele achou que o ventilador era o diabo. Ele pegou um despertador e arremessou com tudo. Acertou o ventilador e começou a tocar. E Mr. Jones se lamuriando o tempo todo. Minha nossa, que confusão! Depois tentou agarrar o ventilador, machucou a mão e saltou cinco metros para trás, berrando: 'O Tinhoso me mordeu! Deixa eu sair daqui!'. Ele saiu correndo pela porta e se esborrachou na escada, batendo em cada um dos degraus até chegar lá embaixo. Como dizia a minha velha e querida avó, lá no Alabama: 'Ele quebrou a bunda', e era perfeitamente aceitável pra minha avó usar esse tipo de linguagem, ninguém a menosprezava por causa isso e ela continuava sendo um amor de velhinha, uma camponesa trabalhadeira com suas ordenhas de vaca, suas manteigas, suas jararacas, suas abelhas, seus mirtilos, suas nozes, suas pescarias, seus bagres, seus coelhos, seu rapé e seu algodão. Ela era uma santa, mas era também muito direta e era conhecida pelas coisas que dizia. 'Quebrou a bunda' era algo que dizia pra quase todos os acidentes. 'Bunda, rabo, traseiro e tudo!', dizia. 'Pança, barriga, estômago e tudo!'. Fiquei de pé no topo da escada e olhei para Mr. Jones estatelado no chão lá embaixo e fiquei com medo que ele tivesse se machucado de um jeito grave – no mínimo, uma fratura no quadril. Talvez ele nunca mais consiga andar! Aleijado pra sempre! Ou com fraturas em ambas as pernas! Arruinado!

Acabado! Mas não, não, em um ou dois minutos, o *delirium tremens* tomou conta de Mr. Jones de novo, ele se levantou e começou a dançar com uns pulinhos enquanto cantava uma canção chamada 'Cut a Watermelon on My Grave and Let the Juice Soak Through'[61]". Nesse ponto do sermão, Hall balança a cabeça devagar e seu rosto assume uma expressão de profundo pesar. "Uísque! Uísque! Uísque!", exclama. "Eu não acredito nem em gengibirra!"

(1943)

[61] Na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, a música é creditada a Frank Dumont (1848–1919) com o título "Plant a Watermelon on My Grave and Let the Juice Soak Through". O personagem de Mitchell fala em "*Cut* a Watermelon…". Uma pesquisa no YouTube mostra gravações com títulos ligeiramente diferentes, como "Plant a Watermelon on My Grave and Let the Juice *Ooze Thru*" ou "Plant a Watermelon on My Grave and Let the Juice *Seep Through*". Apesar da variação nos títulos, a canção é a mesma.

Lady Olga

Jane Barnell se considera às vezes uma proscrita e sente que existe algo de vergonhoso na forma como ganha a vida. Nesse estado de espírito, ela não se orgulha de ser a mulher com a carreira mais longa da América como artista de espetáculos populares, e preferia nunca ter deixado a labuta na fazenda de algodão de sua avó, na Carolina do Norte. Miss Barnell é uma mulher barbada. Sua barba grossa e encaracolada tem trinta e cinco centímetros, e nunca foi tão comprida como agora. Quando era jovem e mais encantada com a vida no picadeiro, ela usava a barba de jeitos diferentes a cada ano; naquela época, havia vários estilos de barba – ela se lembra do pingente de gelo, do guerreiro indígena, do espanador e da barba-de-bode – e, no começo de cada temporada, ela pedia para o barbeiro do circo aparar a sua seguindo o estilo mais popular do momento. Desde que ficou grisalha, ela tem usado no estilo desgrenhado que lembra os seguidores da Casa de Davi[62].

O trabalho de exibir sua barba a levou para todos os estados da União. Na verdade, ela sem dúvida viajou mais pelos Estados Unidos do que a maioria das pessoas, mas está sempre entediada demais para prestar atenção ao redor e é provável que não se saísse bem numa prova básica de geografia. "Andei por toda parte, pra cima, pra baixo e pros lados", diz. "Visitei milhares de cidades, mas não me lembro de quase nada. Na metade das vezes, não sabia nem que estado era aquele. Não sabia e não ligava pra isso." Miss Barnell tem sessenta e nove anos e foi exibida pela primeira vez pouco depois de completar quatro anos; ela diz ter barba desde a infância. Como Princesa Olga, Madame Olga ou Lady Olga, ela trabalhou em pelo menos vinte e cinco circos e festivais ganhando salários que variaram de vinte a cem dólares por semana. Ela não se lembra mais dos nomes de todos os circos e se refere a um deles como "aquela bagunça com dez carroças na Costa Oeste em que eu e meu terceiro marido tivemos que acertar a cabeça do diretor do circo com uma estaca de tenda pra receber meu pagamento". Ela começou num circo mambembe, bem pé-sujo, em que as carroças simples e infestadas de piolhos eram puxadas por bois, e conseguiu ascender até chegar ao Ringling Brothers e ao Barnum & Bailey.

[62] A Casa de Davi (ou *The House of David*) é uma sociedade religiosa fundada por Mary e Benjamin Purnell em 1903, no estado americano de Michigan. Seus adeptos eram barbudos notórios.

Passou seis anos no circo dos irmãos Ringling. O último ano em que trabalhou com eles foi 1938, quando a temporada foi interrompida por uma greve em Scranton, uma ocorrência que a deixou nervosíssima. O espetáculo secundário dos Ringling, chamado de Congresso dos Estranhos, é tão estimado pelos *freaks*[63] quanto o era o Palace por um ator de vaudeville, mas ela não assinou um contrato para a temporada de 1939. Foi difícil tomar essa decisão, por seis temporadas consecutivas ela ocupou a mesma cabine no Old Ninety-Six, o vagão-dormitório dos espetáculos populares, e acabou ficando apegada a ela. "Ouvi falar de um preso que terminou de cumprir sua pena e começou a chorar por ter de ir embora de sua cela", diz. "Devia ser como um lar pra ele. É assim que eu me sentia em relação à minha cabine." Ela recusou o contrato de 1939 porque se tornou obcecada com a ideia de que, na estrada, seria obrigada a se unir ao sindicato do circo. Ela tem medo de sindicatos. Embora nunca tenha votado, é uma republicana extremamente teimosa. Além disso, é leitora antiga dos jornais de Hearst e acredita em tudo que lê neles. Acha que sindicalistas andam armados e atiram para matar. Quando encontra um piquete, ela atravessa para o outro lado da rua na mesma hora. "Tenho certeza de que basta colocar meus pés no Ringling e esse sindicato vai me pegar", disse para um funcionário do circo que tentou argumentar com ela por horas, e acrescentou: "Pra falar a verdade, acho que esse velho sindicato é uma corporação, como tudo hoje em dia". Ela também tem medo de corporações; na sua opinião, elas são tão sinistras quanto os sindicatos. Desde que ela saiu, os Ringling ficaram sem uma mulher barbada. Fred Smythe, dirigente do Congresso, tenta contratá-la a cada nova temporada, mas ela sempre lhe diz que nunca mais quer fazer espetáculos grandes. Isso nunca surpreende Smythe. "O único jeito de tirar uma ideia estúpida da cabeça de um *freak* é explodindo a cabeça dele. Eu com certeza gostaria de contratá-la. Ela é a única mulher barbada de verdade, das antigas, que existe neste país. A maioria das mulheres barbadas são homens. Mesmo quando são mulheres, elas parecem homens. Lady Olga é uma mulher, e parece uma mulher." Smythe diz que mulheres barbadas não são particularmente sensacionais, mas elas seguem uma tradição dos espetáculos populares, assim como

[63] A palavra *freak* em inglês é usada para se referir às pessoas que têm algum tipo de anomalia, excentricidade ou bizarrice – como no caso dos artistas explorados pelo circo por causa de defeitos físicos ou de outras esquisitices, no passado. Uma tradução possível para o termo seria "aberração" ou até "monstro" – como fez o título brasileiro do filme *Freaks*, que o diretor Tod Browning lançou em 1932. Porém, "monstro" parece um exagero e "aberração" tem um valor muito diferente da expressão em inglês. Este texto mostra que os *freaks* são uma comunidade, um modo de viver e de ganhar a vida. Daí a opção por manter a palavra em inglês.

os palhaços, no circo. "As pessoas não acham mais graça nenhuma nos palhaços, mas não abrem mão deles", diz. "Da mesma forma, se não houver uma mulher barbada num *sideshow*[64], as pessoas acham que está faltando alguma coisa."

Miss Barnell não está mais na estrada desde que deixou os grandes circos, mas decidiu morar bem perto de Nova York, que considera um lar tanto quanto qualquer outro lugar. No inverno, trabalha de vez em quando no *sideshow* do porão do Hubert's Museum, na West 42nd Street. Ela mostrou sua barba em quase todos os museus baratos do país e seu favorito é o Hubert's; ela passou a considerá-lo seu quartel-general durante o inverno. O professor Le Roy Heckler, que administra a concessão do circo de pulgas no Hubert's, é um velho amigo seu. Eles chegaram a viver na mesma comunidade agrícola no Mecklenburg County, na Carolina do Norte, e ela trabalhou em circos há muito tempo com o pai dele, o falecido professor William Heckler, que era um nome importante dos espetáculos populares antes de criar um método para adestrar pulgas e dar início ao negócio da família. Miss Barnell tem um respeito grande por Le Roy; ela o chama de "jovem professor" e diz que o conhece desde a época em que "usava fraldas". No verão, ela divide seu tempo entre o Hubert's e o World Circus Side Show, do professor Sam Wagner, que também é um museu barato, em Coney Island. Ela gosta de Coney porque acredita que o ar salgado é bom para tratar sua asma; além disso, tem um apreço enorme pela espiga de milho assada na manteiga que é vendida por lá.

No circuito dos museus baratos, a labuta não é constante; ela trabalha por duas ou três semanas seguidas e depois descansa uma semana. "Não quero ficar maluca", diz. Nos museus, o expediente é das onze da manhã até as onze da noite. Existe uma média de dois espetáculos por hora e, durante um espetáculo, ela ocupa a plataforma por um período de cinco a dez minutos. Entre uma aparição e outra, ela fica livre. No Hubert's, passa a maior parte do intervalo cochilando numa cadeira de balanço em seu camarim. Às vezes, bate um papo com outros artistas – mais com Albert-Alberta, o meio-homem-meio-mulher. Duas vezes por semana, ela vai até a cabine do professor Heckler e o observa dar de comer às pulgas. Esse espetáculo a impressiona sempre, apesar de tê-lo visto dezenas de vezes. O professor arregaça uma das mangas, pega as pulgas de suas caixas de madrepérola usando uma pinça e as coloca uma a

[64] O termo *sideshow* é usado para se referir aos espetáculos secundários que antecediam a atração principal, principalmente no meio circense. Outra tradução possível, mas não tão precisa, seria "espetáculos populares".

uma sobre o antebraço, onde elas ficam por quinze minutos. Enquanto as pulgas estão comendo, o professor lê um jornal e ela fuma um cigarro. É raro falarem qualquer coisa um para o outro. Sendo ela mesma taciturna, Miss Barnell não gosta de gente tagarela. Pelo menos uma vez, à tarde, ela enrola uma echarpe ao redor da barba e sai para tomar um café ou uma caneca de cerveja de raiz[65]. Ela vai ao refeitório do American Bus Depot, alguns passos a oeste do Hubert's. Para ela, a atmosfera de um terminal de ônibus é calmante. Quando está em Coney Island, entre apresentações, ela dá caminhadas rápidas pelo calçadão da orla.

No passado, enquanto honrava compromissos dentro e fora da cidade, Miss Barnell vivia sempre em hotéis pequenos da Broadway. Há mais ou menos um ano, ela desistiu dessa vida de hotel. Um sábado à noite, depois de trabalhar até tarde no Hubert's, ela foi até o hotel perto da Times Square onde estava vivendo desde a greve no Ringling e um bêbado a viu no saguão e disse: "Meu Deus, é a mulher barbada!". Ele a seguiu até o elevador, gritando: "Barbuda! Barbuda!". No dia seguinte, ela saiu do hotel e alugou um apartamento mobiliado num prédio teatral da 8th Avenue, perto do Garden[66]. O lugar foi recomendado por um colega, um homem que come lâmpadas elétricas. Entre os outros inquilinos, estão um mágico, um velho comediante burlesco, uma mulher tatuada e um cozinheiro de circo aposentado. Cercada por pessoas assim, ela se sente tranquila; quando os encontra nas escadas, eles não parecem surpresos e agem de um jeito normal. "Se um babuíno velho caminhasse pelo saguão tocando uma corneta, ninguém no meu prédio prestaria atenção", diz ela.

Miss Barnell gostaria de passar o resto da vida na cidade, mas sabe que mais cedo ou mais tarde vai se tornar uma atração obsoleta nos museus baratos e terá de publicar um anúncio de "disponível" na *Billboard* e trabalhar de novo num circo ou numa feira. Ela quer adiar esse momento o máximo possível porque acabou gostando da vida de apartamento; foi uma chance, diz ela, de conhecer melhor Thomas O'Boyle, seu quarto marido, e Edelweiss, seu gato. O'Boyle é um palhaço veterano, mas nos últimos tempos tem trabalhado no Hubert's fazendo o pregão – termo usado

[65] É um tipo de bebida mais conhecida nos Estados Unidos, bem menos alcoólica do que uma cerveja tradicional (com algo em torno de 0,5% de teor alcoólico contra cerca de 4%). Feita com ervas, ela também passa por um processo de fermentação – daí o álcool. No passado, era uma boa alternativa para evitar doenças por água contaminada.

[66] O que os nova-iorquinos chamam de "Garden" é o Madison Square Garden (MSG), a arena mais famosa da cidade e uma das mais conhecidas do mundo, casa do time de basquete do New York Knicks e espaço para espetáculos musicais – um dos mais marcantes foi o *Concert for Bangladesh*, de George Harrison, em 1971, com a participação de Bob Dylan e Ravi Shankar. Em 1940, o MSG ainda ficava na esquina da 8th Avenue com a 50th Street. Hoje, fica na Pennsylvania Plaza.

pelos *sideshows* para a divulgação dos espetáculos, na porta do museu. Ele é dezenove anos mais novo que Miss Barnell e, diferente dela, está encantado pelo mundo do espetáculo. Ele usa camisas azul-marinho, gravatas amarelo-limão e ternos comprados na Broadway. Ele acredita que a Miss Barnell é uma das grandes mulheres de todos os tempos e procura tratá-la de acordo. Quando ela entra no ambiente, ele se levanta rápido e, quando ela pega um cigarro, ele é rápido para acender um fósforo. Os dois se casaram depois de terem trabalhado juntos na temporada de 1931 na Exposição Johnny J. Jones, uma feira de entretenimento. Ambos são fãs de rádio de ondas curtas e O'Boyle diz que foi esse interesse em comum que os aproximou. "Desde o nosso casamento, eu e Mr. O'Boyle viajamos com as mesmas roupas", disse Miss Barnell pouco tempo atrás, "mas sinto que só fui conhecê-lo de verdade quando passamos a dividir um apartamento. Num vagão-dormitório, é difícil se sentir casada. Pra conhecer seu marido, você precisa cozinhar e lavar roupa pra ele". Ao lado de O'Boyle, Edelweiss é sua maior preocupação. Edelweiss é um gato persa branco como neve, rabugento e gordo, pelo qual pagou vinte e cinco dólares quando ainda era um filhote, e que agora pesa mais de sete quilos. Ela o apelidou de Edie e, quando fala com o gato, parece que está falando com um bebê. Miss Barnell tem uma confortável cadeira de lona – tirada do camarim de um circo – e gosta de se sentar nela, pegar o gato no colo e cantar para ele. Emendando uma depois da outra, ela canta "Eadie Was a Lady" e "Root, Hog, or Die", uma velha canção circense. Gatos e cachorros não são permitidos nos vagões dormitórios da maioria dos circos; dessa forma, quando está na estrada, precisa deixar Edie num *pet shop*. "Às vezes, durante minhas viagens", diz, "tenho tanta saudade de Edie que quase não aguento". Ela acha que o Hubert's é muito melhor que outros museus porque o diretor compreende a relação que ela tem com o gato e deixa que o bichano a acompanhe no trabalho. Enquanto ela está na plataforma, Edie fica sentado ao seu lado, ronronando. Logo abaixo dos gatos, o animal favorito de Miss Barnell é o cavalo. Ela é uma dessas mulheres que não consegue passar por um cavalo parado no meio-fio e não fazer um carinho na cabeça do bicho; ela sempre carrega na bolsa uma porção de cubos de açúcar só para dar aos cavalos. Uma vez por mês, não importa o quão fraca seja a temporada, ela manda uma contribuição para a A.S.P.C.A[67]. "Para um animal, não faz diferença nenhuma se você tem barba ou não", diz.

[67] *American Society for the Prevention of Cruelty to Animals*, ou Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade contra Animais.

Miss Barnell não tem apenas barba, mas também costeletas e bigode. Usando um vestido branco simples e largo, ela parece um profeta do Velho Testamento. Sua aparência fica mais mundana quando se arruma para uma festa; nessas ocasiões, usa batom e ruge. Uma vez, Monty Woolley a viu toda arrumada e disse que ela parecia Elsa Maxwell com barba. Alguém lhe contou o comentário de Woolley e ela deu uma bufada de indignação. "Mr. Woolley não deve enxergar direito", disse. Com um metro e sessenta e cinco e oitenta e três quilos, ela não é tão roliça quanto Miss Maxwell. Miss Barnell parece mais jovem do que é na verdade; tem poucas rugas e passo firme. Seu rosto é redondo e melancólico. Ela penteia o cabelo grisalho e encaracolado no estilo *pompadour* e, na plataforma, usa um aplique espanhol e dois apliques laterais. Uma vez por ano, ela faz um permanente. Antes de ir para a rua, ela sempre cobre o rosto com um véu e envolve o pescoço com uma echarpe de caxemira, escondendo a barba. Para mantê-la cacheada, faz uma trança antes de dormir; nos dias de folga, não desfaz a trança. Ela usa uma aliança de casamento de ouro maciço. Sua voz é grave e feminina.

Anos ouvindo o pregão dos espetáculos acabou influenciando o seu jeito de falar; ela faz palavras longas parecerem ainda maiores. Para ela, uma monstruosidade é uma "*mu-ons-tu-ro-si-da-di-êe*". Ela usa algumas gírias de circo. Os homens que jogam nas máquinas de *pinball* no primeiro andar do Hubert's e nunca gastam dez centavos para ver o espetáculo no andar de baixo são, para ela, "os piolhos"; em circos, essa expressão é usada para pessoas da cidade que não compram ingressos, mas ficam de pé nos arredores da tenda, bisbilhotando e atrapalhando todo mundo. Ela usa a palavra "velho" para demonstrar desprezo. Uma vez, ela disse: "Se aquele prefeito velho que eles têm aqui não consegue pensar em nada melhor do que um imposto velho sobre tudo que é vendido, ele devia largar mão e renunciar". Ela sempre usa o verbo no presente quando deveria estar no passado. Um exemplo de como ela fala: "Quando eu era jovem, escolho o nome de princesa Olga. Depois do meu primeiro casamento, mudo para madame, mas como todas as mulheres *swami*[68] e leitoras de mãos do país escolhem se chamar Madame Isso-e-Aquilo, achei que *lady* era mais *chi-qui-êe*". Ela tem um leve, mas inconfundível, sotaque sulista e várias de suas manias ao falar são da Carolina do Norte. Ela dá mais ênfase às primeiras sílabas em palavras como "hotel" e "polícia". Ela usa "ou outra coisa" como uma contração

[68] Título honorífico hindu.

de “ou uma coisa ou outra”. Ela diz: “Vou ao cinema hoje à tarde, ou vou dar um pulo em Coney, ou outra coisa”. Quando se prepara para fazer as compras de mercado, ela não diz: “Vou ao mercado”; ela diz: “Vou ali e já volto” ou “Vou lá e já volto”. Outra herança dos campos da Carolina do Norte é o gosto por rapé. Ela e O’Boyle têm um automóvel e às vezes o usam para fazer uma viagem longa. Enquanto andam de carro com os vidros abaixados, os dois cheiram rapé. “No campo, rapé é melhor que cigarro”, diz. “É claro que eu jamais pensaria em usar dentro de casa.” Ela fuma um maço e meio de cigarros por dia. O uso de tabaco é seu único hábito ruim. Como regra, os artistas de *sideshows* gostam de beber, mas ela é uma abstêmia que confia muito na Lei Seca.

Numa plataforma ou palco de espetáculo, Miss Barnell é muito austera. Para desencorajar as pessoas que querem se aproximar demais, ela nunca ri. Veste-se de modo conservador e usa um vestido de gala preto e liso. “Gosto de roupas bonitas, mas não adianta nada gastar dinheiro”, diz. “As pessoas não prestam atenção em nada além da minha velha barba.” Ela despreza quem tem dó e evita olhar para os olhos das pessoas na plateia; como a maioria dos *freaks*, ela desenvolveu um olhar vago, que nada vê. Quando as pessoas olham como se sentissem pena dela, sobretudo mulheres, Miss Barnell tem vontade de quebrar alguma coisa. Ela não vende fotografias de si mesma como vários artistas fazem, e não aceita responder perguntas da audiência. Ela responde perguntas específicas sobre a barba da melhor maneira possível, mas quando alguém começa a perguntar sobre sua vida pessoal – “Você é casada?”, é a pergunta mais frequente –, ela olha com frieza para quem fez a pergunta e diz com calma: “Não é da sua conta”. Parece que as plateias gostam desse tipo de resposta. Nas vezes em que ela corta um questionador mais insistente ou agressivo, as pessoas aplaudem. O temperamento de Miss Barnell é uma bênção; ele a impede de sucumbir à profunda apatia, que é o risco ocupacional dos *freaks*. “Não tolero conversa fiada de ninguém”, diz ela, que preserva sua dignidade com afinco. Numa ocasião, ela fez o responsável por uma feira pedir desculpas depois de ter sugerido que ela pintasse a barba para poder apresentá-la como “Olga, a mulher da barba azul”. Os apresentadores engraçadinhos e conversadores a incomodam; ela prefere ser anunciada por alguém bastante sério e capaz de usar termos médicos muito longos. À exceção dos anões, a maioria dos *freaks* na América é de nativos do país, mas os apresentadores odeiam admitir isso. Por consequência, Miss Barnell já foi anunciada várias vezes como tendo nascido em lugares como Budapeste, Paris, Moscou, Xangai e Potsdam. Numa feira,

ela foi "a filha de um general húngaro" e, em outra, "a meia-irmã de um duque francês". Ela não gosta muito de estrangeiros e se incomoda de verdade com essas introduções. Ela era grata ao falecido Clyde Ingalls, que foi casado com Lillian Leitzel e antecedeu Smythe como diretor do Congresso no Ringling, porque ele nunca pareceu se incomodar com o fato de ela ter nascido na Carolina do Norte. Ingalls fazia uma reverência para ela, virava para o público, batia os calcanhares e dizia: "É com imenso prazer que apresento a vocês a mulher que vem de uma família aristocrática de fazendeiros do Sul e é reconhecida por nossos melhores médicos, cientistas e pesquisadores como a primeira, e inquestionável, e autêntica, mulher barbada em toda a história da medicina. Senhoras e senhores, *La-dy-êe* Ol-ga!".

Entre os *freaks*, é axiomático que as plateias de Coney Island são as mais cruéis, mas Miss Barnell acha que um museu barato na Surf Avenue num sábado à noite é um lugar tranquilo comparado a um estúdio de cinema a qualquer hora. Ela fala com amargura sobre sua experiência em Hollywood, onde foi usada em vários filmes de horror e sobre circos. Seu papel mais importante foi em "Monstros", um estudo da Metro-Goldwyn-Mayer sobre a vida nos *sideshows*, realizado em 1932. É talvez o filme mais assustador de todos os tempos. Nele, entre outras coisas, uma linda trapezista de um circo europeu deixa um anão se apaixonar por ela a fim de pôr as mãos no dinheiro que ele havia herdado. Em seu banquete de casamento, com um grupo fantástico de artistas ao redor da mesa, ela fica bêbada e sem querer diz que despreza o anão. Algumas noites depois, durante uma terrível tempestade enquanto a trupe se encontra na estrada, os *freaks* vão até o vagão privativo dela e a mutilam, fazendo *dela* uma *freak*. Miss Barnell acha que esse filme é um insulto para todos os *freaks* de todas as partes, e se arrepende de ter atuado nele. Quando o filme foi concluído, ela jurou para si mesma nunca mais trabalhar em Hollywood.

Sua autoestima sofre menos quando está com os circos, um ambiente em que as distinções de classe entre os artistas são observadas de modo rígido. Ela mesma divide os *freaks* em três classes: a dos que nasceram *freaks*, a dos que viraram *freaks* e a dos traidores. Os que nasceram *freaks* são os aristocratas do mundo dos *sideshows*. Ela, é claro, faz parte desse grupo. Assim como gêmeos siameses, cabeças de alfinete[69], garotas gordas, anões, gigantes, esqueletos vivos e homens com crânios capazes de rachar pedras. Os que viraram *freaks* incluem gente tatuada, engolidores

[69] No original, *pinheads*, termo que se refere às pessoas que têm microcefalia, ou cabeça pequena.

de espada, encantadores de cobra e comedores de vidro. Pessoas normais que conseguem trabalho em *sideshows* por causa de famas passadas ou de notoriedade, para ela, são traidores. Exemplos desse grupo são criminosos reformados, velhas estrelas de cinema e atletas aposentados como Jack Johnson, o velho campeão de boxe, e Grover Cleveland Alexander, o jogador de beisebol, ambos trabalharam por um tempo no circuito de museus baratos. Porque Johnson usa uma boina e porque dizem que ele toma cerveja de canudo, ela tem uma aversão particular por ele. "Pro público em geral, o velho Jack Johnson pode ser um *freak*", diz ela, "mas, pra um *freak*, ele não é um *freak*". De maneira paradoxal, ela não tem nenhuma animosidade para com falsas mulheres barbadas. E se diverte com elas. Miss Barnell se divertiu muito quando Frances Murphy, a Lady Gorila no espetáculo "Tão Estranho Como Parece", na Feira Mundial de Nova York em 1940, entrou numa discussão com um caminhoneiro e acabou revelando que era um homem. "Se um homem é idiota o suficiente pra ser uma mulher barbada", diz ela, "por mim, tudo bem".

Alguns dos colegas genuínos e menos talentosos de Miss Barnell têm a tendência de pensar que ela é arrogante, mas ela acha que uma mulher dona de uma barba com mais de trinta centímetros tem o direito de ser arrogante. Sem dúvida, ela tem a barba feminina mais extravagante da história dos *sideshows* na América. A barba de Joséphine Boisdechêne, a mulher suíça que se tornou um dos *freaks* mais lucrativos de P. T. Barnum, tinha apenas vinte centímetros, e ela não tinha bigode. Teve, no entanto, um filho barbado – Albert, apresentado como "Esaú, o garoto peludo" – que compensava essa desvantagem. Grace Gilbert, que veio de Kalkaska, no estado de Michigan, e que passou boa parte de sua vida profissional no circo de Barnum & Bailey, tinha uma barba exuberante, mas de apenas quinze centímetros. Miss Gilbert usava peróxido e era apresentada como a "Princesa Gracie, a garota da barba dourada". Registros de mulheres barbadas amadoras são escassos. Margarida de Parma, regente dos Países Baixos entre 1559 e 1567, tinha uma barba "grossa e cerrada". Tinha orgulho de sua barba por acreditar que lhe dava uma aparência majestosa e ordenou que os médicos do reino preparassem tônicos para ela. Carlos XII da Suécia tinha uma mulher barbada em seu exército, na função de granadeiro, uma amazona considerada linda que foi capturada pelos russos na batalha de Poltava em 1709, mais tarde levada para São Petersburgo e entregue ao tsar, em cuja corte foi popular por vários anos. Houve uma enfermeira espanhola chamada Santa Paula, a Barbada, que tinha uma barba miraculosa, de acordo com a história sagrada. Numa

noite, ela estava sendo perseguida por um homem com intenções malignas e súbito surgiram pelos em seu queixo. Ela se virou para confrontar o homem e ele fugiu. Nenhuma estatística confiável a respeito do comprimento dessas barbas sobreviveu ao tempo.

A maioria dos *freaks* se sente miserável na companhia de quem não é *freak*, porém, a não ser que esteja num daqueles períodos taciturnos de que sofre de vez em quando, Miss Barnell acolhe as oportunidades que tem de sair em meio às pessoas comuns. Numa manhã de inverno de 1940, Cole Porter foi ao camarim dela no Hubert's e perguntou se ela não gostaria de ir a um coquetel promovido por Monty Woolley no Ritz-Carlton. Porter disse a ela que Woolley era um pesquisador de barbas e que era chamado de A Barba pelos amigos, e que sempre quis conhecer uma mulher barbada. "Vou ter que perguntar pro meu marido", disse Miss Barnell. O'Boyle disse para ela ir e aproveitar. Porter se ofereceu para pagar pelo tempo que ela perderia saindo do museu. "Bom, vou dizer uma coisa", disse ela, "eu, você e Mr. Woolley estamos todos no ramo do espetáculo e, se essa festa é pra profissionais, não precisa me pagar nenhum centavo". Porter disse que a festa teria pessoas que não são do meio, então ela decidiu cobrar um cachê de oito dólares. No fim da tarde, Porter foi buscá-la em casa. Ela usava um vestido coberto de strass. No elevador do Ritz-Carlton, ela tirou a echarpe que estava usando ao redor da barba, assustando as pessoas ao redor. Havia mais de cem pessoas do palco e da sociedade na festa e Porter a apresentou para boa parte delas. Woolley ficou muito interessado em Miss Barnell e lhe ofereceu um drinque. Ela hesitou e depois aceitou uma taça de xerez, observando que aquele era seu primeiro drinque em nove anos. "Gosto de ver pessoas aproveitando a vida", disse ela depois de terminar o xerez. "Existe miséria demais neste mundo." Ela estava na festa há uma hora e meia e disse que gostaria de ficar mais, porém precisava voltar para casa e cozinhar um pato para o jantar de seu marido. No dia seguinte, no Hubert's, ela disse a uma colega que nunca tinha se divertido tanto. "Alguns dos quatrocentões mais importantes da cidade estavam lá", disse ela, "e quando fui apresentada a eles, reconheci os nomes. Acho que eu era uma curiosidade pra eles. Com certeza, alguns deles eram uma curiosidade pra mim. Vivi a vida inteira cercada de gente peculiar, mas nunca vi nenhuma mulher igual às que eu vi lá na festa". Ela conseguiu reconhecer os nomes das pessoas da sociedade porque ela é uma leitora fiel da coluna de Cholly Knickerbocker no *Journal & American*. Ela

é, na verdade, uma estudiosa dos escândalos da elite. “Sem dúvida, esses quatrocentões são bem extravagantes”, diz.

Vários endocrinologistas tentaram em vão convencer Miss Barnell a ser examinada por um deles. Ela tem medo de médicos. Quando fica doente, ela confia em remédios patenteados. “Quando começam a mexer numa *muonsturosidadiêe*, os médicos não param mais”, diz. “Não existe ninguém tão indecente e enxerido quanto um médico.” Sua hirsutez com certeza é resultado de uma atividade glandular incomum. O funcionamento anormal ou a obstrução dos ductos de uma glândula são os responsáveis pelo excesso de pelo facial em mulheres. Hipertricose ou hirsutismo são os termos médicos para essas doenças. Miss Barnell chegou a ler um livro chamado “O Corpo Humano” e conhece a explicação que envolve a glândulas, mas não se preocupa muito com isso. Ela disse que sua ascendência é judaica, irlandesa e indígena, e acredita sem muita convicção que essa mistura de sangues explica a sua condição, embora tenha três irmãs imberbes.

Miss Barnell tem de ser persuadida para falar sobre seu passado. “De que adianta?”, diz para as pessoas. “Você não acreditaria em mim.” Ela diz que seu pai, George Barnell, um construtor itinerante de carroças e diligências, era um judeu russo que anglicizou o nome da família. Por volta de 1868, enquanto vagava pelo Sul, ele visitou um assentamento de índios Catawba no Catawba River, parte do condado de York, na Carolina do Sul, e se apaixonou e se casou com uma garota que tinha uma mãe Catawba e um pai irlandês. Eles foram morar em Wilmington, o principal porto da Carolina do Norte, onde Barnell se estabeleceu trabalhando numa oficina que consertava ancoradouros e carros de carga. Miss Barnell foi a segunda filha; ela nasceu em 1871 e recebeu o nome de Jane, em homenagem à mãe índia. Ela nasceu com o queixo e as bochechas cobertas de penugem. Antes dos dois anos de idade, já tinha barba. O pai era carinhoso com ela, mas a mãe, por ser supersticiosa, acreditava que a filha tinha sido amaldiçoada, e a carregou para uma sucessão de benzedeiras e curandeiros. Por volta de seu quarto aniversário, seu pai herdou algum dinheiro de família e foi para Baltimore pensando em começar um negócio por lá. Enquanto ele estava fora, um tenebroso cirquinho de seis vagões visitou Wilmington. O circo se chamava a Coleção de Animais Ferozes da Família do Grande Oriente e era administrado por uma família de estrangeiros pequenos de pele morena; Miss Barnell os chama de “os muçulmanos”. A família era composta pela mãe, uma encantadora de cobras; duas filhas, dançarinas; e três filhos, malabaristas e equilibristas. Os vagões

eram puxados por bois e os animais do espetáculo eram três leões velhos, algumas serpentes preguiçosas, alguns macacos, uma gaiola de papagaios, um bode amestrado e um urso dançarino. Naquela época, havia no país vários circos mambembes desse tipo. No último dia do Grande Oriente na cidade, Mrs. Barnell vendeu ou deu Jane para a mãe muçulmana. "Nunca consegui descobrir se minha mãe ganhou algum dinheiro ou se ela simplesmente se livrou de mim", diz Miss Barnell, com rancor. "Ela me odiava, isso eu sei. Papai me disse anos depois que deu uma boa surra nela quando voltou de Baltimore e descobriu o que tinha acontecido. Ele ficou em Baltimore por dois meses e, quando voltou pra casa, fazia tempo que eu e os muçulmanos tínhamos ido embora. Ele e o xerife do condado de New Hanover procuraram por nós em três estados, mas não encontraram nem sinal."

Ela lembra pouco da vida com o Grande Oriente. "Minha infância inteira foi um pesadelo", diz. Os muçulmanos a exibiam numa tenda pequena separada do resto do circo e as pessoas tinham de pagar um valor extra para poder vê-la. Na estrada, ela dormia com a mãe muçulmana no mesmo vagão em que ficavam as cobras. Seu estrado ficava no chão e era imundo. Ela sentia saudades de casa e chorava muito. Os muçulmanos não eram cruéis com ela de propósito. "Acho que eles faziam o melhor que podiam", diz. "Eles mesmos passavam fome. Eu não entendia o que falavam e a comida deles me fazia mal. Eles usavam *curry* em tudo. Depois de um tempo, a velha muçulmana passou a me alimentar só com ovos e frutas." O circo vagou pelo Sul durante alguns meses até chegar a uma cidade grande, que ela desconfia ter sido Nova Orleans. Lá, os muçulmanos venderam seus animais e vagões para outro circo pequeno e compraram passagens de navio para a Europa, levando com eles Miss Barnell. Na Europa, eles entraram para um circo alemão. Em Berlim, no verão de 1876, após ter sido exibida pelo circo alemão por quatro ou cinco meses, ela ficou doente. Ela acha que foi febre tifoide. Foi internada em um hospital beneficente. "Eu estava só pele e osso", diz. "O dia em que me colocaram no hospital foi a última vez que vi os muçulmanos. Eles acharam que eu ia morrer." Ela não lembra por quanto tempo ficou no hospital. Depois de recuperada, foi mandada para uma instituição que pensa ter sido um orfanato. O pai dela apareceu um dia de manhã e a levou embora. "Esqueci como foi que papai me achou", diz, "mas acho que ele disse que a velha muçulmana foi até o chefe de polícia em Berlim e contou pra ele quem eu era. Acho que o policial de alguma forma entrou em contato com o chefe de polícia em Wilmington. Deve ter sido assim."

Barnell trouxe Jane de volta para a Carolina do Norte, mas não a levou para casa; ela não queria ver a mãe. Em vez disso, ele a deixou sob os cuidados da avó índia que, com outros Catawbas, deixara o assentamento na Carolina do Norte para viver numa comunidade rural no condado de Mecklenburg, perto de Charlotte. Jane trabalhou na fazenda da avó, colhendo algodão, ordenhando vacas e cuidando de porcos. Ela nunca foi para a escola, mas aprendeu a ler e escrever com uma senhora presbiteriana que trabalhava como missionária entre os Catawbas. Jane se lembra de histórias que essa mulher contava para ela sobre Florence Nightingale; e sentiu vontade de se tornar enfermeira. Na adolescência, aprendeu sozinha a se barbear usando uma lâmina velha que pertenceu a seu avô. Com cerca de dezessete anos, ela viajou para Wilmington a fim de visitar seu pai, e um médico que ele conhecia conseguiu uma vaga para ela estudar enfermagem no velho Hospital Municipal. Ela trabalhou no hospital talvez por um ano e ainda se lembra desse período como o mais feliz de sua vida. Em algum momento, no entanto, ela acabou desistindo porque algo desagradável aconteceu, mas ela não diz o que foi. "Eu me dei conta de que não poderia levar uma vida normal", diz. "Então voltei para a casa da minha avó e aceitei que seria uma camponesa pelo resto da vida." Três ou quatro anos depois, ela conheceu o velho professor Heckler, dono de uma fazenda vizinha; ele trabalhava em circos no verão e vivia na fazenda no inverno. Heckler a convenceu de que seria mais feliz num *sideshow* do que numa fazenda e a ajudou a conseguir um emprego com o circo John Robinson. Pelo que ela se lembra, conseguiu esse emprego na primavera de 1892, quando tinha vinte e um anos. "Desde essa época", diz, "minha barba tem sido meu ganha-pão". Até a morte de sua avó, por volta de 1899, Miss Barnell voltava para a Carolina do Norte todo inverno. Tinha três irmãs e dois irmãos em Wilmington e os visitava de vez em quando. "Todos eles me achavam uma desgraça e visitá-los nunca me fez bem", diz ela. "As famílias de todos os *freaks* que eu conheço são iguais. Sei de famílias que eram sustentadas pelo salário de um *freak*, mas que jamais eram vistas com ele. Meus pais morreram faz tempo e acho que meus irmãos e minhas irmãs também devem estar mortos a essa altura. Fiquei vinte e dois anos sem falar com eles. Tinha uma irmã de quem eu gostava. Mandava um presente pra ela todos os natais e às vezes ela me mandava um cartão. Era enfermeira. Ela foi para a China mais de vinte anos atrás pra trabalhar num hospital pra crianças cegas e essa foi a última notícia que tive dela. Acho que ela morreu."

Miss Barnell ficou com o circo Robinson por quatorze anos. Nesse período, foi casada com um músico alemão que tocava na banda do circo. Eles tiveram dois filhos, mas ambos morreram nos primeiros anos de vida. Pouco depois da morte de seu segundo bebê, seu marido morreu. "Depois disso", diz, "a vida no circo nunca mais foi a mesma. Tinha que sobreviver, por isso continuei. Precisei dar a volta por cima. Quando eu cansava de um lugar, mudava para outro. Circos são todos iguais – tão sem graça quanto água de fosso". Ela trocou o Robinson pelo circo dos Irmãos Forepaugh-Sells e largou mão deste para se casar com um balonista. Ele foi morto cerca de um ano depois do casamento, mas ela não diz como. "Só sei que ele foi morto", diz, encolhendo os ombros. Seu terceiro casamento também teve um fim triste. "Ele me tratava muito mal", diz. "Se ele estivesse dentro de uma garrafa, eu a tamparia com uma rolha para ele não respirar. Eu me divorciei dele um ano antes de me casar com Mr. O'Boyle."

Miss Barnell é dada a culpar os circos por muitas das tristezas de sua vida. Por consequência, ela não compartilha o entusiasmo que seu atual marido tem por eles. O'Boyle era um menino órfão que fugiu com um circo e nunca se desiludiu. Enquanto ele lê a *Billboard* de cabo a rabo todas as semanas e guarda uma pilha enorme de edições antigas da revista no apartamento do casal, ela raramente a folheia. Como vários outros homens do circo, ele gosta de tagarelar sobre o passado. Com frequência, tenta fazer sua esposa falar sobre as experiências dela com o circo, mas ela diz pouco. O'Boyle tem orgulho da carreira dela. Certa vez, ele implorou por uma lista dos circos e feiras em que ela trabalhou porque queria enviar a lista para a seção de cartas da *Billboard*. Ela mencionou Ringling, Barnum & Bailey, Forepaugh-Sells, Hagenbeck-Wallace, a feira World of Mirth, o Royal American Shows, a exposição Rubin & Cherry e o Beckmann & Gerety Shows, e depois bocejou e disse: "Mr. O'Boyle, por favor, ligue o rádio". Ele nunca conseguiu a lista completa.

No último ano, Miss Barnell se tornou uma dona de casa dedicada e lamenta cada segundo vivido longe de seu apartamento. Pelo menos uma vez por semana, ela reorganiza a mobília em seus dois cômodos pequenos. Na soleira da janela, tem dois gerânios em dois vasinhos vermelhos. Em tardes ensolaradas, nos seus dias de folga, ela coloca uma almofada na soleira, apoia os cotovelos nela e passa horas olhando a 8th Avenue. As pessoas que a veem na janela sem dúvida acham que ela é um senhor de barba grisalha. Ela passa bastante tempo na cozinha, testando receitas tiradas de jornais. O'Boyle engordou cinco quilos desde que eles se mudaram para esse

apartamento. Antes de começar a trabalhar na cozinha, ela liga quatro ventiladores elétricos em cantos diferentes do apartamento e abre todas as janelas; ela não tem medo do gás e acredita que fazer o ar circular é bom para a sua asma. Enquanto os ventiladores estão ligados, ela deixa Edie, o gato, que é suscetível a gripes, trancado num armário. Ela desenvolveu uma fobia da água de torneira de Nova York; está certa de que a água tem algum tipo de ácido estranho e letal, e ferve a água por quinze minutos antes de beber. Ela ferve até a água que usa para dar banho em Edie. Na opinião dela, o consumo de água não fervida é responsável por quase todas as doenças existentes na cidade. Em seu escritório, ela tem dois rádios, um deles é de ondas curtas. Nos seus dias de folga, ela liga o rádio de ondas curtas assim que acorda e o deixa ligado até a hora de ir para a cama. Enquanto está na cozinha, ela ouve a comunicação da polícia. O zunido dos ventiladores e o clamor do rádio não a incomodam nem um pouquinho. No entanto, as paredes são finas e aconteceu de o comediante burlesco que vive no apartamento ao lado bater na porta e dizer: "Com licença, mas parece que a senhora está destripando uma mula aqui, ou perfurando um poço de petróleo".

A atitude de Miss Barnell em relação ao trabalho não é nada consistente. Num estado de espírito mais expansivo, ela se gaba de ter a barba feminina mais comprida da história e dá a impressão de se sentir superior a mulheres menos espetaculares. No entanto, com grande frequência, ofendida por uma risada maldosa ou por um comentário cruel de alguém na plateia, ela enfrenta um período de depressão que pode durar algumas horas ou uma semana. "Quando fico triste, me sinto excluída", disse certa vez. "Achava que, à medida que ficasse mais velha, não me incomodaria com essas coisas, mas estava enganada. Fiquei mais forte com o passar do tempo, mas ainda não sou forte o bastante." Na estrada, ela tem que continuar trabalhando mesmo que se sinta miserável, mas num museu ela simplesmente encerra o expediente e vai para casa. Até se sentir melhor, ela não sai do apartamento, e passa o tempo ouvindo a frequência da polícia, brincando com Edie, lendo *Journal & American* e estudando o material de um curso de estenografia por correspondência que comprou numa loja de livros usados em Chicago anos atrás. Praticar estenografia ajuda a esquecer os problemas. Mesmo sabendo que uma coisa assim seria quase impossível, ela sonha em se tornar estenógrafa como algumas mulheres sonham com Hollywood. Diz ter entendido, muito tempo atrás, que o único lugar do mundo para uma mulher barbada é um *sideshow*. Quando era mais nova, ela pensava bastante em entrar para a Igreja

Católica e estudar num convento; ouviu falar de mulheres que largaram os *sideshows* para virarem freiras, embora nunca tenha conhecido nenhuma. Uma falta de convicção religiosa a impediu de ir adiante. Para ela, a religião não serve de consolo. "Eu era presbiteriana, mas nunca me senti bem na igreja", diz. "Todo mundo ficava olhando pra mim, inclusive o pastor. Prefiro ouvir meus sermões pelo rádio."

A maioria dos colegas de Miss Barnell se incomoda com a palavra "*freak*" e preferem ser chamados de artistas ou intérpretes. Anos atrás, por causa disso, Ringling teve de mudar o nome de seu *sideshow* de Congresso dos *Freaks* para Congresso dos Estranhos. Miss Barnell gosta de ser considerada durona e diz não se importar com essas coisas. "Não faz diferença que a palavra usada para falar de mim seja bonita", diz, "a barba continua a mesma". Além disso, ela tem uma espécie de orgulho da profissão. Às vezes, cercada de outros artistas no camarim, ela diz num tom de desafio que um *freak* é tão bom quanto qualquer outro ator, seja ele um Barrymore[70] ou não. "A verdade é uma só: somos todos *freaks*", diz.

(1940)

[70] Referência a um dos clãs mais famosos do cinema e do teatro nos Estados Unidos. A figura principal da família é John Barrymore (1882–1942), talvez o melhor ator de sua geração, sobretudo pelos papéis que desempenhou em adaptações de Shakespeare – sua interpretação de Hamlet ainda é uma referência. O irmão Lionel e a irmã Ethel também ascenderam em Hollywood, todos filhos e netos de atores. Para gerações mais novas, é possível que a neta de John seja uma referência melhor: Drew Barrymore, nascida em 1975, começou como uma das crianças do filme *E.T.: o Extraterrestre* (1982) e, adulta, estrelou comédias de sucesso comercial, três delas ao lado de Adam Sandler.

Noite com uma criança prodígio

Philippa Duke Schuyler é talvez o melhor exemplo em Nova York do que os psicólogos chamam de criança prodígio. Ela tem nove anos. Sua idade mental, de acordo com a Clínica para Crianças Prodígios da Universidade de Nova York, que fazem testes periódicos com ela, é dezesseis. Ela tem um Q.I. de 185. Philippa lê Plutarco em viagens de trem, come bifes crus, escreve poemas em homenagem a suas bonecas, joga pôquer e é autora de mais de sessenta composições para piano. A maioria dessas composições é descritiva, com títulos como "Spanish Harlem", "Men at Work", "The Cockroach Ballet" e "At the Circus". Ela começou a compor com menos de quatro anos e toca piano em público, quase sempre cobrando cachê, desde os seis. Um acordo firmado com a National Broadcasting Company determina que ela toque músicas novas pela primeira vez em público numa atração das manhãs de domingo chamada "Coast to Coast on a Bus" e ela com frequência toca em outros programas de rádio e de televisão. Um álbum de Schuyler, "Five Little Pieces", foi lançado. Ela saiu em turnê várias vezes, tocando composições de Bach, de Rimsky-Korsakoff, de Debussy, de Schumann e dela mesma em Grand Rapids, Cincinnati, Indianapolis, Columbus, Youngstown, Atlantic City, Trenton e outras cidades. Numa turnê, ela recebe em média cento e setenta e cinco dólares por apresentação, mais as despesas. Philippa é chamada de gênio por estranhos que a admiram e seus pais acham isso desagradável. Para eles, o desenvolvimento dela se explica não com genialidade, mas com alimentação. Eles acreditam que a dieta dos seres humanos deveria ser crua: carne, frutas, vegetais e nozes; e estão convencidos de que a comida que Philippa ingere desde sempre é a maior responsável por sua precocidade. Ela gosta particularmente de ervilhas verdes cruas, milho cru na espiga, batata-doce crua e bifes crus do lombo da vaca.

O pai de Philippa, George S. Schuyler, que a menina chama pelo primeiro nome, é um ensaísta e romancista negro, filho de um cozinheiro de vagão-restaurante na New York Central. Ele escreve uma coluna influente sobre política interna e externa para o *Courier*, de Pittsburgh, um jornal semanal para negros, e é diretor comercial do *Crisis*, o órgão oficial da Associação Nacional para o Progresso de

Pessoas de Cor[71]. Ele escreveu para o *American Mercury* quando H. L. Mencken era o editor. A pele de Mr. Schuyler é bem escura. Ele vem de uma das famílias negras mais antigas de Nova York; muito antes da Guerra Revolucionária, ancestrais dele em Albany adotaram Schuyler como sobrenome. Desde então, os Schuylers negros chegaram a usar os nomes cristãos de alguns Schuylers brancos de renome. Philippa veio de Philip John Schuyler, o general revolucionário. A mãe de Philippa, Mrs. Josephine Schuyler, é branca. Ela é, para ser preciso, uma loira de cabelos dourados. Ela faz parte de uma família de banqueiros e rancheiros do oeste pioneiro do Texas e fala com o sotaque do sul. Quando estava na adolescência, ela fugiu de casa e foi para a Califórnia; desde então se considera "uma rebelde". Antes de se casar com o senhor Schuyler em 1928, ela foi, sucessivamente, uma das beldades de Mack Sennett[72], bailarina numa companhia de ópera de San Francisco, pintora, poeta e escritora na imprensa negra. Ela conheceu Mr. Schuyler em Nova York quando visitou o escritório de uma revista em que ele era editor e para a qual ela havia enviado poemas e artigos. Essa revista era o *Messenger*, o órgão oficial da Irmandade dos Cabineiros de Vagões-Dormitórios[73]. Mrs. Schuyler adquiriu suas convicções alimentares na Califórnia, anos atrás; seu marido se converteu há menos tempo e ainda não é tão radical. Mrs. Schuyler acredita que tanto o álcool quanto o tabaco são completamente desnecessários; seu marido, no entanto, bebe cerveja e fuma charuto. Mrs. Schuyler ainda escreve de vez em quando para jornais negros usando vários nomes diferentes, mas dedica a maior parte de seu tempo à pintura e a Philippa. Em turnê, ela atua como empresária de Philippa. Philippa a chama de Jody. Os Schuyler vivem num apartamento grande na Convent Avenue. Esse prédio, com famílias brancas e negras como inquilinos, fica no alto de uma ladeira na periferia oeste do Harlem, a várias quadras do Convento do Sagrado Coração, onde Philippa cursa o sexto ano.

Não faz muito tempo que os Schuyler me convidaram para ouvir Philippa tocar. Fui até a casa deles numa noite, por volta das oito horas. Mrs. Schuyler me recebeu e disse que Philippa estava no quarto transcrevendo uma composição chamada "Caprice No. 2", que tinha concluído antes do jantar. Fomos até a sala de estar, onde Mr. Schuyler, em mangas de camisa, estava debruçado sobre uma mesa. Em cima dela,

[71] No original, *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP).
[72] O canadense Mack Sennett (1880–1960) foi um ator, diretor e produtor de comédias que fez um sucesso tremendo na época do cinema mudo, nos Estados Unidos. Graças a ele, Charles Chaplin começou sua carreira em Hollywood.
[73] No original, *Brotherhood of Sleeping Cars Porters*, o primeiro sindicato criado por e para trabalhadores negros.

havia uma pilha de recortes sobre Philippa tirados de jornais das cidades onde ela se apresentou. Ele estava colando os recortes num álbum grande. “Temos nove álbuns cheios de textos sobre Philippa, um para cada ano”, disse ele. “Ela nunca viu esses álbuns. Na verdade, até onde a gente sabe, ela nunca viu nenhum recorte a respeito de si mesma. A gente tem medo de que isso roube sua espontaneidade. Quando for adulta, a gente vai mostrar todos esses álbuns e dizer: ‘Talvez você encontre algumas coisas interessantes aqui’.”

Havia pinturas, sobretudo nus, em duas paredes da sala de estar. Notei a assinatura de Mrs. Schuyler no canto de um deles. Prateleiras de livros cobriam outra parede e, no alto delas, havia algumas esculturas africanas. Mrs. Schuyler apontou para uma delas, de uma mulher nua. “George trouxe essa da África em 1931”, disse ela. “Ele viajou para lá atrás de material para um livro. No entanto, a maioria dessas esculturas é de Philippa. Foram presentes enviados de pessoas da Libéria, da Nigéria e da Costa do Marfim, que a ouviram tocando no rádio. Eles a ouviram em ondas curtas. Escrevem para ela e ela responde. Eles sabem que ela tem origem africana e sentem orgulho disso. Os presentes que mandam para Philippa são trazidos por africanos que trabalham em navios que saem de Nova York para ir a vários portos do oeste africano. Ela tem uma porção de medalhas e de prêmios que venceu em torneios realizados pela Filarmônica de Nova York, pelo Sindicato Nacional dos Professores de Piano e por outras organizações similares, e guarda tudo em um baú elegante que um artesão da África mandou para ela. Philippa tem muito orgulho de seu sangue negro.”

Mr. Schuyler levantou os olhos do álbum. “Ela tem fãs de rádio no mundo inteiro, não apenas na África”, disse ele. “No seu último aniversário, ela recebeu seis peles de zibelina e uma pérola negra do Alasca, uma echarpe de Portugal e uma boneca das Ilhas Virgens. No entanto, a maioria dos presentes vem mesmo da África.”

Enquanto analisávamos um elefante de marfim, Philippa entrou na sala. Mr. Schuyler fechou o álbum com discrição e o guardou numa gaveta da mesa. Depois me apresentou para Philippa. Ela apertou minha mão, e não foi com o constrangimento que a maioria das crianças sente, mas com segurança. Ela é magra, tem boa postura e a uma constituição delicada. Tem o rosto oval, os olhos escuros muito sérios, cabelos escuros e dentes perfeitos. Sua pele é marrom clara. Ela é uma criança linda.

“Você terminou sua composição?”, a mãe dela perguntou.

"Ah, terminei", disse Philippa. "Meia hora atrás. Jody, você se lembra daquele livro bobinho de charadas que eu comprei na banca da estação em Cincinnati e que nunca li?"

"Sim, eu me lembro."

"Então, decidi dar uma olhada nele e algumas das charadas são engraçadas. Posso contar uma, por favor?"

Mrs. Schuyler concordou com a cabeça e Philippa perguntou: "O que a zebra disse para a mosca?".

Ficamos em silêncio por um minuto e, em seguida, Philippa disse, impaciente: "Desistam, por favor, para eu poder contar o que é".

"Nós desistimos", disse Mrs. Schuyler.

"Você está na minha lista negra", disse Philippa.

Mr. Schuyler deu um gemido, Philippa olhou para ele e riu até não poder mais.

"Não foi tão ruim, George", disse ela. "Tem outras bem piores."

"Agora não, Philippa", disse Mrs. Schuyler, meio ríspida. "Em vez disso, por que você não toca um pouco para nós no seu quarto?"

"Com prazer", disse Philippa.

Mr. Schuyler disse que ouviria da sala de estar mesmo. Mrs. Schuyler e eu acompanhamos Philippa pelo corredor. Uma bexiga vermelha grande estava amarrada na maçaneta da porta do quarto de Philippa. "Gosto de bexigas", disse ela, dando um tapa na bexiga com a palma da mão. "Elas me lembram do circo."

Os Schuyler têm um apartamento de quatro cômodos. Notei que o de Philippa é o maior de todos. Nele, havia um piano, uma cama, uma penteadeira, duas cadeiras pequenas e um armário. Mrs. Schuyler abriu as portas do armário. "Philippa guarda as partituras e as bonecas aqui", disse. "Foi ela que fez essa casa de bonecas. Tricotou o tapetinho e costurou os vestidos para as bonecas. Ela costura muito bem. Fez um avental para mim." Sobre o piano de Philippa, havia uma edição gigante de Plutarco, publicada pela Modern Library, um caroço de pêssego, um romance policial chamado *O cadáver do pé flutuante*[74], uma edição do *New York Post* aberta na página dos quadrinhos, uma xícara de chá cheia pela metade com ervilhas verdes cruas, um trem feito de fita adesiva, carretéis e papelão, uma sonata de Stravinsky, um baralho, uma fotografia de Lily Pons recortada de uma revista e uma bexiga vazia. Eu estava de pé

[74] No original, *The Corpse with the Floating Foot*, de R. A. J. Walling, aparentemente nunca editado no Brasil.

ao lado do piano, examinando esse conjunto surreal de objetos, quando Mrs. Schuyler de repente estalou os dedos e disse: "Esqueci os pêssegos!". Ela foi sair do quarto, parou na porta e disse: "É um tipo de sorvete que faço. Vamos comer um pouco mais tarde e esqueci de colocar os pêssegos na geladeira. Vou deixar vocês dois sozinhos por alguns minutos. Philippa, espere eu voltar para começar a tocar". Peguei uma das cadeiras e Philippa se sentou no banquinho do piano. Sozinho com ela, eu me senti desconfortável. Eu não sabia como jogar conversa fora com uma criança prodígio.

"Você se incomoda se eu fumar?", perguntei para ela.

"Claro que não", disse Philippa. "Vou pegar um cinzeiro."

Quando ela voltou, perguntei se estava lendo Plutarco sentada ao piano.

"Sim", disse ela. "Estou quase terminando. Peguei esse livro para ler nos trens."

"Você não acha meio difícil?"

"Nem um pouco. Gosto de ler biografias. Gostei principalmente das seções chamadas de comparações. Gosto de Teseu e Rômulo, de Sólon e Publícola. Plutarco não é nada difícil. Os romanos me interessam bastante. Depois quero ler *Declínio e queda*. Saiu pela Modern Library também."

"De que outros livros você gosta?"

Philippa riu. "Gostei de ler tudo do Sherlock Holmes e alguns romances policiais de Ellery Queen."

"Qual é o seu livro favorito?"

"Ah, é quase impossível responder isso. Não dá para escolher um livro só e dizer que gosta dele mais do que todos os outros. Duvido que você consiga."

"Consigo, fácil", falei. Nossa diferença de idade parou de me incomodar e a sensação de desconforto desapareceu por completo.

"Que livro?"

"*Vida no Mississippi*[75], do Mark Twain", respondi.

"Ah, gosto do Mark Twain", disse Philippa, batendo palmas animada. "Gosto bastante dele. De que outros escritores você gosta?"

"Os meus favoritos são Mark Twain, Dostoiévski e James Joyce", falei.

Philippa pensou por alguns momentos.

"Acho que você tem razão", disse ela. "Consigo escolher um livro e dizer que ele é o meu favorito. É o *Livro das mil e uma noites*. George tem uma coleção em oito

[75] No original, *Life on the Mississippi*, sem tradução no Brasil.

volumes. É uma edição sem censura. Li pela primeira vez quando tinha três anos e pelo menos outras quatro vezes desde então. Minha composição mais longa é inspirada nele. Chamo de 'Suíte das mil e uma noites'. Ah, as histórias nesse livro são muito maravilhosas!" Ela riu. "Minha nossa!", disse ela. "Não queria ser tão…", ela fez uma pausa para procurar a palavra, "exagerada".

Mrs. Schuyler voltou e se sentou.

"Olha", disse Philippa para mim, "você gosta de tirinhas?"

"Você quer dizer de quadrinhos?", perguntei.

"Sim", disse ela. "Tirinhas."

"Claro que sim", falei. "A melhor de todas é a 'Moon Mullins', no *News*."

"Ah, não é, não", disse ela. "A melhor tirinha é 'Dixie Dugan', no *Post*, e a segunda melhor é 'Os sobrinhos do capitão', de página inteira, no *Journal* de domingo. O *Post* tem as melhores tirinhas. Gosto de 'Dixie Dugan', de 'Super-Homem', de 'Tarzan', de 'Abbie an' Slats' e de 'The Mountain Boys', e todas elas são do *Post*. Sabia que estou quase pronta para compor uma música sobre tirinhas e vou chamar de 'Os sobrinhos do capitão'. Leio um monte de romances policiais e já compus uma música chamada 'História policial'."

"Philippa tenta descrever lugares e experiências em sua música", disse Mrs. Schuyler. "A gente morava no Spanish Harlem e ela usava as coisas que via e ouvia na vizinhança para compor. Ela compôs 'Men at Work' quando a WPA[76] estava mexendo no sistema de esgoto na frente do nosso prédio. Ela gosta muito do parquinho no Sagrado Coração e o descreveu em uma obra chamada 'Em um jardim de convento'. Ela teve um canário que morreu. Para o funeral, fez uma pequena composição triste chamada 'Morte do rouxinol'. Philippa, você está ficando agitada. Você está pronta para tocar?"

"Sim, Jody", disse Philippa ao se levantar. Ela se virou para mim, fez uma reverência e disse: "Pense em baratas enquanto toco essa obra. É o 'Balé das baratas'. Ela fala de umas baratas que estão se alimentando no chão da cozinha. Um humano chega e mata algumas delas. Ele acha que matou todas. Mas, depois que ele sai, uma baratinha dá uma espiada, depois outra e mais outra. Elas dançam uma dança triste por suas

[76] Sigla da *Works Progress Agency*, uma agência criada durante o chamado New Deal, o projeto defendido pelo presidente Franklin D. Roosevelt (1882–1945) para superar os problemas da Grande Depressão nos anos 1930. A WPA empregou milhões de pessoas e realizou todo tipo de obras públicas.

camaradas mortas. Mas elas não estão muito tristes porque sabem que as baratas vão existir para todo o sempre. Infelizmente."

Mrs. Schuyler riu. "Philippa levou essa obra para a Madre Stevens no Sagrado Coração no mesmo dia em que a compôs", disse ela. "A Madre Stevens é responsável pelo Departamento de Música. Ela perguntou para Philippa por que ela não fazia música sobre anjos em vez de baratas. 'Mas, Madre', disse Philippa, 'nunca vi um anjo, mas já vi um monte de baratas'."

Philippa se sentou ao piano e começou a tocar. Achei a música boa.

Depois ela tocou uma composição chamada "Percepções da Feira Mundial de 1939". Nela, o som de um apito de trem – aquela frase batida de "The Sidewalks of New York" – era recorrente. Depois ela tocou "Men at Work". Quando terminou, pediu para que eu listasse os barulhos que reconheci. Eu disse a ela que acho que reconheci uma furadeira, o som de rolos compressores assentando o piche no pavimento e o som de um cinzel sendo martelado contra uma pedra. "Você é muito bom nisso", disse Philippa e eu fiquei contente. "Essa aqui se chama 'O Porquinho Feliz'", disse ela. No meio da música, ela se virou para mim e perguntou: "Consegue ouvir o porquinho rindo?". Eu não conseguia, mas disse que sim. Depois dessa, veio "Caprice", que ela havia terminado naquele dia. Depois tocou obras de outros compositores. Entre elas, "Flight of the Bumble Bee", de Rimsky-Korsakoff, e "Invenção número 1, a duas vozes", de Johann Sebastian Bach. Depois de tocar por pelo menos uma hora sem nenhum sinal de cansaço, ela disse: "Vou tocar só mais uma música, uma que escrevi muito tempo atrás, quando eu tinha quatro anos de idade. É 'O peixinho dourado'. Um peixinho dourado acha que o céu é de água. Ele tenta mergulhar nele, mas cai no chão e morre".

"Vou buscar o sorvete", disse Mrs. Schuyler enquanto Philippa tocava "O Peixinho Dourado". Assim que Philippa terminou de tocar, Mrs. Schuyler voltou carregando uma bandeja com quatro tigelas. Ela chamou Mr. Schuyler, que entrou e se sentou na cama.

"Gostei da música nova, Philippa", disse ele. Philippa sorriu orgulhosa.

"Obrigada, George", disse ela. "Vou trabalhar mais um pouco nela amanhã."

"Não é sorvete de verdade e talvez você não goste", disse Mrs. Schuyler ao me servir uma das tigelas. "São pêssegos frescos e creme adoçado com mel, bem gelado. Nesta casa, a gente quase não usa açúcar. Em toda a sua vida, Philippa nunca comeu uma bala. O paladar dela não foi corrompido por doces. Em vez disso, ela adora limão. Ela

come limão do mesmo jeito que a maioria das pessoas come laranja, com polpa e tudo. Não é, Philippa?"

"Sim, Jody", disse Philippa, que estava comendo com vontade.

"É raro cozinharmos qualquer tipo de comida", continuou Mrs. Schuyler. "De vez em quando, faço um bife levemente grelhado, mas o normal mesmo é comer a carne crua. A gente também come peixe cru marinado no limão. Quando viajamos, Philippa e eu assustamos os garçons. É preciso discutir um bocado com um garçom até que ele concorde em servir uma carne crua. E eles ficam olhando a gente comer. Acho que deve ser mesmo muito incomum ver uma garotinha comer carne crua. Philippa toma bastante leite e, todos os dias, consome uma quantia considerável de óleo de fígado de bacalhau. Para falar a verdade, a única coisa que ela gosta de comer cozida é ovo. Ela amassa a gema e espreme um limão em cima. Quando vai ao cinema, ela leva às vezes uma espiga de milho. É melhor do que amendoim. Ela sempre enche os bolsos de ervilhas verdes antes de ir para a escola. As outras crianças na Sagrado Coração achavam estranho, mas agora elas não dão bola. "

"Jody faz para mim uns bolos grandões de aniversário", disse Philippa. "Eles são feitos com castanhas moídas. Um deles chegou a pesar nove quilos. Tinha o formato de um piano. Neste ano, era no formato do mapa da América do Sul. Os países tinham cores diferentes, pintados com frutas e sucos de vegetais. Era um bolo muito legal."

"A gente come todo tipo de noz, desde que sejam cruas", disse Mrs. Schuyler. "A cada ano, meu pai me manda todas as pecãs de uma árvore enorme que ele tem no rancho do Texas. Algumas pessoas acham que somos estranhos, mas a saúde de Philippa é a melhor prova de que nossa dieta é sensata. Ela é extremamente saudável, física e mentalmente. Os dentes dela, por exemplo, são absolutamente perfeitos. Ela nunca teve nenhuma cárie."

Mr. Schuyler olhou para o relógio. "São nove e meia, Philippa", disse ele.

"Posso contar mais uma charada antes de ir para a cama?"

"Só uma", disse o pai dela.

"Tá bom. O que é menor que a boca de uma pulga?"

"Ah, eu sei essa", disse Mrs. Schuyler.

"Eu também", disse Mr. Schuyler.

"Tá bom, tá bom", disse Philippa. "Vocês vão ver amanhã. Vou perguntar uma que vocês nunca vão conseguir adivinhar."

Nós demos boa noite para Philippa. Mrs. Schuyler foi até a cozinha, eu e Mr. Schuyler fomos até a sala de estar. Perguntei para ele quantas horas Philippa estuda por dia. Ele disse que, nos meses de aula, ela acorda às sete e meia da manhã, toma banho e café da manhã e começa a praticar no piano às oito. Ela pratica por duas horas. Depois fica livre para tocar o que quer por trinta minutos. Às dez e meia, a instrutora de música chega. A instrutora, uma jovem professora de piano chamada Pauline Apanowitz, fica com ela por uma hora e meia. Pouco antes da uma, Philippa vai a pé até o Sagrado Coração, comendo ervilhas verdes no caminho. Ela fica no convento duas horas toda tarde, tendo aulas de geografia, história e inglês. Ela sente saudade de aritmética, leitura e ortografia, que são aulas do período da manhã. No entanto, as avaliações dela nessas áreas são sempre boas. "Não faz muito sentido a Philippa ir para uma aula de ortografia", disse Mr. Schuyler. "Quando tinha vinte e nove meses de idade, ela conseguia soletrar quinhentas e cinquenta palavras. Ela tem um vocabulário enorme. Gosta de palavras difíceis. Aos quatro, ela descobriu o termo científico para silicose, que é *pneumonoultramicroscopicsilicovolcanoniosis*, e ficava soletrando o tempo todo. Ela era fascinada pela palavra. A gente não aguentava mais nem ouvir." Uma vez por semana, disse Mr. Schuyler, ela vai ao estúdio de Antonia Brico para aprender a ler partituras e reger; William Harms, assistente de Josef Hofmann, também dá uma aula semanal de piano para ela. Quase todas as tardes, ela passa uma hora no parquinho do convento; o exercício de que ela mais gosta é pular corda. "Philippa não é católica e nós não temos nenhuma filiação religiosa", Mr. Schuyler me explicou. "No entanto, meus pais são católicos e Philippa pode ser também se quiser um dia. A maioria das crianças no convento é de católicos irlandeses. Ela se dá maravilhosamente bem com elas."

Mrs. Schuyler chegou trazendo vários livrinhos. "Quando Philippa era muito pequena, eu guardava com cuidado todas as histórias e poemas que ela escrevia, as palavras que ela inventava, as perguntas que fazia, coisas desse tipo", disse ela. "Anotei tudo na forma de cartas para ela, cartas que ela vai ler quando ficar grande. As pessoas na clínica de crianças prodígios viram os livros e transcreveram as anotações em seus arquivos. Talvez você queira dar uma olhada nesses livros."

Abri um deles. No topo da página estava escrito: "Três anos e sete meses". Abaixo, havia a seguinte anotação:

Você está muito interessada em saber por que algumas pessoas são boas e outras são ruins. “O que acontece com pessoas ruins?”, você pergunta. “Se elas são muito ruins, elas vão para a cadeia”, explico. “O que é uma cadeia?”, você questiona. “A cadeia é um prédio cheio de quartos pequenos com grades nas portas.” “O que acontece com pessoas ruins na cadeia?” “Elas não têm nada legal para comer nem para vestir”, explico. Vários dias depois, você fala no quão pobre está a maioria das pessoas na Geórgia e pergunta: “As pessoas pobres na Geórgia que não têm nada legal para comer ou para vestir, elas são ruins?” “Não”, digo. “Elas não são más. Elas só não têm sorte. Depois explico melhor.” Na mesma tarde, você riu e perguntou: “Jody, quando o tempo está ruim, ele vai para a cadeia?” No mesmo dia, você perguntou se as flores ficam grisalhas quando envelhecem. E perguntou se pessoas que dormem em cabanas dizem, ao irem dormir: “Vou cabanar”. E perguntou se as mães alguma vez dizem para as crianças: “Vocês têm que mergulhar na cama”. Caminhando pela rua, você disse: “Jody, as árvores ficam num pé só”. Ontem, você começou a rir. “Não existem Mr. Mulher e Mrs. Homem”, você disse, e se divertiu um monte com essa observação. Hoje, você escreveu um poema.

“O tubo é de metal,
Mas o osso é real.”

Hoje à noite, você se sentou no chão e inventou uma longa história. Você disse: “Varnetida, uma menininha, e a mãe dela, Armarnia, foram ver o Slowbow, um irmão que vive com o pai, Solom, em uma casa enorme em Channa. Eles conheceram a avó, Branlea, e outra menininha, Jolumbow, que tinha um gatinho chamado Lilgay e um cachorro chamado Cherro. Todos eles se sentaram em uma sala *chilbensiana* e comeram pratos de *wallaga* e *thaga*…”, e assim por diante, pelo tempo que fosse. Se ficava sem palavras, você simplesmente inventava uma com uma expressão solene no rosto.

Peguei outro livro. Nele, encontrei um poema que Philippa escreveu quando tinha cinco anos. Ela o escreveu na manhã de Páscoa enquanto estava tomando um banho de banheira.

O sol está abrindo o olho.

O sol está coçando o rosto.
O sol é um bebê que acorda
Que talvez leve a primavera
Bam! Bam! Para fora da terra.

Achei esse poema excelente. Depois dele, vinha a seguinte anotação:

Hoje à noite, uma luz vermelha mudou para verde enquanto caminhávamos pela 5th Avenue. Os automóveis zuniam passando por nós. De repente, você olhou para mim e disse: "Jody, você poderia me dizer, por favor, os nomes de todas as doenças do mundo?".

"Deve ser difícil às vezes lidar com Philippa", eu disse.
"É, sim", disse Mrs. Schuyler. "As mulheres me dizem: 'Você não deve exigir demais dela! Elas se preocupam com a pessoa errada. Se alguém exige demais aqui, esse alguém é ela."
Alguns minutos depois, eu me despedi dos Schuyler. À porta, pedi para Mrs. Schuyler me contar qual era a resposta para a charada que Philippa contou antes de ir para a cama; ela ficou na minha cabeça. "A charada sobre o que é menor que a boca de uma pulga?", disse ela. "Essa é uma charada antiga, para crianças. Acho que é a única que conheço. A resposta é: 'O que ela abocanha'. Eu me arrependo de ter deixado a Philippa pegar esse livro de charadas. Amanhã, no café da manhã, ela vai cair com tudo em cima da gente. Ela vai perguntar duas dúzias de charadas e, com certeza, a gente não vai saber responder nenhuma delas."

(1940)

Um esportista

O Comodoro Holandês é um homenzinho descarado que há quarenta anos ganha a vida promovendo um baile anual beneficente para si mesmo. "Meu discernimento não é dos melhores", gosta de dizer, "mas tenho bom senso demais pra trabalhar". Em painéis publicitários enormes que coloca em bares do distrito teatral, ele anuncia seu baile que ocorre quase sempre na primavera, com o nome "A Festa, Evento, Soirée e Baile Naval de Gala Anual da Associação do Comodoro Holandês Original". O Holandês fundou essa organização em 1901 porque precisava do nome de um patrocinador para colocar nos ingressos. De início, ele chamou simplesmente de Associação do Comodoro Holandês, acrescentando o "Original" durante a Depressão. "Soa mais importante assim", diz. "Faz parecer que tenho imitadores." A organização nunca fez nenhuma reunião e sua sede é em qualquer lugar onde esteja o Holandês. Ele guarda todos os seus registros nos bolsos. Ela tem um membro atuante e trezentos membros honorários. O Holandês é o membro atuante. Entre os membros honorários, existem dezoito políticos do Tammany[77], treze donos de bar, seis empresários de boxe, seis proprietários de clubes noturnos, quatro editores de *race cards*[78], dois executivos do New York Giants, o dono de uma rede de barbearias, um fiador, um empreiteiro do metrô, o gerente de uma casa de banho turco e cerca de cento e vinte e cinco apostadores profissionais. Todos esses homens dão pequenas somas de dinheiro para o Holandês de modo esporádico; essa é a única exigência para se tornar um membro da Associação do Comodoro Holandês Original. O Holandês se refere a essas somas como contribuições, um eufemismo que faz alguns membros rirem de nervoso. Joe Madden, um ex-lutador de boxe dono de um bar na West 56th Street frequentado por figuras do esporte e da sociedade, que atua como funcionário honorário da associação há vinte e sete anos, há pouco tempo definiu a atitude de vários de seus membros quando apresentou um amigo ao Holandês e observou: "O Comodoro Holandês é um vagabundo, mas não é um vagabundo comum. Ele não pede esmolas; ele recebe contribuições. É o vagabundo mais chique da cidade". O Holandês não se ofendeu com esse comentário. Ele se dirigiu a Madden dizendo: "Obrigado, parceiro".

---

[77] Ver nota 13.
[78] *Race card* é um cartão impresso com informações sobre as corridas de cavalos.

O Holandês deixa que cada membro decida o valor da contribuição que deve dar. "Você é o doutor", diz ele. "Pague o que você acha justo. Aceito qualquer valor entre uma moeda e um milhão de dólares." Todas as vezes que um membro dá uma contribuição, o Holandês retribui com um convite para o Baile Naval de Gala. O Holandês carrega um monte de convites nos bolsos e distribui centenas todos os anos; eles funcionam como recibos. No verso de cada um, o Holandês sempre escreve com um floreio: "O.k. Pago. Membro com as contas em dia. C. Holandês (firmado)". Poucos membros comparecem ao baile e alguns não acreditam que ele ocorra de verdade. Menos de vinte e cinco foram ao último, ocorrido nos fundos de um bar obscuro da 3rd Avenue. O Holandês não se ofendeu. "Quando os integrantes da minha associação têm a consideração de ir à minha *soirée*, fico agradecido", disse certa vez, "mas não me incomodo de admitir que o que me interessa mesmo são as contribuições".

A Associação do Comodoro Holandês Original tem uma profusão de dirigentes e membros do comitê, todos indicados pelo Holandês. Os seu nomes são impressos todos os anos nos cartazes usados na divulgação do baile. Alguns desses homens não gostam de ver seus nomes impressos e preferem usar seus apelidos. No cartaz mais recente, intercalados com nomes na linha de Herbert H. Lehman, Robert F. Wagner e Alfred E. Smith, surgem apelidos como Cachorrão, Cachorrinho, O Cara do Gim, Senador Barrigudo, A Praga, João do Basquete e Queijo Suíço. Com exceção do Queijo Suíço, que é o funcionário aposentado de uma agência de detetives particulares, todos esses homens com apelidos estão ligados ao turfe. Queijo Suíço ganhou esse apelido por dois motivos: ele tem um rosto amarelado cheio de cicatrizes de pústulas e é um cantor apaixonado pelo estilo tirolês. Ele gosta de encher a cara e ir até as reuniões de rua do Exército da Salvação para incomodar todo mundo cantando hinos tiroleses. No Baile Naval de Gala, ele é uma das atrações principais.

Existem trinta e dois dirigentes na associação e o Holandês está sempre aumentando a lista. Ele é dono do cargo mais importante: fundador e porta-estandarte. Logo abaixo dele, numa escala de importância, vem o presidente-chefe. O produtor teatral Sam H. Harris foi presidente-chefe de 1916 até sua morte, em 1941. No momento, o cargo está vago. "Por respeito a Mr. Sam, vou esperar pelo menos um ano antes de apontar um sucessor", diz o Holandês. "Ele foi o melhor dirigente que já tive. Eu vivia lhe pedindo dinheiro e ele nunca reclamou. Nunca me dava menos de dez dólares. Às vezes chegava a me dar vinte." Joe Madden é o assistente do

presidente-chefe e o Grego Nick, o apostador da Califórnia, é o segundo assistente do presidente-chefe. Outros cargos importantes são almirante, contra-almirante, vice-almirante, capitão, auditor, marechal de campo, procurador-geral, encarregado de área, superintendente do passadiço, alto comissariado, mestre de cerimônias e mestre de caça. A maioria dos postos é ocupada por apostadores. "Tenho muito respeito por apostadores", diz o Holandês. "Eles esbanjam dinheiro e gosto de ver as pessoas esbanjando dinheiro. Calculo que possam esbanjar um pouco comigo."

Existem quatro comitês em funcionamento, todos eles ocupados por homens que foram especialmente generosos com o Holandês. O comitê dos membros honorários é o mais impressionante. À exceção de Sam Rosoff, o empreiteiro do metrô; William V. Dwyer, o homem do hipódromo de Tropical Park; e Horace Stoneham, presidente dos Giants; ele é composto por funcionários públicos e líderes distritais do Tammany. O ex-governador Lehman, que automaticamente pega a carteira de dinheiro sempre que o Holandês surge na sua frente, é o presidente. O Holandês aponta autoridades e integrantes do comitê sem consultar ninguém. Ao ser questionado sobre se tinha autorização do governador para usar seu nome em alguns cartazes, o Holandês disse: "Ele nunca me disse que eu não podia usar". Pessoas do meio artístico predominam no comitê de contratos. O comitê de recepção é uma miscelânea de figuras oriundas da noite e dos hipódromos; Abe Attell, o velho pugilista que agora é dono de um bar na Broadway chamado Bife & Costeleta & Bar & Restaurante do Abe, é o presidente. O comitê de área é composto só de lutadores de boxe e James J. Braddock é o presidente. O Holandês chama os lutadores de "meus assistentes". "Anos atrás", diz ele, "qualquer um que chegasse bêbado ao meu baile e não se comportasse, bastava estalar os dedos para que meus assistentes surgissem de todos os lados e agarrassem o sujeito. Hoje em dia, ser um assistente é apenas um título honorífico".

O Holandês gosta de explicar os deveres de seus dirigentes e comitês. Ele se diverte. "Fora dar contribuições, eles não têm nenhum outro compromisso", diz. "Qualquer um que me dê um dólar de vez em quando é considerado um membro em dia com a Associação do Comodoro Holandês Original. Isso lhe dá o direito de participar do meu baile, mas não lhe garante nenhum privilégio. Só faz dele um membro *ipso facto*. Se ele quiser ascender, tem que investir em mim. Se investir em mim, eu o elejo para algum comitê. Se investir pra valer, faço dele um presidente de comitê. Se investir muito pra valer, ele se torna dirigente e ganha um cargo. Um

dirigente tem privilégios. Ele pode fazer um discurso no baile, ou cantar uma canção sem ser interrompido por ninguém. Além disso, ele pode participar da grande marcha, contanto que apareçam pessoas suficientes para uma grande marcha, o que não acontece há anos. Todo dirigente que não paga suas dívidas é suspenso. Joe Madden, por exemplo. Fiz dele um dirigente do alto escalão porque ele me dá dez dólares toda vez que peço uma contribuição. Se, Deus me livre, ele adotasse a prática de me dar dois dólares e não dez, na mesma hora eu teria que procurar outro assistente de presidente-chefe."

O Holandês têm sessenta e dois anos, mas com frequência diz que se sente muito mais velho. "Sinto como se tivesse cento e sessenta e dois anos", diz. Ele é pequeno, murcho e parece esfomeado. Suas bochechas são chupadas e ele tem orelhas grandes, um nariz saliente e olhos azuis desconfiados. Ele tem só um dente, um incisivo superior, e quando sorri fica com a aparência de um duende. Seu rosto é tão extraordinário que até ele mesmo fica espantado algumas vezes. Numa noite, no Attell's, depois de encarar o espelho do bar por um tempo, ele de repente tapou os olhos com as mãos espalmadas e gemeu. "Eu me assusto comigo mesmo", disse, quando se recuperou do choque. "Nunca vi ninguém tão feio. Minhas orelhas são grandes demais para a minha cabeça e ainda são tortas. Parece que Deus fez minha cara com um machado. Eu me perguntou por que ele se deu o trabalho." No entanto, apesar do semblante incomum do Holandês, ele se veste bem. Mantém-se tão arrumado quanto pode. Faz a barba duas vezes por dia e vai à manicure sempre que tem dinheiro para isso. Várias vezes por semana, vai até uma lavanderia e espera enquanto seu terno é lavado e passado. Ele se gaba de ter sido um dândi na juventude. "Quando eu tinha vinte e cinco, meu armário tinha vinte e cinco ternos", diz, "e vários deles não chegaram a ser usados". Agora, no inverno, ele tem dois ternos pretos e um sobretudo trespassado com cinto que imita pelo de camelo. No verão, usa um paletó preto, uma camisa polo de raiom azul-bebê, calças de algodão e um chapéu de palha. Ele usa uma rosa artificial grande na lapela; quando ela fica encardida, ele dá um pulo na Woolworth's e compra outra.

O Holandês dá mostras de ser feliz. Na verdade, ele se preocupa bastante, sobretudo com sua saúde, que é boa. Tem medo de pneumonia e usa galochas quase todos os dias de inverno, apesar de elas machucarem seus pés. Ele tem fobia de germes; nos restaurantes que frequenta, antes de comer qualquer coisa, bate o guardanapo e limpa com cuidado a faca, o garfo e a colher. Na rua, caminha perto dos

prédios, mantendo a maior distância possível dos automóveis; diz que uma lufada do escapamento basta para lhe dar dor de cabeça. “Em todo o mundo”, diz, “não existe nada que eu odeie mais de que o maldito automóvel”. Sua vista é ruim, mas ele é vaidoso demais para usar óculos. Todas as noites, com uma lupa que comprou na Woolworth’s, ele passa horas estudando as tabelas das corridas de cavalo no *Daily Mirror*, impressas em letras pequenas. Ele segura o jornal e a lupa bem perto do rosto e move os lábios enquanto lê. Isso sempre diverte quem está por perto. “Meu Deus, Holandês”, disse Attell certa vez, “parece que você quer mastigar o *Daily Mirror*”. Quando não está sendo usada, a lupa balança no pescoço dele por uma fita preta amarrada ao cabo. Ele se incomoda com o cabelo, que está ficando escasso. Carrega uma escova militar no bolso do casaco e, quando tem tempo de sobra, não importa onde esteja, ele pega a escova e dá exatamente cem escovadas no cabelo, contando cada escovada em voz alta. Às vezes, no bar de um restaurante, súbito ele começa a escovar e a contar, chocando as pessoas ao redor.

Ainda que o Holandês passe metade do seu dia em bares, ele é abstêmio. “Na minha juventude”, diz, “eu era uma praga nos bares e os balconistas estremeciam de me ver chegando, mas tomei jeito”. Ele se esqueceu do ano em que parou de beber, mas lembra, por algum motivo, que William Howard Taft[79] era o presidente na época. Quando um estranho me oferece um drinque, ele fica apreensivo e diz: “Tenho o coração fraco. Se tomar um drinque, acho que caio morto”. Ele dá uma explicação diferente para os seus conhecidos. “Se eu enchesse a cara”, diz ele, “na mesma hora começaria a xingar todo mundo que conheço. Eu ia arranjar um monte de inimigos e inimigos não dão contribuições. Além disso, encaro a situação do ponto de vista da saúde. O que aconteceu com todos os amigos que fiz com o passar dos anos? Nós lamentamos nossas perdas. Eles jamais serão esquecidos. Quando penso que eles poderiam estar aqui se tivessem maneirado na bebida, fico feliz de ter parado”. O Holandês prefere cafeína em vez de álcool. Ele bebe de quinze a vinte xícaras de café por dia. Às vezes fica tão agitado que começa a gaguejar, sofre uns tremores repentinos e chega a derrubar uma garrafa de água ao tentar segurá-la. Apesar de tomar café preto, ele sempre pede o leite à parte. Depois de terminar o café, toma o leite de um gole só, mesmo sem gostar. “Paguei pelo leite, não paguei?”, diz. Ele carrega um saco de tabaco Bull Durham no bolso interno do casaco e enrola os

[79] William Howard Taft (1857–1930) foi presidente dos Estados Unidos entre 1909 e 1913.

próprios cigarros. Ele é habilidoso como um caubói. “Cigarros prontos são muito caros”, diz. “Além disso, eles enchem esses cigarros de química. Acho que isso deve fazer mal à saúde.”

O Holandês viveu em quartos mobiliados a vida inteira. Hoje em dia, tem um quarto num prédio na 13th Street, perto da 3rd Avenue. Ele usa o lugar apenas para dormir. Vai para a cama por volta das cinco da manhã e dorme até o meio-dia. Vai às corridas todos os dias em que as pistas locais funcionam; chega cedo à estação ferroviária e quase sempre encontra um membro da associação que aceita pagar as passagens de trem e entradas para a pista. Depois das corridas, logo ao embarcar, ele percorre o corredor do trem procurando membros que estejam a bordo, disposto a pedir contribuições daqueles que tiveram sorte nas apostas e a ouvir com simpatia aqueles que não tiveram. O Holandês é um apostador extremamente tímido. Ele só faz uma aposta pequena por dia, e de risco zero, mas sempre tem uma resposta triste quando alguém pergunta: “Tudo *bem*, Holandês?”. “Eu me dei mal em todas as corridas”, responde. “Perdi até o dinheiro do café. Não sei como vou comer hoje à noite e meu estômago já está roncando. Você poderia me dar umas contribuições?” Três ou quatro noites por semana, ele percorre bares, restaurantes, tabacarias, pistas de boliche, barbearias e saguões de hotel nos arredores da Broadway em que esportistas se reúnem. Nas outras noites, vai a locais de apostas. É um frequentador persistente dos círculos de apostas desde a adolescência e se dá bem com todos os operadores mais relevantes da cidade. Passa por vigias e porteiros de casas de apostas sem nenhuma dificuldade, apesar de raramente arriscar um dólar; só fica por ali olhando de um jeito melancólico para o dinheiro sobre as mesas. Quando um membro da sua associação ganha um punhado de dólares, os olhos do Holandês se iluminam; ele sabe que pode contar com alguns trocados. De vez em quando, passa a noite longe da Broadway. Ele se considera um democrata fiel ao Tammany, e alguns líderes distritais do Tammany no centro da cidade são membros de sua associação. Ele às vezes visita seus clubes e comparece a vários churrascos e passeios noturnos de navio; ele se informa sobre esses assuntos lendo uma coluna política de fofocas na edição dominical do *Enquirer*. Ele não come nada nos churrascos; cumprimenta os dignitários e aguarda uma chance de receber contribuições. Ele sempre vai nas cerimônias de pesagem que antecedem as lutas importantes de boxe e, nas noites de luta, fica circulando pelo saguão externo do Madison Square Garden. Algumas vezes por mês, aparece no clube do Jimmy Kelly, no Greenwich Village; ele e Kelly são

amigos desde a adolescência. Ele tem o hábito de participar dos funerais de políticos proeminentes. Nessas ocasiões, ganha alguns dólares. "O melhor momento para mordiscar alguns de meus membros mais importantes, como Al Smith e o governador Lehman, é ficar de tocaia num funeral", diz.

O comportamento do Holandês oscila entre o servilismo e a arrogância. Na companhia de alguns de seus membros, ele fica manso. "Detesto incomodar você, parceiro, mas estou liso", diz, "e me pergunto se você se importaria de fazer uma contribuição. Eu jamais pediria se não soubesse que posso contar com você". Em relação a outros, ele se comporta com a insolência cuidadosa de um pardal em meio aos pombos da cidade. "Ou você regulariza a sua situação", diz, "ou vou excomungar você da minha associação para sempre. Não suporto aproveitadores e você sabe bem disso". É certo que a maioria dos membros da associação seria incapaz de explicar exatamente por que lhe dão dinheiro. Alguns o conhecem desde que eram jovens, e o admiram de verdade. Joe Madden, o assistente do presidente-chefe, é um desses. "Conheço o Holandês há quase trinta anos", disse certa vez, "e se ele partisse dessa para uma melhor, eu sentiria sua falta. Todo o dinheiro que dou para ele é bem gasto. Ele me faz rir muito. Gosto de ouvir suas histórias. Ele presta atenção em tudo que ouve e sempre sabe quem venceu nas mesas de jogos na noite anterior, e qual milionário de Hollywood perdeu cinco mil dólares e passou mal, e quem está devendo para quem, e que lugares foram desbaratados pela polícia e por quê. Ele sabe tudo. Vamos supor que um jogo de dados tem que mudar de lugar, de um hotel pulguento para outro; se você quer saber o novo endereço, é só perguntar para o Holandês. Os chamados membros do submundo que vêm de outras cidades, assim que chegam à Broadway, eles procuram o Holandês só para saber das novidades. Figuras como Boo Boo Hoff, o gângster de Filadélfia que morreu meses atrás. Toda vez que Boo Boo vinha para a cidade, ele e o Holandês se encontravam para colocar a conversa em dia. Na sua época, ele deu várias contribuições para o Holandês".

Não importa o quanto gostem ou não do Holandês, quase todos os membros da associação o consideram um palhaço. Ele não se incomoda com isso e acha que isso representa uma vantagem sobre os outros. "Eu ajo como um maluco", diz ele, "mas sei o que estou fazendo". Em suas andanças noturnas, ele encoraja as pessoas a tirarem sarro dele e, em lugares como Lindy's, Madden's, Attel's, The 18 Club, Paddock Bar & Restaurante e Dublin Café, ele é tratado como um autêntico alvo de piadas. É impossível ofendê-lo. Em situações que seriam dolorosas para um homem

comum, ele sempre se comporta com uma certa atitude divertida e cara de pau típica de Chaplin. Ele sempre é alvo de uma piada sobre comida. Alguém o convida para se sentar e comer uma refeição sem pagar nada. Ele aceita na mesma hora e depois seu benfeitor se recusa a pagar qualquer coisa que não seja um bife. O único dente do Holandês é inútil e ele é obrigado a se alimentar basicamente de sopas. Quando um bife grátis é colocado na frente dele, as pessoas se reúnem ao redor para vê-lo lutar com o pedaço de carne. "Não desista, Holandês, meu velho!", gritam eles. "Continue lutando!" O Holandês gosta de fazer cena; fazendo o possível para mastigar o bife, ele grunhe, geme, fica vesgo e joga a cabeça de um lado para o outro como se fosse um peru. "Não consigo mastigar a carne", diz, "mas com certeza consigo chupar".

Pelo menos uma vez por noite, onde quer que esteja, alguém pede para o Holandês cantar. "Canta uma para nós, Holandês", alguém diz, "e faço uma contribuição". O Holandês está convencido de que é um bom barítono e, entre não cantar nada e virar alvo de piada por ter cantado, ele prefere o segundo caso de bom grado. Ele cantava "My Pearl Was a Bowery Girl", "The Bowery, the Bowery! I'll Never Go There Anymore" ou "Down in a Coal Mine", todas elas foram populares na sua juventude. Por vezes, no entanto, se tem uma plateia especialmente animada, ele coloca o pé direito na frente do corpo, junta as mãos nas costas, olha ao longe de maneira comovente e canta "The Last Rose of Summer". É quase inevitável: enquanto está cantando, alguém tenta pregar uma peça acendendo um palito de fósforo enfiado entre a sola e a parte superior de seu sapato. Sem dúvida nenhuma, ele é vítima de brincadeiras com mais frequência do que qualquer outro ser humano. Ele nunca se mostra incomodado. "Se o sujeito faz suas contribuições, não me incomodo que brinque comigo", diz o Holandês. "Talvez ele pense que precisa ganhar alguma coisa em troca do dinheiro que me dá."

Referências ao Holandês aparecem com regularidade nas colunas esportivas e sobre a Broadway, sobretudo nas assinadas por Damon Runyon e Dan Parker. Essas citações raramente são elogiosas, mas o Holandês sempre as considera positivas. Pouco tempo atrás, comentando a atitude de civis em relação a soldados em algumas partes do país, Runyon escreveu: "Dizem que em alguns desses lugares, quando um sujeito de uniforme aparece em um evento qualquer, ele é recebido com a mesma frieza reservada ao Comodoro Holandês na festa de Mrs. Vanderbilt". O Holandês carregou um recorte dessa coluna até ele esfarelar. "Você viu que maravilha de texto que meu parceiro Runyon escreveu a meu respeito?", ele perguntava, exibindo o

papel. Quando o Holandês é apresentado a alguém, ele faz piada com a própria aparência. Ele aperta a mão e diz: “Muito prazer, parceiro”. Em seguida, abrindo a boca o máximo possível para exibir seu dente solitário, ele ri e diz: “Olha só! Eu sou um alce”. Parece que sua maior satisfação é ser alvo de piadas ou motivo de risadas. Não faz nenhuma diferença se a risada é maldosa ou bondosa. “Enquanto o sujeito ri de mim, faço uma análise dele”, disse certa vez para alguém próximo. “Uso a velha psicologia. Para morder uns trocados, o que chamo de receber contribuições, é preciso estudar o freguês. É preciso saber o momento certo de dar o bote. Com alguns de meus membros, espero que eles fiquem bêbados e felizes antes de falar sobre contribuições. Com outros, espero até que ganhem alguma coisa nas corridas de cavalo ou no jogo de dados. Com outros, espero até que estejam conversando com alguma garota que querem impressionar mostrando o quanto são generosos. Porém, sem exceção, antes de pedir uma contribuição, espero até que eles comecem a rir de mim.” O Holandês pensou bastante na posição peculiar que ocupa na sociedade. Ele é profundamente cínico e chegou à conclusão de que as pessoas gostam de sua companhia porque se sentem superiores perto dele. “Os companheiros lá na Broadway são tão miseráveis”, diz, “que ficam felizes de se sentir superiores a alguém, e acho que esse alguém sou eu”.

O Holandês diz que nasceu na Tompkins Square, uma vizinhança no Lower East Side que na época era conhecida como Little Germany. Ele diz que sempre foi chamado de Holandês, mas não sabe se seus pais vieram da Alemanha ou da Holanda. “Nunca quis saber de onde eles vieram”, diz. Ele faz mistério em torno da sua infância e não conta seu nome verdadeiro. Explica que seu sobrenome é dos longos e difíceis de pronunciar. “Sou a única pessoa no mundo que sabe meu sobrenome”, diz, “e não contaria para ninguém. Eu mesmo mal consigo me lembrar dele. Não uso meu sobrenome desde que larguei os estudos. Quando tinha quinze anos, larguei mão de ir para a escola e tive que sair de casa, então consegui um emprego como ajudante numa carreta de carga da Bowery. O dono da carreta me perguntou: ‘Qual é o teu nome?’. Respondi que todo mundo me chama de Holandês e foi assim que ele começou a me chamar. Desde então, nunca usei meu nome de batismo, nem para votar. Quando eu morrer, não quero que ele apareça nem na minha lápide. Alguns de meus companheiros na Broadway não se deram conta de que Holandês é um apelido e acham que preciso de um apelido, então eles me chamam de Dente”.

O primeiro patrão do Holandês foi um proprietário de carreta que fazia a maioria de seus serviços nos arredores da Bowery. Pela manhã, ele e o Holandês faziam transporte para uma loja de móveis de segunda mão na Chatham Square e passavam o resto do dia disponíveis num estábulo da Great Jones Street. Naquela época, em 1894, a Bowery estava começando a crescer; estava deixando de ser uma rua de teatros, mas seus bares, clubes, museus baratos, salas de apostas e bordéis prosperavam. Na realidade, naquele ano, de acordo com um levantamento da polícia, havia oitenta e nove bares na rua, e ela tem menos de dois quilômetros de extensão. Em algumas de suas ruas transversais, havia bordéis em quase todos os prédios; o Holandês se refere a eles como "vem-que-tem"[80].

O Holandês tem muito orgulho desse período de sua vida. "Naquela época", diz ele, "uma boa forma de conseguir se educar era trabalhando numa carreta. Um ano depois de trabalhar numa, eu conhecia as madames, os bandidos, os apostadores e tudo mais. Vários vem-que-tem usavam mobília da nossa loja e a gente ficava o tempo todo entrando e saindo deles. Além disso, as garotas viviam se mudando e a gente carregava os baús para elas. E a gente carrega baú para os hotéis chiques da Bowery, lugares como o Occidental, a Worden House e o Honest John Howard's Kenmore Hotel. O Occidental era o mais chique de todos. A gente chamava de Ox e eu me animava só de chegar perto das bagagens. Ele ainda existe, na esquina da Broome com a Bowery, mas virou um fantasma de tempos passados. Você consegue se hospedar lá pagando três dólares por semana. Só de passar pela frente dele me dá uma sensação terrível. Na minha época, ele tinha uma barbearia linda e um bar lindo, e o teto do bar tinha uma pintura de umas senhoras tomando banho. O velho Ox era um ponto de encontro para políticos, atores, apostadores, lutadores e gente assim, do tipo esportista. Até onde eu sei, entre os lutadores que passaram por lá, estão Terry 'Terrível' McGovern, que Sam Harris representou durante anos; o Jack Dempsey original, que eles chamavam de 'Sem Igual'; Charlie Mitchell, que se acabou de tanto brigar em bares em vez de guardar forças para o ringue; Jake Kilrain, Joe Bernstein, Tom Sharkey e Oscar Gardner, que chamavam de 'Omaha Kid', apesar de ele ser de Wheeling, na Virginia Ocidental; nomes não significam porcaria nenhuma. Conheci todos eles, de bater papo.

[80] No original, *free-and-easies*.

"Todas as noites, depois de sair do trabalho, eu me lavava e ia para a Bowery. Eu não era nem um pouco abstêmio naquela época, passava por uns quatro ou cinco bares e ficava ouvindo as personalidades, o que hoje em dia chamam de celebridades, com a diferença que uma personalidade era alguém de verdade enquanto que uma celebridade é o quê? Eu gostava de ouvir o velho Silver Dollar Solomon. Ele era uma figura importante numa rede de donos de escravos, chamada de Associação Max Hochstim, que comandava os vem-que-tem, e ele tinha um bar com mil moedas de prata presas no chão de concreto. E os bêbados traziam formões e, quando achavam que não tinha ninguém vendo, eles se ajoelhavam e tentavam arrancar as moedas, mas acabavam sendo expulsos do bar. Gostava de ouvir Steve Brodie, que saltou da Brooklyn Bridge, só que não de verdade, e uma cervejaria o contratou para ficar num bar porque ele chamava tanta atenção que achavam que seria bom para o negócio, e Steve Brodie dava uma canseira de tanto falando sobre si mesmo; ele não sabia falar de outra coisa. Nunca achei que fosse grande coisa. Todos os artigos que li na vida sobre a Bowery falam de Brodie como se fosse um herói. Gente que o conhecia de verdade, como eu, sabia que ele era noventa e nove por cento lorota. Mas uma personalidade de quem eu gostava era George Washington Connors, conhecido como Chuck. Ele tinha três namoradas e dizia que todas eram suas esposas – uma ele chamava de Caminhão, a outra de Inspetora e a outra de Chinatown Nellie, só que ela era irlandesa. Chuck bancava o guia na cidade para um pessoal miserável, e colocou Nellie e um camarada chinês vivendo num beliche na Mott Street, simulando um antro de ópio, e quando Chuck levava uns caras miseráveis lá, Nellie mal conseguia ficar séria. Ela começava a rir e o caras achavam que era efeito do ópio. Chuck era o sujeito mais certinho que existia. Em algumas noites, ele tinha gente demais para guiar e me deixava cuidar de um grupo. Eu e ele éramos parceiros. O primeiro charuto que fumei na vida foi ele que me deu. O primeiro gole de champanhe que tomei foi de uma garrafa que ele comprou."

O holandês diz que parou de trabalhar com a carreta em 1898, quando tinha dezenove anos, e começou a viver de trambiques. Por um tempo, trabalhou conduzindo marinheiros para um bar no número 295 da Bowery chamado Corredor do Suicídio, de John McGurk, onde cinco prostitutas se mataram bebendo ácido carbólico no intervalo de um ano. Ele disse que ganhou o título de Comodoro enquanto trabalhava para McGurk. "Eu usava um gorro e um casaco de marinheiro", diz, "e circulava pela South Street e distribuía folhetos para os marinheiros

descrevendo as atrações do McGurk. Às vezes eu reunia uma multidão e levava para o bar. Numa noite, cheguei com duas dúzias de marinheiros e um sujeito disse para o McGurk: 'Quem diabo é aquele moleque que fica trazendo todos os marinheiros para cá?'. 'Ora, esse é o meu Comodoro', disse o velho McGurk. 'É o Comodoro Holandês, o comodoro da marinha da Bowery.' E foi assim que ganhei meu título. Fiquei orgulhoso dele. Naquela época, todas as personalidades tinham um apelido ou um título. Se você era conhecido pelo seu nome verdadeiro, você não era importante".

O período de maior afluência para o Holandês começou na primavera de 1899, quando Timothy D. Sullivan, o líder do Tammany no distrito da Bowery, deu a ele um emprego. Big Tim era o político mais poderoso e mais mão-aberta da cidade. Era membro de um sindicato que controlava todas as casas de aposta de Manhattan, era dono de bares, de cavalos de corrida e de lutadores de boxe, e tinha sociedade numa rede de teatros burlescos e de vaudeville. Ele fazia reuniões no número 207 da Bowery, mas também tinha uma suíte no segundo andar do Occidental, onde ele e outros políticos jogavam pôquer e ele recebia relatórios dos gerentes de seus vários empreendimentos. Um dia, ele chamou o Holandês para ir até o Occidental. "Eu tinha feito pequenos serviços para o Big Tim e ele sabia que eu era o.k., e ele me perguntou se eu queria fazer um trabalho de natureza confidencial", diz o Holandês. "Ele era sócio passivo em oito bares e ficava ansioso para saber como eles estavam sendo administrados. Ele confiava nos gerentes, embora não confiasse tanto, e queria alguém neutro que fosse capaz de circular como um desconhecido e observar as situações e ouvir as conversas. Isso eu podia fazer. Eu entrava e saía dos vários bares do Big Tim todas as noites e me divertia muito, e todas as tardes eu ia até o Ox e contava para ele o que tinha visto e ouvido. Em alguns dias, ele mal tinha tempo para me ouvir, em outros, ele me fazia falar por duas, três horas. Meus pagamentos eram irregulares. Num sábado à noite ele me dava cem dólares e, no outro, ele me dava dez. Tudo dependia do seu humor. De qualquer forma, ele sempre cuidava para eu não ficar sem dinheiro."

O Big Tim tinha outros empregados e seguidores cujas obrigações também eram vagas e confidenciais. Ele recompensava alguns deles dando permissões para que realizassem bailes, ou "inferninhos", para os quais todos os donos de bar e donos de clubes no distrito da Bowery eram obrigados a comprar um monte de ingressos. Entre eles, estavam Larry Mulligan, o meio-irmão do Big Tim, que organizava um baile lucrativo na véspera do Dia de São Patrício no Terrace Garden Hall, e Harry

Oxford, um mediador, responsável por outro baile na véspera do aniversário de Washington no Webster Hall. Chuck Connors, cuja conversa extravagante divertia o Big Tim, tinha permissão para realizar um baile anual no Tammany Hall; ele era patrocinado pela Associação Chuck Connors, da qual Connors era o único membro. Biff Ellison, um pistoleiro que comanda gangues de tipos que fraudam eleições votando com várias cédulas de uma vez só, seguiu o exemplo de Connors e criou a Associação Biff Ellison, que realiza três inferninhos por ano.

Na noite de ano-novo de 1900, o Holandês e uma amiga fizeram uma farra do champanhe; ele acordou devendo um total de duzentos e oitenta e cinco dólares para dois bares. Pediu um empréstimo para o Big Tim. "Ele não queria me dar um empréstimo", diz o Holandês. "Disse que não era assim que as coisas funcionavam. Ele disse para mim: 'Holandês, você com certeza se comportou como um idiota, mas vou fazer o seguinte. Vou te dar uma concessão para realizar um inferninho. Reserve uma data num salão e imprima uns ingressos. Vou falar do baile para todo mundo'. Foi quando eu disse para ele que talvez fosse melhor eu ter uma associação para me amparar, igual ao Chuck e ao Biff. Daria um ar mais profissional. E ele disse: 'Vá em frente. Se aqueles gângsteres podem ter uma associação de um homem só, você também pode'. Encomendei a impressão de dois mil ingressos, um dólar por cabeça, mulheres não pagam. Todo mundo na Bowery sabia que eu tinha laços profissionais com Big Tim de um jeito ou de outro – por que fazer perguntas demais? –, então não tive nenhum problema para vender todos os ingressos."

O inferninho do Holandês, o primeiro Baile Naval de Gala da Associação do Comodoro Holandês, ocorreu na noite de 30 de abril de 1901, no Everett Hall, na East Fourth Street, pertinho da Bowery. O Big Tim, claro, foi o convidado de honra. Em um camarote, ele foi acompanhado por Dave "Foto" Altman, seu guarda-costas; Reilly "Salsaparrilha", seu motorista; e Dinny "Nariz Chato" Sullivan, um de seus irmãos, que mais tarde se tornaria líder de Coney Island. A música ficou a cargo da Professor Pretzel Wolf's East Side Society Orchestra. O Holandês liderou a grande marcha com uma garota irlandesa de cabelos ruivos cujo nome ele esqueceu. Ele usou o traje de um almirante comprado numa loja de figurinos teatrais; era formado por um chapéu armado, um par de espadas e um uniforme com dragonas douradas e uma faixa de cintura azul, branca e vermelha. Na grande marcha, estava Connors, que tinha o Caminhão de um lado e Chinatown Nellie do outro. A Inspetora foi acompanhada por Jack "Acaba Com Eles" McManus, um lutador que às vezes

trabalhava como segurança no McGurk. O Holandês diz que havia pelo menos quinze casais na marcha, todos de personalidades, mas que esqueceu os nomes dos outros.

"Depois que desfilamos duas vezes ao redor do salão, fazendo reverências à esquerda e à direita", diz, "usei um apito de polícia e a diversão começou. Consegui um preço bom em duas dúzias de barris de cerveja de uma cervejaria que estava em débito com Big Tim por causa de um favor, e deixei todos em banheiras cheias de gelo. No instante em que eu apitei, a multidão avançou sobre a cerveja e o modo como eles se serviam era uma vergonha para a raça humana. Fiquei louco para dançar – e não cansava – e dancei por mais de uma hora, sem prestar muita atenção em nada a não ser na música. Até que parei um pouco para recuperar o fôlego e dei uma olhada ao redor, e nunca tinha visto tanta gente bêbada. O lugar estava tomado por bêbados. Cada um cantava o mais alto que podia, ou brigava com alguém menor, ou tentava roubar a garota de alguém. Um cara estava deitado de costas mamando numa torneira de cerveja, que estava aberta, e era como se ele tivesse cerveja saindo pelas orelhas. E as garotas estavam lutando contra os caras e dando gritinhos. Dei uma olhada e fiquei com vontade de ir embora dali. 'Senhoras e senhores', eu disse, 'Jesus Cristo!'. Pensei comigo mesmo: 'Isso não vai acabar bem. As pessoas vão morrer até amanhã de manhã, vão morrer às dúzias'. Mas, para falar a verdade, a noitada foi um sucesso. Ninguém morreu e todo mundo bebeu toda a cerveja que conseguiu beber, e arrecadei quase mil e quinhentos dólares. Quando contei para o Big Tim quanto dinheiro tinha rendido, ele me tirou da folha de pagamento. Ele me disse: 'Os inferninhos vão ser seu ganha-pão. Vá em frente e faça um baile por ano. Todo mundo sabe que você tem meu apoio e, se alguém se recusar a comprar ingressos, me avise'."

Por doze anos, com o apoio do Big Tim, o Holandês arrecadou em média dois mil dólares por ano com o Baile Naval de Gala. Ele deixou de usar o Everett Hall, que ficou pequeno demais, e mudou para o velho Tammany Hall, na Fourteenth Street. Pouco depois do baile de 1912, no entanto, tudo desandou. No verão daquele ano, o Big Tim começou a delirar achando que estava sendo perseguido e teve de ser internado num sanatório. Em fevereiro de 1913, ele foi levado para uma casa na seção de Williamsbridge, no Bronx, e amigos contrataram um grupo de guardas para vigiá-lo. De vez em quando, ele dava uma canseira nos guardas e escapava, quase sempre reaparecendo horas depois no Occidental, na Bowery, onde, de acordo com o Holandês, ele "ficava sentado no saguão olhando para o vazio até ser levado de volta para casa". "Um dia, eu vi Big Tim", diz o Holandês, "e fui falar com ele, dizendo:

‘Minha nossa, Big Tim, meu parceiro, existe alguma coisa que eu possa fazer por você?’. Ele só olhava para mim sem dizer nada. Era de partir o coração”. A última escapada de Big Tim ocorreu na noite do dia 30 de agosto de 1913. Na manhã seguinte, quando amanhecia o dia, o corpo de um homem que tinha sido atingido por um trem foi encontrado perto dos trilhos da New York, New Haven & Hartford, ao norte dos estaleiros de carga da Westchester. Ele foi levado para o necrotério do Bronx, onde ficou sem ser identificado por quatorze dias. Pouco antes de ser enterrado no cemitério de indigentes, um policial deu uma olhada no corpo e disse: “É o Big Tim Sullivan, que Deus o abençoe”. O funeral do Big Tim, na velha Catedral de São Patrício na Mott Street, foi um dos maiores na história da cidade. “Marchei na procissão”, diz o Holandês, “e chorei em cada passo que dei”.

A decadência da vida noturna na Bowery começou com o funeral do Big Tim. Os apostadores se amontoaram na Broadway e o Holandês foi atrás. Ele achou difícil esse processo. Sem apoio político, não conseguia vender ingressos, e seu baile de 1914 foi um fracasso. “Sem o Big Tim, eu era um Zé Ninguém”, diz. “Até então, eu não dava a mínima para a Associação do Comodoro Holandês; era só um nome. Vi que tinha que fazer alguma coisa e decidi investir na associação. Transformei em dirigentes honorários várias personalidades da Bowery que tinham se mudado para a parte alta da cidade e adotei como membros todo o pessoal da Broadway que encontrava pela frente. E, quando você tem membros, é natural que comece a receber contribuições. Comecei a receber contribuições em 1914 e sigo assim até hoje. Meu baile hoje é uma porcaria, mas qual seria minha desculpa para ter uma associação se eu não promovesse um baile?”

Depois que o velho Tammany Hall foi demolido em 1928, o Holandês adotou a prática de realizar os bailes nos espaços reservados de bares na parte baixa da 3rd Avenue. Para o seu baile mais recente, que foi característico, ele usou o Stuyvesant, um bar de bairro na 3rd Avenue com a 15th Street. O espaço reservado do Stuyvesant tinha um palco minúsculo e uma pequena pista de dança com sete mesas de cada lado, cercadas por plantas artificiais. O Holandês conseguiu o lugar de graça, é claro. Em seus cartazes, anunciou que “as festividades começarão com tudo às nove horas em ponto”. No entanto, a maioria dos convidados tem o bom senso de chegar mais tarde. O próprio holandês não deu as caras antes das onze da noite. Nesse horário, cerca de cinquenta homens e mulheres ocupavam os sofás ao redor das mesas. Pelo menos metade deles era membro da associação. Os outros eram curiosos da parte alta da

cidade ou clientes regulares do bar que vieram até os fundos da casa para ver o que estava acontecendo e acabaram ficando por lá. Não havia ninguém para cobrar os ingressos; o Holandês não se dá mais o trabalho. Drinques eram trazido da parte da frente do bar por garçonetes; a última vez que um Baile Naval de Gala teve cerveja grátis foi em 1912. Mr. e Mrs. "Queijo Suíço" ocuparam uma mesa. "Queijo Suíço", de bom humor, estava cantando "Mexicali Rose" e sua esposa pedia para ele calar a boca. Em outra mesa, estava o assistente do presidente-chefe Madden e oito amigos, entre eles Ed e Pegeen Fitzgerald, os locutores de rádio, e o padre A. R. Hyland, capelão da cadeia de Clinton, na Dannemora. E ainda em outra mesa, estavam Fiddler Cronin, F. X. Fitzsimmons, Pelletier "Amendoim" e "Cavalo de Ferro", todos eles velhos pugilistas rabugentos que conhecem o Holandês desde a época da Bowery. Pelletier, o mais jovem, lutou pela última vez em 1906. Eles sempre vão aos bailes do Holandês. Até ficarem bêbados, eles se insultam o tempo todo. Depois que enchem a cara, ficando dizendo um para o outro que você é o maior lutador de todos os tempos. "O que você tem feito, Amendoim?", perguntou Cronin no baile. Pelletier disse que tinha acabado de conseguir um emprego como vigilante noturno numa lavanderia do Bronx. "Tenho certeza de que você é um vigilante noturno como nunca se viu antes", disse Cronin. "Se alguns assaltantes aparecessem, aposto que você acabaria ajudando os caras a abrirem o cofre." "Escuta aqui, Fiddler", disse Pelletier, "você se lembra da noite em que lutou contra Tommy 'Cabeça' Hansen, no Pelican? Pelo que me lembro, você não aguentou nem o primeiro round. Você é um lutador de meia-tigela, o pior que já vi na vida". "Ah, vá pro inferno", disse Cronin.

Quando o Holandês chegou, trouxe consigo a banda que havia contratado, um grupo chamado Os Vagabundos de Nova York, formado por um pianista de idade, um banjoísta ruim e uma garota no violino. Os Vagabundos pareciam entediados e subiram no palco, assumiram seus lugares e começaram a tocar "The Star-Spangled Banner"[81]. Todo mundo ficou de pé. O Holandês tinha uma caixa de papelão debaixo do braço e, depois que as pessoas voltaram a se sentar, ele foi ao banheiro masculino. Quando reapareceu, estava usando um uniforme de almirante. Ele perdeu seu chapéu e suas espadas pouco depois do primeiro baile, mas há quarenta anos ele arrasta o uniforme mofado de uma quitinete para outra; é sua propriedade mais preciosa. No peito, tinha quatro insígnias: "Detetive Particular", Dirigente Especial", "Xerife" e

[81] O hino nacional dos Estados Unidos.

“Atirador de Elite”. Os convidados aplaudiram quando o Holandês surgiu marchando com confiança pela pista de dança, na direção do palco. Tinha chovido um pouco durante a tarde e ele estava de galochas. Ele subiu no palco, ergueu os punhos fechados acima da cabeça, como faria um lutador de boxe, e depois fez uma reverência. “Bom, pessoal”, disse ele, “a gente está aqui para se divertir, então vamos se divertir. Os Vagabundos de Nova York, famosos no mundo inteiro, vão tocar para vocês e quero ver todo mundo dançando. Meu discurso termina aqui. Obrigado a todos vocês”.

“Queijo Suíço” ficou de pé meio desequilibrado e gritou: “Ei, Holandês! Tudo bem se eu cantar para o público?” “Claro, ‘Queijo’”, disse o Holandês, “pode cantar o quanto quiser”. “Cantar nada”, disse o “Queijo Suíço”, “vou fazer uma dança”. Ele foi até o meio do palco, se agachou sobre os calcanhares e começou a fazer uma dança de cossaco. Depois de dois chutes, caiu sentado no chão. Ele se levantou, às gargalhadas, e berrou: “Ei, Holandês, quer saber o que eu sou? Sou um cavalheiro e um intelectual”. O Holandês lançou um olhar de reprovação. “Você é um homem muito irresponsável”, disse. “Você vai ficar com a pressão alta e depois vai se sentir mal. Prefiro que você cante.” Pouco depois, com o “Queijo Suíço” cantando bem feliz, os Vagabundos começaram a tocar “My Wild Irish Rose”. Vários casais foram para a pista e começaram a dançar.

O Holandês foi até a mesa de Madden. “Estou guiando um grupo aqui que gostaria de conhecer você”, disse Madden. Ele apresentou o Holandês. “Mr. Comodoro Holandês”, disse uma jovem não muito esperta no grupo de Madden, “fiquei sabendo que o senhor era uma figura muito conhecida na Bowery durante os anos noventa”. “Senhora”, disse o Holandês, abrindo seu sorriso de um dente só, “eu sou o último dos garotos da Bowery”. Ele desabotoou a lapela engomada e com detalhes dourados de seu uniforme, achou um lugar para se sentar e descansou os cotovelos sobre a mesa. E assim, enquanto os Vagabundos de Nova York tocavam suas valsas, enquanto o “Queijo Suíço” cantava, enquanto os velhos pugilistas bebiam cerveja e trocavam insultos, e enquanto um curioso atrás do outro ia embora indignado com a confusão toda, o Holandês começou a falar, sem dar nenhum sinal de quando ia parar, sobre a Bowery nos dias de Big Tim Sullivan. Ele falou direto até a uma da manhã. Nesse horário, a música parou e o pianista disse que os Vagabundos de Nova York não tocariam mais nenhuma música a menos que fossem pagos. O Holandês deu uma olhada triste para o seu assistente de presidente-chefe. “Joe,

parceiro", disse ele, "você não teria uns vinte para me emprestar? Eu jamais pediria se não soubesse que posso contar com você".

(1941)

Os habitantes das cavernas

O inverno de 1933 foi doloroso. Parece que foi cento e trinta e três anos atrás, mas eu me lembro muito bem dele. Naquele inverno, o quinto inverno da Depressão e o inverno da revogação da Lei Seca, eu era repórter de um jornal em que os editores acreditavam que não havia nada melhor do que uma história sobre sofrimento humano para fazer uma primeira página chamar atenção. "As pessoas andam tão tristes hoje em dia", um dos editores dizia, "que se animam com uma história sobre alguém numa situação pior que a delas". Nas três semanas que antecederam o Natal, houve, sem dúvida, uma abundância dessas histórias e, por um motivo qualquer, escolheram a mim para escrever a maioria delas. Numa manhã, passei uma hora acossado na antessala da corte de um magistrado falando com uma mulher de rosto impassível que matou o marido a facadas porque ele pegou o dinheiro que ela tinha economizado para comprar presentes de Natal para as crianças e gastou tudo – um dólar e oitenta centavos – num bar recém-aberto. "Dei um jeito na bebedeira dele", disse ela. E começou a se lamentar. Na mesma tarde, fui mandado para o assentamento de "Hoover Village", às margens do Hudson com a 74th Street, para perguntar quais eram os planos para o Natal dos invasores que viviam lá. As pessoas eram esqueléticas e ficaram olhando para mim com uma expressão que nunca vou conseguir esquecer; se tivessem se irritado e me jogado no rio, eu não as culparia. No dia seguinte, me mandaram ficar de pé numa esquina movimentada com uma mulher do Exército da Salvação cujo trabalho era tocar um sino e chamar atenção para um caldeirãozinho na esperança de que os passantes jogassem algum dinheiro para o Fundo de Natal do Exército. "Só fique lá de pé por três ou quatro horas", disseram para mim, "e veja o que acontece; isso deve render alguma história". A mulher do sino era uma senhora de idade com olhos fundos e estava com uma gripe que acabou passando para mim.

Um dia atrás do outro, eu era mandado para filas de pão, para escritórios de assistência, para despejos; a cada manhã, eu me encolhia conversando com seres humanos miseráveis que olhavam para mim enquanto eu os golpeava com perguntas. Meus editores acreditavam sinceramente que essas entrevistas provocariam as pessoas a contribuir com os vários fundos natalinos, e elas sem dúvida provocaram, mas isso não me ajudou a superar a sensação de que eu não tinha o direito de bater nas casas e

sabatinar homens e mulheres que só eram interessantes porque eram miseráveis de um modo extraordinário. Além disso, a atitude das pessoas com quem conversei era deprimente. Elas não eram nada indignadas. Eram absolutamente apáticas. Tenho certeza de que poucas queriam ver suas histórias no jornal, mas elas respondiam às minhas perguntas, perguntas que eu não tinha como evitar, porque tinham medo de que alguma coisa acontecesse com a ajuda que recebiam caso não respondessem; todos achavam que eu estava de alguma forma ligado ao escritório da assistência social. Comecei a sentir que me aproveitava dessas pessoas desafortunadas. Tinha perdido quase toda minha fé na dignidade humana quando aconteceu uma coisa que me ajudou muito a recuperá-la.

Bem cedo numa manhã de frio cruel, a poucos dias do Natal, um homem telefonou para o jornal e disse que, na noite anterior, enquanto caminhava com seu cachorro pelo Central Park, ele encontrou um homem e uma mulher que disseram estar vivendo há quase um ano dentro de uma caverna no parque. Era uma das cavernas reveladas quando esvaziaram e abandonaram o velho reservatório na parte baixa do parque, uma área desde então usada como parquinho pelas crianças. Ele disse que descobriu o homem e a mulher agachados na caverna diante de uma fogueira, e que ficou com medo de que eles morressem congelados durante a noite, então ele os convenceu a sair do parque e os colocou numa quitinete.

"Gostaria que o seu jornal publicasse um artigo sobre eles", disse o homem por telefone. "Pode ajudar os dois a conseguir um emprego."

Fui conhecer o homem e a mulher. Eles estavam vivendo num conjunto de prédios com quitinetes na West 60th Street, perto da Columbus Avenue, a duas quadras do parque. Eles viviam no quarto andar. Quatro centímetros de neve da noite anterior tinham se acumulado no parapeito da janela da quitinete. O homem disse que seu nome era James Hollinan e ele era um carpinteiro desempregado. Era pequeno, muito magro e de cabelo branco. Usava calças de veludo cotelê e uma jaqueta de couro ensebada. A mulher era sua esposa. Seu nome era Elizabeth e ela era uma camareira de hotel desempregada. Quando cheguei, Mr. Hollinan estava se preparando para sair. Estava de chapéu e trajava um sobretudo esfarrapado. Disse a ele quem eu era.

"Gostaria de fazer algumas perguntas", eu disse.

"Fale com a minha esposa", disse ele. "Ela fala melhor que eu."

Ele se virou para a esposa. "Vou buscar o café da manhã", disse.

"Traga pão com ovo e um pouco de café", disse ela, tirando umas moedas da bolsa e colocando-as, uma por uma, na mão do marido, "e a gente tem só mais sete centavos".

"O.k.", disse ele, e saiu.

Pedi para Mrs. Hollinan me contar sobre como era a vida deles na caverna. Enquanto falava comigo, ela arrumou a cama e essa tarefa parece ter lhe dado um imenso prazer. Era compreensível, pois se tratava da primeira cama que ela arrumava em muito tempo.

"Vou te contar como era", disse ela, batendo um travesseiro contra a armação de ferro da cama, "nós perdemos um apartamento lá em Washington Heights em dezembro do ano passado. Quando procuramos o escritório de assistência social, eles tentaram nos separar. Queriam mandar meu marido para um lugar e eu, para outro. E eu disse: 'Vamos morrer de fome juntos'. Naquela noite, a gente foi parar no Central Park. A gente encontrou a caverna e se escondeu nela. No meio da noite, a gente fez uma fogueira. É como a gente tem passado quase todas as noites há um ano."

Ela alisou a colcha até tirar todas as rugas do tecido e, em seguida, meio contrariada, se sentou na cama. Havia só uma cadeira no ambiente.

"Mas é claro", continuou ela, "que algumas noites eram chuvosas e frias demais. Era quando a gente procurava uma igreja que ficasse aberta de noite. A gente dormia sentado nos bancos da igreja. Quase todas as manhãs, a gente saía procurando trabalho. Era muito difícil para ele encontrar alguma coisa para fazer. Era pior para ele, por ser mais velho do que eu. Algumas vezes por semana, eu conseguia um trabalho como zeladora que rendia uns dólares e a gente comprava comida assim. A gente levava água para a caverna e fazia uns ensopados."

"Como vocês dormiam na caverna?", perguntei.

"A gente se revezava cochilando numa cama que fizemos com caixas de papelão", disse ela. "A gente mantinha a fogueira acesa. Ela era pequena para os policiais não expulsarem a gente dali. Os policiais do Parque sabiam que a gente estava ali, mas desde que a gente não fizesse uma fogueira grande e não chamasse atenção, eles não mexiam com a gente. No verão, a caverna era melhor do que uma casa. Mas ultimamente, quando chovia, a gente sofria com o reumatismo, e era horrível."

Mrs. Hollinan usava um vestido puído, mas era limpo e elegante. Eu me perguntei como ela conseguiu mantê-lo tão limpo vivendo numa caverna. Acho que

ela adivinhou o que eu estava pensando porque disse em seguida: “A gente ia num banheiro público duas vezes por semana e, na caverna, eu colocava meus vestidos e as camisas dele numa lata velha de banha para ferver”. Nós conversamos por cerca de quinze minutos até o marido dela voltar. Ele carregava um copo descartável de café e dois sanduíches num saco de papel. Eu sabia que eles não gostariam de tomar o café da manhã na minha frente e fui embora.

“Espero que a gente consiga ajuda dessa vez”, disse Mrs. Hollinan ao me acompanhar até a porta, e me dei conta de que ela achou que eu era um assistente social. Não tive coragem de dizer que ela estava enganada.

O meu interesse não era em Mr. e Mrs. Hollinan; comparados com outras pessoas que eu tinha visto naquele inverno, eles viviam num mundo de fartura. No texto que escrevi sobre eles, mencionei a situação em que Mrs. Hollinan disse para o marido que, depois de comprar o café da manhã, eles teriam só mais sete centavos, e dei o endereço da quitinete caso alguém quisesse dar um emprego para Mr. Hollinan. Escrevi o texto com pressa e ele saiu na primeira página da primeira edição do dia, que chegou às bancas por volta do meio-dia e, diferente de muitas histórias que saíam no jornal da tarde, ela não foi cortada das edições subsequentes e continuou na primeira página até o fim do dia.

O dia seguinte era minha folga, mas no fim da tarde passei pela redação para conferir minha correspondência. Minha caixa estava cheia de cartas e telegramas de pessoas que tinham lido o texto sobre Mr. e Mrs. Hollinan e, anexadas às cartas, havia notas de dinheiro ou cheques que deveriam ser entregues para o casal. No total, foram oitenta e cinco dólares e mais dois telegramas oferecendo empregos.

Eu tinha prometido ajudar minha esposa com as compras de Natal e telefonei para ela explicando que não conseguiria porque precisava entregar oitenta e cinco dólares para um homem e uma mulher que haviam passado um ano vivendo numa caverna. Ela quis ir comigo. Nós nos encontramos no Columbus Circle e fomos caminhando até a quitinete. As ruas estavam cheias de pessoas fazendo compras de Natal e as vitrines, decoradas com motivos natalinos. Essas pessoas alegres por fazer compras me deprimiam. “Como eles podiam ficar tão felizes”, pensei, “com tanta gente passando fome na cidade?”.

A dona das quitinetes nos recebeu na portaria. Ela parecia irritada. Expliquei que eu era o repórter que tinha conversado com Mr. e Mrs. Hollinan no dia anterior.

Ela disse que as pessoas estavam procurando por eles desde as primeiras horas da manhã, trazendo dinheiro e comida.

"Todo mundo leu o texto que você publicou no jornal ontem à noite", a proprietária disse. "Eles continuam vindo, mas não deixei ninguém entrar hoje à tarde. O que você escreveu foi um monte de besteira. Veja só, o pessoal da caverna está lá em cima comemorando."

"Não é culpa deles", disse minha esposa.

"Pois eu acho que é", disse a proprietária.

Ela não queria deixar minha esposa entrar no prédio comigo.

"Você vai ter que esperar aqui, mocinha", disse ela, severa.

Subi as escadas, carregando o punhado de cartas. Bati na porta e alguém gritou: "Entra!". Abri a porta. O quarto era uma bagunça impressionante. Sobre a mesa, havia duas panelas de pressão, embrulhadas em papel celofane, com fitas vermelhas amarradas nos cabos. As panelas de pressão pareciam estranhas naquele quarto maltrapilho. Também sobre a mesa, havia garrafas de cerveja, de gim e de gengibirra e alguns sanduíches comidos pela metade. Papéis de presente, caixas e xepas de cigarro cobriam o chão do quarto. Mrs. Hollinan estava sentada na cama com um copo na mão. Um charuto pendia do canto da boca de Mr. Hollinan, que se servia de gim. Eles estavam muito bêbados, sem dúvida. Mr. Hollinan olhou para mim, mas não me reconheceu.

"Fique à vontade", disse ele, indicando a cama. "Aceita um drinque? Ou um charuto?"

"É aquele enxerido do jornal", disse Mrs. Hollinan. "Acaba com ele, Jim."

Mr. Hollinan se levantou. Ele tinha dificuldade para se equilibrar.

"Qual era a tua", disse ele, "com aquele texto no jornal?".

"Qual é o problema com o texto?", perguntei.

"Você disse que a gente só tinha mais sete centavos, seu mentiroso."

"Mas foi isso que sua esposa me disse."

"Não foi, não", disse Mrs. Hollinan, indignada. Ela se levantou e balançou o copo, derramando gin e gengibirra na cama inteira. "Eu disse que a gente tinha mais *setenta* centavos", disse ela.

"É isso aí", disse Mr. Hollinan. "Qual é a tua de ficar colocando mentiras sobre nós no jornal?"

Mr. Hollinan pegou uma garrafa quadrada de gim de cima da mesa. Segurou firma no gargalo e começou a vir na minha direção, balançando a garrafa no ar.

"Espere um pouco", eu disse, passando pela porta. "Eu trouxe dinheiro para vocês."

"Eu não quero o teu dinheiro", disse ele. "Eu tenho dinheiro."

"Nesse caso", eu disse, mostrando os telegramas, "acho que tenho um emprego para você."

"Não quero tua ajuda", disse ele. "Você fica contando mentiras sobre nós no jornal."

"É isso aí, Jim", disse Mrs. Hollinan, rindo. "Acaba com ele."

Fechei a porta e desci rápido as escadas. Mr. Hollinan cambaleou para fora da quitinete e ficou no topo na escada, agarrado ao corrimão. Assim que cheguei ao piso do segundo andar, ele arremessou a garrafa de gim. Ela acertou a parede acima da minha cabeça e se espatifou. Fiquei coberto de gim e de pedacinhos de vidro. Continuei descendo as escadas, me afastando de Mr. Hollinan. Durante todo o percurso, eu podia ouvir Mrs. Hollinan gritando lá do quarto: "Acaba com ele, Jim!".

"Minha Nossa Senhora", disse a proprietária quando cheguei à porta do prédio, "o que aconteceu lá em cima? Que barulho foi aquele?".

"Você está com cheiro de bar", disse a minha esposa.

Eu ria. "Mr. Hollinan jogou uma garrafa de gim em mim", eu disse.

"Isso não é engraçado", disse a proprietária, de supetão. "Por que você não chama a polícia?"

"Vamos embora daqui", eu disse para minha esposa.

Nós fomos até uma loja de bebidas no Columbus Circle. Comprei uma garrafa de gim Holland e pedi ao dono da loja que embrulhasse para presente e mandasse entregar no endereço de Mr. Hollinan. Minha esposa achou uma loucura, mas eu não dei bola. Eles me fizeram rir pela primeira vez em semanas.

Na manhã do dia seguinte, voltei ao prédio de quitinetes. Decidi que era minha obrigação fazer uma nova tentativa de dar o dinheiro para Mr. e Mrs. Hollinan.

"Aquele pessoal da caverna foi embora", a proprietária me contou. "Um senhor veio aqui ontem à noite numa limusine, com *chauffeur*. Ele pegou os dois e foi embora. Conversei com ele quando chegou e contei como os dois estavam fazendo bagunça, mas ele não se incomodou. Ele me deu uma nota de cinco dólares. "Isso aqui é para você", disse, "pelo incômodo. Se alguma correspondência chegar para

esse pessoal, pode encaminhar para mim e eu cuido do resto'. Os dois entraram na parte de trás limusine. O senhor disse que daria um emprego para Mr. Hollinan na fazenda dele."

A proprietária estava muito irritada. "Eles ainda estavam bêbados", disse ela, "mas o homem da limusine não parecia se importar. Ele também estava bêbado. Acho que até mais bêbado do que os dois. Ele ficava dando tapinhas nas costas, primeiro em Mr. Hollinan, depois na mulher dele. E quando entraram na limusine, todos eles estavam rindo e caindo pelos barrancos, e aquela Mrs. Hollinan, aquela mulherzinha desprezível, ela baixou o vidro do carro e me mostrou o dedo."

Ela tinha anotado o nome e o endereço do benfeitor, e copiei para mim. Ficava em Nova Jersey. Voltei para a redação e escrevi para todas as pessoas que tinham enviado dinheiro para Mr. e Mrs. Hollinan, devolvendo o que mandaram. Contei que Mr. Hollinan tinha encontrado um emprego e havia se recusado a receber as contribuições.

Até uma semana antes do Natal do ano seguinte, não pensei mais em Mr. e Mrs. Hollinan. Foi quando lembrei de toda a experiência e comecei a me perguntar onde estariam eles. Eu me perguntei se o homem da limusine tinha mesmo dado um emprego para Mr. Hollinan, e se estava bem. Fiquei pensando neles ao longo da semana inteira e, na véspera do Natal, tentei entrar em contato para desejar um feliz Natal e um próspero ano novo. Procurei numa pilha de cadernos velhos na gaveta de baixo da minha mesa e por fim encontrei o nome e o endereço do benfeitor. Pedi para o serviço de informações me dar seu número de telefone em Nova Jersey e telefonei para ele. Foi ele mesmo quem atendeu o telefone. Expliquei que eu era o repórter que tinha escrito o texto sobre o homem e a mulher que ele havia acolhido no Natal passado, os habitantes das cavernas. Estava perguntando se poderia falar com Mr. Hollinan, mas ele me interrompeu.

"Você tem visto os dois?", ele me perguntou, indiferente. A ligação estava ruim.

"Nossa, não", eu disse. "Eles não estão mais com você?"

"Com certeza gostaria de ver aqueles dois", respondeu. "Para falar a verdade, estava pensando neles agora mesmo. Estava aqui, sentado diante da lareira, tomando uns drinques e estava pensando em como seria bom falar com eles. Eu tomava uns drinques no fim do dia com o velho Hollinan. Ele era uma boa companhia e a senhora dele também era. Ele era um sujeito engraçado." E ficou quieto.

"O que aconteceu?", perguntei.

"Bom", disse ele, "tenho uma fazendinha e ele tomava conta dela para mim enquanto eu estava na cidade. Ele era meu caseiro, mais ou menos. Eles ficaram até o fim de março e um dia os dois foram embora e nunca mais ouvi falar deles".

"Por que será que eles foram embora?"

"Não tenho certeza", disse ele, "mas quer saber o que eu acho? Acho que ter vivido numa caverna estragou aqueles dois. Estragou de um jeito que eles não conseguem mais viver numa casa. Acho que eles foram embora porque cansaram de viver numa casa".

"Bom", eu disse, "feliz Natal".

"Para você também", disse ele, e desligou.

(1938)

Rei dos ciganos

Existe pelo menos uma dúzia de reis ciganos na cidade. Todos são velhos, briguentos e auto-coroados. Um deles, Johnny Nikanov, um russo, às vezes chamado de Rei Johnny Caolho pelos detetives do esquadrão que prende batedores de carteira, é amigo meu. A gente se conheceu no outono de 1936. Eu cobria o tribunal de justiça para um jornal e, todo dia, passava uma parte do meu tempo nos fundos do escritório de Samuel Rothberg, especialista em negociar pagamentos de fianças, que ficava do outro lado da rua, na diagonal da corte, onde advogados, policiais, agentes de condicional e os vadios da vizinhança se reuniam para jogar pinocle[82]. Entre os clientes de Rothberg, havia um monte de ciganos batedores de carteira, vigaristas aproveitadores e videntes, e o Rei Johnny Caolho aparecia de vez em quando para negociar a fiança de um de seus súditos. Depois de resolver os negócios, ele sempre marchava confiante rumo aos fundos do escritório para jogar uma rodada. Quando os jogadores de pinocle o viam, fingiam ficar preocupados. Eles batiam a mão espalmada sobre o dinheiro que estava na mesa e berravam avisos um para o outro, como: "Guardem o dinheiro, pessoal! Aí vem o Johnny Caolho!" ou "Abram alas para o rei – o rei dos trombadinhas!". Johnny nunca se ofendeu com essas observações; ele parecia sentir uma satisfação enorme de ser visto como ladrão. Sempre que a fama que os ciganos têm de ser ladrões surgia na conversa, como acontecia com frequência, ele estufava o peito: "Para um cigano", dizia ele em várias ocasiões, com orgulho na voz, "só existem dois tipos de mercadorias. As que foram perdidas e as que serão perdidas. Todas aquelas que não estiverem pregadas no chão são perdidas". Ele dizia acreditar, no entanto, que os ciganos são muito mais honrados do que os *gajos*, ou os não ciganos. Uma tarde, ele se inclinou por sobre a mesa na direção de Rothberg e disse: "Mr. Rothberg, o senhor nunca ouviu falar de um cigano que tenha roubado um poço de petróleo, ouviu?". "Não que eu me lembre", disse Rothberg. "Bom", disse Johnny triunfante, "ouvi falar de um americano que fez isso. Anos atrás, um pessoal nosso estava vindo da Flórida numas caminhonetes Ford. As nossas mulheres liam a sorte em feiras populares e os negócios não iam nada bem. Nós estavamos

[82] Pinocle é um tipo de jogo de cartas semelhante ao buraco em que os jogadores (dois ou quatro) descartam combinações de cartas sobre a mesa. É o que se chama de jogo de vaza. O objetivo do jogo é vencer nas vazas.

completamente sem dinheiro. Assim, toda noite, a gente parava numa cidade e roubava gasolina dos carros estacionados em ruas escuras. A gente roubava gasolina o suficiente para rodar no dia seguinte. Não tinha nada que a gente não conseguisse fazer. Lembro de ter esvaziado o tanque de um rabecão. Numa noite de lua cheia em Washington, D.C., um policial me flagrou roubando gasolina e me prendeu. E comecei a conversar com o homem na cela ao lado e ele disse pra mim: 'A cidade está alvoroçada por causa do que aconteceu em Teapot Dome'. E perguntei de que diabos ele estava falando e ele me explicou que era um poço de petróleo dos grandes que tinha sido roubado por um homem que era o braço direito do presidente. Acho que passei uns dez minutos rindo. De um lado você tem um cigano pobre e morto de fome que rouba um tanque de gasolina – não estou negando nada. Mas do outro você tem um americano de classe alta que rouba um poço de petróleo inteiro".

Johnny estava longe de ser asseado e vivia se coçando; quem ficava do lado dele na mesa se incomodava com isso. "Escuta aqui, Caolho", um policial disse numa tarde, "você está com coceira?". "Não, senhor, não no momento", disse Johnny. "Faz mais de mês que não tenho coceira." Ele filava cigarros sem nenhum pudor e não parava nunca de falar. Além disso, ganhava quase todas as rodadas de pinocle que disputava. No entanto, apesar disso tudo, era uma figura conhecida nos fundos do escritório e parecia se orgulhar de sua popularidade; pelo menos ele não desprezava abertamente os *gajos*, diferente dos outros clientes ciganos de Rothberg. Numa ocasião, ele convidou alguns dos vadios do tribunal, incluindo a mim mesmo, para ir à casa nele na Sheriff Street para um *patchiv*, ou farra cigana. Nós comemos churrasco de porco, bebemos um ponche feito de vinho tinto, água com gás e pedaços de pêssego Elberta[83], vimos as mulheres dançarem e nos divertimos a valer. Desde então, faço visitas constantes ao Johnny. Sempre que me pego nos arredores da Sheriff Street, procuro falar com ele.

Johnny diz que tem sido um rei dos ciganos de modo inconstante desde que era jovem, mas não faz ideia de quantos anos tem. "Alguma coisa entre quarenta e cinco e setenta e cinco", diz ele com sua ambiguidade característica. "Faz anos que meu cabelo é branco e tenho dezessete netos e aposto que sou um homem velho, muito velho." Johnny é baixinho, barrigudo e animado. Seu rosto é redondo e moreno e marcado por cicatrizes de varíola. Ele tem as maçãs do rosto salientes e o nariz

[83] Tipo de pêssego popular nos Estados Unidos.

achatado. Por causa de um estrabismo no olho esquerdo, tem sempre uma expressão alerta e desconfiada; parece que não acredita em nada do que ouve. Ele usa um chapéu preto de aba larga e carrega uma bengala com empunhadura de cobre. Toda vez que precisa ir a um casamento ou a um funeral, ele veste botas, culote e uma camisa de seda escarlate que abotoa até o pescoço e lembra uma vestimenta russa, caso contrário ele se veste como qualquer outro americano. Ele nunca tem mais do que um terno de cada vez. O atual é verde-musgo. Na maioria das noites, ele dorme de terno. Johnny está sempre discretamente bêbado por volta do meio-dia. Ele é um bebedor de gim. Diz que nunca bebe menos do que quatro litros por semana. Ele mistura o gim com Pepsi-Cola, meio a meio, e chama a mistura de mata-rato. Johnny é um funileiro habilidoso, mas se gaba de não chegar perto de uma ferramenta desde 1930. "Detesto trabalhar", diz. "Fico azedo. Se tivesse que escolher entre um emprego fixo e a morte, eu imploraria pela morte."

Um cigano se torna rei proclamando a si mesmo como tal. Nenhum rei na cidade tem o respeito de mais de cinquenta famílias, mas todos eles contam vantagens sobre o tamanho de sua influência. Até que o Rei Steve Kaslov fosse mandado para uma penitenciária federal no verão de 1942 por mentir para juntas de recrutamento que seus jovens solteiros eram todos casados, ele era talvez o mais poderoso. Steve, cujo quartel-general ficava na Attorney Street, sempre reivindicou ser *o boro*, ou líder supremo, de todos os ciganos russos nos Estados Unidos. Na prática, ele era o representante de cerca de cinquenta famílias do Lower East Side. O Rei Frankie Mitchell, de Williamsburg, no Brooklyn, que em alguns dias diz ser russo e em outros diz ser sérvio, contesta há muitos anos a supremacia reclamada por Steve. "*Eu* sou o chefe dos russos nos Estados Unidos", diz Frankie. "Sou também chefe de todos os sérvios no mesmo território." Frankie é chefe de cerca de vinte famílias. Rei Tene Bimbo, do Spanish Harlem, um sérvio com o recorde de cento e quatorze prisões, é odiado pelo seu povo; detetives dizem que, a não ser por membros de sua própria família, nenhum cigano jamais chega perto dele. Ele afirma, no entanto, que é rei de todos os ciganos russos, sérvios e romenos nos Estados Unidos, no Canadá e no México.

Johnny também é pretensioso. Quando enche a cara de mata-rato e conversa com um *gajo*, ele diz ser o rei de todos os ciganos russos, sérvios, romenos, sírios, turcos, búlgaros, alemães e ingleses em todos os Estados Unidos. Quando está sóbrio, no entanto, e disposto a falar a verdade, diz ser rei de exatamente trinta e oito famílias

de ciganos russos – cerca de duzentos e trinta homens, mulheres e crianças, dos quais ele é aparentado por sangue ou por casamento. Ele os chama de "minha multidão". Policiais e agentes do Departamento de Bem-Estar Social reconhecem que Johnny tem essas famílias debaixo de suas asas, mas eles o provocam de vez em quando dizendo que deveria se apresentar como porta-voz, e não como rei. "Para o Departamento de Bem-Estar Social, posso não ser um rei", disse ele há pouco tempo para um desses agentes, "e posso não ser um rei para o rei da Inglaterra, mas, para esses ciganos pobres e perseguidos de quem eu cuido até não poder mais, eu sou um rei".

Johnny não sabe quantos ciganos existem na cidade e, na verdade, ninguém sabe. Estimativas giram em torno de sete a doze mil. Seus ancestrais vieram de todos os países da Europa, mas a maioria diz ser russa, sérvia ou romena. Eles se dividem em dezenas de grupos vagamente hostis entre si, mas têm liberdade para se casar uns com os outros, falam o mesmo dialeto da Romênia, que é a língua cigana universal[84] e, no fundo, são todos iguais. Entre eles, predomina o tipo que os antropólogos chamam de cigano nômade; ou seja, diferente dos ciganos violinistas da Hungria, por exemplo, eles nunca se fixam em lugar nenhum por vontade própria. Eles desprezam os húngaros e os chamam de ciganos domésticos. No passado, os nômades se dispersaram do Maine até o México, vivendo na cidade apenas no inverno, mas desde a Depressão cada vez menos ciganos caem na estrada. Johnny nunca viajou para além de Atlantic City desde 1934. Pelo menos dois terços deles vivem de caridade ou de algum tipo de assistência. Os reis ciganos são autoridades nos regulamentos da assistência social; eles sabem como conseguir assistência para suas famílias e como mantê-la. Na cidade, os ciganos preferem se espalhar, mas existem colônias ciganas no Lower East Side, na Bowery, na periferia leste do Spanish Harlem e na Varet Street, no bairro de Williamsburg, no Brooklyn. Eles alugam as quitinetes mais baratas dos prédios mais maltrapilhos dos piores quarteirões. É normal ter três ou quatro famílias dividindo uma quitinete. Eles se mudam de acordo com o momento; nos últimos dois anos, uma única família deu dezessete endereços para o Departamento de Bem-Estar Social. No verão, como todas as pessoas miseráveis, eles levam cadeiras para frente dos prédios e ficam sentados debaixo do sol. Elas

[84] O dialeto a que se refere Mitchell é o romani que, curiosamente, não tem relação direta com o romeno. O romani é a única língua indo-ariana falada exclusivamente fora do subcontinente indiano (área correspondente ao sul da Ásia, onde estão Bangladesh, Butão, Índia, Nepal e Paquistão).

amamentam seus bebês em público. Eles não têm nada a ver com seus vizinhos *gajos*. Até as crianças parecem indiferentes; elas brincam de bola, mas só umas com as outras. As crianças são sujas, cheias de pulgas, inteligentes e bonitas; é raro ver uma criança cigana que seja feia. Elas não são muito saudáveis, mas têm aquela esplêndida coragem urbana dos pardais. Quase todos os adultos são analfabetos e poucas crianças chegaram a frequentar a escola pública. Johnny diz que nunca ouviu falar de um cigano que tenha ido para o ensino médio. Tanto os pais quanto as crianças são contra educação e ambos combatem os monitores das escolas com unhas e dentes. Pouco tempo atrás, um monitor disse que ficava nervoso só de ouvir a palavra "cigano". Todos eles sabem falar um inglês tosco e também romeno. Entre eles, só usam o romani. Alguns dos mais velhos são poliglotas. Johnny consegue conversar com fluência em russo, romeno, romani e inglês. Eles são adeptos do casamento entre crianças; a maioria dos noivos e noivas ciganos mal entrou na adolescência. As noivas têm um preço. Johnny vendeu sua filha, Rosie, para um cigano de Chicago em 1934 por oitocentos e setenta e cinco dólares. Cada pessoa tem dois nomes próprios, um nome *gajo* de viagem e um nome cigano de família. O nome de família de Johnny é Lazillia. Esposas usam os primeiros nomes de seus maridos; Dovie, por exemplo, se torna Dovie Steve; Annie se torna Annie Mike.

Os homens mais velhos são funileiros competentes e negociantes de cavalos, mas suas habilidades são anacrônicas. Alguns deles às vezes ganham um pouco de dinheiro fabricando panelões de cobre para restaurantes e hotéis. Quase todos os homens mais jovens são bons mecânicos de automóvel. Eles consertam os seus próprios automóveis decrépitos com peças encontradas em ferros-velhos, mas eles são muito temperamentais para conseguir empregos em oficinas. Alguns são músicos itinerantes que tocam em bares; eles se apresentam em estabelecimentos do Lower East Side, recebendo para tocar por cerca de meia hora. Os homens tocam violão e as mulheres aprendem a cantar canções populares que ouviram no rádio. "Amapola" é uma de suas favoritas. As crianças, sobretudo as meninas, são pedintes talentosas. Usando roupas de segunda mão, encardidas e famintas, uma dupla delas entra rápido num bar, sapateia e canta furiosamente por alguns minutos, e depois passa pelos bêbados com olhar sofredor e a palma da mão aberta. Quando voltam para casa tarde da noite, elas têm os bolsos recheados de pretzels, batatas fritas e trocados.

Na realidade, as mulheres é que sustentam as famílias. Todas elas são *dukkerers*, ou videntes. Elas preveem o futuro por meio da interpretação de sonhos e

pela disposição de pintas no corpo, de linhas na palma da mão e de saliências na cabeça. Essa ocupação é ilegal na cidade e elas trabalham às escondidas. Todas as mulheres carregam consigo um exemplar de *O livro dos sonhos e das profecias da velha cigana Nan*. Elas compram esse livro aos montes no Wehman Brothers, um atacado com livros baratos de sonhos, de astrologia, de educação sexual e de humor, no número 712 da Broadway, e distribuem para suas clientes. Assim, caso sejam presas, elas podem jurar para o juiz que não ganharam dinheiro adivinhando o futuro e sim que tinham apenas vendido um livro e estavam ensinando a compradora a usá-lo. Todas as *dukkerers* são ladras de um jeito ou de outro, e elas dão trabalho para o esquadrão que cuida dos batedores de carteira. Um dos integrantes do esquadrão, o detetive John J. Sheehan, há nove anos trabalha exclusivamente com crimes cometidos por ciganos. Ele aprendeu um pouco de romani e desenvolveu um tipo de admiração pelos ciganos. Eles o chamam de Mr. Sheeny e, quando falam com ele, são muito sinceros. Eles o convidam para casamentos e para apadrinhar os noivos. Ele diz que as vítimas dos ciganos são mulheres de meia-idade temerosas e ignorantes.

"Existem milhares e milhares de velhinhas na cidade que são tão estúpidas que as ciganas conseguem arrancar delas as economias de uma vida inteira sem fazer nenhum esforço", diz o detetive Sheehan. "Mulheres que querem saber se seus maridos têm amantes, mulheres que acham que vão morrer por causa de alguma doença estranha, velhas camareiras supersticiosas – gente desse tipo. Se eu não testemunhasse essas histórias todos os dias, não ia acreditar." O detetive diz que uma mulher sensata que quer saber o futuro visita uma cigana e a história acaba aí. "Mas", diz ele, "quando surge uma dessas mulheres tapadas, a *dukkerer* entra em ação. Várias delas usam um truque mais antigo que andar pra frente. A gente chama de truque-cigano ou truque-da-carteira e elas chamam de *hokkano baro*, o grande truque. Primeiro a cigana convence a vítima de que há algo errado com seu corpo; elas quase sempre dizem que é câncer. Isso pode levar a vários encontros. Logo a vítima fica tão transtornada que é capaz de fazer qualquer coisa; quando as ciganas querem, elas conseguem ser mais assustadoras do que os monstros que você vê no cinema – na linha do Boris Karloff. Daí a cigana diz que dinheiro é o problema, que o dinheiro que a vítima está economizando há anos é sujo, maldito e carregado. Depois disso a vítima corre até o banco, saca todas as suas economias, cada centavo, e dá pra cigana limpar o dinheiro, pra abençoá-lo. A cigana enrola as notas, costura dentro de uma bolsa de pano, acende umas velas vagabundas e abençoa a bolsa com montes de

abracadabras. O tempo todo, a cigana tem outra bolsa escondida na manga com um rolo de papel em branco. Depois de um tempo, ela troca as bolsas e costura com cuidado a bolsa falsa dentro do vestido da vítima, bem na altura do coração, e diz para ela usar a bolsa desse jeito durante sete dias antes de abrir. De noite, ela deve colocar o vestido com a bolsa debaixo do travesseiro. Isso vai resolver o problema. Assim que a vítima sai de perto, a família cigana arruma as trouxas e vai embora. E uma semana depois a vítima vai choramingar pra polícia. Quando eu prendo a cigana, de cada dez casos, em nove deles a vítima não vai testemunhar na corte. Elas têm medo. Não faz muito tempo que atendi uma mulher que tinha perdido mil e oitocentos dólares num esquema assim, ela era dona de um salão de beleza e se recusava a testemunhar, nada fazia a mulher mudar de ideia. Ela ficava dizendo: 'A velha cigana vai jogar uma maldição em mim e vou morrer dormindo'."

O detetive Sheehan diz que de vez em quando acontece de um homem cair na conversa das ciganas. "Uma garota cigana fica na janela de um predinho e chama o primeiro sujeito que passar pela frente", diz ele, "e o idiota vai atrás dela. Ele acha que vai viver algum tipo de aventura sexual. A cigana liga o rádio e fica dançando com ele por uns minutos, só para distrair o sujeito, e rouba a carteira dele enquanto estão dançando. Ele está tão animado que não percebe o que está acontecendo. E depois ela manda o sujeito embora. Não aconteceu nada demais, só uma dança. Se ele volta pra procurar o dinheiro, um dos ciganos aparece e bota o cara pra correr. Algumas das garotas sabem mais ou menos como bater carteira. Parece que, pra ser um bom batedor de carteira, você precisa de um homem cem por cento branco. E todas aquelas histórias sobre garotas ciganas lindas e fáceis são um mito. Convivo com ciganos há nove longos anos e nunca vi uma cigana puta. Como grupo, elas são as mulheres mais corretas da cidade no que diz respeito a sexo. Boas esposas, boas mães. Porém, no que diz respeito à pilantragem, elas trocariam a própria mãe por cinquenta centavos. Acho que não conseguem evitar. É parte da natureza delas."

As trinta e oito famílias de Johnny vivem nas ruas Suffolk, Ridge, Pitt, Sheriff, Columbia e Cannon, no Lower East Side. Eles se referem a si mesmos como russos, com alguma arrogância, mas todos são cidadãos americanos, menos de uma dúzia deles fala russo e apenas três famílias – os Nikanov, os Sigilov e os Petrov – ainda têm nomes russos. Os outros trocaram seus nomes russos por equivalentes em inglês há bastante tempo; entre eles, há os Smith, os Costello, os Thompson, os Mitchell, os Johnson, os Stanley e os Stevenson. Johnny diz que seus ciganos são os mais pobres

dos Estados Unidos. “Se você segurar todos eles de ponta cabeça e der uma boa chacoalhada”, diz ele, “com o que cair dos bolsos você não consegue comprar nem uma garrafa de gim”. Eles têm uma desconfiança quase mórbida da burocracia americana e apelam para Johnny sempre que têm problemas com a polícia, com monitores de escolas, com assistentes sociais, com inspetores da saúde, com médicos, com proprietários de prédios; ele atua como intérprete e conselheiro. Eles demonstram uma fé enorme no talento de Johnny para lidar com *gajos*. Johnny discursa com fervor e comanda casamentos, velórios e festas. “Sou o mestre de cerimônias em qualquer situação”, diz ele. “Esse é o papel principal de um rei cigano. Vou te contar uma coisa, dá trabalho, porque os ciganos levam suas festas a sério. Se você pegar o cigano médio, a coisa que ele mais quer da vida é uma grande festa em sua homenagem, com todo mundo bêbado. A maioria das nossas festas não é grande coisa. Elas são só *diwanos*, o que nós chamamos de reuniões de conversa. Ou seja, a gente arranja um lugar pra conversar. Eu controlo a conversa. Uma *diwano* é um evento de barriga vazia. Outros tipos são melhores, como as *pomanas*, quando a gente come e enche a cara em homenagem a alguém que morreu, e as *slavas*, quando a gente come e enche a cara por causa do aniversário de alguém, e as *patchivs*, quando a gente come e enche a cara porque não tem nada melhor pra fazer. Às vezes a gente aluga um salão na Suffolk Street pra festas grandes, mas pra todas as outras, qualquer casa serve. Acho que é por isso que alguns proprietários não vão com a nossa cara. Se você quiser ver o que é fazer barulho, basta reunir um grupo de ciganos e entupir todo mundo de vinho.”

Sempre que um dos seus morre, Johnny vai de casa em casa para pegar contribuições. Ele contrata o agente funerário e organiza o funeral com o padre Alexander Chechila, da Igreja de São Pedro e São Paulo, uma igreja católica ortodoxa russa, pequena e pobre, na 7th Street, entre a 1st Avenue e a Avenue A. É a igreja matriz de todos os ciganos russos no Leste, e é usada por aqueles de outras nacionalidades; em 1941, o padre Alexander rezou em trinta funerais ciganos. “Mr. Chechila é o único padre que não fica nervoso perto de ciganos”, diz Johnny. “Em outras igrejas, o padre fica alterado quando aparece um cigano. Ele tem medo que o cigano roube o sino lá de cima do campanário. A maioria dos padres não quer chegar perto de um funeral cigano. Mas com Mr. Chechila não existe esse tipo de problema. Ele diz umas palavras na igreja, depois entra num dos nossos carros velhos e sujos e vai até Jersey e fala mais umas palavras no cemitério. Todos os ciganos de Nova York

são enterrados num cemitério de Linden, em Nova Jersey. É mais barato. A gente enterrava em Paterson, mas Paterson acabou ficando muito caro. Num funeral cigano, todo mundo enche a cara de vinho e fica se lamentando, aos prantos. Às vezes Mr. Chechila parece se irritar com isso. Acho que ele é maltratado pela gente. A não ser na Páscoa e nos funerais, a gente nunca vai à igreja. A gente não é muito religioso. Um tempo atrás, ele me falou pra eu fazer meu povo ir à igreja e eu disse pra ele: 'Mr. Chechila, por favor me desculpe, não quero faltar com o respeito, mas o único tipo de cigano que precisa de uma reza é um cigano morto'."

Os ciganos de Johnny brigam muito entre si e com frequência ele tem de negociar as tréguas. Se um conflito é sério, ele faz um *kris* romani, ou julgamento cigano, em sua casa; os dois lados, com suas respectivas testemunhas, têm o direito de falar pelo tempo que quiserem, desde que não entediem Johnny, que atua como juiz. Durante esses julgamentos, todos bebem vinho e invariavelmente acabam fazendo discursos de bêbado. "O problema na origem de cada julgamento cigano é sempre uma mulher ou cinco dólares", diz Johnny. "Nunca ouvi um cigano falar que alguém estava devendo três dólares pra ele ou dezoito dólares. São sempre cinco. Eles me enchem o saco com essa lenga-lenga de cinco dólares." Quando um dos ciganos de Johnny, seja homem, mulher ou criança, não aparece para a janta, eles dão como certo que ele ou ela está na cadeia. Nesses casos, Johnny põe seu chapéu preto, pega sua bengala com empunhadura de cobre e vai até a delegacia de polícia para conversar com o detetive Sheehan. Se o cigano perdido estiver preso, Johnny descobre qual é a acusação e o nome da cadeia; depois procede com cautela até conseguir um advogado. Johnny lida com esses casos melhor do que qualquer um de seus rivais porque sabe ler e escrever; ele afirma ser o único rei cigano dos Estados Unidos que sabe ler bem o suficiente para discar um número de telefone. Ele disse que, para combater o tédio da prisão, aprendeu a ler e a escrever com um companheiro de cela em Michigan, onde ficou preso por dois anos e meio, quando era jovem, por ter roubado um cavalo; ele nunca pisou numa sala de aula. "Sei ler o suficiente pra entender o carnaval das notícias na revista *Billboard* e sei escrever o suficiente pra preencher um cheque, e isso é muito mais do que o cigano médio sabe fazer", diz ele. "Já dizia minha vovó: 'Em terra de cego, quem tem um olho é rei'."

É raro Johnny receber algum dinheiro de seus súditos. A posição de rei dos ciganos não compensa pelo dinheiro, mas sim pelo prestígio. Ele é sustentado por sua esposa, Mrs. Looba Johnny Nikanov, que é uma das melhores *dukkerers* da cidade.

Looba é alta, magra, circunspecta e com olhos tristes; de perfil, ela é igual à velha indígena na moeda de cinco centavos. Ela dorme no pôr do sol e não acorda antes das dez da manhã, mas está o tempo todo bocejando, se espreguiçando e resmungando. Looba fuma um cachimbo. Ela é extremamente irritável. Johnny diz que é raro ela chamá-lo pelo nome; em vez disso, falando em romani, ela o chama de mordida de rato, de sapo doente, de enguia com barriga azul, de ovo com gema preta, de bode, de morcego, de meganha, de *gajo* e de várias outras coisas repugnantes. Ele não se importa. "Se uma cigana não passa metade do seu tempo reclamando, tem alguma coisa errada", diz. "Reclamar é o passatempo delas." Johnny e Looba vivem num predinho de tijolos vermelhos na Sheriff Street, entre a Rivington e a Delancey, pagando quatorze dólares mensais por dois cômodos pequenos e uma cozinha. Eles têm uma sala de estar. Assim como todos os ciganos de sua geração, eles dormem no chão entre duas colchas grossas de pena de ganso, chamadas de *perrinas*. Muitos ciganos mais jovens, nascidos na cidade, se acostumaram a dormir em camas, mas os antigos, que passaram a juventude em tendas, preferem o chão. "Uma cama não é natural pra mim", diz Johnny. "Eu me sinto um idiota." Durante o dia, as *perrinas* ficam enroladas num canto, e Johnny usa o quarto como seu quartel-general. É um cômodo parcamente mobiliado. Nele, há um velho baú de madeira, um sofá de vime com assento largo e uma mesa, sobre a qual estão um castiçal de cobre e um rádio. O castiçal está sempre cercado por um monte de gotas de cera. O apartamento tem instalação de luz elétrica, é claro, e Johnny possui uma luminária. No entanto, ele raramente a usa. Ele acha que uma vela produz iluminação suficiente, mesmo para um *kris* ou uma *patchiv*. Não existem cadeiras. Encostada à porta, há uma estátua. As paredes são forradas por cobertores, tapetes e uma tela grande com um gráfico frenológico – o desenho tosco de uma cabeça humana dividida em seções – que Looba usava nas tendas em que lia a sorte. Presas às extremidades do gráfico, há várias fotografias de cavalos de corrida arrancadas de jornais. Um cobertor sujo está pendurado sobre a porta. Os ciganos se esforçam para fazer com que seus apartamentos se pareçam com o interior de uma tenda.

Na maioria das tardes, o quarto de Johnny fica cheio de súditos, que se agacham ao longo da parede, apoiados nos calcanhares. Johnny se reclina, descalço e tranquilo, no sofá de vime. Deitado nele, meio dormindo, ele fofoca, ouve rádio e bebe mata-rato e chá. Ele bebe chá à moda russa, num copo. A sala de estar é de uso exclusivo de Looba; ela a chama de *ofisa*, ou escritório. De frente para a Sheriff

Street, ela fica sentada diante da janela com o colo cheio de costuras e acena para os passantes que parecem otários o bastante para se interessar por uma vidente. Ela superestima demais a inteligência humana; acena só para duas pessoas em cada dez. Muitos *dukkerers* falam de si como egípcios, sem dúvida achando que isso os cerca de mistério. O costume tem origem na crença, muito difundida no passado, de que ciganos vieram do Egito; antropólogos hoje têm certeza de que eles vieram do norte da Índia há cerca de mil anos. O nome profissional de Looba é Madame Johnson e ela mandou fazer cartões com a inscrição: "Madame Johnson. Egípcia de verdade do Egito. Sua mente é um livro aberto para mim. Se você enfrenta problemas de amor ou de dinheiro, fale comigo". Ela foi presa nove vezes nos últimos cinco anos por causa do truque-da-carteira.

Como muitas ciganas, Looba é habilidosa com uma agulha. Ela costura as próprias roupas, usando tecidos de cores extravagantes, alguns ela rouba de lojas da 1st Avenue que vendem em ponta de estoque. A roupa dela, no inverno e no verão, consiste de um lenço de seda, uma blusa folgada e decotada, e quatro ou cinco saias, a mais nova por cima das outras. O lenço, chamado de *diklo*, significa que ela é casada; nenhuma cigana virgem o usaria. Ela também usa oito anéis, um par de brincos, dez pulseiras de cobre com o formato de cobras e lagartos, que Johnny fez para ela anos atrás, e um colar de moedas antigas de meia dúzia de países europeus diferentes. Clientes perguntam com frequência sobre o colar de moedas, e ela responde que ele vale onze mil e trezentos dólares, mas que faz por vinte e três dólares incluindo uma leitura de mão grátis. Ela nunca conseguiu vender. Looba usa sapatos de salto alto na rua, mas anda descalça dentro de casa. Ela não passa muito tempo na cozinha. Há sempre uma panela de cozido no fogão e ela e Johnny comem toda vez que sentem fome. Eles podem fazer cinco refeições num dia, ou nenhuma.

É costume de pais ciganos deixarem que seus filhos casados vivam com eles no mesmo apartamento, mas Johnny e Looba não deixam. "Pode parecer estranho", diz Johnny, "mas gosto de ter espaço suficiente pra me mexer". Eles têm quatro filhos e uma filha, todos casados. Os filhos, com suas famílias, vinte e duas pessoas ao todo, vivem no mesmo andar de um predinho podre na Cannon Street, a duas quadras do prédio de Johnny. Todos eles recebem ajuda intermitente da assistência social desde o início da Depressão. Em 1941, cada um dos filhos foi forçado por assistentes sociais a

assumir um trabalho pesado num dos projetos da WPA[85], mas os dois desmaiaram pouco depois de assumir o emprego. "Os homens ciganos não são como homens comuns", diz Johnny, solene. "Eles não foram feitos para o trabalho pesado. São temperamentais e explodem fácil. Os assistentes sociais não conseguem entender isso. Não é que eles não queiram pegar no pesado. Ora, eles deviam ficar felizes por conseguir trabalho, mas têm que pensar na saúde deles primeiro." Igor, o filho mais velho, foi contratado uma vez por um projeto de reforma das calçadas na região central. De acordo com Johnny, que se diverte com a história, Igor começou a gemer no instante em que segurou uma pá; depois de trabalhar por cerca de dez minutos, ele resmungou: "Não suporto isso", e desmaiou de um jeito que chegou a assustar o capataz, que teve de levá-lo de táxi para o Gouverneur Hospital. A filha, Mrs. Rosie Luke Stankovitch, é, assim como Looba, uma egípcia de verdade do Egito. Seu nome profissional é Madame Stanley. No inverno, ela mantém um *ofisa* na Halsted Street, em Chicago. No verão, ela cuida de uma tenda da sorte na exposição J. B. Jericho Kentucky Wonder, uma pequena feira sulista. Quando era pequena, Johnny a fez ir a uma escola pública na Rivington com a Pitt, e ela foi bem alfabetizada. Johnny tem orgulho dela. Ele recebe dela um cartão postal por mês e o carrega na carteira, e mostra para os amigos *gajos*. "Rosie é talvez a cigana mais inteligente dos Estados Unidos", diz ele. Um postal recente de Rosie foi enviado de Valdosta, na Geórgia, e dizia:

Querido Pai:

Este lugar é mesmo uma porcaria. Temos dinheiro só pra comer e olha lá. Pessoal esperto demais sabe tudo não confia em ciganos. Queria mesmo mandar um vale postal mas não tenho como fazer isso agora. Espero que os japas não joguem bombas na minha tenda. Se tiver que morrer com certeza espero que não seja em Valdosta, Geórgia. Fica bem. Beijo na mãe.
Rosie

Johnny perdeu boa parte do ânimo depois que entramos na guerra. A última vez que o visitei, ele estava profundamente deprimido. Quando puxei para o lado a cortina da porta e entrei no quarto, ele estava sozinho, sentado na beira do sofá, com

[85] Veja nota 58.

os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça apoiada nas mãos. Ele ergueu a cabeça um centímetro ou pouco mais e olhou para mim, e havia um desinteresse evidente em seus olhos. “Olá”, disse sem convicção. Ele estava descalço, tinha os olhos vermelhos e a barba por fazer. Tirei do pacote de papel a garrafa de gim que comprei de presente e súbito ele se pôs de pé. “Me dá isso aqui”, disse. Ele abriu a garrafa com impaciência, pegou um par de copos cheios de dedos que estavam sobre a mesa, e virou um tanto de gim em cada um deles. Bebeu o gim de seu copo com dois goles. Seu corpo estremeceu e ele trincou os dentes por um instante. “Primeiro drinque de hoje”, disse quando recuperou o fôlego. “Não é a bebida que dói. O que dói é ficar sem ela. A velha não me deu o dinheiro do gim hoje de manhã e a gente teve uma briga feia. Acabou comigo. Estou sentado aqui há duas, três horas, tentando reunir forças pra lutar mais um pouco.” Ele se afundou de volta no sofá, segurando a garrafa numa mão e o copo na outra. Eu me sentei no parapeito da janela.

“Estou triste”, disse Johnny, “triste de verdade”.

“Qual é o problema?”, perguntei.

“O mesmo problema que parece afetar todo mundo”, disse ele. “A guerra. Quando essa guerra acabar, não vai sobrar nenhum cigano viajante nos Estados Unidos. Talvez não sobre nenhum tipo de cigano. Muitos de nós ficaram presos em cidades por causa da Depressão e aquele negócio de racionar a gasolina colocou uma rolha na garrafa. As famílias das estradas, elas vão se desfazer de seus carros e voltar pros ônibus e pros trens. E não vai demorar muito pra que os vendedores de passagens não queiram mais vender passagens, e quando isso acontecer Nova York vai ficar infestada de ciganos. Nas outras cidades em que a polícia é meio decente com a gente, vai acontecer a mesma coisa – cidades como Filadélfia, Baltimore, Paterson, Chicago, Nova Orleans, Cidade do México, Los Angeles e San Francisco. Quando uma guerra atinge o mundo, a coisa mais sensata que um cigano pode fazer é se trancar no primeiro buraco que encontrar. E esperar que tudo acabe bem. O que me incomoda é que muitos dos nossos funileiros fariam um belo trabalho nos estaleiros, mas ninguém dá uma chance pra eles. Quatro dos funileiros do meu pessoal foram levados por um empreiteiro a serviço de um Estaleiro da Marinha no Brooklyn, mas por volta do meio-dia o capataz descobriu que eles não eram gregos, como tinha pensado, mas ciganos, e demitiu todo mundo. Ele tinha medo que roubassem as ferramentas.”

Johnny suspirou e virou mais um tanto de gim no copo. “As coisas estão cada vez piores pros ciganos desde que os automóveis entraram no mercado”, disse.

"Quando eu era piá, os Estados Unidos eram o paraíso dos ciganos. Todo mundo era ignorante e acreditava no que a gente dizia. Era tão fácil pegar o dinheiro das pessoas que só faltava elas darem pra você. E cavalos pra trocar. E todas as mulheres tinham umas panelas com buracos e, se elas não tinham como pagar pelos serviços de funileiro, ora, uma dúzia de ovos frescos resolvia o problema. E nossas carroças eram vermelhas e amarelas, e tínhamos sinos nos arreios, e não existiam policiais de motocicleta, e você podia acampar em qualquer lugar. Nem se ouvia falar de propriedade particular. Hoje, se ciganos tentam montar um acampamento no meio de algum deserto a duzentos quilômetros de lugar nenhum, quando eles estivessem organizados pra passar a noite, um velho fazendeiro com uma espingarda viria correndo e diria: 'Propriedade particular. Caiam fora da minha propriedade ou eu acabo com a raça de vocês'. O país inteiro está infestado de propriedades particulares. Fico surpreso de ver um fazendeiro deixar os aviões voarem por cima da porcaria da sua propriedade particular.

"Mas quando eu era pequeno, qualquer lugar servia. O ar era limpo, nada de automóveis fedidos por perto, e a gente acampava debaixo da sombra de algumas árvores verdes perto de um riacho com água limpa. E a gente colocava os cavalos em cabrestos longos e deixava comerem à vontade. E a gente pescava e fritava o peixe na mesma hora que tirava do anzol. E a lenha era de graça. E toda família tinha um violino – ou pelo menos um violão – e você não precisava encher a cara pra querer dançar. E as crianças corriam por aí sem nenhuma roupa. E as garotas e as mulheres iam até o riacho pra tomar banho, e você conseguia ouvir as risadas porque elas estavam se divertindo. E os cachorros ciganos amarelos que nem existem mais, eles deitavam debaixo das carroças e coçavam as pulgas. Esses cachorros *gajos* que você vê em Nova York, que as mulheres só faltam dar de mamar, eu odeio esses cachorros. Quando eles latem, au-au, eles nem parecem bravos. Eles parecem doentes. Um cachorro cigano amarelo, mesmo um filhotinho, quando late, parece um urso velho. E as mulheres se espalhavam pra fazer *dukker* em todas as fazendas a milhas umas das outras, e na volta, depois do pôr do sol, elas pegavam uma galinha aqui e um repolho ali, e se encontrassem alguma roupa no varal, pegavam umas camisas e uns vestidos. Elas nunca se incomodaram com casacos. A gente não usava casaco. Quando eu penso em todas as braçadas de espigas de milho assadas que a gente roubava, e nos melões, e de vez em quando um porquinho, nossa, sinto uma dor no coração só de

pensar nisso. Quando eu era menino, a gente quase sempre tinha comida suficiente. Não existia nenhum cigano magro."

Johnny foi interrompido por uma de suas noras, uma cigana alta, confiante, que entrou no quarto a passos largos, saltos estalando no chão, cabeça erguida. Ela foi até o baú de Johnny, abriu a tampa e pegou alguns exemplares da *Velha Cigana Nan*. Johnny mantém um acervo à mão e vende para as mulheres de sua família. "Peguei seis", disse a garota, fechando a tampa do baú com um baque. Ela ofereceu uma nota de cinco dólares para Johnny e ele resmungou com raiva. "Não me encha o saco", disse ele. "Vá atrás de trocado e me traga sessenta centavos." Ela caminhou determinada para fora do quarto e Johnny a acompanhou com os olhos.

"Sem nenhuma ofensa", disse depois que a garota tinha saído, "mas as ciganas dão de dez nas mulheres civilizadas. Elas têm um jeito elástico de caminhar. Sem espartilho, sem modelador, sem sutiã, nenhuma dessas invenções dos *gajos* pesando sobre elas. Quando você olha pra uma cigana, você não está olhando pra um espartilho, está olhando pra uma mulher. Aposto que muitas mulheres *gajas* carregam mais arreios do que um cavalo de carga."

Johnny continuou lidando com o gim. De tempos em tempos, entornava uma dose e estremecia.

"Sim, senhor", disse, "no passado os ciganos tinham uma vida boa. Mas lá pela época em que eu me tornei um homem adulto, sei lá quando foi isso, a coisa toda foi pro buraco. Os automóveis tomaram conta de tudo. Não existiam mais cavalos pra trocar. Daí veio o alumínio e as panelas baratas de cozinha. O alumínio foi um golpe duro nos ciganos, mas quando começaram a vender panelas em lojas populares, na mesma hora deviam ter feito um funeral pros ciganos. As mulheres não precisavam mais de nenhum serviço de funileiro; se uma panela furava, mas que diabo, joga fora e compra outra novinha lá na loja. Além disso, tendo só os cavalos pra alimentar, você conseguia viajar com pouco dinheiro. Mas, quando começamos a usar carros, era preciso ter dinheiro pra gasolina e pros pneus. Então a gente foi atrás de empregos grandes. A gente se deu bem por um tempo. As pessoas em geral não sabem disso, mas ciganos sabem fazer uns trabalhos difíceis de funilaria. Lá em 1921, era outono ou inverno, eu e mais seis pessoas da minha família estávamos viajando com um monte de ciganos funileiros, pessoal do velho Rei Steve Kaslov, e a gente fez dezesseis mil dólares de serviços com cobre e estanho pra Arlington Têxtil, em Lawrence, Massachusetts. Pouco tempo depois, fizemos dez mil dólares com a

Waltham Serviços de Branqueamento e Tingimento em Waltham, Massachusetts. Tonéis de tingimento e latas de secagem, esse tipo de coisa. Em Paterson, Nova Jersey, eles faziam uns serviços grandes de tingimento e a gente lidava com uns serviços grandes de funilaria. A gente pegava o trabalho na fábrica e levava pro nosso acampamento no mato. A gente deixava moedas de ouro como garantia de que ia trazer de volta o serviço pronto. A gente trabalhava junto no meio do bosque como se fosse um monte de abelhas, usando o velho segredo do funileiro cigano que foi passado por gerações. A gente consegue modelar uma manga de tubo tão bem que ela encaixa como uma luva, e isso usando só os dedos para tirar a medida. Um funileiro *gajo* com um maquinário completo não consegue fazer melhor. Daí veio a Depressão e os caras dos sindicatos começaram a pegar todos os serviços com cobre. Em 1930, a gente fez um serviço grande pra uma fábrica têxtil em Worcester, Massachusetts. Depois disso, os caras dos sindicatos ficaram com tudo. A gente ficou sem nada."

Johnny descansou a cabeça nas mãos e ficou olhando para o chão por um minuto ou dois. "Bom, a gente ainda tem nosso ouro", disse depois de um tempo. "É difícil fazer as pessoas acreditarem nisso hoje em dia, mas as ciganas andavam carregadas de ouro. Elas eram os nossos bancos. Em 1933, eu e Looba tínhamos seis mil dólares em moedas de ouro e ela carregava quase tudo costurado nas saias. E, comparados com outros ciganos, nós éramos pobres. O que aconteceu? O presidente Roosevelt. Se ele não tivesse feito todo mundo entregar o ouro, eu jamais diria qualquer coisa contra ele. Nós, os ciganos, a gente tinha moedas de ouro de quase todos os países do mundo. Algumas eram carregadas por nós há séculos. A gente trocava todo o nosso dinheiro por ouro. E a polícia veio até os acampamentos e fez a gente levar tudo pros bancos. Ordens de Washington, D.C. E os bancos em troca nos deram dinheiro de papel. De que adianta ter dinheiro de papel? Ele é que nem vinho em casamento: acaba rápido. Todos nós compramos carros novos. E quem é que quer ter um Ford? Muito melhor um Packard. Me dá dois, um pra mãe e um pro pai, andando por aí com estilo, fón-fón! E por volta dessa mesma época, não sei por quê, mas o país inteiro se virou contra os ciganos. Uns policiais de motocicleta perseguiam a gente até uma fronteira estadual e daí vinham outros policiais e perseguiam a gente até outra fronteira estadual. Depois a gente já não sabia mais onde diabos a gente estava. A gente teve que evitar áreas inteiras do país pra não acabar no xilindró. Até nas feiras as pessoas ficaram contra nós. Era costume, antes da Depressão, as feiras e os circos pequenos colocarem anúncios na revista *Billboard*, listando as atrações nos

meses de primavera. E todos eles traziam a tenda da sorte dos ciganos dividindo o espaço do anúncio com a feira, meio a meio. E os parques de diversão e as praias em toda a costa do Atlântico anunciavam os ciganos. Hoje em dia, você vê os anúncios das feiras na *Billboard* e eles dizem: 'Sem ciganos'. Ou dizem: 'Apenas quiromancia americana'. Mulheres *gajas* fazendo *dukker* pras feiras. Chegou a esse ponto!

"Assim a gente começou a vir pra Nova York, Chicago, cidades grandes com guetos onde se pode viver. E com aluguel pra pagar. Se existe uma coisa que um cigano odeia é pagar aluguel. Era mais fácil quando a gente era saudável. Mas agora os bebês sofrem de raquitismo e os velhos sofrem com coceiras. E gripes e tuberculose. E assim que os bebês param de mamar, eles começam a comer cachorro-quente. E o aquecimento a vapor é paralisante. Está acabando com a gente. Demora o verão inteiro pra gente superar o aquecimento. Ele faz o cabelo cair. A gente fica com tudo inchado. Uma mulher cigana, por exemplo, na estrada, ela tinha um filho por ano. Deixe ela passar um inverno inteiro numa casa com aquecimento a vapor e ela para de ter filhos. E os assistentes sociais, sempre perguntando onde é que foi que você nasceu. Ora, como é que um cigano vai saber uma coisa dessa? Você nasce numa tenda na beira da estrada num lugar qualquer e, uma semana depois, você está em outro estado e ninguém tem tempo de ficar prestando atenção no lugar onde você nasceu. Quem se importa? E certidões de nascimento! Ora, a gente nunca tinha ouvido falar de certidão de nascimento até precisar da assistência social. Não faço a menor ideia de onde eu nasci. A única coisa que eu sei é que foi em algum lugar dos Estados Unidos. Estou vivo, não é? Então eu devo ter nascido."

Johnny entrou numa espécie de delírio. Ele ficou de pé e disse mais algumas coisas para mim, e começou a gaguejar e parou de falar, e eu podia ver que o gim estava fazendo efeito. Foi quando a jovem cigana alta e confiante voltou ao quarto, trazendo o dinheiro dos livros que tinha pegado. Ela parou ao lado dele e tentou dar umas moedas, mas ele a ignorou.

"E deixa eu te contar uma coisa", disse ele, por fim, gesticulando a mão. "Mal posso esperar pela explosão."

"Que explosão?", perguntei.

"A explosão do mundo inteiro, é dessa explosão que eu estou falando", disse Johnny. "Está para acontecer a qualquer momento, pode perguntar pros ciganos, e por mim pode explodir sem problema."

"Não diga uma coisa dessas", eu disse.

"Se dependesse de mim", continuou Johnny, ignorando meu comentário, "eu com certeza resolveria os problemas. A primeira coisa que eu faria era libertar todo mundo de todos os manicômios do mundo inteiro. Eu deixava os loucos tomarem conta. Eu procurava o cara mais louco de todos e dizia pra ele: 'O senhor tem alguma ideia de como governar o mundo?'. E ele me dizia: 'Ô, se tenho!'. 'O.k., parceiro', eu dizia pra ele, 'pode assumir'. E se os caras mais loucos não conseguissem resolver os problemas, eu chamava os ciganos. Deixava os ciganos tomarem conta de tudo."

A jovem cigana deu uma risadinha e fez o que acho que foi uma boa observação. "Ai ai ai!", disse ela.

(1942)

As mulheres ciganas

No começo dos anos trinta, trabalhei à noite cobrindo notícias policiais para um jornal, e com frequência comia num restaurante chamado Grotta Azzurra, a uma quadra de distância, na esquina sudeste da Broome com a Mulberry, e que fica aberto até as duas. Ainda vou lá de vez em quando. A Grotta Azzurra é um restaurante italiano clássico no centro de Nova York: é um empreendimento familiar no porão de um prédio com degraus de mármore, exibe amostras de todos os tipos de *pasta* que serve numa fileira de tigelas sobre uma mesa, dá para ver a cozinha por uma abertura em forma de arco, e as paredes são pintadas com cenas da baía de Nápoles. Entre suas especialidades, há um robalo cozido no molho de ostra e com ostras, mexilhões, camarão e lula; pode ser possível encontrar um prato com peixe e mariscos melhor que esse num dos grandes restaurantes do mundo, mas eu duvido. Num domingo recente, jantei tarde no Grotta Azzurra e depois fiquei conversando por um tempo com dois dos garçons numa mesa nos fundos do salão. Conversamos sobre os problemas no Departamento de Polícia sob a chefia do comissário Adams; um número considerável de policiais come no Grotta Azzurra e os garçons se interessam pelos bastidores da polícia. Fui embora por volta da meia-noite e caminhei pela Broome no sentido oeste, na direção do metrô. Na esquina nordeste da Broome com a Cleveland Place, bem na frente do quartel-general da polícia, há um prédio de tijolos à vista com oito andares que é chamado de anexo do quartel-general da polícia. É um prédio velho e sujo que funcionou como fábrica de doces no passado. Ele abriga o esquadrão de narcóticos, o esquadrão de roubos e estelionatos, o escritório que procura pessoas desaparecidas, o escritório de informações criminais e vários outros esquadrões e escritórios especializados. Eu estava no meio do bloco quando um homem de meia-idade carregando uma valise saiu do anexo e atravessou a rua e, quando passou debaixo da lâmpada de um poste, vi que era um detetive que eu conhecia bem, chamado Daniel J. Campion. Fiquei surpreso de vê-lo sair do anexo àquela hora, ainda mais num domingo, porque meses atrás eu tinha ouvido falar no Grotta Azzurra que ele tinha se aposentado como policial recebendo uma pensão de três mil e quinhentos dólares por ano e tinha ido trabalhar para a Pinkerton, uma agência grande de detetives particulares. Ele era capitão quando se aposentou e comandava o esquadrão responsável pelos batedores de carteira. Campion fez parte

desse esquadrão por mais de vinte e cinco anos e foi considerado por muito tempo a maior autoridade dos Estados Unidos em ladrões, estelionatários e vigaristas. Era também o especialista em ciganos da polícia. Sua curiosidade pelos ciganos surgiu quando ainda era um jovem patrulheiro, depois de ter prendido seu primeiro cigano numa batida e, ao longo dos anos, ele passou boa parte de seu tempo perseguindo ciganos e conversando com eles, não apenas em Nova York, mas em todas as cidades do país que visitou a trabalho. Ele os perseguia no seu horário de trabalho e também no seu tempo livre, e sempre anotava as informações que conseguia. Fez essas anotações em blocos amarelos de papel rascunho que guardava em pastas de arquivos. Nas abas de cada arquivo, colava etiquetas com detalhes como "Dados sobre fazer, praticar ou tirar um *bajour*, um jogo de azar cigano (também pronunciado como *bahjo*, *boojoo* e *boorjo*)", "Dados sobre as técnicas individuais de Bronka, Saveta, Matrona, Lizaveta, Zorka, Looba, Kaisha, Linka, Dunya e de outras mulheres *bajour* dos bandos ciganos que frequentam Nova York", e "Dados sobre as diferentes grafias dos nomes próprios ciganos e dos nomes de família como aparecem nos túmulos de ciganos em dois cemitérios de Nova Jersey". Conheci o capitão Campion enquanto cobria as notícias policiais. Mais tarde, no fim dos anos trinta e até meados dos anos quarenta, adquiri o costume de passar em seu escritório no anexo sempre que visitava o quartel-general e tinha tempo livre. Se também tivesse tempo livre, ele me mandava comprar um café e a gente ficava sentado à sua mesa para conversar, quase sempre sobre ciganos. Se estava ocupado, deixava eu pegar seus arquivos e levar para uma mesa na antessala onde podia analisá-los e ler suas últimas anotações. Nos últimos anos, tenho falado pouco com ele. Chamei o capitão Campion, que me viu, e corri cumprimentá-lo.

"Aposto que sei onde você estava", disse enquanto apertava minha mão. "No Grotta Azzurra, comendo robalo."

"Sim", eu disse, "e não sei se posso perguntar, mas o que é que o senhor está fazendo aqui a essa hora e, ainda por cima, num domingo à noite? Ouvi falar que o senhor tinha saído da polícia e que está trabalhando na agência Pinkerton."

"Estava resolvendo uns negócios pendentes", disse. "Uns seis meses antes de eu me aposentar, alguém no quartel-general falou comigo sobre dois detetives jovens em esquadrões da delegacia que levavam jeito para trabalhar com ladrões e estelionatários. Eu tinha trinta e três detetives no esquadrão naquela época, dezessete homens e dezesseis mulheres, mas dois dos meus melhores homens estavam prestes a

ser transferidos para a narcóticos por causa das habilidades que tinham. Então fui dar uma olhada nesses dois detetives, fiquei impressionado com eles e perguntei se queriam trabalhar com ladrões e estelionatários. De início, não se mostraram muito interessados, mas, depois que expliquei em detalhes como funcionava o esquadrão, eles ficaram interessados. Então pedi a transferência dos dois. Bom, essas coisas demoram uma eternidade. Meses se passaram. E eu acabei recebendo uma oferta para trabalhar como detetive particular. Eu não tinha planos de me aposentar da polícia, mas a proposta era boa, e decidi aceitar. Veja como são as coisas. Na manhã do meu último dia, veio uma notificação dizendo que a transferência dos dois detetives jovens tinha sido aprovada. Em seguida, entrei em contato com eles e expliquei a situação – que eu não estaria lá para recebê-los –, mas disse que ligaria para eles assim que me organizasse no meu novo emprego, que a gente poderia se encontrar e conversar sobre tudo que eu sei a respeito de ladrões, estelionatários e vigaristas. Passar para eles um pouco da minha experiência. Senti que tinha a obrigação moral de fazer dessa forma. Telefonei para eles dias atrás e perguntei se ainda queriam conversar comigo e disseram que sim, então combinamos de nos encontrar no escritório do esquadrão no domingo à noite – um horário mais tranquilo, quase sem ninguém. E é por isso que estou aqui agora. Conversei com eles por quatro horas, falei e respondi às perguntas, e mal deu tempo de começar a contar o que sei, então decidimos nos encontrar mais dois ou três domingos à noite. Agora, pensei em dar um pulo no quartel-general e dar um alô para o tenente do balcão principal e saber das novidades desde que me aposentei. Venha, vamos comigo até a entrada dos fundos."

Viramos na Centre Market Place, uma rua estreita, sinistra e bem iluminada, com uma quadra de extensão, que passa pelos fundos do quartel-general da polícia.

"Como vão os ciganos?", perguntei. "Você ainda fala com eles?"

"Estava esperando você me perguntar isso", disse o capitão Campion. "Claro que falo. Na noite passada, fui de carro até o Brooklyn e conversei com uma velha rainha *bajour* da Costa Oeste chamada Paraskiva Miller. Ela é uma Machvanka – uma integrante do sexo feminino da tribo Machwaya de ciganos sérvios – e tem setenta e cinco anos. Ela chama a si mesma de Madame Miller. Vem lendo a sorte e praticando *bajour* desde 1898, 1899 ou 1900, por volta dessa época, principalmente na Califórnia, e tenho certeza de que é uma das ciganas mais ricas do país. Segundo as fofocas contadas pelos ciganos, ela acredita que não vai demorar para o dinheiro perder valor, é algo que viu num sonho, e ela investe em diamantes que guarda

costurados nas suas saias e anáguas; qualquer dia desses, vai chegar um cigano de outra tribo e arrancar toda a roupa dela. A primeira vez que ouvi falar dela foi em San Francisco, no verão de 1945. O Departamento de Polícia de Nova York e os departamentos de polícia de várias outras cidades do país fizeram um acordo de intercâmbio de policiais para certas ocasiões, e fui enviado para San Francisco naquele verão. Estava acontecendo uma conferência internacional organizada pelas Nações Unidas e a cidade estava cheia, e eu devia prestar atenção em criminosos do Leste. Quando sobrou um tempo para mim, fui dar uma olhada nos ciganos da região. Naquela época, Paraskiva tinha um *ofisa* com uma de suas filhas em San Francisco – um espaço dentro de um armazém em que as duas liam a sorte – e tentei várias vezes falar com ela, mas a filha sempre me recebia e dizia que Madame Miller não estava, isso significa que ela estava sentada bem atrás da cortina, tinha dado uma olhada em mim e não foi com minha cara. Fiquei sabendo pouco tempo atrás que ela veio para o Leste visitar uma de suas netas, Sabinka Uwanawich, que tem um *ofisa* na Atlantic Avenue, no Brooklyn. Conheço Sabinka muito bem; ela foi presa por mim acho que umas cinco vezes. Uma noite dessas, fui até seu *ofisa*. Quando entrei, Sabinka começou a gritar e a me xingar do jeito típico das ciganas – dizendo que eu era um rato, que era um rato fedorento, que ela queria arrancar minhas tripas pelas orelhas, coisas desse tipo –, mas ela sabia que eu tinha largado a polícia e estava curiosa para ver o que eu queria, e quando disse que só queria fazer umas perguntas para sua avó sobre os ciganos da velha guarda na Costa Oeste, ela se acalmou e me levou para os fundos. Paraskiva é uma dessas ciganas robustas, morenas, com dente de ouro, olhos grandes e cara de hindu. Era do tipo saltitante. Vejo mulheres como ela o tempo todo entre as ciganas da Sérvia; o peso delas se concentra na parte de cima – elas são peitudas –, mas têm postura ereta e andam rápido, dando uns saltinhos. Apesar da idade e do peso, ela usava sapatos de salto alto, batom e ruge. Ela não estava bem. Estava com uma tosse, uma tosse persistente, e me contou que teve tuberculose anos antes e tinha medo de que a doença tivesse voltado, mas ela conversou comigo por uma hora ou mais e me deu informações que eu não conseguiria em nenhum outro lugar. Ela não me disse muito, mas o que disse casou com aquilo que eu já sabia."

Um dos lados do Centre Market Place tem uma fileira de predinhos de tijolos vermelhos com andares térreos ocupados por vendedores de armas, alfaiates da polícia e lojas de equipamentos policiais. Um gato velho, preto e obeso estava sentado na vitrine de uma das lojas, no meio de um expositor de cartucheiras. "Ele é o maior

gato de todas as lojas da região", disse o capitão Campion. "Sempre paro para dar uma olhada nesse gato nas noites que passo por aqui. Uma vez, vi o gato caçar e comer um rato." Paramos diante da vitrine. Enquanto o capitão Campion continuava a falar, eu e ele vimos o gato, e o gato tinha os olhos fixos na gente e balançava a cauda devagar.

"Lembra do que eu dizia: quanto mais estudava os ciganos, menos sabia sobre eles?", disse o capitão Campion. "Bom, mudei de ideia. Depois de todos esses anos, acredito mesmo que hoje sei bastante sobre várias questões ciganas. Para falar a verdade, descobri mais sobre certos aspectos da vida cigana nos últimos anos do que em toda a minha carreira. Para começar, havia uma quantidade incomum de informantes. Durante 1951, 1952 e 1953, as mulheres *bajour* de três dos quatro bandos que andavam pela cidade tiveram uma maré de sorte praticando *bajour* em pessoas com problemas mentais. Um percentual grande das mulheres que buscam a ajuda das ciganas são desequilibradas em alguma medida, e as ciganas morreriam de fome se essas mulheres fossem diferentes, mas agora estou falando de doenças graves, problemas mentais avançados – mulheres que deveriam estar internadas ou que já foram internadas e não deveriam ter sido liberadas. Como regra, os ciganos desconfiam de casos assim. Quando as mulheres estão mal desse jeito, ao contrário do que se pensa, elas são bem mais difíceis de enrolar. Algumas são bem mais desconfiadas do que o normal, e desconfiam de tudo e de todos, e algumas delas têm a cabeça nas nuvens e não gravam coisa nenhuma, e as ciganas podem trabalhar com elas numa semana e ter que recomeçar do zero na semana seguinte, e algumas estão tão alteradas que são capazes de ter um surto, de arranhar, gritar e pular a qualquer instante, criando confusão e chamando atenção da vizinhança inteira para o *ofisa*. E as melhores ciganas, quando tentam descobrir se a mulher tem algum dinheiro guardado e ela diz que tem, pode ser verdade e pode ser um delírio. Ainda assim, por volta de 1951, as mulheres *bajour* nos bandos de que eu estou falando ficaram muito boas em lidar com problemas mentais graves das clientes e começaram a se concentrar nelas. Elas aprenderam a detectar quais podem ser enroladas, a prever possíveis problemas, acalmar as mulheres quando for preciso, conversar com elas e plantar ideias em suas cabeças.

"Uma de suas vítimas foi uma viúva italiana de cinquenta e quatro anos, que tinha perdido o marido há dois anos. Ela e o genro cuidavam de uma padaria que o marido tinha deixado, uma padaria pequena numa região do Lower East Side. Ela

mudou muito desde que tinha perdido o marido – passava dias trancada no quarto, debaixo das cobertas, sem falar com ninguém, e a única vez que saiu de casa foi para ir até a igreja. Uma dupla de mulheres *bajour* abriu um *ofisa* num velho armazém da região e, um dia, essa italiana estava a caminho da igreja e as ciganas a abordaram, falaram com ela e disseram que dava para ver que algo não ia bem, e por que ela não entrava para conversar, talvez elas pudessem ajudar. A viúva visitou as ciganas várias vezes e as ciganas conseguiram arrancar dela a informação de que tinha um total de dezessete mil e seiscentos dólares em dois bancos, e elas colocaram na cabeça da italiana que esse dinheiro era amaldiçoado e que esse dinheiro estava fazendo fazendo mal para ela. Assim a viúva foi aos bancos numa manhã e sacou todo o dinheiro, cada centavo, e levou para o *ofisa* e pediu para as ciganas tirarem a maldição. Elas disseram para a italiana deixar o dinheiro porque elas trabalhariam nele a noite inteira, fazendo o melhor que podiam. Ela voltou para o *ofisa* na manhã seguinte e é claro que o *ofisa* estava vazio e as ciganas tinham desaparecido, e a reação dela foi voltar para casa e não falar nada. Isso foi no fim de outubro. Quatro meses se passaram até que um dia, no começo de março, o genro estava fazendo a declaração de imposto de renda para ela, que naquele dia estava deitada na cama se recusando a falar, e pegou os extratos bancários de uma gaveta no escritório para conferir os valores que deveria declarar e os extratos diziam 'conta encerrada', com o carimbo que os bancos usam quando fecham contas, e ele ficou chocado e tirou a sogra da cama e fez a mulher explicar para toda a família o que tinha acontecido. E quando ela finalmente explicou, o genro a levou para a delegacia de polícia e os detetives encaminharam os dois para falar comigo no anexo, e eu fiz o que sempre fazia – peguei o arquivo com fotografias das mulheres *bajour* e comecei a mostrar para ela. Ela olhou meio que de relance para a primeira foto e viu que era uma cigana, daí ela se inclinou para frente, apoiou a cabeça nas mãos e se recusou a olhar as outras. Ela não respondia nenhuma pergunta e não reagia de jeito nenhum. Pedi para o genro me acompanhar até o corredor e recomendei que ele a levasse para um psiquiatra, e ele disse que a levaria. E alguns dias depois, ele me telefonou contando que o psiquiatra disse que ela estava sofrendo de melancolia involutiva[86] em estágio avançado.

"Outra vítima foi uma loira de quarenta e dois anos, de uma família proeminente do Brooklyn. Ela teve três maridos, todos bem de vida, e passou por três

[86] Também chamada de depressão pós-menopausa.

divórcios, e tem uma filha do primeiro casamento, que está sob a guarda do pai; ela não tem permissão nem para visitar a menina. Ela tem uma pequena renda de algum tipo e vive sozinha. Tem problemas com bebida e se envolve com homens que batem nela, mas o problema de verdade é que ela tem esquizofrenia e sofre alucinações auditivas. Ela fica bem por um ano, um ano e meio, às vezes mais, e depois desse período começa a ouvir vozes e fica vagando pelas ruas, grita, resmunga e entra na frente dos carros, tentando se livrar das vozes, e acaba internada na ala psiquiátrica do Kings County Hospital; é sempre assim. Ela passou três ou quatro noites num *ofisa* em algum armazém da Flatbush Avenue Extension, falando dos seus problemas para as ciganas, que eram simpáticas e conseguiram arrancar doze mil dólares dela – doze mil, trezentos e cinquenta dólares, para ser exato. Esse valor foi parte do acordo num dos divórcios e, por alguma razão que só ela sabe, esse dinheiro era mantido em espécie, guardado dentro de um cofre.

"As ciganas fizeram furtos quase tão grandes quanto esse, furtos de dois mil dólares, de mil dólares, de quinhentos, de duzentos e cinquenta, e outros que eram rotina nessa faixa de valor. Os homens nesses bandos começaram a dirigir carrões novinhos em vez de carros usados e a beber uísque em vez de vinho, começaram a botar banca em festas ciganas, a falar quando não tinham permissão e a mostrar muito interesse em mulheres de outros bandos. Os homens nos outros bandos ficaram cansados e alguns decidiram informar a polícia e, em vez de pegar o telefone para fazer um denúncia anônima, tagarelando por um ou dois minutos e desligando em seguida, que é como as denúncias de ciganos funcionam, eles vieram direto ao meu escritório e ficaram sentados na minha frente com os chapéus no colo e falaram e falaram e, para minha surpresa, cerca de vinte por cento de tudo que falaram era verdade. Em vez de me contar quem fazia os vários *bajours*, eles me deram sem querer várias informações sobre os costumes ciganos."

O gato obeso se animou, deu um pulo desajeitado para fora da vitrine e seguiu para o escuro na parte dos fundos da loja. O capitão Campion e eu voltamos a caminhar.

"Outra boa fonte de informação sobre costumes ciganos que eu tive", disse, "foi um investigador do Departamento de Bem-Estar Social chamado Harry Brunner. Em abril de 1951, o Departamento de Bem-Estar Social reuniu os casos de ciganos que recebiam assistência na cidade inteira num único lugar, o Centro de Bem-Estar Social para Não Residentes, e começou a eliminá-los do programa. Eles tiveram

problemas com famílias ciganas que usavam vários nomes diferentes e vários endereços para conseguir assistência de vários centros ao mesmo tempo, e eles nem deveriam ter assistência, para início de conversa. Como é que uma família que tinha um Buick Roadmaster com pelo menos mil dólares em acessórios e equipamentos opcionais – era praticamente uma loja ambulante de peças para automóvel – recebia assistência de um centro no Queens e de um centro no Bronx, e também de Newark. Brunner foi destacado para o Centro de Não Residentes e ficou em cima dos ciganos. Ele é um sujeito grande, quieto e soturno, que vive no Brooklyn. Tinha quase um metro e noventa de altura, não tinha medo de nada e era brutalmente honesto. A mãe dele foi professora de escola pública no Brooklyn por trinta e cinco anos. Ela dava aulas para crianças que não eram matriculadas na escola – crianças com problemas psicológicos – e Brunner deve ter aprendido com ela a como lidar com as pessoas. Em pouco tempo, ele acabou com a assistência para dezenas e dezenas de famílias ciganas, mas por alguma razão que nunca consegui descobrir qual foi, em vez de odiar Brunner, os ciganos gostavam dele e o respeitavam. Eles o chamavam de Bruno e o convidavam para festas, casamentos e funerais. Ele comia *goulash* cigano, bebia chá cigano e passava a noite inteira conversando com os ciganos e eles contavam para Brunner coisas que levei anos para descobrir. Normalmente, os ciganos não gostam nem um pouco quando as pessoas ficam perguntando como é que os ciganos falam isso, como é que os ciganos falam aquilo, mas Brunner só precisava perguntar; eles explicavam centenas de palavras para ele. Eu tinha mesmo esperança de que ele se tornasse um estudioso dos ciganos, que é uma coisa necessária neste país – quando leio sobre professores americanos estudando tribos estranhas de pessoas em cantos longínquos do planeta, fico incomodado; pelo menos um deles podia estudar uma tribo estranha que está bem aqui, na nossa frente. Apesar de tudo, Brunner me decepcionou. Era um homem da universidade – tinha graduação em psicologia pela Long Island University – mas queria fazer trabalho manual. Em agosto de 1952, do nada, ele abandonou o Departamento de Bem-Estar Social e foi para Fort Worth, no Texas – ele era casado com uma texana – e a única notícia que tive dele depois disso foi um cartão postal que me mandou contando que tinha se tornado um operário, trabalhando com aço estrutural.

"Devo mencionar outra coisa que aconteceu nos últimos anos, uma experiência que tivemos com uma mulher *bajour* chamada Pearsa. Pearsa pertence a duas das maiores famílias ciganas na América do Norte e do Sul, os Nicholas e os

Demetro. O pai dela era George Nicholas, um cigano sérvio, e sua mãe era Sabinka Demetro, uma cigana russa, e ela nasceu em Buenos Aires em 1907. Foi trazida para os Estados Unidos quando era pequena e se casou aos quatorze anos. Ela é casada com Steve Bimbo, que é o primogênito do velho Tene Bimbo, chefe da família Bimbo, que é outra grande família cigana. Ela transitava por Nova York, Baltimore, Chicago, Detroit, Buffalo e Boston, e os nossos registros mostram que, desde 1926, ela foi presa trinta e duas vezes em onze cidades, mas isso não é tão ruim quanto parece. Existem muitas ciganas com mais de cem prisões na ficha. Homens, também. O próprio velho Tene Bimbo tem cento e quarenta prisões por todo tipo de crime, de homicídio de primeiro grau até roubar um macaco hidráulico. Ainda assim, você pode imaginar o quanto ela gastou com advogados e fianças. Pearsa é uma cigana de cabelo vermelho, nunca vi outra igual, e ela era extremamente bonita de um jeito meio indefinível e selvagem. Ela ganha muito dinheiro, e outras mulheres *bajour* falam dela com muito respeito, mas Pearsa teve treze filhos e sente dores nas costas, reclama de sinusite e dos nervos, e briga com Steve que nem gato e cachorro, e não tem mais muita paciência e começou a se arriscar de um jeito que nunca fez quando tinha um controle melhor de si mesma. Bom, em fevereiro de 1952, com a ajuda do escritório do Procurador Público, conseguimos instalar um dispositivo mecânico em um *ofisa* que Pearsa estava administrando num apartamento em cima de um armazém no leste da Broadway, e pudemos ouvir as palavras exatas que ela usa ao abordar uma vítima nas etapas finais de um *bajour*. Foi a primeira vez que conseguimos usar um dispositivo dessa natureza com uma cigana e foi uma experiência muito educativa. Quando foi a última vez que eu te vi? Acho que foi uns quatro anos atrás."

"Mais ou menos isso", eu disse. "A gente se encontrou por acaso na Grand Central e acabamos tomando um café juntos."

"Lembro disso", disse o capitão Campion. "Depois nunca tive chance de te contar sobre o crânio do diabo. Ao longo dos anos, vez ou outra, a gente ouvia uma vítima de *bajour* falar sobre um pequeno crânio do diabo que a cigana tinha usado para convencê-la de que tinha câncer, um câncer que só a cigana podia curar, mas a gente nunca encontrava nada parecido com um crânio. Toda vez que a gente prendia uma mulher *bajour*, a gente revistava até as costuras da saia e, toda vez que a gente fazia uma batida na casa de um cigano, virava tudo de ponta-cabeça, e a gente encontrava um monte de coisas esquisitas, mas nunca um crânio do diabo. Bom, no verão de 1952, a gente finalmente encontrou um e era uma coisa horrível. Ele tinha

sido talhado em marfim e tinha mais ou menos o tamanho de uma avelã, e estava sorrindo, e tinha cabelo humano colado nele – cabelo cigano, grosso e escuro. No dia 3 de janeiro de 1953, encontramos mais um."

Chegamos à porta dos fundos do quartel-general.

"O que você fez com eles?", perguntei. "Gostaria de ver um deles."

"O escritório da Procuradoria Pública ficou com o último que nós encontramos", disse o capitão Campion. "Ele vai ser apresentado como prova quando houver a audiência do caso da cigana que estava usando o crânio, se houver – ela pagou a fiança e desconfio que foi embora para a Cidade do México, que é para onde os ciganos vão quando pagam fiança. O outro crânio ficou comigo – a cigana que era dona da peça morreu antes de ter uma audiência; ela morreu queimada num incêndio no prédio onde morava em Coney Island. Está na minha casa. Se você quer mesmo dar uma olhada, vamos combinar o seguinte. Eu tinha marcado de conversar com os detetives e, se você puder vir aqui no domingo que vem, vou falar com eles só sobre ciganos e você pode acompanhar a sessão; aí eu trago o crânio do diabo."

"A que horas devo chegar?", perguntei.

"Pode me encontrar no escritório do esquadrão, no anexo, um pouco depois das oito", disse o capitão Campion.

O capitão Campion está com cinquenta e um anos. Ele tem olhos azuis e cabelo escuro, e tem os traços irlandeses de um homem calmo, corado, atento, bonito e forte. Tem um metro e setenta e oito e pesa cerca de sessenta e oito quilos. Ele nasceu na 58th Street, entre a 9th e a 10th Avenue, em Hell's Kitchen, e cresceu na 20th Street, entre a 2nd e a 3rd, no velho Gashouse District. Ele estudou até o segundo ano do ensino médio. Foi boxeador amador. Disputou lutas em quatro categorias diferentes, começando como peso-mosca e terminando como peso-leve, e tem um cartel de cinquenta e quatro lutas com quarenta e nove vitórias. Ele entrou para a polícia em janeiro de 1927. Logo ficou claro que tinha uma inteligência acima da média e uma memória fora do comum para rostos, nomes, conversas e sequências de eventos, além do fato de ter uma curiosidade genuína sobre o comportamento humano, e depois de dois anos como patrulheiro, foi transferido para a Divisão de Detetives e entrou para o esquadrão de roubos e estelionatos. Era um detetive extremamente trabalhador; fez mais de duas mil prisões e foi condecorado por bravura nove vezes. Ele é sério por

natureza, mas amigável, e tem um sorriso jovial e otimista. As pessoas falam com ele de maneira voluntária e ele é um bom ouvinte; é um daqueles que desconfiam de quase tudo aquilo que ouvem, mas sempre passa a impressão de que está acreditando em tudo. É um linguista autodidata. Tem um conhecimento rudimentar de italiano, alemão e ídiche, fala um pouco do romani, a língua cigana, e está estudando espanhol. Ele carrega nos bolsos um manualzinho de como aprender espanhol e um dicionário de inglês–espanhol, espanhol–inglês, e estuda no metrô. Ele é religioso e pensa com frequência sobre a morte. Por mais de dez anos, foi membro de um comitê na Sociedade São Vicente de Paulo, formado por detetives e patrulheiros, que ia para a Welfare Island todo domingo a fim de visitar pacientes terminais na City Home e no velho hospital do câncer e conversar com eles, falando ou ouvindo, o que fosse melhor, e levava cigarros, revistas, baralhos e flores. Ele frequenta lutas de boxe e corridas de cavalo. Ele e sua esposa, Gertrude Campion, vivem num apartamento em Flushing. Eles têm dois filhos, um deles se formou na Fordham e ambos fazem parte da Força Aérea.

No domingo seguinte, à noite, fui até o anexo e peguei o elevador até o sétimo andar, onde funciona o esquadrão de roubos e estelionatos. Quando saí do elevador, encontrei o capitão Campion de pé no corredor, esperando por mim. “Não podemos usar o escritório do esquadrão hoje”, disse. “A ex-namorada de um sujeito ligado à jogatina acabou de chegar e declarou que quer dar umas informações, e dois detetives estão conversando com ela no escritório. Ela está contando tudo que sabe, e se refestelando com cada detalhe, e deve demorar, então vamos usar o escritório particular do comandante do esquadrão. Em outras palavras, meu antigo escritório.” Segui o capitão Campion pelo corredor até seu antigo escritório. Lembro dele como um lugar mobiliado da maneira mais simples possível, e percebi que seu sucessor não fez nenhuma mudança. Uma mesa de carvalho velha e destruída ficava no meio da sala. Atrás da mesa, havia uma cadeira giratória e, de frente para a mesa, três cadeiras comuns. Numa das paredes, havia um daqueles mapas da cidade que você abre ou fecha como se fosse uma persiana. Um dos cantos era ocupado por um cabideiro. Havia uma janela, dois jovens estavam de pé diante dela olhando para fora, cada um deles apoiava um pé no parapeito. “Esses são os jovens detetives de que te falei”, disse o capitão Campion. “Expliquei para eles que ciganos serão o tema de hoje à noite.” Eles saíram da janela e o capitão Campion nos apresentou. Um era o detetive Joe Kane, atarracado e sério, e o outro era o detetive Al Gore, magro e sério. Eles

pareciam ter vinte e poucos anos de idade. O capitão Campion abriu a valise sobre a mesa e tirou dela alguns arquivos. “Bom, cavalheiros”, disse, “vamos nos sentar”. Ele ocupou a cadeira giratória, colocou óculos e abriu um dos arquivos, revelando um amontoado de notas. Os jovens detetives e eu ficamos sentados nas cadeiras comuns.

“Ao lidar com ladrões e estelionatários”, começou a falar o capitão Campion, olhando para nós por cima dos óculos, “vocês vão cruzar com dois tipos de ciganos: os ciganos funileiros nômades e os Boyasch. Os nômades são de longe os mais numerosos. E é com eles que a gente tem que se preocupar, e vou descrever em detalhes como eles são, mas antes quero começar falando um pouco sobre os Boyasch. Os Boyasch são o que vocês chamariam de cigano servo-romeno. A Sérvia foi o último país deles antes de virem para cá, e antes disso eles viveram durante várias gerações na Romênia. Entre si, eles falam romeno ou *hrvatski*, que é a língua servo-croata. Eles dizem que não falam nada de cigano, e acho que essa língua está morrendo, mas já ouvi alguns dos mais velhos falando pelos cotovelos nesse dialeto. Eles são pequenos, morenos e estranhos, e se vocês vissem um deles na rua talvez nem pensassem que é um cigano. Eles são mais limpos e mais arrumados que os nômades e as mulheres não usam mais roupas ciganas, apesar de algumas das mais velhas ainda usarem colares com moedas de ouro. Ao mesmo tempo, eles têm uma aparência mais tosca. Ou forte – acho que essa é uma palavra melhor. Eles parecem fortes. É alguma coisa no jeito de olhar. Eles têm um olhar curioso, frio e duro, e prestam atenção em você o tempo inteiro e quase nunca sorriem. Eles têm a aparência de alguém que pensou bastante na vida – não só eles, mas os seus antepassados também – e para eles a vida não é nem um pouco divertida. É assim que eles olham para mim, mas lembro que uma mulher que trabalhava no esquadrão como detetive descreveu esses ciganos dizendo que eles têm a aparência de quem está armado com faca. Não sei o que significa Boyasch. Os nômades dizem que é só uma palavra cigana antiga que quer dizer lavador de ouro, mas nunca consegui deles uma explicação satisfatória para o que é um lavador de ouro. Os nômades e os Boyasch não se dão uns com os outros. As mulheres nômades chamam as mulheres Boyasch de Boyaschutza mequetrefes e fedidas, e fazem comentários maldosos, como por exemplo dizer que elas cobram vinte e cinco centavos para ler a sorte e leem as duas palmas das mãos por esse valor, e as Boyaschutza chamam as mulheres nômades de cabeças de trapo. No Leste, os Boyasch andam por Nova York e redondezas e pela Filadélfia e redondezas. No Meio-Oeste, o quartel-general deles é Chicago. Eles não

viajam quase nada comparados com os nômades; às vezes ficam no mesmo lugar durante anos. A maioria dos que vivem aqui mora em prédios pobres de Williamsburg e Greenpoint, lá no Brooklyn. Os nômades espionam os Boyasch, e um informante nômade me contou pouco tempo atrás que, hoje, existem dezoito famílias vivendo no Brooklyn, e duas ou três no Queens, duas no Harlem e seis ou sete em Newark e Paterson. Os principais nomes das famílias Boyasch são: Ivanovich, Lazarovich, Lucas, Magill, Mitchell, Morgan, Mort, Peterson, Petrovich, Stanley e Stevens. São nomes americanos típicos de famílias ciganas; existem famílias nômades que usam os mesmos nomes.

"Os homens Boyasch trabalham. Alguns são mecânicos de automóvel e alguns trabalham em fábricas de tendas, toldos e redes; eles viajavam com circos e feiras e cuidavam das tendas. Não são os homens que causam problemas; são as mulheres. Quando elas são jovens, as Boyaschutza ficam em casa e cuidam da casa como mulheres comuns, mas à medida que envelhecem, a cigana dentro delas parece ficar cada vez mais forte, e quando elas chegam à meia-idade, várias se tornam quiromantes e vigaristas. Elas não têm tendas da sorte. Em vez de sentar e esperar por suas vítimas, elas saem à caça. É normal trabalharem em duplas. Elas carregam sacos de mercado cheios de um tipo peculiar de planta seca chamada de planta da ressurreição, e vão de porta em porta nos bairros da classe trabalhadora que não paga aluguel no Brooklyn, no Queens e em Staten Island, e também em Jersey, e no Bronx e em Westchester, e tocam a campainha e tentam vender essas plantas para as donas de casa. 'Se o seu marido não demonstra mais o mesmo interesse que tinha por você antes', dizem elas para as donas de casa, 'compre uma dessas plantas e coloque num prato com água e ponha embaixo da cama, se você e o seu marido dormem na mesma cama, e se vocês não dormem, ponha embaixo da cama dele, e deixe lá por um tempo, você logo vai notar uma mudança para melhor'. Elas falam assustadoramente rápido e depois que entram numa casa e demonstram como se coloca a planta na água, elas se oferecem para ler a sorte da mulher. Em geral, elas param por aí. Porém, de vez em quando elas encontram uma mulher que reage à conversa supersticiosa e sentem que a mulher tem algum dinheiro guardado na casa, e fazem tudo para enrolar essa mulher. Elas usam um golpe chamado de *bajour*, o mesmo das mulheres nômades. Vou explicar esse golpe, ou estelionato, daqui a pouco. Que eu saiba, a planta da ressurreição é só uma forma de fazer a pessoa abrir a porta de casa, e as ciganas usam esse esquema dentro e fora da cidade há vinte anos. Elas sabem o que estão fazendo.

Quando mostram a planta para uma mulher, não importa o quanto ela é inteligente ou desconfiada, ela dá uma boa olhada na planta e começa a fazer perguntas. Alguns meses antes de eu sair da polícia, nós prendemos duas ciganas Boyaschutza que estavam sendo procuradas por praticar *bajour*, e elas estavam de posse de cento e sessenta plantas da ressurreição. Depois que o caso foi arquivado, levei algumas plantas para casa e hoje trouxe uma para vocês verem. Se vocês ficarem no esquadrão de roubos e estelionatos, não será a última vez que vão ver uma dessas."

O capitão Campion abriu a valise e pegou um saco de papel. Virou o saco sobre a mesa e chacoalhou, e do saco saiu uma planta morta com os caules e as folhas formando uma bola irregular, musgosa e poeirenta. No tamanho e na forma, lembrava um pouco o punho fechado de uma mulher. Um tufo de raízes felpudas pendia da bola.

"É uma planta que cresce no extremo sul do Texas e também no México", disse o capitão Campion. "Ela também é chamada de rosa-de-jericó e flor da ressurreição, e faz parte do gênero *Selaginella*. Sei disso porque, anos atrás, peguei uma delas e levei até o Jardim Botânico do Brooklyn e pedi que identificassem para mim. De acordo com os nômades, os Boyasch descobriram a planta da ressurreição na época em que viajavam com circos, e hoje têm algum contato no Texas que envia as plantas para eles. Em tempo seco, a planta da ressurreição se fecha numa bola como essa que vocês estão vendo aqui. Quando é molhada, nem que seja só com um pouco de orvalho ou com umas gotas de chuva, ela se abre. Se estiver morta, mesmo assim ela abre. Esta aqui está tão morta quanto um tijolo, mas se você colocar num prato com água, as raízes vão absorver a água e os caules acinzentados vão ficar verdes e devagar ela vai se desenrolar, crescer e se fortalecer."

"Podemos ver como funciona?", perguntou o detetive Kane. Havia um cinzeiro de vidro sobre a mesa e ele o pegou. "Posso colocar um pouco de água do bebedouro aqui."

"Prefiro que vocês esperem até eu terminar de falar", disse o capitão Campion. "Por favor, não me interrompam agora."

Ele abriu a pasta de arquivo mais grossa de todas. "Chega de falar dos Boyasch", disse. "Agora vamos analisar ciganos de outra espécie." Ele tirou os óculos, acendeu um cigarro e se recostou na cadeira giratória. "Quando as pessoas falam sobre ciganos", disse, "elas normalmente se referem ao cigano funileiro nômade. A grande maioria dos ciganos que circulam por Nova York é nômade. Na

verdade, a grande maioria dos ciganos no Canadá, nos Estados Unidos, no México e na América do Sul é nômade. Não parece haver uma forma de descobrir quando eles começaram a vir para os Estados Unidos – de acordo com estatísticas de imigração e relatórios do censo, ciganos não existem –, porém, pelo que consegui apurar, tenho certeza de que as maiores migrações ocorreram no fim dos anos setenta, nos anos oitenta e nos anos noventa. Eles vieram de várias partes da Europa, mas principalmente da Rússia e da Sérvia e dos países ao redor da Sérvia, e eles não demoraram para se familiarizar com o país. Alguns bandos foram para o Norte, outros para o Sul, alguns foram para o Meio-Oeste, poucos foram para o Oeste e alguns andaram por tudo. No passado, no Sul e no Meio-Oeste, o principal trabalho que os homens tinham era o de vender e cuidar de cavalos, e em segundo lugar vinham os serviços de funileiro e latoeiro. Depois, o comércio de cavalos foi desaparecendo e a funilaria ficou em primeiro. Aconteceu mais ou menos a mesma coisa no Oeste. No Norte, na maioria dos bandos, o trabalho de funileiro e de latoeiro sempre veio em primeiro lugar. E em todos os bandos, não importa onde estivessem, as mulheres liam a sorte, roubavam e aplicavam golpes. Quase qualquer coisa que eles viam dando sopa, se fosse algo que conseguiam erguer e carregar, e se era algo que podia ser comido ou usado ou vendido ou trocado ou empenhado ou manuseado, e se ninguém estivesse olhando, eles roubavam. O motivo por que eu digo manipulado é que um velho cigano uma vez me contou que seu brinquedo favorito quando criança era um estetoscópio que sua mãe tinha roubado. E, aproveitando o assunto, vocês só vão entender os ciganos quando entenderem qual é a relação que eles têm com o ato de roubar. É simples: eles acreditam ter nascido com o direito de roubar e a explicação que dão para isso é um sacrilégio. Eles contam que existiu um cigano no meio da multidão que seguiu Jesus montanha acima e, no caminho, esse cigano fez o possível para roubar quatro pregos que os soldados romanos carregavam para pregar Jesus na cruz – dois para Suas mãos, um para Seus pés e um mais longo para Sua cabeça ou Seu coração, eles escolheriam onde usar esse último – mas o cigano conseguiu roubar só um prego, o mais longo, e quando chegou a hora de os soldados usarem o prego, eles não sabiam onde prego estava e desconfiaram do cigano e o espancaram tentando fazer com que falasse onde tinha escondido o prego, mas o cigano não dizia nada e, enquanto Jesus morria na cruz, Ele falou com o cigano e disse que daquele dia em diante os ciganos tinham o direito de andar pelo mundo e roubar."

"Eles realmente acreditam nisso?", perguntou o detetive Kane.

"Tanto quanto acreditam em qualquer outra coisa", disse o capitão Campion, "e criam os filhos para que acreditem nisso também. Eles gostam de contar essa história; não dá para impedir que contem; eles sentem que essa história é como um tapa na cara de todo mundo. Devo ter ouvido umas cinquenta vezes. Agora, como eu disse, os trabalhos de funileiro e de latoeiro são os mais importantes na maioria dos bandos que vagam pelo Norte, e alguns desses bandos se tornaram muito prósperos. Eles percorrem rotas bem regulares pela Pensilvânia, Nova Jersey, Nova York, Connecticut, Rhode Island e Massachusetts. Às vezes, ficam um ou dois dias num lugar e uma semana em outro. Os homens consertam e restauram utensílios e acessórios de cobre, mais para hotéis, restaurantes, hospitais, padarias, fábricas de comida enlatada, lavandeiras e fábricas têxteis, e as mulheres andam por aí lendo a sorte e prestando atenção em tudo. Os homens pegam trabalhos que os metalúrgicos americanos não querem nem ver – um tonel de tingimento de tecidos carcomido e com tantos buracos que seria melhor jogar no lixo, uma peça quebrada de um equipamento num hospital de doenças contagiosas, uma panela de sopa de um restaurante antigo com uma crosta de gordura tão espessa que eles precisam queimar a gordura com um maçarico antes de emendar a panela, trabalhos desse tipo. Depois veio a Depressão e em pouco tempo não havia mais trabalho que os americanos não aceitassem fazer. Em vez disso, não importava o tipo de trabalho, os americanos voavam no pescoço um do outro para ver quem ficava com ele, imagine então se deixariam alguma coisa para os ciganos. No fim de 1932, na maior das regiões, o dinheiro que os ciganos conseguiam fazer como funileiros não pagava nem a gasolina que usavam, e eles começaram a abandonar a estrada para se enfurnar em predinhos pobres nas cidades grandes. Isso desmoralizou os homens, mas não as mulheres. Em relação aos ciganos, tenham sempre uma coisa em mente: uma mulher vale por dez homens. Nos predinhos, as mulheres conversavam entre si sobre assistência social, que estava só começando naquela época. Depois que aprenderam em detalhes as regras da assistência social, elas trocavam os vestidos bons por uns trapos e escondiam os colares com moedas de ouro, e diziam para os homens venderem os automóveis ou parar de estacionar na vizinhança e evitar que um investigador da assistência social visse o carro e percebesse a placa de outro estado e deduzisse que o lugar deles não era ali. Aí elas entravam nos escritórios de assistência social seguidas pelas crianças maltrapilhas e chorando, e diziam que estavam morrendo de fome, e se isso não impressionava os assistentes sociais, elas berravam e gritavam, desmaiavam

e se jogavam no chão, xingavam e bagunçavam as mesas, bloqueavam as portas para não deixar ninguém passar e transformavam tudo numa confusão. Aí elas recebiam assistência para a família. E depois que resolviam essa parada, elas começavam a se unir umas com as outras para alugar armazéns e abrir tendas da sorte – o que as mais antigas chamam de *ofisas* e as mais novas chamam de espaço – e desde o começo, mesmo com as despesas gerais, a maioria delas faz mais dinheiro do que jamais tinha feito na estrada. Qualquer período em que as pessoas estão apreensivas é bom para leitura da sorte. A Depressão fez bem para as ciganas, depois veio a guerra e as coisas ficaram ainda melhores, depois foi a vez da bomba A e da bomba H e o risco de que o mundo inteiro fosse pelos ares a qualquer momento, ou o fato de que você vai morrer de câncer por fumar cigarros, e as coisas melhoraram mais um pouco, melhores do que nunca. Hoje em dia, em muitas famílias ciganas, acho que é seguro dizer que as mulheres ganham noventa por cento do dinheiro. Alguns dos jovens nos bandos que vivem por aqui trabalham como manobristas em garagens – eles são loucos por automóveis e são motoristas de uma habilidade incomum. E alguns começaram a trabalhar como latoeiros – eles percorrem as garagens e pegam serviços de vez em quando a preços baixos para desamassar a lataria de veículos. E alguns dos homens mais velhos, quando se sentem motivados por alguma memória vaga de como as coisas costumavam ser, eles pegam seus martelos e tenazes, lixas e ferros de solda, e tentam conseguir trabalhos remendando panelas e tachos para restaurantes. Mas a maioria dos homens, jovens e velhos, não faz coisa nenhuma. Se estiver um dia extraordinário de sol, talvez eles visitem as lojas de carros do Columbus Circle e passem o tempo erguendo capotas e chutando pneus e comparando preços, mas o normal é ficarem em casa sem fazer nada a maior parte do tempo, olhando para a cara um do outro, tomando chá, resmungando, cuspindo e passando o pé em cima. O principal motivo para resmungarem é as mulheres. Eles menosprezam as mulheres, transam com elas e batem nelas quando bem entendem. É claro que algumas das mulheres sabem como retribuir o tratamento. Uma mulher cigana, na situação em que está, ou sofre com o marido ou com a polícia. Se fica cuidadosa demais e perde algumas boas chances de fazer dinheiro, o marido bate nela e, se aproveita as chances e é presa, o marido bate ainda mais. No que diz respeito à gratidão, para o marido, se a mulher fez um *bajour* que rendeu milhares de dólares, ela não fez mais do que a obrigação, assim como ela tem a obrigação de lavar a louça, mas se *ele* traz alguns dólares para casa, é outra história; isso é sinal de inteligência. Um dia ouvi a conversa

de um cigano, a esposa dele dizia para as mulheres que entravam em seu *ofisa* que ela lia a sorte por apenas cinquenta centavos e era tão esperta que raramente as mulheres pagavam menos de dois, de quinze ou de vinte dólares, e ela tinha feito vários *bajours*; fez pelo menos um *bajour* de dez mil dólares. O cigano estava bêbado e contava vantagem, mas ele não estava se gabando da esposa, estava se gabando dele mesmo. 'Quando o assunto é roubar', disse ele, 'acredito que a mulher é que deve roubar, mas se eu estiver a fim, posso entrar em qualquer mercado dos Estados Unidos, dar uma olhada e perguntar o preço disso e o preço daquilo e, sem ninguém ver, eu já teria embolsado quatro ou cinco latas de sardinha'.

"A melhor forma de identificar os ciganos nômades é pela roupa das mulheres. Elas usam lenços na cabeça, blusas folgadas e decotadas e saias compridas e chamativas. Essa é a vestimenta básica e, se uma delas resolver se vestir de um jeito diferente, logo se arrepende. As outras mulheres a chamariam de *kurwa*, ou prostituta, e cuspiriam nela; sei de casos em que isso aconteceu. A não ser, é claro, que ela faça isso para escapar da polícia ou para enganar uma vítima. Elas compram os tecidos mais chamativos que conseguem encontrar para usar como lenço na cabeça; é dos lenços que as Boyaschutza falam quando chamam as mulheres nômades de cabeças de trapo. Elas têm muito orgulho de suas saias. São elas mesmas que fazem e, às vezes, usam tecidos muito caros; e as saias velhas viram anáguas debaixo das saias novas. Quando se arrumam, elas gostam de usar xales espanhóis – esses xales estavam na moda uma época, na minha juventude –, do tipo estampado com enormes rosas vermelhas, vermelhas ou amarelas, e uma fileira de borlas em cada extremidade. Deve haver uma fábrica em algum lugar que faz esses xales só para as ciganas. Elas usam casacos de pele vagabundos. Quase nunca usam meias. Elas usam os sapatos com os saltos mais altos que conseguem encontrar e já vi várias delas andando pela rua em plena luz do dia usando uns chinelos velhos de ficar em casa – prateados ou dourados. No que diz respeito a joias: joias são a razão de ser delas, é o que dá sentido à vida delas, e já vi usarem de tudo, desde porcarias baratas até um colar de diamantes roubado que valia quinze mil dólares, mas elas gostam mesmo é de joias ciganas – correntes de ouro cheias de moedas de ouro usadas como colares, braceletes e brincos. Quando comecei a pesquisar os ciganos, as mulheres usavam várias moedas estrangeiras, umas novas, outras velhas, e algumas moedas eram mais comuns, como a moeda austríaca de quatro ducados que tem a imagem do imperador Francisco José, e que muitas delas usam como brincos – é uma moeda grande, mas muito fina e leve.

Moedas de ouro dos Estados Unidos eram as mais comuns entre elas. Os colares eram feitos com moedas de dez e de vinte dólares[87]. Os braceletes e brincos, com moedas de dois dólares, de cinquenta centavos e de cinco dólares. Até que, em 1933, o governo ordenou que todo mundo trocasse o ouro que tinha em casa por prata ou por papel e acho que os ciganos deram um jeito de trocar a maior parte de suas moedas de ouro americanas por moedas de ouro mexicanas, porque desde então é só o que vejo as mulheres usarem. Elas usam e acumulam essas moedas. Não é nem um pouco incomum que as detetives ou as inspetoras que revistam as ciganas achem dúzias de moedas mexicanas de ouro costuradas em pregas na parte interna das saias. Uma cigana nos Estados Unidos, mesmo quando não tem onde cair morta, ainda tem algumas moedas de ouro ou, quando é uma velha esperta que na sua época fez uns *bajours* de respeito, é possível que tenha um baú cheio de moedas. Não existe nenhuma lei que proíba a posse de moedas mexicanas e o ouro de que elas são feitas é mais puro do que o das moedas de ouro dos Estados Unidos, e você pode penhorar essas moedas em qualquer lugar ou levar até o banco e conseguir um bom preço por elas. As moedas têm valores diferentes e a mais popular entre as ciganas é a de cinquenta pesos. Ela é grossa e pesada – hoje vale uns sessenta dólares em Nova York – e é perfeita para colares. Uma noite, no verão passado, espiei um casamento cigano num salão do Lower East Side – o Beethoven Hall, na East 5th Street – e vi uma mulher que estava usando três colares de moedas de cinquenta pesos. Ela tinha dezenove moedas no colar de cima, vinte e uma no do meio e vinte e três no de baixo, e os colares se entrelaçavam no seu peito. Ela era grande e robusta e tinha tomado um pouco de vinho e estava quente dentro do salão e ela respirava com dificuldade, e toda vez que o peito dela subia e descia com a respiração, as moedas de ouro mudavam de posição, brilhavam e reluziam."

O capitão Campion se levantou. "Antes de continuar", disse, "existe uma coisa que preciso explicar, ou tentar explicar: as divisões e subdivisões que existem entre os ciganos." Ele tirou um rolo de papel de dentro da valise e o abriu sobre a mesa. Era

[87] As moedas de vinte dólares foram fabricadas pela Casa da Moeda dos Estados Unidos entre 1849 e 1933, e hoje são consideradas raras. Também chamadas de *Liberty Twenty Dollars*, elas trazem a imagem da Estátua da Liberdade numa das faces e são de ouro (a outra face é um escudo). Hoje, uma moeda de vinte vale centenas, senão milhares, de dólares. Esse também é o valor a que pode chegar uma moeda de dez dólares, também de ouro e conhecida como *Eagle* (uma águia ilustra a moeda). A moeda de dez foi fabricada entre 1792 e 1933.

um pedaço de papel de embrulho com quase um metro de comprimento que estava amassado, com orelhas de burro e manchas de café, e nele havia um gráfico feito à caneta, com vários nomes dentro de retângulos. Os retângulos variavam de tamanho e estavam organizados em grupos, e havia linhas que ligavam alguns retângulos entre si. Era um gráfico desorganizado; dezenas de correções tinham sido feitas nas entrelinhas das listas de nomes e várias correções tinham sido coladas sobre o papel. Num lugar, uma correção colada foi riscada e uma flecha corre dela para uma nova correção, na margem. O capitão Campion estudou o gráfico por vários minutos, refrescando a memória. "Este aqui é o terceiro gráfico que eu desenho", observou. "Usei os outros até se desmancharem, corrigindo e acrescentando novas informações. Às vezes, queria nunca ter ouvido falar de ciganos". Ele voltou a se sentar.

"Continuando", disse, "os ciganos funileiros nômades são todos muito parecidos, eles falam o mesmo dialeto da língua cigana e têm os mesmos costumes e crenças, mas, no tempo que passaram nos Estados Unidos, aos poucos foram se dividindo em tribos. As tribos principais, todas representadas aqui na cidade, são os russos, os sérvios, os kalderash, os argentinos, os *argentinos*[88], os mexicanos, os machvaya e os gregos. Mas esses nomes podem enganar. Como disse para vocês, muitos nômades vieram da Rússia e da Sérvia. Os *argentinos* são também sérvios. Depois que saíram da Sérvia, e eles dão vinte datas diferentes para quando isso aconteceu, foram para o Brasil e depois vieram para os Estados Unidos e então para a Argentina e depois de novo para os Estados Unidos. Os mexicanos são também russos e sérvios que ficam viajando entre o México e os Estados Unidos. Eles se estabeleceram na Cidade do México, em três ou quatro cidades do Texas, Filadélfia, Nova York e Boston. Assim como os argentinos e os *argentinos*, eles falam não só cigano, inglês, um pouco de sérvio e um pouco de russo, mas falam também espanhol e agora se especializaram em dar golpes em porto-riquenhos. Os kalderash são russos e sérvios – em cigano, *kalderash* quer dizer funileiro. Os machvaya são sérvios. O nome deles veio de uma região da Sérvia Oriental[89] chamada Machva, por onde andaram durante gerações e gerações antes de virem para cá. Os gregos são russos que vieram para cá via Grécia.

[88] Em castelhano no original. Essa distinção que o capitão Campion faz entre argentinos e *argentinos* não é comum, mas ela é explicada nas próximas páginas.
[89] Atual República da Sérvia.

"Essas são as tribos, mas não termina por aí. As tribos são subdivididas em bandos ou pelo que nós chamamos de bandos – eles chamam de *vitsas*. Eles pronunciam a palavra de várias formas – *vitsa*, *veetsa*, *witsa*, *weetsa*. Em muitos casos, o *vitsa* é mais importante do que a tribo. Alguns *vitsas* são pequenos e fechados. Eles são formados por algumas famílias com relações próximas de parentesco e que sempre viajam juntas, e eles em geral têm um líder. Outros *vitsas* são grandes, abertos e fragmentados. Seus membros viajam em famílias ou em grupos de famílias que na verdade são *vitsas* dentro de um *vitsa*, e a única vez que o *vitsa* se reúne com força total é quando algum velho cigano proeminente morre e a família decide fazer um grande funeral. As famílias de um *vitsa* podem estar espalhadas pela Cidade do México e por algumas cidadezinhas de Michigan, e sempre me surpreendo com o quão rápido eles fazem correr as notícias de que fulano morreu e de que haverá um grande funeral no dia tal e no lugar tal, mas também não é nenhum mistério. Uma família sabe onde a outra família está e dá um jeito de informá-la, nem que tenha de telefonar para o prefeito da cidade ou para o chefe da polícia e pedir que eles transmitam a informação, e essa outra família sabe onde outras duas famílias estão e dá um jeito de falar com elas, e dentro de mais ou menos um dia, em toda parte, todo mundo foi informado e todo mundo que tem condições de viajar está a caminho. Nos grandes *vitsas*, em geral, existem vários líderes e um deles é o líder supremo, ou rei. Alguns *vitsas* odeiam outros *vitsas* e todos desconfiam uns dos outros; eles confiam uns nos outros tanto quanto confiam na polícia. Se uma mulher de um *vitsa* aplica um grande *bajour* e a líder de um *vitsa* rival fica sabendo, ela é capaz de ir lá exigir uma parte, ou de mandar uma advertência, mas pode ter certeza de que, mais cedo ou mais tarde, pode demorar anos até, a líder do *vitsa* das mulheres dá um jeito de se vingar. Além disso, todos são esnobes e arrogantes; as pessoas em qualquer *vitsa* menosprezam as pessoas de todos os outros *vitsas*. Apesar disso, todos eles casam entre si. Na lógica dos casamentos ciganos arranjados, os pais de um menino precisam comprar uma esposa, e eles compram a menina mais inteligente que puderem bancar, não importa de qual *vitsa* seja. Eles podem comprar uma garota de uma família dentro de um *vitsa* de sua própria tribo ou de uma família dentro de um *vitsa* de outra tribo qualquer. O preço depende do quanto de dinheiro se espera que a menina ganhe. Se provavelmente consegue sustentar uma família lendo a sorte, mas não tem a coragem e a iniciativa para praticar *bajours*, ela vai custar apenas algumas centenas de dólares;

se tem sangue frio, é esperta e ambiciosa, e a mãe e as tias dela aplicam bons *bajours*, ela vai custar algo entre dois mil e cinco mil dólares.

"Poucos *vitsas* têm nomes descritivos, como os Saporeschti, ou Cobras; os Cuneschti, ou Faqueiros; e os Foosoo Yarri, ou Comedores de Feijão. A maioria é batizada em homenagem a velhos ciganos muito respeitados no passado, patriarcas e matriarcas; pelo que os ciganos contam, todos eram duas ou três vezes mais importantes do que uma pessoa comum, muito ricos e muito sábios, e viveram pelo menos até os cem anos. O maior dos *vitsas* que percorrem Nova York é um *vitsa* russo, os Frinkuleschti, que foi batizado em homenagem a Frinka, ou Frinkulo, Mikhailovitch. Uma vez perguntei para um dos líderes dos Frinkuleschti, um sujeito magrinho com úlceras no estômago chamado Frank Ranko, o que é que ele sabia sobre Frinka, quem tinha sido ele. 'Só sei', disse Frank, 'que ele foi avô ou bisavô do meu pai e meu pai me contou que o pai dele disse que ele era o maior cigano da Rússia. Ele tinha dois metros e vinte e um centímetros de altura e, certa vez, quando já estava bem velho, com uns cento e dez anos, ele foi pesado num mercado de feno e tinha duzentos e oito quilos'. Havia algo entre vinte e cinco e trinta famílias Frinkuleschti vivendo na cidade desde a Depressão, sem contar as muitas que passavam por aqui. Você sempre vai encontrar alguma no Brooklyn, talvez em Red Hook, o distrito do Estaleiro da Marinha, ou em Williamsburg, mas as famílias geralmente ficam dentro de uma área de vinte quarteirões no Lower East Side considerada a região cigana da cidade. Delimitada pela Houston Street, pela Bowery, pela Canal Street, pela Pike Street e pelo rio, essa área abriga famílias de mais de uma dúzia de *vitsas*. Os Frinkuleschti são ciganos pobres. Eles não conseguem comprar esposas caras para os seus filhos e ficam mais pobres a cada geração. Existem famílias que chegam ao ponto de alimentar as crianças com pão molhado no chá. As mulheres leem a sorte, mas não são boas em *bajours*; elas são muito destrambelhadas. E os homens são tão desajeitados que se dão mal por tentar roubar comida enlatada nos supermercados. O segundo maior *vitsa* é dos Mineschti, que também é russo. Foi batizado em homenagem a uma mulher, Mina Demetro. Mina viveu até os cento e vinte anos. Eu não descobri qual era a altura dela, mas ouvi falar que teve trinta filhos, o último quando já estava com sessenta e cinco anos. Alguns dizem que ela morreu há bastante tempo, séculos atrás, e outros dizem que morreu em 1880; alguns dizem que ela morreu na Rússia e outros dizem Sérvia e outros ainda, Polônia; cada cigano velho dos Mineschti conta uma história diferente. Enfim, quatro irmãos que eram

descendentes diretos dela deixaram a Rússia com suas famílias no fim dos anos oitenta e vieram para os Estados Unidos via Canadá, e se espalharam e se multiplicaram. Seus nomes eram Zlatcho, Groffo, Bortchi e Wasso, e cheguei a prender alguns de seus filhos, e netos também, e bisnetos. O *vitsa* mais rico de todos se chama Koleschti, mas os ciganos que vivem nele não usam mais esse nome. Eles preferem usar o nome da tribo. Eles pertencem à tribo *machvaya* e sentem muito orgulho disso. Os *machvayas* são ciganos que vêm principalmente da Costa Oeste, mas nos últimos anos eles ampliaram seu alcance e apareceram em Reno, Las Vegas, nas cidades grandes do Texas, nas turísticas da Flórida, em Atlantic City e Nova York. Suas mulheres, as *machvankas*, são as ciganas mais bonitas do país – e as mais inteligentes também. Os *machvayas* gostam de usar carros grandes. Eles dirigem Cadillacs, Packards e Lincolns. Os outros ciganos dizem que, se um *machvaya* tivesse de escolher entre um Ford novinho e um Cadillac caindo aos pedaços, ele escolheria o Cadillac. Existe pelo menos uma dúzia de famílias *machvayas* na cidade. Elas cuidam de *ofisas*, como as outras, e também administram casas ciganas de chá – e não é como um daqueles lugares em que a pessoa termina de comer um sanduíche e de tomar um chá e surge uma mulher vestida de cigana que olha as folhas do chá no fundo da xícara e desembesta a falar, lendo a sorte de um jeito que ela acha que é como os ciganos fazem, para ganhar uma gorjeta; estou falando de lugares cheios de ratos em predinhos nojentos de ruas pequenas no distrito teatral e ao longo da 8th Avenue, da 6th Avenue e da 3rd Avenue, que se parecem com casas de chá, mas não têm nenhuma pretensão de ser uma casa de chá, a não ser pelo fato de que servem chá com o único propósito de ler as folhas no fundo da xícara; e quando as *machvankas* terminam o teatrinho de ler o chá, elas começam a falar de verdade com a cliente e, se a cliente ouve e continua ouvindo e acaba se deixando envolver e volta uma ou duas vezes, as *machvankas* tiram tudo que ela tem, deixando talvez os dentes de trás, o espartilho e os olhos na cara.

"Não sei quantos ciganos existem nos Estados Unidos. Os ciganos com certeza também não sabem, embora os líderes ciganos gostem sempre de dar números, o primeiro número grande que vier na cabeça. Já ouvi todo tipo de estimativa, mas era óbvio demais que não podiam ser verdade. O fato é que ninguém sabe e, mais que isso, ninguém é capaz de fazer uma boa estimativa. Não sei nem quantos ciganos existem em Nova York. Talvez sejam umas duzentas famílias na cidade hoje à noite, ou talvez menos; talvez sejam seiscentas, ou mais. Algumas

famílias passam anos aqui, mas elas se mudam tanto de um bairro para o outro, de uma vizinhança para a outra, que é quase impossível se manter atualizado; uma família que estava em alguma ruazinha no alto do Bronx na semana passada pode estar na parte baixa de Staten Island nesta semana, lá em Tottenville, ou talvez esteja em Long Island City, ou talvez ainda, em Akron, Ohio. Algumas famílias passam o inverno em Akron, ou uma parte dele, e algumas passam o verão, ou uma parte dele, e algumas vêm e vão várias vezes ao longo de um ano, e outras podem aparecer uma vez a cada cinco anos. Tentar fazer uma estimativa, por mais aproximada que seja, de quantos ciganos existem na cidade em um momento específico, é como tentar calcular quantos pardais estavam numa determinada árvore do Central Park ao meio-dia de terça-feira. Além disso, não sei com certeza quantos *vitsas* existem nos Estados Unidos, e me limito somente àqueles que conheço melhor, e existem vinte e três *vitsas* que conheço melhor, e isso porque todas, ou muitas, ou várias, ou algumas das famílias que fazem parte deles ou ficam por Nova York a maior parte do tempo, ou vêm para cá com bastante frequência. Vou listar os nomes dos *vitsas* e os nomes de suas principais famílias. Sete *vitsas* são russos: os Frinkuleschti, os Mineschti, os Mitteleschti, os Gooneschti, os Goneschti, os Chookooriah e os Lydakurschti; e os nomes das principais famílias dentro desses *vitsas* são: Thompson, Demetro, Ranko, Ufie, Siganoff, Vladochakowski, Vlado, Costello, Mikhailovich, Mitchell, Magill, Mittilo, Merchon, Marko, Martino, Nicholas, Stokes, Guy, Petro e Bimbo. Alguns desses nomes são nomes russos, sérvios e ciganos que foram anglicizados – depois que a família Mikhailovich aumentou muito e se ramificou, por exemplo, um ramo trocou Mikhail por Mitchell e outro ramo mudou para Magill. Vários nomes, como Nicholas e Costello, são usados por famílias em *vitsas* de várias tribos. E mais uma coisa: é difícil fazer uma afirmação simples a respeito dos ciganos; você precisa explicar tudo que diz, e é melhor eu explicar que as famílias em dois ou três dos maiores *vitsas*, particularmente os Mineschti, não são todas da mesma tribo, ou dizem que não são; algumas das famílias entre os Mineschti dizem que são russas e algumas dizem que são *kalderash*. Como eu disse, às vezes queria nunca ter ouvido falar de ciganos. Agora, vamos falar sobre os *kalderash*. Seis dos vinte e três *vitsas* são *kalderash*: os Risturschti, os Jaikurschti, os Macholeschti, os Wankurschti, os Gureschti e os Yotzurschti; e os nomes das principais famílias dentro desses *vitsas* são: Stevens, Stevenson, Thompson, Ristick, Johnson, Marks, Evans, Wanko, Eli, Stanley, Demetro, Urich, Costello, Ephraim e Morgan. Três são sérvios: os

Lameschti, os Tooteschti e os Rishtoni; e as principais famílias dentro deles são: Evans, Lee, Stevens, Uwanawich, Miller, Marino e Marinko. Três são mexicanos: os Bokurschti, os Chokurschti e os Yonkurschti; e as principais famílias dentro deles são: Flores, Spiro, Costello, Yonko, Steve e John. Um é *machvaya*: os Koleschti; e as principais famílias dentro dele são: Adams, Uwanawich, Marks, Williams, Lee, Yankovich, Stevens, Miller e George. Um é grego: os Poopeschti. Ele foi batizado em homenagem a uma velha bruxa que lia a sorte chamada Poopa. É um *vitsa* pequeno, e sua principal família é a Kaslov. Um é argentino: os Cuneschti; e as principais famílias dentro dele são: Montez, George e Miller. Um *vitsa* é *argentino*, mas não tem nome; as famílias dentro dele chamam a si mesmas de *argentinos*. Seus nomes são Christo, Miller, Toney e Nicholas.

"Em relação aos nomes próprios, muitos ciganos têm dois. Um homem pode se chamar Joe isso ou John aquilo quando está lidando com *gajos*, os não ciganos, mas quando está entre os seus ele é Uwano ou Mitya ou Spirako ou coisa parecida. Da mesma forma, uma mulher que pode ser conhecida pela polícia em dezesseis cidades como Annie isso ou Rosie aquilo, em casa é Repanka ou Troka ou Pavlena. Para complicar ainda mais, muitos têm apelidos ciganos. Veja o exemplo de um homem com quem a gente vive negociando: o nome *gajo* dele é George Adams. Não sei qual é seu nome cigano e ele mesmo, se alguém perguntasse, teria que parar para pensar. Ele sempre é chamado de Bongo Nock, ou Nariz Quebrado, e se vocês darem uma olhada nas fotos dele no arquivo da polícia – podem procurar em Homens Ciganos, arquivo 1, bandeja 1 –, vão entender por quê. Para complicar as coisas um pouco mais, a maioria das mulheres e vários homens têm um monte de identidades falsas – com nomes ciganos e *gajos*.

"Agora, vou dar alguns detalhes de como os ciganos vivem na cidade, depois vou explicar como funciona o *bajour* e depois tomamos um café. Uma coisa que vocês devem ter em mente é que os ciganos vão viver sempre perto da rua. Eles preferem morar em armazéns velhos, ou em apartamentos no primeiro andar de predinhos pobres, ou em apartamentos no térreo de frente para a rua. É muito raro encontrar um deles morando acima do segundo andar. Eu achava que queriam ficar o mais perto possível da Mãe Terra, mas tudo que eles querem é ficar à vista de pessoas que estão passando pela rua, e que podem querer uma leitura da sorte. É uma forma de propaganda. Com frequência, duas ou três famílias vivem juntas e administram um *ofisa* em sociedade. Se elas têm dinheiro, podem ter o *ofisa* num endereço e a

residência em outro, mas na maioria dos casos eles vivem no *ofisa* mesmo, atrás das cortinas da cabine que usam para ler a sorte. Se for um armazém, eles fazem o possível para disfarçar; é ilegal viver num armazém. Quando uma família, ou duas ou três famílias que viajam juntas chegam à cidade, elas se amontoam com outras famílias de seu *vitsa*, se houver, e ficam com elas até conseguirem alugar um lugar próprio e, se não houver, circulam durante o dia procurando armazéns velhos com placas de "aluga-se" e dormem em seus carros durante a noite. Pode ser muito difícil para eles encontrarem um lugar; muitos proprietários precisam ser persuadidos a alugar para os ciganos. Eles gostam de um lugar que seja chamativo, mas não demais; eles têm noção de que nenhuma mulher quer ser vista entrando ou saindo de um ponto cigano. O que eles mais apreciam são armazéns com aluguéis baixos em regiões com imóveis deteriorados perto de ruas movimentadas como a 14th e a 23rd. Conheci uma família *machvaya* que pagava seiscentos dólares por mês por uma boa localização, mas isso é incomum, até para essa família, e as outras não chegam nem perto de pagar um valor assim. Quando eles acham um armazém que querem alugar, um cigano que não pareça muito cigano vai até o proprietário ou até o agente imobiliário e diz que quer abrir uma loja de tapetes, ou uma ponta de estoque, ou uma loja de abajures, ou uma loja de brinquedos. Eles chegam a um acordo, o cigano paga um mês de aluguel adiantado e pega um recibo e uma chave. Na manhã seguinte, dois ou três carros com baús e colchões amarrados no teto estacionam na frente do armazém, ou então duas ou três peruas, e o que à primeira vista parece ser uma multidão de ciganos desce dos carros e começa a carregar as coisas para dentro. Eles são sistemáticos. Primeiro trazem algumas cadeiras dobráveis e algumas mesas dobráveis e algumas *gonyas*. Uma *gonya* é um par de bolsas enormes de lona amarradas com uma cinta que pode ser carregada no ombro; e elas carregam uma quantidade impressionante de coisas; se uma cigana estiver mesmo determinada, ela consegue colocar quase uma Macy's inteira dentro de uma dessas bolsas. As mulheres fazem dois terços do trabalho. Elas sobem nas cadeiras e martelam pregos nas paredes e passam fios pelos pregos. Tiram cortinas e tecidos de dentro das *gonyas*, metros e metros e metros de tecido, e penduram nos fios, dividindo o armazém num labirinto de quartos e tendas. A princípio, elas decoram as paredes com algumas daquelas tapeçarias falsas que casas de leilão vendem nos calçadões, ou podem pendurar um daqueles quadros que encomendam com cartazistas – uma palma da mão gigante, ou uma cabeça frenológica, ou um zodíaco, ou uma lua crescente e uma estrela. Depois pegam uma

pilha de livros mofados sobre quiromancia, astrologia e interpretação dos sonhos, que carregam há anos, e arrumam na janela da frente. É uma forma de camuflagem. Ler a sorte é proibido na cidade e, quando as ciganas são levadas à corte por isso, é normal berrarem, gritarem e jurarem por Deus que não leram a sorte da mulher, longe disso, elas só venderam um livro e mostraram como ele funciona, se a mulher achou que elas estavam lendo a sorte dela, deve ser louca. Elas trabalham rápido. Conseguem deixar um *ofisa* montado e pronto para receber clientes em uma hora, e tempos depois, se aplicam um *bajour* e têm que ir embora rápido, elas conseguem desmontar tudo em muito menos tempo. Elas às vezes compram um par de cadeiras estofadas de uma loja de sucata e colocam na frente do armazém para sentar e esperar os clientes, mas sempre deixam as poltronas para trás quando se mudam. As últimas coisas que descarregam são os baús e os colchões – isto é, se forem viver no *ofisa*. Os colchões são colchas forradas com pena; os ciganos esticam as colchas no chão à noite e dormem no meio delas, e pela manhã voltam a enrolar as colchas e empilham tudo num canto. Eles com frequência montam um negócio como se fosse um pequeno santuário num canto do armazém. Colocam uma caixa nesse canto, uma caixa ou um engradado de laranja, e põem em cima uma fotografia da última pessoa da família que morreu. A fotografia tem uma moldura com um suporte atrás. A fotografia é quase sempre da pessoa deitada no caixão. Os ciganos gostam desse tipo de coisa – contratam um fotógrafo e pedem para ele ir até a agência funerária para fazer a foto; as fotografias são coloridas ou pintadas à mão. Eles colocam imagens de ídolos dos dois lados do porta-retratos – imagens de santos, santos da Igreja Católica Ortodoxa. E eles acendem uma vela na frente disso tudo, quase sempre uma vela grande e grossa, cortada na base e encaixada no gargalo de uma garrafa de leite de um litro, e nos dias que têm a ver com os mortos, eles acendem a vela. Para cozinhar, se não houver um fogão a gás no armazém, eles instalam um par de chapas quentes, uma para o *goulash* e uma para ferver a água do chá. Essa é a base da alimentação deles: *goulash* e chá. Isso, e chocolate. Eles passam boa parte do tempo sentados tomando chá. Eles fazem um bom chá, bom e quente e forte, e depois estragam esse chá. Eles bebem o chá em copos e, nesses copos, colocam não só fatias de limão, mas também fatias de laranja ou maçã ou pêssego ou pera, ou de qualquer outra fruta da estação. Já vi pegarem uma ameixa madura, uma daquelas ameixas roxas bem grandes, e encherem a ameixa de furos com um garfo até o suco começar a escorrer e depois largar a ameixa dentro de um copo de chá. Já vi colocarem morangos no copo de chá

e esmagar os morangos na parede do copo com uma colher até deixar o chá vermelho. Já vi colocarem geleia no chá, várias colheradas de geleia. E, com a quantidade de açúcar que eles usam, é um milagre que ainda tenham dentes na boca, mas eles têm os dentes branquinhos, lindos e fortes; os dentes são de longe a coisa mais saudável que eles têm. Se as mulheres estão ganhando dinheiro, os homens gostam de comer fora. Ah, às vezes eles levam as mulheres junto. Eles comem, principalmente, em dois tipos de lugares. Comem em restaurantes judaicos no Lower East Side, do tipo que tem uma placa na janela dizendo 'grelhados romenos', e comem em restaurantes italianos, não o tipo de restaurante italiano que os americanos conhecem e sim restaurantes que são chamados de *capozzelle* e ficam em porões de vizinhanças italianas; esses lugares são especializados em *capozzelle*, ou cabeça de cordeiro, e em pratos feitos com órgãos internos como pulmões e tripas; compradas em matadouros, as cabeças de cordeiro custam quase nada, são cortadas ao meio e grelhadas.

"Na estrada, pelo que sei, os ciganos podem ser tranquilos, podem se deixar levar, sem nenhuma preocupação no mundo, como se supõe que os ciganos sejam, mas aqui, na cidade, pela experiência que tive com eles, eles não são nada tranquilos. Os ciganos reclamam que não se sentem bem e sempre estão sofrendo com alguma coisa; se não for conjuntivite, é coceira. Uma coisa que vocês sempre vão ver no meio da tralha que os ciganos abandonam em qualquer lugar onde estavam morando é um monte de garrafas de remédio vazias. Eles têm medo de médicos e sempre vão à farmácia e pedem para o farmacêutico indicar alguma coisa para a dor de estômago, ou para os nervos – eles sentem uma dor aqui, outra dor ali, e o remédio cura isso tudo. E a razão para entenderem tão bem as pessoas supersticiosas é que eles também são supersticiosos. Eles veem sinais em toda parte, sinais e avisos, especialmente as mulheres. De vez em quando, as ciganas têm sonhos assustadores, ao menos é assim que interpretam esses sonhos, e no dia seguinte elas seguram a família inteira dentro de casa – ninguém tem permissão para sair e ninguém tem permissão para entrar; você pode bater na porta à vontade e pode ver os ciganos andando dentro de casa, mas eles não abrem a porta. Às vezes, um deles tem uma premonição e de repente a família empacota as coisas e vai embora. E pode ter certeza que quando você revistar um cigano, vai encontrar algum tipo de amuleto da sorte. Existe um prédio velho na Bowery, pouco abaixo da Canal, no número 42, que virou uma dúzia de *ofisas* diferentes nos últimos seis ou sete anos, e todos eles foram administrados por mulheres da família Bimbo – filhas, netas e bisnetas do velho Tene Bimbo; ele tem

um exército delas. Uma dupla de Bimbos abria um *ofisa* nesse lugar e trabalhava nele por um tempo e de repente desaparecia, e o lugar ficava vazio por umas semanas ou meses, e depois outra dupla de Bimbos aparecia e assumia o lugar. A maioria de seus clientes é de uma vizinhança italiana ali perto, a vizinhança da Mulberry Street. Elas deixam sempre um cartaz na janela e, se você chega e elas desconfiam que você é um detetive, elas arrancam o cartaz, rasgam e jogam fora. Um deles diz: 'Livros dos sonhos. Madame de Jerusalém. Fala sete línguas'. O outro está em italiano e diz: 'Vieni qui che divina la fortuna'[90], que significa: 'Entre aqui que leio sua sorte'. Existe na região uma senhora italiana de idade que vende amuletos contra olho gordo. Ela tem uma mochilinha que fica pendurada no pescoço e que vira uma bandeja, e de noite ela faz rondas na Grotta Azzurra, na Villa Penza, na Antica Roma, na Nuova Napoli, no Angelo's e em outros restaurantes da vizinhança que atraem pessoas da parte alta da cidade, e vai de mesa em mesa mostrando os amuletos; as pessoas compram para usar como enfeite ou como suvenires. Uma noite, eu estava pela Mulberry Street em um trabalho que não tinha nada a ver com ciganos. Estava parado, numa sombra, olhando a rua e vi duas mulheres se aproximando uma da outra na calçada do outro lado da rua. Uma era a velha dos amuletos fazendo rondas com sua bandeja e a outra era uma cigana do *ofisa* da Bowery, uma das Bimbos. Quando elas estavam a ponto de passar uma pela outra, a cigana parou a velha dos amuletos e se inclinou para ver o que tinha na bandeja, e as duas ficaram ali por vários minutos bem perto uma da outra, tendo uma conversa séria, daí a cigana escolheu um amuleto e pagou por ele; foi quando pensei comigo mesmo: 'Agora eu já vi de tudo'."

"Uma mão lava a outra", disse o detetive Kane.

"Ou isso", disse o capitão Campion, "ou é o sujo falando do mal lavado. Uma razão para eles serem tão supersticiosos, os ciganos, é o ambiente onde vivem, e outra razão é que eles são analfabetos. Eles não se importam com educação e não mandam as crianças para a escola a não ser que sejam forçados a isso. Já ouvi os ciganos dizerem que ir para a escola é tranquilo para os *gajos*, eles fazem isso há centenas de anos e estão acostumados, mas os ciganos não estão acostumados, e a pressão que a escola gera na mente de um cigano pode acabar causando ataques epiléticos. Em cada dez ciganos, duvido que você encontre mais do que um que saiba ler e escrever, mas aritmética é uma coisa completamente diferente; todos eles demonstram saber

[90] Mitchell foi generoso na tradução do cartaz da cigana porque o italiano dela é meio tosco. Ela escreveu algo como: "Venha aqui que adivinha a sorte".

aritmética o suficiente para se virar sozinhos; e como eles aprenderam é um mistério para mim.

"No que se refere à religião, a grande maioria é ortodoxa russa ou ortodoxa sérvia. Os russos vão a igrejas pequenas nas vizinhanças russas – São Pedro e São Paulo, que ficam na 7th Street, entre a 1st Avenue e a Avenue A, e a Santíssima Trindade Cárpato-Russa, que fica na Fourth Street, perto do East River. Os sérvios vão para St. Savas, que fica na West 26th Street; é a catedral ortodoxa sérvia. Desisti de tentar entender a relação dos ciganos com a religião. Parece ser uma questão em que cada um faz as próprias regras. Alguns são casados por um padre e outros, não. Poucos se confessam. Os fiéis ortodoxos levam garrafas para a igreja na celebração de São João Batista – garrafas velhas de remédio, garrafas velhas de uísque, garrafas velhas de todo tipo – e o padre enche as garrafas com água benta e as pessoas levam para casa, e uma quantidade grande de ciganos aparece nesse dia, é quando eles mais aparecem; só que, enquanto uma pessoa comum leva uma garrafa, um cigano leva duas ou três. Vários aparecem também na noite de Páscoa e também na véspera. E de vez em quando uma cigana aparece e compra uma vela e acende a vela diante de algum santo específico. Caso contrário, para a maior parte deles, o único contato com a religião acontece nos funerais. Ciganos seguem as normas ortodoxas para serviços funerários, mas a essência de um funeral cigano está no túmulo. Eles abrem o caixão no túmulo, mesmo que tenha sido aberto durante os serviços, e todos se reúnem ao redor do caixão para dar uma última olhada e, em seguida, começam a gritar em cigano, a se lamentar e a chorar, os homens e as mulheres. As mulheres às vezes chegam a um ponto que dá até dó; vi algumas delas caírem de joelhos e baterem com a cabeça nas lápides e, quando elas se levantaram, estavam tão zonzas que mal conseguiam parar em pé. E antes que fechem o caixão de vez, eles jogam moedas em cima do morto. E depois, quando os coveiros começam a cobrir de terra o caixão, eles arremessam mais algumas moedas na cova. Uma das coisas mais insanas que vi foi num cemitério em Nova Jersey, era uma tarde de fevereiro com um frio e um vento de doer; e dois coveiros estavam de um lado trabalhando na cova de um cigano, jogando terra dentro dela, e os ciganos estavam amontoados do outro lado, chorando e se lamentando, alguns com crianças de colo, e um velho se inclinou para derramar vinho na cova, apoiando o galão no ombro, era um vinho tinto barato, e uma hora o vento bateu jogando vinho nos coveiros e depois bateu jogando vinho nos ciganos. Depois que a cova é coberta de terra, eles esticam uma toalha no chão perto dela e fazer um

banquete de funeral. Se a família tem dinheiro, leva peru, presunto e pernil de cordeiro; se é pobre, leva embutidos. E se chover, eles montam uma tenda.

"Por volta de 1900, ciganos começaram a enterrar seus mortos no cemitério Evergreen, em Elizabeth, Nova Jersey, e alguns ainda enterram, mas durante os anos trinta, o cemitério Linden, em Linden, Nova Jersey, se tornou mais popular entre eles, e agora é usado por ciganos de toda a Costa Leste. Evergreen é um cemitério bonito e antigo; é como um bosque fechado, tem um monte de árvores enormes e os ciganos gostam disso. Linden não tem tantas árvores, mas o acesso é mais fácil; a Rota 1 passa bem ao lado dele. O enterro de um cigano proeminente atrai para Linden uns duzentos carros cheios de ciganos e os carros têm placas de uma dúzia de estados diferentes. Steve Kaslov está enterrado lá, o velho rei dos Poopeschti. Ele descansa num caixão de dois mil dólares, e ganhou uma lápide de granito vermelho que vale seiscentos dólares, e uma fotografia dele protegida por algum tipo de plástico transparente foi cimentada na lápide; ele está sorrindo na foto. E Uwano Ufie, mais conhecido como Johnny "Caolho" Nikanov, está enterrado lá. Johnny "Caolho" era um dos reis dos Frinkuleschti e foi muito influente durante a Depressão. Ele sabia ler um pouco e sabia tudo sobre as regras da assistência social e era um tormento para o Departamento de Bem-Estar Social; não havia uma regra no manual que ele não conseguisse burlar. Ele tinha o sonho de atrair todos os ciganos das Américas do Sul e do Norte para Nova York e colocar todo mundo na assistência social, e assim ele se tornaria o governante supremo de todos eles, o imperador dos ciganos. Ele morreu durante uma onda de calor no verão de 1944; passou mal enquanto carregava uma melancia pesada que tinha comprado para os netos e teve um enfarte. E Marta Evans está enterrada lá, ela era a rainha dos ciganos em Filadélfia. E a Pequena Nina Marks está enterrada lá, a cigana mais linda que já vi. A Pequena Nina era uma *argentina* casada com um *kalderash*. Era uma das melhores batedoras de carteira que os ciganos tinham e era muito boa no que os ciganos chamavam de piscadinha. Se um homem parasse na frente de seu *ofisa* e ficasse lá por um tempo, espiando, ela analisava o sujeito e, se ele tivesse cara de otário, ela saía da cadeira e se inclinava bastante para organizar os livros na vitrine e deixava o homem dar uma boa olhada nela e depois dava uma piscadinha e ele entrava na mesma hora e ela o levava para uma das cabines e eles começavam a se agarrar e, enquanto se agarravam, ela roubava a carteira do sujeito e depois gritava estupro e o marido dela aparecia com uma faca e começava a dar golpes no ar, errando o sujeito por pouco, e o sujeito saltava para fora da cabine e

saía correndo como um rato. Ela morreu de câncer de mama no Memorial Hospital em 1952, quando tinha só vinte e sete anos, e está enterrada ao lado de uma colina de frente para a Rota 1, debaixo de um castanheira-da-índia. Uma velha matrona Nicholas está lá, e Repanka Zlotkovich, Elaina Thompson, Sabinka Miller e Mary Demetro, que agarrou minha gravata na corte um dia e quase me enforcou, e Birka Vlado, que fumava cachimbo, e dezenas de outras mulheres que passei boa parte dos últimos vinte anos perseguindo e monitorando e prendendo e interrogando. Quando vi algumas delas pela primeira vez, elas eram jovens, jovens ou se aproximando da meia-idade, e elas andavam com a cabeça erguida, usando saias chamativas e rebolando; e na última vez que vi algumas delas, estavam feias, velhas e cheias de rancor. Às vezes, no domingo à tarde, vou de carro até o cemitério para visitar os túmulos e vejo se surgiu algum novo. Em várias noites frias, eu ficava de pé na rua vigiando e esperando o melhor momento para entrar nos *ofisas* e prender as mulheres que hoje estão enterradas lá no cemitério, e elas me desprezavam e eu as desprezava, mas conhecia bem esses tipos, e me lembro de tanta coisa a respeito delas, e quando olho para as lápides e leio os nomes e as datas, e vejo que estão mortas, devo admitir que fico triste."

O capitão Campion guardou o gráfico dos *vitsas* na valise. Depois voltou a se sentar. "Vamos falar sobre o *bajour*", disse. "A primeira coisa que quero deixar clara para vocês é que, das pessoas que visitam as ciganas por qualquer motivo – para deixar ler a sorte, atrás de conselhos, para ter um sonho interpretado, para pedir dicas de números da loteria, só para conversar ou por pura curiosidade –, muitas são mulheres. E a grande maioria das que terminam vítimas de *bajour* são mulheres com idades entre quarenta e cinquenta e cinco anos, muitas delas estão passando por mudanças na vida. Depois de interrogar algumas dessas vítimas, e eu interroguei centenas, você começa a perceber que elas têm coisas em comum. Muitas são infelizes no casamento ou nunca se casaram ou são divorciadas ou são viúvas. A maioria se sente muito deprimida e, das duas, uma: ou elas não sabem o porquê – por causa da vida – ou culpam alguma coisa que aconteceu no passado – pode ser algo muito complicado ou pode ser algo tão simples quanto terem tido um bebê fora do casamento que foi dado para adoção e do qual nunca mais tiveram notícia. Muitas se preocupam com a saúde – o fato é que a maioria delas tem quase certeza de estar com câncer. Muitas adoram

falar sobre si mesmas, adoram confessar coisas – tem a ver, provavelmente, com a pressão que estão sofrendo, e elas provavelmente não se dão conta disso, mas falam de si mesmas o tempo inteiro, ou sempre que têm alguém ouvindo; elas não param. E muitas podem ser espertas de alguma forma, mas no fundo são ignorantes; se os argumentos forem bons, elas acreditam em qualquer coisa. E boa parte é o tipo de mulher que, se sair à noite para passear com o cachorro, é certeza que vai direto até o primeiro terreno baldio que achar ou até a parte mais mal-iluminada de um parque, ou se tiver que ficar na rua até tarde e voltar para casa sozinha, vai cortar caminho por quarteirões que pessoas comuns não atravessariam nem armadas, ou se ficar num bar até tarde e algum estranho oferecer uma carona, aceita sem pensar duas vezes.

"A segunda coisa que quero deixar clara é que as ciganas são mulheres astutas, muito astutas, e não tenham nenhuma dúvida disso. Quando elas são pequenas, suas mães, avós e tias começam a prepará-las para a vida e, assim que ficam grandes o suficiente para não se mexer e manter a boca fechada, ganham permissão para ficar atrás das cortinas bisbilhotando enquanto as mulheres *gajo* contam seus segredos mais íntimos; faz parte do treinamento delas. Quando chegam aos vinte anos, elas conhecem bem os medos e as ideias loucas que rondam as mulheres de meia-idade e, quando elas mesmas chegam à meia-idade, conseguem olhar para uma mulher, perceber a expressão dos olhos e o formato da boca, as rugas e traços do rosto, e a maneira como ela se comporta e deduzir muitas coisas sobre o seu passado em relação aos homens.

"A terceira coisa que quero deixar clara é que as ciganas têm uma habilidade enorme para fazer objetos cotidianos, banais, parecerem muito misteriosos. O *bajour* é um jogo de confiança bastante flexível e depende da imaginação da cigana que está jogando. No entanto, em anos recentes, dentro e fora de Nova York, a maioria das ciganas está jogando do mesmo jeito. Elas têm jogado usando um ovo, um ovo comum de galinha.

"Normalmente, quando uma mulher entra num *ofisa* pela primeira vez, ela está apreensiva. 'Entre, meu bem', diz a cigana, com uma voz tranquila, 'que vestido bonito você está usando, muito atraente', e a cigana caminha até uma das cabines. Dentro, existem duas cadeiras e uma mesinha com uma vela de uns quarenta e cinco centímetros, tão grossa quanto meu pulso, e mais nada. Todas as imagens que vi de uma cigana lendo a sorte mostram a cigana olhando para uma bola de cristal, mas nunca vi uma bola de cristal em nenhum *ofisa*. A cigana acende a vela e se senta com

a mulher uma de frente para a outra, e a cigana pega a mão direita da mulher, abre a palma da mão e agrada com carinho, alisando mesmo, enquanto a mulher fica falando, contando todos os seus problemas. A cigana se concentra nas linhas da palma da mão da mulher e parece que não está ouvindo nada, mas está; ela está decidindo se vale a pena investir naquela mulher e, se a mulher para de falar, ela faz uma pergunta ou duas e encoraja a mulher a falar mais um pouco. Se a cigana chega à conclusão que a mulher tem bom senso demais para cair no golpe do *bajour*, e que o máximo que vai conseguir arrancar dela é o dinheiro para ler a sorte, ela não perde muito tempo. Aí analisa a palma da mão direita e a palma da mão esquerda também, se a mulher estiver disposta a pagar o dobro do preço, depois usa a velha lábia típica das ciganas que leem a sorte: fala um pouco do passado, um pouco do futuro; ela deve prestar atenção nisso, deve ter cuidado com aquilo, ela não deve tomar nenhuma decisão importante nas terças-feiras. A cigana pode usar esse método com um monte de mulheres diferentes e pode demorar meses até que um dia a cigana olha para a palma da mão de uma mulher que fala sem parar – na última sexta-feira, fez seis semanas que o marido tinha morrido e agora ela está sozinha, não existe mais ninguém que se preocupe com ela; às vezes, ela vê o marido num sonho e ele está sentado no caixão e os olhos estão bem abertos e ele está encarando a mulher; ela acha que poderia ter sido uma esposa melhor e agora está de coração partido; ela dorme poucas horas por noite desde que o marido morreu e mal consegue comer; ela gostaria de pedir desculpas por algumas coisas que disse para ele, mas agora é tarde demais; ele era um homem bom e ela não deu valor; ele deixou tudo para a mulher, mas ela sente que não merece nada, não merece nenhum centavo – e de repente a cigana percebe que encontrou uma vítima. Ela levanta os olhos da palma da mão da mulher e interrompe a conversa. ‘Meu bem, você sentiu alguma dor estranha recentemente’, diz a cigana, ‘alguma dor que não sentia antes?’, ou ‘Meu bem, chegue mais perto e deixe eu ver essa verruga no seu rosto’. Depois ela volta a analisar a palma da mão da mulher. Ela analisa a palma da mão por mais ou menos cinco minutos. ‘Meu bem, deixe eu ver a sua outra mão’, diz a cigana. Ela analisa a palma da mão esquerda por algum tempo, daí alterna de uma para outra, comparando as linhas, e por fim levanta a cabeça e diz: ‘Meu bem, não quero assustar você – acho que dá para resolver o problema –, mas vejo algo ruim na sua mão. Algo muito ruim’. ‘O que é?’ ‘Foi bom que você veio aqui hoje’, diz a cigana. ‘Os espíritos devem ter enviado você para mim.’ ‘O que você viu na minha mão?’, pergunta a mulher. ‘Quero

saber o que você viu.' 'Não posso contar agora', diz a cigana. 'Existe uma outra coisa que preciso conferir e depois eu conto. Quero que você vá para casa agora e, no caminho, quero que você compre um ovo fresco de galinha e, hoje à noite, quero que você pegue os três cobertores mais quentes que você tiver e coloque os três na sua cama, depois quero que você tire a roupa e entre nas cobertas e fique deitada de barriga para cima, depois quero que você pegue o ovo e encaixe no seu umbigo segurando com as duas mãos fechadas sobre ele e quero que você fique assim até sentir que o ovo está morno, quentinho mesmo, e depois quero que você embrulhe o ovo com um lenço e amanhã de manhã quero que traga o ovo para mim. E não precisa me pagar nada, nem agora nem nunca; em casos como o seu, nós trabalhamos numa conexão muito próxima com os espíritos e não aceitamos dinheiro. E preciso avisar que, se você disser qualquer coisa sobre isso para alguém, mesmo que seja um padre ou um pastor, meu poder pode ser afetado e não vou conseguir ajudar você, e é melhor, meu bem, que isso não aconteça porque os espíritos devem ter mandado você para mim, eles devem querer que eu ajude você e, se for isso mesmo, sou a única no mundo que pode ajudar você. Sou sua única esperança.'

"Se a cigana estiver certa sobre a mulher, ela volta para o *ofisa* na manhã seguinte, bem cedinho, e leva o ovo embrulhado num lenço. Elas entram na cabine e a mulher tenta dar o ovo para a cigana; ela quer se livrar dele. 'Espere um pouco', diz a cigana. 'Preciso de uma vela nova para fazer isso.' Ela sai da cabine e vai até os fundos para pegar uma vela e, enquanto está lá, ela esconde um objeto pequenininho no meio dos dedos da mão esquerda. Ela volta para a cabine, arruma a vela e acende. Aí ela pega o ovo da mulher. Ela desembrulha o ovo e devolve o lenço para a mulher e diz para ela estender o lenço sobre a mesa e a mulher obedece. Aí a cigana quebra o ovo em cima do lenço e, enquanto executa esse movimento, ela faz um truque para derrubar o objeto que estava entre os dedos e, quando afasta as mãos, o objeto está caído sobre a gema do ovo – às vezes é um tufo de cabelo, às vezes é um pedaço de fio cheio de nós com algum tipo de matéria verde embolada nos fios e às vezes é um crânio do diabo bem cabeludinho."

O capitão Campion procurou dentro da valise até achar uma caixa pequena de papelão usada para guardar clipes, abriu a caixa e a colocou sobre a mesa. "Igual a este aqui", disse. Dentro da caixa, sobre um maço de algodão, havia um crânio do diabo entalhado em marfim. Tinha pouco mais de três centímetros de comprimento e quase dois centímetros de largura. Os chifres do diabo eram virados para baixo e

tocavam sua testa, seus olhos estavam fechados, suas bochechas eram chupadas, sua boca exibia um sorriso agoniado e ele tinha uma porção de cabelo bem escuro e arrepiado. "A primeira vez que vi esta coisa", disse o capitão Campion, "tive certeza de que ela não havia sido esculpida por um cigano e fui até uma loja de penhores na parte alta da cidade, especializada em joias esquisitas e bricabraques, e o dono me disse que é um tipo de miniatura em marfim muito popular na Alemanha do fim do século passado. Elas aparecem de vez em quando em lojas de antiguidade ou de curiosidades e também em casas de penhor. Quando uma cigana compra uma dessas miniaturas, ela corta um pouco do próprio cabelo e cola nela. Nós apreendemos esta com uma cigana *kalderash* que faz *bajour*, chamada Linka Stevens. Esse negócio escamoso colado no cabelo é gema de ovo seca. A última vez que Linka usou o crânio, ela conseguiu arrancar sete mil e novecentos dólares de uma velhinha irlandesa, uma camareira de hotel. A mulher tinha trabalhado a vida inteira em hotéis baratos de Nova York por mais de quarenta anos e levou a vida inteira para economizar aquele dinheiro". O capitão Campion fechou a caixa e pôs de volta dentro da valise.

"Continuando", disse o capitão Campion, "a cigana e a mulher ficam de pé, imóveis por alguns instantes olhando para aquele pequeno objeto sobre a gema do ovo, e então a cigana diz: 'Vamos sentar, meu bem'. As duas se sentam e a cigana diz: 'Meu bem, eu já desconfiava. Você foi amaldiçoada. Você tem algo crescendo dentro de você'. 'É um tumor?', a mulher pergunta. 'Não vamos falar sobre o que é', diz a cigana, mas a mulher a interrompe. 'É câncer?', pergunta ela. 'Como eu disse, não vamos falar sobre o que é', diz a cigana. 'Vamos falar sobre o que a gente pode fazer a respeito. Você tem algum dinheiro guardado no banco, não tem?' A mulher diz que tem. 'A maldição pode estar ligada a esse dinheiro', diz a cigana. 'Quase sempre está. Antes de você guardar esse dinheiro no banco – você ou seu marido ou a pessoa que guardou o dinheiro –, uma parte dele deve ter passado pelas mãos de um homem que maltratava seu filho, ou pelas mãos de um anticristo, ou, como acontece muito, um homem pode ter se suicidado enquanto acumulava o dinheiro. O dinheiro que está guardado no banco pode não ser o mesmo de antes, mas a maldição está lá, esperando; ela está no meio daquela pilha fedida, indecente e suja de dinheiro empilhado nos cofres do banco, esperando. E vai saltar para qualquer dinheiro que substitua o montante original; vai saltar para qualquer dinheiro que você saque do banco. Quero que você vá para casa agora e pegue sua caderneta do banco e quero

que você vá até o banco e saque uma nota pequena – pode ser uma nota de cinco dólares – e depois quero que você compre outro ovo branco e outro lenço branco, e depois quero que você traga para mim a nota de cinco dólares, o ovo e o lenço. Enquanto isso, vou queimar esse lenço e aquela coisa que estava no meio do ovo. Vou colocar tudo num balde, jogar querosene e queimar.'

"Quando a mulher volta, ela abre a bolsa e dá o dinheiro, o ovo e o lenço para a cigana, mas a cigana recua. 'Ah, não', diz ela. 'Não quero encostar nesse dinheiro.' Ela conduz a mulher até a cabine. 'Agora, meu bem', diz ela, 'quero que você embrulhe o ovo com o dinheiro e aí quero que você embrulhe os dois com o lenço e aí quero que coloque tudo no chão, ali no canto'. A mulher obedece. 'Vou deixar você sozinha aqui um pouquinho', diz a cigana. 'Fique quieta e sentada até eu voltar.' Dá quinze minutos, meia hora, uma hora, e só então a cigana volta. 'Meu bem, pode pegar o ovo agora', diz ela. 'Estique o lenço sobre a mesa e guarde a nota de cinco dólares na sua bolsa e me dê o ovo.' A mulher obedece e a cigana se inclina sobre a mesa e abre o ovo sobre o lenço e de novo aparece aquele pequeno objeto no meio da gema do ovo. 'Isso não me surpreende', diz a cigana. 'O dinheiro que você tem guardado no banco é amaldiçoado, como eu imaginava, e é o culpado pela coisa que está crescendo dentro de você, e existe só uma coisa que você pode fazer. Você tem que ir até o banco e sacar todo aquele dinheiro e trazer aqui, e eu preciso segurar o dinheiro com a mão direita e me conectar com os espíritos e pedir para eles acabarem com a maldição.' A mulher cai em si por um segundo. 'O que acontece se eu não fizer isso?', pergunta ela. A cigana encolhe os ombros. 'Olha aqui, meu bem', diz ela, 'não estou ganhando nada com isso e, para mim, não faz diferença nenhuma o que você vai fazer. Os espíritos trabalham através de mim e estou fazendo a minha parte. Se você fizer a sua, os espíritos vão acabar com a maldição do dinheiro e aquela coisa que está crescendo dentro de você vai se dissolver e desaparecer. Se você não fizer sua parte, os espíritos não me responsabilizam pelo que pode acontecer com você'. 'Você sabe o que pode acontecer comigo?', pergunta a mulher. 'Sim, meu bem', diz a cigana, 'eu sei. Logo, você vai acordar um dia de manhã e notar uma ferida purulenta na gengiva, essa é a primeira coisa que você vai perceber, e aos poucos você vai ficar com um monte de feridas purulentas, as gengivas vão ficar moles e os dentes vão ficar frouxos, e vão cair dois ou três de cada vez, você vai cuspir os dentes como se fossem caroços de cereja, aí o pescoço vai inchar e verrugas enormes e peludas vão surgir no corpo inteiro, e aí os ossos vão começar a apodrecer e o sangue, a coagular – nesse

ponto, se você fizer uns cortes nas mãos e esfregar o sangue entre os dedos, ele vai parecer arenoso – e logo você não vai conseguir se sentar numa cadeira, muito menos ficar de pé, e não vai conseguir mais sair da cama e os pulmões vão ressecar, e aí um dia o coração vai acelerar alguns minutos, parar e acelerar de novo mais alguns minutos, e parar de novo, e de repente você vai sentir como se mergulhasse numa dor profunda, e esse será o fim'. 'Tenho que sacar todo o dinheiro?', pergunta a mulher. 'Cada centavo', diz a cigana. 'E se o homem do banco perguntar por que você está sacando o dinheiro, diga que é algo confidencial, que você vai investir no mercado imobiliário. E diga para ele dar o dinheiro em notas altas, de cinquenta e de cem, para que não fique ruim de carregar.'

"Existem várias formas de concluir um *bajour*. As duas mais usadas são a costurada e a queimada. Se a cigana não sabe o tamanho de sua influência sobre a mulher e sente que seria melhor trabalhar rápido, ela faz uma costurada. Quando a mulher volta do banco com o dinheiro, a cigana vai até a cabine com ela e diz para a mulher se sentar diante da mesa. 'Não se preocupe, meu bem', diz ela. 'Você está fazendo a coisa certa e vai levar só uns minutinhos.' Daí ela pega uma agulha e um fio e um pedaço de tecido branco e grosso cortado no formato de uma cédula de dinheiro, só que um pouco mais largo e um pouco mais comprido. Ela diz para a mulher colocar o maço de notas abertas sobre o tecido e diz para ela dobrar tudo uma vez, o tecido com as notas, com o tecido por fora, e a mulher obedece, e daí a cigana costura os três lados abertos do tecido, fechando o dinheiro em um saquinho ajustado. Esse é o significado mais comum de *bajour* – um saquinho de dinheiro. Os ciganos dizem que é uma velha palavra cigana, mas um padre ortodoxo sérvio me disse que é na verdade uma palavra sérvia, *bozur*, que os ciganos emprestaram e alteraram; *bozur* quer dizer uma flor bonita e pode servir para falar de qualquer coisa que seja bonita de um jeito incomum. A cigana agarra o saquinho com a mão direita e fica de joelhos no chão. 'Meu bem, se ajoelhe aqui do meu lado', diz ela para a mulher, 'e segure minha mão esquerda e feche os olhos. Enquanto falo com os espíritos, quero que você reze do seu jeito. Quero que você reze para que eu receba a resposta certa'. A mulher se ajoelha ao lado da cigana e aí a cigana começa a tagarelar em romani. Ela fala, e canta, e fala, e canta, e parece que ela está implorando e suplicando. A cigana tem dois bolsos no lado direito do vestido. Um bolso está vazio. Enquanto fica tagarelando, ela guarda o saquinho de dinheiro nesse bolso. No outro bolso, ela tem uma variedade de saquinhos similares ao saquinho de dinheiro, só que esses são

falsos; eles variam em espessura e estão cheios de pedaços de papel cortados no tamanho de cédulas de dinheiro. Ela apalpa dentro desse bolso e escolhe um saquinho falso que tenha uma grossura parecida com a do saquinho de dinheiro e fica segurando esse saquinho. Ela continua falando com os espíritos por mais alguns minutos e de repente dá um grito de alegria e se levanta puxando a mulher junto. 'Agora, meu bem', diz ela, 'vou pedir para você abrir o vestido, ou tirar o vestido, para eu ter acesso às suas roupas de baixo'. A mulher faz o que a cigana pede e a cigana costura o saquinho falso na combinação que a mulher está usado ou em qualquer outro tipo de roupa de baixo. 'Agora, meu bem', diz ela, 'quero que você vá direto para casa e deite na cama, assim que começar a anoitecer, a maldição vai começar a perder o efeito. É um processo gradual, e por volta da meia-noite a maldição vai deixar de existir. Demora um pouco mais para acabar com a maldição do dinheiro. Quero que você use essa roupa com o saquinho costurado nela todos os dias durante uma semana e quero você durma com ela debaixo do travesseiro. No oitavo dia, o dinheiro vai estar limpo e você pode tirar do saquinho e levar para o banco. Só quero avisar que, se você abrir o saquinho antes disso, ou se você falar sobre isso com alguém, mesmo que seja sem querer, o dinheiro vai virar papel branco e a maldição volta para você'.

"Essa é a costurada, e ela é a forma mais fácil. Porém, se a cigana sente que sua influência sobre a mulher é grande, ela adota outro esquema; ela faz uma queimada. Dá mais trabalho, mas o impacto na mulher é maior e, no longo prazo, é mais seguro – é muito raro a gente conseguir uma condenação baseada em uma queimada. Na maioria dos casos, a vítima não quer nem chegar perto da polícia a não ser que algum parente descubra o que aconteceu e force a pessoa a ir, e isso acontece semanas depois, e assim, se a gente se desdobra para prender a cigana, na metade das vezes a vítima volta atrás no último minuto e se recusa a testemunhar na corte. Uma queimada demora mais do que uma costurada. 'Olha, meu bem', diz a cigana para a mulher que está voltando do banco, 'preciso segurar o dinheiro enquanto falo com os espíritos e sempre há o risco do dinheiro passar a maldição para mim e não quero encostar nele sem proteger minha mão. Vou dar para você esse lenço e quero que você pegue o maço de notas e enrole e coloque no meio do lenço e depois quero que você junte as pontas do lenço e amarre com dois nós bem apertados'. A mulher começa a fazer isso, mas a cigana fica prestando atenção. 'Espere um pouco, meu bem', diz ela. 'Abra a bolsa e pegue aquela nota de cinco dólares que serviu para

embrulhar o ovo e coloque dentro do lenço também.' A mulher obedece. Quando ela termina, a cigana segura o lenço amarrado com a mão direita e se ajoelha. Ela canta um pouco em romani e depois entra numa espécie de transe autoinduzido. Já ouvi dezenas de vítimas descreverem esse transe. A cigana geme e choraminga. Ela range os dentes. Bate a testa no chão. Rasga a roupa. Arranha o rosto até sangrar e sangra de verdade; já prendi ciganas vários dias depois de uma queimada e ainda dava para ver os arranhões. Ela joga a cabeça para trás e vira os olhos, estremece e finge que está engasgando. A certa altura, ela fica andando de quatro por tudo, tremendo, e depois cai no chão se debatendo. E enquanto está se debatendo, ela guarda o lenço com o dinheiro num dos bolsos do vestido e pega outro lenço amarrado do outro bolso. Um falso, obviamente; o saquinho tem um pouco mais daqueles pedaços de papel cortados em formato de cédula de dinheiro. Nesse momento, ela está esgotada, deitada com o rosto virado para o chão, ofegando. Aí ela se levanta, e está toda suja, amassada e suada, e a blusa dela está toda rasgada, e o seu olhar é selvagem, e o rosto dela está todo arranhado e ensanguentado. Ela vai cambaleando até a cadeira e senta. 'Meu bem, tenho notícias boas', diz ela, 'e notícias ruins. Os espíritos vão acabar com a maldição, mas antes você vai ter que destruir o dinheiro. Você vai ter que queimar o dinheiro'. Isso deixa a mulher horrorizada, mas a cigana está preparada. Ela faz a mulher pensar naquilo que está crescendo dentro dela e começa a falar de feridas purulentas, enormes verrugas peludas e ossos podres, aquela ladainha toda, e desta vez ela usa sua imaginação até o extremo. Logo a mulher fica conformada. É quando a cigana aparece com um balde cheio de carvão e lascas de madeira, batizados com um pouco de querosene. Ela acende o fogo e espera até que esteja forte e aí joga querosene no lenço falso. Deixa o lenço encharcado de querosene. Aí ela entrega para a mulher e diz para ela jogar o lenço no balde. 'Essa parte é você que tem que fazer', diz a cigana. A mulher joga o lenço no balde, ele pega fogo e queima rápido. Aí a cigana diz para a mulher se ajoelhar e a cigana se ajoelha ao lado dela. 'Reze do seu jeito', diz ela, 'que eu rezo do meu'. Em seguida a cigana se levanta e dá uma olhada dentro do balde. Ela se certifica de que o lenço e seu conteúdo foram destruídos e joga um pouco de água sobre o fogo. 'Agora, meu bem', diz ela, 'quero que você vá direto para casa e deite na cama e, assim que anoitecer, a maldição vai começar a perder o efeito. É um processo gradual, e por volta da meia-noite a maldição vai deixar de existir. Só quero avisar que, até o fim da vida, se você disser alguma coisa para

alguém sobre esse assunto, no segundo em que as palavras saírem da sua boca, a maldição vai voltar e os seus ossos vão começar a apodrecer'.

"É normal que, no fim de um *bajour*, seja ele uma costurada ou uma queimada, a mulher fique em estado de choque, que se sinta perdida, e a cigana tem que pegar a mulher pelo braço e acompanhá-la até a porta. No instante em que a mulher vai embora, a cigana começa a arrumar as malas. Ela não demora para arrumar tudo. Em meia hora, ou até menos que isso, ela some do mapa."

(1955)

O clube dos surdos-mudos

A Associação Sindical dos Surdos[91] é um clube social exclusivo para surdos-mudos. Foi fundado em 1886 e tem quatrocentos membros. Um conhecido meu, que trabalha como operador de linotipo para um jornal matutino, é membro. Algumas semanas atrás, ele fez uma carta de apresentação para eu levar a Mr. Samuel Frankenheim, o historiador do clube. "Mr. Frankenheim trabalhava em Wall Street e se aposentou, e agora se ocupa com a Associação", o linotipista escreveu numa nota que acompanhava a carta. "Se você estiver interessado em escrever um texto sobre o clube, ele vai ficar feliz de falar com você. Apareça qualquer dia à tarde que você consegue falar com ele. Leve um bloco de notas porque você terá de escrever as perguntas no papel. Ele vai responder da mesma forma. Ao conversar com ele, evite usar o termo 'surdo-mudo'. Eu não me incomodo e é provável que ele também não, mas muitos se incomodam. O clube era chamado de Associação Sindical dos Surdos-Mudos, mas cinco anos atrás o nome foi mudado por causa disso. Quase todos que são chamados de surdos-mudos têm os órgãos da fala perfeitos e conseguem falar pelo menos algumas palavras quando surge uma oportunidade, mas acabam sendo considerados 'mudos' ou 'burros'[92]. Como classe, eles preferem ser tratados como 'os surdos'. As pessoas que eram chamadas de 'surdas' (que você vê usando aparelhos auditivos na cabeça), agora insistem em ser chamadas de 'pessoas com deficiência auditiva'. As duas classes não se misturam. Como regra, alguém com deficiência auditiva não entra para organizações de surdos e vice-versa. O endereço da Associação Sindical é na 8th Avenue, 711, logo depois da 45th Street. Vá ao último andar. Você vai encontrar uma porta com a pintura de duas mãos erguidas. As mãos representam as letras A e S do alfabeto manual. Não bata, pois é claro que ninguém vai ouvir. Entre direto, encontre Mr. Frankenheim e apresente minha carta para ele."

Visitei a Associação Sindical num sábado à tarde. O endereço era o de um prédio de três andares bancado com dinheiro de impostos. Perto do patamar do terceiro andar, vi a porta com as mãos. Antes de abri-la, peguei meu bloquinho e escrevi: "Procuro Mr. Frankenheim". Em seguida, entrei. O salão era espaçoso e ensolarado. Num canto, havia uma máquina enorme de refrigerantes. Nas paredes,

[91] No original, *Union League of the Deaf, Inc*.
[92] Em inglês, *dumb* pode ser traduzido como "mudo" e também como "burro".

várias fotografias emolduradas de grupos, um quadro de anúncios, uma bandeira americana e uma faixa de tecido com letras em vermelho, branco e azul: "Deus abençoe a América. Somos americanos com orgulho". Ao longo de uma parede, havia uma fileira de cadeiras com encosto reto. Numa delas, estava sentado um homem grisalho, magro e pequeno, trajando um terno de *tweed* marrom. Suas mãos descansavam sobre as pernas, seu queixo encostava no peito e ele parecia estar dormindo. Aos seus pés, havia uma edição do *Wall Street Journal* toda bagunçada. O salão tinha três mesas de bilhar. Um homem de chapéu-coco na cabeça estava curvado sobre a mesa do meio, preparando uma tacada. Depois da tacada, fui até ele e mostrei meu bloquinho. Ele leu o que eu tinha escrito e seu rosto assumiu uma expressão de incômodo. Ele pegou um lápis no bolso de seu colete e escreveu rápido no bloquinho: "Por que você procura Mr. Frankenheim? Vendedores são proibidos aqui". Escrevi: "Não sou vendedor. Tenho uma carta para ele". O jogador de bilhar leu, deu de ombros e apontou para o homem adormecido. Depois pegou o bloquinho de novo e escreveu: "É ele. Pode acordar Mr. F.".

Fui até lá e encostei no ombro de Mr. Frankenheim e ele abriu os olhos e bocejou. Dei a carta para ele. Depois de ler a carta, ele fez um sinal para eu me sentar. Em seguida pegou um bloco de papel com folhas destacáveis, apoiou num dos joelhos e começou a escrever. Quando chegou ao fim da folha, ele a arrancou e deu para mim. Sua letra era pequena e meticulosa. "É um prazer conhecer você", ele tinha escrito. "Dia bonito, né? Jornal disse chuva! Gosto de conversar com que tem audição sobre as pessoas da Associação. Um clube ótimo. O melhor dos Estados Unidos. Sou um dos fundadores. Nosso escritório está aqui há oito anos. Tivemos escritório num prédio na West 125th Street por trinta e um anos. Pegou fogo. Incêndio. Clube perdeu sete mil dólares. Perda terrível. Instalações aqui são muito boas, na minha opinião. Este é o salão de bilhar. Equipado com as melhores mesas que o dinheiro pode comprar. Temos vários jogadores bons na Associação. O salão de jogos e o escritório ficam aqui ao lado. Mostro para você depois."

Enquanto eu lia essa mensagem, Mr. Frankenheim não olhava para mim, mas continuou escrevendo no bloco de papel. Até arrancar outra folha e dá-la para mim. "No fim do corredor", dizia o texto, "temos o salão das assembleias. Tem quinhentos lugares. Usado só para encontros de membros e para Noites Literárias. Nome é da época em que tínhamos debates na língua de sinais. Debates eram considerados refinados e literários naquele tempo. Nas Noites Literárias, a gente tinha palestras,

filmes mudos e às vezes debates, depois era só tirar as cadeiras, ligar o rádio e dançar. Os surdos são dançarinos de primeira. Ninguém melhor. A gente não ouve, mas quando a gente dança num chão de madeira, muitos de nós sentem as vibrações da música. Veja a gente dançar, você não diz que a gente é surdo. Temos alguns dançarinos de *jitterbug*[93]. Não sou muito chegado. Acho inconveniente. A Associação é só para homens, mas sempre convidamos as mulheres para nossos eventos. Temos várias palestras sobre temas importantes, às vezes dadas por gente com audição. Um palestrante com audição sobe ao palco e fala da mesma forma que faria em qualquer outro lugar. Um homem com audição e que conhece a língua de sinais fica de pé ao lado dele e interpreta para nós. Abrimos todas as reuniões 'cantando' o hino nacional americano na língua dos sinais. Todos ficam de pé e interpretamos a música inteira com as mãos. São fatos interessantes para você?"

Depois de ler isso, comecei a escrever uma resposta, mas Mr. Frankenheim fez um gesto para eu esperar. Ele pegou de volta uma das folhas que tinha me dado e escreveu uma frase no verso dela: "Tenho setenta e dois anos". Sei o que ele estava esperando de mim. No meu bloco, escrevi: "O senhor parece muito mais novo". Ergui o papel, ele leu, sorriu com orgulho e voltou a escrever. "Nunca se preocupar!", escreveu ele desta vez. "É o segredo. Vivi a vida inteira ocupado, mas não preocupado. Passei vinte e três anos com a empresa Lee Higginson vendendo ações e títulos para os surdos dos Estados Unidos e do Canadá. Viajei muito. Aposentado há três anos. Só relaxando. É divertido! Vamos dar uma olhada no salão de jogos. A Associação tem alguns dos jogadores de pinocle mais inteligentes que você já viu. Da minha parte, prefiro o uíste."

Mr. Frankenheim se levantou e eu o segui até a porta da sala ao lado. A porta estava escancarada e ficamos no batente olhando para dentro. Na sala, sentados ao redor de grandes mesas de jogo, circulares e antigas, havia cerca de duas dúzias de homens, a maioria de meia-idade. Alguns liam, um escrevia uma carta, um montava um quebra-cabeça e um consertava um isqueiro com uma lixa de unhas, mas a maioria estava envolvida com jogos de cartas. O salão não era silencioso – jogadores de *pinochle* resmungavam um para o outro com raiva, cartas eram embaralhadas e dadas de um jeito barulhento, cadeiras às vezes eram arrastadas para trás e um par de espectadores caminhavam por ali. Na mesa mais próxima de nós, dois homens

[93] *Jitterbug* é um tipo de dança em que o casal faz várias acrobacias, saltando, girando e deslizando pelo chão.

analisavam os resultados das corridas de cavalo. Um deles tinha um *Daily Racing Form* e o outro tinha uma página do *Morning Telegraph* com os últimos resultados. De repente, eles levantaram os olhos dos jornais e começaram a conversar na língua de sinais. Era evidente que discordavam sobre alguma coisa; eles abriam e fechavam as mãos no ar, moviam os dedos e faziam gestos complicados. Escrevi no meu bloco de notas: "Por que eles estão discutindo?". Mr. Frankenheim observou os dois por alguns instantes e escreveu: "Conversam sobre um cavalo".

Um homem surgiu atrás de nós e abrimos espaço para ele entrar. Era um engraxate. Ele colocou seu caixote debaixo de uma mesa, tirou o boné e sentou. Depois tirou um punhado de trocados e começou a contar o dinheiro. Mr. Frankenheim percebeu que fiquei curioso com o sujeito e escreveu: "Cavalheiro que acabou de entrar é membro. Engraxa sapatos na 8th Avenue. Muito conhecido na vizinhança e fez vários amigos com audição. Os interesses dos membros da Associação são variados e vão de trabalhos banais até o caso do membro que é dono de uma gráfica enorme e vende seguros para os surdos como uma atividade secundária. No clube, todos os membros são iguais, não importa o trabalho, a raça, a religião, etc. Não é como os clubes da Park Avenue. Nenhum homem é excluído por causa de raça ou de classe. Temas políticos e religiosos são tabus nas nossas reuniões. A maioria dos membros que estão agora no salão de jogos é de gente com trabalhos noturnos que tem um momento de lazer durante à tarde. Agora vamos para o escritório e depois escrevo uma breve história do clube para você."

O escritório dos funcionários era despretensioso. Era mobiliado com uma escrivaninha, um cofre de ferro, uma mesa longa e meia dúzia de cadeiras. Cartazes de bailes da Associação Sindical tinham sido emoldurados e decoravam as paredes, além de um calendário com uma garota em roupa de banho, um ferrótipo[94] apagado de um prédio e uma fileira de fotografias dos presidentes do clube no passado. A fotografia de Mr. Frankenheim era uma delas. Dois homens estavam sentados num dos extremos da mesa. Um deles era um jovem com uma calvície prematura, que usava óculos com lentes tão grossas que deixavam seus olhos protuberantes. Ele tinha uma câmera Leica pendurada no pescoço, descansando sobre o peito. O outro homem

[94] Ferrotipia é um processo fotográfico que não usa negativo e que foi muito popular na segunda metade do século XIX. A base para a fotografia feita desse modo é uma chapa fina de ferro.

era de meia-idade; era robusto e ruivo e tinha traços obviamente irlandeses. Eles estavam examinando alguns negativos. Quando entramos, os dois olharam para nós e Mr. Frankenheim conversou com eles por vários minutos na língua de sinais. Depois eu e ele nos sentamos no outro extremo da mesa. Ele apontou seu lápis com uma faca de cabo perolado e começou a escrever no bloco de notas. Depois de um tempo, peguei um cigarro. O jovem de calvície prematura ergueu os olhos dos negativos e me viu acender o cigarro. Em seguida, ele disse: "Posso filar um cigarro? Eu fumo cachimbo, mas esqueci minha tabaqueira em casa". Não achei que ele fosse capaz de falar e, claro, fiquei surpreso. Sua voz não tinha muita inflexão e era um pouco mais alta que um sussurro. Ele falava de maneira hesitante e com uma dificuldade evidente.

"Com certeza", eu disse, fazendo o maço de cigarros deslizar sobre a mesa. Ele pegou um e fez o maço deslizar de volta para mim. Ofereci um cigarro para o homem ruivo, mas ele balançou a cabeça.

"Obrigado", disse ele, "mas eu não fumo". A voz dele era normal. O jovem calvo acendeu o cigarro e disse: "Você ficou surpreso de me ouvir falar, não?". Respondi que sim e perguntei se ele era membro da Associação.

"Sou membro", disse ele, "mas meu amigo aqui não é. Ele tem audição, mas conhece a língua de sinais. Ele aparece de vez em quando para fazer umas fotografias. Eu mesmo sou completamente surdo, mas consigo falar um pouco e sei ler lábios. Fiquei surdo quando tinha doze anos de idade. Tive sarampo e perdi a audição, mas não a habilidade de falar."

"Que interessante", eu disse. Ele franziu a testa e olhou fixo para mim por alguns instantes.

"Pode ser interessante para você", ele disse por fim, "mas não é para mim".

Fiquei constrangido e mudei de assunto. "Você é fotógrafo?', perguntei.

Ele balançou a cabeça. "Sou amador", disse, "ganho a vida como encadernador".

Quis fazer mais perguntas, mas Mr. Frankenheim arrancou uma folha do bloco de notas e a entregou para mim. Ele havia coberto os dois lados da folha com sua caligrafia precisa.

"Vou contar agora a história da Associação", começava o texto. "Ela foi fundada na sala de estar da minha casa de infância na Lexington Avenue, 531. É o prédio antigo no ferrótipo pendurado na parede. Depois ela foi derrubada para que pudessem construir o Hotel Shelton no lugar. Eu e outros três jovens nos encontramos

na sala de estar numa tarde de sábado em janeiro de 1886. Todos eram estudantes da Instituição para o Aprimoramento dos Surdos-Mudos, agora conhecida como a Escola Lexington para Surdos, e todos éramos amigos próximos. Decidimos criar um clube social exclusivo para surdos-mudos. Todos ficamos responsáveis – fui o primeiro presidente – e todos contribuíram para criarmos uma tesouraria. Depois aprovamos duas resoluções. Uma exigia que cada membro aprendesse a dançar e a outra autorizou um saque da tesouraria com o propósito de pagarmos por uma fotografia de nós três. Fomos até a galeria de ferrótipos de Mrs. C. A. N. Smith na Broadway com a 13th Street, que era famosa naquela época. Lembro como se fosse ontem. Como o tempo voa! No outono de 1888, o ano da nevasca, o clube tinha crescido tanto que decidimos dar um baile. Alugamos o Lyric Hall na 6th Avenue e foi exigido que cada membro usasse um terno completo, caso contrário a multa era de dois dólares. O baile foi um sucesso e deu fama à A.S. em círculos de surdos-mudos por toda parte. Depois decidimos que o baile seria anual. Agora fazemos nossos bailes em hotéis grandes como o Astor.

"O clube foi se tornando cada vez mais importante na vida de seus membros. Como quando algum membro morre, o clube cuida de todos os detalhes do funeral. Isso ainda acontece com frequência. Sempre mandamos uma coroa de flores para o funeral de uma pessoa surda que seja proeminente, mesmo quando ela não é do clube. Os membros da Associação sempre foram homens de caráter exemplar. Tivemos de expulsar um homem em 1893 por abandonar sua jovem esposa. Esse tipo de coisa não pode acontecer. No início do clube, a gente não tinha uma sede, mas foi ganhando força e acabou se cansando de se reunir cada dia num lugar. Foi assim que começamos a alugar salas. Primeiro, alugamos uma na hospedaria Elk, depois na Central Opera House de Jacob Rupert, depois num prédio comercial da Broadway, depois passamos anos na West 125th Street e depois viemos para cá. Todas as mudanças foram para melhor. No momento, nossas finanças estão ótimas. Bata na madeira. Temos quatrocentos membros. Temos três dúzias de membros de outras cidades, a maioria de Jersey. Quando eles estão na cidade, usam a Associação como quartel-general. Alguns poucos que vivem em pontos distantes enfrentam problemas e despesas grandes para participar das Noites Literárias, só para desfrutar da companhia dos outros etc. Membros ajudam uns aos outros a encontrar emprego. Clube faz doações para instituições que atendem surdos carentes. Equipou vários times de atletas surdos. Poderia passar a noite escrevendo sobre essas coisas, mas citei aqui as

principais informações e meus dedos estão cansados. Espero que você me desculpe. Prazer em conhecer você."

Depois que terminei de ler isso, escrevi uma nota para Mr. Frankenheim agradecendo pela atenção e depois nos despedimos com um aperto de mãos. Peguei meu chapéu e estava indo embora, mas ele agarrou meu cotovelo e me levou até a máquina de refrigerante no salão de bilhar. Tomamos Coca-Colas e trocamos mais um aperto de mãos. E fui embora. O homem ruivo veio atrás de mim. No corredor, ele me perguntou: "Mr. Frankenheim estava falando com você sobre a Associação Sindical?".

Respondi: "Isso".

"Você tem interesse nos surdos?", perguntou ele.

Disse a ele que meu plano era escrever um artigo sobre o clube.

"Bom", disse ele, "a Associação Sindical é um organização maravilhosa, mas existem vários outros clubes de surdos na cidade. Este é o maior, mas existem dúzias de outros. Se você estiver interessado, posso falar sobre alguns deles". Sugeri que a gente fosse até algum lugar para tomar um drinque e ele me disse: "Este prédio, no térreo, tem um lugar chamado Café do Larry. A gente podia ir lá".

Descemos as escadas até o Café do Larry, que era um típico bar da 8th Avenue, ficamos no balcão e pedimos dois Tom Collins[95].

"Meu nome é Jack Fitzsimmons", disse o homem ruivo. "Sou revisor de provas. Trabalho numa gráfica que lida com trabalhos grandes de impressão, no Brooklyn. Tenho vários amigos surdos e sou intérprete da língua de sinais. É meu *hobby*. Meus pais eram surdos e aprendi os sinais com eles. Quase todos os clubes de surdos têm membros honorários que não são surdos e conhecem os sinais e trabalham como intérpretes. Sou membro honorário de um clube pequeno no Brooklyn, mas falo melhor disso depois. Se uma pessoa surda tem que ir para o tribunal, ou é chamada a se apresentar no escritório da receita federal, ou quer lidar com documentos de cidadania ou tirar uma certidão de casamento, ou outras coisas desse tipo, ela pode pedir a ajuda do intérprete de sua organização, que a acompanha. Assim como eu, a maioria desses intérpretes aprendeu os sinais com os pais. Os filhos e filhas de pais

[95] Tom Collins é um drinque feito de gim, suco de limão, açúcar e água com gás.

surdos são um grupo muito interessante. Helen Menken, a atriz, é uma delas. Não sei se ela conhece os sinais, mas sei que faz bastante propaganda para a Associação Nacional dos Surdos, que tem uma sede na cidade. Não é uma organização social. Ela combate leis que interferem com os direitos dos surdos de dirigir carros e tem também um escritório contra impostores, que investiga pedintes que dizem ser surdos e com frequência não são, e tem um comitê de nomenclaturas, que escreve para os jornais quando eles usam frases desagradáveis como 'surdo e mudo' e ajuda empregadores a se familiarizarem com as habilidades especiais dos trabalhadores surdos, e faz mais um monte de outras coisas. Aliás, o que você achou deste bar?"

Respondi que achei o bar o.k.

"Ele não tem nada de mais", disse ele, "a não ser o fato de ser um ponto de encontro para surdos. Tem a maior circulação de surdos de toda a cidade. E fica cheio nas noites de assembleia da Associação. O proprietário é um sujeito chamado Laurence Blau. Ele se interessa pelos surdos. Ele tem um filho chamado Sheldon, que cuida do bar à noite. Sheldon sabe o alfabeto manual. Acho que ele é o único dono de bar que sabe. Quando você estava lá no clube, você chegou a ver um engraxate?"

"Vi, sim", respondi.

"Bom, o nome dele é Hughie Schmidt. Ele se diverte ensinando pessoas que ouvem a conversar com os surdos. Ele ensinou Sheldon. Ensinou também um policial da região, Henry O'Connor, da delegacia da West 54th Street. Quando a Associação faz um evento grande, o comitê organizador sempre entra em contato com a delegacia e pede que eles mandem o O'Connor para manter a ordem. Não que precisem mesmo de um policial. Os surdos são muito organizados e não existem muitos bêbados entre eles. É só um costume. O'Connor é um sujeito paciente e Hughie até que conseguiu ensinar bastante da língua dos sinais para ele, e também o alfabeto manual."

"Qual é a diferença?", perguntei.

"No alfabeto manual", disse Fitzsimmons, "as letras são representadas pelas posições dos dedos da mão e essa forma de se comunicar é chamada de alfabeto manual. É um tédio. A língua de sinais é um conjunto enorme de gestos que foi passado de uma geração para outra, com cada uma dando suas contribuições. Se eu levo minha mão direita até meu queixo e finjo agradar uma barba imaginária, que é o sinal para 'velho', e depois aponto meu dedo indicador para uma pessoa surda, ela vai entender que estou perguntando: 'Quantos anos você tem?'. Muitos sinais de surdos são usados pelo público em geral e milhares deles são exatamente iguais aos sinais

usados pelos índios das planícies. Um exemplo é o sinal para ‘louco’. Você toca a testa com o dedo indicador e depois desenha um círculo com o dedo duas ou três vezes. Os sinais e o alfabeto manual são usados ao mesmo tempo em várias conversas. Nomes incomuns, por exemplo, sempre são soletrados com o alfabeto manual. Alguns sinais exigem habilidade em pantomima. Ninguém conhece todos os sinais. Alguns são especialistas, outros sabem só o suficiente para ter conversas simples.”

“Quantas pessoas surdas existem na cidade?”, perguntei.

“Na cidade de Nova York”, disse Fitzsimmons, “existe algo entre cinco mil e seis mil dos chamados surdos-mudos. Em geral, eles vivem num mundo restrito, um mundo só deles. Eles preferem a companhia de outros surdos porque a maioria das pessoas com audição acha os surdos peculiares, ou misteriosos, ou anormais. Quando conversam entre si usando a língua dos sinais em público, as pessoas ficam olhando como se eles tivessem escapado do zoológico. Na rua ou no metrô, eles sempre chamam atenção; as pessoas sempre ficam olhando. Por causa disso, eles preferem viver em grupos. Até as expressões usadas para falar deles, especialmente ‘surdo e mudo’, demonstram intolerância. Não existe nada errado com os órgãos da fala ou com a inteligência da maioria dos surdos. As pessoas aprendem a falar por imitação e a criança surda não consegue falar simplesmente porque não consegue ouvir. Ela não sabe o que é a fala. É como esperar que uma criança cega seja capaz de visualizar uma cor.

“Apenas cerca de trinta e cinco por cento dos surdos nasceram sem audição, e essa é a surdez congênita. A maior parte perdeu a audição nos primeiros anos de vida ou na infância depois de ter sarampo, gripe, difteria, escarlatina, meningite ou alguma outra doença, e essa é a surdez adquirida. Os órgãos da fala de praticamente todas as pessoas em ambos os grupos são normais e é possível ensinar muitos deles a falar de maneira inteligível, mas é preciso uma paciência quase sobre-humana. Esse esforço é feito na maioria das escolas para surdos de Nova York. O alfabeto manual e a língua dos sinais são proibidos nas salas de aula dessas escolas. Em vez disso, os alunos aprendem a falar e a ler lábios. Alguns se tornam proficientes, sobretudo aqueles que tiveram experiência com a fala antes de ficarem surdos, mas outros conseguem aprender apenas algumas expressões. No entanto, a fala de quase todas as pessoas surdas soa esquisita para quem não é acostumado. Ouvi gente reclamar que é muito gutural, ou que carece de modulação, ou que soa animalesca. De qualquer forma, por

uma razão ou outra, parece deixar a maioria das pessoas desconfortável. Se não conseguem entender um surdo logo de cara, fazem um gesto para ele escrever o que está querendo dizer. E sempre ficam encarando. Você viu como funciona. Se o surdo usa sinais, as pessoas ficam olhando. Se ele fala, as pessoas ficam olhando. Agora há pouco, lá em cima, você se assustou quando meu amigo pediu um cigarro. O jeito de ele falar foi tão ruim assim?"

"Desculpe. Não é o jeito de falar que foi ruim", eu disse. "Mr. Frankenheim falou com vocês dois na língua de sinais quando a gente entrou na sala e dei como certo que vocês todos eram surdos. Quando seu amigo falou de repente, fiquei surpreso."

Fitzsimmons encolheu os ombros.

"A principal característica dos surdos é que eles vivem sob a lógica de clã", disse ele, mudando de assunto de repente. Não estou dizendo que são amargurados. Muitos deles são tão felizes quanto qualquer outro ser humano, mas, quando buscam compreensão e companheirismo, eles dependem quase totalmente uns dos outros. Por essa razão, existe um mundo de clubes, sociedades, organizações, hospedarias, federações e associações exclusivas para eles. A maioria é formada por pequenos círculos e grupos informais. O clube do qual sou membro honorário é um exemplo. Ele tem quatorze membros. Todos são do Brooklyn. Nossos membros tem inteligência acima da média. Eles são grandes leitores. Um deles é graduado pelo Gallaudet College, a antiga Faculdade Nacional dos Surdos-Mudos, que é a única de seu gênero no mundo inteiro. Ele fica em Washington. No inverno, a gente se reúne em cima de uma cafeteria perto do Borough Hall. A cafeteria é propriedade do parente de um membro e eles deixam a gente usar uma sala no segundo andar. A gente fica ali e conversa, fuma e toma cerveja até tarde da noite. Aliás, os surdos preferem cafeterias, principalmente as automáticas[96]. Conheço uma mulher surda que come regularmente em restaurantes automáticos há doze anos sem nunca ter pronunciado uma única palavra. Todos os domingos do verão, nosso clube vai para Coney. A gente sempre se encontra no Brighton Beach Baths, que por algum motivo é popular entre os surdos. Vários clubes vão para lá. Nos domingos de inverno, com frequência o clube vai em grupo para o Metropolitan Museum, com palestras gratuitas para quem sabe fazer leitura labial. Os surdos são ótimos para os museus. Temos dois

[96] Os restaurantes automáticos, ou *automats*, em inglês, foram populares no início do século XX e eles funcionavam apenas com máquinas de venda automática tanto para bebidas quanto para comidas.

membros que vivem no Metropolitan. Pouco tempo atrás, tivemos um casamento – uma garota do nosso clube com um rapaz da Associação Sindical. Os surdos quase sempre se casam com surdas. Olha, cansei de ficar de pé. Vamos procurar um lugar para sentar."

Pedimos mais uma rodada de bebidas e ocupamos um sofá nos fundos do bar.

"Nosso grupo é bem informal", continuou Fitzsimmons. "Temos funcionários e dívidas e adotamos o nome de Sociedade Efatá de Borough Hall. 'Efatá' é uma palavra que Jesus disse quando curou um homem surdo. Ela aparece em São Marcos. Quer dizer: 'Abre-te'. É uma palavra usada por muitos clubes de surdos católicos e protestantes. É raro a gente usar a palavra. Em geral, a gente fala 'a turma' ou 'a gangue'. De vez em quando, a gente faz uma reunião com o poder legislativo e tudo, mas muitas vezes a gente só se encontra para conversar. É assim que funciona com a maioria dos clubes menores. E existem grupos maiores e mais organizados que têm vínculos religiosos e realizam suas reuniões em igrejas. Quatro ou cinco desses grupos fazem reuniões na casa paroquial da Igreja de Sant'Anna para surdos-mudos no número 511 da West 148th Street. Essa igrejinha foi a primeira de seu tipo no mundo. O pastor é surdo, claro, e todos os serviços – sermões, casamentos, funerais, batismos, tudo – são conduzidos na língua de sinais. Durante os serviços, a parte da frente da capela é muito bem iluminada para que a congregação não tenha dificuldade para ver as mãos do pastor. Ela tem um coral e os coristas cantam hinos usando as mãos. A Igreja de Sant'Anna é antiga. Ela foi fundada em 1852 e a construção que ocupa hoje foi erguida em 1898.

"A Igreja de Sant'Anna é episcopal, mas pessoas de todas as religiões a frequentam. Os católicos têm várias organizações para surdos. As principais são os Cavaleiros e Damas da Associação de Doentes e Deficientes de De L'Épée e a Sociedade Efatá para Surdos Católicos. Ambas as organizações aliam funções sociais e seguradoras. Elas pagam benefícios para doentes, realizam festas e eventos sociais e patrocinam atletas. A Associação de De L'Épée faz suas reuniões num prédio comercial do Brooklyn. Ela foi batizada em homenagem a um padre francês do século XVIII que fundou aquela que foi talvez a primeira escola para surdos. A Sociedade Efatá faz reuniões na Igreja de São Francisco Xavier na West 16th Street. Equipes de atletas surdos usam o ginásio dessa igreja para realizar torneios. Serviços na língua

dos sinais são realizados no primeiro domingo de cada mês por um velho jesuíta chamado padre Michael A. Purtell. Ele tem audição, está com mais de setenta anos e trabalha em prol dos surdos desde que era jovem. Ele publica um jornal lido por muita gente, com notas sociais a respeito de surdos do país inteiro. O jornal se chamava *Catholic Deaf-Mute*, mas faz pouco tempo que ele trocou o nome para *Ephphatha*. Para falar a verdade, nos últimos dez ou quinze anos, quase todos os títulos que tinham 'surdo e mudo' ou 'surdo-mudo' foram alterados. Antigamente, todas as escolas para surdos tinham 'surdo-mudo' no nome."

"Como os católicos surdos se confessam?", perguntei.

"Existem vários padres que sabem a língua dos sinais e ouvem as confissões em sinais", disse Fitzsimmons. "No Brooklyn, por exemplo, você encontra padres assim nas igrejas de Santa Brígida, de São Miguel, da Transfiguração, de Santa Mônica e dos Quatorze Mártires Santos. Alguns dos padres têm familiares surdos. Em número de membros, as organizações judaicas vêm logo atrás das católicas. A maior que eles têm se chama Sociedade pelo Bem-Estar dos Judeus Surdos, que aluga um salão na West 85th Street, em Manhattan. É um pessoal animado. Eles dão aulas na língua dos sinais. Eles têm grupos teatrais que montam peças e espetáculos de vaudeville na língua dos sinais, um grupo de ginástica e vários times esportivos. Os serviços religiosos ocorrem às sextas-feiras e, neles, um intérprete fica ao lado do rabino e traduz, e eles têm chás, palestras, filmes e bingos. Eles têm até um terreno próprio no cemitério Mount Carmel, no Brooklyn. De vez em quando, uma delegação vai até lá para colocar flores nos túmulos de membros que morreram. Além disso, essa sociedade tem uma agência de empregos."

"Eu ia perguntar sobre isso", eu disse. "Como os surdos fazem para conseguir empregos."

"É um inferno", disse Fitzsimmons. "É o maior problema que eles enfrentam. Existe uma agência de empregos específica para eles. Ela é administrada por uma jovem cheia de disposição chamada Margarette Helmle, que era diretora de recursos humanos na General Motors e hoje tem um escritório no prédio da New York State Employment Service, na East 28th Street. Miss Helmle conhece bem a língua de sinais. O salário dela é pago por três escolas em que os surdos da cidade, em sua maioria, são educados – a Lexington em Manhattan, a São José no Bronx e a New York School em White Plains. Ela tenta encontrar empregos para todos os candidatos, mesmo os que não vieram dessas escolas. Ela entra em contato com os diretores de

recursos humanos de grandes corporações e recomenda os surdos, e consegue em média vinte e duas vagas por mês. Os surdos trabalham muito em gráficas. Existem quatro na gráfica em que eu trabalho, e é comum ter dois ou três em todas as gráficas de jornal. Eles podem fazer qualquer tipo de trabalho em que a audição não seja absolutamente necessária. Os empregadores dão ordens por escrito para eles. Eles são ótimos soldadores, operadores de máquinas, carpinteiros e eletricistas."

Fazia tempo que a gente tinha terminado nossos drinques. Fitzsimmons parecia cansado de falar e sugeri mais uma rodada, mas ele não quis. Ele disse que estava com vontade de voltar para a Associação Sindical e jogar um pouco de pinocle. Saímos juntos do Café do Larry.

"Talvez você se interesse", disse ele, pouco antes de subir as escadas. "Os surdos, em especial aqueles que fazem leitura labial, desconfiam de pessoas com audição que são simpáticas com eles. Os surdos sabem que uma hora essas pessoas vão acabar fazendo perguntas muito constrangedoras. Existe o tipo que quer saber logo de cara qual é a sensação de viver num mundo sem som. Um dos membros do meu clube, aquele que se graduou no Gallaudet, tem uma resposta para essa pergunta. Ele viu num livro, se não me engano, e todos os membros gostaram. É assim: 'O surdo vive num mundo de silêncio mortal. O canto dos pássaros, as inflexões da voz humana, a boa música e a confusão de barulhos que anunciam a vida estão ausentes. Muitas coisas estão em movimento, mas não existe nenhum som'.

"E existe um tipo de mulher que faz muitos leitores labiais terem impulsos assassinos. Ela suspira e diz: 'Às vezes o barulho da cidade me cansa tanto que a surdez seria uma bênção'. Todos os leitores labiais tiveram de ouvir uma frase desse tipo dezenas de vezes. Meu amigo lá da Associação, o sujeito que pediu um cigarro para você, é muito calmo e tranquilo, mas sempre fica furioso com gente assim. A última vez que ele ouviu uma mulher dizer isso, ele cerrou os dentes e disse: 'Moça, por favor me perdoe, mas você é uma idiota'."

(1941)

Papai Noel Smith

Um velho esfarrapado de barba branca que diz ser John S. Smith, de Riga, Letônia, Europa, começou a pegar carona nas estradas dos Estados Unidos, sem ter um rumo certo, no início de 1934. O mais ao norte que chegou a viajar foi Clinton, Connecticut, mas ele passa a maior parte do tempo no Sul e no Sudeste. Cerca de duas vezes por ano, ele zanza da Luisiana até a Califórnia e volta. Tem aproximadamente setenta anos de idade. Pessoas que tiveram contato com ele o descrevem como alguém de rosto honesto e gentil, que fala mal o inglês, fuma cachimbo, usa o mesmo sobretudo no inverno e no verão, ama gatos e mantém um suprimento de papel de embrulho marrom, cortado em pequenos pedaços oblongos, numa mochila que carrega nas costas. Seu comportamento tem intrigado garçonetes, proprietários de acampamentos para turistas e donas de casa em pelo menos vinte e três estados, e ele é com frequência tema de conversas em lanchonetes de beira de estrada aonde caminhoneiros vão para tomar café e comer hambúrguer.

Na noite de 23 de outubro de 1936, por exemplo, ele foi parar numa lanchonete de estrada perto de Columbus, Texas, e disse para a garçonete que não tinha dinheiro nenhum e pediu uma xícara de café. Ela o levou para cozinha e lhe deu uma tigela de guisado, um pedaço de rocambole e café. Quando terminou de comer, ele tirou da mochila um pedaço encardido de papel marrom e escreveu nele usando um lápis. Ele deslizou o papel para baixo do prato e sumiu noite adentro. Quando a garçonete encontrou o papel, descobriu que era um cheque improvisado no valor de vinte e sete mil dólares, a ser descontado no Irving National Bank de Nova York, e assinado: “John S. Smith, de Riga, Letônia, Europa”. No verso do cheque, havia uma nota: “Preencha com seu nome e envie para o banco”. Quatro dias depois, ele apareceu numa lanchonete nos arredores de Yuma, Arizona, e pediu um café para o balconista. Depois de Smith ir embora, um cheque parecido, no valor de dois mil dólares, foi encontrado ao lado da xícara. No dia 30 de outubro, ele estava zanzando por uma estrada perto de Indianola, Mississippi. Ele perguntou para a esposa de um fazendeiro se ela tinha algo para comer e ficou tão satisfeito com as panquecas e o melaço que ela lhe deu que preencheu dois cheques, um de vinte e cinco mil dólares e outro de mil dólares. No dia 9 de novembro, ele perguntou para o proprietário de um acampamento para turistas perto de Denver se podia entrar e se aquecer por alguns

minutos. Ele se sentou ao lado do fogão e preparou o cachimbo com o tabaco de uma porção de bitucas de cigarro que tirou do bolso do sobretudo. O proprietário deu de presente para ele uma lata de tabaco de dez centavos. Ele preencheu um cheque de dezesseis mil dólares, deu para o proprietário, e foi embora. Cinco dias depois, uma dona de casa em Baldwin Park, Califórnia, preparou para ele uns ovos mexidos; ele deixou um cheque de doze mil dólares ao lado do prato. No dia seguinte, distribuiu cheques com o valor total de cinquenta e dois mil dólares para garçonetes em dois cafés de Los Angeles. Um mês depois, voltou para o Texas. No dia 12 de dezembro, numa rua de Fort Worth, pediu uma moeda de cinco centavos para uma jovem sentada dentro de um carro estacionado. Ela deu a ele dez centavos. Apoiando o papel num para-choque, ele fez para ela um cheque de novecentos e cinquenta dólares. Ela sorriu e agradeceu. Então ele pegou o cheque de volta, rasgou e preencheu outro no valor de vinte e seis mil dólares. "Porque você tem um sorriso lindo", disse ele.

Todos esses cheques, como o que ele deu para a garçonete em Columbus, Texas, deveriam ser descontados no Irving National Bank de Nova York. Esse banco deixou de existir no dia 6 de janeiro de 1923, onze anos antes de John S. Smith, de Riga, Letônia, Europa, começar a distribuir seus cheques. A correspondência endereçada ao Irving National Bank é encaminhada para sua sucessora, a Irving Trust Company, e nos últimos seis anos, duzentas e quarenta cartas, muitas delas com cheques anexados, chegaram até a Irving Trust enviadas por beneficiários da generosidade de John S. Smith.

O velho preencheu seu primeiro cheque do Irving National em 15 de janeiro de 1934. Foi para uma dona de casa em Dallas que tinha lhe dado café. No valor de dois mil dólares. A dona de casa guardou o cheque por alguns dias, pensando que "era só ilusão de um senhor de idade". Depois ela enviou o cheque para o Irving National e o correio o entregou para a Irving Trust. O caixa que recebeu a carta ficou surpreso. Ele foi até um cofre onde ainda estão guardados os registros contábeis do Irving National, fez uma pesquisa e não encontrou nada sobre um letão Smith. Existiram depositários chamados John S. Smith, mas ele não demorou para averiguar que nenhum deles era o Smith em questão. O caixa perplexo escreveu para a mulher em Dallas, pedindo detalhes sobre aquela transação incomum. Enquanto aguardava a resposta dela, chegou outra carta, de uma dona de casa de Los Angeles, perguntando se Mr. John S.

Smith, de Riga, Letônia, Europa, tinha uma conta no Irving National Bank de Nova York, NY. Ela escreveu dizendo que, depois de ter dado algo para ele comer, Mr. Smith deixou um cheque para ela no valor de três mil e setecentos dólares. "Talvez esse senhor não tenha muito bom senso", acrescentou a mulher.

Desde então, é difícil haver uma semana em que a Irving Trust não receba uma carta esperançosa de alguém que tenha dado comida, tabaco, transporte, alojamento, dinheiro ou um sorriso lindo para Mr. John S. Smith, recebendo em troca um cheque de valor substancial. Os cheques anexados às cartas vão de noventa dólares a seiscentos mil dólares. O de valor maior foi para uma garçonete em New Iberia, Luisiana, que tinha dado a ele um hambúrguer. O menor, de noventa dólares, foi para a esposa de um pastor em Terre Haute que lhe deu o que ela chama de "um bom almoço quente"; é óbvio que ele não gostou muito da comida dela. Os cheques sempre são escritos em pedaços de papel de embrulho marrom e muitos estão manchados de gordura. De vez em quando, o velho faz um cheque nominal. Ele deu para a esposa de um fazendeiro um cheque nominal de oito mil dólares e, quando ela perguntou como ele sabia seu nome, ele indicou a caixa de correio[97] na frente da casa. Com frequência, no entanto, ele deixa um espaço no cheque em que a favorecida ou o favorecido pode escrever seu nome. Ele sempre escreve "mil" errado, grafando "miu". Sua caligrafia é um pouco gótica e com frequência difícil de entender. Ele enfeita muitos de seus cheques com um símbolo. É o desenho tosco de uma carinha com um sorriso. Dois pontinhos fazem os olhos, um pontinho faz o nariz e uma linha com as extremidades viradas para cima faz a boca. Esse símbolo, sem dúvida sua marca registrada, aparece no canto superior direito de alguns cheques; em outros, aparece logo depois da assinatura.

O motivo para ele ter escolhido o Irving National Bank é um mistério. A princípio, achou-se que ele tinha trabalhado no banco como zelador ou como guarda, mas não foi encontrada nenhuma pista nas listas de funcionários. Caixas e estenógrafos na Irving Trust tiveram de lidar com muitos problemas causados pelos cheques emitidos pelo velho, mas a sociedade fiduciária nunca mandou prendê-lo, pois não se trata de um caso de falsificação. Até onde se sabe, ele nunca tentou

[97] No original, *the R.F.D. mailbox*, as sigla se refere à *Rural Free Delivery*, um esquema implantado pelo correio americano na última década do século XIX para atender famílias que viviam em áreas rurais distantes de tudo. A entrega rural era chamada de "gratuita" porque, antes disso, era preciso pagar uma taxa para empresas particulares fazerem as entregas – essa taxa não levava em consideração o valor pago pelo remetente.

descontar um cheque ou comprar qualquer coisa usando um cheque. Funcionários da Irving Trust acreditam que John S. Smith é um senhor de idade simples e de coração bom que se sente na obrigação de recompensar quem é gentil com ele. O pessoal do banco o chama de Papai Noel Smith e queria que ele tivesse mesmo milhões de dólares na conta. Às vezes, para se divertir, um funcionário pega o arquivo de cartas e, pelos carimbos postais, consegue traçar o percurso insano que o velho faz para lá e para cá dentro do país. No entanto, faz tempo que o relacionamento entre o velho e o banco caiu na rotina. O banco mandava respostas extensas para as pessoas que enviavam cartas com cheques anexados; agora, quando chega uma carta assim, ela é entregue a um estenógrafo que datilografa uma resposta padrão: "Sentimos muito por frustrar suas esperanças, mas não temos nenhum registro de que John S. Smith, de Riga, Letônia, Europa, tenha sido cliente da Irving Trust Company ou de seu predecessor, o Irving National Bank de Nova York. Pelas inúmeras consultas que recebemos de várias partes do país, parece que esse indivíduo deu rascunhos de cheque com valores consideráveis, a serem descontados no Irving National Bank, para retribuir refeições e acomodações gratuitas. Sinceramente, Irving Trust Company".

Uma tarde, não faz muito tempo, um funcionário do banco me deu permissão para analisar o arquivo de cartas escritas pelos beneficiários iludidos de John S. Smith. O arquivo é mantido no escritório principal em Wall Street. Antes, no entanto, tive de prometer que não citaria o nome de nenhum remetente; o receio do funcionário era de que a menção dos nomes pudesse expor os autores das cartas ao ridículo.

A primeira carta que li foi de uma garçonete de um café num acampamento de turistas na Rota 11, perto de Gadsden, Alabama. Foi escrita a lápis em duas folhas de papel pautado e datada de 27 de março de 1936. Ela escreveu que fazia alguns dias que tinha dado um sanduíche de ovo com presunto para "um senhor de uns sessenta ou setenta anos, com roupas esfarrapadas, que tinha uma mochila nas costas". Pouco antes de ir embora, ele deu a ela dois pedaços de papel. Um era um cheque de vinte e cinco mil dólares e o outro era um cheque de mil dólares. Essa combinação de cheques aparece com frequência. Talvez o cheque de mil dólares seja o que Papai Noel Smith entende por gorjeta.

"É claro que achei que o velho era um maluco viajando pelo país", escreveu a garçonete, "mas pensei bastante no assunto e fiquei curiosa para saber se ele tem

algum dinheiro no banco. Sei que coisas estranhas acontecem. Se esses cheques forem bons, por favor enviem o dinheiro para mim pois com certeza ele será útil. Se não forem, por favor me mandem os cheques de volta porque desejo guardar de lembrança".

A próxima carta que tirei do arquivo era da esposa de um fazendeiro na Rota 1, de Metamora, Indiana. Ela também anexou um cheque de vinte e cinco mil dólares e outro de mil dólares.

"Gostaria, por favor, de uma informação", escreveu ela. "Existe um homem chamado John S. Smith, de Riga, Letônia, Europa, que seja cliente do seu banco? Vou explicar a pergunta. Em um fim de tarde no último mês de julho, por volta do dia 18 [1935], um velho com uma barba longa e uma expressão gentil apareceu no nosso gramado. Ele parecia ser um mendigo. O sol estava se pondo. Ele me perguntou se havia a possibilidade de arranjar um pedaço de pão. Sempre tive o costume de ajudar as pessoas se tenho algo para dar. Ele estava carregando uma mochila nas costas e eu disse para ele colocar a mochila no chão. Eu tinha preparado um bom jantar e levei um prato de comida para ele no gramado. Ele parecia estar com muita fome. Servi um segundo prato. Quando ele terminou, tirou da mochila dois cheques escritos em papel marrom, parecia que tinham sido recortados de sacos de papel. Ele se aproximou e me deu os cheques junto com o prato. A expressão dele era tão gentil que é difícil acreditar que tivesse a intenção de me enganar."

Uma confiança semelhante no velho foi demonstrada por um fazendeiro em Silsbee, Texas, que escreveu: "Recebi esses cheques de um cavalheiro de idade que tomou café da manhã em nossa casa e pedi para o banco daqui dar uma olhada neles, e me disseram que os cheques não prestam. Eu acho que prestam. Esse homem não tinha nenhum motivo para dar esses cheques para nós sabendo que eles não prestam. Ainda acredito que ele queria dar essa quantia de dinheiro para nós e nós, com certeza, estamos precisando. Com os votos de um feliz Natal e de um próspero ano novo". A data da carta era 20 de dezembro de 1937.

Muitos dos remetentes, no entanto, são menos confiantes. Eles desconfiam, mas de um jeito esperançoso. As cartas seguem um padrão. Primeiro, eles mostram que são experientes demais para acreditar que os cheques são bons; depois, na frase seguinte, dão ao banco instruções explícitas para encaminhar o dinheiro. Uma garçonete em

San Antonio anexou um cheque de sete mil dólares e escreveu: “Sei que isso é só uma brincadeira, mas uma amiga me desafiou a mandar o cheque para vocês. Então mandei. Se ele tiver uma conta com vocês, por favor, me mandem o dinheiro por carta registrada”. Numa carta muito fragmentada, a garçonete de uma lanchonete de caminhoneiros em Muncie, Indiana, escreveu: “Anexado vocês vão encontrar um cheque de mil dólares do seu banco que me foi dado por um pedinte malcriado. Se ele tiver algum valor, abram uma conta para mim no seu banco e depositem o cheque”. Uma garçonete num restaurante em South Halsted Street, Chicago, foi mais direta. Com um cheque de duzentos e setenta mil dólares, ela anexou a nota: “Acho que o velho louco que me deu isso acabou de sair do manicômio, mas me mandem o dinheiro se for verdade”. Uma mulher em Alabama City, Alabama, enviou um cheque de vinte e um mil dólares por correspondência via aérea, e registrada. Sua carta tem uma descrição interessante do velho John S. “Ele era careca, usava um sobretudo, tinha o rosto coberto de barba e eu não conseguia entender direito o que ele falava, e ele também tinha uma bengala”, escreveu ela.

Alguns dos correspondentes não apenas desconfiaram de John S. Smith; eles também mostraram não confiar muito no Irving National Bank de Nova York. Encontrei sete cartas que enviaram fotocópias dos cheques dizendo que preferiam depositar os cheques originais nos bancos locais, caso John S. Smith tivesse fundos. O arquivo tinha também cartas de bancos em que as pessoas tentaram depositar ou descontar seus cheques. Um banco de Kansas City escreveu: “Um cliente nosso tem grandes esperanças de que o documento em anexo seja uma ordem de pagamento para seu banco no valor de quinze mil dólares. Nós demos uma olhada e também nosso caixa especialista em câmbio estrangeiro analisou a ordem, mas não conseguimos chegar a nenhuma conclusão. Se vocês tiverem qualquer informação sobre o assunto, agradecemos”.

John S. Smith é muito mais generoso com garçonetes e donas de casa do que com motoristas e caminhoneiros com quem pega caronas que duram um dia inteiro. É óbvio que ele não valoriza muito transporte. Nunca deu um cheque maior que mil dólares por uma viagem de automóvel; por um hambúrguer, chegou a dar seiscentos mil dólares.

O vagabundo ama gatos. No dia 6 de julho de 1934, ele foi a um café em Groton, Dakota do Sul, e pediu para a esposa do proprietário cuidar de um gato que ele estava carregando. Ela disse que cuidaria. Então ele preencheu dois cheques. Um,

de quatro mil dólares, era nominal “à pessoa que sustentar o gato preto e branco de nome Smiles, de John S. Smith, de Riga, Letônia, Europa”. No outro cheque, de mil dólares, ele escreveu: “a qualquer um que ajudar nos cuidados com o gato”.

As cartas não revelam quase nada sobre o passado misterioso de John S. Smith. Ele disse para uma mulher de Tuscaloosa, Alabama, que ele saiu de casa em 1934 e começou a vaguear porque a Depressão afetou sua cabeça. Essa mulher disse acreditar que “existe alguma coisa errada com a cabeça desse velho”. “Acho que ele saiu de alguma instituição e está perdido desde então”, escreveu ela. Ele pintou um retrato romântico de si mesmo para uma jovem em San Antonio. Ela escreveu: “Fiquei amiga de um homem mal vestido que insistiu em me dar o cheque anexado, de seis mil dólares. Não dei importância para o papel até pouco tempo atrás, quando me ocorreu que tantas coisas estranhas acontecem de fato e que essa poderia ser mais uma delas. Ele afirmou que usava roupas esfarrapadas de propósito e que recompensava aqueles que o ajudavam quando ele pedia ajuda por meio de dispositivos como esse anexado, e que arranjos tinham sido feitos com seu banco para honrar esse e todos os outros cheques”.

Por alguns minutos na manhã de 19 de julho de 1936, pareceu que o mistério seria resolvido. Naquele dia, uma carta de John S. Smith foi entregue à Irving Trust. O funcionário em cuja mesa a carta foi colocada ficou entusiasmado. O envelope tinha um carimbo de Wabash, Indiana. Dentro dele, havia uma carta rabiscada no verso de sete menus de lanchonete. Ela começava: “Irv. Nat. Bank de N.Y. Prezado Senhor”, e em seguida se tornava ilegível. O funcionário ficou exasperado. Ele olhava para cada uma das páginas e em nenhuma delas o texto fazia sentido. A carta tinha sido escrita com lápis e entrou em contato com água; muitas palavras tinham se tornado horríveis borrões roxos. Além disso, era evidente que John S. Smith tinha carregado a carta no bolso por vários dias antes de colocar no correio. As folhas estavam manchadas com gordura e havia migalhas de tabaco nas dobras. O funcionário pegou uma lente de aumento e, com mais um colega, se debruçaram sobre a carta. Depois de uma quantidade considerável de trabalho agonizante, eles extraíram as seguintes frases: “preste atenção naquelas três garçonetes”, “coloque alguma coisa no banco”, “nos EUA há 26 anos 30 anos 22”, “hipoteca e agora”, “lidar com os gatos”, “garçonete naquele lugar de Ohio” e “por todos os EUA”. Para piorar a

situação, dois de seus cheques ubíquos foram anexados à carta. Ambos eram nominais ao Irv. Nat. Bank e ambos deviam ser pagos pelo Irv. Nat. Bank. Um era de seis mil dólares e o outro era de quinze mil dólares.

Quando terminei de ler as cartas do arquivo, eu me dei conta de que não tinha uma impressão clara de John S. Smith. A princípio, ele me lembrava vagamente W. C. Fields, mas essa impressão logo desapareceu; uma coisa é certa, não encontrei nenhuma carta indicando que ele alguma vez tenha dado cheques para balconistas de bar. Após ter lido as cartas, fiquei pouco mais de um dia pensando nele como um velho maluco e bonzinho. Depois, começou a me perturbar a lembrança daquelas carinhas toscas e sorridentes que decoram seus cheques. Comecei a pensar em como ele alimentou esperanças inúteis das garçonetes que lhe deram centenas de refeições e dos caminhoneiros que o transportaram por mais de uma centena de estradas, e a sentir que existe algo de sinistro no que diz respeito a John S. Smith, de Riga, Letônia, Europa.

(1940)

O homem que não xinga

Numa tarde úmida, dei um pulo no Shannon's, um bar irlandês na esquina sudeste da Third Avenue com a Seventy-sixth Street, e pedi um copo pequeno de Guinness. "Que tempo ótimo para pegar uma pneumonia, hein?", comentou o balconista. "Sim", eu disse, "um inferno". Um velho imponente que estava no balcão a poucos metros de mim deu um grunhido, baixou de repente o copo e cerveja, olhou para mim e disse: "Meu jovem, xingar o tempo não adianta nada". A observação me irritou. Eu estava extremamente desanimado; havia passado o dia inteiro com os pés ensopados e tinha certeza de que iria pegar uma gripe e morrer. No entanto, concordei de má vontade e disse: "É, acho que o senhor tem razão". "Ah, não precisa se desculpar", disse o velho. E tirou do bolso do casaco um cartãozinho cor-de-rosa. "Olha", disse ele, "leia isso aqui e pense um pouco a respeito". O cartão dizia: "Uma esperança para o mundo. Deus abençoe a América e nossas casas. Não use palavrão. Abaixo a vulgaridade! Por favor, não xingue nem use linguagem indecorosa ou imprópria. Ajude a distribuir esses cartões. Dê para quem precisa – eles são gratuitos. Organização contra Blasfêmia. A. S. Colborne, presidente. East Seventy-six Street, 185".

Depois de ler o cartão, dei uma boa olhada no velho. Ele tinha mais de um metro e oitenta, uma papada embaixo do queixo e uma barriga enorme. Suas bochechas eram coradas e seus olhos, por trás de óculos com aro de aço, eram claros e absolutamente honestos. Em vez de um colete, ele usava um suéter marrom. No nó de sua gravata de bolinhas, havia um broche de ferradura. O bolso interno do casaco tinha três lápis e uma caneta tinteiro. Ele tinha colocado o chapéu no balcão do bar, de cabeça para baixo, para secar. Tinha um bigode branco e uma bela cabeleira branca, com várias mechas penteadas de forma cruzar sua testa, no velho estilo *bartender*. Na verdade, a aparência dele era a de um *bartender* das antigas, digno e com opiniões fortes, desfrutando de um dia de folga. Sempre tive muito respeito por homens assim e disse: "Se eu o ofendi, por favor, me desculpe. Mas por que o senhor acha que 'inferno' é um palavrão?".

"Vou explicar por que", disse ele com um tom sério, "pode não ser cem por cento palavrão, mas está quase lá. Você começa com 'inferno', 'o diabo que te carregue', 'fazer o diabo', 'o diabo a quatro' e outras mais, e logo não consegue mais

abrir a matraca sem dizer algum tipo terrível, terrível de blasfêmia. É como o vício em cocaína. Sei como funciona. Eu mesmo já fui de usar palavrão quando era mais novo, mas tive o bom senso de parar. Não falo um único palavrão desde a manhã de um domingo no inverno de 1886. Eu estava correndo para pegar uma balsa e não cheguei a tempo, e acabei dizendo algo tão terrível que não consegui me segurar e chorei como um bebê".

Eu estava prestes a perguntar o que foi que ele tinha dito, mas achei melhor não. Em vez disso, eu disse: "O senhor me faz lembrar de um homem que trabalhava no bar do hotel Murray Hill. O senhor é *bartender*?".

O velho não me respondeu. Ele pegou o copo e terminou sua cerveja. Em seguida, depois de estalar os lábios com gosto, disse: "Obscenidade! Blasfêmia! Línguas venenosas! É por isso que o mundo está do jeito que está! Deixe eu me apresentar. Meu nome é Arthur Samuel Colborne. Sou o fundador e líder da Organização Contra a Blasfêmia. Fundada em 1901. Uma organização internacional. Para falar a verdade, sou fundador também do movimento Quatro de Julho São e Salvo. Fundado em 1908. No 4 de Julho, eu ficava de pé nos degraus da prefeitura e lia a Declaração da Independência para todos que quisessem ouvir. As pessoas me chamavam de maluco, mas eu respondia que não era maluco o suficiente para gastar um bom dinheiro em fogos de artifício. Outros assumiram o São e Salvo e eu continuei na Contra a Blasfêmia. Passei boa parte dos últimos quarenta anos lidando com situações de blasfêmia. Eu e meus membros distribuímos seis milhões de cartões iguais a esse que dei para você. Eles são chamados de exterminadores de blasfêmia. Seis milhões. Imagine só! Passei dos setenta anos, mas sou proativo, combatendo o mal em várias frentes. Isso me mantém ocupado. Acabei de falar com uma autoridade na prefeitura. Existem algumas peças da Broadway tão profanas que não consigo entender como é que a língua dos atores e das atrizes não murcha e apodrece e cai para fora da boca, e implorei para essa autoridade tomar providências. Ela disse que faria o possível. Provavelmente não vai fazer coisíssima nenhuma. Queria ter uma conversinha com o prefeito La Guardia, mas me falaram que ele tinha acabado de sair. É o que eles sempre dizem. O prefeito é um sujeitinho cheio de pompa que anda igual a um pato. Ouvi dizer que ele, quando perde a paciência, diz tanto palavrão que deixa os outros atordoados. Você acha que isso é verdade?"

"Não ficaria nem um pouco surpreso se fosse", eu disse.

Mr. Colborne apertou os lábios e balançou a cabeça de um lado para outro com uma expressão triste. “Pois ele devia se envergonhar”, disse ele.

O balconista serviu minha cerveja. Convidei Mr. Colborne para tomar um drinque comigo. Ele sacou um grosso relógio dourado, deu uma olhada nele e disse: “Muito agradecido, mas eu raramente tomo mais do que duas e já usei minha cota de hoje. Não tenho nada contra cerveja. Faz bem para os nervos. Eu tomaria mais uma, mas quero chegar em casa a tempo de ouvir um programa de rádio. De música caipira. Sou um grande adepto desse tipo de música. Muito saudável. Também sou um grande adepto de ópera, de canções havaianas, Kate Smith e Charlie McCarthy. Não faz muito tempo que, no programa desse locutor Bergen, apareceu Charlie falando ‘a porcaria disso’ e ‘a porcaria daquilo’ no rádio, e escrevi para ele anexando um exterminador à carta. ‘Pense nisso, Mr. Bergen’, eu disse. Recebi uma resposta a jato. ‘Não vai se repetir’, disse ele”.

“‘Porcaria’ também não é um palavrão, mas está quase lá?”, perguntei.

“E como! Um dos mais difíceis de erradicar. Olha, meu jovem, gostaria que você ficasse com alguns exterminadores para distribuir aos seus amigos, mantendo as engrenagens funcionando, mas estou sem nenhum aqui. Coloquei uma porção no bolso hoje de manhã, mas distribui alguns no metrô e também coloquei em vários carros estacionados diante da prefeitura, incluindo o carro do prefeito, e deixei dois com a secretária do prefeito e aquele que dei para você era o último desse lote. Apareça no meu escritório qualquer hora e dou um suprimento deles para você. Meu endereço está impresso no exterminador.”

“Muito obrigado”, eu disse.

Ele acenou com a mão em sinal de censura. “Não foi nada”, disse ele.

Ele colocou o chapéu, pagou pelas cervejas, me deu um aperto de mão e acenou com a cabeça para o balconista. A meio caminho da porta, ele se virou e voltou para o balcão. “Houve um caso interessante em Chicago tempos atrás”, disse ele para mim. “Dois açougueiros alemães grandalhões trabalhavam juntos num matadouro há dezoito anos. Numa manhã, um dos açougueiros pegou o cutelo e partiu ao meio a cabeça do outro. A polícia perguntou por que ele tinha feito isso e ele respondeu: ‘Não aguentava mais ouvir os palavrões que ele dizia!”. Eu ri e Mr. Colborne deu uma bufada indignado. “Olha, meu jovem”, disse ele, franzindo a testa, “homicídio de primeiro grau não é motivo para rir. Se você analisar bem, existe uma lição nessa história. Pense nisso!”. E foi embora.

"Aquele senhor estava de brincadeira comigo?", perguntei para o balconista do bar, que ouviu a conversa.

"Ah, não", disse o balconista. "Ele é um grande reformista. Ele é conhecido aqui no bairro. O escritório dele é a meia quadra daqui."

Só porque ele foi o primeiro reformista bebedor de cerveja que conheci, decidi fazer uma visita a Mr. Colborne. Vários dias depois, fiz a visita. O endereço no exterminador que ele tinha me dado era o de um prédio velho de tijolos vermelhos, na frente dele, à esquerda da entrada, havia uma placa de metal quadrada com trinta centímetros de lado pregada na parede que dizia: "Sede da Organização Contra a Blasfêmia. Pegue aqui cartões gratuitos para combater o uso de palavrão". Uma mulher com um poodle nos braços estava de pé na entrada. Ela me viu lendo a placa e, quando comecei a subir as escadas, disse: "Se você está procurando o homem que não xinga, ele fica no porão". Bati a campainha do porão e Mr. Colborne abriu a porta para mim. Por cima do terno, ele usava um avental preto de corpo inteiro, do tipo que um impressor usa. Segurava uma frigideira na mão esquerda e um pano de prato, na direita. "Entre e fique à vontade", disse ele. "Sente, que eu venho falar com você assim que terminar de limpar a cozinha. Esta sala aqui é a sede da Associação. Eu durmo e faço as minhas refeições nos dois cômodos dos fundos. Sou solteiro e preparo a minha própria comida. Sou meio apegado aos meus hábitos e acho que minha comida é muito melhor do que a do restaurante mais grã-fino que existe. É mais limpa. Enquanto você espera, dê uma olhada no meu álbum de recortes. Ele está em algum lugar no meio daquela bagunça em cima da minha mesa."

Ele voltou para a cozinha e fiquei dando uma olhada na sala. Era um cômodo comprido, estreito e de teto baixo. Havia duas janelas, mas pouca luz entrava por delas. Ambas estavam fechadas e havia um cheiro de comida no ar. O chão era de linóleo. Percorrendo o ambiente, um pouco abaixo da linha do teto, estava o encanamento de amianto do aquecimento a vapor. Na cornija da lareira, havia uma estátua de gesso bastante colorida, de São Miguel vencendo o Diabo. A estátua estava envolvida em celofane, sem dúvida para proteger do pó. Ao longo de uma das paredes, havia duas mesas e um pequeno cofre de ferro. Havia uma máquina de escrever sobre uma das mesas e, na outra, um rádio e um vaso alto com rosas artificiais; a camada de poeira era grossa sobre as pétalas das rosas. Duas paredes eram decoradas com pinturas a óleo do chão ao teto. Pelo menos metade delas tinha temática religiosa, muitas eram retratos de santos e da Virgem; entre outros temas,

havia um moinho de vento à luz da lua, uma mãe costurando ao lado de um berço, uma cabana de palha e uma vaca Jersey de pé no meio de um campo exuberante. Todos tinham molduras douradas.

Sobre o tampo reto da mesa de Mr. Colborne havia uma xícara cheia até a metade de selos estrangeiros tirados de envelopes, uma begônia e um gerânio em vasinhos vermelhos, um despertador e uma pilha enorme de correspondência, livros e revistas religiosas. Havia também quatro pilhas impecáveis de exterminadores. Achei o álbum que ele tinha mencionado debaixo de alguns exemplares de uma revista mensal chamada *Holy Name Journal*. Coladas no álbum, havia dezenas de cartas de editores, políticos, atores, funcionários públicos, executivos do cinema e do rádio, ou em resposta às reclamações de Mr. Colborne sobre "condições vulgares", ou agradecendo a ele por enviar exterminadores. A maioria das cartas era evasiva, mas todas eram muito respeitosas. Uma delas, da secretária de William Randolph Hearst, dizia: "Em nome de Mr. Hearst, gostaria de agradecer pelos cartõezinhos que o senhor enviou. Muito obrigada pela gentileza. Mr. Hearst não está na cidade no momento e por isso é impossível repassar os cartões para ele". Estava na metade do álbum quando Mr. Colborne voltou, ainda usando seu avental preto. Ele se sentou, juntou as mãos sobre a barriga e bocejou.

"Estou meio sonolento", disse ele. "Fiquei acordado até tarde ontem à noite analisando as vulgaridades de um bar e restaurante. Ora, as mulheres são piores do que os homens. E é impossível falar com elas! Ora, elas cospem em você! Tive a ideia de resgatar os anúncios que eu colocava nos bares antes da Lei Seca. Naquela época, os comerciantes de bebida cooperavam comigo. Em 1916, eu tinha cartazes afixados em quatro mil estabelecimentos, em bares e espaços reservados. Deixa eu te mostrar um deles." Ele revistou uma gaveta da mesa e tirou dela um cartaz de papelão que dizia: "Em defesa de um discurso impoluto e por uma decência partilhada, por favor evite o uso condenável de linguagem indecorosa ou obscena e não expectore em lugares públicos. Você usaria esse tipo de linguagem em sua própria casa? Respeite o próximo. Organização Contra Blasfêmia".

"Esses avisos fizeram um bem enorme", disse Mr. Colborne. "Eles quase acabaram com a vulgaridade nos bares, então veio a Lei Seca para destruir todo o meu trabalho. Analisando a situação da perspectiva do combate à blasfêmia, a Lei Seca foi um incômodo terrível. Hoje em dia, os bares nem se parecem mais com bares e não sei mais se me deixariam pendurar os cartazes. Nos velhos tempos, os donos de bar

eram amigos generosos da Organização. Eles me chamavam de Professor. Em quase todos os lugares que eu colocava um cartaz, o proprietário insistia em fazer uma contribuição. Eu tinha um respeito enorme por eles. Tanto que, quando o prefeito Jimmy Walker, um homem bom, estava organizando seu grande desfile a favor da cerveja na Fifth Avenue em maio de 1932, fui até os membros mais engajados da minha Organização e disse: 'O comerciante de bebidas sempre foi gentil com a gente, agora é nossa vez de ajudar. Vamos montar uma delegação para ir ao desfile da cerveja'. A ideia deu certo e, na manhã do desfile, conseguimos reunir quinhentas pessoas e uma banda de metais. Naquela tarde, marchamos bem atrás da delegação do Tammany Hall. A gente carregava garrafões de metal e gritava: 'Queremos cerveja!', 'Abaixo a vulgaridade!', 'Cerveja paga imposto!', 'Chega de obscenidade!' e coisas assim, e todos nos divertimos muito. A gente terminou o dia num bar e bebeu cerveja como se não houvesse amanhã."

Mr. Colborne foi interrompido pela campainha. Ele grunhiu e se levantou para abrir a porta. Um senhora magra e de idade entrou na sala. "Já distribuí os exterminadores que você me deu no mês passado", disse ela com um orgulho evidente. "Melhor você me dar uns duzentos desta vez". "Nossa!", disse Mr. Colborne. "Bom trabalho. Continue assim e um dia você vai conseguir dar um jeito no Bronx inteiro". Ele deu para a mulher um maço de cartões envolvidos por um elástico de borracha e ela o guardou na bolsa. "Mr. Colborne", disse ela, "o senhor acha que houve alguma melhora no último ano?". Mr. Colborne ficou imóvel por alguns instantes, pensando. "Notei que as pessoas estão xingando menos na rua", disse ele, enfim, "mas existe ainda muito trabalho pela frente". "O senhor tem toda razão", disse a mulher. "Sabe, fico indignada de ver como a cidade está acabando com as linhas elevadas. As pessoas xingavam muito menos no trem 'L' do que na sujeira do metrô. E tinha muito menos vulgaridade também, se quiser saber. Isso significa que teremos de redobrar nossos esforços". "É isso aí!", exclamou Mr. Colborne. "Temos de resistir. Não é mesmo?". A mulher bateu palmas uma vez. "É isso mesmo, Mr. Colborne!, disse ela com ênfase. E foi embora.

"Ela é uma viúva do Bronx e um dos nossos membros mais engajados", disse Mr. Colborne. "Olha, meu jovem, você gostaria de saber como foi que comecei esse trabalho?"

Respondi que gostaria.

"Bom, agora", disse ele, "a história da Organização e a história da minha vida se confundem, então vou começar pelo começo, como dizem por aí. Sou descendente de ingleses e irlandeses, nasci na Avenue A com a Fourteenth Street. Minha religião é a católica romana, embora há quem ache que estou ligado ao Exército da Salvação. Não que o Exército não seja bom. Alguns dos integrantes do Exército da Salvação são ótimos para distribuir exterminadores. Por profissão eu sou restaurador de quadros, e também faço molduras e acabamentos, sou a terceira geração nessa linha de trabalho. Tenho um conjunto de talheres e uma caixa de ferramentas que foi do meu avô e do meu pai. Também sou pintor – não de casas, mas de quadros. Pintei a maioria dos quadros que você vê pendurados nesta sala. Comecei a trabalhar com quadros assim que comecei a usar calça comprida e me tornei um bom artesão. Veja as minhas mãos –são de um homem que conhece o seu trabalho. Em 1890, peguei as minhas economias e abri uma loja só minha no Brooklyn, a Paris Art Gallery, ocupando um prédio inteiro de quatro andares na Broadway com a Gates Avenue. Quadros, molduras, acabamentos e bricabraque. Montei um negócio importante.

"A Paris foi a coisa mais importante da minha vida até mais ou menos outubro de 1901, quando ouvi um sermão sobre o mal da blasfêmia que mexeu comigo de tal forma que fiquei determinado a fazer alguma coisa a respeito. E, deixa eu te dizer uma coisa, eu fiz! A princípio, eu só abordava pessoas vulgares e conversava com elas, explicava que xingar era uma coisa cruel e vil, sem sentido, desnecessária, uma armadilha e uma ilusão, que não significava nada. Eu dizia: 'Sua mãe querida não ensinou você a falar desse jeito. Pense nisso!'. Ou dizia: 'Se você não tem dignidade, por favor respeite a dignidade dos outros. Pense nisso!'. Ou dizia: 'Mas você não tem vergonha nenhuma, um homem crescido agindo dessa forma? Pense nisso!'. Porém, naquela época, eu era um pouco tímido para falar com estranhos e um dia me deu um estalo: Por que não passar o recado por escrito? Assim mandei fazer alguns milhares de cartões que pediam para as pessoas terem cuidado com o que falam. Para deixar a coisa mais oficial, pedi para o gráfico colocar Associação Contra Blasfêmia no rodapé do cartão.

"Depois, sempre que tinha tempo livre, enchia os bolsos de cartões e saía em busca de termos indecorosos. Como nas reuniões do sindicato dos carroceiros. Eles xingavam demais, mas nada comparado aos caminhoneiros de hoje em dia. Um carroceiro xingava só o coitado do cavalo velho, mas um caminhoneiro xinga qualquer coisa, homem ou animal, vivo ou morto, indo ou vindo. E quando eu via um

prédio sendo construído, passava por lá ao meio-dia e pedia para o capataz me deixar falar com os pedreiros e os serventes. Eles ficavam agachados por ali, comendo sua comida direto das marmitas, e eu conversava um pouco com todo mundo. Alguns davam risada, mas outros prestavam atenção. Nossa, como era divertido isso! E visitava os campos de beisebol e distribuía cartões para tudo que é lado. Beisebol é um berço de blasfêmias. E visitava prisões, o distrito onde ficava o Estaleiro da Marinha, os salões de bilhar, os bares onde os estivadores e os arruaceiros se reuniam. Em todo lugar que visitei, de metrô, de trem ou de bonde, eu distribuía cartões. Ninguém me censurava. Na verdade, em quarenta anos combatendo blasfêmias, nunca ninguém me deu as costas. Em vez disso, pediam desculpas. Foi assim que recrutei meus primeiros membros. Um homem dizia: 'O senhor tem toda razão. É uma idiotice ficar xingando!'. Nessa hora, eu tentava ganhá-lo. Olhava bem nos olhos dele e dizia: 'Se você pensa assim, meu jovem, pegue uma porção de cartões e distribua por mim'. No momento, tenho cerca de trezentos e cinquenta membros distribuidores de cartões na cidade. Por algum motivo, a adesão na cidade fica sempre em torno desse número. Antigos saem, novos entram. No cenário internacional, não sei quantos membros nós temos. Deve ser algo em torno dos milhares. Não registro tudo porque não quero me sobrecarregar.

Acendi um cigarro e Mr. Colborne cheirou a fumaça melancolicamente.

"Eu era um grande fumante de charutos, mas os médicos me obrigaram a parar", disse ele. "Não existe nada como um bom charuto! Bom, como estava dizendo, minha loja no Brooklyn foi um negócio importante, mas em 1905, depois de quinze anos de funcionamento, perdi o interesse. Aquilo estava ocupando demais o meu tempo. Eu tinha economizado algum dinheiro e não tinha nenhum dependente. Toda a família que eu tinha já morreu. Até onde sei, sou o último dos Colborne. Então decidi fechar a loja e me aposentar. Amigos tentaram me impedir, mas expliquei para eles que queria me concentrar no combate à blasfêmia. Comecei a viajar pelo mundo. Na verdade, entre 1905 e 1936, atravessei o oceano vinte e cinco vezes. Fui a todas as cidades importantes da Europa, distribuindo exterminadores e conversando. A bordo de um navio, você tem várias chances de conversar com as pessoas. Elas não têm como escapar. Mandei fazer exterminadores em francês, italiano, espanhol e hebraico. Aqui e ali, quando encontrava alguém mais proativo, eu o convencia a criar uma filial da Organização em seu país. Hoje, existem filiais na Itália, em Cuba, na Austrália e em Kingston, na Jamaica. Sempre fiz muito sucesso em Roma. Tanto o Papa Pio X

quanto o Papa Pio XI escreveram para mim, abençoando meu trabalho. Não trocaria essas cartas por nada neste mundo. Comprei um cofre de ferro em uma loja de segunda mão só para poder guardar as cartas. Em Roma, em 1926, mandei uma mensagem para o rei Vittorio Emanuele[98] em um papel timbrado da Organização. Contei a ele que eu representava uma grande variedade de americanos de bem, e conversamos durante uma manhã inteira. O impacto de nossa conversa sobre ele foi tão grande que ele chegou a falar sobre o assunto com o velho Mussolini e, no ano seguinte, os dois criaram leis drásticas contra a blasfêmia. Eles divulgaram avisos em toda parte, até nos bondes, e prenderam centenas de pessoas. Acho que fui o maior responsável por livrar a Itália do mal da blasfêmia."

"O dinheiro que o senhor economizou entre 1890 e 1905 o manteve nesses anos todos?", perguntei.

"Ah, esse dinheiro acabou há muito tempo", disse Mr. Colborne. "Levo uma vida muito simples e retomo meu trabalho quando estou sem dinheiro. Eu restauro pinturas em igrejas grandes, incluindo a Catedral de São Patrício. De vez em quando, eu aceito uns serviços de fazer ou dourar molduras. Às vezes, um trabalho dura anos. Entre 1918 e 1926, trabalhei para o teatro Hippodrome, arrumando tudo que estava com defeito. Os termos indecorosos usados por esse pessoal do espetáculo eram inacreditáveis quando fui trabalhar no Hippodrome, mas arrumei isso também, tenho que admitir. Quando estava viajando pelo mundo, não gastei muito dinheiro. Paguei quase todas as minhas despesas servindo de guia para americanos. Conheço as maiores cidades da Europa tão bem quanto conheço este porão. Guiei muitos grupos para a gruta dos milagres em Lourdes, para Roma e para a Terra Sagrada. De qualquer forma, não é preciso muito para manter a Organização funcionando. Mando imprimir cem mil exterminadores por cinquenta dólares. As despesas de correio é que são caras. A quantidade de cartas que recebo! É impressionante. Tenho que catar muito milho na minha máquina de escrever para responder todo mundo."

Súbito Mr. Colborne ri e estapeia o próprio joelho.

"Dia desses, fiquei muito irritado", disse ele. "Eu tinha escrito um monte de cartas e saí de casa para colocar no correio. No caminho, parei num mercado para comprar uma caixa de ovos e comecei a falar com o caixa sobre blasfêmia. Pouco depois, fui embora do mercado e estava atravessando a rua quando ouvi um taxista

[98] O personagem se refere a Vittorio Emanuele III di Savoia (1869–1947), rei da Itália de 1900 até sua abdicação quarenta e seis anos mais tarde.

xingar um caminhoneiro. Saquei um exterminador e fui na direção do taxista e, bem nessa hora, o sinal abriu e ele arrancou, xingando sem parar. Ele passou por mim e espirrou uma poça de água suja nas minhas bermudas. Foi muito irritante! Quando cheguei na porta de casa, percebi que tinha esquecido de postar as cartas e, quando enfiei a mão no bolso, eu me lembrei de ter deixado as chaves em cima da mesa. Fiquei tão irritado que bati o pé no chão e nisso os ovos caíram e todos eles se quebraram e foi quando não consegui mais me segurar e disse!"

Mr. Colborne estapeou o próprio joelho de novo.

"O que foi que o senhor disse?", perguntei.

"Eu disse: 'Inferno!'."

Nós dois demos risada. Enquanto a gente ria, o despertador sobre a mesa começou a tocar.

"É para eu me lembrar de ligar o rádio", disse Mr. Colborne. "Vai começar um programa que não quero perder. Música caipira. Muito saudável."

Eu me levantei. Mr. Colborne separou vinte e cinco exterminadores e insistiu para que eu ficasse com eles e distribuísse.

"O senhor não precisa me dar tantos", eu disse.

"Ah, você vai distribuir esses aqui num piscar de olhos", disse ele.

Na porta, perguntei se ele achava que havia menos blasfêmia agora do que em 1901, quando ele começou seu trabalho.

"Ah, sim, sem dúvida!", disse ele. "Mais cedo ou mais tarde, vamos erradicar a blasfêmia. Saiu uma anedota no *Holy Name Journal* que ajuda a responder essa sua pergunta. Duas tartarugas grandes e uma tartaruga pequena entraram num bar e pediram cerveja. Começou a chover e uma tartarugona disse para a outra tartarugona: 'Deveríamos ter trazido nossos guarda-chuvas. Que tal pedir para a tartaruguinha voltar em casa para pegar os guarda-chuvas?'. Mas a tartaruguinha estava ouvindo a conversa e disse: 'Não vou buscar os guarda-chuvas porque, se eu for, vocês vão tomar a minha cerveja'. As tartarugonas prometeram não tomar a cerveja e a tartaruguinha foi. Dois meses depois, uma das tartarugonas disse para a outra: 'Se aquela tartaruguinha não voltar logo, vou tomar a cerveja dela'. Na mesma hora, uma voz do outro lado do bar disse: 'Se você tomar, desisto de buscar os guarda-chuvas'."

Ri, mas devo ter feito uma expressão de dúvida porque Mr. Colborne disse: "Você não entendeu qual é a conexão entre as tartarugas e a erradicação da blasfêmia?".

"Não mesmo", eu disse.

"Tarda, mas não falha!", disse Mr. Colborne, gargalhando com gosto e me cutucando nas costelas com o dedo indicador. "Tarda, mas não falha!"

(1941)

Obituário de um bar

É deprimente para mim passar em frente do prédio antigo de tijolos amarelos, ao sul do Washington Market, onde ficava o Bar e Restaurante do Dick. As janelas estão tão sujas de poeira e chuva e cobertas com placas de "Aluga-se" que é impossível enxergar lá dentro, e tem um cadeado enferrujando na porta. O Dick prosperou como um bar ilegal durante a Lei Seca; depois que revogaram a lei, como um estabelecimento licenciado, continuou sendo tão ilegal quanto antes. Mais ou menos um ano atrás, no entanto, quando Dick se mudou para outro ponto na mesma rua, as coisas mudaram. Em seu novo bar, ele decidiu seguir as regras do estado de Nova York: ele se recusou a deixar os clientes jogarem dados apostando bebidas; ele se recusou a vender fiado; ele se recusou a vender bebidas de garrafa depois que as lojas de bebidas já fecharam. Nos velhos tempos, Dick era um homem independente. Ele ficava feliz sempre que surgia uma oportunidade de mandar um freguês para o inferno. Ele e seus funcionários, na verdade, agem como se desprezassem os fregueses e os fregueses gostavam porque assim se sentiam em casa; muitos deles eram homens que ficavam desconfortáveis com gentileza e cortesia. Quando Dick passou a tolerar as leis sobre bebidas alcoólicas, no entanto, um ar de perseguido surgiu em seu rosto napolitano gordo de olhos tristes. Ele começou a se encolher e a se curvar e a apertar a mão dos clientes, e chegou ao ponto de se oferecer para cuidar dos casacos. Quando eles terminavam de comer, ele ia até a mesa, sorria com esforço e perguntava: "O assado de panela estava OK?". Nos velhos tempos, ele nunca agia dessa forma. Se alguém reclamava de um bife duro ou de uma batata assada crua no meio, ele rosnava e dizia: "Se você não gosta da minha comida, não é obrigado a comer aqui. Suma da minha frente".

A mudança em Dick reflete as inovações em seu novo bar, que fica a seis quadras do antigo – um lugar grande e classudo com uma fachada feita de cromo e tijolos de vidro, um luminoso de neon com quatro cores, um balcão de mogno, uma fileira de banquetas de cromo com assentos vermelhos de couro igual ao que se vê em bares na parte alta da cidade, uma cozinha cheia de panelas novinhas de cobre, um *chef* mal-humorado que trabalhou no Moneta's, um cardápio impresso com palavras em francês por toda parte e sete marcas novas de uísque escocês. Ele mandou os garçons fazerem a barba todo dia de manhã e fez todos usarem paletós brancos

engomados. Por vários dias depois disso, eles pareciam limpos e indiferentes, como pessoas que acabaram de sair do hospital. O lugar era tão elegante que Dick, para dar sorte, não mandou emoldurar a primeira nota de um dólar que recebeu no bar; ele mandou emoldurar a primeira nota de cinco dólares.

Os clientes regulares de Dick sempre funcionaram como uma espécie de clã – dois ou três no fundo do bar, perto da porta engordurada da cozinha – e alguns deles começaram a se reunir no balcão chique do bar novo do Dick. Eles detestaram tudo. Riram do francês usado no cardápio, zombaram dos garçons com os paletós brancos engomados. Um deles enfiou um cardápio no nariz de Dick. "O que significa isso aqui", disse ele, "esse: 'Country Sausage Gastronome'?". A pergunta deixou Dick desconfortável. "Significa caldo de carne", disse ele.

No meio da grande noite de abertura, um dos fregueses, um evangelista amador que fazia sermões burlescos regularmente no bar antigo, subiu no balcão novinho em folha e começou sua ladainha. Ele tinha terminado o texto para aquela noite e estava gritando: "Irmãos e irmãs! Vocês estão cheios de pecado! Vocês estão cheios de destilado! Vocês e o Diabo estão mancomunados! E para o Juízo Final, vocês estão preparados? Para onde vocês vão depois de mortos e enterrados? Vocês estão assustados?", quando Dick saiu da cozinha e deu de cara com aquela cena. "Ah, meu Deus!", gritou Dick. "Você quer acabar comigo? Não posso ter esse tipo de macaquice aqui. Investi muito dinheiro neste lugar." Havia uma angústia tão intensa e verdadeira na sua voz que o evangelista amador pulou do púlpito e pediu desculpas. E os fregueses antigos ficaram com pena de Dick. No bar antigo, sentado atrás do balcão em uma noite movimentada, Dick era mais tranquilo que água de poço, mas no bar novo ele não demorou para ficar abatido e apreensivo. Numa noite, a porta vaivém da cozinha foi aberta e os clientes antigos viram Dick debruçado sobre um enorme livro-caixa, brigando com a contabilidade. Pela expressão no rosto de Dick, podiam ver que ele estava farto das banquetas cromadas e dos cardápios em francês. "Ele também não gosta desse lugar", um deles disse. Desse dia em diante, eles tentavam acalmar qualquer um que começasse a gritar e a quebrar copos quando Dick insistia em seguir à risca a lei sobre bebidas alcoólicas. "Afinal de contas", eles diziam, "ele investiu muito dinheiro aqui. Ele não quer perder o alvará". No entanto, pouco importa o tamanho do investimento, nunca me senti muito bem no novo bar do Dick.

Quando é questionado sobre o porquê da mudança, Dick rosna e resmunga. "Estava na hora de comprar chapas novas", mas descobri que ele só abriu o lugar novo porque queria uma cozinha maior. Assim que ele decidiu se mudar, no entanto, um vendedor que lidava com equipamentos para bar passou a conversa nele. Acredito que vendedores de equipamentos para bar prejudicaram muito mais a independência e a individualidade dos bares de Nova York e de seus clientes do que a Lei Seca ou a revogação[99]; não existe nada que faça um bar parecer mais artificial e ordinário do que um balcão modernoso e um monte de cadeiras feitas de tubos cromados. O estabelecimento antigo do Dick era sujo e tinha cheiro de zoológico, mas era autêntico; o novo é tão brilhante e insignificante quanto um despertador de dois dólares. O vendedor de equipamentos para bar foi tão persistente que Dick, que só queria uma cozinha maior, acabou se livrando de tudo que vinha do lugar antigo com exceção do cofre de ferro grande e gorduroso e de uma fotografia de Gallant Fox[100] toda suja de moscas. Ele jogou fora até as fotografias de Lupe Velez, sua atriz de cinema favorita. Ele tinha uma dúzia de imagens de Miss Velez penduradas na parede e às vezes olhava para uma delas, balançava a cabeça e dizia: "Eu andaria um quilômetro de quatro sobre cacos de vidro só para ver essa mulher em carne e osso".

Dick está orgulhoso com sua cozinha nova. Ele sempre se interessou mais por comida do que por bebida. Ele dizia: "Tenho uma cozinha de primeira categoria". Uma vez, vi Dick ficar de pé diante do balcão e comer um peru de quase quatro quilos que o chef havia preparado para o almoço. Ele disse que queria comer só uma coxinha, mas depois que ele comeu até ficar satisfeito, não tinha sobrado nada no prato a não ser um monte de ossos. Maxie, o chefe dos *bartenders* que tinha uma barriga grande e quadrada, ficou admirado de ver Dick desmantelar o peru. "O patrão com certeza tem uma paixão por comestíveis", disse ele. Nos velhos tempos, Dick já colocava pratos estranhos em seu cardápio mimeografado. Ele tinha um amigo que trabalhava em uma fábrica de sopas enlatadas na mesma rua e, um dia, o amigo deu a ele um balde cheio de fígados de tartaruga. Dick colocou no cardápio. Um freguês disse: "Está aí uma coisa que eu nunca comi". Ele pediu os fígados e, enquanto

[99] A Décima Oitava Emenda proibiu a venda de bebidas alcoólicas e instaurou a Lei Seca, revogada em 1933 pela Vigésima Primeira Emenda.

[100] O puro-sangue Gallant Fox (1927–1954) foi um cavalo de corrida que, ao longo de sua carreira entre 1929 e 1930, disputou dezessete provas e venceu onze. Ele foi o segundo cavalo na história a conquistar a chamada Tríplice Coroa, título dado aos puros-sangues de três anos de idade que vencem o Kentucky Derby, o Preakness Stakes e o Belmont Stakes.

comia, Dick ficou olhando com atenção. Quando o homem baixou os talheres, Dick foi até a mesa.

"Que tal os fígados de tartaruga?", perguntou ele.

O freguês ponderou por um instante.

"Para ser honesto com você", disse ele, "achei uma coisa meio estranha".

"Pois olha", disse Dick com soberba, "até onde eu sei, você foi o primeiro homem de Nova York a comer fígados de tartaruga".

O freguês deu de ombros.

Algumas noites atrás, vi os fígados de tartaruga no cardápio do lugar novo. Eles estavam listados como "Pâté de Foie de Tortue Verte". Até eu ler essas palavras pretensiosas, não tinha me dado conta de como tinham ficado para trás os dias em que Dick foi um proprietário sincero de um bar simples, sujo e fora da lei. Sei que vai soar infantil, mas às vezes, apoiado sobre o balcão novo em folha, sou dominado por uma nostalgia da sarjeta; anseio por uma "noite de cabaré" no bar antigo do Dick. Sexta-feira era o dia de pagamento em muitos escritórios e fábricas da vizinhança e a noite de sexta-feira era a "noite do cabaré" no Dick. Um músico de idade, chegado numa cerveja, aparecia com um acordeão e uma multidão de gente estranha e piegas cercava o homem para cantar hinos e canções irlandesas. O lugar ficava cheio de estenógrafas bonitas do distrito financeiro, todas boas de copo, e elas eram arrancadas das banquetas para dançar no chão de ladrilho. As dançarinas pisavam sobre cascas de amendoim que faziam um barulho áspero e estranho.

Alguns dos bêbados tentavam empurrar o balcão do bar, colocando os ombros debaixo dele e erguendo do chão enquanto cantarolavam "Volga Boatmen". Dick ameaçava bater na cabeça deles usando um sifão de água com gás. "Vou dar uma lição em vocês, seus animais!", ele gritava para os fregueses esbaforidos. Uma vez, classificou os loucos do estabelecimento como alpinistas, piromaníacos, chorões e Carusos. O alpinista era o tipo de bêbado que só ficava feliz quando subia no balcão vergado, com as mãos na cintura, para fazer uma dança cossaca e chutar copos de cerveja. O alpinista mais estranho era um homem comum e digno que trabalhava como editor de Cidade em um jornal vespertino. Ele subia e descia do balcão, dando um berro peculiar e terrível. Isso sempre deixava Dick fascinado. Uma noite, Dick olhou para ele e disse: "Que diabo de barulho é esse que você fica fazendo?". O editor parou de berrar por um instante. "Eu sou uma rã", disse ele, feliz. Os piromaníacos eram aqueles que achavam impossível derramar uísque no bar sem tacar fogo nele. Os

bartenders vinham correndo para bater nas chamas azuis com toalhas. Um bêbado derramava copos inteiros de conhaque no balcão e ateava fogo só para ouvir Dick gritar. Uma vez, Dick acertou esse piromaníaco na cabeça usando o sifão de água com gás. O golpe teria fraturado o crânio do piromaníaco se ele não estivesse de chapéu.

Naquelas noites maravilhosas que não voltam mais, uma espécie de histeria coletiva varria o estabelecimento. Os fregueses ficavam exaustos de cantar, dançar e jogar dados. Havia uma pausa. Depois, de repente, eles começavam a berrar e a arremessar as bebidas no chão. Começavam a discutir. Alguém gritava: "Tire os óculos para brigar!". Em uma noite, uma ambulância do Broad Street Hospital teve de vir buscar dois homens que discordaram sobre o que tinha mais sustância: leite ou cerveja. Como em uma tira de quadrinhos, nessas ocasiões era como se mísseis voassem para todo lado. Uma vez, um cliente que estava melancólico no balcão há horas, do nada, arremessou um copinho de uísque fazendo um buraco enorme no espelho que fica atrás do bar. Maxie, o *bartender*, teve de se esquivar. Depois ele lembrou que o espelho custa cinquenta e cinco dólares. "Dick vai me cobrar uma semana de pagamento só porque eu desviei", disse Maxie, se lamentando.

Nas noites de cabaré, havia um freguês, um vendedor de ostras do Washington Market, que ficava sozinho em um canto, bem feliz, regendo uma banda de jazz invisível com uma colher de coquetel fazendo as vezes de batuta e às vezes gritando para um trombonista invisível: "Manda ver, seu folgado!". Outro cliente, um contador alto e esquelético, erguia qualquer objeto que tivesse à mão e gritava: "Vale quanto? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, vendido! Para aquele idiota ali com o cigarro na boca". O nome do contador era Peterson, mas Dick sempre o chamava de São Pedro por ele ser muito velho e magro. São Pedro vivia em uma quitinete mobiliada e passava dias e noites no bar. Dick dizia que tinha um pé de apoio porque seu pé direito tinha ficado torto de tanto descansar no apoio do balcão do bar. Dick apontava para ele com orgulho e dizia: "Veja só o velho São Pedro. Quando ele vai para casa, usa só um calcanhar". A maior falha de São Pedro era uma incapacidade de se decidir sobre as coisas. Durante anos, ele reclamou dos pães do Dick, dizendo que preferia os que vêm com semente de papoula. Dick finalmente encomendou alguns e, no almoço, São Pedro disse: "Esse pão é que é bom". Um instante depois, ele acrescentou: "Mas não é tanto assim".

Quando se cansava de imitar um leiloeiro, São Pedro se esgueirava até o cabideiro e colocava objetos como porta-copos e saleiros nos bolsos dos casacos das

pessoas. No bar do Dick, os clientes entravam e saíam da cozinha quando bem entendiam, e houve uma vez que São Pedro pegou um peixe de dentro da geladeira e colocou no bolso do casaco de alguém. Em uma noite de cabaré, Dick ficou desconfiado de São Pedro e descobriu que o magro estranho e subnutrido tinha enchido os próprios bolsos com comida suficiente para sobreviver vários dias. No sobretudo esfarrapado do velho, Dick encontrou oito latas de sardinha e um belo naco de queijo suíço. Dick não ficou bravo. Ele achou divertido. "O São Pedro", disse ele, "me faz lembrar de um esquilo estocando nozes para um dia de chuva". Em determinado estágio da bebedeira, São Pedro borrifava veneno para insetos em cima das pessoas; uma vez ele pegou o extintor de incêndio da parede da cozinha e o acionou com tudo no salão do bar. São Pedro apareceu para a grande noite de abertura do novo bar do Dick, mas nunca mais o vi depois disso.

Era perigoso desmaiar no antigo bar do Dick em uma noite de cabaré. Para os fregueses, um homem inconsciente era a coisa mais engraçada que existia. Eles tiravam a roupa do sujeito e colocavam um uniforme de garçom ou qualquer outro tipo de traje, incluindo capas de chuva, que encontravam nos armários da cozinha. Em seguida, enchiam os bolsos com bilhetes enigmáticos e o arrastavam rua acima, abandonavam o sujeito na soleira de uma porta, davam as costas e iam embora. Quando o homem acordava, ele começava a gritar e aquilo o marcava para sempre. Guardei alguns dos bilhetes que uma vítima encontrou nos bolsos. Eles diziam algo como: "O Sombra telefonou. Disse para você ligar de volta"; "Bom, meu velho, acho que chegou a sua hora"; "Quinta às três da tarde. Seja rápido. O F.B.I. já sabe de tudo". Um homem chegou a acordar com uma corda no pescoço.

As brigas entre as mulheres e os homens sóbrios e educados no lugar novo do Dick nunca são boas. No bar antigo, as pessoas viviam se esbofeteando. A única regra de comportamento que o Dick tentava impor era: "Nada de brigas do lado de fora. Não pega bem. Não quero uma fama ruim para minha loja". (Como vários donos de bar das antigas, Dick se refere ao seu como "loja".) Quando o bar inteiro parecia ter um acesso particularmente violento numa noite de cabaré, Dick trancava as portas, sabendo por experiência própria que cada cliente recém-chegado era infectado pela histeria e se juntava aos outros. Dick gritava: "Tranquem as portas! O pessoal aqui está tendo um colapso nervoso! Tranquem as portas!". Maxie nunca ficava alterado. Ele às vezes ria das artimanhas de um cliente, balançava a cabeça, e dizia: "Este lugar é igualzinho a um hospício". Uma vez, na véspera furiosa de um Dia de Ação de

Graças, eu o vi debruçado sobre o balcão lendo uma página de esportes e cantando calmamente uma canção que tinha aprendido na escola pública: “Brilha, vaga-lumezinho, brilha, brilha”.

No lugar novo, vestido como um farmacêutico, Maxie é chamado de ranzinza com frequência, mas ele ria bastante nos velhos tempos. Não havia nada mais divertido para ele do que um freguês com ressaca. “O que foi que houve com você?”, ele perguntava. E cantava: “Feche a porta, eles estão entrando pelas janelas. Feche as janelas, eles estão entrando pela porta”. O freguês aflito tremia e implorava para ele parar, mas Maxie continuava cantando. “Meu Deus”, rematava, “eles estão entrando pelo chão!”.

O estabelecimento antigo do Dick era isolado; de noite, as ruas ao redor ficavam desertas. Por consequência, havia sempre o medo de ser assaltado. Quando Maxie pegava o turno da noite e o movimento estava devagar, ele tirava o dinheiro do caixa, escondia debaixo do balcão em uma lata de lixo, esticava o corpo sobre o balcão e dormia, usando o sobretudo como travesseiro. “Que venham os ladrões”, dizia, bocejando. Se chegava mais algum cliente, o único jeito de acordar Maxie era colocando pedaços de gelo nas orelhas dele.

Você nunca ouve uma conversa que valha a pena no novo bar do Dick. No antigo, quando a clientela se cansava da gritaria e parava para conversar, eles tinham o que dizer. Lembro de uma conversa que ouvi entre dois homens.

“Você está querendo dizer que essa sua amiga morreu?”

“Isso, ela foi morta.”

“Como você sabe que ela foi morta?”

“Pelo amor de Deus, quando você é morto, você morre não morre?”

Por um momento, os dois homens ficaram quietos, pensando.

“Estou reunindo provas”, disse o amigo da mulher morta.

“O que você tem a ver com isso?”

“Tenho medo que suspeitem de mim.”

“Por que eles suspeitariam de você?”

“Bom, estou me organizando caso isso aconteça.”

Respeitar as leis acabou com Dick. Agora ele é só mais um pequeno comerciante triste, sem mudar nada um dia após o outro. Nos velhos tempos, ele era imprevisível. Em uma noite, ele era tão generoso quanto um bobo alegre, na noite seguinte era mesquinho e não oferecia nenhum drinque por conta da casa.

Em geral, quando um cliente entrava, Dick era afável. Ele chamava o cliente pelo primeiro nome e perguntava como estava sua saúde. No entanto, se o cliente ficava sem dinheiro e começava a pendurar drinques na conta, Dick passava a se comportar de um jeito distante. Ele começava a ouvir mal. Não demorava para ele começar a usar o sobrenome do freguês com um enfático "senhor" na frente. Depois de um tempo, o freguês se tornava um completo estranho para Dick. Em seguida, toda a civilidade de Dick desaparecia e ele passava a chamar o cliente de "vagabundo" ou "sem-vergonha". Se o freguês se irritava e dizia: "Esta é a última vez que venho neste lugar", o rosto gordo de Dick se solidificava, ele se inclinava para frente e dizia: "Quero isso por escrito".

Uma vez, Dick ficou bêbado. Em geral, ele era capaz de suportar uma quantidade imensa de bebida alcoólica, mas nessa vez ele ficou bêbado. Era um dia quente e ele tinha feito um tonel de *may wine*[101], provando a bebida ao longo do preparo. Ele ficava gargalhando como se fosse uma garotinha tomando seu primeiro drinque. Os clientes que entravam no bar ficavam olhando para ele de um jeito engraçado. Ele apontava para os clientes, estapeava a coxa e morria de rir. Ele parecia tão bem que alguém sugeriu que pagasse uma rodada para todo mundo e, imediatamente, ele ficou sóbrio. No entanto, mesmo nas noites mais mesquinhas, Dick sempre deu vinte e cinco centavos para as mulheres soturnas do Exército da Salvação que entravam no bar, chacoalhando seus tamborins sem muita convicção. E sempre gostei da forma como ele tratava as zeladoras dos arranha-céus do distrito financeiro que chegavam tarde para tomar uma cerveja. Dick dava gim para elas e dizia: "Esse é por conta da casa. Saúde". Ele sabia que as senhorinhas queriam gim, mas não tinham como bancar.

Dick merece respeito também pela forma como ele se comportou quando um de seus clientes morreu. Ele encomendou uma coroa enorme e muito cara. Pouco antes do funeral, ele, Maxie e os outros *bartenders* tiraram os aventais e fizeram a barba com cuidado na pia da cozinha. Em seguida, eles vestiram ternos escuros e, com uma expressão séria no rosto, subiram no carro do Dick e foram para o funeral, deixando o bar aos cuidados do cozinheiro. Às vezes, em especial nas noites mais modorrentas e chuvosas, Dick fechava mais cedo e levava todos os clientes que

[101] É uma bebida comum na Alemanha, feita com vinho fortificado (como é o caso do vinho do porto) misturado com aromatizantes, frutas, ervas e especiarias. É uma espécie de ponche, ou sangria, que marca o momento em que a primavera se encaminha para o verão, no mês de maio, por isso: "vinho de maio", ou *may wine*, *maiweine*, *maitrank*, *maibowle* e *waldmeisterbowle*.

haviam sobrado no bar para um espetáculo burlesco ou para um restaurante de *yakisoba* em algum porão de Chinatown. Ele levava junto duas garrafas de uísque e pagava a conta para todo mundo.

Nos velhos tempos, Dick participava do jogo de dados que não acabava nunca. Ele era um jogador intenso. "Isso aqui não é pingue-pongue", gritava ele quando um jogador trôpego fazia os dados rolarem para fora do balcão desnivelado. No bar antigo, eles apostavam bebidas e dinheiro todas as noites, mas na época do Dia de Ação de Graças e do Natal, apostavam perus e porcos. Por vinte e cinco centavos, um cliente podia arremessar os dados três vezes. Os dados eram jogados dentro de um prato de sopa. Depois de um determinado número de rodadas, o cliente com a pontuação mais alta ganhava um peru ou um leitão vivos. Em um Natal, Dick exibiu o leitão na janela do bar. O homem que ganhou o porco tirou o bicho da janela e deu a ele o nome de Dick. Aí pegou a própria gravata e amarrou ao redor da barriga do porco. Depois perdeu o interesse no porco, que ficou correndo pelo bar durante horas, guinchando e cheirando os sapatos dos fregueses. Mais tarde na mesma noite, o cliente levou o porco embora de táxi. O cliente vivia em um hotel e colocou o porco no banheiro. Na manhã seguinte, a mulher dele descobriu o porco e telefonou para a A.S.P.C.A.[102] pedindo que viessem buscar o porco.

A freguesia do bar antigo vivia fazendo piadas com Dick. Uma noite, um homem saiu do bar para, supostamente, comprar aspirinas. Em vez disso, subiu a rua até uma cabine telefônica e ligou para o Dick, bancando o gângster. Ele disse a Dick que ele teria de pagar por proteção e que dois de seus capangas passariam no bar para fazer a coleta, e que Dick deveria já ir separando cinquenta dólares em notas de cinco. Caso contrário, a coisa ia ficar feia. Dick saiu do telefone com um olhar assustado no rosto. Depois de algum tempo, dois estranhos *de fato* aparecem no bar. Eles pediram cervejas. Trêmulo, Dick serviu os dois com uma cortesia extrema. Ele já tinha separado o dinheiro. Quando terminaram as cervejas, os estranhos foram embora, deixando duas moedas de dez centavos sobre o balcão. Dick respirou aliviado. Na mesma hora, um dos fregueses disse: "Ei, Dick, você ouviu falar dessa brincadeira que uns bebuns estão fazendo com o pessoal dos bares? Ele telefonam e fingem ser gângsteres. Eles dizem que, se não pagarem por proteção, a coisa vai ficar feia".

"Ah, é?", disse Dick, sem esconder a animação.

---

[102] Veja nota 49.

“Sim”, disse o freguês. “Estão fazendo isso pela cidade inteira. Estranho que ainda não tenham tentado com você.”

“Estranho mesmo, né?”, disse Dick, rindo com gosto.

Seu olhar de preocupação desapareceu. Ele chegou até a pagar uma rodada de bebidas.

“Ei, Dick”, disse o freguês, depois de um tempo, “Deus o livre, mas o que você faria se alguns gângsteres tentassem mesmo ameaçar você em troca de dinheiro?”.

“O que eu faria?”

“Sim.”

“Ah, inferno”, disse Dick, “comigo não tem isso de ameaçar, não. Eu ia arrebentar a cabeça deles. Eu ia acabar com eles na porrada”.

(1939)

Piquenique do Houdini

O calipso é um tipo de música que surgiu em Trinidad, uma ilha britânica nas Índias Ocidentais[103] a dez quilômetros da costa da Venezuela, que também fornece ao mundo asfalto e Angostura[104]. Canções desse gênero são compostas e interpretadas por um grupo de homens amorais, arrogantes e beberrões chamados de calipsonianos. Quase todos são negros. Com violões pendurados debaixo do braço, eles confraternizam em bares e cafés chineses na Marine Square e na Frederick Street em Port of Spain, a principal cidade de Trinidad, caçando fofocas que podem virar letra de calipso. Vários se gabam de ter mulheres que brigam, de fato, para sustentá-los. Muitos deles passaram por prisões da ilha. Para se distinguir de homens menores, eles não usam seus nomes oficiais e preferem viver a cantar usando alcunhas como o Reclamão, o Lorde Carrasco, Rei Rádio, Átila o Huno, o Leão, o Gorila, o Carinhoso, o Velho Inventor e Lorde Ziegfeld. Algumas de suas músicas são baseadas em notícias sensacionalistas – o assassinato de um amante, uma briga de canivetes entre duas senhoras ilustres, o suicídio de uma inglesa branca e gananciosa. Outras canções de calipso lidam com temas mais abstratos como amor, honra, o declínio do homem, a sabedoria de se casar com uma mulher mais feia que você, ou a questão sobre o que dói mais: a ressaca de rum ou a ressaca de gim. Outras são estudos de personagem; uma dessas canções se chama "They Talk about Nora's Badness". Nela, a fragilidade de Nora é definida por um verso recorrente: "*She go to the old dance hall and drink alcohol with Peter and Paul*"[105].

Alguns dos calipsonianos cantam em uma gíria que envolve inglês, espanhol, francês e hindi, mas a maioria canta em inglês com um sotaque britânico muito peculiar; do jeito que falam, "*parrot*" [papagaio] vira "*pair-ott*", "*temperament*" [temperamento] vira "*tem-pair-a-mint*" e "*hat*" [chapéu] vira "*hot*". Eles apreciam palavras longas e sua conversa é extravagante. O Leão, por exemplo, não diz: "Olá"; ele diz: "Aceito a ciclicidade da convencionalidade e desejo a você um bom dia". Muitas canções de calipso são consideradas obscenas ou subversivas pelo governo colonial britânico, que às vezes proíbe uma canção e coloca o cantor na cadeia. Pouco

[103] Trinidad e Tobago, país que abarca a ilha de Trinidad, deixou de ser território britânico em 1962. O termo "Índias Ocidentais" é considerado um arcaísmo para se referir ao Caribe.
[104] Um tipo de *bitter* (bebida alcoólica amarga) usado no preparo de coquetéis e de comida.
[105] "Ela vai até o velho salão de dança e bebe drinques com Peter e Paul".

antes da guerra, pelo que diz ter sido um motivo diplomático, o governo proibiu uma canção arrogante chamada "Hitler Demands", em que o Reclamão cantava: "*Hitler, me lad, take things easily, otherwise we sure to run you out of Germany*"[106]. Por "*we*" [a gente], o Reclamão quis dizer o Império Britânico.

O mais prolífico entre os calipsonianos é um negro que se chama Wilmoth Houdini. Alguns anos atrás, ele foi embora de Trinidad e conseguiu trabalhar em um cargueiro. De vez em quando, ele volta para fazer uma visita longa e paga as despesas cantando em cinemas de Port of Spain propagandeado como "O Rei do Calipso de Nova York", mas a maior parte do tempo ele passa vivendo em uma quitinete na West 114th Street, na parte baixa do Harlem, onde há um assentamento grande de imigrantes de Trinidad. O nome em seu passaporte é Edgar Leon Sinclair; no Harlem, ele é chamado de Mr. Houdini. Ele tirou o nome de uma cinessérie que viu em 1916 em que Houdini, o mágico, era o protagonista. Ele foi o primeiro dos calipsonianos a gravar discos. Produziu milhares de canções e mais de seiscentas foram gravadas em discos. Ele é autor de vários clássicos. Entre eles, "Old Man You Too Old, You Too Bold, in Fact You Too Cold", "I Like Bananas Because They Have No Bones", "Keep Your Money, Hot Daddy" e "Drunk and Disorderly". Houdini faz aparições públicas em "piqueniques" de salões do Harlem promovidos por uma organização de caribenhos agradáveis e nostálgicos chamada Trinidad Carnival Committee. Ele é a alma do comitê; os outros membros são uma administradora de um salão de beleza, um ex-vereador e um dentista. No Harlem, existem duas boas bandas caribenhas de sucesso, os Caribbean Serenaders e os Krazy Kats[107], e músicos escolhidos dessas bandas são contratados para tocar em piqueniques. O comitê envia folhetos com este anúncio: "Vamos Jantar e Dançar! Pessoal está falando de Dança? Senhores, é assim que se Dança! Senhoras, é assim que se Dança!".

Numa noite, fui até um dos piqueniques do comitê com Mr. Ralph Perez, um porto-riquenho descendente de espanhóis que trabalha do departamento de exportações da Decca Records. Ele está no ramo de discos há quase vinte anos, construindo catálogos de músicas latino-americanas, mexicanas e caribenhas. A Decca o manda para Port of Spain uma vez por ano. Ele chega pouco antes da

[106] O título da música pode ser traduzido como "Exigências de Hitler" e o verso citado pelo autor diz: "Hitler, meu caro, pega leve, senão a gente expulsa você da Alemanha".
[107] O nome da banda é, possivelmente, uma referência à tira de jornal homônima criada por George Herriman e publicada em jornais entre 1913 e 1944. Nela, um cão, um gato e um rato se envolvem em um triângulo amoroso.

Quaresma, quando os calipsonianos montam "tendas" de palha em terrenos baldios e cantam uma seleção de suas músicas mais novas. Ele aluga uma casa, faz isolamento acústico, deixa uns cantores sóbrios e grava o suprimento de um ano inteiro de calipso.

O piquenique a que Mr. Perez me levou foi em um salão comprido e estreito no terceiro andar de um prédio maltrapilho na Lenox Avenue, logo depois da 116th Street. Quando nós chegamos, às dez horas da manhã, havia só umas cinquenta pessoas. "Piqueniques começam tarde e vão até o amanhecer do dia seguinte", disse Mr. Perez. Contra uma parede, havia uma fileira de cadeiras com encosto de madeira. Algumas mulheres robustas de meia-idade estavam sentadas nessas cadeiras, fumando cigarros e fofocando. Um espaço para a banda tinha sido cercado com uma corda. Além desse espaço, do outro lado do salão, um barzinho tinha cinco mesas cobertas com lona branca. Sentadas ao redor dessas mesas, havia jovens mulheres negras e crioulas[108] usando vestido de baile, bebendo. Vi uma delas tirar meio litro de uísque de dentro da bolsa. Ela serviu um pouco de uísque em um copo descartável, sem gelo, e colocou a garrafa de volta na bolsa. "Elas estão esperando os homens chegarem", disse Mr. Perez. "Os homens nessa vizinhança trabalham até tarde, a maioria. Os homens que você vai ver aqui hoje são ascensoristas, barbeiros, funcionários de hotel, músicos e alguns poucos profissionais." Fomos até o bar e ficamos no balcão, atendido por uma mulher sorridente de seios fartos. Mr. Perez disse que ela era Mrs. Lynch, uma integrante do comitê e gerente do Isabel's Salon, um salão de beleza do Harlem. Ajudada por duas crianças bonitas e sérias, suas filhas, Mrs. Lynch estava transferindo garrafas de cerveja e de soda para um tanque que estava cheio pela metade de pedaços de gelo. Atrás do bar, havia uma placa: "Tortinhas e *paylou*[109] grátis no bar durante o intervalo. Bebidas serão vendidas a preços módicos". Mr. Perez disse que o drinque perfeito para um piquenique é uísque com soda de laranja. "A maioria das pessoas traz o próprio uísque", disse ele. Quando Mrs. Lynch terminou de colocar as garrafas no gelo, ela disse: "Disse para o Houdini ir atrás do uísque que a gente vai vender hoje à noite, e pelo visto ele não está com pressa". Mrs. Lynch tinha fios brancos pendurados nos lóbulos das orelhas e perguntei para ela o que eles significavam. "É fio dental", disse ela. "Furei minhas orelhas para colocar

[108] Crioula, nesse caso, nomeia a pessoa de ascendência negra e europeia (francesa ou espanhola) que fala um dialeto do francês ou do espanhol.
[109] Parece ser uma corruptela de *pelau*, um prato típico de Trinidad feito com arroz.

brincos e o médico disse para eu manter os buracos abertos com fio dental. Pode parecer estranho, mas não dói". Ouvi alguns barulhos nas escadas e foi quando a banda chegou. Ela era formada por Gregory Felix e três membros de sua banda Krazy Kats – um baterista, um violinista e uma pianista. A pianista era uma garota chamada Wilhelmina Gale. "Toco clarinete", disse Mr. Felix, "e Houdini vai cuidar dos chocalhos e da garrafa de gim. Por causa disso, nossa banda tem cinco integrantes". Miss Gale foi até o piano vertical e abriu a tampa da frente e a de cima. Em seguida, sem nenhuma preliminar, ela e os outros assumiram seus lugares e começaram a tocar uma rumba. Quase na mesma hora, como se fosse combinado, as pessoas começaram a chegar aos montes pela escada. Logo havia mais de duzentos negros no salãozinho.

Depois de a banda ter tocado duas rumbas, um homem magro e de olhos tristes entrou no salão. Havia uma rosa amarela na lapela de seu sobretudo. Debaixo de um braço, ele carregava um pacote volumoso, e debaixo do outro, havia um tacho grande. A tampa do tacho estava amarrada com uma corda. "Esse é o Houdini", disse Mr. Perez. Ao passar lépido pela banda, ele disse: "Meu amigos, trouxe uísque e *paylou*". Mr. Perez disse que *paylou* é um cozido de pedaços de galinha com arroz e cebola. (Em Charleston, é grafado "pilau".) Houdini deu o tacho de *paylou* para Mrs. Lynch. Mr. Perez me apresentou para Houdini e disse: "É uma satisfação conhecê-lo. Vamos beber alguma coisa". Ele rasgou seu pacote e colocou quatro litros de uísque em cima do balcão. Ele saiu por um instante e voltou com uma jarra de um líquido grosso e leitoso. "Cerveja de gengibre feita em casa", disse ele. "Essa é a bebida que controla o álcool. Assim o uísque pode afetar tuas pernas, mas não afeta a cabeça". Ele serviu um pouco de cerveja de gengibre em um copo descartável e depois batizou o conteúdo com bastante uísque. Tomou tudo num gole só. E disse: "Cadê meus chocalhos?". Mrs. Lynch passou para ele um par de maracas, que são cuias com grãos de chumbo dentro. "A primeira música vai ser 'Daddy, Turn on the Light'", disse. Ele entrou no cercadinho da banda, subiu numa cadeira e gritou: "Meus amigos, agora vai!". A banda se animou quando ele começou a chacoalhar as maracas. Na mesma hora, o salão pegou fogo com dançarinas de *lindy-hop*, *susy-Q* e *shim-sham-shimmy*[110], e Houdini enfiou as maracas nos bolsos do casaco e pegou um megafone. As dançarinas pareciam não prestar atenção no que ele cantava, mas as mulheres mais

[110] *Lindy-hop* é um tipo de dança que surgiu no bairro do Harlem, em Nova York, em 1926. Ela foi muito popular na chamada era do swing, entre 1930 e 1940. *Susie-Q* é um passo usado no *lindy-hop* e em outras modalidades de dança. *Shim-sham-shimmy*, ou apenas *shim sham*, é uma dança considerada uma espécie de tema principal do sapateado.

velhas que estavam rígidas sentadas nas cadeiras encostadas da parede, ouviam atentamente com sorrisos enormes no rosto. O primeiro verso era:

Please turn on the light, Dad-dee.
Why you like to bite?
Honey, don't squeeze me so tight.
Act so you mean to kill me tonight.

A música continuava:

This is what I want you to know.
It is indeed inescapably so.
Daddy, don't treat me like that,
You got to le' me got, le' me shake meself.
By did de-dup, bick bick bickety buck,
Le' me shake meself!

Quando a música acabou, Houdini pulou da cadeira e correu até o bar. "Cadê minha cerveja?", perguntou. Mrs. Lynch passou para ele a jarra e ele preparou drinques para a banda. Três fileiras de homens e mulheres cercavam o balcão. Mrs. Lynch estava ocupada servindo uísque a quinze centavos a dose. Alguns seguravam uma garrafa de soda de laranja numa mão e uma dose de uísque na outra, tomando um trago de uísque seguido de um longo gole de soda. Uma garota meio bêbada, sorridente, subiu em uma das mesas em frente do bar e começou a sapatear. A mesa balançou e ela deu um grito e pulou no chão, rasgando o vestido no traseiro. Uma mulher mais velha, mãe dela com certeza, correu até a garota e examinou o vestido. "Por que você não se comporta direito, Miss Siricotico?", disse ela. "Você estragou o vestido." "Ah, não tem problema", respondeu a garota. "Ele me deixava bunduda mesmo." Houdini foi atrás do balcão e pegou uma colher e uma garrafa de gim verde e quadrada. Ele mostrou a garrafa para mim. "Trouxe esta lá de Trinidad", disse ele. "Consigo tocar um monte de músicas nela. Sei como fazer a garrafa palpitar. Chamo ela de Velha Cara Quadrada." Um terço da garrafa estava cheio de água. A banda emendou mais uma rumba – tudo que ela tocava parecia rumba – e Houdini voltou para o cercadinho e subiu na cadeira. Usando a colher, ele começou a tocar uma

batida irresistível na garrafa. Logo ele estava fazendo mais barulho do que todos os outros músicos. Depois de um tempo, de repente, ele começou a cantar:

I look for miser-ee
Wherever I meet Johnnie.
People, people, be sorry to see
The grave for Johnnie, the gallows for me.

As mulheres de idade enfileiradas ao longo da parede começaram a sorrir de novo. "O nome dessa é 'Johnnie Take My Wife'", disse Mr. Perez.

This Mr. Johnnie must be ver-ee nice,
For me wife called Johnnie in her sleep last night.
But from today I intend to go
On a hunt for Mr. Johnnie, that gigolô.
I went in the house to get me gun,
Me wife seen me coming and she starts to run.
But let me tell you where I lose me head:
Mr. Johnnie was hiding underneath the bed.
Johnnie, you should never do a t'ing like that,
To stab Papa Houdini in the back.
The judge and jury going to see me face,
For the thing going to end in a murder case.

A próxima música de Houdini também era sobre infelicidade no amor. Era sentimental demais. De quando em quando, ele parava de cantar e falava numa língua desconhecida: "*Bick bick bickety bong bong de dup*". O refrão era: "*But I'm sure you will pay for me love some good day, that is all what I have got to say*". Apenas as mulheres de idade encostadas na parede prestavam atenção na música. Os homens e as mulheres na pista de dança lotada não estavam nem aí. De vez em quando, um dos dançarinos habilmente irresponsáveis estremecia e dava um gemido alto, fazendo todos os outros rirem muito e gritarem: "Segure as pontas! Segure as pontas!" ou "Fique em paz, irmã!". Mr. Perez olhou para os dançarinos suarentos e disse: "Existe uma mistura de sangues em Trinidad: francês, espanhol, caribenho, negro, hindu e

chinês. Dá para perceber nos rostos que você vê aqui hoje. Dá para ver o hindu[111] nos traços daquele grandalhão dançando rumba. Existem milhares de hindus em Trinidad. A garota que faz par com ele é crioula". Olhei para a crioula. O rosto dela era lindo. Ela me lembrava a Dolores Del Rio. Nesse momento, Houdini se cansou e desceu da cadeira. Mr. Perez o convidou para se sentar com a gente e tomar um drinque. Ele trouxe até a mesa a sua jarra de cerveja de gengibre. Perguntei como é que ele havia se tornado cantor de calipso e ele começou a falar de um jeito rápido e suave, quase como um palestrante.

"Tudo começou em 1916", disse ele. "Antes disso, eu não era ninguém. Em 1916, surgiu uma banda em Port of Spain, organizada por uma garota muito distinta, chamada Maggie Otis. Ela era a rainha da banda. E eu era o rei. A banda se chamava African Millionaires. Éramos vinte e quatro homens e garotas. Os homens usavam camisas de seda listrada, calças de flanela e sapatos brancos, e cada um usava no pescoço uma câmera, um crocodilo empalhado ou um par de binóculos. Isso era para imitar os turistas ricos que vinham para Trinidad. As garotas de vestiam de um jeito parecido. No Mardi Gras, que acontece nos dois dias após a Quaresma, as grandes lojas e companhias de Port of Spain davam prêmios na forma de rum e de dinheiro para o calipsoniano que improvisasse a melhor música fazendo propaganda de suas mercadorias. Em 1916, depois de ter saído dos African Millionaires, eu entrei nas competições de propaganda e venci sete em um dia, cantando de maneira improvisada contra homens como o Velho Inventor e o Lorde Carrasco. Recebi o grande prêmio do pessoal da Angostura Bitters e o grande prêmio do pessoal da cervejaria Royal Extra Stout e outros mais. Nessas competições, você tem que improvisar uma canção no calor do momento e ela tem que estar sincronizada com a banda. Você precisa ser inspirado para fazer uma coisa dessas.

"Naquela noite, em uma tenda, entrei numa guerra com uns calipsonianos das antigas. Uma tenda é um barraco de bambu com um teto de palha. Os calipsonianos cantam dentro delas durante os carnavais e cobram entradas. Uma guerra é quando três calipsonianos ficam de pé no palco de uma tenda e improvisam em versos. Um homem começa em versos, falando sobre as caras feias e morais duvidosas dos outros dois. Depois, o homem da vez assume a canção e continua os versos. E assim vai, sem parar. Se você vacilar quando chegar a sua vez, você não pode ser considerado um

[111] Na época do texto, usava-se *hindu* em vez de *indiano*.

calipsoniano. A maioria das canções de guerra são feitas de insultos. Você põe para fora seus insultos e depois é seu adversário que insulta você. Vence o homem que fizer os piores insultos. Meus insultos foram tão violentos na minha primeira guerra que os outros homens vieram me cumprimentar. Desde então mantenho meu prestígio e integridade como Houdini, o Calipsoniano. Meu cérebro funciona bem. Posso cantar sobre qualquer coisa a qualquer hora. Se você disser para mim: 'Cante uma música sobre aquele senhor ali', vou tomar fôlego e cantar."

A crioula linda veio até nossa mesa. Ela colocou uma mão na cabeça de Houdini e disse: "Pare de tagarelar, Papa Houdini, e me sirva um drinque". Houdini riu e disse: "Com o maior prazer, minha senhora!". Ele serviu o drinque para ela; ela deu um beijo nele e foi embora.

"Perdoem a interrupção", disse Houdini, acompanhando a garota com os olhos. "Como sempre digo, sou um calipsoniano de verdade, o único deste país. Sem dúvida, preciso voltar para Trinidad a fim de renovar minha inspiração. É como uma porta que ficou fechada por muito tempo. As dobradiças ficam enferrujadas. Porém, no instante em que você se livra da ferrugem nas dobradiças, a porta volta a se abrir. Preciso voltar para Trinidad para me livrar da ferrugem. Preciso voltar para comer *calaloo*. É um ensopado de caranguejo. Um ensopado de domingo. Preciso voltar para beber *juleps* de gim. É água de coco verde e gim. Isso tudo me serve de vitamina e me dá inspiração. Vou contar uma peculiaridade minha. Eu nasci no Brooklyn. No ano de 1902. Meu pai era comissário de bordo e a família vivia no Brooklyn quando nasci. É claro, voltamos para Trinidad quando eu tinha dois anos. Tenho uma família itinerante."

"Houdini, venha cá!", gritou Mrs. Lynch.

"Já vou", disse Houdini. Então ele se serviu de mais cerveja e retomou a conversa. "Escuta", disse ele, "não consigo entender por que é que um clube desses grandes não me contrata para cantar calipso. Seria impressionante. Seria um desbunde. Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Se o uísque não me matar, meu destino é o Madison Square Garden.

"No momento, estou de posse de um montante considerável de composições novas. As letras surgem sem nenhum aviso, de dia e de noite. Noite passada, fui até o Apollo Theatre e corri para casa debaixo de uma chuvinha fina. Decidi tomar um banho para não ficar resfriado. Eu estava na banheira quando tive a ideia para um calipso. Bati na lateral da banheira com as minhas unhas para marcar a melodia. O nome da música

acabou ficando ‘From the Day of Birth I Been Told I Got Rhythm in My Soul’. Tenho tantas músicas no meu baú que mal tenho espaço para os meus ternos. Acho que logo, logo vou gravar uns discos novos. Um disco rendia cinquenta dólares para mim e para os músicos, e um centavo de direitos autorais por disco. O dinheiro dos direitos autorais mingou e preciso de músicas novas. A meu favor, sou conhecido por fazer canções sugestivas, mas sou um católico de verdade e já fiz vários calipsos de natureza religiosa. Um é um hino de natal. Começa assim: ‘A Virgem abençoada teve um menininho. O bebê veio do Reino do Céu e o nome do bebê era Jesus’.”

Ele foi interrompido mais uma vez.

“Você tem que me ajudar com o *paylou*!”, gritou Mrs. Lynch. “Começou o intervalo!”

“Todo mundo depende de mim”, disse Houdini, ficando em pé. “Depois de um piquenique, eu durmo uma semana.”

Ele correu até o bar e tirou a corda que envolvia o tacho. Removeu a tampa e começou a servir o *paylou*, colocando montes de arroz e pedaços de frango nos pratos de papel. Mrs. Lynch servia as tortas. Eram tortas de carne pequenininhas, temperadas com ervas, embaladas em papel vegetal. Não demorou para Houdini mandar um homem até o apartamento de Mrs. Lynch para buscar mais duas panelas de *paylou* e tortinhas. Cada pessoa que conseguia mostrar o canhoto de um ingresso de cinquenta centavos ganhava um monte de *paylou* de Houdini e uma tortinha de Mrs. Lynch. “Fui eu que fiz essas tortinhas”, disse Houdini. “Elas têm a minha assinatura.” As pessoas comiam de pé. O chão ao redor do balcão estava coberto de pratos de papel e garfos e garrafas vazias. Havia uma senhora de idade sentada em um canto, dormindo um sono tranquilo de boca aberta, no meio do rebuliço. “Ela sabe dormir como ninguém”, disse Houdini. “Se não acordar, ela vai perder o *paylou*.” Ele foi até lá, acordou a mulher e colocou um prato de *paylou* no colo dela. Ela piscou com cara de cansada e disse: “Obrigada. Agora me traga um garfo”. O intervalo terminou às duas e meia. Foi quando a banda voltou ao trabalho. Às três da tarde, Mr. Perez e eu nos despedimos de Mrs. Lynch e de Houdini. Quando estava a caminho das escadas, olhei para trás e vi Houdini subir na cadeira. Ele começou a marcar um ritmo na Velha Cara Quadrada, a garrafa verde de gim, e a cantar um calipso chamado, de acordo com Mr. Perez, “Tiger Tom Kill Tiger Cat, Damblay Santapie and Rat”. Perguntei o que significava o título. “Não sei”, disse ele. “Acho que tem em algo a ver com uma mulher.”

No andar de baixo, Mr. Perez e eu paramos em um restaurante de peixe frito para tomar uma xícara de café. Perguntei para ele como foi que surgiu o calipso e ele citou uma música escrita pelo Lorde Carrasco:

Would you like to know what is Calypso?
It was sung by the Creoles years ago.
It was danced by the African drums in a bamboo tent
And sung in patois for amusement.
Now it is played in tone
On a gramophone.

Mr. Perez disse que calipso é provavelmente uma gíria antiga que significa "canção de trabalho". Não parece haver nenhuma conexão entre as canções de calipso e a Calipso da *Odisseia*. Historiadores da ilha acreditam que seu início foi quando os escravos, recém-chegados da África, se dividiam em grupos para competir cantando canções ofensivas zombando uns dos outros enquanto trabalhavam nos campos. À noite, em suas cabanas, no entanto, eles cantavam contra seus donos. Alguns calipsonianos ainda cantam seguindo essa tradição. Quando Sir Alfred Claud Hollis, que foi governador de Trinidad apontado pela Coroa, voltou para a Inglaterra, um calipsoniano cantou:

I must be very frank and say
I was glad when Sir Hollis went away.
He cared only for his own enjoyment
And did nothing to help us find employment.

Com frequência, o Reclamão e Átila o Huno foram presos por criticar a administração colonial. É evidente que os funcionários da Coroa têm sentimentos conflitantes em relação ao calipso; no Mardi Gras, ele deram quinhentos dólares em prêmios para as melhores canções, apesar de exercerem uma censura rigorosa e por vezes sufocante sobre os cantores. Mr. Perez precisa apresentar as canções que deseja gravar para o secretário colonial. Várias das canções mais inspiradas são rejeitadas por serem consideradas indecentes, profanas ou "prejudiciais ao governo". Alguns calipsonianos se complicam com a administração por escreverem canções extorsivas. Um cantor

desses descobre um fato constrangedor sobre um trinitário proeminente e faz uma música sobre isso; depois ele vai até o homem e diz que se esquece da música em troca de alguns dólares. Às vezes, depois de ter sido pago, ele mesmo assim canta a música em cafés e bares, só para ver o que acontece.

O maior benfeitor dos calipsonianos é um empresário português chamado Edward Sá Gomes, que opera uma cadeia de lojas de discos em Trinidad e Tobago, uma ilha próxima. Ele empresta dinheiro quando eles precisam, paga a fiança quando são presos e resolve suas disputas que não têm fim. Ele ajuda Mr. Perez a escolher aqueles que gravam discos. Mr. Perez paga para os calipsonianos dez dólares por música mais os direitos autorais. Em uma viagem, chegou a gravar trezentas. Quando os cantores são pagos, na mesma hora eles gastam o dinheiro em roupas e bebidas. Eles estão sempre brigando uns com os outros, às vezes por alguma razão comercial complicada. Por exemplo, Houdini gravou um disco ofensivo chamado "Carrasco, o Homem Sem Teto". O Lorde Carrasco respondeu com um disco igualmente ofensivo, "Minha Resposta para Houdini". As pessoas em Trinidad compraram os dois discos só para ver quem ficou com a reputação mais machada. Lorde Carrasco é o decano dos calipsonianos. Ele é velho, sábio e sensível. Anda pelas ruas resmungando sozinho. Ele diz que está compondo, mas seus colegas dizem: "O Carrasco está resmungando de bêbado". Suas músicas são todas tristes, como "Seven Skeletons Found in the Yard" e "I Don't Know How the Young Men Living".

Poucos dos calipsonianos sabem ler ou escrever, mas eles conseguem guardar centenas de canções na cabeça. Ainda assim, nenhum calipsoniano canta uma música duas vezes do mesmo jeito; ele se entediaria se cantasse. Eles desprezam uns aos outros. Quanto mais ambiciosos , mais arrogantes eles ficam. É característico de um calipsoniano cantar sobre seus colegas assim:

Walking with a toothpick between their teeth,
Making people understand they just done eat,
Crediting beds from the stores in town,
But the agentes coming and unmount them down.

O calipsoniano é bastante ético de um jeito peculiar. Ele rouba uma garrafa de rum de um colega, ou um par de sapatos, ou uma garota, mas nunca uma canção. "O Carrasco cortaria a própria garganta antes de cantar uma das canções do Houdini e vice-versa",

disse Mr. Perez. Todos os calipsonianos acreditam que as mulheres são incapazes de resistir a eles. Rei Rádio, um homem pequeno de um olho só que usa óculos escuros, se vangloria de ser sustentado por cinquenta mulheres. Mr. Perez citou uma das canções de Radio:

They can't find a lover like me again.
I'm the only lover in Port of Spain.
Fifty women now supporting me
And all of them belong to high society.
I even got a boy to tend the phone
In case you should ring me up at home.

Muitas canções de Rádio dão conselhos sobre mulheres. Uma delas é "Man Smart, Woman Smarter". Outra começa assim:

If you want to be happy and live a king's life,
Never make a pretty woman your wife.
That's from a logical point of view,
Always love a woman uglier than you.

Os discos de calipso mais vendidos nos Estados Unidos são aqueles baseados nas aventuras de Nettie, Nora, Lizzie e de outras garotas desprendidas. Os que falam das qualidades femininas de Mrs. Simpson e da abdicação do rei Eduardo VIII também vendem muito. A abdicação foi o tema mais popular da história do calipso; todos os cantores escreveram algo sobre o assunto. A maioria reconhece que o melhor trabalho foi do Carinhoso. Ele teve a ideia de dizer que "o velho Baldwin" manteve o rei preso na Inglaterra, impedindo-o de atravessar o oceano e se casar com Mrs. Simpson em Nova York. Este é o refrão da música escrita pelo Carinhoso:

It's love, it's love alone
That cause King Edward to leave the throne.

Estes são alguns dos versos:

Oh, what a sad disappoint
Was endured by the British Government.
On the tenth of December we heard the talk
That he gave the throne to the Duke of York.

Am sorry my mother is going to grieve,
But I cannot help, I am bound to leave.
I got the money, I got the talk,
And the fancy walk just to suit New York.

And if I can't get a boat to set me free
I'll walk to Miss Simpson across the sea.
He said my robes and crown is upon my mind,
But I cannot leave Miss Simpson behind.

If you see Miss Simpson walk down the street,
She could fall an angel with the body beat.
Let the organ roll, let the church bell ring.
Good luck to our second bachelor King.

O Gorila, em sua canção sobre a abdicação, foi mais provocador. Ele cantou:

Believe me, friends, if I were a King,
I'd marry any woman and give her a ring.
I wouldn't give a damn what the people say
So long as she can wash, cook, and dingo-bay.

(1939)

Os mohawks do aço

Os índios mais independentes da América do Norte são um bando de mohawks miscigenados cujo lar, a Reserva Caughnawaga, fica no St. Lawrence River, no Quebec. Eles são chamados de caughnawagas. No passado, foram chamados de mohawks cristãos ou de mohawks devotos. Existem três mil deles e pelo menos seiscentos e cinquenta passam mais tempo em cidades e metrópoles de todo o território dos Estados Unidos do que na reserva. Alguns são tão inquietos quanto ciganos. Não é incomum para uma família fechar sua casa, deixar a chave com um vizinho, pegar um automóvel e viajar por anos. Existem colônias de caughnawagas no Brooklyn, em Buffalo e em Detroit. A maior colônia fica no Brooklyn, na região norte do bairro de Gowanus. Surgida no fim dos anos vinte, ela tem cerca de quatrocentos homens, mulheres e crianças; está crescendo e dá sinais de estabilidade. Algumas famílias compraram casas. O pastor de uma das igrejas do bairro, a Cuyler Presbyterian, aprendeu o dialeto mohawk dos iroqueses no qual realiza um culto por mês, e a igreja elegeu um caughnawaga para seu conselho de diáconos. Casamentos ocorrem entre caughnawagas e membros de outras comunidades da vizinhança. As mulheres caughnawagas já tiveram dificuldade para encontrar uma marca de fubá de milho (o branco, da Quaker, enriquecido e degerminado) que gostassem de usar na receita de *ka-na-ta-rok*, ou pão cozido indígena; agora, todos os mercados no norte de Gowanus, até mesmo aqueles italianos pequenos, vendem esse fubá. Um bar, o Nevins, se tornou um ponto de encontro dos caughnawagas e é conhecido no bairro como o Banco Indígena; nos fins de semana, à noite, dois terços da freguesia são caughnawagas; para encorajar o apoio dos índios, ele vende uma marca de refrigerante de Montreal e duas marcas de cervejas de Montreal. Uma máxima no bando é que o Brooklyn funciona como um centro da cidade para os caughnawagas.

A Reserva Caughnawaga fica no litoral sul do St. Lawrence, pouco acima de Lachine Rapids. Fica a quinze quilômetros de distância de Montreal, situada no litoral norte. De ônibus, fica a meia hora de Dominion Square, o centro de Montreal. É uma reserva pequena. É um pedaço de terra arável, de mangue e de floresta com o formato de uma meia-lua; ela acompanha a margem do rio por doze quilômetros e tem seis quilômetros de largura em seu ponto mais amplo. Na margem do rio, no meio do caminho, há um vilarejo, também de nome Caughnawaga. Poucos caughnawagas são

fazendeiros. A maioria vive no vilarejo e aluga suas terras para franco-canadenses e fala do resto da reserva como "o matagal". A estrada que liga Montreal a Malone, no estado de Nova York, atravessa o vilarejo Caughnawaga. E é a rua principal. Nela, existem cerca de cinquenta residências de estrutura comum, o escritório da Agência de Relações Indígenas, mantido pelo governo canadense, a igreja protestante (denominação da Igreja Unida do Canadá), a escola protestante e vários mercados e postos de gasolina administrados por índios. Os mercados servem de ponto de encontro para os velhos do vilarejo. Cada loja tem um conjunto de cadeiras, caixas e barris em que os velhos passam o dia inteiro sentados, fumando, jogando vinte-e-um, comendo chocolate e resmungando algumas palavras de vez em quando, quase sempre em mohawk. Nos quintais em frente de meia dúzia de residências existem tendas decrépitas que expõem suvenires – bonecos indígenas, mocassins, cestos feitos de *sweetgrass*[112], bolsas feitas de miçangas, cintos feitos de miçangas, pulseiras feitas de miçangas e almofadas para alfinetes em que as miçangas formam as palavras "mãe querida", "lar, doce lar" e "amo você" e outras expressões similares. Num quintal, entre dois totens, há uma tenda enorme feita de casca de olmo com uma placa que diz: "Pare! E venha fazer um *pow-wow*[113] comigo. Chefe Águia Branca. Curandeiro. *Herbages Indiens*[114]". A não ser em cerimônias importantes e em demonstrações, quando usam uma pele de cervo com franjas e miçangas e cocares típicos dos índios das planícies, os caughnawaga se vestem como qualquer outro canadense e, se não fosse por esses estabelecimentos de quintal, muitos motoristas nem se dariam conta de que estão passando por um vilarejo indígena. Alguns caughnawagas parecem tão indígenas quanto possível; têm nariz saliente e zigomas grandes; olhos astutos, escuros e tristes; cabelos lisos e pretos como carvão; a pele macia cor de cobre; e têm um andar altivo, bonito, ereto e de queixo erguido, igual aos ciganos. O sangue branco, no entanto, mexeu com as características da maioria; alguns têm traços indígenas sutis mas inconfundíveis, alguns apresentam características indígenas só se você procurar por elas, e alguns não parecem nada indígenas. Eles se dividem em dois tipos físicos; um tipo, o mais comum, é atarracado, corpulento e de rosto largo; o outro é alto, magro e de rosto comprido. Alguns dos caughnawagas mais jovens estudaram na escola um pouco do passado indígena e são críticos das tendas de

[112] Planta nativa da América do Norte.
[113] Palavra que significa reunião, encontro, usada pelos índios norte-americanos.
[114] Em francês no original: "ervas indígenas".

quintal. Eles criticam particularmente o estabelecimento do chefe Águia Branca; acham que ele dá aos visitantes uma primeira impressão muito equivocada dos caughnawagas. Para início de conversa, os antigos mohawks não viviam em tendas, mas em casas comunitárias feitas de madeira, chamadas de *longhouses*, e eles não faziam totens. E também não existem chefes entre os caughnawagas desde 1890, a não ser por aqueles que se autointitulam dessa forma. Além disso, enquanto todos os caughnawagas têm nomes indígenas, alguns muito mais extravagantes do que Águia Branca, poucos usam esses nomes fora de seus círculos privados, e aqueles que usam quase sempre optam por anexá-los a um nome próprio branco como, por exemplo, John Folha Verde, Tom Dois Rios e Dominick Dois Machados. Os caughnawaga descobriram muito tempo atrás que os brancos tendem a achar graça nos nomes indígenas, traduzidos ou não traduzidos. Ao lidar com brancos, noventa e cinco por cento deles adotam nomes de brancos, e tem sido assim há várias gerações. Muitos desses nomes são comuns para ingleses, escoceses, irlandeses e franceses, e vários são da época de casamentos inter-raciais com os primeiros colonizadores. Os nomes das maiores e mais velhas famílias dos caughnawaga são Jacobs, Williams, Rice, McComber, Tarbell, Stacey, Diabo[115] (originalmente D'Ailleboust), Montour, De Lisle, Beauvais e Lahache. Os nomes próprios mais usados são Joe, John e Angus, e Mary, Annie e Josie.

Nos dois lados da estrada, há um labirinto de ruelas, algumas de terra, algumas de cascalho e algumas pavimentadas. Algumas são retas e algumas são sinuosas. As residências dessas ruelas são muito mais velhas do que aquelas que ficam na estrada, e vão de cabanas de madeira até casas de pedra com alpendres e alas laterais; os membros de três ou até de quatro gerações de uma família podem viver na mesma casa. Nos quintais, há pomares, macieiras, bordos e pilhas de restos de automóveis e anexos, em geral uma garagem, um reservado, um galinheiro e um estábulo. Famílias grandes mantêm uma ou duas vacas e um cavalo; os franco-canadenses que arrendam as terras da reserva vendem os seus cavalos esbodegados para os moradores do vilarejo. As residências em Caughnawaga têm instalações elétricas, quase todas as famílias têm um rádio e poucas têm telefone, mas não existe sistema de distribuição de água. A água de beber e de cozinhar vem de bombas públicas – do tipo antigo, com uma alavanca comprida conectada a uma caixa – distribuídas aqui e ali nas ruelas. A

[115] Escrito dessa forma no original.

água para lavar roupas e tomar banho é transportada do rio em barris, e os cavalos são usados com esse fim. Eles também servem para transportar lenha, e as crianças brincam com eles. Em muitas manhãs, as vacas e os cavalos são levados para pastos sem cerca nos arredores do vilarejo. Alguns sempre saem perambular ao longo do dia e passeiam à vontade.

A ruela mais movimentada é uma das que ficam ao lado do rio. Nela estão a agência dos correios da reserva, a igreja católica, as escolas católicas, um salão paroquial chamado Kateri Hall e um hospital católico pequeno. O correio ocupa a sala de estar na casa de Frank McDonald Jacobs, o patriarca do bando. Uma de suas filhas, Veronica Jacobs, é agente do correio. A igreja, de São Francisco Xavier, é o maior prédio do vilarejo. Tem cem anos de idade, é feita de pedras em tons variados de prata e cinza, e a cruz no campanário é encimada por um cata-vento dourado. É uma igreja missionária jesuíta; no altar, graças a uma prerrogativa antiga, as missas são rezadas em mohawk. No verão, ônibus de turistas de Montreal param com frequência na igreja de São Francisco Xavier e um acadêmico jesuíta guia os visitantes dentro dela e mostra a eles seus tesouros, sendo que o mais valioso são os ossos de Kateri Tekakwitha, uma índia virgem chamada de Lírio dos Mohawks, que morreu em Caughnawaga em 1680. Os ossos repousam sobre uma almofada de seda dentro de um baú com tampa de vidro. Pessoas doentes e aflitas fazem peregrinações até a igreja e rezam diante dos ossos. Num folheto distribuído pela igreja, dizem que pessoas que padeciam de várias doenças, incluindo câncer, foram curadas por meio de uma intervenção de Kateri. Kateri é venerada por causa das penitências violentas que impôs a si mesma; de acordo com as memórias de missionários que a conheceram, ela usava correntes de ferro, deitava sobre espinhos, chicoteava a si mesma até sangrar, mergulhava em águas congelantes, caminhava descalça sobre a neve e jejuava quase o tempo inteiro.

Numa colina na região sul do vilarejo, existem dois cemitérios malcuidados. Um é para católicos e é de longe o maior. O outro é para protestantes e pagãos. No passado, todos os caughnawaga eram católicos. Desde o início dos anos vinte, vários deles mudam de fé a cada ano. Agora, de acordo com um censo do governo canadense, 2.682 são católicos, 251 são de denominações protestantes e 77 são pagãos. Os assim chamados pagãos – eles não gostam desse termo e preferem ser tratados como o povo das *longhouses* – fazem parte de uma religião indígena chamada Velho Caminho ou Revelação do Lago Formoso. O profeta deles, Lago

Formoso, era um índio seneca que, em 1799, depois de muitos anos de bebedeiras, teve uma visão em que ouviu os espíritos do alto. Ele se curou e passou os últimos quinze anos como pregador itinerante em vilarejos indígenas no interior do estado de Nova York. Em seus sermões, ele recitava histórias, admoestações e máximas que teriam sido reveladas pelos espíritos. Muitas são transmitidas boca a boca e constituem o evangelho da religião; alguns homens de cada geração –são chamados de "guardiões da mensagem do bem" – memorizam essas histórias. As máximas são enunciadas de maneira simples. Um exemplo faz parte de uma série a respeito dos pecados cometidos pelos pais: "Acontece com frequência de pais entrarem em discussões furiosas diante da criança pequena. A criança ouve e entende as palavras agressivas. Ela se sente perdida e sozinha. Ela não consegue ver nenhuma perspectiva de felicidade. Isso é um pecado enorme". Durante o século XIX, a religião de Lago Formoso se espalhou por todas as reservas iroqueses dos Estados Unidos e do Canadá, menos na Caughnawaga. Ela chegou à Caughnawaga logo depois da Primeira Guerra Mundial e, apesar da oposição dos católicos e dos protestantes, começou a ser praticada abertamente em 1927. Os fiéis de Lago Formoso se reuniam em estruturas cerimoniais que chamam de *longhouses*. A *longhouse* dos Caughnawaga fica na colina do cemitério. Ela parece uma escola rural. É uma construção simples, de um cômodo, com estrutura metálica, cercada de arame farpado. Várias vezes por ano, em datas determinadas pelas fases da lua ou pelo aumento da seiva nos bordos ou pelo amadurecimento de frutas e vegetais, o povo das *longhouses* se reúne e organiza um festival de ação de graças, entre os quais está um Festival de Inverno, um Festival de Graças aos Bordos, um Festival do Morango e um Festival do Feijão de Corda. Durante os festivais, eles queimam pequenos montes de folhas de tabaco sagrado, comem um prato chamado sopa de milho, fazem confissões públicas de seus pecados e cantam e dançam ao som de guizos e tambores. Eles creem que a fumaça das fogueiras de tabaco ascende até os espíritos. O tabaco sagrado não é comprado em lojas. É um tipo de tabaco conhecido como Red Rose, uma variedade silvestre com um odor acre intenso que cresce em partes dos Estados Unidos e do Canadá. O povo das *longhouses* cultiva esse tabaco em seus jardins a partir de sementes silvestres, e cura as folhas ao sol. Os guizos das *longhouses* são cuias ou cascos de tartaruga-marinha cheios de grãos de milho e os tambores são baldes de madeira de tinta usada para pintar celeiros com peles ou câmaras esticadas sobre suas bocas. Os católicos e

os protestantes reclamam que, por vários dias depois de um festival de *longhouse*, todo mundo na reserva fica mal-humorado.

A Reserva Caughnawaga está entre as mais antigas que existem. O agrupamento tem suas origens na segunda metade do século XVII, quando os missionários jesuítas franceses converteram algo entre cinquenta e cem famílias iroquesas numa dúzia de vilarejos de *longhouses* no que é hoje o norte e o oeste de Nova York, e as persuadiram a subir até o Quebec e se assentar num posto avançado da missão. Esse posto avançado era no St. Lawrence, perto de Lachine Rapids. Os convertidos começaram a chegar lá em 1668. Entre eles, havia membros de todas as tribos da Confederação dos Iroqueses – mohawk, oneida, onondaga, cayuga e seneca. Havia também alguns huron, erie e ottawa que tinham sido capturados e adotados pelos iroqueses e que viviam com eles nos vilarejos de *longhouses*. Os mohawk eram maioria, e os costumes dos mohawk e o dialeto dos mohawk usado pelos iroqueses acabaram se tornando os costumes e o dialeto do bando inteiro. Em 1676, acompanhado de dois jesuítas, eles deixaram o posto avançado e subiram o rio até a base das corredeiras, onde delimitaram um vilarejo próprio, batizando-o de *Ka-na-wá-ke*, que em mohawk significa "nas corredeiras"; a ortografia caughnawaga é algo recente. Eles mudaram o vilarejo três vezes de lugar, alguns quilômetros de cada vez e sempre rio acima. Com cada deslocamento, suas terras aumentavam de tamanho. O último deslocamento, até o lugar onde o vilarejo Caughnawaga se encontra hoje, ocorreu em 1719. Até 1830, as terras dos caughnawaga eram terras de missões. Naquele ano, o governo canadense assumiu o controle da maior parte delas e as transformou em uma reserva livre de impostos, dividindo a propriedade entre as famílias e separando outras partes, chamadas de áreas comuns, para o uso de gerações futuras. Ao longo dos anos, as doações de áreas comuns se tornaram cada vez menores; restam apenas duzentos hectares dessas terras; de acordo com uma diretriz recente, um integrante do bando, do sexo masculino, depois de completar dezoito anos, pode receber exatamente mil metros quadrados se prometer que vai construir uma casa sobre o terreno. Um caughnawaga tem permissão para alugar sua terra para quem quiser, mas só pode vender ou dar o terreno para outro membro do bando. Diferente de vários outros índios de reserva, os caughnawaga sempre tiveram poder de escolha no que diz respeito às suas questões, primeiro por meio de chefes, cada um deles representando várias famílias, que iam até os agentes indígenas com pedidos ou reclamações, e depois por meio de um conselho tribal eleito todos os anos. O

conselho tem doze membros e se reúne uma vez por mês no salão paroquial para cuidar de assuntos como a doação de áreas comuns, o auxílio aos necessitados e a manutenção de vias públicas e bombas de esgoto. Suas decisões, quando aprovadas pelo escritório da Agência de Relações Indígenas em Ottawa, são automaticamente efetivadas pelo agente.

Nos primeiros anos da Reserva Caughnawaga, os homens se recusaram a abandonar formas antigas de ganhar a vida, usadas por aborígenes iroqueses. Os jesuítas tentaram transformá-los em fazendeiros, mas não deu certo. No verão, enquanto as mulheres cultivavam a terra, eles pescavam. No outono e no inverno, eles caçavam em florestas por todo o Quebec, voltando para o vilarejo de vez em quando com canoas carregadas de carne defumada de cervo, de alce e de urso. Depois, por volta de 1700, alguns dos jovens da primeira geração nascida em Caughnawaga foram até Montreal e começaram a trabalhar no comércio francês de peles. Eles se tornaram canoeiros nas grandes frotas de canoas que levavam mercadorias até regiões remotas do St. Lawrence e de seus afluentes, e que traziam de volta fardos de peles. Eles gostavam desse trabalho – era difícil quando não era perigoso – e recrutaram outros. Depois disso, por quase um século e meio, quase todos os jovens do bando trabalharam fazendo fretes com canoas a partir do momento em que tinham condições físicas para isso, geralmente por volta dos dezessete anos. Nos anos trinta, quarenta e cinquenta do século XIX, à medida que o comércio de peles perdeu força no Canadá, os homens caughnawaga foram forçados a encontrar outros trabalhos. Alguns passaram a se dedicar à indústria madeireira no St. Lawrence e se tornaram famosos no rio por suas habilidades ao conduzir balsas enormes carregadas de carvalhos e de pinheiros sobre as corredeiras de Lachine. Alguns desistiram das balsas e se tornaram fazendeiros. Alguns faziam mocassins e sapatos para neve e vendiam para empreiteiros em Montreal. Poucos que ainda eram bons nas danças dos mohawk vieram para os Estados Unidos e se apresentaram em circos; os caughnawaga estão entre os primeiros índios a trabalhar em circo. Alguns poucos compraram cavalos e charretes e iam de fazenda em fazenda na Nova Inglaterra, durante o verão, vendendo remédios – tônicos, laxantes, óleos e medicamentos para mulheres – que as velhas preparavam fervendo ervas, raízes e sementes. Um número considerável sofreu de

depressão e não conseguiu enfrentar as mudanças; esses ficaram em Montreal vivendo de bicos e bebendo conhaque vagabundo.

Em 1886, a vida na Reserva Caughnawaga mudou de uma hora para outra. Na primavera daquele ano, a Dominion Bridge Company começou a construção de uma ponte ferroviária sobre o St. Lawrence para a Canadian Pacific Railroad, ligando o vilarejo franco-canadense de Lachine na margem norte a um ponto pouco abaixo do vilarejo Caughnawaga na margem sul. A D.B.C. é a maior construtora de estruturas de aço e ferro do Canadá; é equivalente à Bethlehem Steel Company nos Estados Unidos. Ao obter o direito de usar a terra da reserva para fixar os pilares da ponte, a Canadian Pacific e a D.B.C. prometeram que os caughnawaga seriam contratados para o trabalho sempre que possível.

"Os registros da companhia mostram que fizemos um acordo para empregar os índios como trabalhadores comuns que descarregavam materiais", um funcionário da D.B.C. escreveu em uma carta recente. "Eles não ficaram satisfeitos com esse acordo e começaram a trabalhar na ponte sempre que tinham chance. Era impossível evitá-los. À medida que o trabalho progredia, ficou evidente para todos os envolvidos que os índios eram muito peculiares porque não tinham nenhum medo de altura. Se deixassem, eles escalavam os vãos e andavam por tudo com uma tranquilidade e uma segurança típicas de nossos melhores cravadores, sendo que a maioria desses, na época, era composta de homens que trabalhavam em veleiros e que foram escolhidos exatamente pela experiência que tinham com alturas. Os índios eram extremamente ágeis. Eles caminhavam sobre uma viga estreita no alto da construção tendo apenas o rio debaixo deles, um rio que é acidentado e feio de se olhar do alto, e era como se estivessem andando em terra firme. Eles pareciam imunes ao barulho da rebitagem, que sacode o corpo inteiro e com frequência é suficiente para fazer os novatos se sentirem enjoados e zonzos. Eram curiosos a respeito da rebitagem e viviam incomodando os encarregados da obra porque queriam permissão para pôr a mão na massa. Esse é o trabalho mais perigoso que existe no ramo da construção – e o mais bem pago. São poucos os homens dispostos a trabalhar com isso e ainda mais raros os que sabem como trabalhar e, em anos bons, eles não conseguem dar conta do volume de serviço. Decidimos que seria vantajoso para ambos os lados ver o que os índios seriam capazes de fazer, então escolhemos alguns e fizemos um pequeno treinamento, e, no fim das contas, colocar ferramentas de rebitagem nas mãos deles foi como misturar ovos e presunto. Em outras palavras, eles nasceram para esse trabalho.

Nossos registros não indicam quantos nós treinamos nessa ponte. Por tradição, a companhia treina doze homens, ou o suficiente para formar três equipes de rebitar."

Na construção de estruturas de aço, sejam elas pontes ou prédios, as três principais divisões de trabalho são: equipes de içar, equipes de encaixar e equipes de rebitar. O aço chega a uma construção pronto para ser usado na forma de colunas, barras e vigas; as colunas são as peças verticais e as barras e vigas são as horizontais. Cada peça tem dois ou mais grupos de furos para os parafusos e rebites, e cada peça tem um código, marcado com giz ou tinta, indicando onde ela se encaixa na estrutura. Usando uma grua ou um guindaste, os homens da equipe de içar erguem as peças e unem umas às outras com parafusos que atravessam alguns dos buracos; esses parafusos são temporários. Em seguida, os homens na equipe de encaixar entram em ação; eles se dividem em condutores e parafusadores. Os condutores unem as peças com cabos e tensores e se certificam de que estejam no prumo. Os parafusadores colocam mais alguns parafusos temporários. Depois é a vez das equipes de rebitar; uma equipe de içar e uma equipe de encaixar usam várias equipes de rebitar. Quatro homens formam uma equipe de rebitar: um forjador, um afixador, um ajudante e um cravador. O forjador dispõe algumas pranchas de madeira sobre um par de barras de metal criando uma plataforma para a fornalha portátil de carvão na qual esquenta os rebites. Os outros três homens usam cordas para pendurar um andaime de madeira na barra de aço em que pretendem trabalhar. Em geral, um andaime é feito de seis tábuas de cinco centímetros de espessura por vinte e cinco centímetros de largura, três de cada lado da barra de aço, oferecendo apenas o espaço necessário para se fazer o trabalho; um passo em falso e não sobra ninguém para contar a história. Os três homens sobem no andaime com suas ferramentas e assumem cada um sua posição; o mais comum é ter o afixador e o ajudante de um lado do andaime e o cravador de pé ou de joelhos, do outro. O forjador, na plataforma com sua fornalha, usa uma pinça para tirar um rebite incandescente do meio do carvão e arremessa o rebite para o afixador, que pega o rebite com uma lata de metal. Nessa etapa, o rebite tem a forma de um cogumelo, com um chapéu e um talo. Enquanto isso, o ajudante desparafusou um dos parafusos temporários que uniam duas peças de aço, liberando o furo. O afixador usa uma pinça para pegar o rebite de dentro da lata e o encaixa no furo, empurrando até que o chapéu fique alinhado com o aço de um lado da barra e o talo, projetado do outro lado, onde está o cravador. O afixador abre espaço. O ajudante firma uma peça de forma cônica chamada maçacoto sobre o chapéu do rebite e

segura, deixando o rebite preparado. Então o cravador pressiona a cabeça côncava de seu martelo pneumático contra o talo projetado do rebite, que ainda está incandescente e maleável, e aciona o martelo, formando outro chapéu. Essa operação é repetida até que todos os furos que podem ser alcançados do andaime estejam rebitados. Depois o andaime é movido de lugar. A plataforma do forjador fica no mesmo lugar até que todo o trabalho que pode ser feito no raio de um arremesso de rebite, algo entre nove e doze metros, esteja completo. Os homens no andaime sabem que seus trabalhos são intercambiáveis; o trabalho do cravador é desgastante para o corpo e para os nervos, e de vez em quando um dos outros troca de lugar com ele por um tempo. Quando ainda não havia martelos pneumáticos, o cravador usava duas ferramentas, um molde côncavo e uma marreta de ferro; ele colocava o molde sobre a extremidade do talo do rebite incandescente e batia nele com a marreta esmagando a extremidade do talo até formar outro chapéu.

Depois que a D.B.C. completou a Canadian Pacific Bridge, ela começou a trabalhar em uma ponte levadiça conhecida hoje como Soo Bridge, que atravessa dois canais e um rio e conecta as cidades gêmeas de Sault Ste. Marie, em Ontario, e Sault Ste. Marie, em Michigan. Esse trabalho levou dois anos. O velho Mr. Jacobs, o patriarca do bando, diz que as equipes de rebitar formadas pelos caughnawaga terminaram o trabalho na Canadian Pacific e assumiram o trabalho na Soo e que cada equipe levou consigo um aprendiz. Mr. Jacobs tem mais de oitenta anos. Em sua juventude, fez parte de uma equipe de rebitar; na meia-idade, foi, sucessivamente, caixeiro-viajante de um mercado atacadista de Montreal, professor de escola na reserva e defensor da educação compulsória para os índios. “Os jovens índios fizeram da Soo Bridge uma universidade”, diz ele. “No esquema de trabalho deles, assim que um aprendiz era treinado, eles vinham até a reserva atrás de mais um. Logo, havia homens o suficiente para formar mais uma equipe de índios. Quando uma nova equipe era organizada, acontecia um revezamento em que alguns homens de equipes antigas entravam na equipe nova e alguns dos novos entravam nas equipes antigas; os antigos criavam um equilíbrio com os novos.” Essa proliferação continuou em trabalhos subsequentes e, por volta de 1907, havia mais de setenta trabalhadores capacitados na comunidade dos caughnawaga. No dia 29 de agosto de 1907, durante a construção da Quebec Bridge, que atravessa o St. Lawrence por quinze quilômetros acima da cidade de Quebec, uma parte da ponte desmoronou matando noventa e seis

homens, dos quais trinta e cinco eram caughnawaga. Na comunidade, esse evento sempre é lembrado como "o desastre".

"As pessoas achavam que o desastre assustaria os índios e que eles largariam o aço para sempre", diz Mr. Jacobs. "Em vez disso, o efeito geral que ele teve foi o de deixar o aço ainda mais interessante. Eles se sentiam orgulhosos de poder fazer um trabalho perigoso. Até então, a maioria considerava o trabalho tão perigoso quanto o transporte de madeira. Além disso, o desastre fez com que eles se tornassem os homens mais respeitados da reserva. Os meninos em Caughnawaga admiravam os homens que trabalhavam com circos no verão mostrando suas danças e cantos de guerra pelos Estados Unidos e que voltavam para se refugiar na reserva durante o inverno e se sentavam diante de uma estufa e bebiam uísque e contavam vantagem. Era o que eles queriam da vida. Era isso ou trabalhar com as balsas de madeira. Depois do desastre, eles mudaram de ideia – todos queriam trabalhar com aço. O desastre foi um golpe terrível para as mulheres. A primeira coisa que elas fizeram foi juntar dinheiro para comprar um crucifixo de tamanho natural para pendurar no altar principal da igreja de São Francisco Xavier. Fizeram isso para mostrar sua resignação cristã. A segunda coisa que fizeram foi pressionar os homens para que se separassem e se espalhassem. Ou seja, elas não permitiram mais que todos os grupos trabalhassem juntos em uma mesma ponte para evitar que, se algo acontecesse, metade das jovens da reserva ficasse viúva. Alguns grupos trabalham numa ponte aqui, outros numa ponte ali. Muito rápido, não havia mais pontes suficientes para todo mundo, e os grupos começaram a trabalhar em todos os tipos de estruturas metálicas: fábricas, prédios de escritórios, lojas de departamentos, hospitais, hotéis, prédios residenciais, escolas, cervejarias, destilarias, usinas, píeres, estações ferroviárias, elevadores de grãos, todo e qualquer tipo de coisa. Em poucos anos, todas as estruturas metálicas que eram erguidas no Canadá, não importava o tamanho, tinham índios trabalhando nelas. Depois o Canadá ficou pequeno e eles começaram a atravessar a fronteira. Começaram a trabalhar em Buffalo e Cleveland e Detroit."

Em algum ponto de 1915 ou 1916, um caughnawaga que trabalhava com pontes chamado John Diabo veio para Nova York e conseguiu um emprego na Hell Gate Bridge. Ele era uma curiosidade e era chamado de Indian Joe; dois encarregados de obra ainda se lembram dele. Depois de ter trabalhado por alguns meses como ajudante numa equipe de irlandeses, outros três caughnawaga se juntaram a ele e os quatro formaram uma equipe. Eles estavam trabalhando juntos há poucas semanas

quando Diabo escorregou de um andaime, caiu no rio e morreu afogado. Ele era muito habilidoso e o erro que cometeu foi esquisito; pouco tempo atrás, tentando explicar o ocorrido, um caughnawaga disse: "É uma daquelas situações em que ele deve ter tropeçado nele mesmo". Os outros caughnawaga levaram o corpo do colega para a reserva e não voltaram para o trabalho. Pelo que lembram os velhos da comunidade, nenhum caughnawaga trabalhou em Nova York até os anos vinte. Em 1926, atraídos pelo aumento no número de construções, três ou quatro equipes de caughnawaga vieram para cá. Os velhos dizem que essas equipes trabalharam primeiro no Fred F. French Building, no Graybar Building e no One Fifth Avenue. Em 1928, mais três equipes vieram para a cidade. Elas trabalharam primeiro na George Washington Bridge. Nos anos trinta, quando o Rockefeller Center era a maior obra de aço do país, pelo menos outras sete equipes de caughnawaga vieram para a cidade. Ao chegarem aqui, os homens nessas equipes se registraram na sede do Brooklyn do sindicato dos operários de estruturas metálicas, a Associação dos Metalúrgicos de Pontes, Estruturas e Adornos, da Federação Americana do Trabalho. Hoje, ninguém mais sabe dizer por que eles decidiram se registrar na sede do Brooklyn e não na de Manhattan. O saguão da sede no Brooklyn fica na Atlantic Avenue, no quarteirão entre a Times Plaza e a 3rd Avenue, e os caughnawaga passaram a morar em quitinetes e hotéis baratos no bairro de North Gowanus, a poucas quadras da Atlantic. No início dos anos trinta, começaram a trazer suas famílias e a se mudar para cortiços e casas de cômodos no mesmo bairro. Durante a guerra, os caughnawaga continuaram chegando à cidade. Muitos se registraram na sede de Manhattan, mas todos se estabeleceram em North Gowanus.

No momento, existem oitenta e três caughnawaga na sede do Brooklyn e quarenta e dois na sede de Manhattan. Menos de um terço deles têm trabalho estável na cidade. Os outros mantêm suas famílias em North Gowanus e trabalham aqui de vez em quando, mas passam a maior parte do tempo em outras cidades. Eles viajam de costa a costa, quase sempre de automóvel, procurando serviços de última hora que oferecem horas extras ilimitadas com pagamento em dobro; na cidade de Nova York, as companhias que erguem estruturas de aço evitam horas extras ao máximo. Ao longo de um ano, um grupo chega a trabalhar em meia dúzia de cidades muito distantes uma da outra. Às vezes, entre um serviço e outro, eles voltam para o Brooklyn para visitar a família. De vez em quando, depois de serviços mais demorados, eles pegam a família, tiram férias e viajam até a reserva; alguns fazem

isso todo verçao. Às vezes, alguns homens levam a família em viagens de trabalho e depois mandam o pessoal de volta para o Brooklyn de ônibus ou de trem. Vários capatazes com anos de experiência no trabalho com os caughnawaga acreditam que eles viajem porque não conseguem evitar, é uma paixão, e que a procura por horas extras é apenas uma desculpa. Um capataz veterano da American Bridge Company diz que vê os caughnawaga abandonarem trabalhos que oferecem todas as horas extras que eles são capazes de fazer. Quando estão pensando em ir embora, diz ele, os índios se tornam vagabundos. "Tudo está funcionando no serviço", diz ele. "Condições boas de trabalho. Um monte de hora extra. Uma cidade legal. Aí começa a circular um burburinho sobre um novo trabalho importante que surgiu em algum lugar; não importa que seja a dois mil quilômetros de distância. Esse tipo de informação gera sempre um monte de comentários, o que a gente chama de conversa de bastidor, mas os índios não precisam conversar; eles sabem exatamente o que seus companheiros pensam. Durante alguns dias, eles ficam tensos e nervosos. Eles ficam com um olhar meio selvagem. É como se tivessem ouvido um chamado. Então, de repente, eles devolvem as ferramentas e desaparecem. Não conseguem esperar nem mais um minuto. Eles vão embora no intervalo do almoço, no meio da semana. Eles nem sequer esperam o pagamento. Outro bando recebe o pagamento por eles e guarda até que chegue um cartão postal dizendo para onde mandar o dinheiro." George C. Lane, diretor de edificações no distrito de Nova York para a Bethlehem Steel Company, disse certa vez que os movimentos de grupo de caughnawaga são tão imprevisíveis quanto os movimentos de um bando de pardais. "No verão de 1936", disse Mr. Lane, "a gente terminou um serviço aqui na cidade e, no dia seguinte, começaria outro a exatamente três quadras de distância. Ouvi um de nossos capatazes fazendo de tudo para convencer um grupo de índios a aceitar o novo trabalho. Eles tinham ouvido falar de uma oportunidade em Hartford e queriam ir até lá. O capataz disse que o salário seria o mesmo; e que o número de horas extras também não seria diferente; suas famílias estavam aqui; eles teriam que arcar com as despesas de viagem; teriam que procurar um lugar para dormir em Hartford. Mas não; era Hartford ou nada. Mais ou menos um ano depois, encontrei esse grupo num serviço em Newark e perguntei para o forjador como tinha sido aquele trabalho em Hartford. Ele me disse que eles não foram para Hartford. 'A gente foi para San Francisco, na Califórnia', disse ele. 'Fomos trabalhar na Golden Gate Bridge.'"

Na cidade de Nova York, os caughnawaga trabalham a maior parte do tempo para as companhias grandes – Bethlehem, American Bridge, Lehigh Structural Steel Company e Harris Structural Steel Company. Entre as estruturas nas quais vários deles trabalharam, dentro e ao redor da cidade, estão o R.C.A. Building, o Cities Service Building, o Empire State Building, o Daily News Building, o Chanin Building, o Bank of the Manhattan Company Building, o City Bank Farmers Trust Building, a George Washington Bridge, a Bayonne Bridge, a Passaic River Bridge, a Triborough Bridge, a Henry Hudson Bridge, a Little Hell Gate Bridge, a Bronx-Whitestone Bridge, a Marine Parkway Bridge, a Pulaski Skyway, a West Side Highway, o Walford-Astoria, o London Terrace e o Knickerbocker Village.

North Gowanus é um bairro velho, acabado e sem nada para se fazer, que fica entre a fonte do Gowanus Canal e o distrito comercial de Borough Hall. Existem fábricas no bairro, reservatórios de carvão e aterros sanitários, mas ele é sobretudo residencial e o que mais existe por lá são cortiços de tijolos vermelhos e casas de cômodos feitas de brownstone[116]. Todos os caughnawaga vivem no máximo a dez quarteirões uns dos outros, numa área delimitada pela Court Street no oeste, a Schermerhorn Street no norte, a 4th Avenue no leste e a Warren Street no sul. Eles moram nas melhores casas dos melhores quarteirões. Como regra, as mulheres caughnawaga são boas donas de casa e mantêm seus apartamentos imaculados. A maioria delas decora uma parede ou um consolo de lareira com relíquias da família trazidas da reserva – um tambor, alguns chocalhos, uma máscara, um *cradleboard*[117]. Fora isso, seus apartamentos são iguais aos de seus vizinhos brancos. Uma família típica é formada por marido, mulher, duas crianças e duas parentas. Depois de terminar os estudos na escola da reserva, muitas garotas caughnawaga vêm para North Gowanus para trabalhar em fábricas. Algumas trabalham para a Fred Goat Company, uma fábrica de estampagem de metais que fica no bairro, e algumas trabalham para a Gem Safety Razor Corporation, cuja fábrica fica a uma distância que se pode percorrer a pé. Muitas dessas garotas se casaram com homens brancos; várias romperam os laços que tinham com a comunidade e com a reserva. Nos últimos dez anos, garotas caughnawaga se

[116] Brownstone é um tipo de arenito que foi muito usado em construções. Por extensão, nos Estados Unidos, passou a designar também os prédios feitos desse material.
[117] Artefato usado pelos índios para carregar bebês. É semelhante a um berço bem pequeno e portátil.

casaram com filipinos, alemães, italianos, judeus, noruegueses e porto-riquenhos. Muitas famílias de North Gowanus recebem com frequência a visita de parentes que ficam por períodos longos; quando nasce um bebê na família, uma avó ou uma tia quase sempre vem da reserva para dar uma ajuda. Os caughnawagas têm permissão para atravessar a fronteira livremente. No entanto, cada um deles precisa carregar um documento com fotografia que comprove seu vínculo com a comunidade. Esses documentos são emitidos pela Agência de Relações Indígenas; os caughnawaga se referem a eles como "passaportes". Mais da metade das donas de casa de North Gowanus gasta seu tempo livre fazendo suvenires. Elas fazem um monte deles. São especialistas em fazer bonecas, bolsas e cintos, que enfeitam com miçangas coloridas, usando variações de desenhos antigos iroqueses como os de nuvens no céu, da lua, do sol, de uma samambaia, de uma árvore, de uma tartaruga cósmica[118] e da chama do concílio[119]. No outono, alguns dos homens com traços indígenas mais marcantes tiram férias das estruturas de aço por mais ou menos um mês para viajar com um automóvel cheio desses suvenires e vendê-los em exposições estaduais, parques de diversão, feiras comunitárias em Nova York, Connecticut, Nova Jersey e Pensilvânia. Os homens usam calças de couro e cocares nessas viagens e dormem em tendas de lona montadas nas feiras. De vez em quando, nesses eventos, para chamar atenção, eles decidem exibir números de dança – de duelo, do pombo, do cara-pálida e outras danças meio esquecidas dos mohawk. As mulheres compram matéria-prima para os suvenires na Plume Trading & Sales Company, no número 155 da Lexington Avenue, em Manhattan, uma empresa que vende miçangas, pele de cervo, imitações de penas de águia e outras mercadorias similares para artesãos indígenas dos Estados Unidos e do Canadá. Na colônia, existem cerca de cinquenta crianças em idade escolar. Dois terços frequentam a Public School n. 47, na Pacific Street, e as outras frequentam escolas paroquiais – de São Paulo, de Santa Inês e de São Carlos Borromeu. As crianças caughnawaga leem revistas em quadrinhos, ouvem rádio enquanto fazem tarefa, assistem a sessões duplas de cinema e jogam beisebol nos mesmos terrenos baldios usados pelas outras crianças do bairro; professoras dizem que a maior diferença entre as crianças indígenas e as outras é que as caughnawaga são mais reservadas e mais educadas. Elas têm uma destreza manual fora do comum; aos três

[118] No original, *world turtle*. Trata-se de um mito sobre uma tartaruga gigante que carrega o mundo nas costas. Ela aparece em várias mitologias, incluindo a chinesa e a hindu.
[119] Um fogo cerimonial que queima durante os concílios de índios norte-americanos.

anos de idade, muitas delas conseguem amarrar os próprios cadarços. Os caughnawaga adultos falam várias línguas; todos falam mohawk, todos falam inglês e todos falam ou pelo menos entendem um pouco de francês. Nos lares em que o pai e a mãe são caughnawaga, o mohawk é a língua dominante e é assim que as crianças aprendem. Nos lares em que a mãe não é indígena e o pai passa a maior parte do tempo fora, uma situação que está se tornando cada vez mais frequente, nem sempre as crianças conseguem aprender a língua, e isso é motivo de tristeza.

Os caughnawagas frequentam igrejas. A maioria dos católicos vai para a St. Paul's Church, na esquina da Court Street com a Congress Street, e a maioria dos protestantes, para a Cuyler Presbyterian Church, na Pacific Street. Dr. David Munroe Cory, o pastor da Cuyler, é um homem com interesses incompatíveis. Ele é um lutador amador; é vice-presidente do Iceberg Athletic Club, um grupo que nada no oceano em Coney Island durante o inverno; certa vez ele disputou a presidência de bairro no Brooklyn pela chapa socialista; é uma autoridade em Fausto Socino, o pensador religioso que viveu na Itália no século XVI; ele gosta de estudar línguas e conhece oito, entre elas, hebraico, grego e gaélico. Alguns caughnawaga começaram a aparecer na Cuyler Church em meados dos anos trinta e o Dr. Cory decidiu aprender mohawk e ver se conseguia atrair mais fiéis. Ele não é fluente em mohawk, mas os caughnawaga dizem que ele fala melhor do que outros homens brancos que estudaram a língua, antropólogos e padres, em sua maioria. Ele realiza um culto inteiro em mohawk no primeiro domingo de cada mês, depois do culto em inglês, e recebe algo entre vinte e trinta caughnawaga. Vinte e cinco se filiaram à igreja. Michael Diabo, um cravador aposentado, foi eleito diácono há pouco tempo. Steven M. Schmidt, um austro-americano casado com Mrs. Josephine Skye Schmidt, uma caughnawaga, é presbítero. Mr. Schmidt trabalha no departamento de indenização de uma seguradora. Sob a orientação de Dr. Cory, duas caughnawagas, Mrs. Schmidt e Mrs. Margaret Lahache, traduziram uma série de hinos para a língua mohawk e compilaram um hinário, *O Hinário Caughnawaga*, que é usado na Cuyler e na igreja protestante dentro da reserva. O próprio Dr. Cory traduziu o Evangelho de Lucas para o mohawk. Dr. Cory é quieto e sério, seus sermões usam uma linguagem acessível, ele tem uma boa intuição sobre o que é ou não é tabu para os índios, e ele é o único branco de confiança e querido por todos na colônia. Até mesmo caughnawaga que não são membros da congregação, incluindo alguns católicos e gente das *longhouses*, buscam a assistência de Dr. Cory.

De vez em quando, num bar, num casamento ou num velório, os caughnawaga ficam animados e tagarelas. No dia a dia, no entanto, são muito sisudos e falam pouco. Existe apenas um sujeito na colônia de North Gowanus que tem fama de gárrulo. Ele é um homem de cinquenta e quatro anos cujo nome branco é Orvis Diabo e cujo nome indígena é O-ron-ia-ke-te, ou Ele Que Carrega o Céu. Mr. Diabo é atarracado e forte. Ele tem olhos pequenos e expressivos, e uma cara de pirata morena e redonda, com queixo duplo. Diferente de muitos outros caughnawaga, ele não nega nem minimiza o fato de ter sangue branco. "Minha mãe era meio escocesa e meio índia", diz ele. "Minha avó por parte de pai era escocesa e irlandesa. Não me lembro exatamente de quando, mas em algum ponto na linhagem da família surgiram imigrantes franceses e irlandeses. Se você fosse analisar meu sangue, só Deus sabe o que acabaria encontrando." Ele nasceu católico; na juventude, tornou-se presbiteriano; agora, ele enxerga a si mesmo como "um tipo de livre-pensador". Mr. Diabo começou a trabalhar em grupos de cravadores quando tinha dezenove anos e parou um ano e meio atrás. Teve de parar, porque estava sofrendo crises terríveis de artrite. Ele era forjador e trabalhou construindo pontes e edifícios em dezessete estados. "Aqueci um milhão de rebites", diz ele. "Quando falam sobre os homens que construíram este país, eu fui um desses homens." Mr. Diabo tem uma casa e trinta e três acres de terreno fértil na reserva. Ele herdou a fazenda e arrenda para os franco-canadenses. Pouco depois de se aposentar, sua esposa, que entre idas e vindas viveu em North Gowanus por quase vinte anos, mas nunca gostou do lugar, voltou para a reserva. Ela queria que o marido fosse junto, mas ele decidiu ficar mais um pouco e alugou um quarto na casa de um primo. "Gosto de Nova York", diz ele. "As pessoas são nervosas como baratas tontas e o ar é muito sujo, mas a cidade me agrada." Mr. Diabo lê muito. Anos atrás, numa revista da Costa Oeste, ele viu um anúncio da Haldeman-Julius Company, uma editora em Girard, no Kansas, que vende livros pelo correio e trabalha com um catálogo com mais de mil e oitocentos títulos, muitos deles a respeito de religião, saúde, sexo, história ou ciência popular. Eles são chamados de Livrinhos Azuis e custam dez centavos cada. "Gastei um dólar em Livrinhos Azuis", diz Mr. Diabo, "e eles me abriram os olhos. Vi como eu era um homem ignorante. Supersticioso e ignorante. Não sabia nada de coisa nenhuma. Desde então, eu me tornei um grande leitor. Li dúzias de Livrinhos Azuis e melhorei meus conhecimentos

a ponto de ultrapassar muitas pessoas que convivem comigo. No fim das contas, sou um homem culto". Mr. Diabo tem cinco Livrinhos Azuis favoritos – "Absurdos da Bíblia", de Clarence Darrow; "Sete Presidentes Pagãos dos Estados Unidos", de Joseph McCabe; "Fatos Estranhos sobre Civilizações Perdidas", de Charles J. Finger; "Por Que Não Tenho Medo da Morte", de E. Haldeman-Julius; e "Nossa Civilização É Sexualizada Demais?", de Theodore Dreiser[120]. Ele carrega os Livrinhos Azuis nos bolsos para ler e reler. Mr. Diabo fica na cama até o meio-dia. Em seguida, usando uma bengala, vai mancando até um bar da vizinhança, o Nevins, no número 75 da Nevins Street, e ocupa uma mesa. Se houver alguém por ali disposto a ficar quieto e ouvir, ele fala. Se não, lê um Livrinho Azul. O Nevins é o núcleo social da colônia caughnawaga. Os homens que fazem parte dos grupos que trabalham na cidade fazem uma parada ali de mais ou menos uma hora no caminho para casa. Nas noites de fim de semana, eles vão até o bar com suas esposas e bebem cerveja Montreal e assistem à televisão. Quando grupos que assumiram serviços fora da cidade voltam, eles fazem uma farra no bar. Quando um caughnawaga morre trabalhando nas estruturas de aço, uma vaquinha é organizada no Nevins para ajudar a família com as despesas mais urgentes; essas vaquinhas quase sempre somam mais de duzentos dólares; vários bilhetes de agradecimento escritos por viúvas estão colados no espelho do bar. O Nevins é antigo, pequeno, simples e confortável. É um dos bares mais antigos do Brooklyn. Foi aberto em 1888, quando North Gowanus era uma aldeia de irlandeses, e seu nome original era Connelly's Abbey. Fregueses irlandeses ainda o chamam de Abbey. Os proprietários atuais são Artie Rose e Bunny Davis. Davis é casado com uma garota caughnawaga, de nome Mavis Rice.

Numa tarde, algum tempo atrás, dividi uma mesa no Nevins com Mr. Diabo. Ele quase sempre bebe cerveja. Nesse dia, estava bebendo gim.

"Estou muito desanimado", disse ele. "Vou ter que voltar para a reserva. As minhas desculpas acabaram e não consigo mais evitar. Recebi uma carta da minha esposa hoje e ela está revoltada comigo. 'Não aguento mais implorar para você voltar para casa', disse ela. 'Pode ficar no Brooklyn até criar raiz.' O problema é que não quero voltar para a reserva. Quer dizer, eu quero e não quero. Vou tentar explicar o que sinto. Quando um índio que trabalha com aço sai da reserva pela primeira vez

[120] Emanuel Haldeman-Julius (1889–1951) foi um editor judeu americano, ateu e socialista. Os seus Little Blue Books eram considerados panfletos e os livrinhos venderam centenas de milhões de exemplares. As obras citadas por Mitchell não foram traduzidas no Brasil, mas optamos por colocar os títulos em português para deixar claro quais são os temas que interessam ao personagem.

para viajar a trabalho pelos Estados Unidos, as saudades de casa quase acabam com ele. Nos primeiros anos, ele volta para a reserva sempre que pode. Toda vez que termina um serviço, a não ser que esteja a dois mil quilômetros de distância, ele volta para a reserva. Se estiver trabalhando em Nova York, ele viaja de carro nos fins de semana – e é uma viagem de doze horas. Depois de um tempo, ele se casa e carrega a esposa junto para começar uma família, e já não volta para a reserva com a mesma frequência. Ah, o que ele faz é levar a esposa e as crianças para visitar a reserva no verão, mas não fica com a família. Depois de três ou quatro dias, a reserva começa a encher o saco e ele vai embora. Ele se acostuma a viajar pelos Estados Unidos. Os anos passam. Ele fica com a minha idade, talvez um pouco mais velho ou mais novo, e percebe que já não tem mais a mesma disposição para andar sobre uma viga a cento e cinquenta metros do chão. Ou isso, ou um capataz percebe que ele já não se equilibra mais tão bem e chama o sujeito para conversar e diz para ele algumas verdades. Ele desiste de trabalhar com aço e junta suas coisas e tira o dinheiro do banco ou da poupança, o pouquinho que conseguiu economizar, e volta para a reserva, desta vez para ficar. E é difícil para ele. Porque está acostumado com o perigo e a vida na reserva é muito tranquila; o evento mais importante que pode acontecer é um funeral. Ele está acostumado a pular de um trabalho para o outro e a vida na reserva é muito parada. Ele está acostumado a tomar um drinque, mas bebidas alcoólicas são proibidas dentro da reserva; ele tem que comprar uma garrafa em alguma cidadezinha franco-canadense do outro lado do rio e contrabandear para dentro da reserva como se fosse um adolescente, e isso é extremamente irritante.

"Ele não tem muitas alternativas para ocupar o tempo. Pode ficar na beira da estrada e ver os carros passarem, ou ficar na margem do rio e pescar enguias e ver os barcos passarem, ou pode cuidar do jardim, ou ir para a igreja, ou pode confraternizar no mercado com os outros aposentados e jogar baralho e conversar. Quer dizer, se tiver saco para isso. Você pode achar que os velhos conversam sobre as cidades em que trabalharam, as farras que fizeram, as garotas que conheceram pelo país inteiro trabalhando em construções, os arranha-céus e pontes que ergueram – só que não. Depois de uns cinco, seis, sete anos sem fazer nada na reserva, parece que eles se esquecem do tempo em que lidavam com aço. Alguns índios ficam obcecados; eles até param de falar inglês; fingem que não entendem. Outros ficam rabugentos, do tipo que rói unha e cospe no chão. Quando abrem a boca para falar, sempre dizem alguma coisa melancólica. Eles gostam de conversar sobre brigas de família. Existem famílias

dentro da reserva que não se dão há gerações, e elas continuam brigando; pode ter começado com um briga por terra, pode ter começado com uma disputa envolvendo um casamento miscigenado, pode ter começado quando uma mulher acusou outra de ir para o mato com o homem que não era dela. Até aqui, no Brooklyn, existem alguns índios que não trabalham em grupos com outros índios por causa de rixas entre as famílias; suas esposas, quando se encontram na Atlantic Avenue, uma finge que a outra não existe. Os velhos gostam de desencavar essas histórias e relembrar alguns dos detalhes. Além disso, eles gostam de falar sobre religião. Sobre uma cura milagrosa de que ouviram falar, sobre algo que o pastor disse – ficam papagueando sobre isso semanas a fio. Todos eles bancam os pastores ou pregadores. Todos ficam o tempo todo remoendo alguma ideia religiosa na cabeça.

"E eles gostam de falar sobre os assuntos da reserva. Na última vez que fui para casa, sentei com um bando deles numa loja e tentei falar sobre alguma coisa que eu estava estudando e que me interessava bastante – manchas mongólicas. São manchas roxas que surgem nas costas de japoneses e de outros mongóis. Eles estavam muito ocupados falando sobre nomes de rua para a vila Caughnawaga. A companhia de energia elétrica que atende a vila tem insistido para que os índios deem nomes para as ruas e para as ruelas. Os funcionários que fazem as leituras dos medidores sempre se confundem e a companhia se ofereceu para colocar placas nas rua e números nas casas. Os velhos não queriam placas nas rua; eles implicavam demais com essa história. Não era algo digno dos índios. E eles estavam discutindo prós e contras de um sistema de distribuição de água. Eles estão sempre discutindo isso. Alguns querem distribuição de água, mas a maioria não quer. A maioria prefere arrastar um cavalo velho até o rio e fazer o bicho, que está no bico do corvo, carregar um tonel de água. Isso é digno de um índio. Às vezes, os índios têm ideias que não fazem sentido nenhum. Tudo bem ter energia elétrica e comprar o maior carro de segunda mão que conseguir encontrar, e ouvir rádio – que eles só desligam para trocar as válvulas –, e carrinhos de bebê que custam setenta e cinco dólares, e caixões de quatrocentos dólares, mas placas de rua e água encanada, meu Deus, não! Isso é um absurdo sem tamanho.

"Por outro lado, sinto falta de algumas coisas. Sinto falta de comer comida indígena de verdade. Tipo *o-nen-sto*, ou sopa de milho. É o prato típico dos mohawk. Algumas mulheres fazem essa receita aqui, no Brooklyn, mas elas usam fubá da Quaker. As mulheres da reserva fazem do jeito mais complicado, do jeito que os

mohawk faziam quinhentos anos atrás. Elas descascam umas espigas de milho e põem para cozinhar numa panela com um punhado de cinzas de bordo. A lixívia das cinzas remove a película que envolve os grãos e os grãos incham até virar umas pérolas enormes. Depois elas lavam para tirar a lixívia. Daí colocam feijão vermelho para cozinhar com o milho. E daí colocam uma cabeça de porco; antigamente, era uma cabeça de urso. Daí elas cozinham até virar um caldo grosso parecido com lama. Quando está cozinhando, o cheiro é muito bom. O tipo de comida que só o cheiro é capaz de levantar defunto. Sinto falta de comer pão indígena que é feito com o mesmo tipo de milho. Aqui, as mulheres sempre usam o fubá da Quaker. O pão indígena é cozido e tem o formato de um hambúrguer e vem com recheio de feijão vermelho. Na reserva, de acordo com um costume antigo, todo domingo a gente come um filé no café da manhã, não importa se a gente tem ou não tem dinheiro para isso, e a gente usa o caldinho da carne para comer com o pão indígena.

"Sinto falta de mais uma coisa – sinto falta de ir a um festival de *longhouse*. Se tiver chance de participar de um, eu vou participar. Numa noite, na última vez que fui para casa, o pessoal da *longhouse* estava fazendo um festival. Decidi ir até o cemitério católico que fica bem perto da *longhouse* e me escondi no mato para ouvir a música. Fiquei escondido ali me arrastando com dificuldade no meio dos espinhos e do mato e de plantas venenosas, até que sentei na pedra que cobria o túmulo de um tio meu, Miles Diabo, que se apresentava com os Millers Brothers no Ranch Wild West Show e que morreu de pneumonia em Wheeling, na Virginia Ocidental, em 1916. O tio Miles foi um dos últimos caughnawaga a trabalhar com circo. Minha mãe está enterrada no mesmo cemitério, e meu pai também, o velho Nazareth Diabo, que eu mal cheguei a conhecer. O apelido dele era Nazzry. Ele foi um pioneiro entre os índios do aço. Passava a maior parte do tempo longe de casa e morreu naquele desastre quando a Quebec Bridge desmoronou. São centenas de índios do aço enterrados naquele cemitério. Os que morreram no trabalho não têm lápides; seus túmulos são marcados com cruzes feitas de vigas de aço. O cemitério tem uma floresta de cruzes de aço. Então eu estava sentado no túmulo do meu tio Miles, pensando na vida, e de repente o pessoal da *longhouse* começou a cantar e dançar e tocar tambor. Eles estavam cantando antigas canções mohawk, muito antigas mesmo. Dava para ouvir vozes de homens, de mulheres e de crianças. A língua mohawk, quando é cantada, é bonita de ouvir. Ah, deixa você sem palavras. Uma sensação percorreu o meu corpo e me fez estremecer; eu tive que respirar fundo para acalmar o

meu coração, ele estava batendo muito rápido. Senti uma tristeza enorme; ao mesmo tempo, senti uma paz enorme. Achei que estava sozinho no cemitério e qual não foi a minha surpresa quando um velho que também trabalhou no ramo de aço, um dos rabugentos com quem eu estava conversando na loja naquele mesmo dia, surgiu do nada para sentar do meu lado, um homem que luta contra todas as melhorias sugeridas para a reserva, não importa o que seja, argumentando sempre que não é digno de um índio – isso ou aquilo não são dignos de um índio. Então ele disse para mim: 'Você não está sozinho aqui. Olhe ali'. Olhei para onde ele estava apontando e vi uma camisa branca no meio dos arbustos. E ele disse: 'Olhe ali', e eu vi a brasa de um cigarro brilhando no escuro. 'Os arbustos estão cheios de católicos e de protestantes', disse ele. 'Toda noite tem uma festa na *longhouse* e eles se escondem aqui para ouvir a música. São atraídos como moscas'. Então eu disse: 'A música da *longhouse* é bonita de ouvir, não é?'. E ele disse que só podia ser porque aquelas eram velhas canções indígenas. Então eu disse que me sentia atraído pela religião da *longhouse*. 'Qualquer dia desses', eu disse, 'vou me converter'. Perguntei o que ele achava da ideia. Ele disse que era católico e não cogitava mudar de religião. 'Se eu fosse me converter para a *longhouse*', disse ele, 'eu seria excomungado e não poderia ser enterrado em terreno sagrado e iria para o inferno'. Eu disse a ele: 'O inferno não é digno dos índios'. Não foi a coisa certa a dizer. Ele não me respondeu. Ficou sentado ali por um tempo – acho que estava pensando no que eu disse – e depois levantou e foi embora."

(1949)

Coma à vontade por cinco dólares

Jantar um filé em Nova York, ou comer uma "churrascada", é um exercício de gula tão elaborado e regional quanto o peixe frito na beira do rio, o *clambake*[121], ou o Texas barbecue. Alguns assadores mais velhos acreditam que a churrascada teve origem sessenta ou setenta anos atrás, quando açougueiros dos matadouros ao longo do East River, nas farras de sábado à noite, começaram a jantar pedaços de lombo – grelhados no carvão – que levavam escondidos para as cozinhas dos bares nas redondezas. De qualquer forma, foi uma instituição essencialmente masculina até 1920, quando foi prejudicada pela Décima Oitava e pela Décima Nona Emendas à Constituição dos Estados Unidos. A Décima Oitava Emenda[122] acabou com os drinques; um ano e meio depois de entrar em vigor, a frase "Nós saudamos nossas caras-metades" começou a aparecer nos cardápios festivos de jantares com churrasco dados por clubes de boliche, de pesca e de *chowder*[123], por hospedarias e por sindicatos. As churrascadas enormes e exuberantes promovidas por clubes distritais republicanos e democratas serviram sempre carne de veado, mas pouco tempo depois que a Décima Nona Emenda concedeu às mulheres o direito de votar, os políticos decidiram que seria simpático convidar as eleitoras para as churrascadas nos clubes. "As mulheres não sabiam o que era uma churrascada até terem o direito de votar", disse certa vez um assador das antigas.

Não demorou muito para que as mulheres estragassem as churrascadas. Por causa delas, começaram a servir coisas como coquetéis Manhattan, taças de frutas e saladas extravagantes, além dos tradicionais pedaços curados de filé, costeletas de cordeiro, fígados e cerveja de jarra. Elas insistiram em dançar ao som de orquestras em vez das bandas germânicas de metais. A alma da festa em uma churrascada era o homem que dava o grunhido mais empolgado, o que bebia mais cerveja, o que comia mais carne e o que tinha mais cera na orelha, mas as mulheres não gostam de um glutão e, nas churrascadas de hoje em dia, é raro um homem comer mais do que três quilos de carne e beber mais que trinta copos de cerveja. Até meados dos anos 1920, a etiqueta de uma churrascada era rígida. Facas, garfos, guardanapos e toalhas de mesa nunca

[121] Churrasco de marisco.
[122] A Décima Oitava Emenda proibiu a venda de bebidas alcoólicas e instaurou a Lei Seca, revogada em 1933 pela Vigésima Primeira Emenda.
[123] Sopa de mariscos com leite.

eram permitidos; um homem devia comer com as mãos. Quando as churrascadas se tornaram bissexuais, a etiqueta mudou. Por gerações, os homens usaram os ternos mais simples que tinham por causa das inevitáveis manchas de gordura; mulheres e *smokings* entraram em cena juntos. Muitas churrascadas acabaram virando banquetes políticos em que sanduíches abertos de filé grelhado eram o prato principal. No entanto, apesar das frescuras introduzidas pelas mulheres, duas escolas de adeptos dos filés prosperaram. Por conveniência, elas podem ser chamadas de escola East Side e escola West Side. Elas discordam no que diz respeito ao cardápio e à etiqueta, e ambas afirmam que suas churrascadas são as mais clássicas ou as mais tradicionais.

A sede da escola East Side é o açougue de William Wertheimer & Filho, na First Avenue com a Nineteenth Street. O açougue fica em um bairro de casas pobres, mas isso engana; dezenas de simpatizantes pedem com regularidade bifes, costeletas e frangos do Wertheimer. O coração da escola East Side é Sidney Wertheimer, o "Filho" da firma. Uma dúzia de velhos alemães temperamentais que andam se arrastando, cada um deles com sua própria coleção de facas guardadas em estojos de lona, são os assadores. Mr. Wertheimer não é assador. Ele seleciona, corta e vende a carne assada na maioria das churrascadas à moda antiga realizadas em salões do East Side, como o Central Opera House, o clube Grand Street Boys, o Manhattan Odd Fellows' Hall e o Webster Hall. Os bufês desses salões recebem uma assistência fora do comum quando pedem carne de Mr. Wertheimer. Se for preciso, Mr. Wertheimer contrata dois dos velhos alemães para ir até o salão e grelhar a carne. Ele também pode contratar uma equipe de garçons com experiência em churrascadas. E ele não se importa de emprestar sua coleção de utensílios para o preparo das carnes. Os assadores e garçons telefonam ou visitam Wertheimer pelo menos uma vez por semana para saber dos serviços. Muitos trabalham em locais que servem café da manhã e almoço no distrito financeiro, e trabalham em churrascadas à noite como um segundo emprego. Para arranjar os trabalhos, Mr. Wertheimer não cobra honorários; ele só quer ser prestativo. Além de tudo, sem cobrar nada a mais, ele vai até o salão para supervisionar a cozinha. Ele se sente extremamente orgulhoso da carne que vende e procura garantir que seja preparada do jeito certo. Ele sucedeu o velho Tom "Bife" McGowan como o mais importante fornecedor de carnes do East Side. Mr. McGowan era um encarregado de obras no Departamento de Abastecimento de Água que se dedicava às churrascadas como um hobby. Ele era um sujeito reservado, mas

em 1924 o rabecão que levava seu corpo foi seguido por mais de mil integrantes tristes de clubes do Tammany.

Mr. Wertheimer tinha quase acabado de cortar toda a carne para uma churrascada na última vez que falei com ele. Eram esperados cerca de trezentos e cinquenta homens e mulheres naquela noite e ele tinha cortado filés de trinta e cinco carcaças de boi e separado quatrocentas e cinquenta costeletas de cordeiro. Na geladeira, quatrocentos e cinquenta fígados de cordeiro estavam de molho em um tonel de madeira. Os filés e as costeletas estavam empilhados em cestas, prontos para serem entregues no salão em que ocorreria o lançamento da churrascada. (Tecnicamente, uma churrascada dessas nunca é "dada" nem "realizada"; ela é "lançada" ou "comandada".) Mr. Wertheimer, um homem saudável de bochechas rosadas, olhou com orgulho para as cestas carregadas de carne e disse: "Uma boa churrascada tem que ter muita carne e cerveja. A entrada custa cinco dólares e a regra é 'coma à vontade por cinco dólares'. Se você ainda tiver espaço para comida quando for embora, você não comeu uma churrascada, você comeu uma refeição que era churrascada só no nome".

A carne clássica para uma churrascada vem dos quartos traseiros de um boi; ela é chamada de "lombo sem o filé". Para comprar esse corte, uma dona de casa teria de pedir um Delmonico alto[124]. "É difícil encontrar esse corte em churrascadas", disse Mr. Wertheimer. "Às vezes eles servem patinho. Esse corte não é bom. A carne não tem muito sabor e parece uma sola de sapato." Enquanto conversávamos, Mr. Wertheimer tirou uma carcaça de um gancho na geladeira e a colocou sobre um balcão de madeira de bordo. A carne estava guardada há oito semanas e ficou com uma capa de mofo azulado. O mofo tinha dois centímetros de espessura. Ele cortou fora o mofo. Aí ele separou a carcaça em seis pedaços. Aí tirou toda a gordura. Na gordura descartada, havia pequenas tiras de carne magra que ele extraía com habilidade, fazendo um monte delas sobre o balcão. "Essas tirinhas de carne, mais os rabos e os filés, a gente mói e serve de aperitivo", disse ele. "Vamos preparar uns quatrocentos aperitivos. As pessoas chamam o aperitivo de hambúrguer, mas isso é uma ofensa. Às vezes o aperitivo é servido com pão sobre uma fatia de cebola doce." Quando terminou de trabalhar com a carcaça, ele tinha sobre o balcão seis filés enormes, sem ossos nem gordura, com cerca de sete centímetros de altura e vinte e cinco centímetros de comprimento. Eles davam uma linda natureza-morta. "Depois de

[124] A origem do nome está ligada a um restaurante nova-iorquino chamado Delmonico, que usava esse corte de carne em meados do século XIX.

grelhados, os filés são fatiados e cada filé rende uns dez pedaços", disse ele. "Esses pedaços são servidos numa churrascada." Mr. Wertheimer disse que as cestas de carne que tinha preparado seriam usadas à noite em uma churrascada no Odd Fellows' Hall, na East 106th Street; comandada pelo Clube Republicano do Distrito da Vigésima Assembleia. Ele me convidou para participar.

"Como anda o teu apetite?", perguntou ele.

Respondi que não tinha nada de errado com meu apetite.

"Tomara", disse ele. "Numa churrascada, você tem que dar um jeito de comer até sair carne pelas orelhas. Se não quiser parecer mal-educado."

Naquela noite, fui até o Odd Fellows' Hall com Mr. Wertheimer e, no caminho, pedi para ele me contar como era uma churrascada com carne de veado antes da Lei Seca.

"Ah, eram uns eventos incríveis", disse ele. "Os homens usavam aventais de açougueiro e chapéus de cozinheiro. Ele usavam a saia do avental para limpar a gordura do rosto. Guardanapos eram proibidos. O nome da organização que comandava a churrascada era impresso na parte de cima dos aventais, e os homens levavam os aventais embora de lembrança. Nós ainda usamos aventais, mas agora eles são alugados em lojas de roupas. Eles são numerados e você precisa devolver o avental na chapelaria ao retirar seu casaco e seu chapéu. É claro que os bêbados sempre se recusam a devolver os aventais.

"Nos velhos tempos, eles nem usavam mesas e cadeiras. Todo mundo sentava em engradados de cerveja e usava barris de cerveja como mesa. Você não faz ideia de como era divertido. De alguma forma, fazia os velhos se sentirem jovens de novo. E eles bebiam cerveja em latas ou em garrafões. As churrascadas eram comandadas em salões ou em adegas ou nos fundos de bares grandes. Havia sempre serragem no chão. Algumas vezes, lançavam churrascadas em pistas de boliche. Eles cobriam as pistas com lona e colocavam as caixas e os barris em cima. Os homens comiam com as mãos. Eles não serviam batatas nessa época. Para não empapuçar. As batatas roubam espaço da carne e da cerveja. Muitas dessas churrascadas eram para homenagear alguém. Um político era eleito para alguma coisa e os amigos comandavam uma churrascada em sua homenagem. Policiais também comandavam várias churrascadas. Por exemplo, um policial era promovido a capitão ou a superintendente e ganhava uma churrascada. O pessoal do teatro sempre foi de lançar churrascadas. Fizeram uma enorme para a Sophie Tucker no Mecca Temple em 1934 e fizeram outra enorme para o Bill Robinson no clube dos Grand Street Boys em 1938. As duas foram um sucesso.

Os clubes políticos sempre fizeram as melhores churrascadas, mas quando o Tammany Hall se dá mal, as churrascadas se dão mal. Por exemplo, o Anawanda Club, lá no meu bairro, dava uma churrascada famosa na véspera do Dia de Ação de Graças. Desde que o La Guardia foi eleito, as churrascadas do Anawanda ficaram tão mirradas que dá até dó.

"As churrascadas de antigamente quase sempre tinham contadores de histórias, homens que divertiam o público contando causos em dialetos da Irlanda e da Alemanha. E quando as pessoas se cansavam de comer e de beber, elas cantavam. Dava para ouvir as cantorias a várias quadras de distância. Elas cantavam 'My Wild Irish Rose' até recuperar o apetite. Era costume lançar churrascadas nas noites de sábado ou nas vésperas de dias santos para que os homens tivessem tempo de se recuperar antes de voltar para o trabalho. Davam umas churrascadas ótimas em restaurantes de Coney Island. Webster Hall sempre foi um lugar bom para essas coisas. O sindicato 638 dos técnicos de aquecimento a vapor faz churrascadas lá. São bem boas. Muitas churrascadas particulares são comandadas em residências. Um homem reúne alguns amigos no porão de casa e prepara os filés ele mesmo. Entre os meus fregueses, tenho vários assadores que não são profissionais. Uma vez, durante a temporada de corridas de cavalo, um apostador dos grandes telefonou para nós dizendo que queria fazer uma churrascada, aí mandamos um assador e todos os apetrechos para Saratoga. O assador se divertiu um monte. Ele foi tratado como um herói."

Quando chegamos ao salão, fomos direto para a cozinha. Dois dos assadores de Mr. Wertheimer estavam trabalhando diante de um fogo com alcance enorme. Um deles mordia um cachimbo; o outro fumava um charuto. Havia uma jarra de cerveja numa mesa perto deles e, de tempos em tempos, eles se afastavam do fogo e tomavam um pouco de cerveja. Estavam assando os quatrocentos hambúrgueres de qualidade. O ar estava carregado com o aroma da carne. Os filés, as costeletas e os fígados estavam nos espetos prontos para ir ao fogo. Uma tira de bacon tinha sido fixada em cada fígado com um palito de dente. Perguntei para um dos assadores quantos minutos os filés ficavam no fogo. "Depende", disse ele. "Em geral, é doze minutos de um lado e dez do outro. Antes de colocar no fogo, a gente cobre o filé com sal e pimenta. O sal cria uma crosta que deixa a carne suculenta." Em um canto, garçons empilhavam pratos de papelão e, em cada um deles, haviam sido colocadas seis meias fatias de pão. "Esse pão é de ontem", disse um deles. "Os filés são colocados sobre o pão

pouco antes de serem levados para as mesas. Pão de ontem é neutro. Quando você coloca filé sobre torradas, o gosto da torrada compete com o da carne."

Pouco depois, fui para o salão. Os republicanos estavam chegando. Muitos eram pessoas ricas de meia-idade. Todos eles pareciam se conhecer. Na chapelaria, homens e mulheres vestiam avental de açougueiro feito de pano e chapéu de cozinheiro feito de papel. Isso deixava todos muito parecidos com membros da Ku Klux Klan. Os chapéus tinham frases impressas como, por exemplo: "Não é fácil quando a tua mulher é viúva" e "A Lei Seca foi boa para mim. Para outros, foi o fim". Antes de se sentar, muitos casais iam de mesa em mesa para se cumprimentar e fofocar. Depois de se cumprimentarem, eles diziam: "Deixa eu ver o que está escrito no teu chapéu". Depois que liam as frases nos chapéus, eles riam com gosto. Em cada mesa, havia pratos de salsão e de rabanete, copos de cerveja, saleiros, bexigas e apitos. Mais tarde, um garçom velho decrépito me contou que fabricantes de bebidas alcoólicas tinham mandado bexigas e apitos para várias churrascadas como uma forma de propaganda. "Antigamente, ninguém precisava de apito", disse ele com desprezo. "Se um homem queria fazer barulho, era só abrir a matraca e uivar."

Enquanto os casais ainda se movimentavam de mesa em mesa, um fotógrafo de eventos subiu no palco do salão e pediu para todo mundo ficar parado. Fiquei vendo como ele trabalhava. Quando ele terminou, conversamos um pouco e ele disse: "Em mais ou menos uma hora, vou trazer uma fotografia de amostra e vou aceitar pedidos. Em uma churrascada, faço uma fotografia no início da festa. Se fizer mais tarde, quando todos já tomaram umas cervejas, a fotografia mostraria um monte de gente com boca aberta e olhos esbugalhados".

Enquanto o fotógrafo arrastava seu equipamento para fora, uma corrente de garçons entrou no salão com jarras de cerveja. Quando viram a cerveja respingando, as pessoas resolveram se sentar. Eu me juntei a Mr. Wertheimer, que estava de pé na porta da cozinha sondando tudo. Depois que todas as mesas receberam uma jarra de cerveja, os garçons trouxeram bandejas de hambúrgueres. Pouco depois, uma mulher carrancuda e robusta veio até Mr. Wertheimer e disse: "Escuta aqui. Onde já se viu uma churrascada com hambúrguer?". Mr. Wertheimer sorriu. "A senhora tenha um pouco de paciência", disse ele. "Daqui a pouco, a senhora vai comer bife à vontade." "OK", disse ela, "mas e o ketchup? Não tem ketchup na nossa mesa." Mr. Wertheimer disse que pediria para um garçom ver o ketchup. Quando ela saiu, ele disse: "Ketchup! Aposto que ela coloca ketchup no bolo de chocolate". Depois que

terminaram de comer os hambúrgueres, alguns convidados começaram a encher e a estourar bexigas.

Ouvi um dos assadores gritar da cozinha: “Os bifes estão prontos!” e fui lá para ver. Um assador cortava os filés enormes com uma faca que parecia um sabre de cavalaria e o outro mergulhava as fatias de carne numa panela de molho quente e com sustância. “Esse é o melhor molho de churrasco do mundo”, disse Mr. Wertheimer. “É manteiga derretida, suco e gordura que pingam da carne, e um pouco de Worcestershire.” Os garçons se alinharam ao lado da mesa de corte. Cada garçom tinha um par de pratos de papelão nos quais as fatias de pão tinham sido arrumadas. À medida que eles se aproximavam com os pratos, os assadores serviam uma fatia de filé suculento e malpassado sobre cada uma das fatias de pão. Em seguida, o garçom saía apressado.

Fui até a porta da cozinha e olhei para fora. Um garçom ia até uma mesa e colocava uma bandeja carregada de carne no meio dela. Mãos avançavam sobre a bandeja e ela ficava vazia. Poucos minutos depois, outra bandeja chegava e mãos ávidas e ensebadas avançavam de novo. Em churrascadas, garçons são orientados a continuar servindo bandejas de carne até que todos os comensais estejam satisfeitos; em alguns cardápios de churrascadas, aparece um aviso: “repetir duas, três, quatro vezes ou mais é permitido e encorajado”. A cada três viagens mais ou menos, o garçom trazia uma jarra de cerveja. E toda vez que terminavam uma bandeja, as pessoas esfregavam as mãos no avental. Às vezes, um homem derramava um pouco de cerveja nas mãos e esfregava rápido uma na outra. Numa mesa perto da porta da cozinha, ouvi uma mulher dizer para outra: “Não seja tímida. Coma um filé”. “Já comi seis”, respondeu a amiga. A primeira mulher disse: “Mas você não estava com fome? Você come igual a um passarinho!”. Então elas gargalharam inclinando a cabeça para trás. Era divertido ver a felicidade e a selvageria dos carnívoros. Enquanto as bandejas continuassem vindo, o pouco que conversavam era para estimular um ao outro a comer mais.

“Minha nossa”, disse um homem. “Esses filés parecem amendoins. Você começa a comer e não para mais”. Logo os garçons passaram a trazer bandejas com costeletas de cordeiro.

Em seguida, um homem foi até o microfone e apresentou alguns políticos. Em todos os casos, ele dizia: “Gostaria de apresentar um homem que é conhecido e amado por todos vocês”, um político sorridente se levantava e fazia uma reverência, enquanto o eleitorado fazia barulho com seus apitos. Ninguém discursou. Um político teria de ser

extraordinariamente corajoso para discursar numa churrascada. Quando todos os políticos republicanos do Distrito da Vigésima Assembleia foram apresentados, uma banda começou a tocar e dois cantores surgiram na pista de dança e começaram a apresentar números de "Show Boat". Quando eles começaram a cantar "Ol' Man River", as quatrocentas e cinquenta costeletas de cordeiro tinham acabado e os garçons traziam os fígados. "Comi tanto que estou quase explodindo", disse um homem. "Traz os fígados mais para pertinho, por favor." Em seguida, as luzes diminuíram. Aqui e ali, um casal se levantou, grunhindo, e foi para a pista de dança. A banda tocou valsas. Ver pessoas de meia-idade usando aventais, com a barriga cheia de filé e cerveja, dançando uma valsa é um espetáculo assustador. Os garçons continuaram a trazer fígados e filés para várias mesas. Não havia sobremesa nem café. Esse tipo de coisa não é nada ortodoxo. "Café preto é servido às vezes para ajudar na digestão", disse Mr. Wertheimer, "mas acho que não adianta nada".

Quando os republicanos resolveram dançar para valer, as atividades na cozinha diminuíram e alguns garçons se reuniram ao redor da mesa de corte e começaram a comer. Enquanto comiam, falavam sobre o trabalho. "Quer saber", disse um deles, "uma mulher gorda não come muito. São as magrinhas que comem mais, e você se pergunta para onde vai toda a comida". Outro disse: "Quem come mesmo são os católicos. Trabalhei numa churrascada no Brooklyn na última quinta. Só de católicos praticantes. Quando deu onze e cinquenta da noite, eles pararam o relógio. Católicos não podem comer carne na sexta". Os dois assadores exaustos se sentaram do outro lado da cozinha para descansar um pouco. No entanto, eles mal terminaram um copo de cerveja cada um quando um garçom entrou na cozinha e disse: "Minha mesa quer mais uns filés", e os chefes tiveram de levantar e voltar ao trabalho. Pouco antes de eu ir embora, à meia-noite, dei uma última olhada no salão. A pista de dança estava lotada e nuvens de fumaça de charuto pairavam sobre os chapéus de cozinheiro dos dançarinos, mas em nove mesas havia ainda pessoas botando carne e cerveja para dentro. Nas escadas que levavam aos balcões, cinco homens cantavam. Os rostos deles brilhavam de gordura. Um segurava uma jarra de cerveja nas mãos e, de tempos em tempos, ele dava uns goles, bebendo um tanto de cerveja e derramando outro tanto. Claro que a canção era "Sweet Adeline".

Os adeptos da escola West Side de churrascadas frequentam o Terminal Hotel, um estabelecimento exclusivo para cavalheiros na 11th Avenue com a 23rd Street. Seu assador é Bob Ellis, um velho negro truculento que despreza todas as outras

churrascadas. Delas, ele diz: “Isso que chamam de churrascada não é churrascada coisa nenhuma; é só uma muvuca do inferno”. Os talentos culinários de Mr. Ellis incluem *clambakes* e tartarugas-verdes, e ele viajava até Chicago só para supervisionar uma refeição. No entanto, sua façanha mais inusitada é a habilidade de falar japonês. Ele chegou a trabalhar em navios cargueiros que foram para o Oriente e, às vezes, gosta de dizer para as pessoas que frequentam o bar em formato de meia-lua do Terminal que tem um domínio impressionante da língua japonesa. Quando alguém desconfia e diz: “Ah é, então fala alguma coisa aí”, ele sempre responde com arrogância: “Para que falar japonês agora? Você não ia entender nada do que eu falo”.

Entre os grupos de apreciadores toscos da boa mesa para os quais Mr. Ellis é o assador oficial, está o I.D.K. (“I Don't Know”) Bowling Club, um estabelecimento antigo de Chelsea, e o Old Hoboken Turtle Club. Este clube foi criado em 1796 e Alexander Hamilton e Aaron Burr estavam entre os membros fundadores; agora é uma associação exclusiva de açougueiros, cervejeiros, donos de bar, chefes de estivadores e empresários do West Side e de Jersey. Muitos dos membros são idosos. Mr. Ellis cozinha para eles desde 1879. Em 1929, os membros deram a ele o distintivo da tartaruga-verde com um diamante incrustado e Mr. Ellis se tornou um irmão-tartaruga. Os tartarugas e os I.D.K.s, e muitas organizações similares do West Side, sempre realizam suas churrascadas no porão do Terminal, que é chamado de Porão do Bife Hollings em homenagem a John Hollings, ex-proprietário do hotel que, indignado com a aprovação da Lei Seca, vendeu o estabelecimento e se mudou para Weehawken. Ele estocava seu carvão no porão. Mr. Ellis não gosta da palavra “porão”; ele prefere “calabouço”.

“Antigamente, todos os porões onde faziam churrascadas eram chamados de calabouços”, ele me disse. “Para mim, eles ainda são calabouços.”

O calabouço tem uma porta de aço com a frase: “Bem-vindo seja trazendo carne e cerveja”. Essa é uma boa amostra do humor de churrascada. A porta tem mais uma placa: “Quando você entrar neste porão, vai encontrar um amigão”. O chão do porão é de cimento coberto com serragem. O teto é baixo. As fotos penduradas nas paredes de treliças vão de uma churrascada no M. E. Blankmeyer Clam Bake Club, de 1898, até uma do New York Post Office Holy Name Society, de 1932. Acima do interruptor de luz, lê-se um aviso: “Não meta a mão”. Em um canto, fica o piano e uma plataforma usada por bandas alemãs. O calabouço tem capacidade para cento e vinte e cinco pessoas. “Quando cento e vinte e cinco homens grandes e pesados enchem a cara de

cerveja, parece que fica um pouco apertado aqui", disse Mr. Ellis. Antes usavam engradados e barris de cerveja, mas agora as pessoas se sentam em cadeiras com espaldar de ripas de madeira e comem em pequenas mesas individuais. Descendo um corredor subterrâneo ligado ao porão, fica o forno de tijolos, comandado com dignidade por Mr. Ellis.

"Não sou um desses assadores aventureiros", disse ele. "Uso nogueira para fazer minhas carnes. A influência da madeira fica evidente quando você experimenta o filé. Meus bifes são autênticos e feitos à moda antiga. Vou te explicar o passo a passo. Primeiro, lavo e corto salsão, rabanetes, azeitonas e cebolinha. Depois preparo uns coquetéis com carne de caranguejo. Há quem diga que esse não é o preparo à moda antiga. Tenho quase noventa anos de idade e acho que sei o que é e o que não é à moda antiga. Depois preparamos uns espetinhos de rins. De cordeiro ou de porco, tanto faz.

"Depois é a vez do prato principal – cortes de lombo bovino temperado sobre torradas quentinhas e molho de manteiga. Sem dúvida, prefiro torradas. Comigo, não tem essa história de pão de ontem. Sei o que estou fazendo. Depois preparamos umas batatas assadas. Deixo usarem garfos descartáveis para comer o caranguejo e a batata; todo o resto eles comem com a mão. Um homem que não gosta de comer com a mão não pode participar de uma churrascada. Depois preparamos as costeletas de cordeiro grelhadas. Ao longo de toda a churrascada, servimos jarras de refresco. E por refresco quero dizer cerveja."

O velho Mr. Ellis mora no Bronx. Ele passa a maior parte do tempo dentro de casa, numa cadeira de balanço, descalço, lendo a Bíblia ou um jornal semanal chamado "The Butcher's Advocate". Sempre que Herman von Twistern, o proprietário do Terminal, agenda uma churrascada, ele telefona para Mr. Ellis e informa a data. Em geral, ele telefona também para Charles V. Havican, um imponente ex-ator de vaudeville que se diz "o senador de Hoboken". Ele arranjou esse título durante a Lei Seca, quando tudo que tinha a ver com Hoboken era engraçado. Mr. Havican é conhecido como animador de churrascadas. Com frequência, ele se senta com os convidados e imita um senador bêbado e peidorreiro. Ele também conta causos e faz declamações. Fazem parte de seu repertório: "The Kid's Last Fight", "Christmas Day in the Workhouse", "The Gambler's Wife" e "Please Don't Sell My Father Rum".

"Se ninguém sabe quem eu sou numa churrascada, às vezes imito um garçom atrapalhado", Mr. Havican me disse, listando suas façanhas. "Derramo cerveja nas

pessoas, tropeço nelas, piso no pé delas e bato na cara delas com meus cotovelos. O tempo todo pareço atrapalhado. É um número muito engraçado para quem tem senso de humor."

"E o que as pessoas acham desse número?", perguntei.

"Pois olha", disse Mr. Havican, "tenho essa cicatriz aqui na minha testa. E não sei se você percebeu, mas eu manco."

(1939)

Uma porção de mariscos

Quase todos os mariscos littlenecks e cherrystones[125] servidos pelos restaurantes de Nova York vêm do lamaçal escuro das baías de Long Island. Eles são os moluscos mais salgados, mais limpos e mais carnudos do mundo. Os leitos mais abundantes ficam na Great South Bay e são propriedade das cidades de Islip e Babylon. Logo depois do amanhecer, todos os dias de semana, cerca de setenta pescadores licenciados de moluscos dessas duas cidades embarcam numa frota de saveiros velhos e catboats[126] que se espalha pela baía. Eles trabalham ao lado das embarcações ancoradas usando pinças e ancinhos de cabo longo; os moluscos ficam em profundidades de dois metros e meio a três metros. Ao meio-dia, os barcos compradores de duas empresas que trabalham com transporte de moluscos – Still & Clock, de Bay Shore, e G. Vander Borgh & Filho, de West Sayville – ancoram perto da frota e, até quatro horas da tarde, os pescadores se aproximam para vender os moluscos que pegaram, separados em sacos de trinta quilos.

Em um dia abafado de junho, fui até a South Bay com o capitão Archie M. Clock, que comanda o barco comprador da Still & Clock. Esse barco é o *Jennie Tucker*, um saveiro humilde e castigado de doze metros de comprimento, movido por um motor que o capitão tirou de um carro velho da Chrysler. O capitão Clock e seu parceiro, Louis Still, vieram de famílias que pescavam, cultivavam ostras e mariscos na South Shore desde meados do século XVIII. Cheguei ao galpão maltratado pelo tempo que eles têm na Homan Avenue Creek, em Bay Shore, às dez da manhã e encontrei o capitão Clock no cais estreito que fica nos fundos. Ele fumava seu cachimbo sentado em um balde de carregar mariscos virado de cabeça para baixo. Conheço um homem, dono de um mercado que vende mariscos no Fulton Fish Market, que escreveu uma carta de apresentação para eu levar ao capitão e entreguei a carta para ele. O capitão leu, grunhiu e disse: “Hoje é um dia bom para pescar. Vamos sair um pouco mais cedo”. Ele indicou um balde com a haste do cachimbo. “Use aquele balde para sentar e fique à vontade”, disse ele. “Você gosta de mariscos?”

[125] Termos usados para designar, respectivamente, amêijoas de tamanho médio e de tamanho grande nos Estados Unidos; chamadas também de necks e cherries para simplificar.
[126] Barcos de uma vela só em que o mastro fica posicionado mais à frente na embarcação.

Eu me sentei no balde e contei para ele que, numa tarde de domingo em agosto de 1937, fiquei em terceiro lugar num torneio para ver quem comia mais mariscos em um evento na Block Island, comendo oitenta e quatro cherrystones. Disse a ele que, para mim, essa foi uma das maiores conquistas da minha vida. "Bom, você vai poder encher a barriga hoje", disse ele. "Eu mesmo estou com vontade de comer alguns. Ouvi dizer que existem cervejeiros que acabam se cansando de cerveja e eu às vezes não posso nem ver marisco na minha frente, mas estou com uma baita fome hoje."

O Jennie Tucker estava atracado no cais e o imediato, um jovem musculoso chamado Charlie Bollinger, lavava o deque com baldes de água. "Dê bastante água para a Jennie, Charlie", disse o capitão. Ele se voltou para mim e disse: "Você precisa cuidar bem da limpeza quando trabalha com mariscos. Se tiver uns mariscos mortos em qualquer canto, o fedor é do tipo que faz amolecer as pernas de qualquer um, é um fedor que não te deixa pensar direito, que te faz desfazer o nó da gravata e tirar a camisa". Ele ficou parado, bocejou, cuspiu e foi até um escritório no galpão. Quando voltou, estava carregado de utensílios que incluíam uma marmita, um livro de registro esfarrapado e uma caixa verde de metal. Depois descobri que essa caixa é onde ele guarda o dinheiro para comprar o carregamento do dia.

"Tudo o.k., Charlie?", perguntou ele.

"Ela está tinindo, Archie", disse o imediato.

"Então vamos nessa", disse ele. Embarcamos e o capitão armazenou o equipamento na cabine minúscula do saveiro. O capitão era encorpado, lento e tinha uma expressão sonolenta. Era muito bronzeado, mas pôs um pouco de pomada no nariz e nas orelhas para se proteger das queimaduras do sol. A roupa dele era rudimentar: calças remendadas, uma camisa azul de trabalho e um boné de pescador com viseira longa. Ele cuidou da barra do leme, que manuseava com habilidade, até avançarmos longe na baía. Depois ele a entregou para Bollinger, pegou seu livro de registro e sentou ao meu lado na escotilha. "Os leitos dos mariscos ficam a seis quilômetros do cais", disse ele, indicando Babylon com a cabeça. Ele abriu o livro de registro em uma página nova, escrevendo os nomes dos pescadores. O vento do oceano mexia com as páginas enquanto ele anotava. Muitos dos nomes que ele escreveu eram tradicionais em Long Island, como Doxsee, Ricketts, Baldwin, Crowell e Tooker.

"Vários pescadores vêm de famílias que trabalham na baía há tantas gerações que eles nem sabem mais dizer quantas", disse ele. "A maior parte deles é de ascendência inglesa ou holandesa, e vários são da Escandinávia. Eles conhecem as profundezas da

baía tão bem quanto conhecem o rosto da própria esposa. Pescar mariscos é trabalho pesado, mas um homem consegue viver bem disso se os músculos aguentarem. Dei uma olhada no livro de registro na noite passada e vi que numa semana paguei mais de oitenta dólares para um pescador, mas isso não é comum. Muitos recebem de cinco a dez dólares por dia. Dependendo de como o sujeito trabalha com as pinças."

Ele largou o livro de registro na escotilha, esticou os braços e bocejou. A manhã estava nublada, mas o sol apareceu assim que saímos do cais e agora estava queimando a neblina na baía. Depois de uns quinze minutos de sol, dava para ver o farol listrado da Fire Island e as dunas longas e radiantes nas ilhas de Oak e Captree. Perguntei para o capitão se qualquer um pode ir até os leitos da baía e pescar mariscos.

"Não", disse o capitão. "É preciso ter uma licença do Departamento de Conservação, que custa dois dólares e cinquenta, e é preciso comprovar residência em uma das duas cidades que são donas dos leitos onde for pescar. Um homem de Babylon não pode pescar em águas de Islip e vice-versa. Na verdade, eles vivem reclamando da linha divisória. E vão continuar reclamando enquanto houver mariscos para pescar."

"Quanto custa um saco de trinta quilos?", perguntei.

"O preço depende do tamanho do marisco e da demanda no Fulton Market", disse o capitão. "Os preços chegam a variar um dólar ao longo de uma única temporada, mas hoje pago dois dólares por um saco de trinta quilos de necks e um dólar e cinquenta por um de cherries. Essa mercadoria vai para os restaurantes. Pelos mariscos maiores – que chamamos de chowders – eu pago um dólar o saco.

"A maior parte dos mariscos em South Bay é de tamanho grande – eles são chamados de quahogs na Nova Inglaterra. Existem alguns mariscos menores, ou steamers, na costa da baía, mas esses não interessam para nós. Muitos dos mariscos que você encontra na cidade vêm da Nova Inglaterra. O quahog é o rei dos mariscos. Ele pode ser cozinhado, frito, cozido a vapor, usado em chowder[127] e servido *in natura*. Para mim, a melhor chowder que existe é feita com uma mistura de mariscos grandes e pequenos. Por aqui, a gente é adepto da chowder no estilo de Manhattan, acrescentando dois tomates para cada quilo de marisco. Nossos mariscos maiores têm mais ou menos quatro anos de idade e são dois anos mais velhos que os necks. Nós entregamos necks e cherries para os comerciantes no Fulton Market e para

[127] Uma sopa de peixe e mariscos com leite.

restaurantes em Manhattan e no Brooklyn, e entregamos para a fábrica de sopas Campbell em Camden, Nova Jersey. Ele compram de nós uns mil e quinhentos sacos de mariscos grandes por semana." Ele se virou para o imediato. "Pode deixar que eu assumo agora, Charlie", disse ele.

Pouco depois de o capitão Clock assumir a barra do leme, nós nos aproximamos dos pescadores. Os barquinhos repousavam com o vento e a maré a cerca de três quilômetros dali, no sudeste de Babylon. O capitão Clock disse que a maioria dos barcos estava ancorada perto de uma linha imaginária que divide os leitos e que alguns estavam sobre essa linha. "É da natureza humana", disse ele. "Os rapazes de Islip se coçam para trabalhar nas águas de Babylon e os rapazes de Babylon acham que conseguiriam pescar duas vezes mais mariscos no território de Islip." Algumas embarcações tinham dois pescadores de mariscos, um de cada lado, mas a regra parece ser de um homem por barco. Quando chegamos a quarenta metros do pescador mais próximo, o capitão entrou na cabine e desligou o motor. Bollinger correu até a proa e lançou a âncora.

"Agora vou mostrar para você como se pescam mariscos", disse o capitão Clock. "Vamos pegar umas porções para comer agora."

Ele arregaçou as mangas e pegou um par de pinças, um utensílio com duas pontas dentadas nas extremidades de um cabo com quatro metros de comprimento. Colocou a pinça na água, que tinha três metros de profundidade, e fez as pontas dentadas afundarem no fundo lamacento; em seguida, uniu os cabos como se fosse uma tesoura, fechando as pontas dentadas. Depois de puxar a pinça até o barco, ele lavou as pontas dentadas com água várias vezes para tirar a lama. Abriu os dentes sobre o deque e surgiram um caranguejo atordoado, dois punhados de esponjas, uma porção de conchas vazias e doze mariscos lindos. As conchas dos mariscos eram de um azul metálico, a cor da água de South Bay.

"Uma boa leva", disse ele. "Peguei quatro cherries, dois necks, dois chowders e quatro peanuts." Ele disse que uma lei estadual proíbe a venda de mariscos com menos de uma polegada e que esses mariscos pequenininhos são chamados de peanuts. Ele arremessou os peanuts e o caranguejo para fora do barco. Em seguida, colocou a pinça de volta na água. Investiu com as pontas dentadas contra o fundo lamacento sete vezes e pescou quarenta e três mariscos. Depois deixou de lado a pinça e pegou duas facas de marisco em uma prateleira da cabine. Ele me deu uma e se agachou no deque e começou a abrir os cherrystones. Quando a faca penetrava na

concha, o licor grosso do marisco escorria para fora. A carne dos cherrystones era de uma cor rosa delicada. Na parte externa de algumas conchas havia manchas de um violeta intenso; índios usavam conchas assim como *wampum*[128]. Recém-saídos do leito da baía e sem terem sido contaminados por ketchup ou molho, esses foram os melhores mariscos que comi na vida. O imediato se sentou na escotilha e ficou observando a gente.

"Você não vai comer também?", perguntei.

"Não colocaria um negócio desses na minha boca nem que estivesse morrendo de fome", disse ele. "Faz dez anos que trabalho nesse barco e nunca comi nenhum marisco."

Ele ficou olhando com desdém por alguns momentos enquanto a gente comia; depois foi até a cabine e voltou com um rádio portátil, colocou o rádio sobre o teto da cabine e sintonizou em um programa de notícias. Enquanto eu e o capitão abríamos e comíamos os mariscos, podíamos ver a frota de saveiros e os pescadores. O capitão disse que um pescador de mariscos trabalha dos dois lados de seu barco até que a pinça comece a sair da água vazia; depois ele dá mais corda para âncora e flutua até áreas novas. "Muitos deles são pacientes", disse ele, "mas alguns ficando levantando e soltando a âncora o dia inteiro. Quando um homem faz isso, a gente diz que ele está alvoroçado." A frota era quase toda de catboats desguarnecidos que funcionavam com motores de carros velhos. A maioria dos homens usava pinças, mas aqui e ali havia homens usando ancinho. O capitão disse que os ancinhos são usados apenas em trechos planos. "O cabo de um ancinho tem quase sete metros de comprimento", disse ele, "e é preciso ser um Joe Louis[129] para tirar um desses da água". Alguns dos pescadores estavam nus da cintura para cima, mas muitos trabalhavam de camiseta regata. De vez em quando, um homem deixava de lado a pinça ou o ancinho e se agachava para ensacar os mariscos. O capitão Clock disse que o habitual é os pescadores venderem seus mariscos no início da tarde, de modo que os fornecedores tenham tempo para selecionar e embarrilar os mariscos para transporte no fim do dia.

Eu e o capitão estávamos terminando os últimos dos quarenta e três mariscos quando um apito vindo de Babylon anunciou o meio-dia. "Melhor a gente comer logo, Archie", disse Bollinger. "Eles vão começar a trazer os carregamentos daqui a

[128] Contas consideradas sagradas com que os índios confeccionavam cintos usados em eventos sociais da tribo.

[129] Joe Louis (1914-1981) foi um boxeador americano campeão dos pesos pesados e considerado um dos maiores pugilistas de todos os tempos.

pouco.” Envolvido com seu último marisco, o capitão concordou com a cabeça. Bollinger trouxe as marmitas e uma moringa com chá gelado. Eu tinha comprado dois sanduíches em Bay Shore e guardado na minha capa de chuva. Bollinger sintonizou em um programa de valsas transmitido direto de um hotel em Manhattan. Nós sentamos em cestos de madeira debaixo do sol quente e comemos ouvindo valsas. Nós bebíamos chá em canecas de metal quando o primeiro pescador se aproximou. Bollinger deu um salto e arremessou uma corda para o pescador, e o ajudou a subir no Jennie Tucker. O pescador era um homem velho, pequeno e ágil com botas que vinham até o quadril.

“Que temos hoje?”, perguntou o capitão Clock.

“Nada demais”, disse ele. “Só uma porção de mariscos. Passei o dia varrendo Grass Island. Consegui dois sacos de cherries, um de necks e dois de chowders.” Pegando os sacos pelas orelhas, ele os entregou para Bollinger. O capitão Clock tirou uma nota de cinco e duas de um de sua caixa e pagou o pescador, que guardou o dinheiro com cuidado numa niqueleira das antigas. Aí ele pegou duas conchas do deque de seu barco e jogou para Bollinger.

“Estava quase esquecendo das tuas conchas”, disse ele. O pescador se desfez das cordas, desatracou e ligou o motor.

“Se comporte”, gritou o capitão Clock.

“Estou tão velho”, disse o pescador, “que só posso me comportar”.

Bollinger colocou as conchas em um balde de arame enferrujado. “Meu negócio é com conchas”, disse ele. “Elas ficam presas nas pinças e o pessoal guarda para mim em vez de jogar de volta na água. Um dos motoristas da empresa pega as conchas e vende para restaurantes italianos que trabalham com mariscos no centro de Nova York e a gente divide o dinheiro. Uso para comprar meus cigarros. Os italianos fervem as conchas para fazer um prato chamado *scungili*.”

Bebemos mais um pouco de chá e, em seguida, outro pescador, um jovem de olhos escuros, queimado do sol, se aproximou do barco. Ele estava em um catboat que tinha sido remendado com lâminas de metal em vários pontos.

“Oi, Tarzan”, disse Bollinger. “Essa banheira ainda não afundou? Quantos mariscos você pegou?”

“Estou varrendo lama há seis horas e o que peguei não serve nem para isca”, disse o jovem. “Não tinha nada nas partes onde eu estava trabalhando.”

“Pare de reclamar”, disse Bollinger. “Mesmo se chovesse marisco, você não ia ficar feliz.” O jovem entregou um saco de littlenecks, dois de cherrystones, um balde de chowders e três conchas. O capitão Clock lhe deu cinco notas de um e mais vinte centavos. Ele dobrou as notas e enfiou no bolso de relógio. “Mais um dia de trabalho”, disse ele. “Parece que um caminhão de madeira molhada passou por cima das minhas costas.” Ele deu a partida no motor e foi embora, rumo a Babylon. “Ele vai encher a cara hoje”, disse o capitão Clock. “Sei disso só pelo jeito dele de falar.” O capitão se inclinou sobre um saco de cherrystones. Pegou duas porções com as mãos e espalhou sobre o deque. “Que beleza”, disse ele. “Tão idênticos quanto ervilhas. As conchas estão azuis agora, mas vão ficar cinza ou brancas antes de chegarmos à cidade.” Ele abriu um cherrystone e o analisou na palma da mão. Olhou para ele com admiração. “Esse tinha ovas”, disse ele. “Essa é uma coisa que admiro nos mariscos. Eles não fazem nenhum estardalhaço quando têm que se reproduzir. Uma ostra faz o oposto. Ela se reproduz de maio até agosto – os meses sem R no nome – e fica tão leitosa que é impossível de comer direto da concha. Dá para fritar, mas não dá para comer crua. Um marisco é melhor. Ele nunca fica leitoso a ponto de atrapalhar e é tão saboroso nos meses de verão quanto nos dias mais frios do inverno.”

O capitão Clock disse que uma vez por ano a cidade de Islip compra dois carregamentos de mariscos de Massachusetts ou de Nova Jersey para espalhar pela baía. “Mariscos de fora dão nova vida aos nativos”, disse ele. “Eles ajudam a aperfeiçoar a espécie. As ovas se misturam e temos uma leva melhor. Ei, Charlie, me alcance aquela faca. Quero experimentar um pouco desses chowders.” O capitão abriu uma dúzia de chowders e arrumou os mariscos em um semicírculo sobre a escotilha. Nós estávamos comendo os mariscos quando, de repente, Bollinger gritou: “Lá vem a polícia!”. Ele apontou na direção de Babylon e vi uma lancha com uma bandeira verde. Em um minuto, ela passou por nós, roçando a proa, na direção da frota. Os pescadores pararam de trabalhar e começaram a gritar. “Eles estão avisando uns aos outros”, disse Bollinger. “Era o barco da polícia de Babylon. Os policiais passam por eles pelo menos uma vez por dia. Você nunca sabe quando que eles vão aparecer. Se veem um homem de Islip nas águas de Babylon, eles multam o sujeito, que é obrigado a se apresentar para um juiz e pagar uma indenização.” Os pescadores pararam de usar as pinças e os ancinhos enquanto a lancha da polícia passava devagar pela frota

de barcos. Ela não chegou a parar porque era evidente que os pescadores estavam se comportando.

Na mesma hora, outro pescador encerrou o dia e se aproximou. Era um homem esquelético e corcunda que, sem dizer nada, entregou quatro sacos de littlenecks, três de cherrystones e um saco e um balde de chowders. Ele recebeu treze dólares e setenta e cinco centavos, pegou uma porção de tabaco de um saco no bolso da calça e começou a mastigar, aí resmungou: "Boa noite, capitão", e foi embora. "Ele é um dos melhores pescadores de mariscos de Long Island", disse o capitão Clock. "Aposto que ele tem uns dez mil dólares no banco e economiza tanto que corta o cabelo com a esposa." A saída do pescador esquelético pareceu ser um sinal para os outros. Assim que ele se foi, os outros começaram a se aproximar do barco comprador em pares e em trios. Em vinte minutos, o Jennie Tucker estava cercado de barcos carregados de mariscos, esperando sua vez de vender. "Para quê virem todos de uma vez só", disse Bollinger, indignado. O capitão Clock ficou de pé na popa, debruçado sobre o livro de registro, que estava sobre o teto da cabine. Bollinger ajudou os pescadores com os sacos. Ele empilhava os chowders na popa, os cherrystones perto da escotilha e os littlenecks na proa. Quando um barco terminava de descarregar, ele dizia o número de sacos e o capitão fazia uma anotação no livro de registro e pagava o pescador.

Para não atrapalhar Bollinger, fui para a proa e sentei em um fardo de sacos vazios. De pé em seus barcos, os pescadores que esperavam a vez fumavam cigarros e xingavam uns aos outros. Eu não sabia dizer se os insultos eram inofensivos ou se eram para valer. "Se eu fosse você, levava essa lata velha para casa e tacava fogo nela", gritou um deles para o vizinho. "Esse barco imundo não serve nem para caixão." "Pelo menos ele está pago", disse o capitão da lata velha, "e não posso dizer o mesmo do teu". "Pago!", gritou o primeiro. "Você quer dizer roubado. Não dá para deixar nada perto de você. Seu salafrário!" Muitos dos pescadores pareciam irritados. "Oi, vovô", disse um pescador jovem para o homem do barco ao lado, um velho rabugento com um macacão molhado, "tuas ferramentas estão funcionando direitinho?". "Cala a boca!", disse o velho. O jovem deu uma risadinha e disse: "Não pescou muitos mariscos hoje, né, vovô?". "Cala a boca!", disse o velho. "Ô, diabo", disse o jovem pescador, "eu estava só jogando conversa fora". "Cala a boca!", disse o velho.

Às quatro e quinze da tarde, o último pescador terminou de descarregar e foi embora para casa. O capitão fechou sua caixa de dinheiro e nós terminamos de tomar o chá

gelado da moringa. Depois Bollinger levantou a âncora, acionou o motor e conduziu o Jennie Tucker para o cais. Os deques estavam abarrotados de mariscos. “Uma bela montanha de mariscos”, disse Bollinger. O capitão organizou alguns sacos na escotilha, abrindo espaço para sentar. Ele acendeu seu cachimbo e anotou mais uma coluna de números no caderno de registro.

“Compramos cento e quarenta e cinco sacos”, disse ele. “Teve um dia que compramos duzentos. Chegou a esvaziar minha caixa de dinheiro. A popa quase afundou na viagem de volta.” Ele apontou para a Oak Island. “Está vendo aqueles barcos lá? Alguns garotos ainda estão trabalhando, mas eles não vendem para um barco comprador como fazem os outros. Eles têm barcos maiores e ficam até mais tarde e trazem os carregamentos direto para o nosso galpão. Nós compramos todos os mariscos que chegam, não importa se a oferta deles é grande em Nova York ou se existe mais demanda. Há dias em que nós compramos mais mariscos do que consegue vender e levamos o excedente para uns lotes que alugamos da cidade de Islip e jogamos tudo na água. Nas últimas cinco semanas, cultivamos mil e trezentos sacos de cherries e quinhentos sacos de necks nesses lotes. Quando a gente precisa deles, vai até lá e pesca. Dessa forma não perdemos nada. Antigamente, quando os mariscos eram mais valiosos, havia piratas de mariscos. Eles atacavam de noite e pescavam nos nossos lotes, mas agora isso não acontece mais. Existe um vigia, só para garantir.”

Às cinco da tarde, o Jennie Tucker atracou no cais. Mr. Still, o sócio mais velho da firma, estava parado na porta dos fundos do galpão, esperando. Ele cuida da parte burocrática do negócio. É um especialista em moluscos e faz parte da família que comandava o Still, um renomado restaurante de frutos do mar e um ponto de encontro para políticos glutões na 3rd Avenue, e que ainda tem sucesso administrando um negócio de ostras em um barco ancorado em Pike Slip, debaixo da Manhattan Bridge. Quando o Jennie Tucker raspou no cais, Mr. Still gritou: “Até que enfim!”, e quatro homens saíram do galpão. No instante em que o barco comprador estava amarrado, dois homens pularam a bordo e começaram a carregar os sacos para o cais. Os outros colocavam os sacos em empilhadeiras e levavam para o local de seleção. Este era um ambiente comprido e frio, com cheiro de porão limpo. Nele, os mariscos eram amontoados em pilhas enormes sobre mesas apoiadas nas paredes. As mesas e o chão de concreto tinham sido lavados pouco antes e estavam molhados e imaculados. O capitão Clock, Mr. Still e Bollinger assumiram suas posições diante das mesas e

selecionaram os mariscos, separando os que tinham a concha quebrada ou estavam entreabertos.

Depois de serem separados, os mariscos foram colocados em cestos de arame e de molho num tanque de água corrente com uma solução antisséptica. Em seguida, alguns cestos foram esvaziados em barris grandes e outros em tonéis menores. Logo a sala estava tomada de barris e Mr. Still pegou um martelo de uma escrivaninha na sala pequena ao lado da área de seleção. Ele fixou placas nos barris indicando vários restaurantes e os comerciantes do Fulton Market. Depois eles foram levados para um dos três caminhões da companhia. Às sete da noite, esse caminhão tinha sessenta e cinco barris e vinte e dois tonéis. "Tudo pronto", disse Mr. Still. "Se você quiser, pode ir até a cidade de carona com esse carregamento." Ele me apresentou para Paul Boice, o motorista, e entrei na cabine do caminhão. Era um daqueles caminhões enormes com cor de alumínio.

Pegamos a Sunrise Highway. Em Valley Stream, paramos numa lanchonete para comer hambúrgueres e tomar café. O balconista conhecia Boice. "Quer comer uns mariscos hoje, Paul?", perguntou ele, sorrindo. "Que tal uma dúzia de mariscos para a janta?". O motorista deu uma risadinha sem graça. Ficou claro que era uma piada antiga. "Quando quiser comer mariscos na janta", disse ele, "eu falo. Me veja um hambúrguer". A gente não demorou na lanchonete. No Brooklyn, o motorista conduziu o caminhão com habilidade por um labirinto de ruas. "Faz oito anos que entrego mariscos nessa rota e conheço todos os atalhos que existem", disse ele. "Mariscos não são perecíveis como as ostras, mas não gosto de me demorar." Quando saímos da Manhattan Bridge, ele deu uma olhada no relógio. "Levamos menos de duas horas", disse ele. "É uma boa marca."

Ele fez a primeira entrega no Vincent's Clam Bar, na esquina das ruas Mott e Hester, descarregando três tonéis de mariscos e o cesto de conchas para *scungili* que Bollinger coletou ao longo do dia. O proprietário trouxe para Boice uma taça de vinho tinto. "Ganho um drinque por conta da casa sempre que venho aqui", disse. Ele desceu a Mott Street, passando devagar por Chinatown. Ao entrar na South Street, ele teve de descer do caminhão para tirar um bêbado caído no meio da rua. "Motoristas de caminhão têm que ir devagar aqui só por causa dos bêbados", disse ele. "Tiro pelo menos um bêbado do meio da rua toda semana." Os galpões do Fulton Market estavam escuros, desertos e fechados quando chegamos. "Faço quatro entregas no mercado", disse Boice, "e depois vou para a parte alta da cidade e faço paradas em

restaurantes grandes na região dos teatros". Ele deu a ré no caminhão até a porta de um mercado de moluscos e desceu da cabine. Olhamos para os dois lados da rua e não havia ninguém. "Tem um vigia que trabalha aqui de noite e que me ajuda a descarregar o caminhão", disse Boice, "e sempre tenho que esperar até ele aparecer". Nós nos sentamos nos degraus do mercado e acendemos cigarros. Do outro lado da rua, em cima de uma pilha de barris de lagosta quebrados, três gatos gordos berravam um com o outro. Ficamos sentados por quinze minutos, vendo os gatos berrarem e brigarem, e depois eu disse tchau. "Se você for num restaurante amanhã e pedir mariscos ou chowders", disse Boice, olhando para a rua escura à procura do vigia noturno, "é provável que coma um dos que a gente entregou hoje à noite".

(1939)

Funciona como as glândulas de macaco

Ao voltar de minhas últimas férias, parei em Savannah, na Geórgia, e fiz uma peregrinação até a fazenda de tartarugas-diamante de Mr. Will Barbee, na Isle of Hope, uma ilhazinha deslumbrante a quinze quilômetros de Savannah. Era o primeiro dia do outono quando cheguei lá, época em que ele começa a enviar tartarugas vivas para hotéis, clubes, comerciantes de frutos do mar e restaurantes chiques do Norte, e cheguei a tempo de ver seu capataz negro embarrilar três dúzias de fêmeas com nove anos de idade; essa, a primeira remessa da temporada, foi enviada para um comerciante do Fulton Fish Market. A tartaruga-diamante é um réptil lindo, cuja carne, quando cozida do jeito certo, é tenra e gelatinosa. Do ponto de vista gastronômico, é de longe a melhor tartaruga da América do Norte, e o cozido feito com ela é a iguaria nativa mais cara que existe. Três estilos de cozido – Filadélfia, Maryland e sulista – são feitos em grandes quantidades por um homem no Fulton Market e vendidos para famílias e clubes; o que ele chama de estilo Maryland, com xerez seco e um creme grosso, custa dez dólares o quilo. Em hotéis de Manhattan, o prato nunca sai por menos de três dólares e cinquenta centavos. Uma tartaruga-diamante viva em Nova York é vendida no varejo por um preço entre três e cinquenta e sete dólares, de acordo com o comprimento de seu casco. Na última década, sob a proteção de leis de preservação, o número de tartarugas-diamante aos poucos tem aumentado em mangues de água salgada em toda a Costa Leste, mas ela ainda é rara o suficiente para fazer da fazenda de Mr. Barbee uma referência importante para chefs em Nova York, Baltimore, Filadélfia, Washington e Nova Orleans, as cidades em que o cozido é mais apreciado. Mr. Barbee é o maior fornecedor do país; em um ano, entregou trezentas dúzias de tartarugas-diamante vivas por um valor médio de trinta dólares a dúzia. Ele também vendeu quatro mil latas de carne cozida. Além disso, na varanda de um pavilhão de baile, que administra como atividade secundária, ele vendeu pratos de tartaruga para centenas de ianques que passavam pela fazenda em iates a caminho da Flórida por meio da Inland Waterway, que circunda a Isle of Hope. A esposa dele, Rose, que cuida da cozinha, é venerada pelos iatistas, e o cozido de tartaruga que ela faz, no estilo sulista, é famoso de Cape Cod até Key West.

Meu trem chegou na Union Station de Savannah às nove e meia da manhã do dia em que visitei a fazenda, e um taxista generoso me aconselhou a despachar minha mala e

pegar um bonde para a Isle of Hope. “Eu poderia levar você até lá”, disse ele, “mas se quiser mesmo conhecer essa região, é melhor pegar o bonde”. Ainda bem que segui seu conselho. A linha da Isle of Hope é uma ferrovia interurbana simples; nos tempos das máquinas a vapor, tinha o nome impactante de Savannah, Thunderbolt & Isle of Hope Railroad. Para os amantes de cultura americana, recomendo uma viagem de bonde. Havia apenas três passageiros no vagão em que embarquei. Atravessamos Savannah e seus subúrbios e mergulhamos em uma floresta pantanosa de carvalhos vivos com galhos enormes cobertos com uma planta parasita chamada musgo cinza[130]. De vez em quando, atravessávamos trilhos sobre pântanos onde antes se cultivava arroz com trabalho escravo e passamos por várias fazendas pequenas com quintais repletos de romãs maduras e de um vermelho intenso, a fruta do outono no Sul. A cerca de oito quilômetros de Savannah, o bonde fez uma curva e o motorneiro freou de repente. Uma vaca leiteira gorda estava bloqueando a passagem, pastando na grama que cresce entre os trilhos. O motorneiro puxou a corda do apito, mas a vaca não se mexeu. Alguns negros *gullah*[131] desenterravam batatas-doces em um caminho ao lado dos trilhos; um deles foi correndo dar um chute na vaca e ela saiu andando devagarzinho. O motorneiro, que estava rindo, colocou a cabeça para fora do bonde e disse: “Só para você saber: da próxima vez que ela me obrigar a parar, desço do bonde e vou ordenhar a vaca”. O negro, que também ria, disse: “Fique à vontade, capitão. Ela tem bastante para nós dois”.

Pouco tempo depois, atravessamos uma ponte que se estendia sobre uma plantação de arroz e levava até a Isle of Hope. A linha do bonde terminava bem em frente de uns predinhos castigados pelo tempo e a placa de um deles dizia: “Filho de Alexander M. Barbee. Pavilhão de Baile. Administramos a única fazenda de tartarugas-diamante do mundo. Ostras, camarões, caranguejos requintados. Seja bem-vindo”. Esse prédio avançava sobre a água em palafitas, e dois saveiros maltratados estavam amarrados em um atracadouro contíguo; mais tarde fiquei sabendo que essas águas eram do Skidaway, um rio de maré. Entrei no prédio e encontrei Mr. Barbee atrás de um balcão, abrindo garrafas de Coca-Cola para alguns pescadores de camarão. Eu o reconheci graças a uma descrição feita por um iatista do norte que me falou da fazenda pouco antes de eu entrar em férias; ele disse que Mr. Barbee parecia “um

[130] No original, *gray moss*.
[131] Termo usado para se referir aos negros que vivem na região costeira dos estados da Geórgia, da Carolina do Sul e do noroeste da Flórida.

pacato dono de loja do interior". Eu me apresentei e disse a ele que vinha de Nova York e que queria conhecer sua fazenda de tartarugas-diamante.

"Bom", disse ele, "fico feliz de conhecer o senhor. Vou mostrar como tudo funciona e o senhor vai comer cozido de tartaruga até não poder mais. Hoje vamos embarrilar umas tartarugas para um estabelecimento em Nova York. A temporada começa no Norte por volta da segunda semana de outubro e nós começamos a despachar no primeiro dia do outono. Tenho quatro mil e quinhentas tartarugas no meu viveiro que estão prontas para consumo e quero que dê uma olhada nelas, mas primeiro vamos ver a fazenda de reprodução. Ela fica estrada acima". Ele tirou o avental e chamou a esposa, que estava no andar de cima. "Nossa casa fica no segundo andar do pavilhão", ele me disse. A esposa desceu para nos encontrar e ele nos apresentou, dizendo: "Rose, convidei esse cavalheiro para jantar com a gente. Quero que ele experimente a nossa tartaruga". Mrs. Barbee, uma jovem bonita e corada, sorriu e disse: "Será um prazer".

Acompanhei Mr. Barbee até a varanda na frente do pavilhão. "Sem pensar muito", disse ele, "acho bom contar que a coisa mais importante sobre a carne de tartaruga é a sua qualidade fortificante. Ela te dá disposição, energia e força. É só comer um tanto para virar um galo bom de briga. Por que você acha que tantos velhos ricos comem tartaruga? Bom, vou te contar por quê. Uma tartaruga é cheia de uma gelatina nutritiva e essa gelatina faz você se sentir jovem de novo. Para ser franco, funciona como as glândulas de macaco. Se todas as pessoas deste país comessem tartarugas-diamante, a taxa de natalidade aumentaria num piscar de olhos. Houve uma época em que os brejos do litoral estavam tão cheios de tartarugas que eles usavam para alimentar os escravos que trabalhavam nas plantações. Era mais barato que banha de porco. Bom, fui até a prefeitura em Savannah um dia e um homem me mostrou uma papelada antiga que ele tinha encontrado, e disse que os proprietários das plantações de Chatham County foram proibidos de dar tartaruga para os escravos porque eles procriavam mais por causa dela. Eles queriam que os escravos procriassem, claro, mas não tanto como estava acontecendo. Nossa, eles passavam o dia inteiro procriando. Afinal de contas, tudo tem um limite."

Nós começamos a percorrer um caminho feito com pedaços de conchas de ostras que percorria a margem do rio e eu disse: "Deve ser conveniente ter um pavilhão com uma linha de bonde que termina bem na frente do prédio".

“Para falar a verdade”, disse Mr. Barbee, “não é por acaso. De certa forma, foi como a fazenda de tartarugas começou. Meu pai, Alexander Barbee, era um condutor nessa estrada na época das máquinas a vapor. Ele era de ascendência francesa e gostava de comer. E comprava tartarugas que pessoas de cor capturavam nos brejos ao longo da ferrovia. No início, ele comprava só uma porção de vez em quando para consumo próprio, mas com o tempo passou a vender as tartarugas, despachando barris para Maryland.

“Bom, por volta de 1895, as tartarugas-diamante se tornaram tão raras que o preço subiu muito. De tanto que pescaram o bicho. Quando um velho milionário do Norte decidia promover um banquete, ele às vezes tinha que mandar homens percorrerem a costa de cima a baixo para conseguir um suprimento. Então, em 1898, aconteceu que papai decidiu usar o tempo livre que tinha da ferrovia para investir na criação de tartarugas-diamante em cativeiro. Alguns cientistas ianques com quem ele se correspondia disseram que era uma ideia absurda, impossível mesmo, mas de tanto sair à noite com pessoas de cor para percorrer os brejos salgados ele passou a entender de tartarugas-diamante melhor do que ninguém. Quando se sentiu pronto para comprar terras para sua fazenda de tartarugas, ele naturalmente pensou no fim da linha de trem. Ele sempre achou boa a terra naquela área. Era a cena mais linda do mundo: quando ele chegava ali, ele relaxava e fumava um charuto. Então ele comprou uns terrenos pantanosos, construiu um galpão e encheu o lugar de tartarugas. Toda vez que desembarcava no fim da linha de trem, ele ia cuidar dos bichos. Ele conseguiu fazer com que as tartarugas procriassem e, lá por 1912, elas estavam procriando tanto que ele resolveu pedir demissão da ferrovia. De tempos em tempos, ele comprava mais terras na região. Era um homem incomum. Ele tocava corneta em uma banda em Savannah e gostava de se divertir, por isso construiu um pavilhão de dança aqui. O pavilhão não é nenhuma mina de ouro, mas nós mantivemos o negócio funcionando. Eu meio que gosto dele. O pessoal vem de Savannah para cá em noites quentes para sentir o cheiro do mar e se refrescar, e você sabe como é – é bom ver gente.”

Chegamos ao fim do caminho feito de conchas quebradas de ostras e encontramos um galpão comprido e baqueado no meio de um bosque de carvalhos. Um musgo verde crescia sobre as telhas do teto e a tinta das ripas de madeira estava descascando. Havia um cadeado enorme na porta. “Este galpão é a fazenda de tartarugas”, disse Mr. Barbee. “Elas nascem aqui e ficam aqui até completarem nove anos de idade. No

começo do nono verão, elas vão para o confinamento e são estimuladas a comer até não poder mais. No outono, depois de passarem por quatro ou cinco meses de engorda, elas são colocadas no mercado. Dá para comer uma tartaruga com cinco anos de idade, mas acho que o sabor é melhor por volta dos nove. Além disso, é um desperdício comer tartarugas jovens, considerando que são necessárias duas tartarugas de nove anos para produzir meio quilo de carne limpa." Ele destrancou a porta, mas não abriu. Em vez disso, como se tivesse mudado de ideia de repente, ele desceu os degraus do galpão e retomou a história de seu pai.

"Papai morreu dez anos atrás e eu assumi", disse ele. "Ele era um homem e tanto, mas sou suspeito para dizer isso. Aquela casa branca que a gente viu na curva do caminho de conchas era onde ele morava. O quarto dele ainda está do mesmo jeito que ele deixou. É chamado de Quarto Musical Barbee porque tudo dentro dele toca música. Encoste na cama e uma caixinha de música no colchão toca uma melodia. Pendure o chapéu no cabideiro e acontece a mesma coisa. Pegue qualquer coisa da mesa, de um copo para jogar dados até uma escova de cabelo, e você ouve outra melodia. Nossa, existem cento e cinquenta objetos dentro daquele quarto que acionam uma melodia quando você encosta neles. Existe um vagão turístico em Savannah que traz as pessoas até aqui, na ilha, só para visitar o quarto, e nós contratamos uma garota de cor para cuidar do quarto e responder a perguntas. Aposto que metade dos iatistas que viajam para a Flórida no inverno já visitaram o quarto.

"As três coisas de que papai mais gostava eram tartarugas-diamante, caixinhas de música e William Jennings Bryan. Em 1911, pouco antes de sair da estrada de ferro, ele colocou um ninho de ovos de tartaruga debaixo do braço e viajou para Washington e foi falar com Mr. Bryan em seu hotel. Ele tinha um ovo que precisava só de alguns minutos para chocar e ele disse para Mr. Bryan: 'Faz tempo que admiro o seu trabalho e gostaria de pedir um pequeno favor. Gostaria que o senhor segurasse este ovo de tartaruga na mão até que o filhote quebre a casca'. Mr. Bryan saltou da cadeira e disse: 'Que ideia mais absurda! Tire essa coisa daqui!'. Mas papai era conhecido por fazer as coisas do seu jeito. As pessoas diziam que ele convencia qualquer um a fazer qualquer coisa. Diziam que ele convencia um cachorro a morder o próprio rabo. Então ele convenceu Mr. Bryan a segurar o ovo e, em cerca de vinte minutos, um filhote de tartaruga-diamante quebrou a casca na mão de Mr. Bryan. Papai o agradeceu e disse que chamaria a tartaruguinha de William Jennings Bryan, mas Mr. Bryan pediu misericórdia e disse para papai usar qualquer outro nome. Então

papai deu a ela o nome de Toby. Ele cuidou de Toby por muitos anos. Ele gostava de carregar Toby no bolso do casaco para onde quer que fosse. Ele treinou a tartaruga para que ela piscasse o olho direito toda vez que ele dizia: 'Ei, Toby, aceita um drinque?'."

Mr. Barbee deu uma gargalhada. "Com certeza", disse ele, "papai era uma figura". Ele abriu a porta do galpão. Uma passarela estreita se estendia até o fim do galpão e, de cada lado havia nove nichos forrados de milhares de tartarugas de várias idades. Algumas tinham o tamanho de um dedo e outras eram do tamanho de uma mão. Havia um cheiro almiscarado e agradável no galpão. A tartaruga-diamante é uma criatura encantadora. Dos dois lados de sua cabeça protuberante, que lembra muito a de uma cobra, existem lindas linhas e manchas multicoloridas. O casco dela brilha como couro curtido. Na parte de cima do casco, ou carapaça, existem treze desenhos com o formato de diamantes, que podem ser de um dourado pálido, prateados ou quase pretos. Às vezes, aparece uma tartaruga com quatorze diamantes no casco; Mr. Barbee disse que as pessoas na Isle of Hope guardam esses cascos raros para dar sorte. A parte de baixo do casco, ou plastrão, é da cor das teclas de um piano velho. "Medimos as tartarugas colocando uma régua de aço no plastrão", disse Mr. Barbee, se inclinando para pegar uma tartaruga num dos nichos. A criatura abriu sua mandibulazinha sinistra, movendo a cabeça da direita para a esquerda, e lutou com suas patas. "Esta fêmea aqui vai chegar a dezesseis centímetros, o que significa que ela está com mais ou menos oito anos de idade. No ano que vem, estará pronta para ser consumida. O preço de uma tartaruga no varejo depende principalmente do comprimento do casco. Em Nova York, você paga algo entre três dólares e cinquenta centavos e até cinco dólares por uma fêmea de dezesseis centímetros. Uma de vinte centímetros pode chegar a sete dólares." Mr. Barbee percebeu que eu estava olhando para a mandíbula da tartaruga. "Ah, elas nunca mordem", disse ele.

"Machos também são usados na cozinha?", perguntei.

"A carne de uma tartaruga-diamante macho é mais dura, mas também é saborosa", disse ele. "Um macho não cresce tanto quanto uma fêmea. É raro ver um com mais de treze centímetros. Além disso, dos ovos chocados no cativeiro, produzimos dezoito fêmeas para cada macho. Não sei explicar por quê. Os machos têm a tendência de ficar um pouco exaltados na época de procriar e, para evitar que morram de tanto trabalhar, nós sempre colocamos uns machos selvagens junto deles para ajudar. Isso deixa o bando mais forte. Nós contratamos caçadores para capturar tartarugas-

diamante selvagens no inverno, quando elas estão hibernando. Uma tartaruga-diamante selvagem não come nada até março, mais ou menos. Elas se enterram na lama do brejo e hibernam o inverno inteiro. Elas sempre fazem um buraco de ar na lama e é isso que os caçadores procuram. Alguns caçadores usam cães chamados de cães de tartarugas-diamante, que são treinados para encontrar esses buracos. Quando um cão encontra um buraco, ele late e o caçador desencava a tartaruga. Nós compramos tartarugas-diamante selvagens e vendemos junto com nossa linhagem criada em cativeiro. Minhas tartarugas são criadas de um modo tão natural que elas têm exatamente o mesmo gosto das selvagens recém-tiradas da lama. É impossível perceber a diferença."

Mr. Barbee devolveu para o nicho a tartaruga que tinha na mão e ela saiu rastejando. Ele disse que, assim como em um ambiente selvagem, as fêmeas de cativeiro começam a botar ovos no fim da primavera, fazendo ninhos em buracos rasos que cavam com as patas traseiras na areia do chão do galpão. Uma fêmea pode botar ovos duas vezes em uma estação, gerando um total de vinte ovos. Um ovo é do tamanho de uma noz-pecã, e é elástico; ele não quebra sob pressão. Nos mangues, os ovos são chocados por dois a três meses; na fazenda, são roubados dos ninhos e colocados em uma incubadora. Ao ser questionado sobre como esse processo é realizado, Mr. Barbee se recusou a responder. "Esse é o segredo da família Barbee", disse ele.

Um velho negro apareceu no galpão. "Cooky está na área", disse o negro. Ele estava carregando um balde. "Jesse Beach, meu capataz", disse Mr. Barbee. "O balde está cheio de pernas de caranguejo e ostras picadinhas." O velho atravessou a passarela, jogando um punhado de comida em cada nicho. Percebi que, quando ele entrou no galpão, as tartarugas começaram a rastejar para perto da passarela. "Elas conhecem Jesse", disse Mr. Barbee. As tartarugas convergiram para a comida, disputando espaço entre si, bem como cachorrinhos fazem. Elas comiam com vontade. "Tartarugas-diamante são ótimos animais de estimação", disse Mr. Barbee. "Vendo vários filhotes com esse propósito. Eles são muito mais interessantes do que as tartaruguinhas bobas que eles vendem em pet shops."

Acompanhamos o velho negro para fora do galpão e Mr. Barbee trancou a porta. "Vamos dar uma olhada no setor de engorda", disse ele. Fomos até um dos barracões perto do pavilhão. Ele abrigava uma fábrica de conservas de carne de caranguejo, mais um dos empreendimentos bem-sucedidos de Mr. Barbee. Entre o barracão e a margem do rio, havia um curral feito de tábuas, metade dele na água, metade na

margem pantanosa. A água rasa e lamacenta dentro do curral borbulhava com quatro mil e quinhentas tartarugas crescidas. "Aqui é o céu das tartarugas-diamante", disse Mr. Barbee. De um lado do curral, havia uma calçada de cimento e, quando pisamos nela, nossas sombras passaram pela água e, na mesma hora, as tartarugas que tomavam banho de sol na superfície mergulharam para o fundo. As pontas de suas cabeças curiosas reapareceram imediatamente e consegui ver centenas de pares de olhos que pareciam miçangas olhando para mim. "Elas são gordas e corajosas", disse Mr. Barbee. "Uma tubulação liga a mesa de preparo na fábrica de conservas de carne de caranguejo e o setor de engorda e todas as pernas e carnes descartadas dos caranguejos caem direto na água. A tartaruga-diamante fica perto do bico da tubulação e devora tudo que chega. Mais cedo ou mais tarde, essa tartaruga-diamante vai aparecer nas melhores mesas do país. Só Deus sabe como elas são caras, mas isso não tenho como evitar. Dou de comer às tartarugas por nove anos até que elas possam ser vendidas e quando você pensa em toda carne de caranguejo e nas ostras da Geórgia que essas criaturinhas consumiram, dá para entender porque uma tigela pequenininha de cozido de tartaruga-diamante custa três dólares e cinquenta centavos." Enquanto estávamos parados ali olhando para uma piscina de lama com mais de onze mil dólares em répteis elegantes, o capataz negro saiu carregando um barril vazio e um cesto de musgo de árvore. Depois de umedecer uma parte do musgo, ele forrou o fundo do barril com ele. O barril tinha buracos para a entrada de ar. Em seguida, pegou seis tartarugas na piscina lamacenta. Ele as esfregou com uma escova dura e as colocou sobre o musgo úmido. Em seguida, cobriu as tartarugas com musgo e colocou mais seis sobre essa camada, continuando com esse processo de sanduíche até que o barril ficasse com três dúzias. Enquanto ele estava tampando o barril, Mrs. Barbee apareceu em uma janela do pavilhão e chamou: "Venham jantar".

A mesa foi posta na varanda dos fundos do pavilhão, com vista para o Skidaway, e havia uma garrafa de *amontillado*[132] sobre ela. Mr. Barbee e eu nos servimos da bebida e pouco depois Mrs. Barbee trouxe três tigelas de cozido de tartaruga-diamante, feito no estilo sulista, tão quente que borbulhava. Nós três nos sentamos e, enquanto comíamos, Mrs. Barbee listou para mim os ingredientes do cozido. Nele vai a carne, o coração e o fígado de duas tartarugas-diamante abatidas naquele mesmo dia, oito gemas de ovos cozidos esmagadas e peneiradas, duzentos gramas de

[132] Um xerez meio seco.

manteiga caseira, um litro de leite integral, um pouco de farinha de trigo, uma pitada de sal, uma de noz-moscada e um copo e meio de *amontillado*. A carne se desmanchava ao redor dos ossinhos das tartarugas, dava para comer de colher e o gosto era de cogumelos delicados. Repeti o prato duas vezes. O dia estava frio com o céu limpo e, sentado ali, bebendo um xerez seco e comendo tartarugas-diamante, olhei para as folhas escarlates dos liquidâmbares e dos bordos na margem do rio, para os maçaricos[133] correndo com as pernas esticadas sobre a areia, e para as pessoas sentadas sob o sol nos deques dos iates ancorados no Skidaway, e me dei conta de que naquele instante eu era um ser humano feliz. Depois do cozido, comemos croquetes feitos com carne de caranguejo e uma salada de camarões pequenininhos da Geórgia. Depois comemos um badejo da Carolina que tinha sido pescado no Atlântico naquela manhã bem da boca do Skidaway. Com o badejo macio e adocicado, comemos um feijão-manteiga e espigas de milho que tinham sido colhidas poucos minutos antes de irem para a panela. Era uma da tarde quando começamos a comer; tomamos café às quatro.

Três dias depois, de volta a Manhattan, visitei o mercado de tartarugas-diamante de Nova York, que ocupa três casas antigas perto da esquina das ruas Beekman e Front, no Fulton Market. A maior das casas é da Moore & Co., um estabelecimento antigo que vende feijão preto, sopa de tartaruga e cozido de tartaruga-diamante, hoje comandado por um chef chamado Francesco Castelli. A cada inverno, ele vende cerca de dois mil litros de cozido de tartaruga-diamante. Nas instalações de Mr. Castelli, encontrei o barril que eu tinha visto o capataz de Mr. Barbee preparar na Isle of Hope. "Compro bastante do Barbee e, antes, comprava do pai dele", disse Mr. Castelli. "Também compro tartarugas-diamante de Chesapeake Bay, de Cape Hatteras na Carolina do Norte, de Nova Jersey e de Long Island." Mr. Castelli acredita que a carne de tartaruga, da diamante e de outras, é a mais saudável que existe e gosta de contar a história de um fox terrier que ele tinha na fábrica e que só comia carne de tartaruga até morrer em 1921, com vinte e cinco anos de idade. Ele usa todas as tartarugas-diamantes em seus cozidos e não vende nenhuma viva.

As vivas são vendidas por um velho irlandês muito astuto que trabalha na Front Street. O nome dele é D. R. Quinn, que trabalhou nesse ramo a vida inteira e nunca conseguiu gostar da carne, e pela Walter T. Smith, Inc., também na Front Street. A

[133] Um tipo de pássaro comum na América do Norte.

Smith existe há sessenta e dois anos e é a maior empresa de comércio de tartarugas no mundo inteiro; e seu código para telegramas, "tartarugando"[134], é conhecido por muitos chefs europeus. A empresa vende todo tipo de tartarugas comestíveis, inclusive as traiçoeiras tartarugas-mordedoras e tartarugas-verdes enormes vindas do Caribe, pesando setenta quilos, que estão na origem da maior parte das sopas de tartaruga. As mordedoras, apreciadas em sopas na Filadélfia, não são populares por aqui. Elas podem derrubar um homem com seu rabo parecido com o de um aligátor e são conhecidas por arrancar os dedos de pescadores; poucos chefs de Nova York são durões o suficiente para lidar com elas. Conversei com Mr. Kurt W. Freund, gerente da firma, ele me conduziu pelos degraus gastos da escada que levava até a sala onde ficam os tanques e me mostrou tartarugas-diamante de todos os estados da Costa Leste com exceção do Maine. Algumas eram de mangues de Long Island. Ele disse que, no Norte, a caça às tartarugas-diamante é uma atividade paralela para os pescadores, e que poucos caçadores ao norte de Maryland conseguem pegar mais que duas dúzias por ano.

"Acho que você ficou com a impressão de que quase toda as nossas tartarugas-diamante são compradas por gente milionária", disse Mr. Freund. "Se esse for o caso, não se engane. O ramo de tartarugas-diamante sofreu um golpe terrível com a Lei Seca e nunca mais se recuperou, e há vários anos o nosso maior cliente é o chinês pobre que trabalha em lavanderias. Calculo que setenta por cento das dezesseis mil tartarugas-diamantes vendidas vivas nesta rua no ano passado foram compradas por velhos chineses. Dê uma olhada pela janela e veja a minha placa." Pendurada em uma janela do segundo andar, um letreiro de madeira vermelho e branco exibia caracteres chineses. Mr. Freund disse que a pronúncia dos caracteres era "dim ten guoy" e que significavam "tartaruga-diamante". Ele disse que, sempre no outono, contrata um chinês para escrever as placas com os preços da tartaruga-diamante, que são vendidas às centenas em Chinatown.

"Quando um velho chinês se sente mal, ele não corre para o médico nem para a farmácia", disse Mr. Freund. "Ele economiza seu dinheirinho e compra uma tartaruga-diamante. Ele a cozinha com ervas medicinais e uísque feito de arroz. Em geral, coloca tanto uísque que, em vez de tomar um fortificante, acaba tomando um porre. No outono e na primavera, um monte de velhos chineses vem regatear comigo.

[134] Naquela época, havia endereços usados apenas para o serviço de telegramas e estes eram palavras-chave; em inglês, chamam de *cable address*.

Eles pesam as tartarugas-diamante com a palma da mão, analisam cada uma e às vezes deliberam por uma hora até decidir qual levar. Eles dizem que a tartaruga é venerada na China há séculos. É um tipo de réptil sagrado. Muitos dos meus clientes chineses mais assíduos são velhos donos de lavanderia e sei que alguns deles são muito pobres, mas eles acreditam que a carne da tartaruga-diamante faz muito mais bem que um mês no hospital, e estão dispostos a pagar o preço que for."

Contei para Mr. Freund que Mr. Barbee disse acreditar que tartaruga-diamante é melhor que glândula de macaco para recuperar a juventude.

"Falando sério", eu disse, "você acha que isso é mesmo possível?"

"Trabalho com tartarugas-diamante há muitos anos, também consumo a carne e falei sobre isso com dezenas de velhos chineses", disse Mr. Freund, "e eu não ficaria nem um pouco surpreso se isso fosse verdade".

(1939)

II

Tchau, Shirley Temple

Frequento a espagueteria de Madame Visaggi na 3rd Avenue desde a época dos barzinhos ilegais[135], e conheço todos os clientes mais antigos. Madame Visaggi se refere a eles como "os habituais". Peggy está entre eles. É uma irlandesa, de cerca de trinta e cinco anos, que trabalha no escritório de um açougue atacadista na 1st Avenue. Ela come no Madame Visaggi quase toda noite. Com frequência, vai embora depois de encher a cara de conhaque, mas seu apartamento fica a poucos quarteirões de distância, em Tudor City, e ela sempre chega bem em casa. O açougueiro é seu tio, e não reclama se ela chega tarde para trabalhar. Peggy é uma garota atraente apesar de uma grande marca de nascença na bochecha esquerda, que a deixa insegura. Quando ela chega, entre cinco e meia e seis horas, está sempre tensa. Ela diz: "não estou me sentindo bem". Então pega uma das mesas com sofá de frente para o bar, pede um conhaque, e abre um jornal vespertino. Quando termina de ler o jornal, ela já tomou dois ou três drinques e superou a insegurança. Nesse ponto, não se incomoda se um dos habituais chega para dividir a mesa com ela. Peggy conhece várias histórias irlandesas tristes, usa palavrões ferozes e criativos, e as pessoas gostam de conversar com ela. Todos os habituais estão acostumados com o fato de que Eddie, o *barman*, é apaixonado por ela há vários anos. Eddie tem um interesse genuíno pelo restaurante. Ele é grande, animado e burro. Vive pedindo para Peggy não beber tanto, e a convidando para sair. Certa vez, Madame Visaggi se sentou para falar com Peggy e disse: "Peggy, querida, me conte uma coisa. Por que você não gosta do Eddie? Ele é um rapaz tão bom". Peggy bufou e disse: "Não quero saber do Eddie". Aí ela riu e disse: "Ah, o Eddie é OK".

Outro dos habituais é Mike Hill. Ele trabalha em um escritório logo na esquina, na Lexington, e aparece sempre para tomar uns drinques antes de descer para pegar seu trem na Grand Central. Toda quarta-feira à noite a mulher dele vem para a cidade e eles jantam no Madame Visaggi e vão ao teatro. Numa noite de quarta-feira, eles

[135] Referência aos *speakeasies*, bares clandestinos que funcionavam durante a Lei Seca (1920–1933).

trouxeram a filhinha para conhecer o Madame Visaggi. Mrs. Hill disse que passou a tarde fazendo compras, e parecia cansada, mas a menininha estava cheia de energia. Ela parecia ter mais ou menos cinco anos, e seu cabelo era cacheado. Madame Visaggi a pegou no colo, deu um beijo em cada bochecha, e a colocou sentada no balcão do bar. “Olá, Shirley Temple”, disse ela. Eddie pegou um cavalinho branco que enfeitava o gargalo de uma garrafa de uísque e deu para a criança. Em seguida, Madame Visaggi disse para Eddie tirar uma garrafa de champanhe da geladeira. “Por conta da casa”, disse. Ela se virou para Mrs. Hill e disse: “Vamos jantar todos juntos hoje. Um prato especial. Por conta da casa”. Eles tomaram martinis no bar e depois foram para o salão de jantar nos fundos. Na entrada do salão, Madame Visaggi se virou e disse: “Eddie, traz uma garrafa de gengibirra para a Shirley Temple”.

Pouco tempo depois, a criança voltou para o bar. “Olá, minha jovem”, disse um senhor de pé diante do balcão. “Olá”, disse a criança. O senhor disse: “Você gostou desse restaurante?”. A criança disse: “Gostei”, e as pessoas que estavam no bar riram. A criança achou divertido e disse: “Quê que o chão falou pra mesa?”. O senhor pensou por um instante e respondeu: “Não sei”. “Feche as pernas que eu estou vendo tudo”, disse a criança. Aí ela deu uma gargalhada e voltou correndo para o salão de jantar. Num minuto ou dois, ela voltou de novo. Dessa vez, caminhou pela linha de mesas com sofá, dando uma olhada em cada uma delas. Eu estava sentado numa das mesas do meio com Peggy e uma garota chamada Estelle, amiga de Peggy. A criança olhou para nós e sorriu. Peggy disse: “Olá”. “Olá”, disse a criança. Ela estava indo embora quando Peggy perguntou: “Qual é o teu nome?”. A criança disse: “Meu nome é Margaret”. “Nossa, é o meu nome também”, disse Peggy. Estelle colocou a criança sentada no sofá e a envolveu com o braço. A criança olhou para Peggy do outro lado da mesa e disse: “Quê que é isso no teu rosto?”.

Peggy hesitou por um instante. Então disse: “Foi Deus que fez, Margaret”.

“E dá para tirar?”, a criança perguntou.

Estelle interrompeu. “Você vai para a escola?”, perguntou ela.

“Não”, disse a criança. Ela olhou para Peggy de novo e disse: “Por que Deus fez isso?”.

“Porque eu era uma menina má”, disse Peggy.

“Que foi que você fez?”

Peggy pediu um cigarro para Estelle. Enquanto Peggy acendia o cigarro, a criança não parava de olhar para ela.

“Que foi que você fez?”, perguntou ela de novo.

“Matei meu pai com um tiro na cabeça, arranquei o coração dele e comi”, disse Peggy.

“Quando?”

Estelle interrompeu de novo.

“Quantos anos você tem, lindinha?”, perguntou ela.

“Cinco e meio”, respondeu a criança.

Ela olhou para Peggy e disse: “Posso passar a mão?”.

Peggy disse: “Claro”. Ela se inclinou sobre a mesa e a criança passou a mão na sua bochecha esquerda. Então Madame Visaggi veio da sala de jantar, procurando a criança. E pegou a menina no colo. “Você tem que tomar sua sopa para crescer e ficar forte”, disse ela.

“Tchau”, disse a criança para Peggy.

“Tchau, Shirley Temple”, disse Peggy.

Todo mundo ficou quieto ao redor da mesa por alguns minutos. Fiquei com medo de dizer qualquer coisa. Até que Estelle perguntou se Peggy queria ver um filme com ela no Loew's Lexington.

“Vai te fazer bem”, disse Estelle.

“Que se dane”, disse Peggy.

Começaram um jogo de dados no bar, eu e Estelle fomos até lá jogar um pouco. Peggy disse que não estava a fim de jogar. Havia seis pessoas no jogo, apostando drinques. Na segunda vez em que os dados caíram no balcão, olhei para Peggy e pensei se deveria lhe oferecer um drinque para ela a filhinha de Mike Hill estava por ali de novo. Ela estava de pé bem diante da mesa de Peggy. Vi Peggy se inclinar para falar com a menina. A criança olhava para Peggy, fascinada. Quando Peggy parou de falar, a criança andou de costas por alguns passos, recuando. Depois se virou e saiu correndo na direção do salão de jantar. O jogo de dados tinha empatado duas vezes. Fiquei sem saída. Paguei a rodada e eu e Estelle voltamos para a mesa com Peggy.

“Vi que a menina voltou para falar com você”, eu disse.

Peggy riu.

“Mandei a Shirley Temple voltar para mãe dela”, disse ela.

A cada vinte minutos, mais ou menos, Estelle e eu íamos até o balcão e apostávamos uns drinques com os outros. Toda vez que voltávamos para a mesa, levávamos um

conhaque para Peggy. Tentamos conversar com ela, mas ela não dava bola para nós. Estava lenta e quieta.

Às dez horas da noite, Mrs. Hill veio do salão de jantar com Madame Visaggi. "Obrigada por tudo", disse Mrs. Hill. "O jantar estava maravilhoso e muito obrigada pelo champanhe." "Não, não, não", disse Madame Visaggi. "Não foi nada." Em seguida, veio Mike. Ele carregava a menininha nos braços. Ela parecia sonolenta. Eles disseram boa noite para Eddie e estavam caminhando na direção da saída. Quando passaram pela mesa em que nós estávamos sentados, a menininha começou a chorar e a se debater de um jeito histérico. Mike a colocou sentada em um banco do bar e disse: "Qual é o problema, bonequinha?". A criança continuava gritando. "Ela está cansada e com sono", disse Mrs. Hill. "Ela teve um dia cheio. Deixa que venha no meu colo." De repente, Peggy disse: "Que vá para o inferno". Ela levantou abruptamente e foi andando na direção da saída. Nós achamos que ela ia embora do restaurante e me levantei para acompanhá-la, mas quando chegou na entrada do bar, ela virou para a esquerda e foi ao banheiro feminino. Assim que Peggy saiu de perto, a criança se acalmou. "Já passou da hora de ela dormir", disse Mrs. Hill. Depois todo mundo agradeceu e se despediu de Madame Visaggi mais uma vez e foram embora.

Pouco depois, outro jogo de dados começou. Enquanto estávamos jogando, Peggy reapareceu. Ela não voltou para a mesa. Ela ficou do meu lado e apoiou os cotovelos no balcão do bar. Dava para ver que tinha chorado. Sem pensar muito, Eddie serviu um pouco de conhaque para ela.

"Tudo bem, Peggy?", perguntou ele.

Peggy não respondeu. Ela bebeu o conhaque. Depois disse: "Você me levaria para casa, Eddie?".

"Está falando sério?", perguntou Eddie.

"Sim", disse Peggy.

"Você está bêbada?"

"É claro que não", disse Peggy.

"Olha", disse Eddie, "não posso sair do trabalho antes da meia-noite, mas vou pedir para a Madame colocar um dos garçons para atender o bar".

"OK, Eddie", disse Peggy.

(1939)

Sem beber

Já fazia seis semanas, mas Mike não conseguia se acostumar. “Um mês e meio”, disse ele, “e estou só começando. Mais cedo ou mais tarde, vou me acostumar. Vou ter que me acostumar”.

Cinco e meia da tarde era hora de ir embora do escritório e essa era a parte mais difícil do dia. Ele saía sem olhar para trás. Saía como se estivesse com pressa de chegar em casa e caminhava dezoito quarteirões para chegar à sua quitinete. Ele tomava um banho e ia até uma lanchonete na 3rd Avenue. Enquanto comia, tentava parecer preocupado. Mike tinha vergonha de sua solidão; ele não queria que ninguém, nem mesmo o balconista da lanchonete, achasse que ele era solitário. Como várias outras pessoas solitárias, achava isso meio embaraçoso. Em algumas noites, depois de jantar, ele não conseguia voltar para a quitinete e preferia dar uma volta no trem L da 3rd Avenue. Gostava de ver as quatro caldeiras enormes de cobre, lindamente polidas, nas janelas da cervejaria Ruppert, e gostava de sentir o cheiro do lúpulo umedecido, um aroma agradável que tomava conta do vagão sempre que ele passava por ali. Ele descia do trem L na estação de Hanover Square, acendia um cigarro e andava de um lado para o outro na praça de cimento diante do Cotton Exchange. Achava reconfortante andar de noite pela região e ouvir os apitos dos rebocadores no East River. O melhor trabalho que ele teve foi em uma cafeteria a uma quadra da Hanover Square. Isso foi quatro anos atrás e, desde então, ele perdeu outros três empregos, todos por causa da bebida. Depois de um tempo, ele ia embora da praça e voltava a pegar o trem L. No caminho para a parte alta da cidade, ficava olhando para as ruas, para os neons animados e cintilantes na entrada dos bares. “Seis semanas sem beber”, dizia ele. “Seis semanas sem nem uma cervejinha!”. Sempre que se irritava com o L, ele descia do trem e caminhava até ficar exausto para conseguir dormir. Às vezes, andando de noite, ele via coisas que o faziam se sentir melhor porque pensava em outras coisas – uma briga de rua, um acidente de carro, um barco descarregando sacos de cavala encharcados no píer do Fulton Market. No entanto, ele raramente prestava atenção nessas coisas; seu único propósito ao andar era se cansar.

A parte mais difícil do dia para Mike, com certeza, era o momento em que vestia o casaco e o chapéu para sair da companhia atacadista de remédios onde, há três

semanas, tem trabalhado como assistente na contabilidade. Mas a hora do almoço era quase tão ruim. Os outros no escritório, até mesmo Miss O'Brien, a escriturária exigente, comiam do outro lado da rua em um bar e restaurante, mas ele sempre andava um pouco mais para comer na cafeteria. Depois do trabalho, Mr. Schmidt, o contador, e Clancy, chefe do setor de transportes, atravessavam a rua para tomar umas cervejas. Certa vez, Mr. Schmidt, pegando o casaco, enxergou Mike e disse: "Nunca vi você do outro lado da rua, Thompson. Por que você não aparece e toma uma cerveja comigo e com o Clancy?". Mike respondeu: "É que tenho o fígado ruim", e Mr. Schmidt disse: "Que dureza. É bom se cuidar mesmo". Não havia nada errado com o fígado de Mike. Mike abominava a cafeteria, mas tinha medo de ir do outro lado da rua. Ele decidia almoçar no bar e restaurante com os outros e depois ficava pensando e dizia para si mesmo: "Melhor ir para a cafeteria. É como a Betty me falou, eu só vou segurar um emprego se ficar sem beber. Tenho trinta e nove anos e não sou mais um jovem. Foi terrível conseguir esse emprego e preciso cuidar bem dele".

Ele detestava os domingos. O domingo que marcou o começo de sua sétima semana sem beber foi um dia frio e de céu limpo. Ele passou a tarde em sua quitinete, lendo um jornal. Mais tarde, levou sua cadeira para perto da janela e ficou sentado ali. Um território enorme de telhados de predinhos se estendia debaixo de sua janela; em um dos telhados, um criador de pombos balançava uma vara de bambu para espantar seus pássaros. Toda vez que saíam de suas gaiolas, os pássaros voavam em círculos e pousavam na mesma hora a poucos telhados de distância em chaminés decoradas com os sinais amarelos da New York Frame & Picture. Eles se empoleiravam nas chaminés por poucos instantes e depois voavam de volta para as gaiolas para serem mais uma vez espantados. Mike se entreteve com esse jogo. Depois de um tempo, o criador de pombos prendeu os pombos nas gaiolas, tirou um saco de papel do bolso e jogou um pouco de milho em cada gaiola. Depois foi embora do telhado e Mike se sentiu abandonado. Enquanto estava sentado diante da janela, inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados na soleira, escureceu e ele começou a se sentir mal. Ele tinha dormido pouco na noite anterior. Um banho quente não adiantou nada e uma aspirina o deixou ainda mais inquieto. Ele tem se sentido muito trêmulo e muito solitário para dormir. Olhando para os telhados escuros, tentou se controlar, mas não conseguia. Começou a chorar. Ele tirou os óculos e esfregou os olhos. Os olhos estavam vermelhos por falta de sono e ardiam com as lágrimas. Mike chegou a um ponto em que conversava consigo mesmo. "Choro por qualquer coisa, como se fosse

uma velhinha no escuro do cinema", disse ele. "Preciso me controlar de alguma forma." Ele andou de um lado para o outro no quarto maltrapilho. Quando se cansou de andar, deitou na cama, com a cabeça enfiada no travesseiro. Depois de um tempo, ele se sentou. Vasculhou no bolso do casaco, que estava pendurado nas costas de uma cadeira, e pegou os cigarros. Ele se sentou na ponta da cama, fumando no escuro. Quando terminou o cigarro, vestiu o casaco, pegou o chapéu e tateou no escuro até achar a maçaneta da porta. Ele não queria acender a luz e ver, na cômoda, a fotografia de Betty. Ao descer as escadas, Mike pensou: "Ela não tem culpa por ter me deixado. Ninguém tem culpa, a não ser eu mesmo". Na rua, ele se sentia tenso, e tinha a impressão de que as pessoas evitavam olhar para ele.

Ele desceu a rua procurando um lugar diferente para comer. Há seis semanas come em lugares que não vendem bebida – lanchonetes, cafeterias e restaurantes de *yakisoba*. Estava com fome. Depois de ter pagado a pensão para Betty no sábado à tarde e de ter pagado o aluguel da quitinete, sobraram quatorze dólares. Nos velhos tempos, ele gastava o dobro desse valor sem nem se dar conta em uma noite de sábado percorrendo bares. "Estou cansado da gororoba nojenta dessas cafeterias", disse ele. "Quero comer uma refeição decente." Ele olhou para o luminoso de neon de um bar e restaurante. Havia uma fileira de mesas paralela ao balcão do bar. O lugar não estava cheio. Ele podia comer em paz. Mike entrou. Pediu um filé. Um homem velho e outro jovem estavam de pé no bar, debruçados sobre suas cervejas. O velho estava quieto, mas o jovem murmurava uma canção. Ele murmurava por uns instantes, distraído, e então entoava um verso.

"Ah", cantou ele, "a roda do carro fúnebre caiu e o caixão deslizou pela estrada. A viúva saiu de sua carruagem e disse…"

O *barman* veio da cozinha e deu ao jovem um olhar sisudo; ele parou de cantar no meio do verso.

"Não me olhe assim", disse o jovem, franzindo a testa. "Eu sei que sou um incômodo. Sei que não presto para nada. Não presto para mim, não presto para ninguém. No dia em que nasci, queria que tivessem me jogado fora como se eu fosse um gato. Deixa eu tomar uma cerveja. 'Ah, a roda do carro fúnebre caiu e o caixão deslizou pela estrada'. Qual é o problema? Você teve um derrame? Cadê aquela cerveja?"

"Só não vá baixar as calças", disse o *barman*.

"Cala a boca", disse o jovem. "Cadê aquela cerveja?"

"Acho que ele quer uma cerveja", disse o velho, sem levantar a cabeça.

O *barman* relutante pegou um copo vazio e foi em direção à torneira.

"Nunca vi um homem beber tanta cerveja", disse ele, irritado. "Não é humano."

"Bebo bastante cerveja", disse o jovem, piscando para seu companheiro, "porque tenho medo de tomar uísque e virar bebum. Dizem que o uísque faz você virar bebum. E não quero que isso aconteça comigo".

O velho deu uma risadinha.

Comendo seu filé com batatas, Mike relaxou. A atmosfera do bar, as discussões entre os homens que estavam no balcão e o cheiro da cerveja o acalmavam. Era um bar pequeno, um estabelecimento de bairro. Acima do balcão, havia um cartaz de propaganda da Festa do Bingo Monstro na igreja católica que fica virando a esquina. Quando terminou seu café, Mike levantou e caminhou até o balcão, e ficou lá. O *barman* estava na cozinha. Mike ficou diante do balcão, com um pé no apoio para pés e uma mão no bolso da calça. Esfregava moedas uma na outra dentro do bolso e sua palma da mão suava. De repente, ele se deu conta de que não deixou uma gorjeta para a garçonete. Voltou até a mesa e deixou quinze centavos ao lado da xícara de café. Em seguida, o *barman* voltou da cozinha e Mike devolveu a conta com uma nota de um dólar. "Oitenta e cinco centavos", disse o *barman*, pegando o dinheiro de Mike. Ele deu o troco para Mike e Mike vestiu o sobretudo e saiu na direção da porta. Deu uma olhada para o relógio na parede; eram oito e meia. Ele se lembrou da quitinete com a lâmpada dependurada no meio de um teto cheio de manchas e sentiu um aperto no coração, e pensou: "Eu não aguento mais". Diante da porta, ele parou. Ele se virou e caminhou até a máquina que vendia cigarros. "Seis semanas", pensou Mike, "e nem uma cervejinha". Abrindo um maço de cigarros, ele voltou para o bar. O *barman* se aproximou e ficou parado na frente dele.

"O que vai ser?", perguntou ele.

Mike olhava nervoso para as garrafas atrás do balcão e percebeu uma garrafa azul da Bromo-Seltzer[136] virada de ponta-cabeça em seu suporte.

"Me veja uma Bromo", disse Mike.

O *barman* usou dois copos de cerveja para misturar a Bromo. Mike bebeu a mistura efervescente.

"Isso ajuda a melhorar", disse o *barman*, sorrindo.

[136] Uma marca de antiácido usado para aliviar azia, dores de estômago e má digestão.

O jovem olhou para Mike.

"Você também está de ressaca?", perguntou ele.

"Não exatamente", disse Mike.

"Sinto que vou ter uma ressaca daquelas amanhã", disse o jovem.

"Capaz", disse o velho, "você não faz ideia do que é ressaca".

O jovem resmungou.

"Já trabalhei numa loja de bebidas", disse o velho. "Tinha dias em que eu chegava de ressaca e tinha que ficar de pé lá o dia inteiro com todas aquelas garrafas bem na minha fuça. E eu tinha que dizer: 'Sim, senhor, esse é um uísque escocês de primeira. O melhor do nosso estoque', quando eu passava mal só de olhar para a garrafa. Era pior do que um *barman* com ressaca porque o *barman* pode filar um drinque para rebater o mal-estar, mas eu trabalhei naquela loja por seis meses e nunca vi uma rolha ser sacada nesse tempo todo."

"Nossa", disse o jovem.

"E você vem me falar de ressaca", disse o velho, debruçado sobre sua cerveja. "Você não faz ideia do que é uma ressaca."

Mike riu. Ele pensou: "Só uma ou duas cervejinhas não vão me fazer mal. Duas cervejas e daí eu vou para casa. Vou tomar duas cervejas e quem sabe assim consigo dormir. Preciso dormir. Um homem não sobrevive sem dormir". O *barman* viu Mike olhando para a prateleira de garrafas atrás do balcão.

"Você quer alguma coisa?", perguntou ele.

Mike ouviu a si mesmo dizer: "Uma cerveja".

O *barman* removeu a espuma excedente da cerveja com sua pazinha preta. Aí segurou o copo debaixo da torneira por mais um instante. Ele colocou o copo diante de Mike e Mike colocou dez centavos sobre o balcão úmido.

"Primeira cerveja em seis semanas", disse Mike, "faz seis semanas que estou sem beber".

O *barman* não pareceu impressionado.

"É bom dar um tempo de vez em quando", disse ele. "Uma vez fiquei sem beber por oito meses."

"Ah, é?", disse Mike.

"É", disse o *barman*. "Eu estava no hospital."

Os dois riram.

"No São Vicente", disse o *barman*. "Acidente de carro."

Mike deu um gole grande na cerveja. Pouco depois, o velho e o jovem terminaram suas cervejas e foram embora. "Bons sonhos", disse o *barman*, tirando os copos vazios do balcão. Sozinho, Mike de repente se sentiu desolado. Ele terminou a cerveja e acendeu um cigarro. Tinha decidido ir embora quando duas mulheres entraram e sentaram em dois bancos no fim balcão, perto da máquina que vendia cigarros. Elas conheciam o *barman*. "Tudo bem, Tommy?", disse uma delas. "Melhor que nunca", disse o *barman*. "O que vai ser, dois manhattans?" "Como você adivinhou?", perguntou a mulher, sorrindo. Mike ficou animado de novo. Quando terminou de atender as mulheres, o *barman* viu o copo vazio de Mike.

"Mais uma rodada?", perguntou ele.

"Mais uma rodada", disse Mike.

Um homem entrou no bar com o *Daily News*. Ele se sentou no bar e começou a ler a página de quadrinhos no verso do jornal. Não pediu nada, mas o *barman* automaticamente colocou uma garrafa de uísque, um copo de uísque e um copo de água sobre o balcão na frente dele. Quando terminou de ler os quadrinhos, o homem deu uma gargalhada.

"Ei, Tommy", disse ele para o *barman*, "depois dê uma olhada no *Moon Mullins*. Kayo fez uma piada ótima com Lord Plushbottom".[137]

Mike sorriu. A caminho de casa, ele daria uma olhada no *News* e veria qual tinha sido a piada com Lord Plushbottom. Ele comprava um *News* e um *Mirror* e lia até cair no sono. Seu copo estava vazio de novo.

"Deixa eu dizer uma coisa", disse ele para o *barman*, "acho que vou de uísque desta vez. E uma cerveja para acompanhar".

"OK", disse o *barman*. "Uísque e uma cervejinha."

Ele colocou a garrafa de uísque diante de Mike.

"É bem como eu me lembro", disse Mike, enchendo o copo.

(1939)

[137] *Moon Mullins* era o nome de uma tira de quadrinhos criada por Frank Willard que circulou nos Estados Unidos de 1923 até 1991. Ela mostrava a vida de Moonshine Mullins, um sujeito tosco com hábitos de *bon vivant*, mas sem dinheiro para sustentar seus apetites – por uísque, corridas de cavalo e jogos de cartas. Ele morava numa pensão cuja proprietária, Emmy Schmaltz, casou com um lorde inglês de nome Plushbottom ("traseiro de pelúcia", numa tradução literal). A fineza do lorde com a tosquice de Moon rendiam várias piadas.

A amável senhora loira

Eu estava no Shine, um restaurante irlandês perto da Pennsylvania Station, comendo anchovas. Um homem e uma mulher entraram e pegaram a mesa em frente à minha. Enquanto eles se abancavam, o homem disse para o garçom que eles vinham da pista de Belmont. O garçom parecia feliz de ver o casal. O homem era careca e corado e enorme. Parecia um empreiteiro, ou talvez tivesse alguma coisa a ver com os cavalos. A mulher era uma loira bem vestida, grande e saudável. Ela parecia a líder de um clube Tammany, ou uma velha atriz de vaudeville que tinha dinheiro guardado, ou casou bem. O garçom ofereceu cardápios e o homem começou a ler o dele na mesma hora, mas a mulher pediu um old-fashioned[138] antes de abrir o seu. O homem ficava passando o dedo debaixo do colarinho e girando a cabeça de um lado para o outro. Quando o garçom serviu o coquetel para a mulher, o homem olhou para o copo com irritação.

"Esse é o único jeito que existe de pagar dez centavos por um pedacinho de casca de laranja", disse ele, encarando o coquetel. "É a mesma quantidade de uísque que tem numa dose. Eles enfiam um pedaço de casca de laranja e cobram trinta e cinco centavos."

"Eu gosto", disse a loira.

"Prefiro o meu sem frescura", disse ele.

Ela estava pensando em pedir mariscos e um sável. Ele disse que achava que queria espaguete. Ele falou sem nenhum entusiasmo.

"Vou tomar mais um coquetel antes de pedir a comida", disse ela.

"Pois faça isso", disse o homem.

O tom dele fez com que ela levantasse os olhos do cardápio. Ela fechou o cardápio e olhou bem para ele.

"Não vai beber nada, Jim?"

"Não."

"É por isso que você está mal-humorado o dia inteiro?"

"Acho que sim. Desculpe."

"Aconteceu alguma coisa, Jim?"

[138] Coquetel preparado com açúcar, bíter e uísque, guarnecido com uma casca de laranja.

“Não sei. Faz três dias que não bebo. Fui ver meu médico, o doutor Phillips. Ele me mandou parar de beber. Ele disse que os charutos e a bebida estão me matando. Fiquei preocupado. Isso que ele falou me deixou preocupado.”

O garçom veio e a mulher disse que queria mais um coquetel e uma dúzia de mariscos. Ela tirou da bolsa um maço de cigarros. O homem acendeu um fósforo para ela. Ela deu uma tragada longa e soltou a fumaça pelo nariz.

“Eu tinha um amigo que gostava de espaguete”, disse a loira, descansando os cotovelos gordos sobre a toalha da mesa. “Ele devia pesar uns cento e cinquenta quilos. Grande como um boi. Ele orientava apostadores em corridas de cavalo. Tomava uma garrafa de uísque por dia e, no verão, tomava dez, quinze cervejas numa sentada.”

O homem resmungou.

“Ele era italiano e o nome dele era Al”, disse a loira, “mas ele nunca bebia vinho. Um dia, começou a sentir umas pontadas de dor. O médico disse que era melhor ele parar de beber. Ele nunca mais se recuperou; teve que parar de trabalhar. Ele foi até a minha casa numa noite pra jantar e eu disse pra ele: ‘Al, teu corpo é como uma máquina. Ele precisa de óleo pra funcionar. Ficar sem óleo vai acabar matando você’. Eu estava certa. Um ano e meio depois, ele morreu. Ele ainda estaria aqui se tivesse continuado a beber com alguma moderação. Na minha humilde opinião, ele foi morto pelo médico”.

“Imagino que o coração dele não aguentou”, disse o homem.

“Foi o que eu falei para ele”, disse a loira. “Eu disse: ‘Al, você não vai aguentar assim. Teu coração não vai suportar’.”

“Qual era a idade dele?”

“Ele tinha cinquenta e poucos, Jim. Tinha mais ou menos a tua idade, Jim. Ele achava que ia viver até os noventa se parasse de beber. Dizia que todos os homens da família dele viviam até os noventa. Coitadinho do Al. Em um ano e meio, ele morreu. Morreu na miséria. Mal deixou dinheiro pra pagar o funeral.”

Eles ficaram em silêncio por um tempo e depois o homem se ajeitou na cadeira.

“Bom, isso serve de exemplo”, disse ele.

O garçom trouxe o segundo coquetel da mulher e o prato de mariscos. Ela olhou para eles com uma cara feia.

“Se você não se importar”, disse ela para o garçom, “esses mariscos estão muito pequenos. Gostaria dos cherrystones, por favor. Se você não se importar.”

O garçom pegou o prato de littlenecks.
“Jim, por favor”, disse ela para o homem. “Se eu fosse você, eu tomava um drinque.”
Quando o garçom estava a seis passos da cozinha, o homem o chamou de volta.
“Uma dose de uísque”, disse ele. “Me veja uma dose de uísque.”
“Água com gás ou refrigerante para acompanhar?”
“Uísque e uma água sem gás”, disse o homem.

Quando o garçom trouxe as cherrystones, a loira olhou para os mariscos e disse: “Agora, sim”. Ela pegou o garfinho e começou a comer os mariscos. O homem virou o uísque no copo de água e misturou. Deu um gole e ficou quieto por um instante.
“Quer saber?”, disse ele para a loira. “Acho que vou mudar de ideia. Acho que vou pedir ovas de sável com bacon. Logo a temporada de ovas de sável vai acabar.”
Ela estava com uma cherrystone a meio caminho da boca.
“Pessoalmente, Jim, sempre gostei mais do peixe do que das ovas”, disse ela, sorrindo para ele. “Está se sentindo melhor agora, querido?”

(1938)

Não fazia sentido para mim

Existe um lugar para comer na River Street em Hoboken, do outro lado do cais, a alguns quarteirões do galpão da balsa Lackawanna, chamado My Blue Heaven Italian Restaurant. Em um verão, voltei de Copenhague num cargueiro de Hog Island onde a comida era ruim e, quando o cargueiro aportou em Hoboken, o primeiro lugar para comer que vi foi o My Blue Heaven e fui direto até lá carregando minha mala de viagem. Escolhi uma mesa e o garçom me deu o cardápio, mas, antes que eu começasse a ler, ele me disse que o prato do dia era *risotto* de *calamari* e que ele recomendava. "É arroz", disse ele, "e lula". Naquela época, eu ainda não tinha experimentado *risotto* e muito menos *calamari*, mas pedi o prato do dia, no impulso, e descobri que era extraordinariamente saboroso. Desde então, tenho voltado ao My Blue Heaven com frequência, considerando que vivo no Greenwich Village e tenho de atravessar o rio de balsa para chegar até lá e que isso, é claro, deixa o programa mais divertido. Acabei conhecendo as pessoas que administram o restaurante e alguns dos clientes habituais. (Nunca perguntei a respeito do nome, e acho que é porque sinto que existe algo de sentimental ou mesmo de bonitinho nele, e gosto tanto do lugar e das pessoas que trabalham lá que prefiro não saber.)

Em um domingo não muito tempo atrás, acordei no meio da manhã. Era um dia bonito e decidi pegar uma balsa para ir até Hoboken e almoçar no My Blue Heaven.

Quando cheguei ao lugar por volta do meio-dia, Paulie, o *barman*, estava secando copos preguiçosamente. Um superintendente ranzinza que trabalha no cais, chamado Chris, que frequenta o lugar, estava numa das mesas da frente bebendo cerveja holandesa e lendo um jornal de domingo de Newark. Udo, o cozinheiro, e um garçom chamado Vinnie estavam numa mesa nos fundos, de frente para a porta da cozinha. Udo bebia café e Vinnie estava dando salsichas de fígado para o gato que vivia por ali. Eu me sentei com Chris. Enquanto almoçava, ele lia em voz alta e com desdém um texto no jornal de Newark que especulava sobre uma luta entre Joe Louis e Tony "Duas Toneladas" Galento, o peso-pesado gordo e excêntrico de Nova Jersey. Paulie parou de secar copos e veio até a nossa mesa, e começamos a falar sobre Galento.

Enquanto estávamos conversando, um homem e uma mulher entraram no restaurante. Eu diria que eles tinham quarenta e muitos anos. Ela era pequena, ruiva e muito bonita de um jeito magricela e descuidado. Eu lembro que ela usava um vestido verde

muito atraente. O homem era entroncado, tinha papada e uma aparência sinistra. A principal coisa que lembro em relação a ele é que usava um terno de sarja azul que parecia muito justo, como se ele tivesse acabado de engordar. Na parte da frente do My Blue Heaven há duas mesas pequenas próximas uma da outra, de modo que o sol que entra pela janela pega nelas. Chris, Paulie e eu estávamos em uma dessas mesas. Os recém-chegados se sentaram bem diante de nós, na outra mesa ensolarada.

Vinnie veio da cozinha, trazendo os cardápios e os copos de água. Sem olhar para o cardápio nem para Vinnie, o homem pediu um sanduíche quente de rosbife. Ele carregava um *Herald Tribune*, tirou as seções de notícias e de esportes, e jogou o resto do jornal sobre um suporte atrás de sua cadeira, onde ficam as pilhas de guardanapos. Ele não dava nenhuma atenção para a mulher, mas deixou que ela pedisse o que queria. Ela analisou o cardápio por bastante tempo antes de se decidir.

"Charlie", disse ela quando o garçom se afastou, "quero dar uma olhada na revista de domingo, por favor".

Ele estava lendo a editoria de esportes. E não levantou os olhos quando ela falou, mas fez um sinal com a cabeça indicando o suporte de guardanapos às suas costas. Ela o encarou, esperando para ver se ele alcançaria o jornal para ela. Aí ela levantou, contornou a mesa até o suporte, e pegou o jornal ela mesma. Na nossa mesa, voltamos a falar sobre Galento.

"Galento não leva nada a sério", disse Paulie. "Ele acha engraçado treinar comendo cachorro-quente e bebendo cerveja. Se largasse mão de beber e treinasse de verdade, ele podia lutar contra Joe Louis."

"Absurdo!", disse Chris. "Seria como largar um cofre na cabeça dele. Seria criminoso."

Havia duas fotografias grandes de Louis e Galento no jornal de Newark. Chris tinha estendido a página sobre a mesa. Paulie se debruçou para analisar melhor a fotografia de Galento.

"Ele parece um sujeito durão", disse ele.

"Ele só parece durão", disse Chris. "Uma luta dessas não faz sentido nenhum. Seria algo criminoso. Tony não conseguiria lutar com Joe nem se Joe estivesse com as mãos e os pés amarrados e deixassem Tony usar um taco de beisebol."

O homem que estava com a mulher parou de ler. Ele se virou na cadeira e olhou para Chris. Parecia irritado.

"Como é que o senhor pode ter tanta certeza?", perguntou ele para Chris.

“O que foi que o senhor disse?”, disse Chris, surpreso.

“Como é que o senhor tem tanta certeza de que seria algo criminoso?”, perguntou ele. “O senhor é especialista em boxe ou algo assim?”

A mulher segurou o pulso do homem.

“Charlie”, disse ela. “Por favor, por mim.”

“Cala a boca, sua idiota”, disse ele.

Ele puxou a mão e de novo se virou para Chris. “O senhor se acha um especialista?”, perguntou ele.

“Meu amigo”, disse Chris, “acho que o Galento é um vagabundo. Se você quer mesmo saber”.

“Um especialista”, disse o homem.

“Meu amigo”, disse Chris, “o senhor sabe o que Tommy Loughran disse para o juiz? O que ele disse quando Sharkey acabou com ele daquela vez?”

“O quê?”

“Ele disse: ‘Arranja um banquinho para eu sentar?’.”

“E daí?”

“Daí que estou fazendo uma previsão.”

Naquele momento, surgiu Vinnie, trazendo um suco de tomate para a mulher. O homem se arrumou na cadeira. “Mais um dos sabichões de Jersey”, disse ele, retomando a leitura da seção de esportes. Chris deu de ombros. Ele disse para Paulie que queria uma cerveja e Paulie foi até o balcão para pegar. A conversa se encerrou em nossa mesa. Bebi meu café e Chris se concentrou no jornal e na cerveja. Em seguida, o homem na outra mesa parou de ler, esticou os braços e bocejou.

“Estou cansado”, disse ele para a mulher.

“Cansado?”, disse a mulher. Ela parecia exausta.

“É”, disse ele. “Cansado. Sabe o que isso significa?”

Vinnie trouxe os pedidos. A mulher quis um omelete e Udo preparou para o homem um sanduíche grande de rosbife. Quando eles acabaram de comer, a mulher disse: “Gostou do sanduíche, Charlie?”.

“Foi o pior sanduíche de rosbife que comi na minha vida”, disse ele. “Nunca mais vou me esquecer dessa porcaria.”

“Meu omelete estava muito bom”, disse ela.

“Que tal um drinque?”, disse o homem. “Talvez você se anime.”

“Eu, me animar?”, disse ela, arregalando os olhos, espantada. “Como assim me animar?”

“O que quero dizer”, disse ele, “é que não me lembro mais da última vez que vi você sorrir”.

A mulher deu um sorriso nervoso.

“Não”, disse ela, “eu não quero um drinque”.

As mesas eram tão próximas uma da outra que eu e Chris podíamos ouvir tudo que eles diziam, e isso nos deixou incomodados. Tentei retomar a conversa sobre boxe, mas Chris ficou mal-humorado. Ele não me respondia.

“Que dia bonito, né, Charlie?”, disse a mulher.

Ele não a respondeu. Pouco depois, disse: “Não falei que você devia marcar uma consulta no dentista?”. A mulher concordou com a cabeça.

“Eu sei, Charlie”, disse ela, ríspida. “Eu sei.”

“Nunca vi dentes tão tortos”, disse ele. “Você precisa fazer alguma coisa com esses dentes. Parece que você sofreu um acidente. Você não tinha me prometido várias vezes que ia no dentista?”

Os lábios dela tremiam. Vinnie apareceu para recolher os pratos e, enquanto ele estava na mesa, ela sorria. Era um sorriso forçado e doloroso. Quando Vinnie foi embora, ela tirou um lenço dentro da bolsa, depois de procurar às cegas, sem olhar para a bolsa que estava no seu colo. Seus olhos estavam lacrimejando. Chris e eu olhávamos pela janela.

Dava para ouvir o barulho do homem manuseando o jornal com raiva. Aí ele levantou e foi até o banheiro. Um minuto depois a mulher foi até a máquina de música nos fundos do bar. Ela escolheu uma música e depositou uma moeda na fenda. Era “Night and Day”, uma gravação de Frances Langford. A música soou um pouco descontrolada. Enquanto ela estava de pé, inclinada para ler os títulos dos discos na vitrola, ele voltou do banheiro e sentou. Ela só voltou para a mesa depois que a música acabou.

“Por que você ligou essa música?”, perguntou ele quando ela se sentou.

“Não sei”, disse ela, nervosa. “Por nada.”

“‘*In the silence of my lonely room*’”, cantou ele, de um jeito anasalado, tirando sarro da canção, “‘*I think of you*’”.[139]

[139] "No silêncio do meu quarto solitário, eu penso em você."

"Vamos embora, Charlie", disse ela.
"Você que teve a ideia", disse ele, com desprezo, "de passear de balsa".
"Eu fui idiota, achei que ia ser divertido", disse ela. "Vamos embora, Charlie."
Vinnie levou a conta até a mesa deles. O homem pagou Paulie e eles foram embora.
"Nossa", disse Paulie, assim que eles chegaram à rua, "que sujeito desagradável!".
"Devia ter acertado a cara dele", disse Chris. "Ele nem estava bêbado."
"O jeito que ele tratava a mulher!", disse Paulie, indignado. "Nossa, isso não é jeito de tratar uma mulher."

Fiquei no My Blue Heaven até quase duas da tarde. E fui caminhar pela River Street. No topo da rua, desci o morro e andei pelo cais Gdynia American[140]. Passei a maior parte da tarde no cais, sentado tomando um sol e olhando o movimento no rio. No fim da tarde, subi o morro, voltei pela River Street, e caminhei na direção do galpão da balsa Lackawanna. Na praça de cimento diante do galpão, uma multidão via um homem alimentar os pombos que tomam conta dos píeres de Hoboken. Era o homem que eu tinha visto no My Blue Heaven, o sujeito desagradável. Ele estava dando amendoim para os pombos. A mulher estava ao lado dele, segurando um saco de amendoins. Eles estavam se divertindo. O homem estava ajoelhado. Ele pegava alguns amendoins do pacote, descascava e atirava no chão. Os pombos arrogantes corriam pelo cimento, disputando espaço uns com os outros e caminhando por entre os pés dos espectadores, e a mulher ria. Quando ria, ela ficava muito atraente. Lembro de ter pensado: "Aposto que ele está envenenando os pombos".
Fui até o galpão da balsa e comprei uma xícara de café na barraquinha de lanche. Depois de um tempo, os portões de acesso para a balsa foram abertos e embarquei. Andei até a frente da balsa e fiquei de pé diante da amurada. Quando a balsa começou a se mexer, o homem e a mulher saíram no deque, de braços dados. Eles vieram para frente e apoiaram os cotovelos na amurada. A mulher estava bem do meu lado. Os dois conversavam. Ele disse alguma coisa para a mulher que não consegui ouvir e ela deu uma risada e disse: "Você não está me enrolando, né?". Não ouvi a resposta dele. Aí a mulher, rindo animada, disse: "Aposto que você diz isso para todas". Eles

[140] O autor se refere aqui ao cais em que aportavam os navios de carga e de passageiros a serviço da Gdynia America Shipping Lines Co. Ltd., que ligavam o porto de Nova York ao de Gdynia, uma cidade polonesa na costa do Mar Báltico. É possível que Mitchell tenha cometido um pequeno erro ao chamar o cais de Gdynia American.

conversaram desse jeito, riram e conversaram, durante todo o trajeto da balsa. Não fazia sentido para mim.

(1938)

III

A declínio do fascismo no condado de Black Ankle

Toda vez que vejo Mussolini berrando nos cinejornais ou Göring com seu passo de ganso numa rotogravura, eu me lembro de Mr. Catfish Giddy e do meu primeiro contato com o fascismo. Em 1923, quando eu estava no nono ano em Stonewall, na Carolina do Norte, Mr. Giddy e Mr. Spuddy Ransom organizaram uma filial dos Cavaleiros da Ku Klux Klan, ou o Império Invisível, que espalhou terror pelo condado de Black Ankle por vários meses. Todos os garotos da cidade tinham assistido ao "Nascimento de uma Nação" e eles ficaram fascinados pelos mantos e capuzes brancos usados pelos homens da Klan, e pelas cruzes que queimavam nos sábados à meia-noite no terreno baldio ao lado dos armazéns Charleston, Pee Dee e Northern. Nas terças e sextas-feiras, noites de reunião da Klan, as crianças se escondiam no meio do mato nos fundos da Planters Bank & Trust Company para ver os homens da Klan subirem as escadas até o salão onde faziam os encontros, em cima do banco. Algumas vezes, eles reapareciam minutos depois, vestidos com seus mantos brancos esvoaçantes, pegavam seus carros e iam embora de modo misterioso. Passei tantas noites escondido no mato que fui mal nas provas finais de álgebra, de história da Carolina do Norte, de inglês e de francês, e não passei de ano, o que não me incomodou, pois já tinha passado dois anos no nono ano, e já me sentia em casa.

Agora, quando me lembro dessa época e penso sobre as qualidades de Mr. Giddy, de Mr. Ransom e de seus seguidores, eu me pergunto por que o povo do condado de Black Ankle, em particular o povo de Stonewall, tolerou a Ku Klux Klan por tanto tempo. Por tradição, o povo de Stonewall é independente e valente. De fato, a cidade foi batizada de General Stonewall Jackson, na Carolina do Norte, quando foi fundada logo depois da Guerra Civil; mais tarde o nome foi encurtado para Stonewall. É certo que Mr. Giddy, o *führer* da Klan local, não tinha nada de assustador. Seu nome completo era J. Raymond Giddy, mas ele tinha o rosto gorducho e usava um bigode que moldava com cera de abelha para deixar as duas extremidades pontudas e, por consequência, quase sempre se referiam a ele como Mr. Bagre Giddy, até mesmo nas colunas do semanário *Stonewall News*. Ele se orgulhava muito do apelido. Ele dizia: "Posso não ser o homem mais rico do condado de Black Ankle, mas sem dúvida sou o

mais feio; isso ninguém pode me roubar". Mr. Giddy era um grande empresário frustrado. Antes de se interessar pela Klan, ele havia organizado os Apoiadores de Stonewall e a Câmara de Comércio de Stonewall: os dois grupos acabaram depois de poucas reuniões. Ele sempre fazia discursos sobre grandes empreendimentos, mas ele mesmo nunca foi um grande empreendedor. Quando ele e Mr. Ransom organizaram a Klan, ele trabalhava como caixeiro-viajante de uma marca de fumo de mascar. Quando voltava de uma viagem, ele nunca se gabava do número de caixas de fumo que tinha vendido. Em vez disso, se gabava de que a quantidade de fumo produzida na Carolina do Norte em um ano, se fosse disposta lado a lado, era suficiente para chegar até o Egito, ou até a Austrália, ou até a Lua, ou até qualquer outro lugar distante.

"Meus amigos, na manufatura de fumo para mascar", ele se vangloriava, "o Estado do Calcanhar de Piche[141] lidera o mundo civilizado inteirinho".

Ele era o porta-voz da cidade e o bêbado da cidade. Quando enchia a cara, ele andava sem parar pela Main Street, cantando. Tinha uma voz de baixo e suas músicas favoritas eram "Old Uncle Bud", cujos versos ele inventava à medida que cantava, e uma canção sobre o tônico herbal de Lydia Pinkham e seus efeitos sobre a humanidade, um canção que aprendeu quando jovem, frequentando uma escola profissionalizante de Atlanta. Os garotos e as garotas do ensino médio, bebendo Coca-Cola na Stonewall Drug Company, corriam até a porta para ver e se divertir sempre que Mr. Giddy bebia e percorria a Main Street. "Old Uncle Bud", cantava ele, "*is the jelly-roll king. Got a hump on his back from shaking that thing*".[142]

Mr. Ransom era muito mais assustador que Mr. Giddy. Era um fazendeiro esquelético de olhos esbugalhados. Era um fanático religioso, sempre gritando coisas sobre o mal. Até mesmo quando se vestia com as roupas da Ku Klux Klan, ele podia ser identificado com facilidade porque andava de um modo desajeitado. Era diácono na Igreja Batista Stonewall Jackson, a igreja que eu frequentava, e era ele que tocava o sino antes das cerimônias, até que ficou animado demais em um domingo de manhã e puxou a corda com tanta força que o sino se desparafusou e caiu do campanário, acertando de raspão o ombro esquerdo dele. Depois desse acidente, ele passou a andar como se estivesse prestes a dar seu último passo. Assim como Mr. Giddy, ele tinha

[141] Ou *Tar Heel State*, apelido da Carolina do Norte.

[142] "Velho Tio Bud é o rei do rocambole. Ficou corcunda de tanto chacoalhar aquela coisa." (*Jelly-roll*, traduzido aqui como "rocambole", era também uma gíria do século XIX para se referir à vagina.)

um apelido. Seu nome de batismo era John Knox Ransom, mas ele era chamado de Mr. Batatinha porque vivia argumentando que os fazendeiros do Sul deviam parar de plantar algodão e tabaco e começar a cultivar batatas irlandesas. "É uma coisa que você pode comer", argumentava ele, batendo as palmas das mãos para dar ênfase. "Pela graça de Deus, meus amigos, se não conseguir vender sua colheita, você pode ao menos pôr comida na mesa." Num inverno, ele tentou viver só de batatas irlandesas e ficou tão magro que seu cinto não segurava mais a calça. Sua esposa, preocupada, implorava para ele comer alguma carne para recuperar as forças e ele gritava: "Uma mula é forte? Uma mula come carne?". A esposa dele, que era uma mulher sensível, perguntava de um jeito manso: "Uma mula come batatas irlandesas?".

Acho que Mr. Giddy, o caixeiro-viajante bêbado, e Mr. Ransom, o diácono fanático, não iam muito com a cara um do outro até que Mr. Giddy voltou de uma viagem de negócios no inverno de 1923 com alguns folhetos que ele tinha pegado em Atlanta sobre a Klan. Mr. Giddy distribuiu os folhetos discretamente entre os desocupados de Stonewall e Mr. Ransom recebeu um. Depois de ler o papel, ele chegou à conclusão de que a melhor forma de combater o mal, de endireitar destiladores de uísque, mulheres da vida, ciganos vendedores de cavalos e cartomantes, *chautauquas*[143] e pregadores picaretas do condado de Black Ankle, era organizar uma filial da Klan na região.

Ele e Mr. Giddy se reuniram, alugaram o salão que fica em cima do banco, pintaram as janelas de preto por uma questão de sigilo e registraram dezessete homens na Klan. O grupo incluía um leiloeiro de tabaco, um agente funerário, um dono de mercado, um pintor de casas preguiçoso e vários fazendeiros. Os fazendeiros eram todos como Mr. Ransom, de modo que passavam menos tempo em suas plantações do que ao redor da estufa barriguda da Stonewall Hardware & General Merchandise Company, discutindo religião e política. A maioria dos homens entrou na Klan porque assim tinha mais uma desculpa para escapar das esposas à noite, e porque a Klan parecia mais misteriosa e ritualística do que a Maçonaria ou os Woodmen of the World[144]. O agente funerário e Mr. Ransom eram os únicos homens "respeitáveis" do grupo; os

[143] Os *chautauquas* eram espetáculos itinerantes que tinham o propósito de educar e de entreter adultos; eram palestras, concertos e peças teatrais criadas nos moldes da instituição de Chautauqua, no estado de Nova York, daí o seu nome.

[144] Sociedade sem fins lucrativos fundada em 1890, em Omaha, no estado de Nebraska, com o objetivo de promover o que chamam de benefício fraterno. Ela passou a se chamar WoodmenLife em 2015 e hoje opera uma grande companhia de seguros.

outros, de acordo com os padrões de Stonewall, ou eram "comuns" ou "lamentáveis". Alguns eram as duas coisas – o pintor de casas, por exemplo. Uma vez ouvi uma senhora de Stonewall resumir como ele era: "Ele é homem comum. Pesca no verão e caça no inverno. Quando chove, ele senta perto da estufa e joga damas. Ele sem dúvida é lamentável".

Os pais de alguns de meus amigos entraram para a Klan e aos poucos fui descobrindo vários dos segredos do grupo. Descobri que a taxa de inscrição era de dez dólares e que o manto e o capuz custavam sessenta e cinco. Um amigo meu surrupiou os livros que seu pai tinha sobre a Klan. Um se chamava "A Plataforma do Império Invisível". Eu o convenci a trocar comigo por "Cavaleiros do Crepúsculo", de Zane Grey. Ainda tenho o livro. A capa traz essa frase: "A plataforma que sustenta a Ku Klux Klan é a do americanismo, da supremacia branca no Sul, da deportação de imigrantes, da pureza da condição feminina e da erradicação das cadeias de lojas". O livro faz denúncias contra católicos, judeus, negros e sindicatos trabalhistas. As crianças de Stonewall espionavam a Klan da mesma forma que as crianças hoje brincam de polícia e ladrão; era um jogo. A gente sentia medo dos homens da Klan, mas o medo não era grande o suficiente para impedir a gente de se esconder no mato para ver os homens irem e virem. Eu me lembro de um guri, deitado do meu lado no mato, apontando para uma figura de manto e sussurrando: "Aquele ali é meu pai".

Nos campos de tabaco e de algodão no condado de Black Ankle, predomina o uso de mulas em vez de cavalos e, durante as primeiras semanas de existência da Klan em Stonewall, seus membros andaram de mula nas noites em que circulavam pela área rural. Eles preferiam atravessar os campos e bosques, talvez porque se sentissem invencíveis quando faziam isso, e não podiam usar automóveis porque acabariam presos na lama pegajosa dos campos e dos brejos, a lama escura que dá nome ao condado. As mulas eram fornecidas por Mr. Ransom e outros membros que eram fazendeiros. Foi assim até que Mr. Giddy e Mr. Ransom, como os líderes, foram para o quartel-general da Klan em Atlanta a fim de comprar mantos brancos para cavalos. Eles vestiram as mulas com os mantos numa noite escura e andaram até uma serralheria no meio de um banhado para um dos encontros com seus seguidores. Quando eles galoparam em suas montarias vestidas com os mantos, as mulas de outros homens da Klan acabaram se assustando; mesmo montadas, elas começaram a relinchar de raiva, a empinar e a bater as patas no banhado. Um homem da Klan foi arremessado de sua mula e quebrou uma perna, além de fraturar três costelas. Depois

desse incidente, os homens da Klan desistiram de circular pela área rural. Eles optaram por ficar nas estradas e usar automóveis. De qualquer forma, o gordo do Mr. Giddy com certeza se sentiu deslocado ao montar no lombo duro de uma mula acostumada a puxar arado.

Os homens da Klan começaram a fazer terrorismo queimando cruzes nos jardins de todas as igrejas de negros na parte baixa do condado, eram cruzes enormes feitas com ripas de cerca, encharcadas de querosene. Depois eles sequestraram um ferreiro velho e petulante que era conhecido pelos palavrões que dizia. Eles o cobriram de piche. E soltaram penas de galinha sobre o piche. E depois o jogaram no lago Bearcat. Ouvi dizer que o velho ferreiro se arrastou para fora do lago com dez palavrões inéditos. Algumas noites depois, os homens da Klan foram atrás de uma mulher com deficiência mental que vagava pelo condado com seus filhos sem pai, dormindo em galpões de tabaco e palheiros. Eles a açoitaram, rasparam sua cabeça e lhe marcaram o couro cabeludo com um "K". No dia seguinte, um policial encontrou a mulher fora de si, sangrando, em uma vala ao lado de uma estrada de terra, e a levou para o hospital. Mais tarde, ela foi enviada para um asilo. Numa noite, algumas semanas depois, eles invadiram a loja de uma rede de mercados em Stonewall, a A. & P., e destruíram tudo. Na mesma noite, foram até uma cafeteria para negros em Back Alley, a região negra de Stonewall, e destruíram uma enorme vitrola Edison, que o proprietário comprou depois de hipotecar a própria casa. Depois eles começaram a ameaçar um judeu quieto e solitário que vivia em cima de seu mercadinho na Main Street. Alguns membros da Klan compravam fiado nesse mercado e não pagavam suas contas há bastante tempo. Na agência dos correios, numa noite, esperando pela entrega de cartas do fim do dia, ouvi Mr. Giddy falando do judeu. Ele disse: "Ele fica sentado lá a noite inteira, lendo livros. Não dá para dizer o que ele está tramando". O proprietário do mercadinho foi até a loja de ferragens numa manhã, quando alguns membros da Klan estavam sentados ao redor da estufa, e comprou uma espingarda de cano duplo e três caixas de cartuchos calibre doze. Ele nunca mais foi ameaçado.

No fim daquela primavera, circulou um rumor em Stonewall de que a Klan tinha decidido fazer alguma coisa sobre as destilarias de uísque. A maior destilaria era a de Mr. Sledge MacKellar; ele empregava quatro homens em seu alambique de cobre em Pocahontas Swamp. Nós sabíamos que a Klan não podia chegar perto dele porque ele era o fornecedor pessoal de Mr. Giddy, porque ele era incrível com uma espingarda e porque não tinha medo da Klan. Mr. MacKellar saiu do banhado numa tarde e disse

que estava preparado para “os Roupa-de-Cama”. Naquela época, os homens da Klan eram chamados de “os Roupa-de-Cama”. Ele disse: “Eu sou um democrata e tenho os meus direitos. Na primeira vez que um desses Roupa-de-Cama aparecer na minha propriedade, vou arrancar fora a cabeça dele. Tenho uma espingarda, ela está carregada e eu estou louco para dar uns tiros”.

Nós sabíamos que os destiladores visados pela Klan eram os garotos da família Kidney e não ficamos surpresos quando soubemos que uma data tinha sido estabelecida para que eles fossem cobertos de piche e penas. Os garotos da família Kidney eram três irmãos irlandeses bêbados que viviam numa casa a quatro quilômetros de Stonewall e cuidavam de um alambique em Big Cherokee Swamp, atrás da casa. Seus nomes eram Patrick, Pinky e Francis. Eles bebiam mais ou menos metade do uísque que fabricavam. Quando vieram comprar suprimentos na cidade naquela semana, os balconistas nas lojas brincaram com eles. “Ouvi dizer que os Roupa-de-Cama vão convidar vocês para uma xícara de chá na sexta-feira à noite”, disse um balconista.

Os irmãos Kidney tinham um empregado, um negro de idade chamado Tio Perna-Torta, que mais tarde trabalhou para um parente meu. Certa vez, Tio Perna-Torta me contou como foi que os irmãos Kidney provocaram o declínio do Império Invisível no condado de Black Ankle. Havia três entradas na casa dos Kidney – uma porta da frente, uma porta dos fundos e uma porta lateral. Quando eles ficaram sabendo que a Klan planejava uma visita na sexta-feira à noite, os irmãos providenciaram bananas de dinamite com um homem que ganhava a vida explodindo tocos de árvores. Para conseguir a dinamite, eles ofereceram ao homem um galão de uísque filtrado em carvão vegetal. Eles enterraram três cargas grandes de dinamite no jardim, debaixo dos três caminhos que levavam até as entradas da casa. Cabos conectavam a dinamite enterrada às baterias com os detonadores. Os irmãos Kidney colocaram as baterias dentro de casa, diante de três janelas, de modo que pudessem ficar sentados vigiando a chegada dos homens da Klan. O plano era detonar os explosivos no instante em que os homens da Klan usassem um dos caminhos.

Naquela noite, os irmãos Kidney apagaram todas as luzes e assumiram suas posições diante das janelas, cada um com um detonador no colo. Tio Perna-Torta estava na casa com eles. Os Kidney logo se cansaram de ficar olhando para o jardim, esperando pelos homens da Klan, e mandaram o Tio Perna-Torta buscar uma jarra de uísque e outra de água. O Tio Perna-Torta disse que ficou ocupado servindo uísque para os três

irmãos. O uísque deixou os três felizes e eles começaram a conversar, especulando sobre o tamanho do barulho que as explosões fariam. “Vamos mandar os Roupa-de-Cama desta para uma melhor”, disse Pinky.

Por volta das dez da noite, com a lua alta, Francis Kidney, que cuidava da porta lateral, desistiu de esperar. O uísque deu a ele um desejo irresistível de detonar os explosivos.

“Preparados?”, gritou ele, de repente. “Não aguento mais esperar. Vou testar minha dinamite. Os Roupa-de-Cama não vão mesmo entrar pela porta lateral.”

Ele acionou o detonador e uma explosão chacoalhou metade do condado de Black Ankle. Fez as pessoas pularem da cama. Ouvimos a explosão na minha casa e me lembro de que minha avó achou que tinha começado o dia do Juízo Final ou o Segundo Advento.

O Tio Perna-Torta disse que a explosão arrancou um pinheiro enorme do jardim dos Kidney e o lançou na estrada. O Tio Perna-Torta ficou tão assustado que se escondeu debaixo da cama. Os Kidney correram para a varanda da frente e viram a árvore gigantesca caída na estrada. Eles ficaram felizes. Riram e deram tapinhas no ombro um do outro. Voltaram para dentro de casa e se serviram de mais uísque. Depois Patrick e Pinky assumiram seus lugares de novo, mas Francis já tinha detonado seus explosivos e foi dormir em sua cadeira. Em mais ou menos meia hora, Patrick Kidney, que cuidava da porta dos fundos, ouviu um barulho na área atrás da casa. Ele sabia que era só o vento nas árvores, mas tudo que ele queria era uma desculpa para detonar os seus explosivos.

“Acho que estou ouvindo eles!”, gritou ele para Pinky, que estava sentado perto da porta da frente com a mão no detonador. “Pronto? Vou detonar a bomba.”

Pinky também queria um pouco de emoção. “Manda ver!”, gritou ele.

Patrick detonou os explosivos. A explosão aturdiu Pinky e ele acabou acionando seu detonador também. As explosões foram quase simultâneas. A cama debaixo da qual se escondia o Tio Perna-Torta desmontou e as ripas de madeira o machucaram todinho. Um retrato grande da mãe dos irmãos Kidney caiu da parede e acertou Francis na cabeça. As pernas do fogão cederam e ele se espatifou no chão. A varanda dos fundos se desprendeu da casa. A explosão atingiu o galinheiro e o barril onde dormiam dois cães de caça. Todas as galinhas morreram, menos um galo velho, que nunca mais cacarejou. Na manhã seguinte, havia seis galinhas mortas no telhado da casa e galinhas e patos mortos espalhados pelo jardim. A fronteira da Carolina do Sul

passa perto dos fundos da casa dos Kidney e Tio Perna-Torta jura que os cães foram aterrissar na Carolina do Sul e que ficaram tão assustados e indignados que nunca mais voltaram para a Carolina do Norte. O estábulo da mula desmoronou.

"O teto caiu em cima daquela mula velha", Tio Perna-Torta me contou, "e ela saiu em disparada pela estrada com o teto nas costas como se fosse uma sela e correu por três quilômetros até se sentir segura o suficiente para diminuir o ritmo e dar uma olhada ao redor. E tinha uma cadeira de balanço na varanda dos fundos e a dinamite fez a cadeira balançar. Na manhã do dia seguinte, ela ainda estava balançando".

Quando a barulheira das explosões passou, e quando as coisas pararam de desmoronar, os Kidney se olharam. Eles estavam envergonhados. De repente, sentiram medo. Sem a dinamite, eles se sentiam expostos e indefesos. "Se os Roupa-de-Cama vierem agora, a gente já era", disse Francis. O retrato da mãe tinha feito um galo na sua cabeça. De uma hora para outra, os irmãos Kidney saíram de casa e foram correndo até o Big Cherokee Swamp, com o Tio Perna-Torta logo atrás. No dia seguinte bem cedo, o Tio Perna-Torta sentiu fome e voltou até a casa para buscar comida, mas os Kidney ficaram no pântano até o meio-dia.

Na verdade, eles ficariam tão seguros em sua casa destruída quanto no pântano, porque a Ku Klux Klan nunca apareceu. A Klan adiou sua programação porque Mr. Giddy tinha chegado ao salão em cima do banco bêbado demais para se preocupar com os assuntos da Klan. No entanto, enquanto os Kidney ainda estavam roncando no pântano, Mr. Ransom, que não tinha conseguido dormir por causa das três explosões estranhas, chegou a Stonewall em seu Ford e pegou Mr. Giddy. Mr. Ransom estava irritado e com sono e Mr. Giddy estava com uma ressaca braba, e os dois formavam um par infeliz. Eles foram até a casa dos Kidney para ver o que tinha acontecido na noite anterior. Quando chegaram, o Tio Perna-Torta estava sentado na cadeira de balanço na varanda da frente, comendo um pedaço de pão de milho com melado. Mr. Giddy e Mr. Ransom entraram no jardim e viram as três crateras. O Tio Perna-Torta não tirou os olhos deles.

"Batatinha", disse Mr. Giddy enquanto analisava o buraco deixado pelo pinheiro que foi arrancado, "é isso que eu chamo de buraco. Ainda bem que eu não estava aqui para ver quando fizeram esses buracos".

"Bagre", disse Mr. Ransom com uma voz assustada, "alguém podia ter sido morto na noite passada. Ainda bem que a Klan não fez ronda ontem".

O Tio Perna-Torta disse que os dois olharam para os buracos e tremeram de medo. Aí voltaram para o Ford e foram embora rapidinho. Durante o dia, todos os membros do Império Invisível fizeram questão de passar pela casa dos Kidney. Eles também tremeram de medo quando viram as crateras deixadas pela dinamite.

No fim da tarde, Mr. Giddy deu as caras na Main Street. Ele estava bêbado de novo. Desceu a Main Street, mas sem cantar. Ele abordava cada pessoa que passava por ele e dizia: "Meu amigo, eu desisti". "Desistiu do quê, Mr. Bagre?", perguntavam as pessoas. "Não importa do quê", respondia ele. "Só quero que você saiba que eu desisti". A Ku Klux Klan nunca mais fez uma reunião em Stonewall. Em uma ou duas semanas, a tinta preta foi raspada das janelas do salão em cima do banco e uma placa de "Aluga-se" foi colocada no lugar. Uma mulher desmanchou o manto da Klan que o marido usava e fez uma fronha de travesseiro com ele. Outras ouviram essa história e fizeram a mesma coisa. Mrs. Bagre Giddy desmanchou o manto do marido e disse para as amigas que ele estava tão gordo que teve pano suficiente para fazer duas fronhas, um avental e uma toalha de mesa.

(1939)

É tudo culpa da mamãe

Mrs. Copenhagen Calhoun, que vive em uma fazenda ribeirinha que produz melancias no condado de Black Ankle, a quase dois quilômetros da cidadezinha de Stonewall, é o único ser humano prepotente que cheguei a admirar. Ela não tolera autoridades e é contra todos os funcionários públicos, eleitos ou indicados. Certa vez, um senador respeitado veio para Stonewall e falou no auditório da escola secundária; pouco depois de ele terminar de dizer como tinha adotado a prática de seguir os passos de Thomas Jefferson, ela levantou e disse: "Sem dúvida, senador, o senhor está se achando muito mais importante do que é". Um prefeito de Stonewall tentou fazer que ela fosse demitida de seu emprego como cozinheira no restaurante da estação de Charleston, Pee Dee & Northern Railroad. Uma mulher que fica bêbada em público, disse ele, era uma desgraça para a cidade. Ela não falou nada até que ele concorreu à reeleição; aí ela andou pela Main Street de um lado para o outro dando discursos que ajudaram a derrotá-lo. "Aquele hipócrita metido a besta!", disse ela num de seus discursos. "Ele vai para o country club no sábado à noite, toma todas e, no domingo de manhã, aparece no coral da igreja metodista cantando tão alto que aquilo fica ecoando na igreja por uma semana". Ela acredita que os funcionários públicos têm a tendência de ignorar o fato de que os americanos são livres e, quando é levada ao tribunal por perturbar o sossego, ela quase sempre começa seu discurso para o juiz afirmando: "Por Deus, este é um país livre e eu tenho os meus direitos". Ela tem uma língua comprida e a juíza Elisha Mullet disse certa vez que ela conseguiria ganhar qualquer discussão que quisesse. Mrs. Calhoun tem muitos defeitos e, na verdade, seu marido com frequência reclama que ela transformou sua vida num inferno, mas quando visito Stonewall e descubro que ela ainda está defendendo seus direitos, sinto que a democracia segue firme e forte.

Eu estava no primeiro ano do ensino médio quando virei um de seus admiradores. Naquela época, em 1924, ela não era casada e tinha acabado de se mudar de Charleston para trabalhar no restaurante da estação. Era o único restaurante de Stonewall; os trabalhadores ferroviários comiam nele, assim como o pessoal da serralheria, das plantações de algodão e da fábrica de fumo para mascar. Depois da escola, eu passeava nos arredores da estação. Eu sentava num banco ao lado do trilho e via os negros carregarem vagões com fardos de algodão. Em algumas tardes, ela

saía da cozinha e sentava no banco ao meu lado. Era uma mulher bonita de quadris largos com cabelo bem escuro e um sorriso simpático, e o agente da estação devia gostar dela porque, por ele, ela podia fazer o que quisesse. Ela cozinhava descalça e não se dava ao trabalho de calçar sapatos quando saía para tomar um ar. "Eu tinha uma tia", ela me contou, "que teve uns edemas porque usava sapatos no calor da cozinha". Uma vez perguntei por que o nome dela era Copenhagen. "Mamãe usou nomes de cidades grandes em todos os filhos", disse ela. "Era uma mania. O primeiro filho dela se chamou Nova Orleans. Depois veio minha irmã e ela foi batizada de Chattanooga. Mamãe adorava rapé e, sempre no dia do pagamento, papai comprava para ela um saco marrom enorme de rapé Copenhagen. Foi dali que ela tirou o meu nome."

Numa noite de sexta-feira, quando Mrs. Copey já trabalhava no restaurante há alguns meses, o agente da estação deu uma passagem para ela viajar a Charleston e visitar a família. Quando voltou na segunda-feira, no trem das três e meia, ela estava tão bêbada que o condutor teve de segurá-la pelos cotovelos e ajudá-la a desembarcar do vagão. Ela não dava nenhuma atenção para ele, mas cantava "Work, for the Night Is Coming". Ela correu até a cozinha, tirou os sapatos e começou a arremessar coisas. Ela pegava um porte e batucava nele enquanto cantava um verso do hino e depois jogava o pote longe. "*Work till the last beam fad-eth, fad-eth to shine no more*"[145], cantava ela e, em seguida, uma caçarola voava pela cozinha. Eu fiquei numa janela, olhando. Ela foi a primeira mulher bêbada que vi na vida, e o espetáculo não me decepcionou; para mim, ela era maravilhosa. Por fim, o chefe da polícia, que era chamado de Velho Bacamarte pelas crianças da cidadezinha, apareceu e a levou para a cadeia. No dia seguinte, ela voltou a trabalhar. De tarde, saiu para tomar sol por alguns minutos e perguntei qual era a sensação de ficar bêbada. Ela me deu um tapa que quase me derrubou do banco. "Seu moleque desaforado", disse ela, "veja se tem cabimento me perguntar uma coisa dessas?" Segurei meu queixo e disse: "Desculpa, Miss Copey. Não quis ofender".

Ela se inclinou para frente e apoiou a testa nas mãos como se estivesse triste e ficou nessa posição por alguns minutos. Depois se endireitou e disse: "Desculpa por ter batido em você, menino, mas essa foi uma pergunta terrível de se fazer para uma mulher. Beber é um negócio muito triste e odeio falar sobre isso. Eu não tinha nem

[145] "Trabalhe até que o último raio de luz se apague, até que se apague para sempre."

nove anos quando comecei a beber e é tudo culpa da mamãe. Quando era pequena, eu sofria muito de cólica e, para aliviar a dor, mamãe pegava a bebida do pai e servia meia xícara de destilado para mim, adoçado com melaço, e acabei pegando gosto por essa coisa horrível. Se eu soubesse naquela época o que sei hoje, tinha levantado da cama e jogado fora a bebida que mamãe trazia para mim". Ela suspirou e se levantou. "Apesar de tudo", disse ela, abrindo um sorriso, "preciso admitir que curava as minhas cólicas".

Fazia pouco tempo que Miss Copey trabalhava no restaurante quando conheceu Mr. Corisco Calhoun. Ele tinha uma fazenda de melancia na margem do rio Shad Roe numa região do condado chamada de Egito. Ele é tão devagar e sonolento que ganhou o apelido de Corisco quando ainda era criança; seu nome verdadeiro é Rutherford Calhoun. Ele é avesso a mudanças e a maior parte do trabalho na fazenda é feita por um jovem funcionário negro chamado Senhor. (Quando esse jovem nasceu, a mãe dele disse: "Os brancos não chamam um negro de senhor. Por Deus, meu filho, você vai ser chamado de senhor!".) A fazenda de quinze acres de Mr. Corisco é fértil e ele cultiva as melhores melancias que já vi, dos tipos Cuban Queen, Black Gipsy e Irish Gray. No entanto, a fazenda não é sua principal fonte de renda; seu maior interesse na vida é um alambique de cobre escondido na margem de uma baía do rio Swamp. Nesse alambique, ele produz um tipo de uísque barra-pesada conhecido como *tanglefoot*[146]. "Dependo das melancias para pagar os impostos, comer e alimentar minha mula", diz ele. "O uísque é lucro." Entendedores dizem que seu *tanglefoot* é tão bom quanto qualquer bourbon do Kentucky e ele diz que seu segredo é a preguiça. "Você precisa ser paciente para fazer um uísque de qualidade", diz ele, bocejando, "e eu sou um homem com uma paciência fora do comum".

Depois que Miss Copey começou a comprar uísque de Mr. Corisco, ela passou a encher a cara com mais frequência; bebendo o uísque dele, ela não tinha ressacas ou o que ela chamava de "tristezas". Pelo menos uma vez por mês, nas tardes de sábado, ela saía da cozinha e andava descalça pela Main Street, cantando um hino no volume máximo, e era raro ela chegar até a esquina com a Jefferson Street antes de ser levada para a cadeia. A maioria dos bêbados da cidade pagava a multa de sete dólares ou ia para a cadeia sem reclamar, mas Miss Copey sempre tinha uma resposta na ponta da língua para a pergunta: "O que você tem a dizer em sua defesa?". Primeiro, ela diria

[146] Palavra usada designar uísque vagabundo (ou qualquer outro tipo de destilado) de alto teor alcoólico.

que o direito de encher a cara é assegurado pela Constituição e, em seguida, acusaria o juiz de ser um hipócrita.

"Eu tenho o direito de cantar um hino se me der na telha", diria ela. "Isso não faz mal nenhum. Digamos que eu faça um pouco de barulho. Eles prendem o pessoal da serraria por tocar o apito? E, de qualquer forma, não é nenhum segredo que eu bebo. Não existe nada pior do que um homem que bebe escondido. O senhor bebe escondido, juiz Mullet, e não adianta negar."

"Para ser exato, tomo um golinho de vez em quando", responderia o juiz, "mas isso não me dá o direito de correr por aí descalço".

"O senhor está dizendo que existe uma lei para juízes e outra para cozinheiras da ferrovia", diria Miss Copey, triunfante. "Que jeito mais feio de um juiz falar."

Miss Copey era cozinheira no restaurante da estação há cerca de dois anos quando a chaminé do fogão, que estava amassada, caiu sobre sua cabeça e ela ficou zonza. Ficou tão brava que pediu demissão e ameaçou processar a companhia ferroviária pedindo mil dólares de indenização. Ela fez um acordo fora do tribunal, no entanto, quando um agente da seguradora ofereceu um cheque de setenta e cinco dólares. "Não tenho paciência de brigar contra uma companhia ferroviária", disse. Ela descontou o cheque, insistindo em receber a quantia em notas de um dólar, e correu até Mr. Corisco para comprar um pote de *tanglefoot*. Quando viu o maço de notas, ele disse que sentiu vontade de comemorar. Ele pegou um pouco de uísque de um barril de carvalho chamuscado que estava enterrado há cinco anos no banhado e os dois sentaram em cadeiras de balanço na varanda da frente e começaram a brindar um com o outro. Depois de mais ou menos uma hora, Mr. Corisco disse a ela que se sentia sozinho e que já tinha enjoado da comida do Senhor. Ele terminou pedindo Miss Copey em casamento. Ela desmoronou e começou a chorar. Depois disse: "Vou ser uma boa esposa para você, Corisco. Vamos logo para a cidade antes que o tribunal feche. Se a gente esperar até você ficar sóbrio, tenho medo que mude de ideia". Senhor levou os dois até Stonewall na velha caminhonete Ford de Mr. Corisco. Eles passaram no quarto de Miss Copey e pegaram seu baú; depois foram até o tribunal e secasaram. O juiz Mullet ficou surpreso com o casamento, mas disse ter pensado que a cliente mais importante de Mr. Corisco queria ficar um pouco mais perto de sua fonte. Durante uma semana, os noivos pescaram no rio Shad Roe todas as manhãs, encheram a cara toda tarde e passearam pelo interior de noite, na caminhonete Ford de Mr. Corisco. No sábado de manhã, Miss Copey acordou, olhou pela janela e viu que

os figos estavam maduros nas figueiras do jardim da frente; ela acordou o marido e disse: “A lua de mel acabou, Corisco. Preciso trabalhar e enlatar aqueles figos antes que eles apodreçam”.

Por alguns meses, Miss Copey foi uma esposa modelo. Naquele outono, cacei esquilos quase toda tarde no banhado ao lado da fazenda de Mr. Corisco, e passava lá para conversar com ela. Miss Copey me mostrou dezenas de conservas de casca de melancia e a geleia de figo que ela fez e organizou nas prateleiras do porão. Ela cavou um buraco no quintal dos fundos para fazer churrasco e deixou fermentando no celeiro um barril grande de uvas muscadíneas. Ela comprou quatro galinhas vermelhas poedeiras[147] e quatro chocadeiras, além de ter um quintal cheio de pintinhos. Ela me contou com orgulho que todas as noites, quando Mr. Corisco voltava para casa depois de passar o dia agachado no mangue ao lado do alambique, ele encontrava em cima da mesa da cozinha um prato de frango frito e uma torta de batata doce à sua espera.

Depois de um tempo, no entanto, ela começou a se entediar. “É tudo muito parado aqui”, ela me contou numa tarde. “Preciso da companhia de outros seres humanos. Tem vezes que Corisco passa o dia inteiro sem falar nenhuma palavra para mim. Ele passou tanto tempo vivendo sozinho que quase se esqueceu de como usar a língua.” Há uma igreja batista a um quilômetro dali, subindo o rio, e num domingo solitário ela foi até lá para assistir a um culto. Escolheu um momento infeliz porque estava ocorrendo uma briga na congregação. Na verdade, naquele período, no outono de 1926, houve embates em várias igrejas batistas do Sul a respeito da cerimônia de imersão. Um grupo acreditava que um convertido devia ser mergulhado três vezes na água parada de um lago com o rosto voltado para baixo, e outro preferia uma única imersão na água corrente de um rio. Os grupos adversários eram chamados de Trindade dos Mergulhos [Trine Forwardites] e Rio Correntistas [Running Riverites]. Miss Copey decidiu frequentar a igreja apenas porque queria cantar uns hinos, mas logo se envolveu na disputa teológica. No segundo domingo em que foi ao culto, ela estava sentada num banco dos fundos quando um homem se levantou e começou a defender a mudança de nome da igreja de Batista do Egito para Batista da Trindade dos Mergulhos em Água Parada. Ele disse que qualquer pessoa razoável sabia que um lago calmo era mais espiritual do que as águas turbulentas de um rio. Miss Copey não

[147] Uma tradução possível para as galinhas da espécie Rhode Island Red, comum nos Estados Unidos.

gostou dessa afirmação; ela levantou e interrompeu o homem. “O Jordão não era lago coisa nenhuma”, disse ela. “Era um rio com correnteza. Disso eu não tenho dúvida.” “É isso mesmo, irmã!”, exclamou um homem nas fileiras da frente. “Você acertou em cheio.” Ele foi até os fundos da igreja e convidou Miss Copey para vir até a frente sentar com a facção dos Rio Correntistas. “Nossa, com prazer”, disse Miss Copey. “Mas, afinal, do que se trata tudo isso?”.

Na mesma hora, a discussão entre as duas facções ficou mais agressiva e Miss Copey levantou mais uma vez e sugeriu que todos cantassem “On Jordan’s Stormy Banks”, um hino religioso. O líder da facção dela disse: “Vamos marchar para fora da igreja enquanto a gente canta esse hino”. Logo após, sete homens e mulheres marcharam pelo corredor da igreja. Miss Copey se levantou e foi atrás deles. No jardim do lado de fora, eles se reuniram e decidiram criar uma nova igreja, e a chamaram de Batista da Imersão Única na Correnteza do Rio. “Vocês podem se reunir na minha casa até arranjarem um lugar melhor”, sugeriu Miss Copey. “Vamos lá agora sentar na varanda e cantar um pouco. Estou com vontade de descarregar uns hinos.” Os Rio Correntistas ficaram felizes com a sugestão. Liderados por Miss Copey, eles desceram a rua cantando “There Is a Green Hill Far Away”. Quando Mr. Corisco viu o grupo se aproximando, ele estava na varanda, tocando sua harmônica. Ele saltou da varanda e fugiu para o banhado. Miss Copey arrumou as cadeiras na varanda e anunciou que seus hinos favoritos eram “There Is a Fountain Filled with Blood” e “The Old Time Religion is Good Enough for Me”. Durante toda a tarde, eles cantaram sem parar esses hinos. No pôr do sol, Miss Copey disse: “Se vocês concordarem, a gente pode se reunir aqui de novo no domingo que vem. Vamos dar uma lição naquela Trindade dos Mergulhos!” E a reunião terminou. Na mesma noite, Mr. Corisco voltou para casa bêbado e furioso. “Escuta aqui, sua coruja velha!”, gritou ele. “Se você trouxer aquele povo da igreja para esta casa mais uma vez, eu vou embora pra nunca mais voltar!” “Não me ameace, seu bêbado maldito”, disse Miss Copey. “Se você começar com ameaças, pego uma ripa da cama e racho tua cabeça no meio.”

No domingo seguinte, à tarde, o povo da igreja se reuniu de novo na varanda de Miss Copey e naquela noite Mr. Corisco não voltou para casa. Na noite de segunda-feira, ele ainda estava sumido. Na manhã de terça-feira, bem cedo, Miss Copey foi até a cabana de Senhor e descobriu que ele também havia sumido. Ela deu uma olhada no celeiro e descobriu que a caminhonete Ford não estava mais lá.

Naquela tarde, quando saí do banhado para voltar para casa, fiz uma visita e ela estava se lamuriando sentada nos degraus da frente da casa. Estava segurando uma faca. "Vou arrancar o coração dele", disse ela. "Vou marcar aquele preto para sempre. Traidor!" Eu sentei e tentei acalmá-la. Em seguida, duas pessoas da igreja apareceram no caminho. "Irmã, como vai você nesse dia de outono?", um disse. Miss Copey correu na direção deles. "Seus crentes, se vocês derem mais um passo", disse ela, "jogo todos vocês no rio! Vocês fizeram um homem abandonar a própria esposa! Vocês destruíram um lar feliz!" Depois de um tempo, entramos na casa e ela fez café. Estávamos sentados na varanda dos fundos tomando o café quando Senhor apareceu com a caminhonete Ford. "Oi, Miss Copey!", berrou ele. "Mr. Corisco foi preso em Charleston." "Minha nossa, graças a Deus", disse Miss Copey. Ela correu para dentro de casa, pegou o chapéu e a bolsa. "Pegue a caminhonete", disse ela para Senhor, "e me leve até onde ele está". Nós três embarcamos na caminhonete.

Em Charleston, o carcereiro deixou a gente entrar e ver Mr. Corisco. Ele estava deitado na cela tocando sua harmônica. Ele parecia de bom humor. Disse que se sentiu tão irritado com a cantoria de hinos que pediu para Senhor levá-lo de carro até Charleston. Eles estacionaram a caminhonete perto de um cinema e na noite de segunda-feira decidiram ver um filme; ele nunca tinha visto um filme antes. Era com a Mary Pickford, disse, e ele tinha ficado tão envolvido com os problemas dela que acabou se inclinando para frente no assento do cinema e ficando com câimbra na perna esquerda. De início, ele tentou ignorar, mas quando já não estava mais suportando, tentou usar o remédio clássico para resolver câimbras. Ele foi até o corredor do cinema, se apoiou na última poltrona da fileira e começou a dar coices, como uma mula com ferraduras. O tempo inteiro, ele não tirou os olhos do filme. "Eu não queria perder nada", disse ele. As pessoas começaram a gritar para ele sentar, disse ele, e o porteiro do cinema veio correndo pedir para ele parar de chutar. "Por favor, vá embora e não me atrapalhe", ele disse para o porteiro. O porteiro foi atrás do gerente e os dois juntos o agarraram. "Eu não consegui me defender direito", Mr. Corisco nos contou. "Não tinha como brigar com os dois e prestar atenção no que estava acontecendo com a Mary Pickford e me livrar da câimbra no meu pé, tudo ao mesmo tempo. Era coisa demais para qualquer um." O porteiro e o gerente o arrastaram até o saguão de entrada e, quando ele se deu conta de que não conseguiria ver o resto do filme, ele pôde se concentrar em se defender e nocauteou os dois homens. Depois chegou um policial e o prendeu por perturbação do sossego.

"Nossa, querido, mas que absurdo", disse Miss Copey. "Vou lá pagar a fiança."

"Espere um pouco", disse Mr. Corisco. "Só pague a minha fiança depois de prometer que você vai largar mão desses crentes. Gosto de como essa cadeia é tranquila."

"Mas que diabo, Corisco!", disse Miss Copey. "Joguei os crentes todos no rio antes de sair de casa."

(1940)

Tio Dockery e o touro independente

Com frequência, acho reconfortante pensar no velho tio Dockery Fitzsimmons, um produtor de fumo tranquilo que vive em Black Ankle County, a uns dez quilômetros de Stonewall. Ele é o único homem que jamais conheci que não tem nenhum respeito pelo gênio mecânico da civilização ocidental. Um dia, quando eu tinha mais ou menos quinze anos, estávamos pescando dourados no rio Little Rump e um barco a motor barulhento passou por nós, espantando todos os peixes para o fundo do rio, e tio Dockery disse: "Meu filho, as únicas invenções que fazem sentido para mim são a espingarda, a carroça de dois cavalos, a máquina de fazer manteiga e a frigideira. Logo, logo, engenhocas como o barco a motor vão acabar levando toda a raça humana para Dix Hill". Dix Hill é um subúrbio de Raleigh, onde fica o hospício mantido pelo estado da Carolina do Norte.

Tio Dockery ainda é contra o automóvel. "Eu só vou", dizia ele, "até onde uma mula consegue me levar". Seu ódio por automóveis se estende às pessoas que andam neles. Numa tarde de verão, estávamos sentados na varanda de sua casa, comendo melancia, quando um vizinho veio correndo pela estrada e disse: "Aconteceu um acidente horrível na estrada, Mr. Fitzsimmons". Tio Dockery ficou feliz com a notícia. Ele colocou a fatia fina de melancia no corrimão da varanda, abriu um sorriso largo e perguntou: "Quantos mortos?". "Quatro", disse o vizinho. "Pois isso é ótimo", disse tio Dockery. "Aonde eles estavam indo com tanta pressa?" "Estavam indo nadar na praia", disse o vizinho. Tio Dockery acenou satisfeito com a cabeça e disse: "Pelo jeito eles achavam que o Oceano Atlântico não podia esperar".

Tio Dockery raramente saía de sua fazenda, mas uma vez, durante uma série de encontros na Igreja Batista de General Stonewall Jackson, ele passou a noite em Stonewall, na casa da filha casada. No meio da noite, um barulho terrível veio do quarto dele e a filha com o marido correram para ver o que tinha acontecido. Eles achavam que alguém estava tentando matar o tio Dockery. Descobriram que ele tinha levantado da cama para tomar um copo de água e acabou arrancando o fio da lâmpada elétrica que pendia do teto. Ele disse: "Tentei ligar a porcaria, mas não consegui de jeito nenhum. Pensei que se eu agarrasse o fio e desse um puxão, a luz ia acender". Ele ficou tão furioso com seu erro que se recusou a passar o resto da noite no quarto. Pediu para a filha pegar uns cobertores e colocar um estrado do lado de fora, na

varanda. Na manhã seguinte, ele a criticou por ter instalado luz elétrica na casa. "Um nó gordo de pinho ou uma lâmpada de querosene funcionavam bem para meu avô, e funcionavam bem para meu pai, e funcionavam bem para minha mãe, e por Deus, Miss Priss, funcionam bem para mim também", tio Dockery disse para ela.

Embora eu sempre o chamasse de tio Dockery, nós não éramos parentes. Muitas famílias do condado de Black Ankle vivem no local desde a época dos grandes latifundiários, muitos deles são escoceses-irlandeses e muitos deles *são* parentes. (No entanto, não existem aristocratas no condado; na verdade, o primeiro *mint julep*[148] que eu vi foi no restaurante de frutos do mar do Lundy em Sheepshead Bay, no verão de 1934.) Porque todo mundo no condado é pelo menos primo distante de todo mundo, é normal que os mais jovens usem palavras como "tio" para os homens velhos de que gostam. As pessoas no condado acham natural que todo mundo tenha algum grau de parentesco.

Lembro de um incidente que ilustra essa ideia. Stonewall tem um velho índio cherokee que é epiléptico e esfarrapado. Ele usa uma pena de galo na fita do chapéu e sua barba é tão comprida que alcança a fivela do cinto e ele se parece com Henry Wadsworth Longfellow[149]. As pessoas o chamam de tio John. Ele vai de casa em casa dizendo: "Não tem alguma coisa para dar para o velho tio John?" e as donas de casa dão sempre uma moeda de cinco centavos. Uma vez, uma tia da Carolina do Sul nos visitou e atendeu a porta quando tio John bateu. Ela ficou muito assustada com ele. O velho índio se curvou e disse: "Acho que a senhora não me conhece. Eu sou o tio John". Minha tia disse: "Minha Nossa Senhora! De que lado da família você é?".

Eu passava bastante tempo na casa do tio Dockery quando era menino. Eu gostava dele e gostava da sua esposa, a tia Dolly. Quando eu tinha quatorze anos, ganhei um cavalo de presente e andava de cavalo pelo campo depois da escola e passava na fazenda dele. Muitas pessoas em Stonewall não gostavam dele. Elas diziam: "Aquele velho prefere te dar um tiro em vez de te dar bom dia". Ele sempre era muito sarcástico, e as pessoas em geral o consideravam um estorvo. Nas poucas viagens que fazia para Stonewall, ele caminhava pela Main Street rindo sozinho, como se considerasse a raça humana inteira uma piada. Certa vez ele viu ventiladores elétricos expostos na vitrine da Stonewall Hardware & General Merchandise Co. e

[148] Coquetel comum no sul dos Estados Unidos, feito de bourbon, açúcar e folhas de hortelã como guarnição.
[149] Henry Wadsworth Longfellow (1807–1882) foi um poeta e educador americano.

começou a rir. Ele entrou na loja e disse: “Está vendendo muito desse negócio ali?”. O balconista disse: “Está saindo bastante”. Tio Dockery disse: “Que absurdo. Essa cidade inteira deveria ser internada em Dix Hill. Um homem que gasta todo esse dinheiro para comprar um ventinho não devia andar solto por aí”. Certa vez ele visitou a feira do condado de Black Ankle e ficou por perto de uma tenda de jogo de habilidade até que o ambulante gritou para ele: “O senhor gostaria de tentar a sorte?”. Tio Dockery apontou para os produtos oferecidos como recompensas e disse: “De jeito nenhum. Tenho medo de acabar ganhando alguma coisa”. Tio Dockery era particularmente malquisto pelo senador C. B. McAdoo, o homem mais rico de Stonewall. Tio Dockery sabia de uma história vergonhosa do senador e sempre a contava quando tinha chance. “Só Deus sabe há quanto tempo C. B. não fala comigo”, dizia o tio Dockery, “mas a gente era próximo quando era menino. Ele foi criado numa fazenda descendo a estrada, bem perto da minha, e a gente cresceu junto. Ele já era mesquinho naquela época. Num verão, quando a gente era pequeno, houve uma grande festa em Stonewall. Eles tinham acabado de concluir os trilhos da estrada de ferro de Charleston, Pee Dee e Northern, e o primeiro trem estava para passar e a cidade inteira tirou o dia para comemorar. Todos que moravam num raio de vários quilômetros viajaram para o evento e as ruas ficaram cheias de gente. Um ambulante veio de Charleston na noite anterior e montou uma barraca de limonada perto do armazém. Ele tinha trazido gelo dentro de um barril cheio de serragem. Gelo no verão era algo raro naquela época e as pessoas se aglomeraram ao redor da tenda para ver o homem quebrar o gelo. E limões eram raros também. O ambulante espremeu os limões e preparou um tonel enorme de limonada, daí começou a gritar: ‘Venham experimentar minha limonada! Feita de madrugada e misturada com uma espada!’. C. B. apareceu lá com sua garota, Sarah Ann Barnes. C. B. era um garoto grande, do campo, e tinha se arrumado. Ele tinha ligas ao redor das mangas da camisa e o cabelo estava todo ensebado e puxado para trás. Ele e a namorada foram até a barraca de limonada. C. B. enfiou a mão bem fundo no bolso da calça e desencavou uma moeda de cinco centavos. Ele colocou a moeda de cinco centavos sobre a mesa, recebeu um copo de limonada, deu um gole e estalou os lábios. Aí ele se virou para a namorada e disse: ‘Essa limonada é das boas, Sarah Ann. Melhor você comprar uma só para você’”.

Aprendi muito com o tio Dockery. Ele me ensinou como colocar a isca no anzol para pescar dourados, como usar uma espingarda, como descobrir a idade de

uma mula pelos dentes, como fazer uma galinha pôr ovos, como preparar perdizes na frigideira, como bater numa melancia para saber se ela está verde ou madura e como mascar fumo. Ele era o que chamavam de "mascador de mira". Ele acendia uma vela e colocava num toco de madeira; aí pegava uns três metros de distância e apagava a chama com um cuspe sem derrubar a vela. Eu admirava esse truque e ele fez de tudo para me ensinar. Ele me aconselhou a treinar cuspindo em pombos, dizendo: "É sempre melhor treinar em alvos que se mexem". O quintal da frente vivia cheio de pombos e ele escolhia um para eu acertar. Ele dizia que eu podia conseguir emprego num circo quando crescesse, caso ficasse bom de mira. Se eu tivesse sido abençoado com o dom da perseverança, agora estaria viajando pelo país com os Ringling Brothers e com Barnum & Bailey.

Às vezes, quando o tio Dockery estava ocupado, eu deixava meu cavalo solto no terreno das mulas e ia pescar no Briar Berry Swamp com o Pequeno Dock. Quando o tio Dockery estava com quase sessenta anos, ele e a tia Dolly tiveram um filho. A Tia Dolly sempre chamou o marido de Velho Dock, e o filho deles ficou conhecido como Pequeno Dock. Os outros filhos cresceram, estavam casados e foram embora de casa, e os velhos adoravam o Pequeno Dock; a tia Dolly dizia; "Ele demorou pra chegar, mas é o melhor do lote inteiro". Ele era um garoto estranho e rebelde. Quando as pessoas no vilarejo queriam ser educadas ao falar dele, diziam: "O coitadinho não é muito inteligente". Caso contrário, diziam: "Ele não bate bem. Puxou o pai". Eu era três anos mais velho, mas gostava de pescar com ele. O Pequeno Dock era um pescador maravilhoso, mas não parava de falar nem por um minuto. Ele conversava com qualquer coisa, animada ou inanimada. Era capaz de falar com o poste de uma cerca. Ele pegava um peixe e dizia: "Olá, peixinho, pare de se mexer. Você vai virar uma janta bem gostosa para o Pequeno Dock".

Ele tinha um interesse enorme por religião, mas o tio Dockery não o deixava frequentar as escolas dominicais de Stonewall porque tinha medo que os meninos da cidade tirassem sarro do filho. O Pequeno Dock vivia perguntando para o pai sobre Jesus. Um dia, nós três estávamos sentados num galpão de tabaco e o Pequeno Dock disse: "Pai, mas onde é que Jesus fica? Ele fica em Raleigh, ou em Washington, ou onde?". Tio Dockery, que era, do seu jeito, um homem profundamente religioso, disse que Jesus estava em toda parte – no ar, no céu, na água. O Pequeno Dock sorriu, como se não tivesse acreditado na explicação. Mais tarde no mesmo dia, no entanto, ele apontou para a copa de uma ameixeira e disse: "Olha lá o Jesus! Meu Deus, como

ele voa!". Tio Dockery disse: "Filho, você deve ter confundido Jesus com um passarinho. Não vejo nada ali além de um monte de gaios-azuis". O Pequeno Dock disse: "Ah, eu vi Jesus, sim. Ele acenou para mim quando passou voando por cima da árvore". Sempre admirei a atitude do tio Dockery nessa situação. Ele deu uns tapinhas no ombro do menino e disse: "Filho, estou orgulhoso de você. Não é todo mundo que tem um olho bom desse jeito". Qualquer um que tirasse sarro das peculiaridades do Pequeno Dock na frente do tio Dockery arranjava um inimigo para o resto da vida.

O Pequeno Dock era a cópia do pai. Eles falavam igual. Com frequência, o tio Dockery falava de si mesmo na terceira pessoa. Ele dizia: "Dockery saiu pescar hoje de manhã e voltou com uma truta tão grande quanto um fiambre". Com frequência, o Pequeno Dock fazia o mesmo. Uma vez, ele me disse: "Pequeno Dock tentou colocar o arreio na mula e acabou levando um baita coice. Pequeno Dock odeia aquela mula". Tio Dockery e o Pequeno Dock se divertem falando um com o outro. E às vezes, nas tardes de outono, eles sentam em barris no celeiro e bebem cerveja de caqui e cantam juntos. Eles cantam: "By and By We're Going Up to See the King", ˜The Hell Bound Train" e "If You Don't Like My Peaches, Please Quit Shaking My Tree". Ano passado, no entanto, a favorita deles era uma canção de um espetáculo de menestréis chamada "Just the Same". Eu me lembro de duas estrofes:

"White girl wears a high-heel shoe.
Yellow girl does the same.
Black girl wears no shoe at all,
But she gets there just the same.

"White girl lives in a big brick house.
Yellow girl does the same.
Black girl lives in the country jail,
But it's a brick house just the same."

O tio Dockery tinha seus defeitos. Ele era muito teimoso e crítico demais para o próprio bem. Num mês de janeiro deprimente, suas duas mulas ficaram doentes e morreram de algo que o veterinário chamou de estomatite vesicular, ou varíola de cavalo. O tio Dockery ficou tão indignado que se recusou a comprar mulas novas. Ele tinha um touro grande e decidiu que obrigaria o touro a assumir o lugar das mulas.

“Vou fazer esse touro trabalhar para mim ou vou morrer tentando”, disse ele. Alguns dias depois, numa manhã congelante com neve cobrindo tudo, ele acordou e viu que não tinha lenha dentro de casa. Estava tão frio que a água no cocho dos porcos tinha congelado. A tia Dolly não tinha lenha para o forno e não tinha como cozinhar o café da manhã. O tio Dockery tinha algumas achas de lenha cortadas e empilhadas no banhado, mas nada que ele pudesse usar para transportar a lenha até a casa, a não ser uma carroça de dois cavalos, e ele não achava que o touro conseguisse puxar a carroça sozinho. Ele gritou para a tia Dolly na cozinha fria: “Dockery e o touro vão puxar a carroça e trazer lenha para casa”. Assustada, a tia Dolly implorou para ele emprestar uma mula de um vizinho para colocar ao lado do touro, mas ele disse: “Não sou do tipo que pede emprestado”. Ele pegou o arreio pesado de mula, ajustou e colocou ao redor do próprio pescoço; aí amarrou o arreio à boleia da carroça. Aí ele se atrelou bem firme de um lado da carroça. Quando terminou, ele mandou a tia Dolly atrelar o touro do outro lado. Ele disse: “Dockery e o touro formam uma boa junta, melhor do que qualquer mula que já vi”. Quando tudo estava pronto, ele deu um chute no touro e disse: “Vai, touro”. O touro, ouriçado pelo frio e sem estar acostumado com a neve, deu um arranque arrastando com ele a carroça e o tio Dockery. A carroça sem motorista chacoalhava e quicava. O touro ficou trotando ao redor da casa sem parar e o tio Dockery fez o possível para conseguir acompanhá-lo. Embora o arreio limitasse seus movimentos, o tio Dockery erguia bem as pernas e dava passos ágeis porque sabia que, se tropeçasse, o touro ia arrastá-lo pela neve. A tia Dolly ficou parada no quintal da frente, se lamentando. Toda vez que o touro e o tio Dockery passavam por ela, atia Dolly acenava o avental, que assustava o touro e só piorava a situação. Por fim, o touro cansou e, junto com tio Dockery, diminuiu o ritmo e começou a andar. A tia Dolly correu para socorrer o marido. Ela começou a tirar o arreio. O tio Dockery estava desesperado; estava com medo que o touro começasse a correr de novo. Ele respirou fundo e disse: “Dolly, não se preocupe comigo”. Ele a afastou e disse: “Solte o touro. O Dockery aguenta”. Naquela tarde, ele foi mancando até Stonewall e comprou uma junta de mulas. Quando chegou em casa, ele e o Pequeno Dock carnearam o touro para o inverno. Tio Dockery disse: “Numa fazenda, o que vale é o trabalho em conjunto, e eu não suporto um touro que não colabora”.

(1939)

APÊNDICE 2 – A tradução anotada de *Estou no papo*

Capítulo I

Estou no papo

A não ser por um período em 1931, quando fiquei de saco cheio de ser repórter e fui para o mar, trabalhando num cargueiro que levou maquinário pesado para Leningrado e voltou carregado de madeiras soviéticas, vivi os últimos oito anos trabalhando em jornais de Nova York. No verão logo depois de ter saído da Universidade da Carolina do Norte em 1929, tive de operar meu apêndice e, enquanto me recuperava, li "A Comunidade Americana", de James Bryce, um livro que me fez querer ser repórter de política. Vim para Nova York com essa ideia na cabeça. Lembro que a primeira história que tive de cobrir foi um assassinato no estilo de Jack, o Estripador, numa casa de cômodos do Brooklyn; uma senhora de idade tinha sido estrangulada com uma meia de seda e morreu esfaqueada no quarto onde dormia, as paredes do lugar eram forradas com fotografias eróticas enormes.

À noite, eu era um "repórter local" para o *Herald Tribune*. Eu ficava sentado numa poltrona pulguenta de um prédio velho diante do posto da polícia no Brooklyn por horas a fio, esperando que algo violento acontecesse. Todos os jornais tinham escritórios no prédio. Quando alguma coisa acontecia, o homem que atendia o balcão do posto policial dava o aviso e a gente saía do prédio e corria para a cena do acidente, do assalto, do assassinato, da briga, do incêndio, do que fosse. Depois a gente passava as notícias por telefone para um redator. Fui repórter local por uns quatro meses. Cobri o Brooklyn, o West Side de Manhattan e o Harlem. Gostei mais do Harlem.

No Harlem, havia um cafofo – o repórter local fala de seu escritório como "o cafofo" – no andar térreo do Hotel Theresa, o maior hotel do Harlem, e nós ficávamos na entrada, sentados em cadeiras giratórias, olhando para as pessoas que passavam de um lado para o outro na Seventh Avenue, a principal rua do bairro. Eram quatro repórteres trabalhando à noite, três dos jornais matutinos e um da Associação de Notícias da Cidade. Meus colegas eram veteranos. A coisa que eles mais detestavam

num repórter era o entusiasmo, e eu estava sempre empolgado. Enquanto eu usava o telefone para passar uma história – na cabine, eu tentava equilibrar o telefone no ombro como os outros faziam, mas nunca consegui –, eles ficavam do lado de fora e apontavam para a testa e desenhavam círculos no ar, indicando que eu não tinha nenhum bom senso. A gente se revezava fazendo as rondas nas delegacias. Durante as rondas, às vezes a gente dava um pulo num barzinho ou num clube ou numa mesa de jogos e tentava arrancar uma história desses lugares. Tive chance de conhecer alguns personagens do submundo e gostava de ouvir eles falarem.

Um desses foi Gilligan Holton, um negro dono de um boteco do tipo "íntimo" – que ficava num porão –, chamado Cozido e Lesado, um nome de bar que só perdia para um estabelecimento mais novo, o Onda de Calor. Quando eu trabalhava no Harlem, vários homens e mulheres endinheirados da metrópole enchiam a cara lá e Holton tinha muitas informações sobre eles – e só uma fração delas faria uma avestruz engasgar. Lembro de uma grã-fina que costumava frequentar o porão e tinha o hábito de fazer homens negros, quase sempre dançarinos de sapateado, serem examinados por médicos antes de se envolver com eles. Tinha uma filha adulta. Eu via essa senhora e sua filha adulta falando baboseiras pelos bares do Harlem todas as noites. Até vir para Nova York, nunca tinha vivido numa cidade com mais de 2.699 habitantes e fiquei ao mesmo tempo fascinado e assustado com o que vi na noite do Harlem. Depois que saía do trabalho às três da manhã, eu dava uma volta pelas ruas e via o que a Depressão e a perversão do homem branco estavam fazendo com um povo que era "o último a ser contratado; o primeiro a ser dispensado". Quando eu me cansava de andar, quase sempre por volta do amanhecer, pegava um metrô e ia para meu quarto mobiliado de nove dólares por semana no Greenwich Village. Quando saía do metrô na Sheridan Square, comprava um *Herald Tribune* para ver o que o redator tinha feito com as histórias que eu havia passado por telefone horas antes. Eu tinha vinte e um anos, uma credencial da polícia no bolso e tudo era novo para mim. Quando o esquema de cobrir o Harlem acabou, eu estava tão fascinado pelo melodrama da noite metropolitana que me esqueci da ambição de ser um repórter de política.

O Harlem foi o último bairro que cobri. Depois disso, fui para a editoria de Cidade e pude fazer minhas próprias pautas. Trabalhei para Stanley Walker, um texano modesto, calmo e imprevisível que era o mais famoso editor de Cidade da época. Eu fazia matérias gerais, a maioria delas sobre crimes. O único tipo de crime

que gostava de cobrir eram os funerais de gângsteres, e ocorreram vários grandes naquele ano. Era difícil escrever sobre crimes no *Herald Tribune*, ainda mais sobre assassinatos, porque tínhamos recebido a ordem de evitar o uso da palavra "sangue" nos textos. Um dos proprietários não gostava. Em algumas histórias, isso era impossível. Por exemplo, eu me lembro de descer até um barzinho ilegal[150] na Elizabeth Street para cobrir o assassinato de um gângster insignificante. Era um daqueles bares com plantas de plástico amarradas nos sofás. Depois de ter a garganta cortada, o bandido se arrastou para fora da mesa e cambaleou por todo o estabelecimento, perdendo sangue a cada passo. Parecia que o sangue tinha jorrado de uma mangueira…

Cansei de correr atrás de assassinatos fuleiros – naquele ano parecia que todas as pessoas na região metropolitana estavam tentando matar umas às outras – e numa manhã fui até o centro e consegui um trabalho no convés de um cargueiro velho de Hog Island, chamado *City of Fairbury*. Ficamos quatorze dias atracados em Leningrado. Eu e mais um sujeito conhecemos duas garotas sardentas de olhos castanhos que trabalhavam nas docas – até os operadores de guinchos eram garotas – e levamos as duas para ver um filme do Charlie Chaplin num cinema da Avenida Vinte e Cinco de Outubro[151]. A garota que estava comigo dava cotoveladas no meu estômago e ria toda vez que Chaplin caía de boca no chão, e era um daqueles filmes em que ele usava patins. No dia seguinte, as duas garotas conseguiram passagens de trem para Detskoie Selo, que tinha sido a casa de verão da família do czar e virou uma casa de repouso para trabalhadores com filhos. Ela fica ao sul de Leningrado e a região pantanosa e plana me fez pensar no leste da Carolina do Norte. Em algum lugar daquela propriedade imensa, as duas garotas colheram morangos silvestres e, à noite, fizeram bolinhos com um morango silvestre russo em cima de cada um. Nós comemos os bolinhos e passamos mal. Eu me lembro de como elas ficaram orgulhosas quando colocaram os bolos na mesa, sorrindo para nós, e de como ficamos envergonhados, mais ou menos uma hora depois, quando passamos mal. Nós imaginamos que tinha alguma coisa a ver com a água, mas não conseguimos explicar para elas porque não sabíamos nada de russo. Em Leningrado, todos os dias nadamos nus no Neva, sob o agradável sol russo. Uma tarde, todos os marinheiros de

[150] No original: *speakeasy*, termo usado para todo bar ilegal durante a Lei Seca (1920–1933).
[151] Este nome, Avenida Vinte e Cinco de Outubro, durou pouco, cerca de duas décadas. Hoje ela voltou a se chamar Avenida Névski.

embarcações americanas que estavam no porto se reuniram e marcharam com os russos numa manifestação contra a guerra imperialista, um evento realizado todos os anos. Uma noite, uma garota me convidou para ir jantar com sua família, uma sopa grossa de repolho com pão preto que tinha cheiro de cereais úmidos. Depois do jantar, a família cantou. A garota falava um pouco de inglês e me pediu para cantar uma canção americana. Cantei a única que sabia, "Body and Soul"[152], que era popular naquela época em Nova York. Eles pareceram intrigados com a música.

Parei de trabalhar no cargueiro quando aportou em Albany, Nova York, para entregar o carregamento de madeira. Peguei um ônibus para Nova York e, semanas depois, consegui um emprego no *World-Telegram*, um jornal vespertino, onde ainda trabalho. Na maior parte do tempo, minha tarefa é escrever reportagens longas e entrevistas, e nessa função tenho sido torturado por alguns dos tagarelas mais extravagantes do mundo, incluindo George Bernard Shaw [153] e o educador notoriamente prolixo Nicholas Murray Butler[154], e faz tempo que me tornei incapaz de detectar insanidade. Às vezes, por causa de uma matéria, eu preciso ir a um hospital psiquiátrico e nunca percebo a diferença. Numa redação de jornal, nenhum dia é normal, mas vou descrever um dia tão incoerente quanto uma centena de outros. Certa vez, quando cheguei às nove da manhã, me mandaram encontrar e entrevistar um pedreiro italiano que se parecia com o príncipe de Gales; alguém ligou dizendo que tinham lhe oferecido um trabalho em Hollywood. Eu procurei muito até encontrá-lo no porão de uma padaria de *matzás*[155] no East Side, onde ele estava consertando um forno. Acabei brigando com o homem que administrava a padaria; ele achou que eu era um inspetor da Vigilância Sanitária. Enfim encontrei o pedreiro e ele não era de falar muito de si mesmo, mas ficava dizendo: "Tenho medo de ser processado". Voltei para a redação e escrevi a história e depois me mandaram entrevistar uma boxeadora que estava vivendo no St. Moritz Hotel. Ela guardava todo o equipamento de boxe no quarto. O lugar tinha cheiro de suor e de couro molhado, e me fez lembrar do vestiário na academia de Jack O'Brien[156], na Filadélfia, num dia de chuva. Ela me disse que não era apenas boxeadora, mas também condessa. Em seguida, calçou as

[152] "Body and Soul" é um clássico do jazz composto em 1930 por Johnny Green, com letra de Edward Heyman, Robert Sour e Frank Eyton.
[153] Dramaturgo e escritor, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1925.
[154] Filósofo e diplomata, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1931.
[155] Um tipo de pão judaico feito de farinha branca e água, e sem fermento.
[156] Pugilista dos Estados Unidos, também conhecido como Philadelphia Jack O'Brien (1878–1942), foi campeão mundial dos meios-pesados em 1905.

luvas para me mostrar como lutava e, se eu não tivesse engatinhado para debaixo da cama, ela teria arrancado a minha cabeça. "Sou uma bola de fogo!", gritava ela. Voltei para a redação e escrevi a matéria, e depois me mandaram entrevistar Samuel J. Burger, que telefonou para o jornal dizendo que vendia baratas de corrida para gente da sociedade por setenta e cinco centavos o par. Mr. Burger é o agente teatral por trás de atrações como o finado pai de John Dillinger, uma sucessão de dançarinas nuas e Mrs. Jack "Legs" Diamond[157]. Certa vez ele tentou contratar o júri inteiro do caso Hauptmann[158]. Eu o encontrei numa charcutaria na Broadway, onde ele comprava sanduíches de queijo e presunto para duas *strippers*. Ele sacou um cheque nominal e provou ter vendido e entregado uma remessa de baratas para uma senhora que planejava animar uma festa com elas, imagine só. Mr. Burguer disse ter criado um serviço chamado Ballyhoo Associates com o objetivo de alugar animais. "Aluguei um monte de macacos", ele me disse. "As pessoas se sentem sozinhas e me telefonam pedindo um macaco para fazer companhia. Afinal, um macaco é um mamífero, assim como nós." Escrevi essa história e fui embora para casa. Um dia típico de trabalho.

Não pense, no entanto, que me incomodo com tagarelas. As únicas pessoas que não me interessam são mulheres da sociedade, figurões da indústria, autores respeitados, ministros, exploradores, atores de cinema (exceto W. C. Fields[159] e Stepin Fetchit[160]) e qualquer atriz com menos de trinta e cinco anos. No que diz respeito a bater papo, acredito que os seres humanos mais interessantes são antropólogos, fazendeiros, prostitutas, psiquiatras e um ou outro *barman*. A melhor conversa é simples, a conversa de alguém tentando se tranquilizar ou se consolar; de mulheres tomando sol ao redor de carrinhos de bebê, falando sobre suas semanas no hospital ou sobre como o preço da carne subiu; ou de homens em bares, falando para

[157] Jack "Legs" Diamond (1897–1931), também conhecido como Gentleman Jack, foi um gângster americano de origem irlandesa que atuou em Nova York e em Filadélfia no período da Lei Seca.
[158] Richard Hauptmann foi condenado por sequestrar e matar um bebê de vinte meses de idade no que foi chamado de "o crime do século". Talvez porque não se tratava de um bebê qualquer. Os pais da criança eram os aviadores Charles Lindbergh e Anne Morrow Lindbergh, duas grandes celebridades na época em que ocorreu o crime. Charles ganhou fama em 1927 ao realizar o primeiro voo solo cruzando o Atlântico – ele saiu de Long Island, em Nova York, e trinta e três horas e meia mais tarde aterrissou em Paris. Hauptmann negou o crime até o fim. Após a condenação, foi executado na cadeira elétrica em 1936. Ele tinha trinta e seis anos.
[159] W. C. Fields (1880–1946) é lembrado como um dos grandes comediantes americanos de seu tempo, ao lado de figuras como os Irmãos Marx, o Gordo e o Magro e os Três Patetas. Ele era famoso também por frases venenosas como: "Sou livre de preconceitos. Odeio todo mundo sem distinção" e "Comecei a beber por causa de uma mulher. Nunca tive chance de agradecê-la".
[160] Stepin Fetchit (1902–1985) é citado pelo *Internet Movie Database* como um dos atores mais controversos dos Estados Unidos. Considerado o primeiro astro negro do cinema americano, ele fez fortuna interpretando estereótipos de negros (daí a controvérsia). O ápice de sua carreira foi nos anos 1930, trabalhando em filmes como *Nas Águas do Rio* (1935), de John Ford.

combater a solidão que todo mundo sente. A conversa quando você entrevista alguém para o jornal é quase sempre premeditada e artificial.

Mesmo assim, de vez em quando, alguém diz algo inesperado e isso é formidável. Certa vez, eu estava trabalhando em uma série de histórias sobre vodu e magia negra em Nova York. Acompanhado de um assistente do promotor público, tive uma conversa longa com uma prostituta. A partir da história confusa que ela contou para o policial do Esquadrão Antidrogas após ter sido presa, o promotor público desconfiou de que ela tinha sido usada como altar numa missa negra[161]. Para complicar, ela não via nada demais na experiência que havia tido. Tempo depois, exasperado, o promotor perguntou por que ela tinha se tornado prostituta para início de conversa e ela respondeu: "Eu só queria ser útil".

Você raramente sabe o que vai perguntar quando é mandado para entrevistar alguém. O editor diz: "Vá entrevistar esse xarope", e você vai até ele e começa a conversar. É preciso ser rápido e poucos conseguem abrir a boca e dizer algo que valha a pena publicar no jornal. O melhor jeito de começar uma entrevista com alguém conhecido é, quase sempre, lembrar da pior coisa que você sabe sobre a pessoa e perguntar se é verdade. É preciso deixar a pessoa furiosa, mas não furiosa demais. Eu me lembro do brilho gélido que surgiu nos olhos da evangelista Aimee Semple McPherson quando perguntei se era verdade que ela tinha ordenado o marido, David L. Hutton, um robusto cantor brega, só para ele não pagar mais passagens de trem. Essa nem sempre é a melhor maneira. Toda vez que tenho de entrevistar Mrs. Ella A. Boole, a presidente mundial da W.C.T.U.[162], dou a entender que sou muito mais contra o rum do que ela.

Algumas pessoas – Gertrude Stein, Emma Goldman, Gilda Gray, Eleanor Holm e Peter J. McGuinness[163], o xerife do Brooklyn, estão entre elas – conseguem falar frases que rendem histórias a qualquer hora do dia ou da noite. (Gilda Gray, a dançarina polonesa, é legal. Certa vez fui perguntar sobre o envolvimento dela com um herdeiro qualquer. Ela percebeu que não havia nada demais nessa história e preferiu falar sobre a visita que fez a um convento em Milwaukee, onde tinha estudado. Ela almoçou com as freiras e, antes de sentar para comer, mostrou alguns

[161] No satanismo, a missa negra é rezada diante de uma mulher nua com as pernas abertas, que faz as vezes de um altar.
[162] Woman's Christian Temperance Union, ou União Cristã de Mulheres pela Temperança.
[163] Gertrude Stein e Emma Goldman foram escritoras; Gilda Gray, atriz e dançarina; Eleanor Holm, nadadora e campeã olímpica; e Peter J. McGuinness, ex-boxeador e político.

passos de *black bottom*, uma dancinha dos anos vinte. "Pelos velhos tempos, mostrei para as freiras alguns movimentos", disse Miss Gray. "Elas com certeza gostaram bastante."). Os dois tipos de seres humanos cujas frases são sempre divertidas são velhas atrizes maldosas, frustradas e decadentes, e pessoas com fobias, especialmente aquelas que preveem o fim do mundo. (Havia um homem atormentado de nome Robert Reidt, lá de Long Island, que sempre subia no topo das colinas perto de East Patchogue[164] com a família para aguardar o apocalipse. Prever o fim do mundo era uma obsessão para ele. Num dia monótono, telefonei para perguntar se tinha alguma novidade sobre o juízo final e a telefonista disse: "O telefone de Mr. Reidt foi desligado"). A finada Mary Louise Cecilia (Texas) Guinan era uma mulher de conversa sempre imprevisível. Numa ocasião, fomos para Flushing, onde ela e sua "Gangue de Vinte Lindas Garotas Guinan" se apresentariam num evento de vaudeville. Nós fomos em sua limusine à prova de balas, um automóvel que havia pertencido a Larry Fay, o degolador. Alguém estava planejando produzir uma peça baseada na vida de Aimee Semple McPherson e Miss Guinan foi chamada para interpretar o papel principal. Comentei que Mrs. McPherson com certeza processaria o produtor. "Isso", disse Miss Guinan, "não é problema meu".

Fico satisfeito quando uma entrevista começa assim. Admiro as imagens usadas numa conversa vulgar. Gostaria que os jornais tivessem mais coragem para publicar conversas com palavrões e tudo. Alguns dos epigramas mais oportunos do prefeito La Guardia[165], por exemplo, não podem ser impressos em nenhum jornal de Nova York. Se um repórter tenta conseguir qualquer coisa extraordinariamente sincera numa história, vem um copidesque e corta do texto. Existem dezenas de copidesques admiráveis em jornais nova-iorquinos, mas a maioria parece entediada demais para dar a mínima para qualquer coisa. Eles não precisam ser censurados; eles censuram a si mesmos voluntariamente. Parece que preferem uma polidez desagradável no lugar das palavras certas; eles sempre cortam a palavra "barriga" do texto e a substituem pela repugnante "estômago". Vi um cafetão ser citado como "um representante do submundo". No jornal em que trabalho, os repórteres escrevem "estuprada", mas eles sempre corrigem para "agredida criminosamente". Copidesques ainda parecem gostar de palavras afetadas, como "pequenino". Todos os dias aparece

[164] Uma área verde na região metropolitana de Nova York, a cerca de oitenta quilômetros de Manhattan.
[165] Político republicano Fiorello Henry La Guardia (1882–1947), prefeito de Nova York durante três mandatos, de 1934 a 1945.

um jornal se referindo a Lottie Coll[166] como a "pequenina pistoleira", e Lottie é tão grande quanto Jack Dempsey e duas vezes mais durona. Um bom copidesque teria como princípio cortar uma palavra como "pequenina" de qualquer texto. Uma vez, cobri um comício em que um político bêbado xingou violentamente seu adversário durante quinze minutos. Os absurdos que dizia eram tão vigorosos que devem ter lhe corroído os dentes. Usei no meu texto alguns dos comentários mais amenos, mas o copidesque cortou todos e escreveu: "Comissário Etcetera declarou que seu oponente não estava a par das questões". Não existe nada comparado à fúria que toma conta de um repórter quando vê seu nome assinado num texto que foi castrado por um copidesque ou por um dos editores na redação.

As pessoas menos interessantes de entrevistar para um jornal são as que supostamente deveriam ser as mais interessantes: figurões da indústria, fabricantes automotivos, financistas de Wall Street, czares do petróleo e do aço, gente assim. Ou elas perfuram seus ouvidos com absurdos sobre como são empreendedoras ("Tudo que eu tinha quando cheguei neste país eram dezessete centavos e um pãozinho de sementes de papoula"), ou ficam sentadas com ar sombrio. Depois da experiência dolorosa de entrevistar um desses senhores, você desce pelo elevador e sai para rua e vê as moças bonitas, as moças bonitas que trabalham, com seios que saltam alegres debaixo dos vestidos, e se sente aliviado; a sensação é de que você escapou de uma tumba em que os vermes estavam a ponto de começar seu trabalho; você sente que seria melhor enganar, mentir, roubar, assaltar farmácias ou beber até cair morto na sarjeta em vez de acabar como um daqueles capitães de indústria com o rosto igual a uma tigela de aveia. Mulheres da sociedade são as próximas na lista. Eu as comparo à figueira-brava e ao apêndice vermiforme; não vejo nenhum motivo para existirem. Além disso, são mal-educadas. No cumprimento do dever, tive de lidar com dezenas de viúvas herdeiras e debutantes gananciosas e acredito que o comportamento das mulheres da sociedade, nos Estados Unidos, é pior do que o de qualquer mulher no mundo; numa comparação, elas fazem garçonetes atarefadas parecerem queridas.

Políticos, quase sempre, facilitam a vida do repórter. Alguns são tão divertidos que você pode escrever sobre eles com uma mão nas costas. (Herbert Hoover não faz parte desse grupo. É mais do tipo sombrio. Ele me deu duas entrevistas e, em ambas ocasiões, sua expressão me fez pensar num bebê gordo sofrendo de cólica). É talvez

[166] Esposa do gângster irlandês Vincent "Mad Dog" Coll.

um comentário feio sobre a imprensa americana, mas a função do entrevistador na maioria dos jornais é entreter, e não esclarecer. Para este propósito, homens como Huey Long e Hyman Schorenstein, um líder distrital do Brooklyn que supostamente não sabe ler nem escrever, foram feitos sob medida. Um entrevistador não demora a julgar figuras públicas baseado no quanto são capazes de entreter, ignorando sua verdadeira importância. Não é fácil emplacar uma entrevista com o professor Franz Boas, o maior antropólogo do mundo, na editoria de Cidade, mas uma entrevista meia-boca com Oom, o Onipotente[167], vai aparecer no rodapé da primeira página debaixo de um título de duas colunas. Além disso, a imprensa americana fica do lado dos estúpidos, atacando apenas os fracos e os excêntricos. Nas declarações mimeografadas de Nicholas Murray Butler, até os pontos-e-vírgulas são pomposos, mas os jornais as dependuravam na primeira página quase todas as manhãs de segunda-feira ao longo do ano. Se Nicholas Murray Butler e Peter J. McGuinness fizessem declarações idênticas, os jornais tratariam Mr. Butler com um respeito gigantesco enquanto Pete seria tratado como um tagarela que devia ficar quieto. É prudente escrever com precisão apenas sobre os loucos e os vagabundos. Quando uma figura pública faz algo ridículo, aí sim os repórteres podem escrever sobre ela com precisão. J. P. Morgan sempre foi tratado com um respeito calculado até ter um caso com uma anã; depois disso, os jornais não tinham mais medo dele.

Huey Long, como eu disse, saía melhor que a encomenda. Qualquer repórter semianalfabeto era capaz de escrever um épico a respeito dele. A última vez que eu o vi, ele estava de ressaca sentado numa cama do Waldorf-Astoria. Estava de pijama azul-bebê, bocejando e coçando os dedos do pé. Havia três repórteres no quarto fazendo perguntas. A cada pergunta, ele dizia: "É mentira", e dava uma gargalhada rouca. Em seguida, sentou na beirada da cama, gemendo, e contou uma longa história incoerente sobre um parente seu que era dono de bar. No entanto, o político mais pródigo em frases incoerentes era o ex-prefeito de Nova York John P. O'Brien. Dava gosto de ouvi-lo se pronunciar. Certa vez, numa conferência de mulheres, ele disse: "Durante a semana, tenho várias questões cruciais para resolver. Eu me encontro com pessoas importantes e preciso ir aqui e ali para dar conta dos compromissos como prefeito da cidade. Portanto, quando venho aqui, neste grande fórum, e vejo diante de mim essas beldades – senhoritas, garotas e viúvas –, a emoção corre solta dentro de

[167] Um iogue cujo nome verdadeiro era Pierre Bernard, pioneiro da iôga nos Estados Unidos.

mim". Numa outra ocasião, ele se levantou e disse: "Senhor presidente e, se me permitem, irmãos? Quando entro numa sala cheia de cadeiras, um espírito fraterno toma conta de mim". Uma vez, falando para a Ohio Society, ele leu um poema, suspirou e disse: "De vez em quando, sinto falta do rio que já não existe mais ou da boemia que ajudava a aliviar o estresse da coisa toda". Já vi uma plateia ficar intrigada, imaginando o que ele queria dizer. Numa noite, ouvi O'Brien contar da vez em que quase caiu de um caminhão de mudança e fiquei tão fascinado pelas palavras que saíam de sua boca que esqueci de fazer anotações. Depois do discurso, fui até um estenógrafo de O'Brien e pedi que me passasse um trecho do pronunciamento. Publicamos a matéria no dia seguinte e dois de seus coordenadores de campanha me procuraram dizendo que eu tinha inventado tudo e ameaçaram me processar pedindo cento e cinquenta mil dólares.

Nenhum repórter consegue trabalhar o tempo todo com entrevistas sem ficar um pouquinho louco. Mais cedo ou mais tarde ele vai começar a se sentir desequilibrado. Partindo para questões mais importantes, acho que a rotatividade de funções deveria ser um ponto defendido pela American Newspaper Guild, o sindicato dos jornalistas, do qual faço parte e em cujas propostas acredito. Quando um editor flagra você olhando vesgo para suas anotações e desejando a morte dos imbecis inarticulados que acabou de entrevistar, ele às vezes é legal o bastante para mandar você de volta para rua por um tempo ou deixar você reescrever o material, ou talvez surja uma grande história para salvar sua sanidade. Quando você está prestes a sucumbir a uma das doenças ocupacionais de um repórter – indigestão, alcoolismo, cinismo e Nicholas Murray Butler são algumas delas –, quase sempre aparece uma grande história, uma caçada sangrenta para tirar você de dentro da redação.

Certa vez fui salvo pelo julgamento de Hauptmann. Numa sucessão rápida de eventos, eu tinha entrevistado um cantor que tentava dar a volta por cima, um trapezista lesionado, o proprietário de um clube de corações solitários, um estudante de terremotos, uma mulher empreendedora, um homem que fabrica os leques usados por dançarinas de leques, um defensor da doação de sangue e Samuel Goldwyn[168], e comecei a gemer ao chegar perto de uma máquina de escrever. Foi quando me mandaram para Flemington, em Nova Jersey, para fazer a cobertura do tribunal durante o julgamento de Hauptmann. O julgamento foi um pesadelo para a maioria

[168] Produtor de cinema, fundador do estúdio da Metro-Goldwyn-Mayer, aquele do leão que ruge no início de cada filme.

dos repórteres que estavam trabalhando nele e, um pouco antes de o processo chegar ao fim, eu já não dizia mais coisa com coisa, mas a princípio foi reconfortante não ter de fazer perguntas e apenas ficar quieto e ouvir o procurador-geral do estado de Nova Jersey. Comparado a outros trabalhos do jornal, um julgamento é fácil de cobrir – quer dizer, um julgamento de assassinato. Uma coisa como o julgamento do Banco dos Estados Unidos é outra questão. Um julgamento financeiro é uma tortura lenta. Num julgamento de assassinato, você apenas senta quieto e escreve tudo que acontece. Depois de trabalhar em matérias especiais por um tempo, não existe nada melhor que um rápido julgamento de assassinato para desanuviar as ideias. Isso desencoraja o repórter de querer transformar qualquer pautinha ordinária em literatura. Não existe incômodo maior para um jornal do que um repórter que está sempre tentando escrever literatura.

Meu jornal tinha pelo menos dez repórteres em Flemington durante as semanas confusas do julgamento Hauptmann – comparados com nossos concorrentes, estávamos com uma equipe pequena – e cobrimos o julgamento melhor do que qualquer outro jornal vespertino. Conseguimos isso porque a cada noite, quando o julgamento era adiado, nós deixávamos a atmosfera febril de Flemington, onde os repórteres eram obrigados a conviver como minhocas numa lata de iscas, e só voltávamos na manhã seguinte, quando o julgamento era retomado.

Ao longo da cobertura, íamos dormir em Stockton, Nova Jersey, a uns quinze quilômetros de Flemington, num hotelzinho chamado Stockton, fundado em 1832 e conhecido pela fartura de seu cardápio americano, formado por coisas como peito de frango com grossas fatias vermelhas de presunto curado com açúcar. Nós tomamos conta do estabelecimento e, no andar de baixo, instalamos um telégrafo que usávamos à noite. O hotel é administrado por cinco irmãos mais a mãe deles – a família Colligan. Um dos irmãos tem uma filha que certa vez ganhou na loteria irlandesa[169]. O hotel fica a um quarteirão do Rio Delaware, e o gelo rompendo sobre o Delaware é um dos espetáculos mais impressionantes que vi na vida. Faz você se sentir religioso, ou patriota, ou algo assim. Nós costumávamos ir até o rio à noite para ver pedaços de gelo tão grandes quanto vagões se acumulando contra os pilares da ponte; e de madrugada podíamos ficar na varanda do hotel ouvindo os estalos do gelo à distância.

[169] A *irish sweepstake* foi uma loteria criada pelo governo irlandês em 1930 para financiar hospitais. Loterias eram proibidas nos Estados Unidos, mas a versão irlandesa acabou se tornando bastante popular no território americano pelo menos até os anos 1950. Porém, ela nunca deixou de ser ilegal.

Existe um canal em cada margem do Delaware e os dois congelavam completamente e nós pegávamos dois pequenos trenós que eram propriedade do hotel para deslizar pelo canal e sentir frio na barriga. Na manhã seguinte, comíamos montanhas enormes de panquecas com Filadélfia *scrapple*[170] e fatias finas de bacon do presunto vermelho de Mrs. Colligan. Eu gostava de passear de trenó em Stockton; foi o último exercício que fiz até o inverno seguinte, quando me envolvi num acidente de avião perto de Cleveland, depois de sobrevoar o vale inundado do Rio Ohio. O hotel guardava seus mantimentos numa cave na lateral de uma montanha. Na cave havia um barril grande com cento e oitenta tartarugas-diamante que William Colligan, o irmão mais velho, caçou num rio de montanha em Sussex County. Jantamos cozido de tartaruga todas as noites ao longo de uma semana, um cozido feito com conhaque. Depois disso, a gente brincava com as tartaruguinhas; alguém trazia uma porção dos bichinhos para o bar toda as noites. Recebíamos muitos visitantes em Stockton. Nos fins de semana, nossas esposas apareciam. Numa noite com tempestade, apareceu Thomas Benton, o pintor. Ele tinha sido contratado pelo meu jornal para fazer desenhos do julgamento. Quando viu nossa lareira com carvalho, tirou os sapatos, sentou na frente do fogo e ficou até a meia-noite falando das belezas dos Estados Unidos.

Após o jantar tínhamos de abandonar a multidão no bar – havia dois bares no hotel: um para os fazendeiros locais, outro para os hóspedes – e subir para os quartos a fim de escrever as matérias que seriam publicadas até que o julgamento fosse retomado no dia seguinte. Ou seja, eram incluídas na edição local e na do meio-dia, mas eliminadas da edição noturna. Todo mundo usava um único quarto, um quarto grande com uma lareira que, por volta das dez horas da noite, ficava cheio de repórteres golpeando máquinas de escrever portáteis com os absurdos do dia. Wesley Price, que atuava como uma espécie de editor local itinerante, percorria todas as máquinas de escrever, arrancando delas as primeiras versões dos textos. Ele olhava para o material, resmungava e mandava para o andar de baixo, folha por folha, para o sonolento operador do telégrafo instalado no hotel. Garotas de Trenton e da Filadélfia vinham para Stockton e, de noite, ficavam de pé na porta do quarto interrompendo todo mundo para perguntar se a gente achava que Hauptmann era culpado. Um de nossos fotógrafos trocava as lâmpadas do banheiro por bulbos de flash e, quando uma das gurias de Trenton entrava no banheiro, a gente ouvia o grito assim que ela

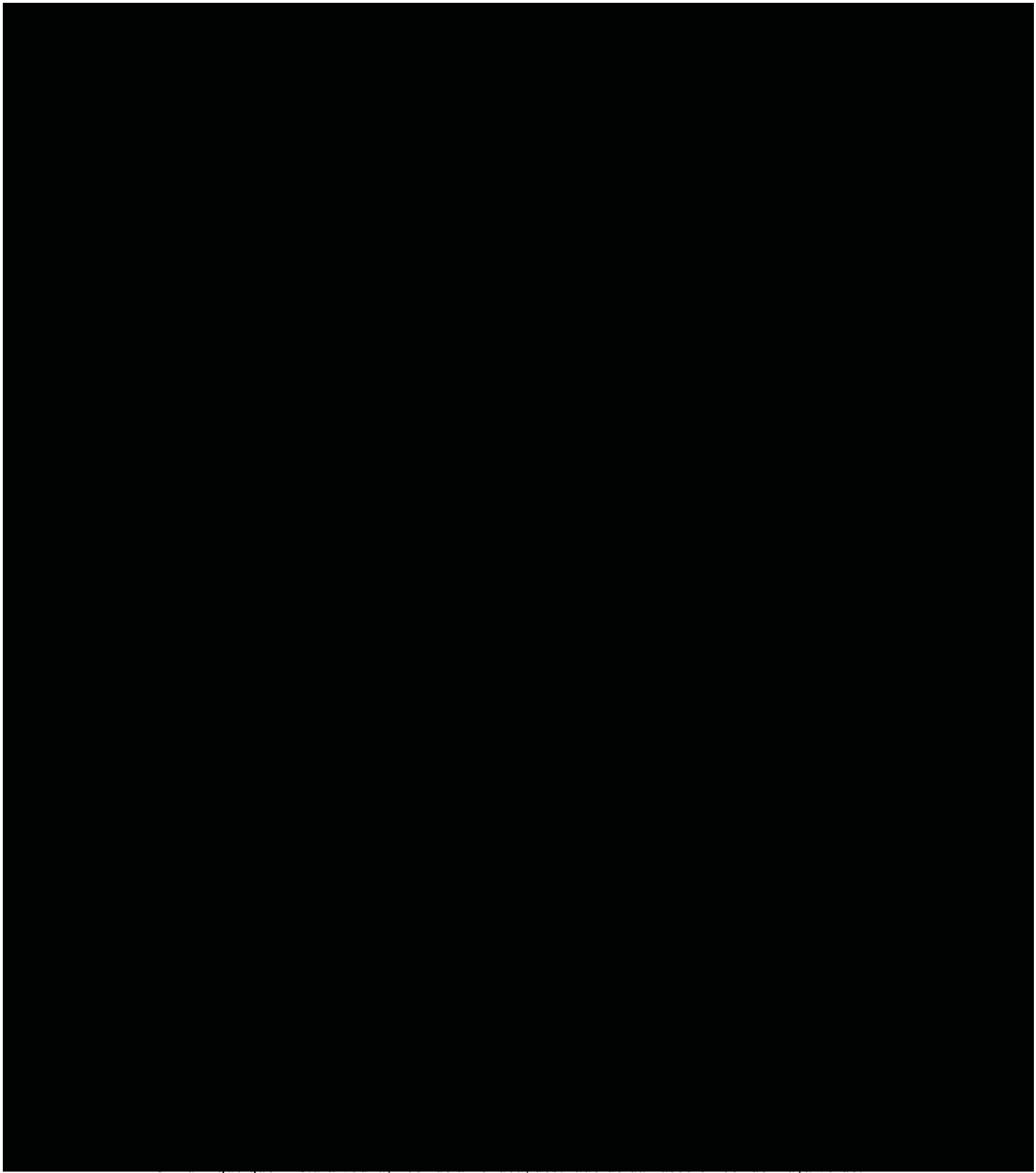
[170] Uma espécie de angu com pedaços de carne de porco.

acionava o interruptor e o bulbo estourava com toda força emitindo uma luz intensa. Um de nossos repórteres, Sutherland Denlinger, cantava canções militares e *spirituals* enquanto trabalhava. Ele conseguia cantar "Tiddly Winks God Damn" enquanto escrevia uma análise dos testemunhos do dia.

Às vezes a gente mantinha as máquinas de escrever funcionando até as três da manhã, saindo para a varanda do andar de cima de tempos em tempos para ver a neve se acumular na rua deserta e tranquila da cidadezinha. De manhã, todos os cinzeiros estavam cheios de guimbas e as lixeiras, com pilhas de papel amassado e garrafas vazias de *applejack*[171]. Toda vez que vejo uma garrafa de *applejack*, eu penso no julgamento de Hauptmann. Era uma confusão. Vi seis homens serem eletrocutados e, certa vez, uma jovem que tinha levado uma facada no pescoço morreu enquanto eu tentava socorrê-la, e numa noite vi um policial irlandês de cabelo branco e rosto gentil torturar um ladrão negro arrancando curativos das costas do bandido, mas no quesito brutalidade desnecessária acho que nunca vi nada bater o julgamento de Hauptmann – Mrs. Lindbergh, por exemplo, identificando a roupa de dormir usada pelo filho assassinado, ou Mrs. Hauptmann, na noite em que o júri se apresentou e ela ficou sabendo que o marido seria eletrocutado. Quanto mais velho fico, menos tenho disposição para ver certas coisas. No entanto, sou insensível o suficiente para lembrar que o julgamento me deu uma folga da redação e um monte de ar puro e comida boa. Foi uma confusão, mas me diverti durante a cobertura, e isso nunca vai se repetir, se Deus quiser. É assim que me sinto em relação a várias reportagens que fiz.

[171] Bebida destilada feita de maçãs com teor alcoólico de até 40% (o mesmo de muitos uísques). O *applejack* foi famoso nos Estados Unidos até meados do século XX.

Capítulo II



[173] Um tipo de bebida gaseificada feita de ervas e sem álcool, semelhante a um refrigerante, mas de sabor amargo.
[174] Mulligan era um tipo de licor feito com uísque.

cheira igual a um estábulo e há uma lenda na vizinhança de que condutores de carroças têm de segurar seus cavalos para que eles não entrem no bar.

Dick, o proprietário, é um italiano de olhos tristes e quadris largos que com frequência sacode os punhos gordos e peludos na direção do teto cheio de moscas e fala alto: "Querem acabar comigo". Ele odeia todos os clientes, mas é liberal em relação a crédito e tem uma caixa de charutos debaixo do balcão cheio de divisórias. Se está de bom humor, ele entrega a garrafa para o cliente se servir de uma terceira dose e diz: "Esta é por minha conta".

Numa ocasião, Dorothy Hall, uma colunista social, levou Dick para o Baile de Belas Artes. As fantasias deveriam ser orientais e ela arranjou um traje de eunuco para Dick. Disse para ele só falar italiano e o apresentou como um nobre importante vindo de Nápoles. Ele dançou com Elsa Maxwell, que estava vestida como um eunuco-mor.

"Sem dúvida, ela era muito educada", disse ele mais tarde.

Quando compra um jornal, Dick o esparrama sobre o balcão e procura por garotas em roupas de banho. Quando encontra uma de que gosta, diz: "Meu Deus! Olha essa gracinha. Meu Deus! Ela tem tudo no lugar. Meu Deus! Eu morreria por essa aqui".

Os clientes nunca o chamam pelo nome. Ele é chamado de "A Casa". Por exemplo, um cliente diz para um atendente: "Veja se A Casa pode trocar um cheque para mim". Quando está jogando dados, ele sempre canta. Acredita ter uma voz bonita e sua música favorita é "Love in Bloom". Quando chega para trabalhar, amarra o avental e dá uma olhada para a clientela no bar. Aí balança a cabeça e diz: "Devem ter esquecido de fechar o hospício". No entanto, ele acredita que administra um lugar classudo. E diz com orgulho: "Na última vez que Mr. Heywood Broun esteve aqui, disse que o meu *rickey*[175] de gim é o melhor que já tomou." Certa vez alguém roubou uma placa de uma dessas franquias que vendem nozes, a Chuck Full o' Nuts Company,[176] e pendurou na porta do bar, e ele ficou vários dias zangado.

O lugar foi um barzinho ilegal e, vinte minutos após a Lei Seca ter sido aprovada, A Casa já havia descumprido todas as 1.117 novas normas que

[175] Um drinque feito de suco de limão, água com gás e gim (ou bourbon).
[176] A palavra *nuts*, "nozes" em inglês, também pode ser traduzida como "loucos". *Chock-full* (com "o") é uma expressão que pode ser traduzida como "abarrotado". A placa funciona então como um trocadilho: ela pode significar "empresa do Chuck cheia de nozes" e "organização abarrotada de loucos".

regulamentavam bebidas alcoólicas. Em muitos bares novos, os garçons abraçam a ideia de prestar um bom serviço e tratam os clientes com respeito, mas aqui os atendentes também odeiam os clientes. Esse ódio é mútuo, e todas as noites o balcão é uma barreira entre dois campos hostis. Os atendentes não simpatizam com fregueses que chegam de ressaca, e não receitam remédios.

"Tomara que você morra", A Casa diz com frequência. "Você devia fugir do estado por causa do que fez ontem à noite."

Há dois garçons fixos e eles também odeiam os clientes. Um se chama Horace. É um italiano com problema de adenoide que nunca fecha a boca. Ele vive delirando. Serviu no exército italiano durante a guerra e acredita que sua cabeça foi decepada por um tiro e que os médicos pegaram a cabeça de um austríaco e costuraram no seu pescoço. Ele afirma que a nova cabeça não é satisfatória porque é a cabeça de um jovem que com frequência clama por aventuras enquanto o resto do corpo não está particularmente interessado nelas.

"Minha outra cabeça tinha um bigodão", disse ele, uma noite.

O outro garçom é um norueguês chamado Eddie, cujos pés doem. Quinze minutos depois de ter anotado um pedido, ele volta e diz: "O que foi mesmo que você pediu?". Ele guarda uma garrafa de gim no topo da geladeira e toma um gole a cada trinta minutos. Nas noites de sábado, quando o movimento acaba, ele veste uma capa de chuva sobre o avental de garçom e vai lá fora dar uma olhada nos concorrentes. Às vezes, depois de ocorrências assim, ele desaparece por vários dias e, se um freguês pergunta alguma coisa, A Casa diz: "Ele está em Bellevue[177]. Querem acabar comigo".

O cozinheiro é mal-humorado. Num almoço, um cliente entrou e olhou para o cardápio mimeografado. "Como está o bife?", perguntou.

"Vou ver", respondeu Eddie.

Pouco depois, ele voltou.

"O cozinheiro disse que não está bom", disse.

"Pergunte para ele o que é que está bom", ordenou o freguês.

Minutos depois, Eddie voltou outra vez.

"O cozinheiro disse que nada está bom."

[177] Cidade no estado de Washington, nos Estados Unidos.

Entre os clientes, estão quatro integrantes de um escritório federal de inspeção, que são conhecidos no bar como *G-Men*[178]. Quando um deles recebe um telefonema, corre até a cabine nos fundos e fecha a porta. Essa era a deixa para que os outros fossem logo atrás e batessem nas portas de madeira da cabine com listas telefônicas. Numa noite, chegaram a destruir uma cabine. Eles ficavam gritando: "Escute o tum-tum na selva". Eles golpeavam a cabine até que o colega que estava dentro abria a porta furioso e era agarrado pelos outros. Eles o jogavam no chão e sentavam em cima dele. Quando já estava exausto e deixava de resistir, os outros três se revezavam ao telefone resmungando coisas ininteligíveis até que a pessoa do outro lado da linha desligasse. As brigas se repetem três vezes a cada noite, com um *G-Man* como vítima em cada rodada. Os outros fregueses nem percebem mais as brigas.

Há dois sulistas entre a clientela. Um deles é de um estado que ainda entra em conflito com a União pelo menos uma vez a cada quinze dias, e fala com frequência usando um sotaque sulista muito empolado, obrigando as pessoas a perguntarem: "Você é do Sul?". Ele tem medo de andar na rua à noite por causa dos ianques, e sempre carrega um apito que roubou de um policial bêbado. Às vezes, no caminho para casa, se desconfia que um ianque o persegue, ele usa o apito, reunindo todos os policiais das redondezas. Ele dizia que o único uísque digno de se beber é aquele feito de milho, e vivia reclamando porque A Casa se recusava a servir. Numa noite, um dos atendentes foi até o Harlem e comprou uma garrafa e, quando o sulista começou a reclamar que nunca mais bebeu um bom uísque de milho, ele veio com o litro. O sulista se sentiu obrigado a comprar várias doses e acabou passando mal por quatro dias. Quando A Casa ouviu falar disso, disse: "Nós sempre tentamos agradar nossos fregueses".

O outro sulista é conhecido no bar como Jeeter Lester. Ele não gosta do Sul porque nunca conseguiu ganhar a vida lá e agora declara que nasceu na esquina noroeste da Broadway com a 42nd Street. A cidadezinha rural do Sul em que nasceu era tão quieta que hoje ele tem um prazer psicopático com barulho. Quando esvazia um caneco de cerveja, sempre paga pelo caneco para poder espatifá-lo no chão. Às vezes acontece de ficar com cacos de vidro até a altura da canela. Ele foi convertido

[178] O autor não chega a explicar, mas o termo *G-Men* se refere provavelmente a "homens do governo" (*government men*); *G-Man* no singular.

para a Igreja Batista por um revivalista[179] e, quando está triste, canta blues. O hino favorito dele é “When the Roll Is Called Up Yonder I’ll Be There”.

“Peço a Deus que você não nos brinde com nenhum hino hoje à noite”, diz A Casa quando ele entra no bar.

Jeeter é um especialista em fazer uma moeda escondida entre os dedos estalar contra o copo de bebida no momento em que dá um gole, fazendo um barulho como se tivesse mordido um pedaço do vidro. Então ele grita e cospe uma porção de gelo, que parece muito com vidro quando está voando pelo ar. Isso assusta os fregueses novos.

“Meu Deus”, eles dizem, “você se machucou?”.

“Vou morrer de hemorragia”, geme Jeeter, levando a mão à boca e simulando expressões de dor extrema.

Há um bom tanto de mulheres entre os clientes regulares. A contadora atarracada de uma loja de artigos religiosos na Barclay Street aparece pelo menos uma vez por mês. Ela trabalhou como cantora de vaudeville. Tem um jeito de matrona e diz ter sofrido de raquitismo quando criança, e que isso acabou afetando os seus nervos. Por ter atravessado um para-brisa, tem cicatrizes que vão da boca até a orelha, nos dois lados do rosto, mas nem se importa. Costuma mostrar as marcas para as pessoas e dizer: “sou aerodinâmica”. Quando já tomou todas, ela escala o balcão e finge que está sentada num piano.

“*I got ants in my pants*”, ela canta, numa voz linda de soprano. “*I got a turtle in my girdle*.”

"Querem acabar comigo!", grita A Casa, obrigando a mulher a descer do balcão.

O único homem a morrer dentro do bar foi um certo Mr. Friedman. Ele era extraordinariamente gordo. Tinha uma banca de jornais na West Street e vendia jornais para os passageiros da balsa de Nova Jersey. Trabalhou muito durante a Lei Seca, quando um copo de cerveja custava vinte e cinco centavos, mas quando revogaram a proibição e o preço caiu para dez centavos, ele parava de vender jornais no meio do dia e corria para o Dick. Morreu um dia depois de Wiley Post e Will

[179] O revivalismo é um movimento cristão que surgiu nos Estados Unidos e que procura converter fiéis durante reuniões com sermões, cantos e depoimentos, em tendas armadas com esse propósito.

Rogers se acidentarem no Alasca[180]. Todo mundo que passou pela banca comprou um jornal e às três da tarde ele se deu conta de que tinha dinheiro suficiente em seu moedeiro para financiar uma noite embalada a cerveja. Cada vez que terminava um caneco de cerveja, grunhia: “Pelo menos isso eles não conseguem tirar de mim”. Ele reclamava dos bifes servidos no bar.

“Este bife foi feito com pressa”, falava alto, golpeando o ar com o garfo. “Não consigo comer carne crua desse jeito. Não sou canibal.”

No verão, ele dormia no City Hall Park. Atravessando o parque na direção da Third Avenue, várias vezes o vi esparramado num banco, roncando para a lua. O bar estava cheio na noite em que morreu. Ele estava no balcão e caiu do banco, estatelando-se no chão de ladrilhos sem conseguir respirar. A Casa foi até a cabine e telefonou para a polícia. Um paramédico o examinou.

"Mal dá para dizer que ele é um homem", disse o jovem médico. "Parece mais um barril de cerveja humano."

Pouco antes de morrer, ele olhou para os fregueses que o cercavam, segurando seus drinques, e disse: "Bebi trinta e duas cervejas hoje". Foram suas últimas palavras.

"Acho que agora Mr. Friedman é um barril de cerveja morto", disse A Casa enquanto um grupo de voluntários envolvia o corpo do jornaleiro bêbado em duas toalhas de mesa e o carregava para fora.

Um velho gráfico passava dias e noites inteiros naquele lugar, se segurando no balcão com uma mão e fazendo gestos enfáticos com a outra. Ele está numa discussão que nunca acaba, resmungando consigo mesmo e ninguém entende o que fala, mas sabem que está denunciando alguma coisa.

"Qual é o problema dele?", perguntam os fregueses novos.

"Nunca consegui entender o que ele fala", responde A Casa. "Ei, Jimmy, diz aí do que você está falando. Pelo amor de Deus, conta o segredo pra gente."

Um taxista que nasceu na Inglaterra frequenta o bar. Para todo mundo, o nome dele é Liverpool. É talvez o único taxista na cidade que faz fiado. Até loteria irlandesa ele vende fiado. Quando está no bar, assume a função de atender o telefone. Na prática, é impossível falar pelo telefone com quem quer que seja no bar. Liverpool

[180] Wiley Post foi o primeiro piloto a voar sozinho ao redor do mundo. No dia 15 de agosto de 1935, o avião de Post – que estava acompanhado do ator, humorista e colunista de jornal Will Rogers – caiu pouco depois da decolagem, perto de Point Barrow, no território alasquiano. Os dois morreram.

atende uma ligação e grita da cabine: "Ligação para Mr. Kennedy. Ele está na casa?". Mr. Kennedy balança a cabeça e diz: "Não estou aqui. Você não me vê desde o Dia do Trabalho". Dava para ouvir Liverpool dizendo em seguida: "Não, senhora, a última vez que o vi foi no Dia do Trabalho".

Quando Liverpool entra no bar, ele olha com desprezo para a fileira de bebedores. Nunca bebe uma gota e, quando leva um freguês bêbado para casa, fiado, passa um sermão sobre temperança. Às vezes, faz a corrida gritando de horror.

"Você é um idiota por beber", grita dentro do táxi enquanto espera o semáforo abrir. "Você devia parar com isso. Como você acha que o seu fígado está agora? Amanhã, você vai ter uma dor de cabeça das brabas. Olhe para mim. Eu não bebo e me sinto bem. Tranquilo. Se não fosse o meu trabalho, jamais entraria num bar. Minha mãe não me criou para agir feito louco."

No Dick, há sempre alguém jogando dados e apostando drinques num jogo chamado Dados Indígenas. Às vezes, até quinze pessoas jogam o jogo e quem perde gasta o salário de um dia inteiro para pagar uma rodada. A Casa sempre joga. Ele é o mago dos dados e alguns clientes bebem todas tentando acompanhá-lo. O jogo usa cinco dados e nenhuma partida dura mais do que uma noite. Os perdedores ficam furiosos e jogam os dados na escarradeira só para ouvir A Casa gritar.

"Escutem o grito", dizem. "Ele comprou aqueles dados numa lojinha furreca, mas você ouve o sujeito gritar e acha que os dados foram feitos com marfim precioso do Sudão ou de algum outro lugar."

A Casa não tem nenhum problema com a polícia. Ele conhece todo mundo. Num dia chuvoso, um policial chegou e encheu a cara. Depois pegou o revólver e começou a praticar tiro ao alvo, mirando na cabine telefônica. A Casa saiu discretamente do bar e telefonou para a delegacia, e dois policiais apareceram para levar embora o colega embriagado. A Casa guarda uma garrafa embaixo do balcão, que chama de "garrafa da polícia". Ela contém um *blend* de restos de drinques deixados por clientes pagantes. Um policial grandão sempre bufa quando toma um trago e diz: "Este uísque deve ser daquele tipo novo que fazem destilando óleo lubrificante de motor".

O estabelecimento tinha uma máquina de *pinball* que devolvia moedas para o jogador que fazia pelo menos 13.500 pontos. Numa noite, Jeeter Lester pegou uma chave de fenda e mexeu em alguns parafusos da máquina. Depois disso, qualquer um fazia 30.000 pontos, mesmo jogando de qualquer jeito, e todo mundo conseguiu

ganhar pelo menos vinte e cinco centavos até que A Casa descobriu a razão de terem surgido tantos especialistas em *pinball* entre seus clientes e telefonou para a companhia pedindo que levassem a traquitana embora do bar.

Um monte de brigas começa no bar, mas não termina ali. No andar de cima, há um apartamento vago e, quando os fregueses começam a se estranhar, A Casa manda resolverem a parada lá em cima. Um dos atendentes acompanha os sujeitos escada acima e pouco depois os clientes conseguem ouvir a briga e os palavrões. Numa ocasião, um homem foi nocauteado na sexta-feira à noite e depois o oponente desceu para terminar sua bebida. No domingo de manhã, o *barman* subiu até o apartamento atrás de alguma coisa e encontrou o perdedor deitado no chão, ainda apagado. Quando o homem levantou e viu que dia era, não se incomodou.

"Estava precisando dormir", disse.

2. Ano da graça de 1936; ou Manda Ver, William

Donos de bar são extremamente úteis para repórteres em Nova York. O negócio chato de localizar pessoas toma tempo de um repórter e, em várias vizinhanças, mais ainda em vizinhanças pobres, o dono de bar sabe o endereço ou o paradeiro de qualquer cidadão que seja estúpido ou azarado o suficiente para se tornar tema de um grande jornal metropolitano. Quando uma pessoa vira notícia de uma hora para outra – um idiota feliz que ganhou um prêmio na loteria irlandesa, por exemplo, ou uma mulher que assassina o próprio namorado por amá-lo demais – o repórter quase sempre consegue montar um perfil acurado da pessoa apenas falando com o dono do bar, o proprietário da padaria, o agente funerário (metade das pessoas em qualquer vizinhança pobre deve dinheiro ao agente funerário) e o dono da mercearia. Em qualquer vizinhança, esses cavalheiros sabem das fofocas e, à diferença do padre, que também conhece todas as fofocas, eles não se importam de falar, contando o que sabem de mais podre. No entanto, de todos eles, o dono de bar é o mais bem informado.

O dono de bar também é útil porque pode ser entrevistado sobre qualquer coisa. Um exemplo: se uma guerra começa em qualquer parte do mundo, uma ideia de matéria local sempre surge na mente desvairada do editor de reportagens especiais, e a ideia é sempre a mesma. Se a guerra ocorre entre Itália e Etiópia, para exemplificar,

a ideia é: "O que os italianos de Nova York acham da guerra?". Quando um repórter é pautado para fazer uma matéria dessas, percorre todos os bares da vizinhança italiana mais próxima (Mulberry Street, se trabalha para o *World-Telegram*, e a Little Italy do Harlem, se trabalha para o *Herald Tribune*) e, na reportagem, cada dono de bar é identificado como "um líder da comunidade".

Quando me mandam entrevistar uma "autoridade" em qualquer coisa, às vezes acho que o melhor a fazer é ir para o boteco mais próximo e conversar com o *barman*. Numa tarde penosa de dezembro de 1936, me disseram para encontrar uma "autoridade em loucura coletiva" e pedir para ela analisar os acontecimentos insanos de 1936. A maior autoridade em loucura coletiva que consegui arranjar foi Gilligan F. Holton, um negro excêntrico que era dono de bar e apostador. Ele administrou o bar e restaurante Cozido e Lesado num porão da 138th Street até o fim de 1931, quando policiais apareceram e o prenderam por sete meses porque ele não conseguia manter a ordem entre as senhoras da sociedade que frequentavam o estabelecimento.

Encontrei Mr. Holton num bar administrado por um de seus ex-*barmen*, um bar de esquina na Third Avenue. Ele disse que estava finalizando uma dissertação em que esperava provar que William Shakespeare era um mouro, dissertação que havia começado anos antes enquanto trabalhava para David Belasco, mas estava disposto a dar um tempo no trabalho por algumas horas e me apresentar um discurso sobre exemplos de loucura coletiva em 1936. Antes de começar o discurso, pediu uma cerveja. O *barman* fez o copo deslizar sobre o balcão. Mr. Holton pegou o copo e pediu uma colher de sopa. Segurando a colher com delicadeza e esticando o dedinho, colheu a espuma no topo da cerveja.

"Nunca suportei chantilly", disse. "Não combina comigo."

Depois de remover o colarinho da cerveja, Mr. Holton deu um gole triunfante. Em seguida lançou um olhar de desprezo para o *barman* e disse: "Põe na conta, vagabundo".

Depois escolheu uma mesa.

"Com certeza foi um ano doido", disse, com o olhar distante de um profeta. "Ninguém imaginava que havia tantos loucos de primeira livres por aí. Cheguei a pensar que a população tinha ficado maluca e ingerido uma porção de estramônio[181]. Cada vez que surgia uma coisa nova, minha esposa, a dona Ida, vinha me testar.

[181] Planta com uso medicinal também conhecida como figueira-brava ou figueira-do-diabo.

Como na noite em que me acordou e disse: 'Toc-toc'. Ela queria que eu perguntasse: 'Quem é?'. Mas eu disse: 'Cala a boca, dona Ida'. Ela continuou dizendo 'toc-toc' e peguei um macaco de carro que deixo à mão do lado da cama e dei com ele na cabeça dela.

"Na noite seguinte, ela veio para cima de mim mexendo os dedos e mostrando a língua. Perguntei para ela: 'Qual é o problema dessa vez, dona Ida?'. Ela disse: 'O que é isso?'. Ela continuou a mexer os dedos e eu só olhando. Então ela disse: 'Você não entendeu? Estou imitando uma caixa registradora'. Peguei meu macaco e dei com ele bem onde ela merecia. Estou muito velho para esse tipo de brincadeira. Atingi a minha maioridade muitos anos atrás. Se uso calça comprida, não é só porque fica bem em mim."

Mr. Holton suspirou, balançando a cabeça. Ele disse que as coisas estão tão ruins em casa que ele escreveu para o Papai Noel e pediu uma 'porção de miolos novos' para a dona Ida. Ele disse acreditar que a canção "The Music Goes 'Round and 'Round" teve um efeito duradouro na sua mente.

"Antigamente, eu achava que a carrocinha vinha me pegar a qualquer momento", disse. "Eu conseguia me imaginar num manicômio, o novato famoso do manicômio."

Ele começou a bater na mesa e o *barman* apareceu com uma cerveja e uma colher de sopa. No entanto, Mr. Holton ignorou a cerveja. Deu um salto e começou a galopar pelo chão de ladrilho do bar.

"*You push the middle valve down*"[182], berrou ele. "*Bum, bum*."

Ele pulava para cima e para baixo enquanto cantava.

"*The music goes round' and 'round*", berrou.

Ele correu até o *barman* e disse: "Manda ver, William, com tudo".

O *barman* acertou Mr. Holton na cabeça com uma cadeira. E Mr. Holton sorriu satisfeito.

"Eu me sinto melhor agora", disse, sentando-se para tomar a cerveja.

Ele disse que, no ano que vem, quer se tornar um líder de seita.

"Algo como a ordem do reverendo Divine[183], mas com classe", disse. "Posso dizer que existe um homem que contribuiu muito para 1936. Não vou dizer como ele

[182] A canção "The Music Goes Round and Around", escrita por Ed Farley, Michael Riley e Red Hodgson, teve versões gravadas por Louis Armstrong, Ella Fitzgerald e vários outros artistas. Aqui, o personagem altera o verso, trocando o "*I push*..." (eu aperto) da letra original por "*You push the middle valve down*" (você aperta o pisto do meio).

contribuiu, mas com certeza contribuiu. Minha seita vai ser uma coisa linda. Vou arranjar um monte de meninas lindas para colocar ao meu redor, um grupo com as mulheres mais gordas que eu encontrar. Gosto de mulheres gordas. Vou ensiná-las a gritar: 'Obrigado, Senhor', toda vez que eu respirar fundo. Pensando melhor, acho que vou ensiná-las a dizer: 'Obrigado, Papai'. Vai ser melhor que a ordem do reverendo Divine.

"Também vou fazer todo mundo na minha seita falar uma língua desconhecida. É tão fofo. Eu teria me juntado ao movimento do reverendo Divine, mas acabei descobrindo que não tem cerveja na geladeira da Terra Prometida. Tem um monte de costeletas, mas nada de cerveja."

Ele disse que 1936 foi mesmo um ano maluco, mas que 1931 é um ano imbatível nesse quesito.

"Naquele ano, eu estava mandando bem com o meu bar Cozido e Lesado", disse. "Era um lugarzinho 'íntimo'. Pessoal suportava qualquer coisa naquele ano. Numa noite, o lugar estava lotado e chegou um homem com a esposa. Ele parecia ser do tipo que torrava dinheiro. Decidi usar o sujeito num teste psicológico, um teste para determinar o quanto um ser humano é capaz de suportar.

"Coloquei o casal numa mesa colada na cozinha, um lugar tão quente que chamuscava o cabelo. Depois disse para o garçom derramar sopa nele e pisar nos pés dele e limpar os restos de comida em cima dele. A mulher pediu um vinho e eu disse para mim mesmo: 'Ela vai ver uma coisa'. Arranjei um chá e pinguei um pouco de querosene nele, também coloquei gim e chacoalhei bem. E não é que o casal ficou no bar até raiar o dia e gastou cento e vinte e cinco dólares – o que foi fácil de fazer, claro – e só então o homem veio falar comigo. Achei que ele ia me bater.

"Mas não. Ele disse: 'Mr. Holton, gostaria de agradecer pela noite maravilhosa. Nunca vivi nada parecido. Vou indicar o seu bar para todos os meus amigos'.

"E a mulher dele disse: 'E o vinho, Mr. Holton! Que magnífico! O melhor xerez Amontillado que já tomei. Como o senhor consegue vinhos maravilhosos assim em meio a essa Lei Seca absurda?'

"Depois dessa, desisti."

---

[183] O reverendo M. J. Divine (c.1876–1965), ou reverendo Divine, foi um líder espiritual negro que teve certa fama nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX.

Mr. Holton falou por duas horas e, no meio da segunda hora, se tornou incoerente. Por fim, ele deitou num reservado nos fundos do bar e dormiu. Eu o deixei lá, roncando feliz, e voltei para a redação a fim de escrever minha matéria sobre loucura coletiva. Meu editor aprovou a matéria e disse que Mr. Holton deveria ser eleito presidente da Associação Psiquiátrica da América. Cerca de seis meses depois voltei ao Harlem para pedir a ajuda de Mr. Holton para localizar um dos chefes da loteria para uma entrevista. Ele não estava na piscina da Lenox Avenue onde eu às vezes o encontrava, e também não estava no café que servia peixes fritos, administrado por uma de suas amigas gordas. Não consegui encontrá-lo em parte alguma. Dias depois, passando pelo café, a mulher veio até a porta e disse ter ouvido falar que eu estava procurando por Mr. Holton. Ela disse: "Eu só queria que você soubesse que ele esticou as canelas em Bellevue". Mr. Holton morreu louco. Sua doença foi paralisia geral progressiva[184].

Que Deus o tenha.

[184] Em inglês, *general paresis of the insane* (ou GPI), um termo usado para se referir às fases finais da sífilis, ou "neuro-sífilis", nos anos 1930.

Capítulo III

Chuchuzinho

1. Algumas são virgens, nenhuma é profissional

Dá para se safar de quase qualquer coisa numa redação nova-iorquina se você usar a quantidade certa de sorrisos afetados e, desde que fique claro que temas sexuais devem ser tratados de maneira tímida ou como se fossem melodramas, uma das categorias mais divertidas de entrevistar é a das pessoas peladas – nudistas, garotas que fazem *striptease*, modelos e dançarinas que se consideram artistas por tirar a roupa. É o que não falta em Nova York, uma cidade cujas mulheres são extremamente narcisistas, e nos últimos cinco ou seis anos percebi que entrevistas com elas se tornaram parte da rotina de um repórter.

Essas entrevistas são conhecidas como "chuchuzinho", um termo usado originalmente por fotógrafos para se referir a qualquer imagem em que a mulher foi levada a assumir uma pose sexy, mas mais especificamente para falar daquelas fotografias manjadas em que uma garota posa erguendo o vestido acima dos joelhos num deque de transatlântico. Ao passar para um fotógrafo o trabalho de cobrir um cruzeiro, um editor de imagem dirá: " Veja se você consegue pegar um chuchuzinho nesse navio". (Não sei qual é a origem do termo. Exceto por "chuchuzinho" e "turno da lagosta"[185], boa parte do jargão jornalístico faz sentido e não precisa de explicação, como "assento quente" para uma eletrocução e "mergulho seco" para um suicida que se atira da janela e "rastro de lesma" para os dados de identificação numa folha de texto: morte no caso de um assassinato; rapto no caso de um sequestro.) Existe um jornal em Nova York que publica quilos de "chuchuzinhos", mas você precisa ver um dos editoriais em que eles bancam os santos e pedem o fim do burlesco[186]; na minha opinião, um cafetão é um anjo comparado com o hipócrita que escreve os editoriais desse jornal.

---

[185] "*Lobster-shift*", no original, é uma expressão de origem incerta para se referir ao turno da noite em um jornal.

[186] O burlesco é um gênero de teatro que mistura o cômico e o erótico, usando números de dança, *striptease* e humor.

Um exemplo clássico de chuchuzinho é a série de fotografias de uma dançarina francesa feita em sua cabine no navio *Île-de-France*. Ela não entendia nada de inglês e, quando os fotógrafos reunidos no lugar fizeram gestos indicando que ela deveria erguer um pouco o vestido para exibir suas famosas pernas, ela não entendeu direito e bem feliz ergueu o vestido até o pescoço. Fotógrafos costumam trocar chuchuzinhos entre si e hoje as imagens inocentes da dançarina francesa decoram laboratórios fotográficos por todos os Estados Unidos.

A maioria dos chuchuzinhos produzidos com máquinas de escrever tem a ver com garotas que fazem *striptease*. Para falar a verdade, repórteres são os responsáveis pela fama atual do burlesco em uma dúzia de cidades. No entanto, ele não é sempre bem-vindo nos bastidores dos estabelecimentos de Nova York porque os donos sabem que, quando os jornais publicam uma quantidade incomum de textos sobre *strippers*, os conservadores têm faniquitos e, logo em seguida, como definiu a *Variety*, a atividade tem de ser moralizada.

Em princípio, não sou contra textos com chuchuzinhos. Eles refletem uma forma de vida pululante nesta cidade – e alguns dos textos são engraçados. Para mim, os anúncios que vejo todas as manhãs no metrô – as propagandas de produtos para curar constipação, por exemplo, especialmente aquelas barrinhas cobertas de chocolate – são muito mais indecentes do que qualquer coisa que eu tenha visto ou ouvido numa casa de *striptease*. Contudo, os chuchuzinhos não variam muito e o fato de que todo parágrafo precisa ter uma tirada maliciosa acaba tornando a leitura desagradável. Acho que é um gênero saturado. Para falar a verdade, acho que *strippers* burlescas são como elefantes: ver uma é ver todas. Acho que aprendi tudo que queria saber sobre burlesco numa tarde. Vou contar como foi essa tarde.

A casa era o Apollo, que fica na West 42nd Street. Quando cheguei, o segundo espetáculo do dia, o das três e meia da tarde, já havia começado e a primeira *stripper*, Margie Hart, de cabelos acobreados, estava tirando as roupas no palco em forma de ferradura. Nos bastidores, uma turba de jovens nuas estava por ali, bocejando, esperando para entrar em cena saracoteando com um sorriso amarelo no rosto cansado. O contrarregra segurava firme uma corda, pronto para fazer graça deixando cair as cortinas, o que costumava acontecer depois da primeira *stripper*. O espetáculo tinha trinta e oito garotas e os bastidores eram uma confusão.

O espetáculo tinha sofrido um pequeno atraso e Miss Hart, que é bem torneada, estava trabalhando rápido. Ela não embromou. Pouco antes do terceiro

apagar das luzes, não conteve um grito, tirou seu shortinho cor-de-rosa minúsculo e arremessou para as coxias. A não ser por um fio dental, um par de sapatos azuis, o ruge nas bochechas maravilhosas e as obturações nos dentes, ela estava na forma como veio ao mundo. Depois de algumas reboladas e de uma série de requebradas[187], a apresentação acabou. Embora os clientes – "os meninos" – tenham batido palmas com insistência, ela não voltou para o palco, a coisinha linda.

Em seguida, um comediante começou a gaguejar uma das cenas de comédia típicas do burlesco: a cena do consultório médico, uma cena com inúmeras variações possíveis. (Cada comediante tem sua forma de fazer a cena do tribunal, a cena da lua de mel, a cena do recepcionista noturno, a cena do policial no beco etc., e elas podem ser "lentas" ou "sacanas", de acordo com o que os censores decidem na hora). Uma mulher séria[188] esperava nas coxias para entrar no palco com as mãos nos quadris esguios. Ela estava encostada numa peça em formato de bumerangue que servia de suporte para um holofote. Ela ergueu uma das pernas para coçar o tornozelo. Estava com cara de sono.

Um minuto depois estava no palco, bem acordada, e dos bastidores dava para ouvi-la falando, dizendo para o médico que com certeza ela precisava dos melhores conselhos que ele pudesse dar em troca de dois dólares. Em seguida, houve um sonoro tapa na cara. Os dois falavam rápido e, dos bastidores, só de vez em quando dava para entender o que diziam. Dava para ouvir a mulher pulando de um lado para o outro e entoando: "Ah, doutor, eu me sinto tão bem. Ah, doutor, eu me sinto tão bem". Dava para ouvir o médico gaguejando algo engraçado sobre golpe de misericórdia. Ele pulava de um lado para o outro enquanto falava.

Os motivos para todo esse saltitar insano são obscuros. Às vezes, os comediantes abandonavam completamente o roteiro e começavam a pular de um lado para o outro, entoando alguma frase sem sentido, como por exemplo: "Encontro você na esquina daqui a meia hora. Encontro você na esquina daqui a meia hora".

Depois do clímax e do apagar das luzes, uma "garota do intervalo" – uma cantora que se apresenta entre um número e outro –, subiu ao palco cantando "These Foolish Things (Remind Me of You)". A garota do intervalo era Mary Joyce, um loira

[187] No original, ela fez *grinds* e *bumps*, ambos são movimentos que caracterizam a dança burlesca. Num *grind*, a dançarina rebola no lugar com as mãos deslizando da cintura para baixo. Num *bump*, ela requebra a cintura de um lado para o outro, como se quisesse acertar alguém com os quadris.
[188] Aqui, Mitchell parece fazer uma distinção entre uma *stripper* e uma "*talking-woman*" ("mulher-falante"), que participa do show sem tirar a roupa – também chamada de "*straight woman*" ("mulher séria").

bonita com uma voz bonita e, quando ela saiu de cena, as cortinas se abriram e o palco estava repleto de garotas. As coristas dançaram na direção dos clientes e depois recuaram, girando com delicadeza os babados que cobriam os seios. Eram garotas distintas desfilando pelo palco. Em seguida, como era esperado, o coro das bailarinas da inovadora escola Fokine de burlesco começou a dançar na ponta dos pés.

"Deixa eu dar uma olhada nesse número das bailarinas", disse Emmett Callahan, diretor do Apollo, que estava nos bastidores há alguns minutos.

Ele saiu da cadeira abaixo do quadro com a ordem das apresentações e abriu caminho até as coxias. As garotas atrevidas do balé saltitavam para lá e para cá. Elas se abaixaram de repente, em sincronia, e as saias curtas e engomadas se espalharam pelo chão. Mr. Callahan observava com gosto, sorrindo para a líder das garotas quando ela saiu do palco.

Mr. Callahan é uma das cabeças pensantes do burlesco. Veio de Toledo, onde foi colega de classe de Joe E. Brown na escola pública. Ele trabalhava no vaudeville – "Midgie Miller & Os Irmãos Callahan". Faz vinte e seis anos que trabalha no meio artístico, a maior parte deles em Nova York, e agora, mesmo levando em consideração os Minsky[189], é talvez o empresário mais importante do burlesco.

Ele é marido de Ann Corsio, uma *stripper* bastante popular que certa vez faturou mil e novecentos dólares numa semana em Cleveland, ultrapassando a marca de Gypsy Rose Lee em muitas centenas de dólares. Ela trabalha em troca de um percentual do lucro, e fatura alto. Mr. Callahan a chama de "Annie".

"Que menininhas de classe", disse Mr. Callahan, analisando as bailarinas.

Quando o balé terminou, três sapateadores negros vestindo *smokings* de cor marrom surgiram retumbantes. Mr. Callahan, desinteressado, deixou as coxias e voltou para sua cadeira. Havia garotas sem roupa por toda parte ao redor dele, mas ele não dava a mínima. Quando uma garota passou por ali, ele acenou com a cabeça e disse: "Melhorou da tosse, Mary?". A jovenzinha respondeu: "Ah, estou melhor, Mr. Callahan".

Uma tosse é algo incomum numa companhia burlesca, e resfriados são quase inexistentes. A resistência física dessas garotas que trabalham demais e são mal pagas é impressionante. Elas trabalham nuas, por vezes em casas cheias de correntes de ar, e fazem trocas rápidas de roupa em camarins superaquecidos para depois saírem

[189] Referência aos irmãos Minsky: Abraham, Michael, Herbert e Morton. Os quatro atuaram como promotores de espetáculos burlescos na primeira metade do século XX, em Nova York.

percorrendo escadas frias, mas é raro que fiquem doentes. Mr. Callahan diz que elas são fortes por causa dos exercícios que fazem – enfrentando quatro ou cinco apresentações por dia, as garotas fazem mais exercício do que um bombeiro num campo de treinamento.

A conduta das garotas nos bastidores é sempre frustrante para os conservadores. No palco, elas trabalham nuas e não sentem vergonha, mas quando correm para os bastidores e sobem as escadas para os camarins elas tentam se cobrir.

Conversas entre as garotas e os homens que trabalham na equipe de palco são proibidas. Os namorados das garotas não podem entrar nos bastidores. Para falar a verdade, é difícil para qualquer um que seja de fora conseguir permissão para acessar os bastidores de um teatro burlesco nesta cidade. Billy Minsky foi o único a liberar o acesso às coxias para os cavalheiros do Clube de Tênis e Raquete.

Cada coro tem uma capitã, uma garota com senso de responsabilidade, capaz de multar as colegas se, por exemplo, pegar uma delas mascando chiclete no palco. Se uma garota se senta num dos bancos empoeirados dos bastidores, sujando a roupa, a capitã das coristas diz: “Fique de pé”. Se as garotas falam muito alto nas coxias, a capitã diz: “Sem barulho, meninas”. Nesse meio, as garotas são sempre “as meninas”.

Se chegam para trabalhar meio bêbadas, elas são excluídas do espetáculo. Até mesmo um bafo de cerveja é garantia de sermão. O burlesco, obviamente, é alvo para todo tipo de conservador. Caso grupos de homens se formassem na porta que dá acesso ao palco, como acontece nas portas dos palcos de comédias musicais que cobram cinco dólares e cinquenta centavos de entrada, ou se uma garota subisse no palco bêbada, a Liga das Mulheres Contra Todas as Coisas voaria no pescoço do diretor do teatro em pouco tempo.

As cruzadas contra pecadores, lançadas por gente cheia de ódio e por fiscais da prefeitura, acabaram criando um preconceito contra as garotas do burlesco, um preconceito que não tem nada a ver com fatos. As garotas trabalham pesado e não têm tempo para orgias de tabloide. Uma garota que saracoteou num palco por doze ou quatorze horas ao longo de um dia, não quer uma orgia. Tudo que ela quer é um lugar tranquilo para dormir.

Quando um produtor de burlesco é questionado num tribunal sobre os valores morais de suas funcionárias, a resposta é sempre: “Algumas são virgens, nenhuma é profissional”. É possível que a vida privada de vinte estenógrafas aleatórias que trabalham em Wall Street e moram em Greenwich Village seja mais chocante que a

vida privada de um número igual de garotas burlescas. Você acabaria descobrindo que as meninas do Apollo ficariam espantadas com a vida privada de algumas garotas da sociedade.

"Trabalhar no burlesco não é tão terrível assim para uma garota", disse Mrs. Lilly Berg, uma dançarina elegante que não precisa rebolar e requebrar como as coristas. "Eu trabalhava em uma das maiores lojas de departamento da cidade e prefiro dançar. Faço mais dinheiro e não termino o dia tão exausta. Você é proibida de sentar trabalhando numa loja de departamento. E também é melhor do que trabalhar num cabaré ou num salão de dança. Aqui, os clientes ficam tão longe que você não sente o bafo de alho. Numa loja, uma velha mal-humorada pode chegar falando barbaridades e você tem que ficar ali ouvindo. Aqui, se um cliente fala barbaridades, ele leva um soco na cara."

O produtor de burlesco encara o censor como um mal persistente de seu negócio, igual a ternos escangalhados e comediantes que chegam bêbados para trabalhar. Ninguém no mundo fica mais irritado do que um produtor quando pega o jornal e vê a manchete: "Burlesco é notificado para pôr um fim na indecência; autoridades dão um dia para estabelecimentos adaptarem os shows, sob ameaça de serem fechados". O produtor se sente um bode expiatório e perde a cabeça argumentando que suas garotas usam a mesma quantidade de roupa que as garotas dos cabarés endinheirados.

Ele sabe que a comédia no seu palco é tão baixa quanto a comédia pode ser, mas diz que o cantor Dwight Fiske usa os mesmo temas no Savoy Plaza e nenhum policial tenta arrancá-lo do piano, não é? Ele argumenta que o pobre tem direito à depravação assim como o rico. Ele se sente perseguido e, na maioria das vezes, essa sensação se justifica.

Ele diz que o número de *striptease* é uma forma de arte. Diz que um cidadão deveria entender que um espetáculo burlesco não é a catequese de domingo e, caso se sinta incomodado, é só não comprar ingressos.

"Nós não obrigamos os clientes a comprar ingressos", disse Mr. Callahan. "Vivemos num país livre. Eu gostaria de fazer o burlesco de maneira diferente, mas preciso dançar conforme a música. Não posso virar um presbiteriano enquanto todos os espetáculos burlescos e casas noturnas da cidade trabalham com nudez."

A garota burlesca precisa suar para ganhar dinheiro.

"As meninas do coro fazem vinte e cinco dólares e setenta centavos por semana, incluindo um extra pelo show de meia-noite no sábado", disse Mr. Callahan. "Numa turnê, as coristas chegam a fazer vinte e oito dólares e trinta centavos, o mesmo vale para as dançarinas que se apresentam sozinhas. Esse é o mínimo. Chegamos a pagar trinta e dois dólares e cinquenta centavos para as dançarinas. Uma mulher séria faz setenta e cinco dólares. As *strippers* são a alma do show e a maioria delas recebe de sessenta a cento e vinte e cinco dólares. Quer dizer, grande parte das *strippers* ganha algo nessa faixa, mas algumas recebem muito mais. Algumas trabalham em troca de um percentual do lucro. Um salário bom para uma *stripper* nesta cidade é cento e vinte e cinco dólares. Margie Hart faz cento e vinte cinco dólares. Às vezes, as garotas ganham mais trabalhando fora da cidade."

Existem três estilos de *striptease*: "rápido", "quente" e "delicado".

Miss Corio prefere delicado e lento. Ela usa muito mais roupa do que muitas *strippers* quando começa e quando termina, e é mais feminina do que sensual ao desfilar pelo palco. Ela não gosta muito de requebrar, um movimento em que é preciso dobrar os joelhos e projetar os quadris de um lado para o outro, algo que algumas garotas conseguem fazer com uma rapidez impressionante. Ela também não entende muito de rebolar – que é, claro, um movimento circular dos quadris comum em qualquer dança sensual. Todas as garotas burlescas precisam aprender a rebolar e a requebrar. Fora o espetáculo de menestrel, o *striptease* é talvez a única contribuição original da América para o teatro – e rebolar e requebrar são partes fundamentais de um *striptease* ortodoxo.

Muitas *strippers* têm um ou outro truque, um jeito próprio de se contorcer ou de se livrar das alças do vestido, algo que as distingue das colegas. Carrie Finnell, uma garota gorda, realiza um *striptease* cômico em que faz o que chama de "uma dança de domínio". Infelizmente, não dá para descrever aqui como ela funciona. Evelyn Myers, outra estrela em destaque, tem um jeito peculiar de se contorcer; só uma serpente poderia fazer igual.

Peaches Strange é famosa por ter combinado passos do shimmy[190] com o *striptease*. Gypsy Rose Lee, assim como Ann Corio, gosta de se apresentar com muita roupa. No Irving Place, ela subia ao palco usando um longo casaco branco de pele, um casaco que tinha muitos botões. Ela deslizava pelo palco de maneira lânguida,

[190] Um tipo de dança em que você chacoalha o corpo inteiro, ligado ao gênero musical conhecido como ragtime, famoso na virada do século XIX para o XX.

mais ou menos como faz uma cantora de ópera. Enquanto saía de cena, abria o casaco com um gesto negligente e os clientes iam à loucura, os sem-vergonha.

A *stripper* mais dinâmica que existe é Georgia Sothern, que tem o tipo de cabelo ruivo que costuma ser descrito como "flamejante". Miss Sothern prefere quente. Ela percorre o palco, lançando o cabelo ruivo para cima e para baixo, rebolando e requebrando. Às vezes, numa meia-noite intensa de sábado, ela consegue executar todas as rotinas de uma corista dentro de um único *striptease* – o Texas Tommy, o voar para longe, o passear com o cachorro, o golpe do dedão, o cair de um tronco[191]. O tempo todo ela tira as camadas de roupa e as coloca de volta. Ela também consegue dar uns chutes no ar quando está a fim, o chute alto, o chute com o joelho, o chute baixo. Entre um chute e outro, ela grita: "Vamos lá, rapazes!". Depois que as luzes se apagam ao fim de um *striptease* de Sothern, os clientes voltam a se sentar, exaustos.

"Numa noite dessas, ela vai cair morta no palco", disse Mr. Callahan. "Ela é intensa demais. Ela tira a roupa como se tivesse comido dinamite."

A garota burlesca sente orgulho de seus truques. A garota que consegue rebolar de um jeito incomum é respeitada. As conversas no camarim são quase sempre sobre trabalho, embora elas tagarelem sobre homens e roupas como qualquer mulher. Se Margie Hart muda o penteado de seu cabelo ruivo, as meninas se amontoam nas coxias sussurrando: "Você viu o cabelo da Margie? Você acha que ficou bom? Ela é louca de ter cortado".

As garotas passam bastante tempo juntas; elas trabalham demais e recebem de menos, mas gostam dessa vida e enfrentam as dificuldades juntas. Nesse aspecto, são como enfermeiras e repórteres de jornal. Elas frequentam os mesmos restaurantes. Se não têm namorados esperando para pagar um jantar, um bando delas se encontra no mesmo restaurante ou delicatéssen. Um pouco antes do último show, o das três e meia da manhã, elas começam a discutir sobre onde vão comer.

"Onde a gente vai comer?", uma delas grita.

"Qualquer lugar menos aquele do peixe. Não suporto mais aquele lugar."

"Vamos naquele do *yakisoba* hoje à noite."

"Isso! Ei, Woodsy, quer comer um *yakisoba*?"

[191] O Texas Tommy é um tipo de dança animada para casais – não fica claro como uma corista pode fazer os passos sozinha. As outras rotinas têm nomes mais ou menos esclarecedores.

No restaurante, elas conversam sobre o trabalho. Se um comediante encaixou uma frase nova durante sua última apresentação, elas gostam. Por exemplo, se o juiz cômico durante a cena do tribunal diz: "Precisamos apelar para instâncias superiores", colocando a cadeira sobre a bancada e se sentando nela dali em diante, as garotas avaliam se foi OK ou péssimo. No entanto, o que elas amam de verdade é quando um comediante faz graça usando outras casas de burlesco durante o show. A maior parte das piadas tem a ver com a idade avançada das garotas da concorrência.

"Meu Deus", disse uma delas, olhando para o *yakisoba* de frango. "Joey Fay mandou bem na Filadélfia, na semana passada. Ele levou a Rosemary para o centro do palco para apresentá-la. Ele disse: 'Sejam bonzinhos e deem uma salva de palmas para essa garotinha porque a mãe dela acabou de sofrer um acidente terrível. A mãe dela acabou de cair da passarela no Star and Garter'."

Uma "passarela" é a extensão do palco que avança em meio à plateia para as coristas desfilarem. Elas foram proibidas em Nova York.

A Liga das Mulheres Contra Todas as Coisas considera as passarelas terríveis.

2. Nua, completamente nua

Quando uma coisa fica tão popular quanto o *striptease*, sempre aparece alguém tentando fazer exatamente o contrário dela. Mr. Samuel J. Burger telefonou para a redação uma manhã contando que ele tinha acabado de contratar "uma verdadeira dama de Chicago e, meu Deus, ela é tão extraordinária que me deixa louco". Eu não estava me sentindo bem naquela manhã, então me mandaram entrevistar a mulher. Com um bigode encerado, Mr. Burger é um agente da Broadway magro e animado, responsável por espetáculos de vaudeville que incluem figuras que participaram de júris em julgamentos de assassinato, os parentes de criminosos assassinatos, dançarinas que fazem bolhas e indianos que leem mentes.

Sua nova atração era uma jovem tímida que estudou administração de empresas, dona de uma risadinha e de um par de pernas do tipo que se vê em propagandas de meias. Ela tinha dezenove anos e o nome dela era Jan Marsh. Nós nos conhecemos em um hotel bem teatral e ela me mostrou seu número.

"Posso estar louca", disse ela, tirando o vestido, "mas acho que criei um número capaz de acabar com esse esquema de *striptease*".

Ela arremessou o vestido no braço de uma cadeira e tirou os sapatos e as meias. Em seguida, despiu as roupas de baixo de renda preta.

"Preste atenção", ela disse, sem necessidade. "É assim que começo o meu número. Começo no ponto em que o *striptease* termina. Estou nua, completamente nua. Ai, completamente. É assim que apareço para o público. Eu coloco minha calcinha de renda preta. Depois visto uma cinta-liga. Depois, minhas meias pretas. Preto é uma cor fascinante. Depois calço meus sapatos. E coloco meu vestido, um vestido de zíper, do tipo que chamam de 'vestido de táxi'[192]. Depois coloco flores no meu corpete, talvez orquídeas. Depois visto mais um casaco, talvez mais dois ou três casacos. Eu fico vestindo roupas até que a plateia comece a reclamar. Visto uma tonelada de roupas. Posso estar louca, louca com certeza, mas acho que meu número vai acabar com esse esquema de *striptease*, o que na minha opinião seria um serviço prestado para o meu país."

Miss Marsh dá um sorrisinho. Em seguida, executa alguns passos de dança.

"É lógico que", disse ela, "quando começo meu número, estou tão nua quanto qualquer *stripper*. Completamente".

"Ela faz tudo pela arte", disse Mr. Burger.

"É isso mesmo", disse Miss Marsh. "Faço tudo pela arte e não me importo de ter um namorado chamado Art. Vi o sucesso enorme que essas mulheres voluptuosas fazem no *striptease*, mas não acho que o público esteja mesmo interessado nisso. Sou uma garota querida e espontânea. Não sou igual àquelas mulheres que ficam pulando. Acho que quando eu fizer o contrário do *striptease*, meu número será bastante popular e vai começar um novo movimento. Não fumo nem bebo. É lógico que, se o gosto fosse bom, eu pensaria diferente, mas acho uísque horrível. Sou uma boa nadadora. Sou uma típica garota americana e acho que o público vai gostar mais disso do que de uma daquelas mulheres que ficam pulando."

Miss Marsh disse que nasceu em South Amboy, Nova Jersey, mas que a família mudou para Chicago quando ela ainda era criança. Os pais dela são divorciados. A mãe sabe que ela veio para Nova York para acabar com o esquema dos *stripteases* e não se importa com isso. Ela disse que estudou na Chicago High School

[192] Uma referência ao vestido criado pelo designer Charles James (1906–1978) no início dos anos 1930. Considerado por alguns o primeiro estilista a usar zíper em artigos de vestuário, ele criou uma peça que mulheres tinham facilidade de vestir sem o risco de ficarem expostas. O vestido vinha num formato em espiral e era tão prático que uma mulher poderia colocá-lo durante um trajeto qualquer, entre um lugar e outro – daí o termo "*taxi dress*". Hoje, um exemplar desse vestido faz parte do acervo do Metropolitan Museum of Art, em Nova York.

e depois na Drake's Business College. Depois conseguiu um emprego como secretária de uma mulher que trabalhava para a prefeitura.

"Ela era do departamento de impostos ou algo assim", disse Miss Marsh.

A jovem disse que, quando era mais nova, costumava posar para artistas.

"Gosto de posar para artistas", ela disse. "Eles são tão sérios. Você fica nua na frente deles por horas, mas eles não têm nenhum interesse que não seja o artístico, o que me agrada. Você é apenas uma inspiração para eles. Não sou uma garota ousada. Até a ideia de dar uns amassos me incomoda."

Miss Marsh abriu um sorriso.

"Ela é uma garota da sociedade", disse Mr. Burger.

"Sou", disse Miss Marsh.

Ela disse que, recentemente, conseguiu guardar algum dinheiro e decidiu vir para Nova York tentar a vida nos palcos.

"Tive a ideia de inverter o *striptease*", ela disse, "e as pessoas acharam uma loucura. Foi quando ouvi falar de Mr. Burger e imaginei que ele tinha uma maneira de pensar igual à minha. Fui conversar com ele e descobri que ele tinha."

"Mentes grandiosas conseguem se entender", disse Mr. Burger, batendo as cinzas de cigarro que caíram em cima do cravo preso na lapela do seu sobretudo.

3. Tanya

De um jeito ou de outro, conversei com várias garotas adoráveis que sonham ser a Sally Rand[193] da Feira Mundial de 1939, em Nova York, e sei o quanto elas são ambiciosas. Espero que nenhuma delas se sinta frustrada ao ler que Mr. Grover A. Whalen decidiu proibir "todos os divertimentos do tipo que envolve dança com leques" do território de cem hectares onde a feira é realizada. Espero que não deem atenção a Mr. Whalen e continuem tentando inventar uma nova dança, algo que conquiste o público no parque de diversões da feira – como a dança dos músculos, o *hootchy-kootchy*, a dança dos leques, a dança da borboleta, a dança com bexigas e a dança do cisne, todas elas meio fora de moda hoje em dia.

[193] Sally Rand (1904–1979) foi uma dançarina burlesca e atriz que causou sensação na Feira Mundial de 1933, realizada em Chicago, quando apresentou um número de dança usando leques de plumas.

Mr. Whalen é presidente da Sociedade Feira Mundial de Nova York e é natural que ele queira proibir esse tipo de arte, mas fiquei surpreso quando ele agiu por conta própria e baniu também o uso das palavras "parque de diversões". Ele dá sinais de preferir o termo mais pomposo "área recreativa". Falando sobre os passatempos oferecidos pela feira, Mr. Whalen disse: "No fim das contas, ficou decidido que não será chamado de 'parque de diversões'". Para Mr. Whalen, essas palavras parecem ter uma conotação diabólica, embora todas as feiras locais e estaduais, e quase todos os eventos desse tipo, tenham um "parque de diversões" e as palavras sejam dicionarizadas. Não acho que o banimento de "todos os divertimentos do tipo que envolve dança com leques" será cumprido; na verdade, acho que Flushing Meadows[194] será ocupado por garotas nuas de todo tipo em 1939. Também acho que a maioria dos visitantes vai continuar usando o termo "parque de diversões"; o pessoal que faz as manchetes dos jornais vai garantir que isso aconteça.

O surto de eufemismos de Mr. Whalen não é comum, mas a decisão de proibir dançarinas é. Faz parte da rotina dos responsáveis por feiras. Mr. Rufus C. Dawes tomou a mesma decisão enquanto planejava a Exposição Um Século de Progresso, de 1929, em Chicago. Mr. Dawes era o presidente do evento e ele disse: "Nenhum entretenimento do tipo dança do ventre será permitido na exposição". Neste momento, é possível que Mr. Dawes esteja sentado em algum lugar, olhando para o teto e resmungando essas palavras para ele mesmo, sem parar; a feira nem havia sido desmontada e Sally Rand já tinha conquistado fama nacional, enquanto que ainda existem muitos milhões de americanos que nunca ouviram falar de Mr. Rufus C. Dawes. Mr. Whalen praticamente repetiu as palavras de Dawes. Ele disse: "Nenhuma diversão do tipo feito por Sally Rand será permitida na feira". Depois que o evento começar, Mr. Whalen com certeza ficará surpreso de ver os jornais dando mais atenção para as inevitáveis dançarinas nuas do que para nele, ou mesmo para George Washington, cujo mandato como o primeiro presidente dos Estados Unidos a feira deve homenagear. Mr. Whalen é um idealista e acha que seu *trylon* e seu *perisphere*[195] são mais importantes do que esses espetáculos menores. Ele não pode ser criticado por desejar que os visitantes deixem de lado as dançarinas do parque de

[194] Parque público no bairro nova-iorquino do Queens onde foi realizada a Feira Mundial.
[195] Referência ao monumento "Trylon and Perisphere", criado pelos arquitetos J. Andre Fouilhoux e Wallace Harrison para a Feira Mundial de 1939, em Nova York. Ele era formado por uma esfera com mais de cinquenta metros de diâmetro (a *perisphere*), envolvida por uma rampa em espiral de quase trezentos metros, à sombra de uma torre triangular com quase duzentos metros de altura (a *trylon*).

diversões para ver exposições educativas como “As Artes e as Indústrias Primárias”. No entanto, é exatamente isso que os visitantes fazem em todas as feiras americanas, é quase uma tradição, e não existe motivo algum para que façam diferente na Feira Mundial de 1939, em Nova York.

Não consigo acreditar que muita gente leve a sério o que diz Mr. Whalen. Conheço uma garota que treinou muito para ser a Sally Rand da feira e, se ela lesse sobre o banimento, tenho certeza de que acharia divertido. De todas as garotas que treinaram bastante e com quem conversei, ela é a minha favorita. O nome dela é Florence Cubitt e ela foi a Rainha dos Nudistas na Exposição Internacional da Califórnia de 1936, em San Diego. Os nudistas – vinte garotas e cinco homens barbados – ficavam isolados atrás de uma cerca no meio de um campo enorme e os clientes pagavam quarenta centavos para entrar e observar o grupo à distância enquanto eles praticavam jogos. O nome dela na exposição era Tanya Cubitt, ela me disse, porque “Tanya soa mais sexy do que Florence”. Eu a conheci no Dia de São Patrício em 1936 e passei várias horas de uma tarde chuvosa ouvindo suas histórias num quarto do Hotel New Yorker.

Miss Cubitt veio até aqui para fazer propaganda da exposição em San Diego. Esse é um dos fatos que me fazem pensar que ela riria ao saber do comentário sisudo feito por Mr. Whalen. Os responsáveis pela feira de San Diego, que se propõe a “narrar a turbulenta história da humanidade em busca de conquistas”, também disseram que proibiriam “todas as atrações que não fossem de alto nível”, porém, quando perderam quase um milhão de visitantes, eles decidiram que a atração envolvendo a nudez de Miss Cubitt era de altíssimo nível. Mais de uma exposição americana foi salva da bancarrota por jovens desinibidas.

O jornal para o qual trabalho me mandou entrevistar Miss Cubitt um dia depois de ela chegar a Nova York. Um fotógrafo me acompanhou. Guardei todas as minhas anotações e fiz questão de falar sobre Miss Cubitt para você porque acho que ela vai fazer sucesso no parque de diversões da feira organizada por Mr. Whalen.

Fomos recebidos na porta do quarto de Miss Cubitt por um dos assessores da exposição, um jovem cheio de energia chamado Jack Adams. Entramos no quarto e nos sentamos, e ele disse que a Rainha – é assim que ele a chamava – falaria com a gente num minuto. Eu estava com um resfriado terrível naquele dia e não me sentia muito animado com aquele trabalho. E me desanimei ainda mais quando Mr. Adams começou a me falar sobre a Rainha. Ele disse que ela não gostava das garotas que

trabalham em casas noturnas nova-iorquinas por achar que atrapalhavam a causa do nudismo. Ele disse que ela comia cenouras cruas, tomava banho de suco de laranja uma vez por semana e abraçava uma dieta quase toda feita de ervas.

Ele estava falando sobre os hábitos alimentares da Rainha quando ela apareceu. Estava nua. Foi a primeira vez que uma mulher que eu tinha de entrevistar surgia nua na minha frente, e fiquei chocado. Eu disse que ela estava nua. Na verdade, ela usava um fio dental azul, mas eu nunca tinha visto nada parecer tão pelado quanto ela quando chegou para a entrevista. Ela nem sequer usava sapatos. Era uma garota alta e com uma expressão alegre e inocente. Tinha longos cabelos dourados e olhos cor de avelã. O fotógrafo estava debruçado sobre a câmera, atarraxando uma lâmpada de flash, quando ela entrou. Ele se endireitou rápido assim que a viu.

"Meu Deus!", disse ele.

Mr. Adams me apresentou a Rainha e ela me cumprimentou e sorriu. Em seguida, ela cumprimentou o fotógrafo.

"É um prazer conhecer você", disse o fotógrafo.

"O prazer é meu", disse Miss Cubitt, sorrindo.

Ela se sentou numa das poltronas exageradamente estofadas do hotel e se desculpou por não vestir nenhuma roupa, e nós a desculpamos sem pensar duas vezes. O telefone tocou e Mr. Adams atendeu. Quando desligou o telefone, ele se desculpou por ter de sair, tinha um compromisso com uma agência de publicidade, e se despediu. A chuva castigava as janelas e, quando Mr. Adams chegou na soleira da porta, Miss Cubitt gritou: "É melhor você vestir suas galochas!". O fotógrafo ainda estava de pé no meio do quarto segurando a lâmpada de flash na mão, encarando a moça de boca aberta. Eu não sabia como começar a entrevista.

"Bom, Miss Cubitt", comecei, de um jeito meio hesitante, "Mr. Adams me disse que você come muita cenoura crua".

"Mas", ela disse, se empertigando na poltrona exageradamente estofada, "nunca comi uma cenoura crua em toda a minha vida! Minha alimentação não tem nada de especial. Minha mãe prepara uns bifes enormes para mim, com batatas fritas. É disso que eu gosto. Na colônia nudista, os homens comem um monte dessas coisas estranhas. Eles são um bando de malucos. Imagine que eles comem ervilha direto da vages. Espremem os vegetais e bebem o suco, e nunca usam sal. E eles também são barbudos. Eles não têm nenhuma ambição. Querem passar o resto da vida sendo

nudistas. Eu tenho vontade de ser dançarina. Vou fazer minha dança na Feira Mundial de Nova York e tenho certeza de que vou ficar famosa".

Percebi que a jovem era articulada e que eu não teria de fazer um monte de perguntas. Quando eu disse que estava com um resfriado terrível, ela disse: "Coitadinho", e pediu para o serviço de quarto trazer um uísque. Ela também pediu sanduíches de carne em conserva, dizendo: "Estou com tanta fome que poderia comer aquele arranjo de flores". Enquanto ainda estava com o telefone na mão, esperando uma resposta do serviço de quarto, ela disse que tinha apenas dezenove anos, e oito irmãs, e que quatro delas também trabalhavam na colônia nudista. Ela me disse que os nomes das irmãs eram Ruthie, Bobbie, Lucille e Diane. Ela disse que a mãe delas estava feliz de ver as filhas trabalhando na colônia.

"É uma forma de ficar ao ar livre", disse Miss Cubitt. "Não ficamos fora de casa à noite e temos um ambiente saudável para trabalhar. Minhas amigas acham que a gente faz orgias e coisas desse tipo, mas ainda não participei de nenhuma orgia. Às vezes, debaixo de um sol escaldante, ser nudista significa trabalho pesado".

Ela era uma moça bonita. Com a pele cor de marfim e sardas nas bochechas, igual à Mirna Loy. Para falar a verdade, ela era um pouco parecida com a Mirna Loy. Ela era obviamente saudável e disse que jogava muito tênis e handebol. Disse que às vezes posava para artistas. "Uma vez, um deles me disse que eu parecia uma Madonna", disse ela, "e eu disse: 'OK'". Acho que ela foi a pessoa mais desinibida que conheci na vida. Ela me lembrou Reri, uma garota polinésia que Florenz Ziegfeld trouxe para Nova York em 1931. Os pés de Reri viviam sujos porque ela insistia em andar descalça pelo teatro e ficava sentada no camarim das *Follies*[196] lendo uma revista de cinema e vestindo apenas um calção de banho.

"Mr. Adams me contou que você não gosta das dançarinas dos clubes noturnos daqui", eu disse quando ela se sentou de novo, "porque você acha que elas atrapalham a causa do nudismo".

Miss Cubitt deu uma risadinha.

"Bom", disse ela, "você pode colocar isso no jornal se você quiser, mas fui a um clube noturno ontem à noite e achei as garotas muito queridas. Eu gostaria de trabalhar num clube noturno. Gosto muito de Nova York. Comi lagostas em todas as

[196] *Ziegfeld Follies* foi um espetáculo da Broadway, nas primeiras décadas do século XX.

minhas refeições desde que cheguei aqui e ontem à noite experimentei um champanhe francês de verdade".

Depois que o fotógrafo foi apresentado à Rainha, ele despencou numa poltrona e ficou imóvel, encarando. Agora, ele se levantou de repente dizendo que queria fazer rápido umas fotos porque ainda tinha de cobrir um desfile do Dia de São Patrício. A jovem gostou de posar para as fotos e pareceu triste quando o fotógrafo terminou, embora ele tenha feito cinco vezes mais fotos do que o necessário. Alguns minutos depois que ele saiu, um garçom que trazia o uísque e os sanduíches de carne em conserva bateu na porta. Ou o garçom era extremamente sofisticado ou já tinha atendido a Rainha antes, porque não pareceu notar que ela estava sem roupas. Ele desviava o olhar de um modo respeitoso, mas agia como se todas as jovens que atendia fossem nudistas. Depois de organizar os pratos e os copos na mesa, ele entregou a conta para Miss Cubitt. Ela assinou, ele fez uma reverência e saiu.

Enquanto estávamos comendo os sanduíches, ela falou sobre a dança em que estava trabalhando, dizendo que o nome era dança de Tiger Lily. O porquê do nome era segredo, disse ela.

"Uma Feira Mundial", observou a Rainha, "é um bom lugar para uma garota construir sua reputação. Quando você tem uma reputação, não precisa de mais nada. Veja Sally Rand. O que ela tem que eu não tenho? Sei como ela é e ela não tem nada demais. Veja Rosita Royce e a dança da borboleta. Veja Toto La Verne e a dança do cisne. Todas elas são garotas da Feira Mundial. Se eu conseguir apresentar minha Tiger Lily na Feira Mundial, não vou precisar de mais nada."

Avisei que ela talvez acabasse se arrependendo de ter uma reputação na Feira Mundial e mencionei a carreira de Mrs. Frieda Spyropolous, a garota síria cuja dança do ventre na Exposição Columbiana Mundial de 1893 chamou mais atenção do que o telescópio de setenta toneladas ou qualquer outra exibição educativa. Contei como a dançarina se casou com o respeitável Mr. Andrew Spyropolous, um grego proprietário de restaurante, pouco depois de a exposição terminar, pensando que poderia sossegar e levar uma vida tranquila; e como ela sofreu uma angústia terrível até o fim de seus dias por causa do comportamento escandaloso de centenas de outras dançarinas do ventre que começaram a imitá-la em lugares deprimentes por todo o país.

"Ah, não vou me arrepender", disse a Rainha, mastigando o sanduíche. "Não vou fazer nada que não seja artístico. Imagine que, lá em San Diego, queriam que eu

fizesse uma Lady Godiva[197] num enorme cavalo branco. Não aceitei porque meu namorado me deixou maluca. Ele disse para eu fazer a Lady Godiva. Disse que com certeza pagaria quarenta centavos para me ver nesse papel porque fazia muitos anos que não via um cavalo."

Miss Cubitt deu uma risadinha.

Depois de terminarmos os sanduíches, nos sentamos perto da janela para olhar a garoa. Indiquei alguns arranha-céus, mas ela não se interessava por eles. Ela queria conversar sobre sua carreira.

"É muito legal ser nudista", disse ela, "mas eu não faria disso o trabalho da minha vida. Acho que todo mundo devia ser nudista durante o verão. Você economiza muito em roupas. Mas não tenho certeza. Uma vez fui a uma colônia nudista de verdade e havia um monte de homens grandes e gordos, e umas mulheres que pesavam uma tonelada. Sem brincadeira, você vê gente fora de forma numa colônia nudista. Lá em San Diego, a gente começa a trabalhar ao meio-dia e vai até as nove da noite. É como voltar para a infância – você fica o tempo todo no sol, brincando. É meio bobo também. Às vezes, quando estou com as minhas irmãs, a gente dá risada quando percebe que mais de dois milhões de pessoas já pagaram quarenta centavos para ver a gente andando por aí sem roupa. Na colônia, é uma distância grande entre nós e os clientes, e eles ficam de pé atrás da cerca, apertando os olhos para enxergar. Eu digo às vezes para a Ruthie: 'Ruthie, um daqueles psicólogos faria a festa aqui'".

Quando chegou a hora de ir embora, meu resfriado havia desaparecido. Miss Cubitt me acompanhou até a porta. Nós estávamos no corredor, trocando um aperto de mão, quando dois idosos, um homem e uma mulher, saíram de um quarto próximo e caminharam na direção do elevador. Quando viram Miss Cubitt, os dois ficaram de queixo caído. Quando passaram por nós, olharam para trás e ficaram encarando. Eles não pareciam incomodados. Só surpresos. Miss Cubitt deu uma risadinha. E voltou para dentro do quarto.

"Acho melhor eu me despedir", disse ela. "Vejo você na Feira Mundial."

Espero mesmo vê-la na Feira Mundial e espero que a dança Tiger Lily seja um sucesso e que ela conquiste a reputação que tanto quer, e espero que ela faça cair o queixo de Mr. Grover A. Whalen, presidente da Sociedade Feira Mundial de Nova York.

---

[197] Uma lenda do século XIII envolvendo Godiva, a condessa da Mércia, dizia que a nobre costumava cavalgar nua pela cidade de Coventry, na Inglaterra.

4. É quase sagrado

Rosita Royce, de vinte anos, é uma tímida garota metodista de Kansas City, Missouri, que acredita tanto na pureza da dança que apresenta em clubes noturnos atrás de um balão todo transparente que nem sequer usa a combinação gaze-e-fita-adesiva muito em voga entre as *strippers* de casas burlescas. Conversei com ela num camarim do restaurante Congress.

"Encher o balão dá muito trabalho", ela disse, amarrando um quimono de seda ao redor de seu corpo ágil.

Em seguida, grunhindo, a dançarina se agachou para pegar um longo tubo de borracha conectado à boca de uma bomba de pedal. Ela encaixou a ponta do tubo no bico no balão de um metro e oitenta atrás do qual tem a pretensão de se esconder durante sua dança. Em seguida, ela colocou o pé descalço sobre o pedal e começou a bombear, enchendo de ar o único pertence que usa no palco além de seus sapatos de salto alto.

"Acho", disse ela, enquanto bombeava, "que eu sou a dançarina de balão ou de leques que é nudista de verdade. Quero dizer, uma nudista oficial. Em dezembro passado, organizei um clube nudista, o Culto das Montanhas Rochosas, lá em Denver, e nós tínhamos cinquenta membros quando um compromisso me obrigou a viajar. Acredito que seja saudável para a mente e para o corpo. Acho o corpo humano bonito, e a nudez não me envergonha.

"Mas é claro que muita gente acha uma indecência o nudismo, ou mesmo a dança de balão que faço. Eu me apresentei depois do espetáculo *Ruas de Paris*, de Sally Rand, na Exposição Um Século de Progresso, em Chicago, e fiz a minha dança da borboleta. O vestido de borboleta é feito de renda preta…"

"Mas é tão lindo que é quase sagrado", disse Samuel J. Burger, o empresário dela.

"Sim", disse a jovem dançarina, "é lindo. Aí eu estava apresentando minha dança da borboleta e ventava muito naquela noite. Eu estava ao ar livre e o vento que vinha do lago era forte e arrancou meu tapa-sexo prateado. Então a patrulha da decência me tirou do palco e chamou minha atenção, mas a polícia de verdade me prendeu por atentado ao pudor e teria sido terrível se o juiz não tivesse me absolvido".

Enquanto se preparava para dançar, Miss Royce disse que é forçada a dançar atrás de cortinas porque, se os clientes pudessem alcançar o balão, eles sem dúvida dariam um jeito de furá-lo com alfinetes ou queimá-lo com cigarros.

"Eles estouram com frequência", ela disse. "Em vários cabarés, eles limpam o chão com escovas de aço e às vezes um fiozinho de aço fica preso numa rachadura e, quando esse fiozinho encosta no meu balão, ele explode. O mesmo acontece com as lantejoulas dos vestidos das coristas, que ficam presas nas rachaduras e rasgam meu balão. Cada um custa doze dólares e cinquenta centavos e sou obrigada a usar um novo a cada três dias."

Miss Royce viaja com a mãe, Mrs. Bertha Royce, uma mulher de meia-idade que age como uma mulher de negócios. O pai dela administra uma rede de consultórios odontológicos em Kansas City. Ela disse que o nome verdadeiro dela é Marjorie Rose Lee. Royce é o nome de solteira da mãe. Ela estudou no Wesleyan College em Lincoln, Nebraska, e fez artes cênicas, mas não terminou o curso. Começou a dançar profissionalmente aos sete anos, com as Dançarinas de Portia Mansfield, e viajou pelo país inteiro. Acredita ter inventado a dança do balão aos dez anos.

"Eu registrei", ela disse. "Fiz uma descrição da minha dança e tirei uma fotografia, e mandei para a Biblioteca do Congresso e eles registraram. O número é 157.757. É claro que já existia uma dança feita com balões menores antes de eu nascer, mas não existia uma com balões de um metro e oitenta ou de três metros. Dezenas de garotas por todo o país estão imitando minha dança com o que elas chamam de dança das bolhas."

"Um balão não é uma bolha", disse Mr. Burger. "É só um pedaço de borracha. Nosso advogado vai atrás de uma ordem judicial proibindo Sally Rand de dançar com balões grandes, que é uma ideia nossa, mas não sei se isso vai terminar bem."

"Não quero brigar com Sally Rand", disse Miss Royce.

"Você é muito tímida", disse Mr. Burger.

"Acho que sou mesmo muito tímida", disse Miss Royce, enquanto tirava o quimono, agarrava o balão e subia no palco do restaurante.

5. Sally Rand e um leitão

A amável Sally Rand, uma sereia ágil que cresceu numa fazenda de milho do Missouri, que enfrentou sentenças de prisão, chicotadas e um destino pior que a morte em sua carreira turbulenta como a primeira dançarina de leques da nação, ocupava um divã em seu camarim prateado e preto no Paramount Theatre, do Brooklyn, e tirava devagar as meias cor-da-pele, enrolando o tecido em suas celebradas pernas.

Ela esfregou seus sonolentos olhos azuis. Depois coçou as costas, gemendo de prazer e observou que a maquiagem que usa em diferentes áreas do corpo às vezes dá coceira. Ela disse: "Como é gostoso coçar, não?". Estava muito quente dentro do camarim e por isso ela levantou as pernas do pijama fino até a altura dos joelhos rosinhas e encovados, esticou os dedos dos pés e disse: "Gosto de ficar nua sempre que posso".

"Porém", disse ela, "sou contra o nudismo organizado. Acho que esse pessoal nudista está vendendo uma coisa pela qual o público é bobo de pagar. Ficar nu não devia custar nada para ninguém. Havia um culto nudista na Costa Oeste e o advogado deles me procurou e me ofereceu uma quantia grande para que eu passasse a falar bem do culto. Você acha que fiquei quieta ouvindo isso?".

"Você tem medo da concorrência dos nudistas?", perguntaram para ela.

"Ah, não", ela disse. "Não é uma disputa comercial. A oferta me assustou. Eu sabia que, se falasse bem do culto, um monte de velhos gordos passaria a fazer parte dele só para me ver sem os leques. Fiquei revoltada de pensar que minha linda dança pudesse ser confundida com essas coisas! Aqueles nudistas me disseram que sua fibra moral se fortalece quando você tira a roupa, mas todos os nudistas que vi tinham um monte de arranhões no traseiro por se sentarem em espinhos."

Ela enroscou os dedos em seus cachos loiros. Sua empregada, Stella Sato, uma jovem oriental de óculos, tamborilou na porta e entrou com os leques de Miss Rand, feitos de plumas de avestruz.

"Você está bem, Stella?", perguntou Miss Rand.

"OK", disse Miss Sato.

"O motivo de eu perguntar", disse Miss Rand, "é que nós acabamos de fazer uma viagem complicada. Ontem à noite, às nove e meia, desci do palco do Paramount Theatre em Omaha, Nebraska, e vesti um pijama de lã. Em seguida, fomos de carro até o aeroporto, embarcamos num avião da United Airline e viajamos a noite inteira. Chegamos a tempo do meu primeiro espetáculo aqui no Brooklyn.

"Compliquei as coisas em Omaha porque um dos meus admiradores me deu um leitãozinho gordo com uma fita vermelha amarrada no pescoço. Arranjei uma caixa de sapatos para ele e fiz uns furos na tampa para ele poder respirar. A companhia aérea não deixa você embarcar com animais de estimação. Quando entrei no avião, o porco me entregou dando uma guinchada e tive que deixá-lo para trás. Você nunca ouviu um guincho como o que ele deu. Um porquinho tão bonitinho!"

Miss Rand tem uma explicação nova para sua dança, uma dança em que dá passos largos sobre o palco trançando um par de leques diante do corpo.

"É apenas a minha interpretação de um pássaro branco voando no crepúsculo, à luz da lua", disse a dançarina, falando com a voz empostada como se recitasse um poema de amor. "Um pássaro branco, voando. Ele voa na direção da lua. No crepúsculo. Ele voa baixo. Bate as asas. E começa a ganhar altura e avançar para a lua. Por fim, ele para de bater as asas."

Miss Rand, que tem a aparência boa o suficiente para ganhar o prêmio de Garota Mais Saudável da América, respira fundo em êxtase. Disse que a música usada na sua dança se chama "O Nascimento de uma Paixão". Ela deixou os leques no hotel hoje de manhã, mas Lawrence Sittenberg, um fabricante de leques, levou um par novo para ela, bem a tempo do show.

Ela pegou um dos leques, colocou no colo e o agradou. Não dormiu muito no avião, e estava com cara de sono.

"Eu podia deitar e dormir para sempre", disse ela, acariciando o leque. "Estou numa fase boa. Comprei para minha mãe um terreno de laranjeiras perto de Los Angeles e dei para ela um trator de presente de aniversário. O nome dela é Annette Kisling. Meu nome verdadeiro é Helen Beck e nasci em Hickory County, Missouri. Minha mãe se casou duas vezes. Nós plantamos as melhores maçãs do mundo em Hickory County.

"Soube que a cidade tem um novo fiscal de casas noturnas e espero que ele seja melhor do que anterior, que dizia que eu era obscena. Na minha opinião, minha dança é tão maravilhosa quanto pode ser, e eu manteria distância de qualquer um que fosse vulgar a ponto de ver qualquer coisa obscena nela."

A garota japonesa entrou no camarim; estava sorrindo, mas seus olhos estavam abatidos e vermelhos. "Está na hora", disse ela. A garota de Hickory County se levantou e começou a tirar o pijama.

"OK", ela disse, flexionando a perna direita até enrijecer o músculo.

6. A influência de Mr. L. Sittenberg na dança de leques

Pelo menos 90% das dançarinas de leques neste país – existem cerca de mil profissionais diligentes – estão em dívida com Lawrence Sittenberg.

As paredes do loft abarrotado onde funciona sua fábrica, no segundo andar do número 107 na West 48th Street, estão cobertas de fotografias autografadas das líderes no ramo de agora-estou-nua-agora-não-estou. Uma delas, por exemplo, é uma fotografia de Miss Thais Giroux em que ela rabiscou: "Para Larry, que me ajudou a fazer sucesso. Atenciosamente, Thais". E é claro que ele tem várias fotografias explícitas de Sally Rand. Ela e Mr. Sittenberg são amigos próximos. Tem também um cartão de ano-novo que foi enquadrado, no qual a modesta Miss Rand colou uma calcinha bordada com o nome dela. No cartão, ela escreveu: "Estou economizando dinheiro e decidi mandar para você uma coisa que não estou usando mais. Sally".

Mr. Sittenberg está envolvido em um negócio extraordinariamente específico. Ele fabrica leques para dançarinas de leques. A cada ano, importa cerca de trezentos quilos de plumas retiradas da cauda de avestruzes na Cidade do Cabo, na África do Sul. Várias dessas penas macias e estreitas são usadas em figurinos típicos de teatro, mas boa parte é comprada por dançarinas, depois de passar por um processo em que as penas são limpas, tingidas, unidas e anexadas a cabos de celuloide.

Ele fez o par de leques com que Faith Bacon, alta e de lábios carnudos, tecnicamente resguardou seu corpo na noite de 1930 em que a casa "Vaidades", de Earl Carroll, foi tomada por um esquadrão de policiais, uma noite que marcou a origem da dança de leques como uma instituição americana. Ele fez o par, avaliado em oitenta dólares, com que Miss Rand chocou os fazendeiros na Exposição Um Século de Progresso, em Chicago.

O empreendimento de Mr. Sittenberg aparece na lista telefônica como "Sittenberg, Henry & Filho, plumas de avestruz, 107 W. 48th, Bryant 9-3960". Mr. Sittenberg é o filho. O pai dele está doente há muitos anos. A firma tem trinta e sete anos e o jovem Mr. Sittenberg, que está com quarenta, é o sócio minoritário desde que tinha quatorze. O avô de Mr. Sittenberg era Louis Sittenberg, o famoso detetive de Nova York que foi morto durante uma viagem que fez à Itália para prender um

membro da Mão Negra[198]. O pai dele, um vendedor de chapéus, criou a empresa quando plumas de avestruz eram muito usadas por mulheres sofisticadas. Ele não fazia ideia de que um dia acabaria se tornando figurinista de teatro.

Por muitos anos, os Sittenberg venderam suas plumas de avestruz principalmente para chapelarias, e fabricaram leques com cabos frágeis de madrepérola para mulheres da sociedade. Eles também aceitavam encomendas especiais como plumas de avestruz, como no caso, por exemplo, dos leques usados pelas damas-de-honra no casamento do presidente Woodrow Wilson. As roupas elaboradas por Ziegfeld para a comédia musical também ajudaram nos negócios.

É quase certo que qualquer produtor que usasse enfeites complicados de chapéu acabaria telefonando para Sittenberg. A certa altura, a companhia passou a fazer artigos com penas de quase todos os animais que voam, de pombos a pavões.

Mulheres da sociedade pararam de usar leques com plumas de avestruz há algum tempo e, desde que esse artigo caiu em desuso, nada ajudou mais a empresa dos Sittenberg ou o ramo de penas de avestruz do que as prisões de Miss Bacon e de Miss Rand. A popularidade da dança feita por elas levou centenas de produtores a contratar jovens dispostas a desfilar pelo palco com nada além de meia cauda enorme de avestruz para esconder sua nudez imaculada. Pouco depois de Miss Rand ter sido presa em Chicago, Mr. Sittenberg recebeu um fardo de pedidos de leques. De lá para cá, fez quase mil pares de leques. Ele entregou oito pares para Miss Rand. Ela os devolve periodicamente para manutenção. Hoje, ele está com dois pares de leques de Rand.

Mr. Sittenberg disse que prefere negociar com dançarinas de leques do que com chapelarias.

"Elas são honestas", disse ele. "É claro que só entrego as mercadorias mediante pagamento, então elas não me incomodam."

O czar das plumas de avestruz disse que a dança de leques não é nenhuma novidade, e que as dançarinas usam leques desde as primeiras comédias musicais.

"A única diferença é que antes elas não dançavam nuas e usavam só um leque", disse ele. "Uma dança de leques de verdade, como a que Sally faz, é

[198] Na verdade, "Mão Negra" (ou *mano nera*, em italiano) não era uma organização criminosa, como sugere Mitchell, e sim um método de extorsão praticado por mafiosos italianos, em que a vítima recebia uma carta ameaçadora exigindo o pagamento de certas quantias. A carta era assinada com a marca de uma mão em tinta preta. A imprensa da época, no entanto, se referia à "mão negra" como uma entidade do crime.

complicada. Fiz o cálculo e uma mulher nua consegue segurar os leques com elegância em exatamente quarenta e oito posições diferentes. Eu mesmo consigo fazer todas essas posições. Eu mesmo criei várias delas.

"Só alguém que seja uma artista consegue usar esses leques grandes. A maioria das dançarinas de leques corre pelo palco abanando os leques e pulando como uma cabra. Sally é uma artista. Ela faria Barnum[199] parecer um doente num *medicine show*[200]. Ela foi a primeira das dançarinas de leques confiante o suficiente para gastar dinheiro, contratar um assessor de imprensa e divulgar seu trabalho."

Ultimamente, Mr. Sittenberg ampliou os negócios. Ele inventou vários tipos de danças de leques – "Leda e o Cisne é uma, e a Cachoeira, um arraso se for feita pela garota certa, é outra" – e se tornou empresário das garotas que apresentam essas danças. Entre as dançarinas que assinaram contrato com ele, estão Austa Sven (o nome verdadeiro dela é Myrtle Miller), que faz o número do cisne; Thais Giroux, que é uma ortodoxa dançarina de leques até o momento; e Rio Grande, cujo nome verdadeiro é Betty Adler, uma dançarina de leques espanhola.

"Ela tem pouco mais de um metro e trinta de altura", disse ele, "e estou elaborando um número espanhol para ela fazer com leques. A Cachoeira vai causar sensação. Uma garota nua surge em meio a uma cascata de plumas, e ela consegue fazer a cascata apenas com o movimento das mãos. Em seguida, a cascata pode virar uma cauda de plumas ou uma capa. Estou patenteando essas danças, assim nenhum bando de ladrões vai roubar meus números como fizeram com a dança de leques.

"Só preciso de uma ideia para criar uma dança que vai fazer uma garota se destacar como a próxima grande novidade ou como um número especial. Sem dúvida, o tipo certo de leque é uma coisa importante. Quando estou dando origem a uma dança nova, acontece de um único leque mobilizar todas as pessoas da fábrica por vários dias. Faz sentido que um par dos leques de Sally, aquele que ela usou no filme, tenha custado trezentos dólares. Sempre que algo de errado acontece com os leques de Sally, ela me manda um telegrama pedindo para eu viajar na mesma hora. Algumas semanas atrás, voei até Milwaukee para fazer um trabalho para ela."

Como um toureiro que treina um novo movimento com a capa, Mr. Sittenberg está preocupado de uma maneira erudita e triste com as posições em que as

[199] Referência a P. T. Barnum (1810–1891), criador do circo Barnum & Bailey.
[200] Espetáculos itinerantes que alternavam apresentações cômicas e musicais com propagandas de elixires vendidos por charlatães que prometiam curar todo tipo de doença.

dançarinas usam seus leques. Ele é capaz de defender o ponto de vista de um grupo de dançarinas num impasse envolvendo a teoria da arte que elas fazem, como na disputa entre a Federação Ocidental de Dançarinas de Leques, que brigava por leques de noventa centímetros, e a União Americana de Dançarinas de Leques, Balões e Outras Especialidades, para quem os leques de sessenta centímetros eram grandes o suficiente "para todas as dançarinas exceto aquelas que têm vergonha do próprio corpo". Para relaxar, ele pesca em alto-mar com barcos que passam pela baía de Sheepshead[201].

Sally Rand não é a cliente mais famosa que ele tem. Uma vez, ele fez um bom trabalho para Mrs. Franklin D. Roosevelt[202].

"Era um capa antiquada feita de penas de avestruz", disse ele.

[201] A baía de Sheepshead fica no Brooklyn, em Nova York.
[202] Uma referência a Eleanor Roosevelt (1884–1962), primeira-dama dos Estados Unidos entre março de 1933 e abril de 1945.

Capítulo IV

Encontre Jesus

1. O inimigo do rum, de mulheres arruaceiras, de caça-níqueis e de lorotas; ou: onde você vai passar a eternidade?

Durante oito longos e dolorosos anos como repórter em Nova York, anos em que cobri dezenas de sermões e assuntos ligados à igreja, não conheci um pastor, padre ou rabino que me inspirasse um respeito muito grande, mas admito que não gastei muito tempo procurando. No entanto, os que mais me atraíram foram o reverendo Divine, o reverendo G. Spund e o bispo Lightfoot Solomon Michaux, um negro com dentes de ouro e voz profunda que em 1917 abriu mão de sua vendinha de peixe e ostra numa cidade da Virginia para se tornar um dos evangelistas linha-dura mais influentes da república. Tive contato com o bispo no Rockland Palace, um salão velho debaixo dos trilhos elevados da 155th Street com a 8th Avenue, um espaço que às vezes era usado para combates de boxe, disputas de luta livre e danças. O bispo estava realizando um evento formidável no Palace. Uma congregação feliz e barulhenta de duas mil e quinhentas pessoas gritavam "Amém!" e "É!" enquanto o bispo marchava no palco e lutava contra os pecados a plenos pulmões. Eu me sentei na primeira fileira.

"Vou expulsar o demônio do Harlem e posso muito bem começar passando um sermão em vocês", disse o sacerdote.

"A gente merece um sermão!", gritou um fiel baixinho na segunda fileira.

"Disse tudo, irmão", respondeu o bispo Michaux. "Por toda parte, vejo pessoas entornando uísque e cerveja, os homens abandonando as esposas, as ruas tomadas por apostadores. Os caça-níqueis estão por toda parte."

Atrás do bispo, estavam sentados os sessenta integrantes do coral "Contente Eu Estou". As mulheres tímidas da primeira fileira trajavam uniformes verde-oliva e chapéus engomados. A esposa do bispo, Mrs. Mary E. Michaux, conhecida como a "solista da voz argêntea", também estava no palco. Ela colaborou com o coral na canção "The Devil's on the Run", e em outros hinos de Michaux.

Pouco antes de começar o sermão, o contundente religioso deu instruções para que seus ajudantes percorressem a plateia vendendo cópias das canções a trinta centavos cada exemplar. E venderam centenas. Todos os bancos do Palace estavam ocupados.

Nos fundos do salão, há um bar, mas ele foi fechado com tábuas quando o pregador negro alugou o Palace por uma semana. Quando jovem, o bispo Michaux foi *barman* no estabelecimento do pai, mas agora encara todas as formas de álcool como uma armadilha e uma ilusão.

"Estou vendo que tenho muito trabalho pela frente", disse o bispo Michaux, que faz seu sermão debaixo de um grande sinal luminoso com seu nome em letras azuis, brancas e vermelhas. "Quero saber onde vocês querem passar a eternidade. Quero dizer, paraíso ou inferno, qual vocês preferem?

"E isso me faz pensar num problema que tem atormentado algumas mulheres que vejo aqui hoje. Uma mulher se casa com um homem e esse homem morre, e isso se repete até que ela tenha enterrado cinco maridos. No fim, ela vai ser esposa de quem quando chegar ao paraíso? Ela tem cinco maridos esperando por ela lá em cima e com qual deles vai ficar pelo resto da eternidade?

"Essa questão é responsável por criar problemas enormes no paraíso. Isso seria um problema até aqui, na Terra. Este é apenas um dos problemas que vou examinar nesta reunião. Ouçam-me."

O bispo pregou até a manhã do dia seguinte. Ele perseguiu o demônio com tanta energia que agora estava exausto. Quando descansou um pouco, pedi que me contasse alguns fatos a seu respeito.

Ele disse que nasceu primeiro em Newport News, Virginia, onde o pai tinha uma taberna. Em 1917, ele nasceu de novo. Nessa época, estava vendendo peixes e frutos do mar para o governo usar na bagunça que era a base militar de Camp Lee, Virginia. Um dia, estava entregando um carregamento de sáveis na base e ouviu o chamado para se tornar pregador. Naquela noite, reuniu alguns amigos e fundou uma igreja independente, e a batizou de Igreja de Deus.

Agora, existem sete filiais dessa igreja. A igreja principal fica em Washington, que abriga também o quartel-general de seu jornal, *Notícias Felizes*, e o seu restaurante espiritual, Café Notícias Felizes. Ele é contra o major J. Divine, um evangelista do Harlem que chama a si mesmo de Deus.

“Vou pregar contra o reverendo Divine”, disse o bispo Michaux. “Sei que ele diz por aí que é Deus, mas acho que está exagerando um pouquinho. Vejam, esse homem não trabalha com nenhuma teologia. Ele é um fingido. Eu sei que ele arrecada um monte de dinheiro, mas não quero dinheiro. Tudo que eu quero é um pouco de repolho.”

O bispo trouxe com ele sessenta e nove fiéis num ônibus. Disse que nenhum de seus seguidores bebe ou fuma, e disse que os ensinou a evitar “rum, mulheres arruaceiras, caça-níqueis e lorotas”. Nesse exato momento, um de seus fiéis entra na sala com um cigarro aceso numa das mãos.

“Tenho dois ganchos e eles se extraviaram”, disse o seguidor, batendo as cinzas do cigarro. “Algum de vocês viu os meus ganchos?”

“O que você está fazendo com esse cigarro na mão?”, perguntou o bispo Michaux.

“Ai!”, disse o fiel espantado, olhando para o cigarro. “Eu só estava segurando para o James, que está lá fora. Ele me pediu para segurar só um pouquinho.”

“Pois então largue esse cigarro e pise em cima.”

“Sim, senhor.”

O fiel jogou o cigarro no chão e pisou nele com vontade.

“Não faz diferença para mim se você estava com o cigarro na boca ou não”, disse o bispo Michaux. “Não quero nem que você manche os dedos com nicotina. O seu corpo é um templo e não uma fornalha.”

“Sim, senhor”, disse o fiel envergonhado.

2. Não fale quando a luz vermelha estiver acesa

O reverendo G. Spund ganha a vida realizando cerimônias de casamento. Ele se intitula “o casamenteiro mais famoso de Nova York”. Os eventos são organizados num estabelecimento que ele chama de “meu milionário palácio nupcial” no térreo do número 130 da East 3rd Street, uma das primeiras unidades no First Houses, o projeto municipal de casas com aluguéis baixos perto da Avenue A.

“Quando um casal me procura, dou a ele algo bom e refinado, muito diferente de casar num salão ou num restaurante”, disse o reverendo Spund. “Dou a eles um casamento memorável, com um órgão de tubos dourado, com uma sala alaranjada e

outra dourada e outra prateada, com equipamento de som, com buquês de lírios-do-vale, com sistema de iluminação igual ao do Radio City. É uma proposta diferente."

O reverendo Spund fundou seu "milionário palácio nupcial", pelo qual diz ter pagado dez mil dólares, em 1936, mas ele é um dos mais eficientes realizadores de casamentos judaicos da cidade há vários anos. Calcula ter realizado dez mil casamentos. Faz dezessete anos que ele mora no mesmo bloco, e todo mundo na vizinhança sabe quem ele é. Além dos casamentos, ele supervisiona conversões e bar mitzvahs, e ele é um circuncidador em hospitais, um *mohel*[203] graduado do Conselho de Miloh.

"As pessoas vêm de todas as partes", disse ele. "Vêm de Grand Concourse, de Flatbush. Feito por mim, um casamento é algo que não será esquecido. Quando duas pessoas são casadas pelo reverendo Dr. Spund, não existe isso de esquecer. Só não me vá escrever Dr. Spund sem usar o reverendo antes. As pessoas dizem: 'Ah, queria que um doutor fizesse o meu casamento!'. Sou também um *chazan*[204] e sinagogas costumam me contratar nos feriados.

"A competição é acirrada no meu ramo. Antigamente, quando as pessoas tinham mais dinheiro, eu ia a um salão, fazia o casamento e recebia cinquenta dólares, talvez setenta e cinco, um casamento maior podia render até, quem sabe, cem dólares. As extorsões acabaram com isso.

"Os grandes salões faziam extorsões. Um casal, ou mais provável que fossem os pais do casal, visitava o local para falar com o responsável e combinar o casamento. Logo de cara, eles começavam a falar de valores. O responsável pelo salão dizia: 'Vocês não precisam barganhar comigo. Vou fazer uma proposta especial para vocês. Forneço o rabino e a música, além do salão'. E assim eles fechavam negócio.

"O responsável pelo salão tem o seu próprio rabino. Para fazer o casamento, o rabino recebe três dólares, talvez cinco. Veja só que antes a gente recebia cinquenta dólares dos pais dos noivos, e hoje não recebemos nada. E tudo é combinado entre o responsável pelo salão e o rabino mais barato. Como uma forma de proteção, passamos a controlar os nossos próprios salões de casamento, como o meu, como vários salões enormes em Concourse."

---

[203] É um especialista em circuncisão.
[204] Também chamado de *hazan* ou *hazzan*, é a pessoa que realiza os serviços numa sinagoga.

Em 1929, o reverendo Spund criou o seu próprio salão de casamento, na casa de cômodos em que mora, o Ageloff Towers. Quando o município criou as First Houses do outro lado da rua, usando dinheiro do governo federal, ele decidiu alugar um dos espaços que tinha. Numa área originalmente planejada para um supermercado, ele criou o que chama de – dependendo de seu estado de espírito – "meu templo de casamentos" ou "meu palácio nupcial" ou "meu salão de casamentos". Ele instalou um sistema de som que serve tanto para discursos quanto para músicas, ambos transmitidos de seu escritório minúsculo direto para o salão de casamento. Uma luz vermelha acende quando o sistema está sendo usado e um sinal avisa: "Não fale quando a luz vermelha estiver acesa".

Os casamentos são realizados no salão dourado. O salão tem um altar debaixo de um dossel e uma centena de cadeiras douradas de armar. Espalhadas pelas paredes, há trezentas lâmpadas elétricas e, durante a cerimônia, as luzes mudam de cor e vão de azul para vermelho, cor-de-rosa e alaranjado. Existem dois holofotes acima do altar e eles miram o noivo e a noiva quando ambos fazem suas entradas.

"É como se fosse um sonho", disse o reverendo Spund. "Tudo é modernístico. Meu filho Jackie, de sete anos, é o pajem. Minha filha Millie, de dezessete anos, toca o órgão dourado. E também temos as músicas no sistema de som, tocadas em discos e transmitidas para o salão do casamento. Os salões alaranjado e prateado são para os convidados usarem durante a recepção, antes e depois também. Não trabalho com bufês, mas temos uma mesa de doces. As próprias famílias trazem bolos e bebidas. O casamento inteiro pode ser feito por mais ou menos vinte e cinco dólares.

"Vou explicar como funciona. Algumas semanas antes, o casal vem aqui e marcamos uma data. É necessário agendar com antecedência, como qualquer salão. Depois eles vão até o prédio da prefeitura e, claro, conseguem a licença. Aí chega o dia, o grande dia, e tudo aqui está pronto. As dez testemunhas e a minivan para pegar todas elas, que chegam e assumem seus lugares. De acordo com a lei judaica, é preciso ter dez homens como testemunhas. Aí os convidados chegam. Aí coloco meus paramentos e a gente faz a cerimônia. Na sequência, talvez chegue algum telegrama ou alguém queira fazer um discurso. Nesse caso, é usado o sistema de som.

"Aí a festa inteira é conduzida para o local da recepção. Eles bebem e confraternizam. Aí a festa inteira vai para um banquete num hotel ou num salão, ou a noiva e o noivo vão direto para a lua de mel. Eu mantenho este local sagrado. Aqui não tem nada de banquete, sinagoga, reunião ou bufê, é só a coisa sagrada."

O reverendo Spund – o primeiro nome dele é Gustav – veio para cá em 1913 vindo de Stanislau, uma cidade que ficava na Galícia e agora faz parte da Polônia[205]. Ele é um homem bom que usa uma discreta barba Vandyke[206], que gosta de cofiar preguiçosamente durante uma conversa. Ele usa óculos grandes do modelo pincenê. Uma fita preta amarrada nos óculos vai até a cintura dele.

Seu pai também foi rabino, e ele espera que seu filho mais velho, Abraham, de vinte anos, também se torne rabino. O reverendo Spund é membro da Associação dos Coristas dos Estados Unidos e do Canadá, e é sionista. Ele gosta de trabalhar no ramo de casamentos.

"É um negócio sagrado, e prover para o público um serviço dessa magnitude, de uma forma bonita, é tudo que eu quero", disse ele. "Com as despesas enormes que tenho, é claro não espero acumular fortunas. Com contas de luz, com aluguel, com cera para o chão, com uma pilha de contas que chega todos os meses, espero poder me sustentar e não muito mais que isso."

3. Vegetais frescos do bispo da paz

O principal homem de negócios do Harlem é um evangelista mulato, careca e atarracado que, de acordo com seu estado de espírito, chama a si mesmo de bispo Divine, ou reverendo M. J. Divine, ou Deus.

As cifras relacionadas aos empreendimentos de Divine oscilam, mas é seguro dizer que ele administra ao menos seis supermercados, dez barbearias, dez lavanderias e dezenas de carrinhos de mão que vendem "vegetais frescos do bispo da paz". Ele administra pelo menos três prédios de apartamentos e dez hospedagens, e é um magnata das quitinetes. Ele também é proprietário de restaurantes que vendem refeições por quinze centavos.

---

[205] O município de Stanislau já foi território austríaco, depois polonês, daí soviético e hoje faz parte da Ucrânia. Em 1962, quase três décadas depois do texto escrito por Mitchell, a cidade passou a se chamar Ivano-Frankvisk, em homenagem ao poeta ucraniano Ivan Franko (1856–1916), nome que permanece até hoje. A escritora Svetlana Aleksiévitch, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 2015, nasceu em Ivano-Frankvisk em 1948 (quando o lugar ainda se chamava Stanislau), mas foi criada na Bielorrússia. A Galícia citada por Mitchell é uma região no Leste Europeu entre a Polônia e a Ucrânia, que fez parte do Império Austro-Húngaro, e não tem nada a ver com a Galícia espanhola, no noroeste da Península Ibérica.

[206] Tipo de barba batizado com o nome do pintor flamengo Anthony van Dyck (uma das várias escritas possíveis para o nome dele). Nesse estilo, você cultiva o bigode e o cavanhaque, e apara a barba nas bochechas.

Parte dos ovos, frangos, vegetais e batatas vendidos nos restaurantes, nos supermercados e nos carrinhos de mão são produzidos por fiéis que trabalham nas fazendas de Divine em Walkill Valley, perto de Kingston, no estado de Nova York. No futuro, talvez no próximo verão, ele espera fornecer "aves e vegetais da estação produzidos pelo bispo Divine" para todos os seus fiéis em Nova York. Caminhões já fazem viagens regulares para duas de suas quatro fazendas.

Por exemplo, a cada manhã, um caminhão velho deixa o Harlem, pega a rodovia e depois enfrenta com dificuldade uma subida íngreme numa estrada de pedras a caminho de Hasbrouck Manor, nos arredores de Stone Ridge, uma localidade a cerca de trinta quilômetros de Kingston. Em letras vermelhas nas laterais do caminhão lê-se: "Paz. Bispo Divine É Deus". O caminhão se arrasta até a fazenda e para diante de um prédio todo feito de pedras, com três andares amplos, construído por um autêntico holandês huguenote que foi proprietário do lugar. É uma das residências mais antigas dos Estados Unidos e um marco no condado de Ulster. Assim como a maioria das casas coloniais holandesas no vale, ela era amarelo-creme, mas agora está pintada de cinza com detalhes em vermelho, e as armações das janelas em dourado.

O motorista para na frente da mansão e uma mulher negra gordinha, a bispa Divine, desce as escadas e diz o que ele deve fazer. (O bispo Divine chama essa mulher de "minha suposta esposa", afirmando que a relação entre eles é apenas espiritual, um arranjo que ele gostaria que funcionasse nas casas de todos os seus fiéis.) Ela diz para o motorista quantos ovos e galinhas ele pode levar.

Ele dirige até a granja, que fica perto da mansão. Lá, uma equipe de ajudantes embala os ovos e coloca as galinhas em engradados. Eles carregam o caminhão com sacos de batatas e com vegetais frescos recém-colhidos da horta. Às vezes um dos ajudantes prepara uma caixa de morangos ou de framboesas para o bispo Divine. Cada caminhão carrega um presente para Divine – uma dúzia de espigas de milho , um galeto ou uma dúzia de ovos de galinhas Plymouth Rock. Quando o caminhão está cheio, o motorista assume a boleia.

"Paz!", diz ele, pegando o rumo da estrada, exultante de alegria, até os restaurantes "Bispo da Paz" na 115th Street e na Lenox Avenue, no coração do Harlem. "Paz. Que maravilha."

Os ajudantes voltam ao trabalho. Há muito por fazer nesse "pedaço do paraíso". A fazenda Stone Ridge tem sessenta hectares, e Divine está usando a

mansão como escritório para as outras propriedades. Ele tem mil e quinhentas galinhas pondo ovos numa fileira de galinheiros e seus ajudantes estão enlatando framboesas e milho doce, e plantando tubérculos e vegetais. Quando Divine aparece em seu Rolls-Royce azul, pelo qual pagou cento e cinquenta dólares em dinheiro vivo, os ajudantes encerram o expediente e chegam a gastar até quatro horas numa refeição durante a qual repetem de modo incansável que o bispo Divine é Deus.

Depois do jantar, Divine gosta de dar uma volta e espairecer, caminhando até a velha amoreira perto do galinheiro e cedendo ao que chama de "tentação das amoras". No entanto, quando seu automóvel desaparece pela estrada de pedra, os seus seguidores voltam ao trabalho, usando cavalos para puxar os arados e arrancando as ervas daninhas da plantação de milho com a mesma energia que demonstrariam se estivessem trabalhando para um dos fazendeiros holandeses da vizinhança. Divine tem o cuidado de mandar para suas fazendas apenas os seguidores que sabem como manejar uma enxada.

Nos últimos anos, ele tem agido em segredo ao comprar fazendas, mas advogados e corretores de imóveis em Kingston concordam que, até o momento, ele deve ter comprado quatrocentos hectares da melhor terra fértil que se pode encontrar no vale; que ele paga quase sempre em dinheiro vivo; que ele está disposto a comprar mais fazendas; que ele está também negociando a compra de duas fábricas, uma de tijolos e outra de móveis.

As quatro fazendas dele ficam num raio de trinta quilômetros de Kingston. Ele é dono de sessenta hectares nas colinas de carvalhos-anões e sumagres, dois quilômetros a oeste de New Paltz. Ele chama essa fazenda de "A Terra Prometida". O lugar é administrado por Sarah Love, uma negra competente, com a assistência do Queridão e do Gentileza.

Perto de High Falls, ele tem setenta hectares e, em Krumville, duzentos hectares serão usados na construção de uma cidade Divine. O xerife do condado de Ulster não faz ideia de quantos fiéis estão vivendo nas fazendas, e um levantamento acurado é impossível, pois ônibus abarrotados de gente chegam do Harlem todo domingo, e às vezes os ônibus voltam com ainda mais pessoas do que trouxeram.

Divine já disse ter a intenção de comprar o vale inteiro e entregá-lo a "milhares e, sim, milhões" de seguidores, um anúncio recebido com preocupação pelas autoridades de Kingston.

"Vou distribuir os lotes de graça e, se uma pessoa tiver o desejo de construir, pode construir e manter sua propriedade", disse Divine. "Estou disposto a dar uma escritura para cada pedaço de terra que alguém assumir. É disso que estou falando. Não queremos ninguém se envolvendo com litígios.

"Que maravilha."

Divine ordenou às pessoas que vivem em sua propriedade no condado de Ulster que não deem nenhuma informação para estranhos. Um repórter tentou descobrir quantos fiéis viviam no estabelecimento de Chapel Street. Um negro se levantou da varanda onde estava pintando o chão de verde e caminhou até o jardim. O repórter fez algumas perguntas.

"Não tenho conhecimento", disse ele, tirando tinta verde do pincel. "Que maravilha."

"Você não poderia me contar quantas pessoas vivem aqui?", perguntou o repórter.

"Todas as informações de natureza espiritual ou pessoal devem vir do pai nosso que estais no céu, e acho que agora ele está em Nova York", disse o pintor. "Paz. Que maravilha."

4. Tirando o fato de que ela fuma, bebe e fala palavrão, Miss Mazie é uma freira

Ela é conhecida como "Miss Mazie" pelos homens arruinados que vivem nas calçadas dos hotéis ao longo da Bowery. Seu nome verdadeiro é Mazie Gordon e ela é uma loira de coração bom. Ela se veste de maneira extravagante e exagera no perfume. Até a meia-noite, fica na cabine apertada da bilheteria do Venice Theatre, que é de sua propriedade, no número 209 da Park Row, com Fluffy, um lulu-da-pomerânia, no colo.

Ela alimenta o cachorro usando ração misturada com leite morno e conversa com ele num tatibitate rouquinho. Em noites frias, cobre o cachorro no colo com um cobertor. Ela é uma mulher de negócios eficiente e é dona do cinema, de algumas casas de cômodos e de alguns terrenos em Coney Island. Um chofer vai buscá-la à meia-noite com um Stutz[207]. Ela chegou a trabalhar numa das casas burlescas de

[207] Um carro de luxo produzido nos Estados Unidos.

Hurtig & Seamon no Harlem, mas nunca fala disso. Ela diz: "Nunca deixo minha mão direita saber o que a esquerda está fazendo[208]".

Mazie ocupa a cabine da bilheteria com sombras verdes pesando sobre os olhos sábios e amáveis. O ingresso em seu estabelecimento, uma envelhecida sala de exibição de filmes, custa dez centavos durante o dia e vinte centavos à noite. Às vezes, um vagabundo entra na sala às dez horas da manhã e à meia-noite ainda está lá, dormindo na poltrona, roncando como se fosse dono do lugar. Mazie não se importa, mas se alguém começa a gritar de maneira sarcástica para os atores na tela, distribuindo conselhos, ela entra na sala e agarra o sujeito pela cintura frouxa da calça velha e o carrega para fora.

"Mas que porcaria!", grita ela, encarando o vagabundo. "Assim você vai acordar todo mundo."

Todas as manhãs, Mazie dá um bocado de dinheiro para os moradores da Bowery. Um homem vem correndo e fica parado na frente dela, na expectativa. Ele tem uma expressão cansada. Tira o chapéu e faz uma reverência para Mazie.

"Eu achei que encontraria você hoje de manhã", diz ele. "Você teria um trocado, Mazie, por favor?"

"Por que você não morre de uma vez?", diz Mazie, empurrando duas moedas de dez centavos pela abertura na cabine da bilheteria.

"Obrigado, Mazie", diz o bêbado, antes de discursar. "Você tem um coração bom. Minha melhor amiga. Obrigado, Mazie. Você é tudo para mim, Mazie. Até amanhã."

Ele sai rumo ao bar mais próximo.

"Hoje a programação está boa", diz Mazie. "Você não quer ver o show?"

"Não, obrigado", diz o vagabundo, ansioso por sua dose matinal de álcool. "Vou falar com um sujeito que me prometeu um emprego."

"Até mais", diz Mazie, fechando a abertura na cabine da bilheteria.

Ela agrada as orelhas do cachorro. Porventura, pega um pedaço de camurça de dentro da bolsa e lustra seus anéis de diamante. Porventura, deixa o porteiro cuidando da bilheteria e sai para tomar um drinque. Porventura, pega um livro sobre a vida dos santos que fica numa prateleira dentro da bilheteria e lê, até que de repente começa a

[208] Referência à Bíblia: Mateus, Capítulo 6, Versículos 3 e 4: "Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita;/ para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. (Tradução de João Ferreira de Almeida.)

vender ingressos. Mazie é judia, mas quer ser freira. Ela admira freiras. Conhece dezenas de freiras e muitas madres superioras e quando *A irmã branca*[209] entrou em cartaz no cinema, Mazie telefonou para todas elas e chamou para ver o filme de graça.

"Eu gostaria de ser freira e de viver uma vida de sacrifícios", disse ela. "Pois eu já sou praticamente uma freira. A única diferença entre mim e uma freira é que eu fumo, bebo um pouquinho e falo palavrão. Tirando essas coisas, eu sou uma freira."

A única coisa que o pessoal da Bowery sabe a respeito de Mazie é que ela é muito generosa. À noite, ela é vista com seu cachorro passeando pela Park Row. Eles lembram quando ela ia até a farmácia do Perry no edifício Pulitzer (agora estão transformando o lugar numa loja de artigos esportivos) para tomar um café, e lembram que ela dava um trocado para todos os homens que pediam. É possível que alguns deles soubessem que ela vive em Coney Island, tem quatro irmãs e quatro irmãos. Mas ninguém sabe nada sobre a época em que ela trabalhou em casas burlescas. Ela era cantora? Ela era corista? Mazie não responde.

"Isso não é da sua conta!", diz ela.

Ela é casada?

"Nunca conheci um homem bom o suficiente para me casar e isso não é da sua conta", diz Mazie.

Os donos de lojas da vizinhança – os recepcionistas de hotéis vagabundos, os balconistas de lojas que vendem roupas de segunda mão, os garçons de restaurantes que vendem refeições completas com batatas fritas por quinze centavos – todos têm histórias sobre a generosidade de Mazie.

Eles repetem com orgulho o comentário que ela fez para o diretor corpulento de uma das missões que atendem a Bowery depois que o sujeito chamou sua atenção por causa do linguajar que ela usava.

"Por que diabos você se incomoda com o jeito que eu falo, seu gorducho?", disse Mazie. "Isso não é da sua conta."

E nas noites frias, nas noites em que a Bowery é a rua mais fria da cidade, Mazie leva os mendigos para o Grego, na Chatham Square, e paga ensopado e café para todo mundo; e às vezes Mazie vê um homem com os sapatos destruídos, deixa o porteiro cuidando da bilheteria e providencia um par de calçados para o homem se

[209] *The White Sister* no título original. Filme de 1933 dirigido por Victor Fleming, com Helen Hayes e Clark Gable.

proteger do pavimento úmido; e não são raros os dias em que Mazie se dá conta de ter gastado toda a renda da bilheteria.

Mas Mazie diz que se preocupa demais e que existem noites em que volta para casa em Coney Island e não consegue dormir, e tenta encontrar paz olhando para as medalhas religiosas, e sonha em se tornar freira e lê sobre as vidas nada conturbadas[210] dos santos.

"O que te preocupa, Mazie?"

"O que me preocupa não é da sua conta."

[210] Uma afirmação estranha partindo de alguém como Mitchell, pois na biografia dos santos não é raro encontrar histórias sobre como a fé em Deus os salvou, justamente, de uma vida conturbada. O maior exemplo disso talvez seja Santo Agostinho. Mitchell cresceu numa família religiosa no Sul dos Estados Unidos, além de ter sido curioso a respeito de várias religiões. O escritor Ian Frazier disse, num evento da *New Yorker*, que Mitchell frequentava diversas igrejas e via várias missas todas as semanas.

Capítulo V

Esportes

1. “Algum vagabundo pode me confundir com um lutador”

Numa tarde de domingo, fui me encontrar com Mr. Jack Pfefer, um importador de aberrações que trabalha no ramo de luta livre. Ele estava sentado com os pés na mesa de um escritório de paredes vermelhas no décimo andar do edifício Times e penteava com cuidado os longos cabelos pretos usando um pente de bolso. Passou a usar os cabelos longos e esvoaçantes desde que saiu de Varsóvia para assumir a direção de uma companhia de cantores russos de ópera.

Ele usava um cravo branco e murcho na lapela. Alguns de seus lutadores obesos e sem pescoço o chamam de “Jack Cravo”, mas ele não gosta do apelido; ele insiste em ser chamado de Mr. Jack Pfefer.

As paredes vermelhas de seu escritório estavam cobertas de fotografias emolduradas de lutadores e cantores de ópera. Uma placa acima da fileira de fotografias em uma das paredes dizia: “Lutadores mortos”. Entre eles, havia fotografias de vários lutadores ainda vivos. Quando um lutador comete um erro com Mr. Pfefer, na mesma hora a fotografia dele vai para a “parede dos mortos”. É a forma que Mr. Pfefer tem de se vingar.

Enquanto o homenzinho penteava os cabelos, assoviava uma melodia de “Boris Godunov”. Ele impressiona seus lutadores assoviando melodias de óperas. Quando enfim arrumou os cabelos do jeito que queria, ele enfiou o pente num dos bolsos do colete.

“Tenho que usar meu cabelo comprido, como se fosse um poeta”, disse ele, suspirando. “Não quero ser confundido com um lutador. Algum vagabundo pode aparecer por aqui e me confundir com um lutador”.

A porta se abriu para a entrada de um dos membros do rebanho de Mr. Pfefer, um lutador de aparência fúnebre e comportamento furtivo, com uma barba longa, que é apresentado apenas como “King Kong, o Homem-Gorila da Abissínia”. Nem Mr. Pfefer sabe ao certo o nome dele. O lutador é grego, mas sua popularidade coincidiu

com a Guerra da Etiópia e Mr. Pfefer decidiu fazer dele um abissínio. Ele não se incomodou. King Kong age como se a qualquer momento alguém pudesse acertar sua cabeça com uma cadeira. Parece que está sempre pronto para se esquivar. Ele é popular nas arenas de Nova Jersey por causa do berro tonitruante que dá toda vez que um lutador consegue torcer seu pé. Ele entrou na sala arrastando os pés e começou a mexer numa pilha de correspondência sobre a mesa. Mr. Pfefer pulou da cadeira.

"Tire a porcaria do chapéu, seu sem-vergonha", gritou ele.

King Kong, o "Homem-Gorila" que pesa noventa e dois quilos, tirou o chapéu obedientemente.

"Vá para a outra sala", gritou Mr. Pfefer, que pesa cinquenta e sete quilos em seus melhores dias. "Tem mais uns gorilas lá. Espere na sala, como eu mandei."

"Sim, Mr. Pfefer", disse King Kong, arrastando os pés para fora da sala.

"Tenho que lidar com essas aberrações como se fosse um pai", disse o destemido Mr. Pfefer. "É como se esses sem-vergonha fossem minhas crianças. Num dia, bato neles e grito com eles. No outro, sou generoso como um pai."

Mr. Pfefer suspirou. Ele suspirou tão profundamente que o cravo na lapela chegou a se abrir.

"Esse ramo acaba com os nervos", disse ele. "Com as aberrações, com a política em torno da Comissão Atlética, com processos movidos contra mim pela federação de lutadores. Conspiradores! Manipuladores! Sem-vergonha! Querem me pressionar o tempo inteiro. Em três anos, perdi setenta e cinco mil dólares com esses conspiradores, e posso provar com minha contabilidade. Eles deviam acabar comigo de uma vez! E não me deixar agonizando desse jeito!"

Mr. Pfefer tinha como aliado o falecido Jack Curley, um promotor de lutas e amigo do antigo príncipe de Gales. No entanto, eles brigavam o tempo todo e agora Mr. Pfefer está sozinho. Ele se apresenta como empresário de lutadores. Às vezes, promove lutas sozinho, porém é mais comum que forneça lutadores para outros promotores no Garden, no Ridgewood Grove, no Bronx Coliseum e na Mecca Arena, um clube novo que abriu onde antes havia um teatro, na 14th Street. Alguns de seus meninos lutam bem de verdade, mas ele não se ofenderia se você dissesse que a maioria deles, dando tudo de si, não consegue lutar nem contra a própria sombra.

"Estou no ramo de entretenimento, como os Ringling Brothers[211]", diz ele. "O show não pode parar. O público quer ver aberrações e dar umas risadas."

Mr. Pfefer diz ter sido o responsável pelo aumento do interesse pela luta livre nos últimos doze anos, mais ou menos.

"Para ser honesto e provar que isso é um fato", disse ele, "quando comecei a trabalhar no ramo, a luta livre estava mortinha da silva. O escritório de Jack Curley era um velório. Na minha opinião, fazer as coisas acontecerem é uma arte. Decidi mandar fotos para os jornais. Decidi mudar os nomes dos lutadores. Vamos supor que apareça por aqui um garoto chamado Alexander Garkowienko, como apareceu de fato. Eu mudo o nome dele para Alexandre, o Grande, o Russo Gigante. Eu trouxe aberrações da Europa como nunca ninguém antes. Pfff! Assim a luta livre ficou famosa. Na primeira luta que promovi, ganhei uns dois mil dólares. Talvez mais. Antes de eu trabalhar no ramo, fazer oitocentos dólares era o paraíso. Mas é o consórcio de lutadores que fica com o crédito. Você acha que eu me importo? O que me importa é o dinheiro."

Ele tem orgulho das aberrações que importou aos montes. Às vezes ele olha para a fotografia de um de seus lutadores corpulentos e barbados e, rindo, exclama: "Minha nossa, que esquisitão!". Para ganhar o respeito de Mr. Pfefer, um lutador tem que ser uma pessoa extremamente grotesca. O ramo da luta livre pode parecer miserável para algumas pessoas, mas Mr. Pfefer acha quase sempre uma maravilha. Às vezes, até ele tem momentos de desgosto. Sabe, no entanto, que há um tipo de sadismo desenfreado percorrendo o país e, enquanto houver cidadãos dispostos a pagar para ver lutadores gemerem e grunhirem e urrarem e estapearem o tatame como se estivessem morrendo, Mr. Pfefer está disposto a aceitar esse dinheiro. Não é um negócio bonito, com sua epidemia de tracoma[212] (que é uma doença ocupacional), com seus vencedores de mentira, com suas disputas entre promotores, com sua teatralidade meia-boca. Não é como nas lutas de boxe profissional em que o melhor quase sempre vence. Na luta livre há um quê de atração menor, de circo de pulgas.

"Ah, porcaria", disse Mr. Pfefer, generalizando o que ocorre em seu ramo, "é como um circo com elefantes que usam sapatos e comem comida em pratos. Às vezes fico tão cansado das aberrações que preciso ir à ópera para acalmar meus nervos.

---

[211] Criadores de um circo que levava o nome da família. Mais tarde, eles uniriam forças com outro circo, Barnum & Bailey, e passariam a promover espetáculos em conjunto.
[212] Um tipo de infecção dos olhos.

Neste momento, meus lutadores são jovens americanos que vivem direito. Saudáveis. Cem por cento."

Pouco depois, no entanto, ele recuperou o entusiasmo ao falar de suas aberrações.

"Tenho um monstro novo", disse ele, "uma aberração de classe. O nome dele é Martin Levy, de Boston. Ele treinou por três meses e emagreceu até ficar com duzentos e oitenta e três quilos. É o maior ser humano que jamais pisou num ringue. Tem vinte e cinco anos. Ele não conseguiria lutar contra um carrinho de bebê, mas isso não faz nenhuma diferença.

"Vamos supor que um adversário tente dar uma voadora. Martin é tão grande que seria a mesma coisa que dar uma voadora num muro. Você consegue atirar um muro no chão? Consegue nocautear um muro? Ele custa caro para mim. Gasto dez, doze dólares por dia só em comida. Ele come vegetais com uma dúzia de ovos numa sentada. Gosta de colocar azeite de oliva na sopa. E tem que viajar sempre num caminhão porque nenhuma cama de hotel aguenta o peso dele. Também não dá para viajar de trem porque ele leva meia hora só para entrar no vagão. E como ele vai fazer para descer se o trem fizer uma parada rápida na estação? Mas, quer saber? Ele vai ser um tremendo vencedor. Se não for, vou acabar com a raça desse sem-vergonha."

Durante anos, Mr. Pfefer manteve olheiros na Europa, homens que conheceu enquanto viajava em turnê com cantores russos de ópera, e eles mandavam telegramas sempre que descobriam algum gigante que talvez pudesse ser convencido a viajar para a América e virar lutador. Ele importou seu primeiro lutador em 1922.

"Amo esporte assim como amo música", disse ele, "e fiquei muito orgulhoso quando meu primeiro gigante chegou. Era o Garkowienko, que eu chamava de Alexandre, o Grande. Ele veio da Ucrânia. Pesava cento e noventa e dois quilos quando chegou aqui, mas quando o mandei de volta para casa ele estava com cento e seis. Um fiapo. Uma vez, só para me distrair, ele pegou uma viga enorme de aço, dessas para construir arranha-céus, equilibrou nos ombros e sessenta pessoas se sentaram nela, trinta de cada lado. Ele sentia muita falta de casa.

"Depois, foi a vez do Ivan Poddubny, que eu chamava de Ivan, o Terrível. Ele já morreu. Era bigodudo. O nome verdadeiro dele era Zaikin, mas eu achava que Poddubny soava melhor, tinha mais classe. Ele também era russo, um barqueiro do Volga, de verdade.

"Depois, foi a vez do famoso lutador sem pescoço, Ferenc Holuban, de Budapeste. Ele parecia um barril, não tinha pescoço nenhum e raspava a cabeça. Ninguém conseguia dar uma gravata nele. Eu procurava sempre trazer aberrações de estilos diferentes. O próximo foi Fritz Kley, um contorcionista alemão. Ele parecia uma serpente, e era impossível de agarrar. Como lutador, ele era razoável, nem bom, nem ruim. O que me incomodava nele e em todas essas aberrações era que, assim que recebiam algum dinheiro, eles corriam até o correio para mandar o dinheiro para casa. Eles não investiam nem um centavo neste país. E também comiam demais.

"É isso aí, meu amigo, o show não pode parar, assim como era com os Ringling Brothers. Depois foi a vez do Leo Pinetzky, um garoto polonês. Ele tinha os braços mais compridos do mundo, uma envergadura de dois metros e quarenta centímetros. Era de Lodz. Para uma aberração, até que ele tinha um bom temperamento. Em seguida, eu trouxe um lutador que deu início à moda dos bigodões. Eu o chamava de Sergei Kalmikoff, inspirado num famoso general cossaco da Sibéria. O nome verdadeiro dele não tinha classe, era Orloff. Ele foi o primeiro homem de bigodão que eu importei. O original. Depois dele, veio uma onda. Ele usava uma blusa russa e gostava de ser chamado de Gorila Siberiano. Ele não sabia o significado. Achava que era um título como general ou senhor.

"Depois de Kalmikoff, todos os lutadores tinham que usar bigodões. Se você visse esses garotos universitários que treinavam luta livre, todos eles tinham a cara limpa e pareciam gente. Mas aí eles decidiram cultivar os pelos do rosto. Para ganhar uns dólares, eles topavam ficar feios. As esposas deles odiavam, e as crianças morriam de medo. Eles pareciam um bando de macacos horrorosos. Fui eu que comecei essa febre, e posso falar.

"Kalmikoff foi meu último gorila da Europa. Depois dele, passei a usar apenas jovens americanos e saudáveis. Como os jovens universitários de times de futebol americano, jogadores de defesa. Sem grunhir nem nada. Eles eram lisos como bolas de borracha. Porém, mais cedo ou mais tarde, a maioria acabava deixando um bigodão. Ninguém consegue ficar mais feio que um universitário disposto a cultivar o bigode."

Mr. Pfefer é um paradoxo. Na verdade, ele gosta mesmo de música e vai a vários concertos e óperas. Ele se considera um artista e tem uma fotografia enorme de si mesmo usando uma blusa russa, olhando para o vazio – "Esse sou eu na época em que trabalhava com ópera", disse. Ele era pianista.

"Desisti dessa vida e agora trabalho com lutadores meia-boca", disse ele. "Não gosto nem um pouco de trabalhos meia-boca."

Ele carrega uma bengala com empunhadura de marfim e, por fazer uns floreios com ela, às vezes é confundido com Morris Gest[213] – uma comparação que o agrada. Ele parece um Morris Gest de ressaca. E se veste como um astro da ópera. Ocupa uma cadeira em seu escritório fantástico, em mangas de camisa, e usa elásticos para prender as mangas. Quando fica nervoso, costuma estalar os elásticos. Ele diz ser extremamente religioso. Tem uma mezuzá[214] presa à porta do escritório e toca nela toda vez que entra ou sai. Tem também tem uma mezuzá presa ao lado da porta de seu quarto de hotel, disse ele. A mezuzá é um artefato religioso dos judeus, uma lâmina de metal com um pergaminho minúsculo dentro. Ele beija os dedos antes de tocar no objeto. Ele faz parte da Congregação Israel Ezrath, uma sinagoga popular entre o pessoal do teatro, na West 47th Street, 338.

"Sou frequentador há anos", disse ele. "Tenho até um assento cativo."

Ele disse que alguns lutadores ficam impressionados com sua bondade. O pai dele era Shoel Pfefer, um dos rabinos mais severos de Varsóvia. Ele nasceu em Varsóvia quando a cidade ainda fazia parte da Rússia. Diz que dorme apenas quatro horas por dia, trabalhando as outras vinte. Gosta de comer em charcutarias nos arredores da Broadway e fica feliz quando um jornalista que cobre boxe descreve a maneira como ele destrincha um arenque.

Ele se irritou quando Jim Londos, com quem não se dá nem um pouco, posou para uma fotografia meditando como se fosse "O Pensador", de Rodin. Achou que London foi pretensioso. Ele pendurou a foto na parede dos lutadores mortos e escreveu a legenda: "Jim, seu ardiloso. Você está acabado, como todas as figuras nessa parede". Ele escreve do mesmo jeito que fala. A pior palavra que ele pode usar contra um inimigo é "ardiloso".

"Londos está tão longe de Rodin quanto eu estou do governador Lehman", disse ele, bufando de raiva. "Ele não é 'O Pensador'. Está mais para 'O Impostor'. É só mudar o título um pouquinho."

---

[213] Morris Gest (1875–1942) foi um produtor de teatro nascido na Lituânia, mas que viveu e trabalhou nos Estados Unidos.

[214] A mezuzá é um artefato que judeus penduram no lado direito da porta de qualquer estabelecimento – religioso, residencial ou comercial – como uma lembrança do criador. Inscritos nele estão os mandamentos da Torá que orientam essa prática.

Com seus lutadores – hoje ele cuida de mais ou menos sessenta –, Mr. Pfefer viaja pelo país inteiro. Porém, não fica muito tempo longe de Manhattan. Ele acha que Nova York é uma cidade perfeita para quem sabe se virar, e fica contente de poder ficar em seu escritório no alto da Times Square em meio a suas fotografias, em meio a seus lutadores respeitáveis, a cinco minutos de distância de sua charcutaria favorita. Ele espera poder ir de novo para a Europa em breve, numa viagem sentimental até a Palestina, onde sua irmã, Tauba Pfefer, dá aulas numa escola hebraica em Tel Aviv. Carrega no bolso uma moeda palestina para dar sorte. Porém, não vai ficar muito tempo lá.

"Não me tiram desta cidade nem com um guindaste", disse ele, estalando o elástico rosa ao redor de sua manga esquerda. "Nem se me elegessem governador da Califórnia e, junto com o salário, me dessem um carro."

2. Uma porca

A única mulher que vi ganhar a vida como lutadora foi a Condessa Jeanne Vina La Mar. Falei com ela num quarto do St. Moritz. O quarto tinha o cheiro de uma academia de ginástica. Ela estava usando tênis, calças de agasalho, dois suéteres e um moletom. Tinha acabado de fazer uma corrida leve ao redor do reservatório de água no Central Park e estava suando que nem um porco. Nos primeiros dez minutos em que estive no quarto, a Condessa ficou calma sentada num sofá, com as mãos cruzadas sobre as pernas, me contando como era perseguida por Jack Dempsey (ele não a ajudava a conseguir lutas), pelos donos do Madison Square Garden, pela Comissão de Boxe do Estado de Nova York, por Hollywood e pelo público americano.

Ela se levantou de repente e começou a treinar alguns golpes. Depois de um *jab* fantástico, a condessa acertou a pintura de um pirata que estava em cima do piano de cauda. Em seguida, meio assustada, voltou a se sentar. Ela explicou como é ser a campeã incontestável do mundo civilizado nas categorias peso-galo e peso-pena de boxe.

"Olhe isso aqui!", disse ela, golpeando a barriga para mostrar como está tão sólida agora quanto era em 1923, quando ela começou a implorar para estrelas de cinema a desafiarem. "Olhe isso aqui! Sou ágil como uma pantera. Em todos os meus

anos como lutadora, nunca fui derrubada. Sou refinada, modesta e espetacular. Transformei o boxe num esporte lindo.

"Olha esses músculos! De onde você acha que eles vieram? Desenvolvi esses músculos lutando contra brutamontes. Sempre contra homens. Não consigo arranjar uma luta contra uma mulher. Elevei o boxe à categoria de arte e o que consegui como recompensa? Nem um centavo, nenhum reconhecimento e nenhum respeito. Eles ainda acham que boxe não é coisa de mulher. Mas deixa eu perguntar uma coisa. Eu me machuquei? Minhas orelhas estão deformadas? Eu não pareço uma dama?"

A Condessa tem licença para lutar em Nova Jersey e na Pensilvânia. Os encarregados em Nova York ainda lhe devem uma resposta. Na Flórida, ela não precisa de licença, e por isso a maioria de suas apresentações ocorre lá.

A sua luta mais famosa, na verdade, foi na Flórida. A batalha do século ocorreu em Miami, em 1931, contra o falecido W. L. Young Stribling. Johnny Risko, o juiz, considerou o combate de três assaltos um empate. A Condessa concorda.

"Stribling era um moleque durão", disse a Condessa. "Ele enfiou o dedo no meu olho, o malandro. Para início de conversa, não gosto de lutar contra homens. E quando luto faço questão de chamar de exibição e não de disputa. Eles chamaram a luta com Stribling de disputa. Só fui saber quando já estava no ringue e disse: 'Me desculpe, mas isso é só uma exibição'. Em seguida, acertei o queixo de Sibling com um sólido direto de direita e ele ficou esperto. A luta foi dura."

A Condessa não aprova lutas profissionais entre mulheres em casas burlescas ou nos palcos do vaudeville. Acha que mulheres deveriam ter permissão para lutar no Madison Square Garden, mas seu inimigo, Jimmy Johnson, é rigorosamente contra a ideia. E tem sido difícil para ela encontrar uma oponente. Ela desafiou Mary Pickford, Clara Bow e várias outras estrelas duronas, mas sem sucesso. Suas cartas não tiveram resposta.

"Eu gostaria de lutar um *round* com Clara Bow", disse a Condessa.

Ela disse que seu outro interesse é a Vina Science Health and Art League, da qual é presidente, fundadora e organizadora. Ela treina em seu apartamento e no Central Park. Corre e saltita ao redor do Reservatório todas as manhãs.

Ela é franco-americana. Casou com um conde italiano quando tinha quatorze anos e veio para os Estados Unidos no ano seguinte. Disse que sempre evitou o submundo e sempre lutou limpo. Ela se sente perseguida.

Sua voz tem timbre de soprano dramático. Quando ela cansa de esmurrar os sacos de pancada, canta algumas canções de "Carmen". Ela se casou duas vezes – uma com o conde italiano e uma com Paul La Mar, ou "Chicago Kid" Gleason. Ela tem uma máquina de costura e faz as próprias roupas.

"É que tenho muita energia", disse a Condessa.

3. Velho atleta de ceroulas

Um dos atletas mais interessantes que entrevistei foi o reverendo William Ashley (Billy) Sunday, um jogador de beisebol de segunda categoria que se tornou o evangelista mais rouco da história do Cristianismo. Eu o vi alguns meses antes de ele morrer, dolorosamente, de um ataque cardíaco em Chicago. Ele fez seu coração inchar de tanto arremessar cadeiras e derrubar púlpitos durante sermões; sua viúva dedicada disse certa vez que viu o coração dele debaixo de um fluoroscópio em um consultório médico, e que o órgão estava "tremendamente inchado". Talvez seja uma blasfêmia o que vou dizer, mas perto do fim de sua carreira acho que ele se cansou de combater o diabo. Na tarde em que o vi, ele estava deitado na cama de seu quarto no Salisbury Hotel e juntava forças para um bom e velho sermão que planejava dar naquela noite na Calvary Baptist Church.

Quando entrei no quarto, o velho cansado e marrento enfiou a mão debaixo do cobertor e coçou as costas com vontade.

"Estou usando minhas ceroulas", explicou. "Não consigo ficar sem elas – não, senhor! Não sei o que seria de mim aqui, na cidade de Nova York[215], se não estivesse com minhas ceroulas."

"Acabei de colocar o pai na cama", disse Mrs. Sunday, que insiste em ser chamada de "mãe".

"Eu queria dar uma volta na cidade", disse o evangelista, um pouquinho melancólico, "mas a mãe me fez vir para a cama e tirar uma soneca. Ainda não tive chance de dar uma volta na cidade.

---

[215] Em inglês, costumam falar *New York City*, ou cidade de Nova York, para distinguir de *New York State*, o estado de Nova York. O que explica o título da música que ficou famosa na voz de Frank Sinatra e que deu nome a um musical dirigido por Martin Scorsese: *New York, New York* – a cidade dentro do estado. Há ainda um *slogan* da cidade que diz: *So nice they named it twice*, algo como "O nome é tão legal que eles usaram duas vezes" – essa tradução, infelizmente, perdeu a rima.)

"Tive algumas visitas. Veio um escultor e veio um dos homens que me ajudaram durante o sermão que fiz aqui antes, em 1917, quando 65.492 almas aceitaram Cristo como seu Salvador. Foi uma ótima celebração. Nós coletamos cento e vinte mil dólares."

"E não se esqueça", disse Mrs. Sunday, "de contar dos cem milhões que coletamos na estrada de Liberty Loan, na mesma época. É claro que não estamos contando vantagem, mas ficamos orgulhosos de coletar todo esse dinheiro para o Tio Sam."

"É isso aí", disse Mr. Sunday, "e outra visita foi Mickey Welch, que foi arremessador do antigo New York Giants[216] muitos anos atrás. A bem da verdade, ele parou de jogar em 1892. Joguei contra ele várias vezes.

"Ele falou da vez que eu tinha agendado uma corrida com Arlie Latham – o homem mais rápido do time de St. Louis. Eu, é claro, era o mais rápido do time de Chicago. Bom, nesse ínterim, eu me converti na Pacific Garden Mission, em Chicago.

"Então fiquei incomodado, na condição de cristão praticante, quando soube que a corrida tinha sido marcada para um domingo à tarde. Fui atrás do meu treinador e disse: 'Eu me converti e não posso disputar essa corrida num domingo'.

"Ele me respondeu: 'Não pode uma ova. Apostei todo meu dinheiro nessa corrida e, se você não ganhar, vou ter que comer bolas de neve no café da manhã o inverno inteiro'. Então eu disse: 'Nosso Senhor não gostaria que eu corresse num domingo'. Bom, o treinador olhou para mim e disse: 'Vai lá, disputa essa corrida e depois você se acerta com Nosso Senhor'."

O evangelista rugiu com gargalhadas. Ele riu tanto que a cama chacoalhou. Mrs. Sunday também riu.

"Então", disse Mr. Sunday, "disputei a corrida e venci".

Perguntei para o evangelista se ele bebia cerveja quando era um jogador de beisebol.

"Não", disse o evangelista, "acho que bebia um pouco, não muito. Mas eu gostava de mascar tabaco. Se um homem bebe cerveja, acaba desenvolvendo gosto por coisas mais fortes e acaba virando um bêbado sem se dar conta disso. Eu nunca ficaria dependente do tráfico de bebida.

---

[216] Em 1958, a franquia foi levada de Nova York para San Francisco, na Califórnia, tornando-se San Francisco Giants, time que ainda hoje faz parte da Major League Baseball (MLB).

"Acredito que a lei seca é a melhor lei que esse país já decretou, e ela vai voltar, pode ter certeza. Mas não sei, nunca imaginei que acabariam com essa lei."

"Pronto, pronto", disse Mrs. Sunday, "isso são águas passadas. Deixe isso para lá".

O evangelista voltou a falar sobre seus dias como jogador de beisebol e sobre como era eficiente roubando bases, e perguntei se é verdade, segundo reportagem de Heywood Broun, que ele não sabia rebater.

"Olha", disse Mr. Sunday, admirando o teto, "para falar a verdade, nunca fui um grande rebatedor. Mas com certeza era bom em roubar bases."

"E ele também era bom fazendo *bunt*[217]", disse Mrs. Sunday. "Sempre ouço como ele era bom no *bunt*. Pai, não teve alguém que disse que você foi um dos jogadores que criaram o *bunt*?"

Mr. Sunday não respondeu. Ele parecia estar meditando.

"Não", repetiu ele, "nunca fui um grande rebatedor, mas com certeza era bom em roubar bases".

"Bom", disse Mrs. Sunday, "não estamos falando muito sobre religião".

"É verdade", disse o evangelista. "Bom, ver Mickey Welch me fez pensar em beisebol. Bom, meu jovem, eu ainda estou pregando a palavra. Faz trinta e oito anos. Não, faz anos desde que preguei numa tenda com o chão coberto de serragem. O tabernáculo que tive em Nova York em 1917 tinha lugar para vinte mil almas e na igreja em que estou agora cabem umas mil e duzentas. Os tempos mudaram. Hoje, quando faço o convite para que deem um passo à frente e aceitem Cristo, a resposta não chega nem perto do que acontecia anos atrás. Mas é claro que cada um dá o que tem…"

"Pai", interrompeu Mrs. Sunday, "acho que você está cansado. Acho melhor dormir agora. Você falou demais hoje."

"Está certo", disse o evangelista obediente. Ele virou de lado e fechou os olhos.

4. "Deve ter sido alguma coisa que ele comeu"

[217] *Bunt* é uma jogada em que o rebatedor mantém o taco imóvel diante da base para que a bola bata nele e entre em jogo, em vez de tentar acertá-la com força girando o taco no movimento de *swing*.

Em uma tarde sufocante, eu estava sentado no vestiário do Brooklyn Dodgers[218], que alguns consideram um time de beisebol, quando John (Buddy) Hassett chegou. Mr. Hassett tem vinte e cinco anos e é um ajudante de encanador, cantor e canhoto que joga na primeira base. Ele mora no Bronx e, para chegar ao Ebbets Field, leva uma hora e vinte minutos de metrô. Todavia, estava animado.

Ele caminhou até seu armário e, enquanto tirava a gravata verde, azul e amarela e sua camisa azul escura, começou a cantar. Ele cantou uma de suas favoritas, "That's How I Spell Ireland". Todos os jogadores que estavam no vestiário começaram a gritar e grunhir. Muitos enfiaram os dedos na orelha e gemeram como se estivessem sentindo uma dor profunda. Quem era do Bronx fez um estardalhaço para cobrir a cantoria.

"Que barulho horrível é esse?", gritou um jogador nos recônditos do vestiário.

"Deve ter sido alguma coisa que ele comeu!", gritou outro.

"Pare de me atormentar!", gritou outro.

"Não me faça uma coisa dessas!", gritou outro.

Mr. Hassett não deu bola para os colegas aflitos. Quando terminou de cantar sobre o modo como soletra Irlanda, deu início a outra canção, "When Irish Eyes Are Smiling", que também é uma de suas favoritas.

Quando terminou esse número, eu me aproximei e fiz algumas perguntas sobre sua arte.

"Nunca tive aula", disse Mr. Hassett soando orgulhoso. "Sei cantar e sei me apresentar, e no verão eu quase sempre me apresento."

"Você nunca pensou em desenvolver esse seu talento maravilhoso?", foi a pergunta feita a ele.

"Mas é claro que sim", disse Mr. Hassett. "Quero ter uma aulas no outono. Imagino que possa fazer alguma coisa com a minha voz. Talvez seja o jeito de fazer algum dinheiro. Quando viajo com o time, quase sempre canto. Como quando a gente fica num hotel que tem orquestra, o pessoal com frequência me descobre e pede para eu cantar, e eu canto. No ano passado, cantei no jantar da Associação dos Escritores de Beisebol. Também faço parte do programa de vários eventos de sociedades importantes."

[218] Em 1958, mesmo ano em que Nova York viu o time dos Giants se mudar para San Francisco, a franquia dos Brooklyn Dodgers foi vendida e levada para Los Angeles, na Califórnia. Hoje, os Los Angeles Dodgers fazem parte da Major League Baseball (MLB).

Mr. Hassett disse que começou sua carreira musical quando era menininho. Seu pai, John J. Hassett, ex-membro do Conselho Avaliador de Encanadores e líder democrático do Distrito da Oitava Assembleia, no Bronx, costumava levar o filho para a sua associação, o Clube Democrático Trevo, e o jovem Hassett se apresentava cantando velhas canções irlandesas.

"Depois das reuniões, eles forneciam cervejas, sanduíches e entretenimento", disse Mr. Hassett, "era quando eu cantava. Mais recentemente, só para me provocar, os membros fizeram um abaixo-assinado pedindo para eu renovar meu repertório."

"Imagino que seja um amante da boa ópera, Mr. Hassett?", pergunto.

"Não posso dizer que sou", disse o jogador da primeira base. "Nunca vi uma ópera na vida. Nunca me chamou atenção. Gosto de relaxar e você não consegue relaxar quando tem que ficar olhando para um livrinho para descobrir sobre o que eles estão cantando. Meu cantor favorito é Bing Crosby. Gosto do estilo dele.

"Se eu não servir mais para o beisebol, posso virar encanador ou cantor. Meu pai é especialista em encanamentos e tenho um registro de ajudante de encanador de número quatrocentos e sessenta e três no Sindicato dos Encanadores e Caldeireiros. Mas não gosto muito de mexer com encanamentos."

Mr. Hassett nasceu no bairro de San Juan Hill, em Manhattan, onde jogava beisebol em terrenos baldios. Ele se mudou para o Bronx em 1925. Jogou beisebol e basquetebol pelo Manhattan College, no qual se graduou em 1933. Ele jogou pelos Shamrocks e pelos Bay Parkways, times semiprofissionais, e imediatamente após a cerimônia de graduação em Manhattan, passou a atuar pelo time de Wheeling[219], o West Virginia Stogies. Depois defendeu os Norfolk Tars. Os Dodgers o compraram de Newark. Casey Stengel admira suas habilidades como homem de primeira base e também gosta de ouvi-lo cantar "The Last Rose of Summer".

O único assunto que põe Mr. Hassett para falar é música. Ele não se importa de conversar abertamente sobre sua habilidade como cantor; mas sobre outros temas ele é extremamente desconfiado, pesando suas respostas como um fazendeiro ianque. Às vezes, ele fica no banco de reservas durante horas sem pronunciar uma palavra.

"Vai ser um dia quente", digo, buscando abrigo do sol forte.

"Bom, pode ser que não fique tão quente assim", disse o cauteloso homem da primeira base, balançando dois tacos para aquecer os braços.

---

[219] Cidade no estado de Virginia Ocidental, nos Estados Unidos.

5. Joe agiu conforme o esperado, mas estava certo a respeito de Louis

Apostei que Joe Louis venceria no primeiro round. Apostei um dólar e cinquenta centavos e ganhei dezesseis dólares, mas isso não foi bom para mim porque, quando Arthur Donovan contou até dez, dei um pulo e derrubei um abajur no chão da minha casa e chutei um armário em que guardava uma coleção de discos de Bessie Smith, qualquer um deles vale dezesseis dólares agora que Bessie morreu[220].

Fiz a aposta num bolão organizado por um bar. Era um bolão com trinta e duas apostas possíveis – uma aposta em Louis e uma aposta em Schmeling, em cada um dos quinze *rounds*, e mais duas apostas na decisão por pontos. Cada aposta custava cinquenta centavos[221].

A primeira aposta que comprei foi em Schmeling no décimo-primeiro *round*. Fique revoltado porque não gosto de Schmeling e nunca gostei, e mesmo que ele vencesse eu não gostaria de ganhar dinheiro com ele. Então comprei mais uma. Era Schmeling no oitavo. Fiquei muito triste. Então comprei mais uma. Essa foi Schmeling por pontos. Senti a vida se esvaindo do meu corpo e comecei a soluçar.

"Você é muito burro", disse o dono do bar. "Deus não te deu nenhum bom senso. Schmeling no décimo primeiro é a melhor aposta do bolão."

Expliquei para ele que era contra os meus princípios fazer qualquer tipo de aposta em Schmeling. Sempre admirei Joe Louis, não apenas porque ele é um grande lutador, mas porque nunca diz uma palavra desnecessária. Eu não sou assim. Estou sempre falando pelos cotovelos. Se estou num lugar cheio de pessoas e existe uma coisa que de modo algum deve ser dita nesse ambiente, essa coisa será dita por mim; sou certeiro.

Lá estava eu no bar, com três apostas em Schmeling, me sentindo muito miserável. Foi quando um editor que costuma frequentar o bar ouviu que eu tinha Schmeling no décimo primeiro.

"Você quer trocar?", perguntou ele. "Tenho Louis no primeiro."

---

[220] Nos anos 1930, época em que o autor escreve este texto, os discos eram relativamente frágeis e fáceis de quebrar, feitos de uma mistura de goma-laca com ingredientes como ardósia e carbono. Os discos de vinil, um pouco mais resistentes, surgiriam apenas nos anos 1950.

[221] O bolão (*pool*) a que se refere o autor parece uma espécie de rifa: você não escolhia sua aposta, mas pagava cinquenta centavos para sortear uma das trinta e duas apostas possíveis – Joe Louis vencer no primeiro *round* era uma delas. Assim, as apostas não se repetiam e o bolão tinha só um vencedor.

"Não precisa falar mais nada", eu disse.

Foi assim que apostei em Louis no primeiro *round*. De noitinha, eu dizia para as pessoas que não só tinha uma aposta em Louis no primeiro *round*, mas que tinha apostado que ele nocautearia Schmeling em dois minutos e quarenta segundos. Estou me achando um *expert* em lutas até hoje. Na semana que vem, vou me candidatar para o emprego do Arthur Donovan.

Entretanto, gostaria de não ter quebrado todos os meus discos da Bessie Smith.

6. O Harlem está cheio por causa da luta

Os bares, os bilhares, os cafés e os cabarés do Harlem estão lotados hoje de cidadãos que riem alto e vieram dos bairros negros de todas as cidades grandes dos Estados Unidos, mas eles estavam ocupados demais para jogar bilhar ou comer peixe frito porque estavam fazendo apostas e previsões extravagantes a respeito do estado lamentável em que ficará Max Baer depois que Joe Louis acabar com ele.

O Harlem foi comparado a "um campo de milho em que a cerca arrebentou e as vacas leiteiras tomaram conta" por Gill Holton, um apostador da Lenox Avenue que abriu e fechou três cabarés desde que o fim da Lei Seca acabou com seu bar mais famoso, o Cozido e Lesado, um estabelecimento que chegou a ser celebrado por um breve período em 1931 como o cabaré mais ousado do Hemisfério Ocidental.

"Minha opinião", disse Holton, que colocou três elásticos ao redor de sua carteira ao meio-dia e decidiu não apostar mais, "é que, se Joe Louis perder a luta, todos os apostadores negros desse nosso país enorme vão chorar feito criancinhas. Só uma intervenção divina é capaz de impedir a vitória dele, como um tornado que atinja o Yankee Stadium bem no meio, porque você sabe e eu sei que hoje à noite aquele lugar vai estar cheio de gente maldosa, e não gosto de ficar no meio de tanta gente maldosa. É como ficar debaixo de uma árvore no meio de uma tempestade.

"Sim, senhor, a menos que ocorra um tornado, Joe vai vencer. Assim que Mr. Baer der as caras, ele vai apanhar. Como um vagão carregado de gelo atingindo um homem direto na cabeça. Todo mundo aqui apostou até o último centavo em Joe, só não usaram o dinheiro com que vão ser enterrados – quero dizer, o dinheiro do funeral."

Holton estava diante da barbearia North Carolina, no número 424 da Lenox Avenue, e fez suas previsões. Um dos *barmen* mais velhos, James P. Melvin, endossou as palavras dele.

"Com o dinheiro da aposta", disse Melvin, que pesa cento e vinte e seis quilos no verão e cento e trinta e sete quilos no inverno, "vou até a 125th Street e vou comprar um bife T-bone e uma dúzia de batatas-doces, um pouco de *chitterlings*[222] e pão cascudo e um pão-de-ló enorme, depois vou subir até a 140th Street parando no caminho em todos os lugares que vendem comida. Quando chegar lá, vou chamar um táxi para ir para casa e ver o que Mrs. Melvin cozinhou para mim."

Todos os bares da Lenox Avenue têm fotografias e estátuas de Joe Louis decorando as janelas, com exceção do Melon King's Inn, no número 438. A janela dele tem a pintura de uma linda melancia com sementes negras e suco vermelho pingando, e uma fotografia de Haile Selassie[223] montado em um cavalo branco. Havia um esboço em carvão de Louis no Southern-Oriental Café, no número 386, e o desenho foi oferecido como prêmio a quem pensasse no melhor título de quatro palavras para ele. Vendedores andavam pela rua comercializando pequenos moldes em gesso de Louis, pintados de bronze, e uma velha corcunda estava em frente do Big Apple, o ponto de encontro mais popular dos esportistas, no número 2.300 da Seventh Avenue, vendendo uma vida de Joe Louis.

No Brittwood Bar e Restaurante, no número 594 da Lenox Avenue, havia um aviso enorme na porta de entrada: "A única sede oficial do Detroit Boosters' Club". Dentro do lugar, ocupando os sofás, estava um grupo dos negros mais ricos do mercado imobiliário e da imprensa do Meio-Oeste.

Eles estavam bebendo uísque de centeio e dando tapinhas nas costas uns dos outros. Um homem tinha um maço de notas grande o suficiente para engasgar um dragão e, em intervalos, ele gritava: "Ele vai para o ringue empatado, mas agora está sete a cinco. Traga uma dose de Old Taylor[224]".

"Espere por hoje à noite", disse Fred D. Hudson, o gerente. "Todo mundo aqui vai se encher de bife e cerveja, e os meninos vão fazer apostas em lutas que só vão acontecer em 1939."

---

[222] Nome dado ao intestino do porco, usado na culinária do sul dos Estados Unidos.
[223] Haile Selassie (1892–1975) foi imperador da Etiópia.
[224] Old Taylor é uma marca de *bourbon* produzido no estado do Kentucky, nos Estados Unidos, e *bourbon* é o nome dado ao uísque que segue as regras de produção estipuladas pelo governo americano (como usar pelo menos 51% de milho na preparação e ser envelhecido em barris novos de carvalho).

O estabelecimento de Hudson é o quartel-general de Jack Johnson, o ex-campeão dos pesos-pesados, que agora usa uma boina azul e bebe *bourbon* usando canudo. Johnson estava em casa colocando o sono em dia, mas está marcado para ele aparecer no Brittwood na hora do jantar para dar sua previsão sobre qual será o *round* em que Louis vai jogar Baer nas profundezas do rio Harlem.

Antes da luta com Primo Carnera, o ex-campeão negro disse que achava que Carnera seria o vencedor, mas agora ele torce por Louis, embora Louis tenha deixado claro que não se interessa pela opinião de Johnson.

Nos salões de beleza do Harlem, o romance entre Louis e Miss Marva Trotter foi discutido exaustivamente, e multidões esperavam por ela no Big Apple, mas ela não apareceu.

"Para mim, ela é a garota mais sortuda do mundo", disse Mabel Gillmore, dançarina de sapateado e cantora de blues que estava no Big Apple entretendo o pessoal que veio de outras cidades com seus relatos de bastidores. "Sinto pena de Mr. Baer. Joe com certeza vai acabar com ele. Depois da luta, aquele homem não vai conseguir tomar café da manhã por muitos e muitos meses. E também não vai conseguir jantar."

Capítulo VI

A maior cidade do mundo

1. Uma noite fria no centro da cidade

O vento gelado atravessava o City Hall Park e a mulher de xale toda encasacada que passa a noite inteira ao lado da banca de jornais, na escadaria oeste do terminal elevado da Brooklyn Bridge, esticou o braço para pegar um pedaço de madeira e alimentar o fogo que mantinha num velho tambor de óleo.

À meia-noite, o vento corava as faces de homens subnutridos que andavam rápido pela Park Row a caminho dos pulgueiros, os hotéis de vinte e cinco centavos que ficavam na Bowery. O vento balançava as placas suspensas nas ruas, e elas rangiam.

Às duas da manhã, um sem-teto entrou no Abrigo Municipal e ocupou a última cama disponível no galpão do cais anexo. Debaixo dos descorados cobertores cáqui fornecidos pela prefeitura, 4.524 homens sem-teto escapavam das ruas ventosas.

Às duas e meia, um homem avançou pela entrada de ladrilhos de um hotel da Bowery, segurando uma garrafa, grunhiu, arremessou a garrafa de um jeito selvagem na direção da sarjeta e subiu as escadas até o segundo andar.

A Bowery não estava deserta. Havia homens de pé com maços de jornal ao longo da rua. Em uma lanchonete de ladrilhos brancos, funcionários do turno da noite com olheiras fundas ocupavam os assentos diante do balcão comendo e lendo jornais ao mesmo tempo.

Em uma cafeteria – um lugar cuja propaganda era “nós não reutilizamos filtros de café” –, uma multidão de taxistas bebia café e resmungava entre si. Eles ficavam irritados com a noite fria.

No Washington Market, debaixo das luzes elétricas das barraquinhas de produtos, homens e mulheres reviravam o conteúdo de latas de refugos usando dedos amortecidos.

"É uma noite ruim para eles", disse um comerciante, acendendo um charuto esgarçado. "Os vegetais não estragam no frio. Esse pessoal vai se bater para encher suas sacolas hoje."

À exceção de dois policiais melancólicos, as ruas de Chinatown varridas pelo vento estavam desertas. Um restaurante que fica num porão da Mott Street, aberto à noite para cidadãos curiosos, tinha quatro garotas e um homem ocupando uma mesa e lendo tabloides. Um cozinheiro italiano, com o avental sujo e uma cara de sono, se apoiava na porta da cozinha e fumava um cigarro.

Uma das garotas passou maquiagem no rosto, levantou-se e disse: "Vejo vocês mais tarde", e saiu. As outras pessoas ao redor da mesa não levantaram os olhos dos jornais.

Os trabalhadores da noite metropolitana lutavam contra o vento frio e cumpriam suas obrigações. Motoristas de táxi esperavam do lado de fora de bares, encolhidos atrás dos volantes. Mulheres se apressavam ao sair de estações de metrô para limpar os prédios de escritórios. Havia luzes acesas a noite inteira em salões de bilhar ao longo da Park Row.

Barmen estavam sozinhos em bares.

"Uma noite fria", disse um *barman* da West Street.

"Sim."

"Engraçado, o dia foi tão agradável. Quando eu me levantei hoje à tarde, disse para a minha mulher: 'O clima está agradável. Parece primavera'. E ela disse: 'É um clima bom para pneumonia'."

O *barman* esfregou o balcão com uma toalha. Um cliente entrou, chutando a porta, ofegante.

"Pior foi o último quarteirão", disse ele.

"Um noite fria", disse o *barman*.

"Uma dose de conhaque, puro", disse o cliente.

Às três da manhã, havia poucas camas vagas no andar de mulheres do Abrigo Municipal, um andar que dá para o East River. Em fileiras de camas estreitas, 165 mulheres dormiam. Em um dos cantos, em berços brancos, havia duas crianças dormindo, um menino e uma menina. Acima dos berços, havia uma luz indicando a saída, uma pálida lâmpada vermelha, e dava para ver sorrisos nos rostos das crianças que dormiam. A mãe delas estava em algum lugar no meio das 165 mulheres. A

menininha tinha cachos ruivos e numa das mãozinhas agarrava um brinquedo pegajoso, um brinde de um pacote de pipocas que estava vazio no chão de linóleo.

Perto da porta, uma enfermeira sonolenta ocupava uma cadeira de balanço. ("Alguém precisa ficar de olho a noite inteira no caso de uma jovenzinha pensar em suicídio.") Sem conseguir dormir, três mulheres mais velhas olhavam através da janela para o rio, simbólico e nevoado. Elas sussurravam frases vagas uma para a outra e acompanhavam a progressão constante de um rebocador lento.

De vez em quando, a conversa desconexa das velhas atravessava o ambiente quieto e aquecido. Uma disse: "E quando eu estava trabalhando na casa daquela mulher em Westchester, eles falaram para eu limpar o porão e encontrei uma garrafa de vinho na prateleira e eles me demitiram – não porque eu fiquei bêbada, mas porque eles achavam o vinho muito importante".

Minutos se passaram e outra mulher disse: "E eu disse para ele que gente como você é tudo a mesma coisa e eu disse: 'Se você acha que vai safar dessa, você é louco'". Elas se juntaram, as três velhas esqueléticas, para desabafar.

E a enfermeira se balançava para frente e para trás na cadeira de balanço, e as mulheres exaustas roncavam. A pobreza era uma experiência antiga para a maioria das pessoas no abrigo. Elas eram íntimas da pobreza há anos, e não perdiam o sono por isso, mas aqui e ali uma figura se agitava de tempos em tempos. A enfermeira manteve a vigília em sua cadeira de balanço ao longo da noite inteira.

No andar de baixo, em seu escritório, ficava Miss Ethel Hand, a enfermeira-chefe, uma mulher prática e extremamente educada. Todas as noites, ela cuida das mulheres que não têm tanta sorte na cidade. Ela as obriga a tomar banho e as faz engolir seus remédios na marra, separa as brigas e coloca as bêbadas para dormir. Ela é irlandesa e preservou seu senso de humor e seu senso de decência, e não se incomoda com mulheres bêbadas.

Em intervalos, ouvia-se o som de passos nas escadas e mulheres chegavam à porta. Miss Hand oferecia uma camisola limpa, uma toalha (uma toalha grande, não uma "toalhinha") e lhes dava remédios se elas pareciam precisar. De vez em quando, chegavam mulheres bêbadas, tropeçando, austeras, falando consigo mesmas.

"Pela manhã, ela vai precisar de iodo e aspirina", disse Miss Hand.

"A maioria dessas mulheres está acabada", disse ela. "Poucas conseguirão um emprego de novo. O próximo passo para elas é Welfare Island[225] ou o fundo do rio. Elas têm idade e a depressão condena todas a viver na rua até o fim. Elas não têm mais nenhuma chance. Aqui é um lar para elas e suas únicas posses são os trapos que usam no corpo…"

Outra mulher chegou.

"Eu estava dormindo na rua", disse ela, "e a polícia chegou. Daí eu vim para cá."

"Mamie pede esmola numa estação de metrô", disse Miss Hand. "Depois gasta tudo em bebida. Ela não gosta de tomar banho. Uma vez por semana, ela diz que tudo bem. Se eu não obrigasse todas a tomar banho, as pulgas carregariam os cobertores para fora do prédio. Elas estão sempre brigando por causa de política e discutindo sobre os maridos e sobre como eram boas cozinheiras. E a gente tem um rádio e elas discutem sobre os radialistas…"

"Você sabe o nome de todas elas?"

"Elas nunca dão os nomes direito", disse Miss Hand. "O único nome certo que elas dão é o nome do parente ou do amigo mais próximo. Sabe como é, elas não querem ser enterradas como indigentes."

Do lado de fora, na East 25th Street, o vento soprava, o vento frio vindo do rio sujo. O vento soprava pedaços sujos de jornal ao longo da rua suja.

2. Os fumantes de maconha

Nos últimos tempos, tenho lido um monte de artigos estridentes sobre maconha nos jornais. Ouvi falar de maconha assim que cheguei a Nova York. Numa noite de sábado, em 1930, um detetive negro me deixou acompanhá-lo na ronda. Fomos até um prédio comunitário e depois fomos até um quarto no sexto andar de um cortiço na Lenox Avenue. Nesse quarto, três brancos bem vestidos – um homem com uma cara pálida e depravada, uma mulher e uma garota – estavam fumando cigarros de

[225] A cidade de Nova York mantinha uma prisão, um abrigo e alguns hospitais (incluindo um hospício) na Blackwell's Island (Blackwell era a família que cultivava as terras da ilha havia gerações). Em 1921, o município a rebatizou como Welfare Island (algo como "a ilha do bem-estar social") e começou uma série de reformas no local: os hospitais foram melhorados e a prisão, levada para a Rikers Island em 1935. A partir de 1971, a ilha passaria por uma nova reforma, admitindo residências e ganhando o nome que tem hoje: Roosevelt Island.

maconha, mas na época eu era tão ingênuo que não sabia o que estava vendo. Pensei que eram cigarros com um cheiro incomum.

Depois disso vi o narcótico pungente sendo vendido por cinquenta centavos cada cigarro em bares do Harlem e de Greenwich Village, e uma vez vi um policial destruir alguns pés de maconha que estavam começando a florescer em um fundo de quintal no bairro espanhol do Brooklyn[226]. Parecia alfafa. Policiais encontraram pés de marijuana crescendo grosseiramente pelo Central Park, nos terrenos da penitenciária da Welfare Island e em vários fundos de quintal. Cigarros de maconha são feitos dos brotos amarelos da *cannabis* mexicana. Na cidade de Nova York, esse tipo de cigarro é chamado de *reefer*, *muggle*, *brifo*, *moota* e *Mary Warner*[227]. A maconha provoca alucinações, normalmente agradáveis, no cérebro do fumante e, durante uma fase do período de euforia, o fumante pode se tornar bizarramente afetuoso. No estágio final dos efeitos causados pela maconha, o usuário se torna deprimido, se sente anestesiado, tem um andar cambaleante e, por fim, apaga, dormindo profundamente durante horas. Criminosos às vezes fumam para perder o medo. J. Edgar Hoover[228] acredita que a droga é responsável por vários crimes sexuais e, a julgar pela aparência de algumas das moças e de alguns moços que vi fumando, isso não me surpreenderia[229].

Eu estava cobrindo o distrito do Harlem para o *Herald Tribune* – o distrito se estende por uma pedaço do Bronx e assimilou partes do Canadá[230] – na noite em que vi fumantes de maconha pela primeira vez. Um detetive negro costumava aparecer no nosso "cafofo" no Hotel Theresa e falar sobre suas aventuras. Os outros repórteres se cansavam de ouvir relatos de suas proezas, então ele vinha puxar papo comigo. Numa noite, ele me convidou para fazer a ronda com ele. Subimos a 7th Avenue até

---

[226] O Brooklyn é um dos cinco *boroughs* de Nova York (os outros são Bronx, Manhattan, Queens e Staten Island), palavra que pode ser traduzida como *bairro*, *burgo* ou, para ser mais específico, *distrito administrativo de um município*. Daí faz sentido traduzir *a spanish neighborhood in Brooklyn* como "um bairro espanhol no Brooklyn". No entanto, é relativamente comum ouvir em português referências ao "bairro do Brooklyn".

[227] Mitchell se diverte ao listar as gírias disponíveis na época para se referir a um baseado. Em português, dezenas de palavras servem para esse fim: *algum*, *aquele*, *bagulho*, *beque*, *beise*, *brau*, *fino*, *fininho*, *finélio*, *tarugo*, *toco*, *tora*, *torpedo*, *um*, *unzinho*; além de vários nomes próprios como Bráulio, Douglas, Joana, Maria Joana, Osvaldo e Zé. Para ficar em uns poucos exemplos.

[228] J. Edgar Hoover (1895–1972) foi o primeiro diretor do FBI, o Federal Bureau of Investigation, a polícia federal dos Estados Unidos.

[229] Não fica claro o que Mitchell quer dizer com esse comentário, mas ele deve estar se referindo à beleza das pessoas envolvidas.

[230] De novo, à primeira vista, não fica claro por que Mitchell cita o Canadá aqui. O país fica a quase três mil quilômetros de distância de Nova York e não existe nenhuma região chamada Canadá dentro do território nova-iorquino.

pegarmos a 134th Street. Num cortiço, subimos uns lances escuros de escada e paramos diante de uma porta. O detetive bateu na porta. Dentro do apartamento, por sobre a conversa animada de garotas e homens negros, dava para ouvir alguém fazendo um piano tilintar e gaguejar, e dava para imaginar os movimentos ansiosos e sensuais de um monte de corpos em uma sala amontoada. Dava para sentir o cheiro do balde de uísque de milho e do prato de *chitterlings*, e o cheiro inevitável do alisador de cabelo atravessava as frestas da porta e tomava conta do corredor escuro. Ficamos parados, torcendo que ninguém subisse pelas escadas envelhecidas. Nos degraus, passamos por três garotas bêbadas e a expressão delas era hostil. O detetive riu quando ninguém veio até a porta.

"Não vamos esperar muito mais", disse ele.

O detetive esperou mais alguns instantes. Então ele se afastou e ergueu o pé direito. Acertou logo abaixo da maçaneta e a porta envergou. Daí alguém veio abrir.

"Olá", disse o detetive. "Tenho um amigo aqui que quer participar da festa."[231]

O homem abriu a porta um pouco mais e nós entramos, e agora dava para sentir bem o cheiro do uísque. Um homem pediu um cigarro para o detetive, mas ele não tinha nenhum.

"*No tengo tobaco, no tengo papel*"[232], disse ele. Em seguida, ele caminhou até o balde de uísque e eu experimentei os *chitterlings*. Os negros olhavam para nós e o piano parou de tilintar.

Agora, no Harlem, se um homem não consegue pagar seu aluguel, todos os seus amigos são convidados a vir para o apartamento, ele fornece uísque, música e comida, e os convidados deixam um dinheirinho em algum lugar da sala para ajudar a pagar o senhorio.

Esse tipo de festa é muito legal, mas o problema é: algumas pessoas não se satisfazem e dão uma festa dessas a cada noite. A residência de um homem acaba virando um cabaré. Então os detetives precisam fazer a ronda para aquietar o pessoal às três da manhã.

Quando o detetive terminou sua xícara de uísque de milho com gengibirra – ele usou uma xícara porque não tinha mais nenhum copo – ele se sentiu afável. Todas as pessoas no ambiente estavam olhando para ele. Fez um gesto para o anão ao piano

[231] No original, *rent party*, "festa do aluguel". Uma festa em que os convidados pagam uma entrada para ajudar o dono da festa a pagar seu aluguel.
[232] "Não tenho tabaco, não tenho papel", em espanhol no texto original.

recomeçar a tocar e assoviou uma melodia. Ele começou a marchar rápido como se fosse um cavalo de corrida. "Vamos lá, garoto[233], quero ouvir um pouco dessa sua música perigosa", disse ele para o homem ao piano, que sorriu e habilmente martelou as teclas. De um jeito delicado, quase dissimulado, os casais voltaram a se mexer. Mas estavam próximos demais uns dos outro para que aquilo fosse considerado dança, era como se movessem os corpos em ondulações melancólicas. Não demorou para a massa de pessoas que estava naquele espaço pequeno começar a se mexer de verdade. Eles se moviam devagar, depois muito rápido. Um homem dançava com duas mulheres. Ao lado do piano, havia um homem com uma cicatriz no rosto, mandando ver numa bateria. O ambiente era escuro e cheio de fumaça. As lâmpadas elétricas estavam cobertas com um papel crepom vermelho. Com os movimentos e a música, mudaram as expressões dos dançarinos. Eles se arrastavam sorrateiramente de um lado para o outro, movendo-se sem pensar. Eu estava de pé diante da lareira, comendo um pedaço duro de frango frito. No amontoado de rostos, podia ver meu amigo, o detetive, dançando com uma garota, que de repente começou a cantar uma música triste e nervosa, "*Safe-crackin' papa, don't you try them tricks on me*…"[234]

Em um cubículo nos fundos do apartamento, dois negros bêbados estavam discutindo. Um deles cambaleou pelo corredor estreito do apartamento que dá para os trilhos do metrô e ficou parado na porta. Em seguida, pegou uma garrafa e arremessou contra uma das luzes vermelhas. A lâmpada quebrou e os cacos se espalharam pelo chão, a música parou, as dançarinas começaram a gritar histéricas e alguém acertou o bêbado nas costas. O detetive me segurou pelo braço, fui arrastado para fora e a porta fechou. Dava para ouvir as vozes irritadas dentro do apartamento, e o rebuliço com o piano começou de novo. O detetive sorriu e acendeu um cigarro.

"O que achou da festa, branquelo?", perguntou ele.

"Legal", eu disse. Descemos pelas escadas escuras, passamos por um bêbado no térreo e saímos pela 134th Street. Acompanhei o detetive por uma ruela até a Lenox Avenue e chegamos a mais um cortiço. Subimos seis andares pelas escadas e paramos diante de outra porta.

---

[233] No original, *black boy*. "Garoto" era uma maneira preconceituosa de um homem branco falar com um homem negro adulto. Vale lembrar: ainda são os anos 1930 e a segregação é regra nos Estados Unidos. Porém, o detetive que usa a expressão também é negro e o pianista não parece se incomodar. Parece que Mitchell é o único branco na festa.

[234] "Paizinho arrombador de cofres, não me venha com seus truques para cima de mim." A letra não parece ser de nenhuma música conhecida.

Ele abriu a porta e nós entramos. Em um canto, havia uma mulher negra alta, bonita e bem vestida. Ela estava conversando com um negro que tinha um violino debaixo do braço. O cheiro do ambiente era estranho, exótico, como o de um incenso. Numa cadeira, com um longo cigarro marrom pendendo da boca, estava um homem branco muito pálido. Ao lado dele, sentada no chão, estava uma garota branca, jovem e serelepe, mas com um rosto pálido, e também com um cigarro marrom entre os dedos longos e finos. Todos os outros eram negros.

Ficamos parados na entrada, esperando uma recepção. Alguém disparou um revólver fumacento. O projétil foi parar na ripa que fica no alto da moldura da porta. Nós dois demos um salto para fora do apartamento e batemos a porta.

"Mas que diabo de festa é essa?", perguntei para o detetive.

"Essa é uma das boas", disse ele, escancarando a porta e voltando para dentro do apartamento. Vi que as duas garotas tinham sumido, mas o homem branco continuava sentado na cadeira com o cigarro marrom pendendo da boca. Todo mundo estava olhando para o detetive, que era alto. Súbito ele girou o corpo e agarrou um negro baixinho e desesperado. Foi quando percebi que o camarada tinha uma .45 em uma das mãos[235]. Os dois se atracaram e o detetive mantinha uma pegada forte na mão armada do homenzinho. Eles rodaram pela sala, numa luta corpo a corpo, até que o detetive conseguiu agarrar o pescoço do atirador com uma das mãos. Ele começou a estrangulá-lo com firmeza. Eles caíram sobre o piano e a arma disparou. O tiro acertou uma tecla, ouve uma explosão, e um tilintar pequenininho, quase imperceptível, veio do piano. Todo mundo começou a rir. O detetive imobilizou o atirador no chão, estrangulando-o, desarmou-o e fez um sinal para eu abrir a porta.

Ele colocou seu adversário de pé e nós três saímos do apartamento. Enquanto eu fechava a porta, vi o homem muito pálido acender outro cigarro escuro. Nós descemos a Lenox Avenue e as pessoas das casas noturnas começaram a nos questionar, mas a gente não dava atenção. O detetive estava conduzindo o atirador até a delegacia.

"Mas que tipo de lugar era aquele?", perguntei.

"Aquele era um lugar dos bons", disse o detetive, sorrindo.

---

[235] Tipo de pistola, também chamada de .45 ACP (Automatic Colt Pistol). Colt é a fabricante de armas de fogo fundada em 1855 por Samuel Colt (1814–1862).

3. Vodu em Nova York, NY

Gosto não se discute

Às vezes, um feiticeiro, um irmão Paul ou um irmão Daniel zombam da civilização ocidental bebendo o sangue de um morcego morto com crueldade num apartamento qualquer de um cortiço na Lenox Avenue, em uma sala com luz elétrica e rádio. Às vezes, um gato preto sacrificado cujos ossos serão arrancados é fervido até a carne se desmanchar em um fogão a gás alimentado pela Consolidated Edison Company[236].

Rituais primitivos e até desumanos que surgiram séculos atrás na mente de feiticeiros de vodu e foram trazidos para cá por escravos vindos de rincões úmidos da África Ocidental ainda são celebrados com extremo sigilo em apartamentos do Harlem que ficam em cima de cafés que vendem peixe frito, em cima de bares, salões de beleza e salas de apostas.

Uma quantidade grande das ervas, raízes e incensos usados pelas várias escolas de voduísmo do Harlem e de outras comunidades negras na celebração de seus rituais é comprada nos balcões de farmácias administradas por homens brancos, ou por uma das três ou quatro casas que trabalham com remessas postais e que também vendem bolas de cristal para clarividentes (três dólares cada) e caixas de ectoplasma para médiuns espiritualistas (quinze dólares cada).

Quando prisioneiros negros são revistados em delegacias de polícia do Harlem, seus bolsos de relógio guardam mojos[237] com cheiros nocivos, pequenos sacos de tecido similares a sachês, carregados de objetos como ossos de gatos ou misturas confusas de raízes e ervas. Enfermeiras chegaram a despir prisioneiras que usavam tiras de seda às quais estavam presos ossos ensebados de animais.

Detetives relataram que pelo menos um quarto dos prisioneiros negros revistados na estação da West 135th Street carregavam magnetitas. A maior parte desses ímãs era de peças ovaladas do minério de ferro. Eles normalmente têm alta densidade e um poder magnético forte o bastante para levantar limalha de ferro. Às

[236] Consolidated Edison Company é hoje uma das maiores empresas de energia dos Estados Unidos. Fundada em 1823, é fornecedora de energia elétrica e de gás. Mitchell faz um paralelo entre o atraso de práticas obscurantistas que sacrificam um gato e o avanço da civilização que conta com lâmpadas, ondas de rádio e gás encanado.

[237] Mojo é o termo usado para se falar de um feitiço qualquer, mas também designa uma espécie de amuleto na forma de um saquinho de pano que carrega ingredientes com propriedades supostamente mágicas – como pós feitos a partir de pedras e de raízes, incensos e óleos.

vezes, são carregados com a limalha presa ao seu redor e por isso são chamados de "imãs com cabelo".

Uma caixa de imãs pode ser comprada por quinze centavos, mas eles chegam a ser vendidos em caixas de joia aveludadas por cinco, dez dólares. Entre outras coisas, dizem que eles "restauram as energias perdidas".

Raízes estranhas, todas retorcidas, são vendidas por mulheres herbalistas em seus apartamentos e por farmácias nos setores negros de Manhattan, do Brooklyn e do Queens. Essas raízes são vendidas com nomes extravagantes como Grande João Conquistador; João Conquistador Sulista; raiz da Rainha Isabel; raiz do Sangue de Dragão.

As raízes da Mão Sortuda são vendidas aos milhares. Essa raiz se parece com uma mão humana, uma mão humana ligeiramente paralisada, e dizem que dá sorte na hora de escolher números na *bolita* ou nos "dígitos", que é como a loteria é conhecida.

A maior parte do vodu encontrado no Harlem e em outras comunidades negras do Norte é corrompida. Em vários cultos há apenas vestígios do que ele foi um dia.

Existe um feiticeiro de vodu no Harlem que usa um nome hindu, unge a própria cabeça com óleos comprados numa loja que vende também incensos e velas para igrejas católicas, "consagra" o bastão que usa em encantamentos com uma oração escrita por um ministro da Igreja da Ciência Psíquica Espiritual[238], depois entra numa ladainha que termina com o sacrifício de uma cobra que ele comprou numa *pet shop*.

Um antropólogo morreria de desgosto se essa mistura toda fosse chamada de vodu, mas como você poderia chamar algo assim – de absurdo sem sentido?

Esse vodu corrompido é praticado no Harlem por baixo dos panos. No French Quarter de Nova Orleans, a capital do voduísmo nos Estados Unidos, e em Algiers, a comunidade cajun[239] do outro lado do rio Mississippi, os feiticeiros têm liberdade para cantar e encher a cara e dançar e sacrificar pombos e sapos e galos encrespados.

É difícil, no entanto, praticar um voduísmo autêntico em uma área tão populosa quanto o Harlem. Um dos rituais mais importantes do vodu, a iniciação de

[238] No original, *Spiritual Psychic Science Church*. Uma pesquisa usando esse nome no Google mostra certa *Psychic Science Spitualist Church*, "servindo a comunidade de Indianápolis [no estado americano de Indiana] desde 1923". Ela não atua em Nova York e não parece existir hoje uma igreja com o nome usado pelo autor.

[239] Cajun é o nome que se dá, na Luisiana, aos descendentes dos colonizadores franceses.

um feiticeiro aprendiz, exige o sacrifício de uma ovelha negra em um quadrado delimitado por quatro velas consagradas. Se um adepto do voduísmo tentasse sacrificar uma ovelha negra em um apartamento do Harlem que dá para os trilhos do metrô, dezenas de vizinhos bateriam à porta querendo saber o que se passa, que tipo de festa você está dando, afinal, seu sem-vergonha.

Além disso, em que parque o feiticeiro do Harlem pode cavar para encontrar as raízes estranhas de que precisa para fazer seu serviço? O negócio de que é feito o Pó da Confusão Mental[240] não dá nos arbustos do Central Park. E você vai acabar preso se tentar roubar as cobras na Casa de Répteis do Bronx. Onde o feiticeiro consegue o unguento que derrama sobre si mesmo antes de conversar com os demônios, e onde consegue as gomas aromáticas para os incensos e a cera de abelha para as velas consagradas – as velas com o formato de homens e mulheres nus?

O feiticeiro compra seus suprimentos, incluindo suas cobras e seus lindos filhotes de morcego, de um armazém em Manhattan, que trabalha com remessas postais em um prédio de escritórios numa rua na altura das West Seventies[241]. Conversei durante horas com o homem que administra o estabelecimento, mas, antes de ele falar comigo, tive de prometer que não usaria o nome da firma nem o endereço. De qualquer forma, o nome e o endereço não acrescentariam nada à história.

O homem vende velas e incenso para igrejas católicas e espiritualistas, e acha que seria ruim para o negócio se todos ficassem sabendo que ele também vende artigos para adeptos do voduísmo. O homem é um judeu de meia-idade. Ele sabe um pouco de hipnose e é o secretário particular de um místico, um religioso inglês que tem hoje um número grande de seguidores em Los Angeles. O escritório dele tem um cheiro estranho, ao mesmo tempo doce e químico. Ao lado de sua mesa, há uma estante de livros repleta de obras sobre magia negra, sobre religião, sobre ervas; livros que vão de "O sexto e o sétimo livros de Moisés[242]" até "O livro de magia da Antiguidade"[243] (preço: cinco dólares).

---

[240] No original, *confusion dust*. No site de vendas do eBay, há quem venda um duvidoso *confusion powder*: "para criar confusão mental naqueles que te desejam mal".
[241] West Seventies: referência às ruas numeradas na casa dos 70, na porção oeste da ilha de Manhattan.
[242] *Sixth and Seventh Books of Moses*, um livro de magia supostamente escrito por Moisés. Não parece haver edições dessa obra publicadas no Brasil.
[243] Um título comum para livros do gênero. Existem várias obras cujos títulos giram em torno das palavras *The Ancient Book of Magic*.

"Não acredito na maior parte dessas coisas", disse o proprietário, encolhendo os ombros, "mas não sou um impostor. Sou tolerante. Não quero que ninguém tire sarro da minha religião, então não faço graça com a dos outros. Gosto não se discute."

Ao longo da explicação do homem sobre sua postura nos negócios, uma mulher negra entrou no escritório e pediu um pouco de incenso – uma lata de incenso Envolvente, uma lata de Arte Negra, uma lata de Grande Conquistador e uma lata de Concentração. A compra saiu por dois dólares.

Cada uma das latas tinha a palavra "suposto" impressa antes do título – isto é, Suposto Incenso Grande Conquistador. Uma garota empacotou o pedido e a mulher, sorrindo, caminhou na direção do elevador carregando incenso suficiente para perfumar todo o Condado de Nova York[244]. A maioria dos pedidos é feita pelo correio, mas alguns clientes insistem em vir direto ao escritório.

"Comecei vendendo incenso", disse o proprietário. "Eu vendia incenso e velas ortodoxas, mas alguns de meus clientes espiritualistas começaram a pedir pós e ervas diferentes, então resolvi ampliar. Atendo sacerdotes de vodu, médiuns espiritualistas e estudiosos do oculto. Vendo alguma coisa até para discípulos hindus de certas escolas tibetanas. Eles praticam aqui mesmo em Nova York. Eles trabalham em predinhos antigos na altura das Sixties e das Seventies[245], e são homens cultos de verdade.

"A maioria das coisas que vendo para o pessoal do voduísmo são os produtos de sempre: raízes, medicamentos, livros e pós para feitiços. Mas às vezes vendo morcegos para serem sacrificados. Compro morcegos de um sujeito no Texas. Ele diz que são morcegos vampiros. Não costumo vender cobras nem pombos, mas posso conseguir se for preciso. Também vendo cavalos-marinhos desidratados, chifres de carneiro e varinhas mágicas. Vendo varinhas para trabalhos sagrados. Elas são artesanais e têm uma mãozinha de madeira apontando para cima na ponta. Custam dois dólares e cinquenta centavos.

"O chifre de carneiro é do mesmo tipo usado nas cerimônias hebraicas. O pessoal do voduísmo usa para evocar espíritos, demônios e duendes. Evocadores me informaram que um chifre de carneiro ajuda a evocar algum demônio ou duende do além. Cada um sai por três dólares e vinte e cinco centavos. As pessoas usam cavalos-marinhos desidratados que vêm da China. Eles custam um dólar cada.

---

[244] Cada um dos cinco bairros (ou *boroughs*) de Nova York também é considerado um condado: Manhattan (Condado de Nova York, ou New York County), Brooklyn (Kings County), Bronx (Bronx County), Staten Island (Richmond County) e Queens (Queens County).

[245] Sixties e Seventies: referências às ruas numeradas na casa dos 60 e dos 70.

"Também vendo terra importada do Monte das Oliveiras[246]. Muitos ocultistas e adeptos do voduísmo usam essa terra genuína para envolver uma vela, ou em sacrifícios. Quer dizer, eles jogam a terra sobre tudo aquilo que querem sacrificar. Também vendo areia genuína do Deserto do Saara para o mesmo fim.

"Além disso, tenho ofertas especiais de produtos para vodu, um combinado para fazer feitiços poderosos, vendido em caixas de dois dólares e vinte e cinco centavos cada. Uma caixa vem com um imã, um pouco de magnetita em pó, um par de raízes Adão e Eva, um Grande João Conquistador e um Pobre João Conquistador, uma casca de olmo, uma erva-do-diabo, um pouco de unguento, uma oração apostólica para consagração e um pedaço de camurça com o qual o cliente pode fazer um saquinho onde ele pode guardar essas coisas depois de consagrá-las".

Qualquer um que dependa do vodu em algum nível tem um mojo. Os saquinhos são feitos de fazenda, camurça ou pele de cervo, e carregam qualquer tipo de item ou mistura de itens – raízes, ervas, pedras, pós ou gomas fedidas – indicados por um feiticeiro. Às vezes, o coração de um animal sacrificado é queimado e as cinzas são colocadas em um mojo. Elas supostamente têm efeitos medicinais ou protetores. Os amuletos são usados ao redor do pescoço como os mojos de assa-fétida[247].

A maioria das pessoas prefere fazer seus próprios mojos usando materiais fornecidos por feiticeiros a preços altos, mas a companhia vende uma versão pronta para usar, a um dólar cada: um saco de erva "tipo sulista" combinada com óleo Van Van[248], um óleo que tem fama de ser simplesmente extraordinário. Jogadores de dados pingam algumas gotas de Van Van na palma da mão e esfregam uma na outra antes de uma rodada. O óleo é capaz, de acordo com alguns especialistas, de afastar maus espíritos, de fazer crescer cabelo, de ajudar a encontrar endereços no Bronx, de indicar as dezenas certas na loteria, de não perder o rumo de casa quando se está bêbado, ou de ajudar a mandar as bolinhas de *pinball* nos buracos certos. Você nunca viu óleo igual.

---

[246] O Monte das Oliveiras fica em Jerusalém, Israel, e é terreno sagrado para cristãos, judeus e muçulmanos.

[247] Assa-fétida é o nome dado à variedade de plantas umbelíferas (com flores em formato de sombrinhas) que exalam mau cheiro. A resina extraída dessas plantas tem propriedades medicinais – é usada como antiespamódico e como vermífugo.

[248] Mitchell ficaria surpreso com o que se pode comprar hoje pela internet. Existem sites que atendem no Brasil vendendo produtos para vodus, magias, feitiços etc. Um desses produtos é, justamente, o óleo Van Van (*Van-Van oil*, no original) indicado para purificar ambientes e usado com incensos.

A companhia vende uma linha enorme de pós para mojos. Incluindo pós para cruzamento e descruzamento[249]. A palavra "suposto" está impressa antes do nome do pó em cada um dos rótulos; um pó, por exemplo, é vendido como Suposto Pó para Descruzamento. Com isso, a empresa quer dizer que não garante que o pó vá descruzar você caso tenha sido cruzado (enfeitiçado, mandingado, encantado). Você simplesmente usa o pó e torce que dê certo.

Os pós são extremamente aromáticos. Os mais vendidos são o da Confusão Mental, o Mestre Supremo, o da Visão, o do Sucesso, o Amante Oriental, o da Proteção, o Grande João Conquistador, o Dominador, o Arte Negra, o Sorte Rápida, o Envolvente, o Evocação e o Magnetita. O Grande João Conquistador é uma raiz peculiar, toda retorcida, e é um fetiche com inúmeros poderes e qualidades.

A raiz é vendida como Grande João, Pobre João, Joãozinho, João e João Conquistador Sulista. Ela é moída até assumir a forma de pó, que é usado em incensos e mojos, e é vendida inteira para quem não quer porcarias. Às vezes, ela é cultivada e colocada em Água de Nossa Senhora, uma água que atrai paz para o lar, ou é misturada com Vinagre dos Quatro Ladrões, usado para destruir lares e para fazer as pessoas enlouquecerem ou sumirem.

Se, por exemplo, você quiser que alguém suma da sua vida, que "desapareça para nunca mais ser visto", coloque um pouco desse vinagre numa garrafa com o nome da pessoa e arremesse a garrafa em um rio. No entanto, a maioria dos feiticeiros usa João Conquistador apenas para magia "branca", como atrair paz para o lar. Eles não gostam de usar para magia "negra", como fazer alguém enlouquecer. Um feiticeiro disse: "Tenho medo de que o João se vire contra mim se eu fizer magia negra com ele. Demora para você se recuperar caso o João se vire contra você."

Alguns dos pós para mojos contêm âmbar-cinzento e almíscar. Eles são vendidos por cinquenta centavos cada garrafa. Acontece de uma pessoa usar três ou quatro mojos de uma vez, misturando os aromas de Arte Negra, Envolvente e Sorte Rápida, por exemplo, em uma poderosa sinfonia de odores capazes de derrubar qualquer um. A companhia também vende os perfumes Sorte Francesa e Jóquei Clube.

Um pó bastante usado no Harlem é o "senhoria" ou "pensão". Tecnicamente, ele é chamado de Lavagem Chinesa. Feiticeiros do país inteiro vendem essa coisa em

[249] No ocultismo, fala-se em fazer algo contra alguém (*cruzar*) ou se livrar de algo que fizeram contra você (*descruzar*).

líquido e em pó. Uma senhoria tem dificuldade de alugar seus quartos e pede ajuda para um feiticeiro. Ele executa alguns rituais, dá alguns pulinhos e bate no chão com uma varinha. Daí prescreve.

Ele diz para ela voltar para casa e esfregar bem todos os cômodos. Quando se livrar dos "fluidos ruins", ela deve espalhar o pó de "pensão" por toda parte. A base do pó é um desodorante poderoso.

"Funciona", disse o proprietário do armazém de artigos para vodu, "porque várias pensões tem um cheiro ruim para quem vem de fora, enquanto a senhoria não consegue perceber nada, porque vive no lugar o tempo inteiro. O cheiro é tão ruim que as pessoas deixam de alugar os quartos. Depois de limpar os quartos e de passar o desodorante, os quartos alugam muito mais fácil e o vodu é que leva o crédito."

Cérebros humanos em pó

De acordo com as informações mais recentes do Departamento de Saúde, é impossível matar germes buzinando para a lua com um chifre de carneiro. Todavia, feiticeiros não estão interessados nas últimas informações do Departamento de Saúde. Até o feiticeiro mais miserável trabalha com a premissa de que ele sabe vinte vezes mais do que o melhor médico do mundo.

Usando uma receita que diz ter pegado de um dos demônios que habitam as raízes de três pontas da montanha sagrada, um feiticeiro pode aplicar sete pedaços de pele fresca de cobra no corpo de uma pessoa que sofre de úlceras estomacais, dizendo que essa é a cura certa para o mal que a aflige, e o tratamento, claro, não terá efeito nenhum no paciente, a não ser deixá-lo com um cheiro bastante incomum.

Um feiticeiro de vodu praticante se sente apto a tratar qualquer doença ou enfermidade que possa afetar qualquer animal – humano, mula ou monstro. Por consequência, o vodu é uma ameaça séria à saúde de uma comunidade.

O estrago talvez fosse pequeno se feiticeiros se concentrassem em tratar as dores de amor – aproximar duas pessoas, por exemplo, ou fazer um homem parecer OK aos olhos do objeto de sua afeição usando o pó Envolvente ou mojos cheios de raízes Adão e Eva, ou alguma outra confusão desse tipo. Com frequência, feiticeiros falam aos perdidos de amor dando conselhos banais em colunas de jornal.

Esse tipo de trabalho, no entanto, não satisfaz os feiticeiros. Eles querem prescrever curas para tudo, de tuberculose a alcoolismo. E, normalmente, quanto mais terrível a doença, mais maluco é o medicamento. Ele receitam sangue de rato para pessoas que sofrem de câncer, e terra de cemitério para epiléticos.

Os feiticeiros do vodu e seus seguidores voluntários ou inconscientes – charlatães e farmacêuticos inescrupulosos – acabaram com a saúde de milhares de pessoas. O Departamento de Saúde e a Associação Americana da Higiene Social descobriram dezenas de feiticeiros tratando doenças.

As coisas que eles prescrevem podem não ser nocivas em si, mas os seus medicamentos falsos, e com frequência sinistros, fazem com que os pacientes não procurem tratamentos adequados para suas doenças. Um integrante da equipe médica do Departamento de Saúde contou uma história perturbadora sobre um medicamento prescrito por um charlatão.

"Um amigo meu, médico, estava esperando para usar o telefone em uma farmácia suja na área central do Harlem", disse esse homem, "e, enquanto ele estava lá, chegou um cliente e pediu para o balconista um pouco de cérebro humano em pó, uma porção de uns dois dólares.

"Sem hesitar, o balconista foi até os fundos da loja e voltou rápido com um pedaço pequeno de papel dobrado, do tipo usado para embalar pós duvidosos. O homem pagou e saiu.

"Meu amigo decidiu que valia pagar dois dólares para descobrir o que era aquele negócio. Ele perguntou para o balconista se ele tinha mais um pouco para vender e perguntou: 'Serve para quê?'. O balconista disse que era maravilhoso para tratar nervosismo, dores de cabeça, sífilis e outras doenças do cérebro.

"Meu amigo comprou um pouco e na mesma hora foi atrás de um químico. Uma análise mostrou que meu amigo pagou dois dólares por uma porção de talco que valia dez centavos. Seu valor monetário era muito baixo e seu poder curativo, nulo.

"O pessoal que compra essas coisas está colocando a própria vida em risco e ameaçando a saúde de sua família e da comunidade em que vive. Quando eles gastam o pouco dinheiro que têm em bobagens desse tipo, estão perdendo um tempo valioso."

Doutores e enfermeiros do Departamento de Saúde descobriram negros que usam dezenas de raízes fantásticas e compostos de ervas para enfermidades. Eles descobriram indianos na região leste do Harlem que tratam pacientes com asma usando um caldo feito com lagartos fervidos em leite, por exemplo. Os remédios

variam de acordo com as regiões de onde os herbalistas vieram. Quem veio das Índias Ocidentais[250], por exemplo, trata edemas com banhos de infusões feitas com folhas de plantas do gênero *verbascum* e sal, mas os negros do Alabama aplicam um emplastro de óleo de rícino com flores de quiabo. Ambos os remédios são ineficientes.

O Centro de Saúde do Harlem vem tendo dificuldade para vacinar crianças porque os pais insistem que os mojos que elas usam no pescoço são melhores do que qualquer vacina. No entanto, usar saquinhos como amuletos não é uma prática exclusiva de negros. Pessoas de várias raças usam os saquinhos cheios de pedaços de assa-fétida – uma seiva fedida da Pérsia – e italianos em Nova York usam saquinhos de alho.

Um policial negro da delegacia que fica na West 135th Street, um policial com uma inteligência acima da média, acredita que um saquinho de assa-fétida protege o usuário contra a gripe. Médicos dizem que talvez os saquinhos de assa-fétida tenham algum valor – o aroma provavelmente desencoraja qualquer um que esteja com uma doença contagiosa de se aproximar do usuário.

O uso de mojos é disseminado em todas as comunidades em que o vodu tem alguma influência. O uso de encantamentos, claro, não é tão disseminado – eles têm a ver com o canto vigoroso de frases místicas e incoerentes para exorcizar demônios que causam mal. Um feiticeiro tem de ser muito bem pago para um serviço desses, pois ele envolve a compra e o sacrifício de morcegos, cobras, bodes, pombos, galinhas etc. Existem muitas feiticeiras nesse ramo. Marie Bernard é uma delas. Ela foi considerada culpada de se passar por médica, diagnosticando doenças e prescrevendo remédios, e foi condenada a três meses de cadeia.

Marie trabalhava em um apartamento na East 109th Street. Ela costumava usar cobras sagradas, de acordo com uma policial que coletou as evidências para Sol Ullman, o assistente do procurador-geral, responsável pelos processos de exercício ilegal da medicina. A policial foi até o apartamento de Marie fingindo estar doente.

"Você está mesmo doente", disse Marie, de acordo com a policial. "Seu corpo está doente e sua cabeça está tomada por um gás venenoso e o seu sangue está ruim. [A investigadora era umas das policiais mais saudáveis do departamento.] Nenhum médico pode ajudar você porque sua enfermidade, suas pernas e seus braços ruins foram obra de uma maldição lançada contra você por um espírito ruim do outro

[250] O termo "Índias Ocidentais" é considerado um arcaísmo para se referir ao Caribe.

mundo. Vejo que esse espírito ruim é de uma mulher, e você não vai melhorar a não ser que eu encontre a cura."

"Quanto isso vai me custar?", perguntou a policial, tremendo.

"Vou precisar de uma cobra sagrada para elaborar um tratamento", disse Marie, depois de rabiscar um pedaço de papel por algum tempo. "Uma cobra grande vai custar sete dólares e uma um pouco menor sai por cinco e cinquenta, mas consigo uma pequena de verdade por quatro dólares. Quanto maior a cobra, mais rápido você vai se livrar dos seus problemas."

Elas optaram pela cobra menor e Marie calculou que o tratamento completo custaria sete dólares e vinte e cinco centavos, valor que, segundo ela, "não inclui o uso do meu poder". A policial pagou três dólares adiantado e Marie lhe disse que prepararia um pouco de "água fluidificada". Na visita seguinte, Marie estava melancólica.

"Depois de trabalhar com a cobra, a cobra morreu", disse ela para a policial. "Isso mostra como a sua doença é ruim. Vou ter que comprar uma cobra de sete dólares. Esse caso é mais grave do que eu imaginava."

Ela deu para a policial uma garrafa de leite cheia de um líquido que dizia ser "água fluidificada" e disse a ela para ir para casa e dormir por dois dias. Nesse tempo, ela iria trabalhar com a cobra de sete dólares. Disse para a policial voltar depois desses dois dias porque "os espíritos querem deixar você igual ao corcunda de Notre Dame". Ela se recusou a fazer os encantamentos ou a trabalhar com a cobra na presença da policial.

"Não seria bom para você ver o que acontece quando fico sozinha com as cobras sagradas", disse ela.

Quando a policial voltou a ver Marie, ela a prendeu, com cobras sagradas e tudo.

Uma forma mais comum de medicação no vodu é a "imposição de mãos".

O feiticeiro que usa essa técnica esfrega as mãos com qualquer um dos óleos disponíveis – uma dúzia de misturas que podem ter desde sangue de um animal até extratos de ervas – antes de ir trabalhar no doente. Esses curandeiros usam a "imposição de mãos" tanto para curar quanto para dar sorte. Por exemplo, se um cliente quer a "sorte do peixe frito", ou o sucesso no trabalho, o feiticeiro mistura cinco ou seis itens e depois dá uns tapas no cliente com as mãos pegajosas.

Os curandeiros que usam as mãos são profundamente respeitados e um feiticeiro vive uma tortura até conseguir a habilidade da "imposição de mãos". A fé que os negros têm nesses curandeiros é demonstrada pelo fato de que Grant Biddle, um coveiro de Baltimore, denunciou que no dia 22 de junho passado o corpo de John D. Johnson, um famoso curandeiro negro, tinha sido desenterrado e suas mãos, decepadas.

O marinheiro italiano e a caixa de ectoplasma

A decadência do vodu ao transitar do Congo para Dixie[251] e para a Lenox Avenue pode ser medida pelo fato de que agora apenas os melhores feiticeiros usam caixas de ectoplasma em suas negociações com os demônios.

Essas caixas são fornecidas por uma pequena fábrica em Chicago para médiuns espiritualistas preguiçosos e para mágicos sem nenhum senso de humor que desmascaram esses médiuns, e são vendidas para feiticeiros por quinze dólares, por armazéns de vodu em Manhattan e em Nova Orleans. Quando a caixa é aberta, uma fumaça estranha sai de dentro dela, com a forma de um homem encapuzado. Até as pequenas imagens de cera na forma de humanos nus que os feiticeiros usam para enfiar agulhas, infligindo tortura à distância, são feitas em moldes de vela em um loft de Manhattan.

Você não precisa estudar vodu por muito tempo para perceber que ele está meio ultrapassado. Para fazer suas maravilhas, os reis dos mojos e os doutores de duas cabeças precisam agora de coisas mais poderosas do que sangue de galo, ou tambores da selva, ou a Essência do Possível, ou a raiz John Conquistador Sulista, ou o vinagre Quatro Ladrões, ou terra de cemitério, que no fim das contas é apenas um pouco de terra roubada por volta da meia-noite de uma cova recém-aberta para algum bebê. As escolas públicas criaram vários problemas para os feiticeiros. O maior inimigo do vodu é o número crescente de alfabetizados; as bruxas só ganham a atenção dos ignorantes.

[251] Dixie ou Dixieland é o apelido dado à região sul dos Estados Unidos, sobretudo aos estados confederados que, na Guerra da Secessão (1861–1865), entraram em conflito com a União em busca de independência.

Os ossos que fazem parte dos altares dos feiticeiros do Harlem devem ser ossos encontrados em bifes ou usados em sopas, e os crânios que eles às vezes usam vêm provavelmente de fornecedores de produtos médicos. Hoje, em todo o país, não existe um único feiticeiro com o poder de Marie Leveau, a filha ilegítima de um negro que mantinha uma cascavel velha e gorda deitada em seu altar, e que costumava fazer policiais se ajoelharem e latirem como cães sempre que eles apareciam na casa dela em St. Anne Street, Nova Orleans, para prendê-la. Ela não tinha o menor respeito pela lei. Existe alguma feiticeira no Harlem capaz de fazer policiais da delegacia da West 135th Street se ajoelharem e latirem como cães? Não!

Existem feiticeiros no Harlem que alegam ter pedaços de pele da cobra que Marie deixava no altar, mas eles não têm nada da gordura de cérebro que ela tinha. Marie não comprava seus apetrechos em armazéns da cidade. Ela cavava os pântanos infectados de malária atrás de suas próprias raízes, extraindo cada uma delas na época certa do ano, quando a seiva e a lua estavam no ponto certo.

Marie nunca foi atrás de ervas a não ser que houvesse uma Lua Sangrenta[252] no céu. E ela não queria saber de nenhuma caixa de ectoplasma quando se sentia pronta a conversar com duendes. Mas Marie morreu (em que dia e em que ano ninguém sabe) deixando como discípulos os feiticeiros mais poderosos dos Estados Unidos, mas nenhum tão poderoso quanto ela – o que alimenta lendas incendiárias que um dia ganharão espaço nas páginas mais radiantes do folclore americano.

No entanto, a falecida Marie não tinha nada a ver com caixas de ectoplasma, um dos supostos temas abordados neste artigo, e que seria abordado se o Grande João Conquistador parasse de me incomodar. Sai, João!

O uso da caixa de ectoplasma foi descrito pelo homem que vende os artigos de vodu e que não quer ter seu nome revelado porque teme que os ministros aos quais vende velas e incensos ortodoxos não sejam tolerantes como ele é. Esse homem é muito tolerante; ele acredita que os devotos do vodu têm o direito de exercer sua religião, e que esse direito está garantido pela Constituição. Ele fez a mesma observação feita pelo velho que beijou a cabra: "Gosto não se discute". Disse que vende poucas caixas de ectoplasma porque elas são caras, numa comparação com outros produtos de vodu. Durante anos, elas foram vendidas apenas para médiuns,

[252] Lua Sangrenta, ou Lua Vermelha (*Blood on the Moon*, no original) ocorre durante certos eclipses em que a luz do Sol passa pela atmosfera terrestre e reflete na Lua em tons avermelhados devido à quantidade de poeira no ar e a um fenômeno chamado dispersão de Rayleigh.

mas agora boa parte das caixas de ectoplasma fabricadas nos Estados Unidos é vendida para feiticeiros.

"Sei de uma sessão demoníaca em que uma caixa de ectoplasma foi usada", disse ele, empurrando para fora da cadeira um calhamaço de cópias de "O sexto e o sétimo livros de Moisés", abrindo espaço para sentar.

"Conheci um marinheiro italiano que vinha aqui para pedir conselhos. Ele disse que conseguiu meu endereço com um farmacêutico do Harlem. Disse que era casado e tinha duas filhas pequenas, e que estava preocupado com o futuro delas. Ele queria que um feiticeiro informasse os demônios de que estes poderiam sacrificá-lo em troca de dez anos de prosperidade. Calculava que, em dez anos de prosperidade, conseguiria economizar o suficiente para garantir o futuro da família.

"Expliquei que não podia fazer nada por ele, e que esse tipo de coisa estava fora da minha alçada. Eu não podia nem fornecer os nomes dos feiticeiros que conhecia. Eles não gostam de ter seus nomes revelados para estranhos e isso é uma regra. De todo modo, ele encontrou um homem por conta própria, um negro que costumava frequentar meu estabelecimento. Esse negro veio até mim dizendo que queria comprar uma caixa de ectoplasma, mas na época eu não tinha nenhuma para vender, meu estoque estava zerado. Por fim, ele acabou comprando uma caixa de outro feiticeiro.

"Ele precisava da caixa para usar com um cliente, um marinheiro italiano. Sempre me perguntei por que esse marinheiro não arranjou uma feiticeira barra-pesada para fazer o trabalho. De todo modo, fiquei sabendo de tudo que aconteceu entre esse feiticeiro e o marinheiro.

"Eles saíram em uma noite de sexta-feira. Foram até a mata perto do lago Hopatcong, em Nova Jersey. O feiticeiro tinha um automóvel. Ele levou uma sacola, uma sacola com um gato preto dentro. Bom, eles foram até um lugar escuro dentro da mata, no meio de uma colina. Ventava bastante naquela noite e eles acharam um lugar em que o vento não era tão forte.

"Perto da meia-noite, o feiticeiro desenhou um círculo grande no chão com um pedaço da raiz Sangue de Dragão. Ela deixa um rastro vermelho. Em seguida, fez um círculo interno e, entre os dois círculos, escreveu os cinco nomes de Deus. Ele só sabe os cinco nomes, mas tem gente que sabe os sete nomes. Os cinco que ele escreveu foram Tet-rag-ram-maton, Yah, Seleh, Elohim e Yad-he-vey-he. Isso era para

proteção. Nenhum demônio consegue escapar de um círculo com esses nomes nele. É absolutamente impossível.

"Melhor eu contar para você que, na minha opinião, aquele feiticeiro era meio charlatão. Não acredito que um feiticeiro seja capaz de negociar dez anos de prosperidade com demônios, mas nunca dá para ter certeza. Ele pode ter sido sincero. De qualquer forma, ele se esforçou.

"O feiticeiro colocou três velas dentro do círculo para formar uma trindade e preparou o marinheiro e a si mesmo. Ele consagrou o marinheiro. Em seguida pegou os panos sagrados e envolveu o próprio corpo e fez quatorze nós neles. Depois deu sete voltas com os panos ao redor do corpo. Ele colocou um pano ao redor da testa. Tudo isso foi para proteção. Você precisa ter cuidado. Você não sabe quantos demônios vai conseguir evocar. Eu conheço um homem que evocou centro e trinta demônios sozinho, mas isso foi ao longo de quinze anos.

"Quando tudo estava pronto, o feiticeiro vestiu seu manto branco e fincou uma cruz no meio do círculo. Em seguida, tirou o gato do saco e cortou a garganta do bicho. Ele e o marinheiro beberam o sangue do gato. Depois fizeram uma fogueira e assaram partes do gato. O marinheiro passou mal, mas comeu o suficiente para se proteger. Quando essa parte terminou, o feiticeiro começo a gritar, cantar e a golpear o chão com a varinha. Depois de cantar por um tempo numa língua peculiar, ele se virou para o marinheiro e disse que estava se comunicando com os demônios e tentando fazer o acordo com eles. O marinheiro disse para ele fazer o melhor possível. Então ele recomeçou a cantar. Ele pulava de um lado para o outro, golpeava e revirava a terra com a varinha. Ficou falando nessa língua peculiar por um longo tempo. Ele falava com um demônio na extremidade norte do círculo e, na extremidade sul, podia falar com outro.

"Por fim, ele se virou para o marinheiro e disse que estava tudo certo, que ele teria dez anos de uma prosperidade maravilhosa, mas que ao fim desse período ele teria de se entregar para os demônios. O marinheiro ficou satisfeito e disse que queria apertar a mão dos demônios. O feiticeiro disse que isso era impossível, mas o marinheiro insistiu. Ele ficou dizendo: 'Quero apertar a mão'.

"O feiticeiro decidiu que só usaria a caixa de ectoplasma em último caso. Quando o marinheiro insistiu, ele decidiu apelar para o ectoplasma. Riscou um fósforo e acendeu a caixa.

"Uma coisa se formou no ar, uma forma branca, fotográfica, como um homem coberto com um manto. Ela brilhava. Cintilava. O feiticeiro se virou para o marinheiro e disse: 'O.k., meu irmão, pode cumprimentar o demônio'. Mas o marinheiro estava se contorcendo no chão, resmungando palavras sem sentido. Em seguida, do nada, ele ficou de pé e destruiu o círculo mágico. Estava falando italiano e gritando como um porco confinado. O feiticeiro tentou agarrá-lo, mas o italiano foi mais rápido. Ele destruiu acres de arbustos ao sair da mata."

"O que aconteceu com ele?"

"Bom, ele correu a noite toda. Percorreu Nova Jersey e deixou todo mundo preocupado no interior do estado. Por fim, acabou preso e foi levado para um hospício."

"O que aconteceu com o feiticeiro?"

"Parece que sumiu. Acho que foi embora da cidade. Acho que foi embora para a região oeste. Faz dois ou três anos que desapareceu."

4. Banho de um dólar

Na sala de jantar do asilo mantido pelo Grêmio de Nova York para Judeus Cegos, no número 332 da St. John's Avenue, em Yonkers[253], oitenta e três homens, mulheres e crianças deficientes visuais[254] comemoravam os 109 anos de Hirsch Smulowitz, um alfaiate de barba branca que, numa noite, quarenta anos atrás, pediu ajuda para a esposa – hoje falecida – que estava nos fundos da loja deles no East Side gritando: "Rebekkah, estou cego!".

Mr. Smulowitz nasceu no dia 29 de fevereiro de 1824 e, de acordo com o calendário gregoriano, deveria fazer aniversário somente em anos bissextos.

Ao saber que não teria uma festa de aniversario neste ano, Mr. Smulowitz esmurrou com força uma mesa, gritou que iria embora dali e arranjaria um emprego removendo neve. Mrs. Rose Z. Moschcowitz, diretora da casa, disse a ele que não

[253] Yonkers é hoje a quarta cidade mais populosa do estado de Nova York.
[254] Na primeira metade do século XX, época em que este texto foi escrito, expressões politicamente corretas como *deficiente visual* ainda não eram correntes. Dizia-se apenas *cego*. O tradutor toma a liberdade de usar *deficiente visual* como um sinônimo possível, enquanto Mitchell se reveza em inglês entre *blind* e *sightless*.

havia neve para ser removida, mas os protestos dele foram tão insistentes que ela prometeu fazer uma festa e imediatamente encomendou três bolos grandes.

Tão orgulhoso e dominador quanto um proprietário de terras, Mr. Smulowitz se sentou à cabeceira da mesa e mandou um atendente cortar o primeiro bolo. Em seguida, gritou uma ordem em ídiche.

O atendente foi rápido até um armário, abriu as portas, pegou uma garrafa e serviu ao aniversariante idoso uma dose de destilado. Mr. Smulowitz engoliu o conteúdo do copo e gritou mais uma ordem em ídiche.

"No aniversário de um homem, uma dose não é suficiente", disse ele, erguendo o copo. O atendente serviu outra dose.

"Como o senhor se sente hoje, Reb Hirsch?", perguntou Mrs. Moschcowitz.

"Até que não estou tão mal", disse ele, batendo de leve o copo na mesa.

"O senhor detesta admitir que se sente melhor do que qualquer um de nós", disse ela. Alguém ligou o rádio. Mrs. Moschcowitz perguntou se ele gostava de ouvir rádio.

"Não gosto", disse ele, enfático. "Mande desligar. Diga que esse barulho é horrível."

"Ele não tem nenhum interesse em rádio", disse Mrs. Moschcowitz. "Nunca teve. O maior prazer da vida dele é ouvir alguém lendo histórias de amor nos jornais judaicos. Quando as histórias acabam, ele diz: 'Agora leia sobre economia. Como vai a economia hoje?'.

"Temos de pagar um dólar para convencê-lo a tomar banho. Nós insistimos que ele tome três banhos por semana, sempre na base do dinheiro. Ultimamente, esse esquema se tornou caro – nosso déficit é de quarenta mil dólares – e a gente resolveu cortar um pedaço de pergaminho no formato de uma nota de dinheiro e dar para ele sempre que se recusa a tomar banho. Ele não percebe a diferença."

"O que ele faz com o dinheiro?"

"Ele fica divagando", disse Mrs. Moschcowitz, "e às vezes esquece que está em um asilo. Ele se lembra da luta que foi ganhar a vida na alfaiataria e, do nada, grita: 'Não tenho dinheiro para pagar o carvão neste mês!'[255].

"Toda vez que um visitante chega ao asilo, Reb Hirsch estende a mão e diz: 'Você tem um trocadinho?'. Ele ignora sua depressão. Diz que sobreviveu a uma

[255] No inverno, na época em que vivia o personagem, as residências eram aquecidas com carvão. Assim, não ter dinheiro para o carvão era um problema sério.

dúzia de depressões. Diz que a pior foi depois da Guerra Civil, muito pior do que a Depressão de hoje."

Além de destilado e de vinho, ele gosta também de rapé.

Carrega nos bolsos um estoque para seis meses. Os sacos de rapé deixam os bolsos gordos.

Pouco se sabe do passado de Mr. Smulowitz. Ele nasceu em Riga, na Rússia. Sua esposa morreu em 1927. Durante vários anos, o Grêmio pagou uma pequena pensão para ele e a esposa.

Depois do funeral dela, Mr. Smulowitz foi levado do cemitério do Brooklyn em que sua esposa está enterrada direto para o asilo em Yonkers.

Ele é animado e gosta de dar ordens.

Em dias de festa, ele se levanta e no meio de todo mundo começa a dançar com passos surpreendentemente ágeis. Ele é da opinião de que deveria tomar um copo de uísque por dia. Depois da festa de ontem à noite, ele se levantou e começou a dançar. Com receio de que ele se esgotasse, Mrs. Moschcowitz pediu para que ele se sentasse. Ele se sentou e apalpou a mesa tentando encontrar seu copo de destilado.

"Pode encher", disse ele, batendo o copo contra a mesa.

5. "Você parece melhor hoje"

O ítalo-americano alto de cabelos ruivos tinha apenas um braço; estilhaços em Argonne[256] deceparam o outro braço na altura do ombro. O negro baixinho não enxergava, era completamente cego, e seu rosto marrom era marcado por terríveis cicatrizes rosadas.

O homem que chamavam Saltitante tinha apenas uma perna e parecia sentir dores para respirar por causa de um pouco de gás que inalou numa manhã dezoito anos antes na França. Disse acreditar que com uma tragada num cigarro você aspira uma quantidade de fumaça maior do que a de gás que ele aspirou, mas ainda dói. Ele disse que a dor é muito pior do que uma dor de dente, ou uma dor de cabeça terrível, e que às vezes dói horas a fio, durante dias.

[256] Na Floresta de Argonne, em território francês, ocorreram batalhas entre a França e a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial (1914–1918).

O italiano e o homem de uma perna estavam jogando damas na ala de convalescentes do Hospital de Veteranos dos Estados Unidos n. 81, no 130 da West Kingsbridge Road, no alto do Bronx. O negro cego sentou em uma das camas de ferro com a cabeça entre as mãos. Ele fica sentado assim horas a fio, sem mover nenhum músculo. Havia dois jornais sobre a cama e ambos estavam abertos nas páginas de esportes. Os dois jogadores de damas encaravam o tabuleiro.

A guerra entre a Itália e a Etiópia tinha acabado de começar e fui mandado ali para descobrir o que os veteranos da Guerra Mundial pensavam disso.

"O senhor tem lido sobre a guerra?", perguntei ao homem que tinha engolido gás anos antes na França.

"Não", disse ele.

"O senhor deve ter lido alguma coisa sobre ela."

"Não tenho nenhum interesse", disse o homem. "No que me diz respeito, a Europa inteira pode ir para o inferno. Sinto pena de todos aqueles pobres coitados italianos e dos coitados na Etiópia que têm suas entranhas estraçalhadas e suas cabeças explodidas para que um bando de caras ricos ganhe um pouco mais de dinheiro. Pobres coitados."

"Em um dia, eles matam mil e setecentos homens e ferem três mil na guerra", disse o ítalo-americano, movendo uma peça preta no tabuleiro de damas gasto e ensebado.

"É", disse o homem do gás.

"Onde fica a Etiópia?", perguntou o negro cego.

"É muito homem para se matar em apenas um dia", disse o ítalo-americano, "mas é apenas o começo. Eles acabaram de começar".

"A gente matava muito mais que isso em um dia na nossa guerra", disse o negro cego. "Na nossa guerra, milhões foram mortos. Deixamos o mundo inteiro ensanguentado."

"Se pudessem, os senhores iriam para a guerra de novo?", perguntei.

"Deus do céu", disse o homem de uma perna só, "eu não iria para a guerra por nada nem por ninguém. Eles podiam vir aqui, mesmo que fosse o Japão, e dominar a porcaria do país inteiro e mesmo assim eu não ia correr o risco de ter a cabeça decepada. De qualquer forma, pior do que já está não ficava."

"É melhor estar no exército do que morrer de fome sem trabalho nenhum", disse o ítalo-americano.

O homem de uma perna só acendeu um cigarro para o negro e entregou a ele.

"Um homem que vai para a guerra não é muito inteligente", disse o negro. "Ele não demonstra discernimento."

Descobri que quase não se falava da guerra no hospital. Um dia, uma briga começou porque um homem disse alguma coisa sobre "aqueles malditos carcamanos" e um veterano de origem italiana ouviu, pegou uma das manivelas usadas para elevar e abaixar as camas do hospital e disse que, se o homem não se desculpasse, arrancaria o cérebro dele com a manivela. O homem se desculpou e a briga terminou ali. As conversas sobre a guerra eram mais comuns nas alas em que os homens estavam confinados a suas camas de modo permanente. Eles ficavam estirados na cama usando fones de ouvido para ouvir o rádio. Cada uma das camas do hospital tinha um fone de ouvido preso a ela.

"Se você quer ver os caras que sabem sobre guerra, suba até a Ala 2-Sul", disse o homem de uma perna só. "São os caras que só vão sair daqui num caixão. Atingidos por granadas. E dê uma olhada na 4-Sul, onde ficam os caras sem mandíbula, com os olhos e as orelhas carcomidos, e vá ver os caras com tuberculose porque os pulmões foram queimados por gases. Pergunte para os tuberculosos se eles voltariam para a guerra.

"São os caras que ninguém vê. Eles nunca saem do hospital. De tempos em tempos, um deles perde as estribeiras, enlouquece, acha que está na guerra de novo e precisa ser transferido para outro hospital. Milhares desses caras doentes ainda acham que estão na França. Tudo o que o público vê é um cara de muletas de vez em quando. Não faz nenhuma diferença. Eles podem arranjar outra guerra e os jovens vão entrar nela com um sorriso no rosto, prontos a ir para o inferno. É superdivertido."

Consegui permissão para andar pela Ala 2-Sul, mas fui proibido de fazer perguntas. No corredor, havia um homem parado usando um roupão de banho. Ele tinha o olhar fixo diante de si, um olhar vazio, e tremia muito. Um dos responsáveis apareceu para levá-lo de volta para a cama. Um médico lhe disse alguma coisa. A resposta demorou vários minutos; ele balbuciou três ou quatro palavras com bastante dificuldade. O médico disse que o cérebro dele está perfeito, mas os nervos não mais obedecem aos seus comandos. Não encontrei nenhuma razão para perguntar a ele o que achava da guerra entre italianos e etíopes.

Alguns dos leitos na ala tinham aparadores laterais de modo que os homens não caíssem no chão. Eles não têm qualquer controle sobre o corpo. Alguns deles

conseguiam fazer cestas de palha. Há uma sala no fim do corredor em que eles se sentam para trabalhar nas cestas. Do lado de fora, as folhas dos bordos espalhados pelos dezoito acres do hospital estavam amarelas e vermelhas e, na Kingsbridge Road, crianças jogavam bola e gritavam, e no azul do Hudson dois jovens remavam um barco, e do lado de dentro, amontoados perto dos aquecedores, cinco homens de meia-idade descoordenados, com os nervos rebentados por granadas, se debatiam com suas cestas de palha. Eles levam horas para dar conta do trabalho que uma criança faria num piscar de olhos. Um deles ficou furioso com a dificuldade que sentia para trançar a palhas, porque tremia e se atrapalhava.

Caminhando pelo corredor, era possível ver os homens em suas camas, encarando o teto com olhares vagos. Seus rostos eram encavados e pálidos. Um homem deu um grito enquanto suas mãos se mexiam euforicamente. Um homem sorria, mas sua expressão era a de alguém que observava uma granada de mão sem o pino de segurança.

"Olá, doutor", disse ele, sorrindo.

O doutor deu uns tapinhas no ombro do homem trêmulo.

"Você parece melhor hoje", disse ele.

6. Camponesa em Red Hook

Dia desses tive uma manhã agradável em Red Hook, uma vizinhança bagunçada na zona portuária do Brooklyn. Fui até lá para visitar Mrs. Anna di Massa Agnese, uma camponesa robusta de Ísquia, na Itália. Mrs. Agnese tinha oitenta e um anos de idade. Ela havia chegado no dia anterior no transatlântico italiano Rex. Eram dez horas da manhã quando cheguei à mercearia ítalo-americana administrada pelo filho dela, Salvatore Agnese, no número 504 da Court Street, mas a velha senhora ainda não tinha descido e estava dormindo no andar de cima, bem feliz num colchão de penas. Não demorou muito e ela apareceu, esfregando os olhos. Estava com um gosto ruim na boca. Mas não era ressaca. Disse que nunca teve uma ressaca em todos os seus oitenta e um anos de vida. Caminhou até a porta da loja e cuspiu na rua. Salvatore se divertiu com isso. Ele se sentou em um barril e riu com vontade. E a velha senhora riu também.

Na noite anterior, cerca de sessenta parentes felizes dela – filhos, netos, bisnetos e diversos agregados – se reuniram nos fundos da mercearia e comemoraram sua chegada aos Estados Unidos com um grande jantar. Durante o jantar, a velha senhora bebeu uma quantidade grande de vinho feito em casa. Disse que o vinho que bebeu durante a viagem no Rex era bom demais para o seu gosto, e que a comida também era. Disse que a esposa do seu filho, Mrs. Salvatore Agnese, era uma ótima cozinheira, e que o jantar – macarronada, galeto, coelho e pimentas em conserva – estava mais gostoso do que qualquer coisa que ela tenha comido no Rex.

"Tem gosto de comida feita em casa", disse ela, de acordo com Salvatore, que para me ajudar traduziu todos os comentários que ela fez.

"Que bom que a senhora gostou, *mamma*", disse Mrs. Salvatore, cuja pele brilhava enquanto ela corria para pegar um pouco mais de vinho para a sogra.

A velha senhora estava muito orgulhosa da mercearia do filho. Ela tem quatro filhos na cidade de Nova York e todos são donos de mercearias. Ela caminhava pela loja de Salvatore, admirando os provolonse pendurados na janela, dando uns tapinhas neles com carinho usando as mãos enrugadas e habilidosas. Ela removeu o pano que cobria o jarro de azeitonas pretas e pescou um punhado delas, saboreando com prazer e cuspindo os caroços no chão.

Ficou particularmente impressionada com as estantes onde estavam expostos o espaguete e o macarrão, estantes com frentes de vidro como se fossem prateleiras de livros, estantes repletas de vários tipos de macarrão – conchas, tubinhos, cotovelos, grãos, lacinhos e aqueles retorcidos que eles chamam de parafuso e os pequenininhos que chamam de crista de galo (*creste de gallo*). Ela admirava as estantes.

"Ela disse que tudo na minha loja é magnífico", disse Salvatore, que enchia o copo de vinho da mãe toda vez que ela o esvaziava.

"Fico feliz que ela goste. Faz anos que tento convencer minha mãe a visitar a gente. Aposto que escrevi umas quinhentas cartas implorando para ela vir. Ela mora em um terreninho perto de Nápoles e não queria deixar as galinhas sozinhas. Ela tem dez galinhas."

A velha senhora tomou conta da conversa e falou alto por alguns momentos. Estava animada. Uma de suas netas correu para os fundos da loja com uma baqueta na mão. A criança roía a baqueta. A velha senhora puxou a criança para perto de si e deu-lhe um beijo em cada bochecha ensebada. A criança sorriu de prazer e continuou a morder a baqueta, com prazer. Então a velha senhora recomeçou a falar.

"Ela disse que pavimentaram a rua em frente da casa dela e que agora não tem mais tanta poeira", disse Salvatore. "Disse que agora consegue manter o lugar limpo sem sacrificar as costas. Ela quer varrer a minha mercearia, mas eu não vou deixar. Não vou deixar que ela trabalhe nem um pouquinho aqui. Quero que ela aproveite. Quero que coma um monte e engorde, e que passe o tempo todo que tem aqui comigo e com meus irmãos."

A velha senhora usava um longo vestido marrom, parecido com um vestido de missionária, com botões na parte da frente, e tinha um xale ou bandana marrom enrolado na cabeça. O rosto dela era muito marcado por rugas, mas os olhos velhos eram vivos e ela se mantinha aprumada. Caminhou até a porta da loja e deu uma olhada na Red Hook Street. Ficou muito espantada com o que viu e voltou para dentro. Ficou desnorteada no percurso desde o cais do porto, o filho dela disse, mas quando entrou na mercearia, ela se sentiu em casa. O cheiro inebriante dos queijos e do azeite de oliva fez com que ela se sentisse em casa.

Enquanto Mrs. Agnese caminhava pela loja, eu me sentei diante do balcão e comi um pedaço de presunto cru italiano que Salvatore cortou para mim. Quando Mrs. Agnese me viu comendo, ela se aproximou, pegou no meu braço, e disse alguma coisa de um jeito violento. Eu não fazia a menor ideia do que ela estava falando. Salvatore deu uma risada.

"Ela disse que você devia tomar uma taça de vinho", disse ele. "Disse que você devia comer o presunto com um pouco de vinho."

Ela me serviu uma taça de vinho e sorriu enquanto eu dava um gole de encher a boca.

Em seguida, Salvatore se sentou no seu barril e calculou num pedaço do pacote de papel exatamente quantos filhos e netos a mãe tinha. Depois de um monte de cálculos com a ponta de um lápis, ele me deu as seguintes estatísticas: cinco filhos, quatro deles em Nova York; duas filhas; e cerca de trinta netos. Numa vez, Salvatore disse que ela tinha quarenta e três netos, noutra o cálculo era de trinta e oito, mas ele acabou encerrando em trinta netos e quatro bisnetos.

"E só Deus sabe quantos primos e parentes", disse Salvatore, enrugando a testa. "Faz trinta e cinco anos que ela é viúva. Meu pai era fazendeiro. Veja os brincos de ouro que ela usa. Foi presente do meu pai. Eu vi minha mãe quatorze anos atrás. Levei minha família até a Itália para que ela a conhecesse. Ela não mudou quase nada. A senhora continua a mesma, *mamma*."

Ele disse que os filhos dela que estão em Nova York, além dele mesmo, são Joseph, que é dono de uma mercearia em Staten Island, e Gennaro e Anthony, donos de mercearias no Brooklyn. A velha senhora vai visitar todos os filhos, indo da casa de Salvatore para a casa de Joseph. Enquanto Salvatore falava, ela caminhava pela loja, pesando coisas nas balanças, mexendo em caixotes, abrindo jarras de azeitona e mexendo com colheres grandes de madeira. Parecia estar se divertindo.

7. Não sei nada disso

Apenas duas de todas as lâmpadas elétricas no Dome, no número 430 da 6th Avenue, um ponto de encontro no Greenwich Village para poetas, pintores, estudantes da Universidade de Nova York e outras pessoas sensíveis, estavam apagadas, e por duas horas o príncipe Childe de Rohan d'Harcourt, um nativo de Guthrie, Oklahoma, ficou em pé no meio do salão e falou sobre o "ego cósmico", uma força que comparou à glândula pituitária, ao terceiro olho e à parte submersa de um iceberg.

O príncipe pálido parecia estar de bom humor, mas disse que vem sendo perseguido por sombras e pelo Departamento de Polícia desde que se separou de Miss Louise Krist, sua namorada menor de idade. Depois da separação, Miss Krist foi deixada aos cuidados de uma psiquiatra no Lar Florence Crittenton. O príncipe usava uma camisa que parecia púrpura, uma gravata multicolorida e um terno cinza-toupeira. Quando o príncipe entrou no Dome, a garota que cuidava dos chapéus disse: "Como vai, príncipe?" e ele se curvou numa reverência e disse: "Tudo muito bem, minha querida".

"Parece haver um certo esforço no sentido de me causarem problemas", disse o poeta, decorador de bares ilegais, ex-presidiário e nobre ilegítimo, ocupando uma das mesinhas minúsculas da sala de chá e suspirando. Ele suspirou várias vezes. Depois encaixou um cigarro na piteira longa e se inclinou para usar o fogo do fósforo que uma garota risonha acendeu para ele.

"No entanto", disse, suspirando de novo, "há cerca de dez mil pessoas nessa cidade que souberam da minha existência desde que tive esse problema. Elas não são minhas amigas nem minhas conhecidas. Na verdade, criei uma palavra nova para definir essas pessoas: *amicidas*. Acho que é uma palavra linda. E, num cálculo ligeiro, eu diria que umas cem jovens se mostraram simpáticas a mim.

"Desde que fui inocentado no Tribunal de West Side, da acusação de sedução, escrevi vários poemas para Miss Krist. O melhor deles se chama 'Meu lindo pássaro-azul'. Ela tem olhos azuis e se veste de azul. Estou numa situação deplorável. Miss Krist tem apenas dezoito anos, mas sabe que me ama. Não consigo entender por que os pais dela são contra o nosso casamento. Ah, lágrimas! Lágrimas! Ah, Deus, quantas lágrimas existem no oceano? Acho que ela vai sair de casa na próxima quinta-feira. E então vamos nos casar.

"É estranho como um lamento atormentado parece impregnar o ar. Lágrimas, lágrimas, ah, Deus, quantas…"

Um homem se inclinou para falar com o príncipe e perguntar se ele estava pronto para começar seu discurso.

"Todos estão ansiosos, esperando", disse o homem, olhando para as sessenta pessoas no salão. A maioria estava jogando damas ou olhava um para o outro. O homem que interrompeu o discurso do príncipe em lágrimas disse que ele era William H. Kinnaird, um ex-comandante do Hunts Point American Legion Post 58 e, atualmente, mestre de cerimônias do Dome. Disse ainda que era pintor de paisagens.

O príncipe caminhou até o meio do salão. Ele se apoiava em sua bengala de empunhadura dourada e começou seu discurso.

"Descobri", disse com a voz anasalada, "a concepção original perfeita. Sim, em minhas contemplações filosóficas ao longo de vinte, ou talvez vinte e cinco anos, descobri algo íntimo e oculto, algo escondido. Algo adormecido na maior parte das pessoas. Em algumas, ele nunca despertou. Uma única vez em um período que compreende vários séculos, esse algo despertou e produziu uma entidade como Jesus Cristo.

"Agora, devo recorrer às palavras dentro das palavras. Imaginem que estamos tendo uma conversa com uma pessoa amada, numa relação de amor que envolve desejo físico. Na verdade, o que estamos fazendo é contemplar o ego cósmico um do outro. É algo como a joia no meio da cabeça de um ídolo. Entende? É como a glândula pituitária. Ela faz maravilhas e ninguém…"

"Ô, príncipe", gritou uma garota de vestido vermelho. "Uma mulher deve dizer a verdade?"

"Ninguém", continuou o príncipe, ignorando a pergunta da garota, "sabe o poder que tem. É algo escondido. Infelizmente, ele aparece apenas uma vez. É o amor. Agora, quando pessoas sensíveis não encontram o amor, elas desmoronam. É

como um bumerangue. É uma questão que você não consegue expressar com as poucas palavras que temos. Na verdade, garanto a vocês que não sei absolutamente nada sobre esse assunto. Veja um iceberg no oceano. Dizem que sete décimos de um iceberg estão submersos."

"Uma mulher deve dizer a verdade?", perguntou a garota do vestido vermelho.

O príncipe continuou. Ele falou por muito tempo, explicando a vontade cósmica de muitos ângulos. Disse que a vontade cósmica pode ser analisada de qualquer ângulo e que ela continuaria a ser a concepção original e perfeita. Ao fim, o mestre de cerimônias disse que o príncipe ficaria feliz em responder a perguntas.

"Uma mulher deve dizer a verdade?", gritou a garota inquisidora.

O príncipe não olhou na direção dela.

"Na sua opinião, qual é a melhor vontade cósmica?", perguntou um homem careca. "A búlgara ou a americana?"

"A vontade cósmica não está confinada a nenhum país", disse o príncipe. "Suas qualidades são inefáveis."

"Uma mulher deve dizer a verdade?", reiterou a garota do vestido vermelho.

8. Manhattan tem vivido tardes quentes

O barco para Coney Island parte em quinze minutos

É um dia quente. Os cidadãos da maior cidade do mundo estão nervosos com o calor. Nas janelas dos predinhos, esposas cansadas apoiam os cotovelos roliços em travesseiros e olham inexpressivas para os vagões barulhentos de metrô. Flores caras nas vitrines das floriculturas da 5th Avenue estão murchas. Guardas do metrô, suando debaixo de seus pesados casacos azuis, resmungam palavrões e empurram as pessoas para dentro dos vagões.

Para saciar a sede, é preciso tomar umas dez cervejas. O calor úmido e insistente fez surgir olheiras nos olhos dos passageiros do metrô. As bandeiras nos arranha-céus estão estáticas; brisas são inexistentes.

Cidadãos sonolentos com as roupas encharcadas de suor param debaixo do termômetro mais popular da cidade – um gigante que fica na frente do edifício Pulitzer, na Park Row – e veem, fascinados, o mercúrio subir inexoravelmente na

direção dos quarenta graus. O asfalto nas ruas está tão macio que saltos de sapato deixam marcas. Quando duas pessoas se encontram, uma delas com certeza vai dizer, de modo ilógico: "Será que faz calor hoje?".

O verão estrangula a cidade.

E os trens da B.M.T.[257] estão cheios de pessoas que vão para Coney Island. Quase todos os passageiros no expresso para a praia carregam uma sacola com roupa de banho e toalha. São mães cercadas por crianças ansiosas, e cada mãe tem comida suficiente para o dia inteiro em um pacote que leva no colo. Antes de o trem rugir na última estação, essas jovens mulheres enérgicas passam óleos bronzeadores nos rostos das crianças.

E a cada hora um dos barcos da frota Rainbow parte do cais grande que fica na outra margem diante do quartel-general da guarda portuária, no Battery.

"E ele ficou me dizendo para sair sozinha sem ele", disse uma garota, dando risadas histéricas, "e eu disse: 'Ah, sei bem o que você está querendo'. E toda vez que tocava o telefone era ele de novo. E toda vez que ele dizia que me amava eu respondia: 'Ah, seu sem-vergonha'. É sério, achei que eu ia morrer."

Crianças faziam manha para ganhar sorvete e mousse[258], e as mães dão tapas na cara das crianças e dizem: "Sai daqui. Você vai ganhar sorvete na barca". Neste momento, a barca surge à vista e avança discretamente na direção do cais. Os portões são abertos e as pessoas entram desembestadas a bordo. Elas brigam entre si pelos assentos no deque superior, no sol. Em pouco tempo, o velho barco está lotado. Não sobrou nenhum lugar vago. Quase imediatamente depois disso o barco parte do cais para sua tranquila viagem de uma hora. Assim que todos os passageiros ocupam seus lugares, os vendedores começam a gritar.

"Óculos de sol!", grita um jovem de pele ruim vestindo um casaco branco. "Olha os óculos de sol!"

"Cerveja e refrigerante!"

"Quatro vezes maior que uma barra normal! Preço promocional de dez centavos! É a barra de chocolate!"

Há um número surpreendente de idosos no barco. Eles se acostumaram a ir para Coney Island quando eram crianças e nunca largaram o hábito. Senhores de

[257] The Brooklyn–Manhattan Transit Corporation (BMT), uma empresa de transporte.
[258] *Frozen custard*, no original, é um creme congelado semelhante a sorvete, mas cuja receita leva ovos. No Brasil, há quem chame de *frozen custard* mesmo, mas o mousse é uma sobremesa semelhante, que pode ser feita com clara de ovos.

idade usando chapéus de palha se acomodam em banquinhos de armar e leem seus jornais. Loiras roliças com chapéus moles e óculos escuros jogam *bridge* enquanto o barco se move através das águas sujas.

Quando o barco atraca no cais de Coney Island, muito mais alto do que as ondas fortes, os passageiros saem correndo como se a embarcação estivesse em chamas.

Diante deles está uma das vistas mais impressionantes do mundo, um espetáculo calculado para deixar o público sem fôlego de tão maravilhado, como acontece nas Cataratas do Niagara, ou num incêndio florestal à noite, ou no próprio mar. Mais de um milhão de seres humanos encalorados e felizes ocupam os cinco quilômetros de costa cor de argila. A areia está tomada por corpos inquietos. Carnes brancas, rosa, vermelhas e marrons acarpetam a areia.

Homens com barrigas tão grandes quanto barris estão escarrapachados na areia. Eles mexem os dedos dos pés. Desfrutando do sol em seus corpos gordos, eles grunhem e bocejam. Aqui se veem mulheres altas, ágeis e bronzeadas, muito mais bonitas do que as garotas brancas maquiadas que trabalham como coristas em casas noturnas, e aqui se veem mulheres com corpos que lembram escrivaninhas.

De repente, você se dá conta de que todos esses humanos estão conversando. O som é igual ao som de um teatro pouco antes de abrirem as cortinas. Feche os olhos e escute. É quase arrebatador.

Preste atenção em uma família na areia. Eles estão sentados ao redor de um jornal que serve de apoio para uma pilha de sanduíches, picles, ovos cozidos e bananas. Preste atenção na mãe que espalha a mostarda nos sanduíches antes de servi-los. Preste atenção nessas pessoas enquanto elas comem com gosto. Veja como eles espalham pedaços de pão e papéis ensebados e cascas à sua volta.

Esse é o resort de verão daqueles que têm pouco dinheiro para pagar por sol quente e água do mar.

Se você conheceu Coney Island dez anos atrás, é improvável que encontre qualquer coisa diferente hoje. As descidas absurdas nas três principais ruas do resort – a Boardwalk[259], a Bowery e a Surf Avenue – são eternas. Uma gorda morre e surge

[259] Comuns nos Estados Unidos, as *boardwalks* são passarelas de madeira construídas à beira mar.

outra em seu lugar. Inexpugnáveis, os shows de aberrações[260] resistem à indignação meia-boca dos trouxas e da Câmara do Comércio.

"Meus amigos, não sejam ignorantes", proclama o porta-voz do espetáculo World Circus da Surf Avenue. "Se você leu os jornais de hoje, sabe que a ciência da medicina está perplexa diante do mistério de Serpentina, a garota sem coluna vertebral. Agora, não seja ignorante e vá embora. Você veio até aqui para se divertir. Estou certo ou estou errado? Devo estar certo. Então, meus amigos, vejam Serpentina. Ela nasceu sem sua medula espinhal. Como ela sobrevive?"

Dentro do circo, a multidão encontra um mágico, uma gorda, um tatuado e um homem sem braços. É preciso pagar um valor extra para ver Serpentina. Os três integrantes da Família do Sexo vendem por dez centavos a história podre da sua vida, em um envelope liso.

Descendo a Surf Avenue, você encontra uma garota que trabalha como porta-voz. Ela faz propaganda do espetáculo Wonderland. O nome dela é Ray Burns. Ela tem vinte e três anos. Tem um bebê, Esther-Ann, de dezoito meses, e o marido dela, Dave Burns, é motorista de ônibus. Ela ocupava uma plataforma no Oriental, o show com as garotas mais travessas da ilha, usando roupas de baixo e um véu, e se contorcendo numa dança. Agora ela é uma porta-voz muito eficiente.

"Queriam que eu fizesse um espetáculo burlesco em Nova York", disse Mrs. Burns, "mas prefiro fazer propaganda aqui. Acho que esse trabalho é uma ótima oportunidade".

Um evangelista abriu um estabelecimento na Surf Avenue. Ele chama o lugar de "Casa das Máquinas Divina". De noite, a placa dele brilha em meio aos luminosos que anunciam salsichas e sorvetes. Suas janelas estão cobertas com cartazes em várias línguas diferentes convidando os doentes, os cegos e os mancos a serem curados. E na Boardwalk há um novo espetáculo anunciado como "Vida" em letras garrafais. Dentro do lugar, há uma fileira de embriões humanos em álcool.

Todavia, aquele milhão de pessoas que vai para Coney Island em tardes quentes não está muito interessado nas aberrações. Eles preferem a água salgada. Muitos vão passar um dia e uma noite e gastar menos de vinte e cinco centavos. Chegam com suas roupas de banho por baixo das roupas do corpo, ou apelam para

[260] Referência aos *freak shows*, também conhecidos como "aberrações da natureza": espetáculos em que eram exibidos seres humanos com algum tipo de anomalia – como mutações, doenças raras, ou defeitos físicos.

uma troca rápida debaixo da Boardwalk. É possível que tenham trazido sanduíches. Ou talvez comprem umas salsichas.

Centenas de pessoas passam a noite na praia. Nos fins de semana, a qualquer hora da noite, é possível ver homens e mulheres dançando na areia ao redor de fogueiras. Um toca bandolim. Dois saltam e dão passos de uma dança apache. Outros se afastam para ir se sentar perto da hesitante água do mar. Os policiais da praia atestam que há jovens que passam o verão inteiro na praia e não gastam nem um centavo de aluguel.

Um açougueiro nu em um terraço da Hester Street

Os inúmeros habitantes do Lower East Side se sentam no lado que tem sombra em suas ruas desordenadas e não fazem nenhum movimento desnecessário.

Não existe nenhuma brisa. Até os gestos dos ambulantes nas calçadas são hesitantes. A comida é mais barata à tarde nas barraquinhas e carrinhos de mão, e agora as mulheres estão indo para casa depois de passar no mercado – indo para casa e para suas cozinhas quentes e minúsculas. Cada uma delas carrega um saco de mercado estufado – um pacote de papel pardo cheio de vegetais passados. Com um saco de mercado firme em cada uma das mãos enrugadas, uma dona de casa sobe devagar a Eldridge Street. A certa altura, ela para e troca algumas palavras sobre o clima quente com outra senhora. Mais para frente, ela para e conversa um pouco com um vendedor ambulante de panelas.

Pouco depois da Delancey Street, ela faz uma pausa e fixa os olhos no interior de uma lanchonete que vende churrasco romeno. O lugar está lotado de homens. Eles se sentam ao redor de mesinhas, dedicados a jogar *stuss*, pinocle e crapô[261]. Eles ficaram o dia inteiro sentados ali, discutindo e jogando por centavos e bebendo café em pequenas xícaras brancas sem alça. O gordo proprietário fica atrás do caixa, bebendo vinho branco e água com gás e resmungando. A velha senhora atravessa a porta e analisa o estabelecimento, fazendo uma cara muito feia. Encontra o marido, um senhor encurvado com um gorro cor de ferrugem que cobre parte de sua careca.

"E então?", diz ela. "Quer dizer que o senhor não volta mais para casa?"

[261] *Stuss*, pinocle e crapô são jogos de cartas.

O velho grunhe e joga uma carta sobre a mesa.

"Vai ficar sentado aí o dia inteiro?", diz ela, irritada. "Por quê? Quero uma explicação. Você não tem mais uma casa?"

"Vá embora", manda o velho.

Resmungando, a mulher se afasta. Horas depois, o velho ainda está sentado à mesma mesinha, inclinado sobre as cartas. Ninguém conversa muito no lugar. Uma discussão começa. Não dura muito. O calor resolve a parada. A maioria dos homens é atarracada, mas o maior de todos é Abe Haimowitz. Ele carrega consigo cento e trinta e cinco quilos, faça chuva ou faça sol.

Haimowitz é proprietário do Restaurante Romeno, no porão do número 106 da Forsyth Street, o cabaré mais popular do Lower East Side. Juízes, políticos, atores e outras personalidades descem lá para ver as garotas que trabalham duro em um show sem palco, e também para bater boca com os seus seis garçons, todos chamados Itzig. Haimowitz, que é também prefeito de Forsyth Street, faz cara de indignado quando pedem para ele contar o que ele e seus vizinhos fazem no verão.

"E você vem me perguntar isso logo agora?", diz ele, esfregando a testa larga com um lenço de pano umedecido. "É bem isso que a gente faz. Pinocle. *Stuss*. Pinocle. *Stuss*. O dia inteiro. Está vendo aquele sujeito ali? Ele está jogando há três dias direto, perdeu onze centavos e agora uiva para todo mundo ouvir. Acho que tem um milhão de cafés por aqui e, no verão, eles abrem espaço para as cartas. Existe alguma coisa melhor para fazer? Você vai para a praia, por exemplo. E volta de lá com queimaduras por tudo. Com os sapatos cheios de areia. Leva areia para a cama e não consegue dormir. Fica com dor de estômago. É melhor ficar aqui com o pinocle."

O prefeito de Forsyth Street derrama um pouco de água com gás no vinho branco. Ele se diverte com as bolhas.

"É calor e umidade o dia inteiro aqui, sim, mas à noite você dorme no telhado. Não existe coisa melhor. A gente deita com uns cobertores e dorme. Todo mundo, todas as famílias. Numa noite dessas aconteceu algo terrível em um telhado da Hester Street. Imagine um cara gordo, quase tão grande quanto eu, um açougueiro. Ele bebeu demais. Foi para casa e tirou a roupa. Ele sabia que a esposa estava no telhado.

"Ele subiu até o terraço tropeçando pelo caminho e se ajeitou em um cobertor. Era o cobertor errado, mas ele não sabia disso. Era de outra mulher e não da esposa dele. Ele dormiu rápido e começou a roncar muito alto. A outra mulher acordou e deu uma olhada nele. Ela gritou e fez um escândalo. Saiu correndo e quase caiu do

telhado. Em seguida, a mulher dele surgiu de outro cobertor e viu o marido. Ela também gritou. Deu um chute nele, mas não adiantou nada. Ele ficou roncando. Chamaram a polícia e esperavam que o sujeito ficasse com seu próprio cobertor. O sujeito não acordava. Ele estava roncando e sonhando. A vizinhança inteira acordou, mas ele não. É bom dormir no telhado. É mais fresquinho. Muito melhor do que qualquer praia."

Os velhos reumáticos embaralham as cartas e mães carregam cadeiras de cozinha até a rua e, suspirando, sentam-se enquanto as crianças brincam no meio dos carrinhos de bebê. No verão, o East Side vive na rua. As jovens mães ficam apaixonadas pelo sol e as mais velhas preferem a sombra. Os bebês cochilam dentro dos carrinhos, gemem e brincam com os dedos do pé. As mães mais velhas resmungam sem parar, mas as jovens ficam sentadas no sol usando vestidos estampados e lendo revistas de fofoca.

Na esquina, na base das escadas que levam à estação elevada do metrô, fica um vendedor ambulante de melancias. Ele acabou de fatiar uma melancia, toda listrada, uma beleza. Uma fatia longa custa cinco centavos; uma fatia cruzada custa três centavos. Um menininho corre até a mãe e implora por uma moeda de cinco centavos. Ela diz para ele pedir para o pai. Ele corre para dentro de uma das lojas e o pai dá o que o menino pede. No instante seguinte, um pedaço de melancia envolve o rosto do menino.

E na frente de todas as lojinhas encardidas de doce existem máquinas caça-níqueis barrigudas cheias de sementes de girassol. E os homens com os carrinhos de mão têm panelas cheias de polpa de coco. Os pedaços brancos boiam na água gelada. E as crianças pulam nos bebedouros de concreto usados pelos cavalos, para se molhar e se refrescar. E meninos com caixas de engraxate dependuradas no ombro magro fazem das escadarias do Banco dos Estados Unidos seu quartel-general, no encontro das ruas Allen e Delancey. As janelas estão empoeiradas e o chão dentro do prédio, coberto de papéis, e os banqueiros foram para a cadeia.

Descendo a Mulberry Street, os ambulantes têm uma bacia redonda de gelo e várias garrafas de essência. Eles enchem copos de papel com raspas de gelo e derramam o sabor desejado sobre o gelo fumegante. Isso é um *gelati*. E sodas são mais populares aqui do que nas ruas judaicas. Todas as lojas têm uma geladeira cheia de garrafas de soda.

Angelo Rizzo se refresca no calor da tarde sentado sob a luz elétrica da capela de sua agência funerária no 178 da Mulberry Street. Ele fuma um charuto e brinca com um gato de estimação.

"Poucos aqui conseguem viajar no verão", diz Rizzo, que é prefeito de Mulberry Street. "Só para Coney. Só para passar o dia em Palisades Park. Ou no caso de famílias que têm parentes com fazendas na região de Connecticut, elas vão até lá para uma visita. Os jovens que têm carro vão para South Beach e Midland Beach, em Staten Island. Os judeus que moram aqui vão todos para Catskills. Eles montam acampamentos na região. Existem vários terminais de ônibus espalhados pelo East Side que levam para Catskills. Mas o pessoal que vive por aqui nessas ruas costuma ficar em casa.

"As festas de bairro e os dias de comilança são mais comuns no inverno. Em clima quente, eu mesmo prefiro comer brócolis e cabeça de ovelha, tomar um copo de *barbera* e evitar exercícios físicos, assim suporto o calor com muito prazer. *Barbera* é um vinho de verão. Você entra numa espécie de gruta com ambiente fresco, num desses cafés subterrâneos, e eles te servem uma garrafa. Eles guardam o vinho num compartimento com gelo. Você manda para dentro e molha a garganta. Vinho é muito mais útil do que ventiladores elétricos."

Perto das janelas dos predinhos, religiosos barbados ocupam cadeiras duras para ler os livros sagrados dos judeus. Eles bebem chá quente em copos. O chá é tão quente que o copo precisa ser envolvido com um guardanapo para não queimar os dedos. É uma crença antiga no East Side que, quanto mais quente a bebida, mais ela refresca o corpo.

E nas lojas de vinho o moscatel é vendido por um dólar e cinquenta centavos o galão e os carrinhos de mão que se estendem por uma linha irregular da 5th Street até a 14th Street, na altura da 1st Avenue, vendem montes de cebola, maços de dente-de-leão, caramujos gordos e latas de amêijoas, além de baldes grandes de madeira com picles nadando em salmoura morna, e feijões curados em água, e vinte variedades de peixes desidratados, e uvas, e peras, e ervas aromáticas.

E à noite dá para passear na Allen Street. Ao entardecer, é uma das avenidas mais lindas da cidade. No meio dela, há uma praça cercada por duas fileiras de árvores e duas fileiras de bancos. Acima dela funciona a ferrovia elevada da 2nd Avenue. À noite a rua fica cheia de garotos e de garotas, de braços dados, ou abraçados um ao outro, que sobem até a 14th Street para ver um filme, ou para se

sentar ao ar livre em um desses novos bares sujinhos, ou só para caminhar. E os garotos de carro levam suas garotas até a South Street. O prefeito Rizzo diz que os primeiros quarteirões da South Street são o cantinho dos amantes no East Side. Uma fila longa de carros estacionados se forma nela todas as noites.

E vendedores ambulantes de *kvass*, a cerveja russa feita de pão, estão por toda parte. ("*Kvass*, meus amigos, igualzinha à de Odessa", gritam os ambulantes). E *knishes*[262]. E tortas de sorvete. E até que estejam cansados demais até para enxergar, os velhos continuam sentados nas lanchonetes, bebendo café e jogando *stuss*. E os rabinos com casacos pretos reluzentes passam pelas lanchonetes, onde os velhos analisam com cuidado suas mãos de cartas ensebadas, e olham para dentro melancolicamente. E é isso, de um jeito meio vago, que as pessoas do East Side fazem nos dias quentes.

No Battery Park, bebês cambaleantes brincam na grama verde

É tarde de sábado na metrópole e todos os habitantes afortunados escaparam.

As ruas do distrito financeiro estão desertas. De vez em quando, um policial em mangas de camisa percorre a Wall Street, girando o cassetete pela alça de couro. O silêncio é tão grande que dá para ouvir, ao caminhar por uma rua estreita, o barulho em *staccato* das máquinas de escrever em um dos poucos escritórios que ainda têm gente trabalhando. Nenhuma bandeira tremula nos vários mastros. Os joalheiros na parte baixa da Broadway já esvaziaram as vitrines para o fim de semana e fecharam as portas. Todos os restaurantes estão fechados. Eles só vão reabrir na segunda-feira de manhã.

Nessas ruas estreitas de empresas e de papel picado, não há vida.

Então você atravessa a Bowling Green e chega ao Battery Park. A água suja e azul metálica da baía brilha por entre o verde das árvores, e o sol cai sobre tudo. No meio-fio, um senhor sírio vende pacotes de papel com amendoins jumbo recém-torrados, a cinco centavos. O vapor escapa pelo pequeno tubo de cobre do torrador de amendoim, emitindo um som alegre, e os amendoins quentes têm um cheiro bom.

[262] *Knish* é um salgado do Leste Europeu que lembra uma esfirra: é uma massa com recheio de carne moída temperada que pode ser assada, cozida ou frita.

A mulher na banca de jornais arremessa grãos de milho na calçada e os pombos gordos que se empoleiram nos beirais da aduana descem voando, emitindo sons desagradáveis com a garganta, para pegar a comida.

E a grama verde do Battery está coberta de humanos. Bebês arrogantes correm cambaleando pela grama verde, com os braços esticados, rindo.

Indigentes deitam à sombra das estátuas, dormindo para superar a ressaca. De vez em quando, um deles saca uma garrafinha de uísque do tipo que é vendido para os pobres nos bares da zona portuária e dá um gole. Ele bufa, balança a cabeça e volta a dormir. Aqui e ali, pela grama do Battery, você encontra essas garrafas de uísque vazias.

E o parquinho no lado leste do parque, sob a ferrovia elevada, está repleto de crianças. Adultos colocam suas crianças na balança e empurram de um lado para o outro, sem parar. Crianças se contorcem nas engenhocas geométricas feitas com tubos de aço do parquinho. Menininhas usam os bancos de madeira para jogar damas e *bridge*.

Em um canto afastado, um bando de crianças mais velhas brinca de *Going to Town*[263]. Um garoto está parado fazendo perguntas. Os outros, de braços dados, dançam sem parar enquanto respondem às perguntas.

"O que vocês estão fazendo aqui?", canta um garoto.

"Nós queremos nos casar", cantam os outros, dançando. "Com quem será, com quem será…"

E os jardineiros do parque estão podando as cercas vivas. Eles acumularam um monte enorme de mato debaixo da ferrovia elevada. E ambulantes com casacos brancos e caixas dependuradas nos ombros caminham pelo parque.

"Olha o sorvete", gritam eles. "Olha o picolé. Cinco centavos."

E todos os bancos que margeiam a grama estão ocupados. As pessoas tomaram seus banhos de sábado e todas estão cientes de sua limpeza. Todas as cores do mundo aparecem nos vestidos das garotas sentadas nos bancos.

E bandos que vieram de fora da cidade conversam animados debaixo dos dois cavalos-marinhos de bronze na entrada do Aquário. São essas pessoas que acreditam

[263] *Going to Town* é uma brincadeira em que duas crianças ficam de costas uma para a outra, com os braços entrelaçados, e uma delas inclina o corpo para a frente até tirar a outra do chão. No Brasil, existe uma brincadeira parecida com essa, chamada "corrida costas com costas", em que os participantes carregam o parceiro nas costas em vez de apenas se inclinar sem sair do lugar.

que Manhattan é um bom resort de verão, e de fato é. Ouça o que elas falam e você vai ficar impressionado com seus sotaques.

Mais ou menos de hora em hora, um dos ônibus de turismo vem de fora do centro e estaciona perto da lanchonete na parte norte do parque e uma multidão tímida desce do ônibus, caminha até o Aquário e observa os peixes. E, quando eles aparecem, os fotógrafos da calçada, os vendedores de flâmulas e as velhas com cestas de cartões postais e de suvenires dourados têm o que fazer.

"Leve uma lembrancinha de Nova York", berram as velhas, oferecendo as cestas de cinzeiros dourados com a Estátua da Liberdade ou com o horizonte da cidade. "Leve uma lembrancinha. Só dez centavos."

E os cidadãos se aglomeram para esperar a balsa de Staten Island que vai para Midland Beach, para New Dorp Beach e para South Beach e para todas as outras praias na costa de Staten Island.

E todos os barcos pesqueiros partiram do Battery faz tempo. Às sete horas da manhã, o *Edith*, do capitão Dan Bailey, partiu carregado de pescadores ansiosos, bem equipados com minhocas e uísque de centeio. E nove vezes por dia os barcos brancos da frota Rainbow partem do cais 1 para Coney Island, e duas vezes por dia eles têm Rockaway Beach como destino. E, quando o sol se põe, os vendedores de excursões de barco ficam ocupados.

"Venha navegar com o Mandalay", berra um deles. "Venha navegar à luz da lua com o Mandalay."

Bandas tocam música em todos os barcos.

"Venha navegar com o Americana. Navegue à luz da lua pelo Hudson River e veja um espetáculo da Broadway a bordo do Americana."

No navio a vapor Bear Mountain, uma faixa anuncia Espetáculo a Bordo: o Florescer do Algodão. Os deques dos navios de excursão ficam cheios muito rápido. Abaixo deles, na praia de concreto, crianças maltrapilhas dão cambalhotas e mendigam moedas arremessadas pelos passageiros.

"Jogue uma de cinco centavos", berra um menino, dando uma cambalhota.

Alguém arremessa um monte de moedas de um centavo. As crianças brigam por elas. São tão ferozes quanto macacos de briga. Se uma criança ganha muitas moedas, as outras se juntam para bater nela. Assim como os meninos que mergulham atrás de moedas no cais Day Line, em Poughkeepsie, eles guardam as moedas de um

centavo na boca. Quando os barcos de excursão partem, as crianças estão com a boca cheia.

E quando os barcos se afastam do porto, multidões caminham até o coreto no meio do Battery. É um coreto antigo, de madeira, como eram feitos em 1900, com estacas e entalhes. Ao redor do coreto, há árvores com troncos descascando, e as luzes da rua lançam sombras das folhas verdes das árvores sobre as calçadas de concreto.

E o proprietário da barraca de refrigerantes colocou mesas e banquinhos feitos de arame trançado do tipo que só se via nas farmácias ao redor do parque, e as pessoas se sentam lá para tomar imitações de suco de laranja e para ouvir música. E os marinheiros e as garotas andam de mãos dadas, trocando beijos desajeitados pelo caminho.

E, xingando a plenos pulmões, dois homens começam a se esmurrar. Eles brigam com vontade. Uma multidão se aglomera para dar palpites. Logo surge um policial, sem correr, ele não tem pressa. Ele separa a briga com golpes de cassetete. Os briguentos saem um para cada lado, resmungando palavrões. A multidão se dissipa.

"As melhores músicas!", berra um vendedor ambulante. "Cinco centavos."

9. Nenhum pecado de sábado à noite na Linha Noturna

Num sábado à noite do mês de maio, fui pautado para descobrir se é verdade o que dizem sobre a Linha Noturna. Subi o rio no *Trojan*, um navio a vapor da Hudson River Navigation Corporation, de Sam Rosoff, a linha mais antiga que existe. Era a primeira viagem do Trojan na temporada e minha noite foi sóbria e inocente.

O navio rangente fez um percurso tranquilo, transportando quarenta e nove passageiros sedados com cerveja e uma carga de peles e pasta de madeira do Píer 52 em Manhattan, incrementada com os frangos e patos dos galpões do Gansevoort Market, até a Steamboat Square em Albany. O Trojan tem duzentas e vinte e nove cabines e capacidade para dois mil passageiros, e os quarenta e nove cidadãos que fizeram a primeira viagem tinham bastante espaço. Parece que era cedo demais na temporada para um pecado de sábado à noite no Hudson. Em nenhum momento durante a viagem havia mais que sete pessoas sentadas ao redor do balcão quadrado

do bar do navio, e John Quinn, o *barman*, tirou seu avental às onze horas da noite, tomou um copo de Guinness como saideira e trancou seu estoque de garrafas. A maioria dos passageiros era de meia-idade, e à meia-noite estavam todos na cama, e quando o navio aportou em Albany às seis da manhã de domingo, não havia nenhuma ressaca a bordo.

A Linha Noturna tem uma reputação injusta, e fiquei desapontado. No mundo burlesco e no vaudeville, a Linha Noturna é sinônimo de libertinagem. Lembrando de dúzias de piadas sobre as atividades desinibidas e intensas dos passageiros da Linha Noturna, passei horas perambulando desesperado pelos deques e a coisa mais profana que vi foi uma mulher fumando um cigarro, a danada. Por volta das dez horas da noite, os deques estavam desertos. Espantado com a pureza dos passageiros, eu me encaminhei para o deque do bar e joguei *pinball* apostando dez centavos por rodada com o comissário de bordo.

O comissário de bordo ganhou oito rodadas seguidas. Depois disso fui até a ponte de comando, onde o capitão George H. Warner, careca e conversador, estava sentado observando o segundo piloto, William Burlingham, que percorria o canal tortuoso do Hudson, fazendo a embarcação ziguezaguear de um lado para o outro do rio. À medida que o velho vapor – construído em 1909, em Hoboken – subia o rio, a vinte e cinco quilômetros por hora, o capitão apontava pontos de referência. Ele apontou uma luzinha vermelha no meio do rio e disse: "Aquilo é uma lanterna pendurada em uma das boias de uma rede de pesca. O rio está cheio de sáveis neste ano. Um bom peixe; não existe café da manhã melhor que um prato de sável".

"Eu gosto das ovas", disse Mr. Burlingham. "Não me canso de comer ovas de sável."

Passando por Tarrytown, o capitão apontou para uma colina distante. John D. Rockefeller era vivo nessa época e o capitão disse: "O velho John D. vive lá em algum lugar. Que homem! Cheio de dinheiro. Que homem!". Passando por Ossining, ele apontou para as luzes festivas da Prisão Sing Sing, deu uma risadinha e disse: "Ali fica o Country Club". Devia ser uma piada antiga, mas tanto o capitão quanto Mr. Burlingham pareciam gostar dela. Eles olharam para os muros da prisão e gargalharam.

O capitão é a terceira geração de sua família a trabalhar no Rio Hudson. Ele mora em Troy. Trabalha na Linha Noturna há quarenta e cinco anos. Prolixo, ele gosta de recitar poesia do tipo de Edgar Guest para seus encarregados e, numa das

paredes da ponte de comando, pendurou um lema que serve de inspiração: “Fique satisfeito por estar vivo”. Ele fica indignado com a reputação que os comediantes do vaudeville deram à Linha Noturna.

“As pessoas acham que os barcos da Linha Noturna estão cheios de mulheres fáceis, bêbados e jogadores, e isso é um absurdo”, disse ele, socando o braço da cadeira com o punho fechado. “Nós procuramos manter esses elementos fora dos barcos. Existe um certo tipo de mulher que sobe e desce o rio atrás de homens perturbados. Elas são chamadas de ‘cavaleiras’. Nós temos um vigia e, se ele vê uma dessas mulheres subindo e descendo o rio, uma noite atrás da outra, causando problemas, ele pede educadamente para ela parar.

“Eu costumava ir aos shows de vaudeville e ouvia fazerem piadas com a Linha Noturna. Eles só falavam ‘Linha Noturna’ e as pessoas começavam a rir. Isso me irritava. É igual com o Brooklyn. Quando eles falam ‘Brooklyn’ num show, as pessoas riem, mas o Brooklyn não tem nada de engraçado. Isso me incomodava. Se eu fosse o proprietário da Linha Noturna, processaria por danos morais todo mundo que faz piada suja com ela.

“Aquela conversa sobre jogos e festas extravagantes nos barcos é um exagero. Isso me lembra uma história. Numa noite, o vigia passou por uma cabine e ouviu uma mulher chorando e gritando: ‘Pare! Pare!’. O vigia pensou que um homem tinha arrastado uma mulher para dentro cabine. Ele bateu na porta e disse: ‘Quê que está acontecendo aí?’. O homem berrou: ‘Não está acontecendo nada, só estou arrancando uma coisa! É um emplastro das costas da minha mulher!’. O vigia saiu correndo.”

O capitão Warner disse que, numa ocasião, levou o reverendo Divine e dois mil fiéis a bordo do *Trojan* numa excursão, e que essa foi uma das viagens mais angustiantes que el fez.

“Foi uma confusão”, disse ele, bufando. “Eles se reuniam nos deques e ficavam pulando e batendo palmas e gritando ‘Paz! Que maravilha!’. Fui falar com o reverendo e disse: ‘Tudo bem vocês louvarem o Senhor, mas não precisa fazer tanto alarde’. Do jeito que eles estavam pulando, achei que o barco não fosse aguentar. Fora isso, eles eram tranquilos. Eles não poupam energias quando estão louvando.”

Aquela noite, no entanto, estava monótona na Linha Noturna; ela parecia o saguão de um resort na estação baixa. O garçons negros, vestindo paletós novos engomados, estavam imóveis no salão de jantar e lançavam olhares soturnos para as cadeiras vazias. Em silêncio, os poucos clientes, comendo carne cozida com raiz-

forte, frango ou peixe, os pratos típicos dos navios do Hudson, não demonstravam muita alegria à medida que o Trojan avançava rio acima.

Poucos foram até o deque para ver os expressos noturnos da New York Central seguindo para Manhattan na margem leste do Hudson. Alguns foram mais adiante e ficaram debaixo da ponte de comando, observando o capitão Warner apontar o holofote para as alvarengas de areia e cascalho que se arrastavam pelo rio. Alguns se sentaram ao redor do bar para beber cerveja – dos quarenta e nove passageiros, apenas cinco bebiam uísque.

Era óbvio que eles não pegaram a Linha Noturna em busca de libertinagem. Queriam ar fresco, ou uma boa noite de sono, ou desembarcar em Albany.

10. Execução

Na noite passada, uma multidão deprimente de familiares de três assassinos sentenciados à cadeira elétrica se aglomerou nos degraus da Prisão Sing Sing, à espera. Eles compartilhavam uma garrafinha de uísque e sussurravam entre si. Ainda estavam lá quando o baixinho, magro e arqueado Robert Elliott, que trabalha como verdugo para o Estado, subiu as escadas com dificuldade e entrou no saguão bloqueado.

"Esse é o Elliott", sussurrou um motorista de táxi, sentado com os parentes. "É ele que aperta o botão."

Os parentes se viraram para ver. Elliott bateu no portão e um guardião o deixou entrar. O verdugo carregava uma bolsinha preta de viagem. Ele acenou para o guardião e subiu as escadas para preparar os utensílios com que daria um fim aos três homens que conseguiram, depois de uma quantidade fantástica de problemas, assassinar Michael Malloy, o "bebum imortal".

Na noite anterior, o trabalho de Elliott não correu tão bem quanto o esperado porque apenas três dos quatro homens agendados para morrer por eletrocução ocuparam a cadeira. Duas horas antes do horário marcado para sua morte, o quarto homem conseguiu uma suspensão temporária de pena por duas semanas porque alguém acredita que ele é deficiente mental. Assim o Estado pagou ao verdugo quatrocentos e cinquenta dólares pela noite de trabalho, em vez de seiscentos.

Os três que estão na vez para "o rabo quente", como dizem em Sing Sing, são os principais integrantes da gangue que matou o bebum para ficar com o seguro de vida de um mil duzentos e noventa dólares. Isso foi em fevereiro de 1933. A questão foi acertada em um barzinho ilegal no número 3.804 da 3rd Avenue, um lugar encardido que agora está desocupado.

Anthony Marino, 28, o proprietário, precisava de dinheiro e, numa noite, ele disse: "O movimento está péssimo". Frank Pasqua, 25, um agente funerário do Bronx que estava no balcão do bar, analisou o problema. "Por que a gente não faz um seguro de vida para o Malloy e acaba com ele?", perguntou Pasqua.

Joseph Murphy, 29, cujo nome verdadeiro é Archie R. Mott, um *barman* no estabelecimento de Marino, e Daniel Kriesberg, 30, um vendedor de frutas que passava bastante tempo no bar, foram os escolhidos para ajudar no assassinato.

Malloy, um ex-engenheiro ferroviário que há anos era um bêbado arruinado, tinha seguro. Os assassinos passaram a servir uísque envenenado para ele. Malloy gostou do uísque.

Eles lhe serviram ostras em conserva de metanol. Malloy gostou das ostras.

Eles lhe deram um prato de sardinhas envenenadas com estanho em pó. Malloy gostou das sardinhas.

O bebum era teimoso. Continuaram a servir metanol para ele e, numa noite, os assassinos o levaram caindo de bêbado até um estacionamento, tiraram sua roupa, jogaram vários baldes de água nele e o deixaram lá para morrer. Na manhã seguinte, Malloy entrou no bar e disse: "Me dá uma dose daquele uísque bom. Estou quase congelando".

Ele foi atropelado duas vezes, de propósito, por um táxi. Foi uma experiência difícil.

Assim, na noite de 22 de fevereiro de 1933, o bando gentil levou o bebum até uma sala mobiliada no Bronx, alugada especialmente para a ocasião, e enfiou um tubo de gás na boca dele.

Malloy morreu. Pasqua, o agente funerário, arranjou um médico para assinar a certidão de óbito que indicava pneumonia como a causa da morte. Depois ele foi enterrado em um dos caixões mais baratos de Pasqua.

Mas a companhia de seguros conseguiu que o corpo do bebum fosse exumado e assim, na noite passada, quatro homens ocupavam as celas pré-execução. Eles deveriam ser executados às onze horas da noite. Às nove horas, um telefonema do

governador em exercício M. William Bray deu a Murphy duas semanas de suspensão temporária de pena com base no argumento do advogado que diz ter novas provas dos problemas mentais de Murphy.

Mas não chegou nenhum telegrama para Pasqua, nem para Marino, nem para Kriesberg. Assim, alguns minutos antes das onze horas, dois furgões estacionaram nos fundos do prédio administrativo da prisão, do lado de dentro dos muros.

Dentro dos furgões, entraram os cerca de trinta homens selecionados pelo Estado para testemunhar a execução dos três cidadãos. Os familiares, teimosos, ainda aguardavam nos degraus de pedra.

O furgão percorreu lentamente o pátio da prisão e parou na faixa que levava à casa da morte. As testemunhas desceram dos carros e aguardaram debaixo da luz da lâmpada. Foram orientadas a percorrer a faixa em fila única. Ao fim da faixa, dois guardas avaliaram e habilmente revistaram cada uma das testemunhas. Em seguida, as testemunhas, em meio a um empurra-empurra para ver quem se sentava na primeira fileira, entraram na câmara de execução.

É uma salinha. Cinco bancos para as testemunhas ficam à direita de quem entra. A cadeira elétrica está no meio da sala. Em cima de três camadas de tapetes de borracha.

Há uma placa em cima da porta por onde os condenados são escoltados. Ela diz: “Silêncio”. Na porta, estava o chefe dos carcereiros John J. Sheehy. Ele permanecia imóvel, com as bochechas rosadas, solene, mexendo no molho de chaves do cinto. De um lado da cadeira ficava uma maca. Do outro, um balde de madeira.

Frank Pasqua, o agente funerário do Bronx, foi o primeiro. Ele usava pantufas, um suéter cinza e um par de calças de flanela amassadas. O padre John McCaffery, o capelão católico da prisão, caminhava ao lado dele.

As testemunhas se agitaram nos assentos quando o humano pálido de olhos arregalados entrou na sala e um carcereiro disse: “Silêncio, por favor”. Pasqua se sentou na cadeira. Ele não disse nada. Arregalava os olhos.

Diante do rosto cinza de Pasqua, o padre ergueu um crucifixo. Pasqua se inclinou um pouco para beijá-lo.

Elliott, o verdugo, entrou na sala. Ele trabalhava metodicamente. Ajustou o capacete, depois o capuz, sobre a cabeça de Pasqua. Em seguida, começou a amarrar Pasqua à cadeira. Um carcereiro se ajoelhou para ajustar o eletrodo na perna de Pasqua.

Elliott saiu da sala. Os interruptores ficam em outra sala. As testemunhas podiam ver os dedos de Pasqua apertando os braços de madeira da cadeira elétrica. Ele apertava com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

As testemunhas puderam ouvir Elliott acionando o interruptor.

Não demorou muito – apenas três minutos.

Eles colocaram o homenzinho pálido, ainda de olhos arregalados, sobre a maca e o levaram para a sala de autópsia.

Depois trouxeram Anthony Marino, o proprietário do bar que precisava de dinheiro. Elliott mergulhou o capacete no balde de salmoura. Ele o ergueu pingando. Esfregou com a mão para tirar um pouco da água. E o colocou sobre a cabeça de Marino.

Marino tinha um sorriso pálido. Ele beijou a cruz de marfim oferecida pelo padre. Não parava de sorrir. Ele cruzou as pernas, mas um carcereiro o obrigou a descruzar para que o eletrodo pudesse ser fixado na perna direita.

Elliott, o pequeno verdugo metódico, saiu rápido da sala e acionou o interruptor que enviou 2.200 volts de eletricidade para o corpo de Marino. Demorou três minutos.

Demorou só dois minutos para matar Daniel Kriesberg, o vendedor de frutas com expressão irônica. Ele entrou na sala, menos pálido que seus comparsas, e se sentou. Foi escoltado pelo rabino Jacob Katz, o capelão judeu.

Assim que a eletricidade zuniu no corpo do homem na cadeira, o rabino saiu da sala, segurando firme contra o peito o Velho Testamento.

"Todos para fora", disse um carcereiro. "Sem fazer barulho."

Os familiares ainda estavam aglomerados nos degraus da prisão. Eles ficaram de pé, nas sombras, distantes, enquanto as testemunhas iam embora. Uma mulher começou a chorar.

Um dos homens deu o último gole no uísque e jogou fora a garrafa.

Os familiares aguardavam para reclamar os corpos dos três homens que mataram um bebum por um mil duzentos e noventa dólares. Eles demoraram para matar Malloy. O Estado levou apenas dezesseis minutos para matar os três.

Capítulo VII

É um jeito de ganhar a vida

1. A ficha na polícia lista cinquenta e três prisões

Harry Lewis, um sujeito discreto e educado do Lower East Side, é um dos batedores de carteiras mais talentosos do país há trinta e cinco anos. Frequentando lugares movimentados como saguões de teatro, metrôs na hora de pico e elevadores de arranha-céus ao meio-dia, ele sorrateiramente bateu a carteira de milhares de pessoas. Trabalha em várias cidades do leste e sua ficha na polícia mostra que foi preso pelo menos cinquenta e três vezes, por enquanto.

Ele tem quarenta e oito anos e parece mais jovem, apesar de ser quase completamente careca. Os registros policiais mostram que ele trabalhou usando seis nomes falsos. Na primeira vez em que foi preso, dizia se chamar Noah Berns. Isso foi em 1901, e ele foi acusado de ser uma criança incorrigível. Na última vez em que foi preso, dizia se chamar Harry Lewis. Nessa ocasião, ele estava parado na entrada de um estúdio da National Broadcasting Company, no oitavo andar do RCA Building, no Rockefeller Center. Quando foi preso, de acordo com o autor da denúncia, ele tinha "a mão esquerda no bolso esquerdo da calça de um homem desconhecido". Ele foi acusado de roubar carteira.

Um estenógrafo da corte me telefonou para falar de Lewis. Ele disse que Lewis era "inteligente demais para um batedor de carteiras". Fui falar com o batedor de carteiras na cadeia do Seventh District, uma estrutura encardida debaixo da ferrovia elevada na 6th Avenue, na West 53rd Street, 317. Lewis estava em uma cela, aguardando sua sentença. Quando foi levado perante o magistrado Michael A. Ford do Tribunal do West Side, ele se recusou a dizer qualquer coisa além de: "Acho que sou culpado". Na cela, ele tinha duas revistas esfarrapadas sobre o Velho Oeste e quatro maços de cigarros. O estenógrafo disse que, quando o carcereiro veio buscá-lo na cela para levá-lo até o juiz, ele dobrou a ponta da página em uma das revistas para marcar o lugar onde tinha parado de ler. Depois de se declarar culpado, voltou para a cela e retomou a leitura.

Mandei um bilhete e Lewis aceitou falar comigo. Ele ficou por alguns minutos em um banco sujo de madeira de frente para uma fileira de jaulas usadas para os recém-chegados. Tinha boa postura e era musculoso, com olhos castanhos e traços comuns. Pegou três anos de cadeia, mas não parecia particularmente incomodado com isso; mais tarde descobri que o confinamento deixou de ser um incômodo para ele. Nos filmes, um batedor de carteiras costuma ser matreiro e tosco, mas Lewis tinha um olhar sincero e era objetivo ao falar sobre o modo como ganhava a vida. Notei que as mãos dele eram grandes e que seus dedos não pareciam ágeis. Ele estava usando um terno azul que parecia de boa qualidade. Seus sapatos e sua camisa eram novos.

"É a primeira vez que eu falo com um repórter", disse ele. "O que você quer me perguntar?"

"Gostaria que você me falasse um pouco sobre seus crimes", respondi.

"Caramba, crimes!", disse o batedor de carteiras. "Não são crimes. São roubos insignificantes. Nunca cometi crime nenhum. Bater carteira já foi bom. Agora os policiais do esquadrão B.C. [contra Batedores de Carteira] me conhecem e sou trazido para cá toda vez que eles me veem. É como dar com a cabeça na parede."

Para enfatizar, o batedor de carteiras deu um tapa na parede suja da cadeia. A conversa foi interrompida por uma garota de uma das jaulas que queria um cigarro. O batedor de carteiras ofereceu um cigarro através das grades, acendeu para a garota e deixou que ela ficasse com o maço inteiro.

"Gostaria que um psiquiatra me avaliasse porque tenho certeza de que existe alguma coisa errada comigo", disse ele. "Eu devo ter algum problema no cérebro. Pode ser até o ambiente em que eu vivo. Sou um garoto do East Side, de uma família com sete filhos, e tinha que dar um jeito de forrar o estômago. Quando arranjo dinheiro, deixo de ser batedor de carteiras. E passo a ser apostador. Quando o dinheiro acaba, recomeça tudo de novo."

Ele se recusou a demonstrar a técnica de bater carteiras.

"O batedor de carteiras é visto como o tipo mais baixo de criminoso", eu disse a ele. "Você tem orgulho do que faz?"

"Não muito", disse ele. "Gostaria de ser um agente de apostas. Gosto mais de apostas. Sou mais um apostador do que um batedor de carteiras. Sei que sou considerado o tipo mais baixo de bandido, mas isso não quer dizer nada. Quer dizer, os policiais me xingam por roubar dinheiro de gente pobre. Caramba, não sou o único

que rouba dinheiro de gente pobre. Todo mundo rouba dinheiro de gente pobre. Existem vários banqueiros que não são muito melhores do que eu."

O rosto do batedor de carteiras era bronzeado e lhe dava a aparência de alguém que havia passado várias semanas em uma praia da Flórida.

"Tomei sol", disse ele, "mas não vou dizer onde. Eu me mantenho em forma. O que acaba com os batedores de carteira é a droga. É o fim quando eles começam a usar droga. Bebida, sim. Mulheres, sim. Mas droga, não. Ela acaba com você. Quando um batedor de carteiras começa a sentir medo, ele apela para as drogas. Quinze meses batendo carteira foi meu máximo de tempo seguido e, se eu pudesse escapar dessa confusão toda, eu queria tomar jeito."

"O policial me disse que você sempre diz que está tomando jeito quando eles prendem você", eu disse.

"Eu não faria isso", disse Lewis, soando ofendido. "Sei que roubar é errado e tudo mais, mas esse não é o problema. Eu preciso comer."

Fiz várias outras perguntas para o batedor de carteiras, mas ele foi ficando taciturno e não me respondia. Ele me deu algumas informações sobre a rotina na cadeia.

"Eu durmo", disse ele. "Consigo dormir por semanas. Acho que não sou normal. Posso dormir minha sentença inteira."

Pouco depois, Lewis olhou para mim e disse: "Acho que essa conversa não está fluindo, parceiro. Se você me der licença…". Perguntei se poderia mandar alguns cigarros para ele, mas ele balançou a cabeça e disse: "Tenho amigos fora daqui. Eles cuidam do meu tabaco, das minhas revistas, coisas assim". Ele me deu um aperto de mão e voltou para suas revistas do Velho Oeste. Saí da cadeia e fui ao quartel-general da polícia para ver o capitão William J. Raftis, o chefe do esquadrão B.C. Queria saber o quão bom Lewis era como batedor de carteiras. O capitão disse que Lewis era bom.

"Ele nunca ganhou muito dinheiro", disse ele. "Quer dizer, ele nunca bateu carteira de gente bêbada. Nunca roubou de mulher. Qualquer um consegue roubar um bêbado no metrô, ou alguém a caminho do trabalho para o turno da noite. Algumas pessoas no metrô têm o sono tão pesado que você pode serrar as pernas delas. Lewis costuma trabalhar com um parceiro que finge estar bêbado para atrair uma vítima. E Lewis bate a carteira da vítima."

O capitão Raftis disse que a maioria dos melhores batedores de carteiras começa muito jovem. Lewis começou sua carreira por volta de 1904.

"Naquela época", disse o capitão, "não havia leis sobre educação compulsória e as crianças podiam ficar na rua e arranjar más companhias. E também não havia leis específicas contra batedores de carteiras. Hoje os batedores de carteiras não se criam. Meu esquadrão e várias leis novas tornam quase impossível a ação deles. Temos policiais esquadrinhando o metrô e cuidando de multidões. Como Lewis disse, bater carteiras hoje em dia é como dar com a cabeça na parede."

2. Um abacaxi

De um lado do palco no Alvin Theatre, duas coristas altas vestindo *bloomers*[264] estavam sentadas num banco comendo sanduíches e bebendo café fraco em copos de papelão. Elas estavam dividindo o mesmo copo e, toda vez que davam um gole, manchavam a borda com batom. Elas falavam de boca cheia.

Um ator entrou e parou debaixo de uma placa que dizia: "É proibido fumar no palco". Parado lá, o ator sacou uma caixa de fósforos e acendeu um cigarro. Atores ensaiavam em todos os cantos do palco. Alguns cantavam e outros berravam suas falas. Dois sapateadores estavam na lateral do palco tentando acertar moedas de um centavo numa rachadura do chão. O dançarino que conseguisse chegar mais perto da rachadura sapateava até as moedas e recolhia seus ganhos.

No fosso do palco, um pianista com um cigarro enfiado no canto da boca irônica, usando um chapéu de feltro na parte de trás da cabeça, martelava sua música. Ethel Merman estava de pé no meio do palco vestindo um enorme casaco branco de pele. Estava friozinho no palco. De vez em quando, uma corista colocava as mãos nos quadris, inclinava o corpo para frente e estremecia. Um ensaio de "Red, Hot and Blue!"[265] estava em andamento.

O astro do espetáculo, Jimmy Durante, estava sentado em uma cadeira bamba, inclinada contra a parede de tijolos no fundo do palco. Era como se quisesse distância

[264] *Bloomers* são roupas de baixo que consistem em uma saia sobre um par de calças compridas.
[265] O musical "Red, Hot and Blue!" (1936), composto por Cole Porter, com libreto de Howard Lindsay e Russel Crouse.

de outros humanos. Parecia abatido. Quando carregava o charuto até a boca grande e torta, sua mão tremia.

"Não posso beber", disse ele, com a voz trêmula. "Só estou aqui agora graças ao meu enorme senso de responsabilidade. Não posso beber. Tudo bem se eu tomar um copo de vermute ou um pouco de vinho tinto. É tranquilo. Mas, na noite passada, eu estava com sede e fui ao bar do outro lado da rua e disse para o *barman*: 'O que você recomenda?'. E ele me deu um drinque que chamam de Alexander. Tomei uns seis desse Alexander e fiquei zonzo. Quando cheguei em casa e deitei na cama, tudo girava como um ventilador de teto. Estou com enjoo. Estou me sentindo péssimo. Quero morrer.

"Primeira vez que isso acontece em várias semanas. Vou largar mão de beber. E vou aguentar firme. A não ser por um pouco de vinho nas refeições. Vinho tinto, o que eles costumavam chamar de Tinto de Guiné[266], mas nunca gostei dessa terminologia. Os franceses gostam de vinho tinto tanto quanto os italianos."

Uma corista passou por nós, uma ruiva linda com braços longos e bem brancos.

"Não acredite em nada do que ele fala", disse ela.

Durante deu um salto e tascou uma palmada sonora no que pode ser considerado o quadril da moça. Ela deu um gritinho e riu.

"Sua coisinha linda", disse Durante, que se esqueceu da ressaca.

Ele caminhou até a orquestra e ocupou um dos assentos nas primeiras filas, um assento de cinco dólares e cinquenta centavos. Esticou as pernas e apoiou os pés no assento da frente. Parecia mais animado. Duas coristas também estavam sentadas por ali. Uma falava enquanto a outra triturava uma goma de mascar.

"Daí ele disse para mim: 'Você é exatamente o que o médico me receitou'", disse a corista. "E eu disse: 'O seu médico deve ser um dentista, seu sem-vergonha, não encoste em mim'. Pode uma coisa dessas? Conheci o sujeito há meia hora e ele já estava tentando me beijar."

"É", disse a colega dela, "que sem-vergonha".

"Eu gosto mesmo dessa vida", disse Durante. "Quando eu era menino na Catherine Street, eu trabalhava entregando jornais. Pegava uma pilha de quinhentos

[266] No original, *Guinea Red*. A expressão tem origem obscura e pode significar *vinho barato*, em referência à moeda cunhada pelos britânicos entre os séculos XVII e XIX. Pode também ser uma gíria para *vinho italiano*, mais usada em Nova York (esse significado faz sentido no contexto da história que o ator Jimmy Durante relata para Mitchell).

jornais, de edições noturnas, sabe como? Colocava nas costas e levava para as quatro bancas da 3rd com a 14th Street. Naquela época, um jornal tinha só doze páginas e um guri aguentava carregar quinhentos. Hoje em dia esse volume acabaria com qualquer um. Esmagaria o guri.

"Então levava os jornais lá. Depois eu percorria as quebradas da vizinhança. Eu espiava debaixo daquelas portas de vaivém feitas de vime que eles tinham nos bares e via os homens dançando com as mulheres, e bebendo, e o pianista mandando ver no piano, e eu pensava com meus botões: 'Nossa, se eu conseguisse um emprego nesse lugar, seria o paraíso'. Ainda penso assim. Trabalhar no palco pode ser um abacaxi para algumas pessoas, mas é mamão com açúcar para mim. Dá uma olhada naquela loira. Caramba!"

Sentado no teatro mal iluminado, cuidando de sua ressaca, o artista de nariz grande começou a falar de sua infância, dos dias em que corria livre pela Catherine Street, fazendo travessuras com outras crianças, dos dias em que gostava de andar descalço e em que era obrigado a vestir calçados no inverno, dos dias em que aprendeu que podia erguer o nariz e falar sem parar porque acabaria dizendo alguma coisa engraçada. Ele ainda usa essa mesma técnica. Ele a aprendeu quando morava no número 90 da Catherine Street com os irmãos – Michael, que se tornou fotogravador, e Albert, que se tornou policial, ambos já morreram. Seu pai, o velho e robusto Bartholomeo Durante, hoje com oitenta e sete anos, que foi dono de uma barbearia no número 87 da Catherine, achava que o filho estava maluco quando voltava para casa falando absurdos sobre alguma experiência que havia tido na rua.

"Quando criança, a gente se divertia", disse ele. "Eles demoliram o lugar onde ficava minha casa e onde meu pai tinha a barbearia. Demoliram para construir um condomínio de alta classe, o Knickerbocker Village. A maioria do pessoal que morava ali acabou se mudando. Às vezes eu saio para passear à noite e caminho pela região para ver se encontro o pessoal, ou o que sobrou dele. Como da vez que vi Eddie De Rosa. Ele é dono de uma farmácia no número 94 da Catherine.

"Nossa, eu ia lá no Eddie quando levava um sopapo no nariz ou, sei lá, quando tinha uma unha encravada no pé. E ele passava iodo e fazia um curativo. Fui ver o Eddie e a gente conversou sobre os velhos tempos, quando o East Side ainda valia alguma coisa.

"Fui para a escola pública. Parei de estudar no sexto ou no sétimo ano. Quando eu era mais novo, dizia que tinha feito o ensino médio, mas para que mentir desse jeito? Todo mundo sabe que eu não estudei."

O artista se esqueceu completamente da ressaca. Falou de uma pizzaria que gosta de visitar por causa da pizza ou por causa das tortas salgadas de queijo e tomate que você vê nos restaurantes italianos. Ou por causa de um prato de espaguete com três colheradas de molho de carne. Ele é tão humilde quanto um fiscal de metrô e, quando começa a falar de comida, não para mais. É do tipo que entra numa cafeteria com uma edição da *Variety* enfiada no bolso do casaco e pega um lugar no balcão. Em dez minutos de conversa com o atendente, ele estará dando palpite sobre como administrar o negócio.

O artista estala os dedos.

"Aliás", disse ele, "você devia ver meu pai comendo. Ele é um velhinho de oitenta e sete anos. Agora, ele mora na Palmetto Street, no Brooklyn, com a minha irmã, Mrs. Lillian Romano, mas passou dois anos comigo em Hollywood. Como eu me divertia com ele!

"Ele adora vinho. Na viagem para cá, a gente estava no vagão-restaurante e eu chamei o garçom de lado para pedir que ele servisse uma garrafa de vinho para o meu pai, mas que não deixasse a garrafa na mesa. Ele serviu uma taça e estava levando a garrafa embora. Mas meu pai pegou o garçom e arrancou a garrafa dele. Nossa, ele puxou a garrafa com tudo. Quase morri de tanto rir. O garçom negro disse: 'Mr. Jimmy pediu para eu servir um pouco de água'. Meu pai surtou. Ele disse: 'Com água, você lava o rosto. Com vinho, você lava o estômago'. Quando viu que o garçom ia levar o vinho embora, ele levantou a voz. 'Aonde você pensa que vai com o vinho?', berrou ele para o garçom.

"Veja, meu pai é barbeiro. Ele deixou Salerno, na Itália, e veio para cá atrás de um trabalho na ferrovia elevada da 3rd Avenue. Ele era apenas um trabalhador comum, mas tinha bom senso. Bom, ele se aposentou muitos anos atrás, mas ainda anda com as ferramentas para cima e para baixo, a tesoura e a navalha. Cortar cabelo é a vida dele.

"Meu pai diz para qualquer um que apareça na minha casa: 'Você precisa cortar o cabelo', pegando no cabelo da pessoa. Se a visita não se incomodar, ele faz a pessoa sentar ali mesmo para cortar o cabelo. E não quer dinheiro. Um dia, ele estava comigo num set de filmagem e viu o Johnny Weissmuller com seu cabelo longo e

esvoaçante. Meu pai quase teve uma síncope. Ele chegou para o Johnny e disse: 'Qual é o problema com você? Por que você não corta o cabelo? Sente aí que eu corto para você'. Tive que tirar meu pai dali. Todo dia de manhã, ele vai até a casa do padre em Ridgewood, onde mora, e faz a barba do padre. Ele não aceita nem um centavo como pagamento. É só um jeito de ele se entreter."

O artista se levantou e acendeu um charuto. Chovia lá fora. Ele caminhou até a porta que dava acesso ao palco. Um grupo de coristas se amontoava esperando a chuva diminuir para que pudessem dar um pulo na farmácia e tomar um café. Elas usavam casacos sobre as roupas de ensaio. Duas delas cantavam canções do espetáculo.

"Olha só essas belezinhas", disse Durante, juntando as mãos como se fosse rezar. "Tenho culpa por gostar desse trabalho? Ora, é um privilégio trabalhar aqui. Eu é que devia pagar o meu patrão pelo privilégio de trabalhar aqui. Nossa."

3. Anarquista da cidade adora fazer o papel de vilão

Numa das últimas noites da mais recente campanha política ocorrida na cidade, Max Steuer fez um discurso amargo e interminável no rádio, no qual ele gritava: "Pois bem, vou contar para vocês que tipo de homem o La Guardia é. Ele faz acordos com criminosos. Ele faz acordos com esse sujeitinho chamado Carlo Tresca".

Ao ouvir esses comentários, muitos cidadãos sérios, confusos sobre o que pensar, acabaram simpatizando ainda mais com Fiorello La Guardia. Eles consideraram a declaração de Mr. Steuer uma recomendação do Fusionista.

Esse homem, Carlos Tresca, é o anarquista da cidade. Ele está exilado nos Estados Unidos – em Nova York, a maior parte do tempo – desde 1904, e é um dos refugiados políticos mais antigos da cidade. Exilado muito antes de Mussolini assumir o poder, ele se tornou, depois de 1922, um líder para milhares de italianos exilados nos Estados Unidos por causa da ditadura fascista. Durante doze anos, um período em que o conflito em torno do programa de Mussolini dividiu em facções os italianos que vivem na América e deu origem a assassinatos, explosões e guerras civis em uma centena de bairros italianos, Tresca levou em frente uma campanha persistente contra o homem que ele às vezes chama de "Bentinho".

Um italiano cordial, de aparência distinta, ele usa um chapéu preto, uma barba abundante e prefere ser considerado um vilão do que um herói. Uma refeição é algo que para ele pode durar seis horas. Por muitos anos, a polícia acreditou – talvez com razão – que ele era um dos homens mais perigosos do país, e que explodia bombas com frequência. Porém, ele é um anarquista esperto.

Depois da explosão ocorrida em Wall Street em 1920, por exemplo, a fotografia dele foi publicada com a legenda: "Procurado pela Polícia". Por fim, integrantes do Esquadrão Antibombas conseguiram localizá-lo no Centro Cultural no número 7 da East 15th Street, sentado em um escritório, quase dormindo em cima de um livro sobre economia política. Descobriram um pacote em seu bolso. Abriram o pacote e encontraram três sanduíches de queijo.

"São uns bons meninos", diz ele, referindo-se ao Esquadrão Antibombas. "Desde então, sempre que surge uma bomba, eles me fazem uma visita. Eles me perguntam o que eu sei, mas nunca sei de nada. Então a gente toma vinho."

Agora, a vida dele é relativamente tranquila. Faz tempo que Tresca, o eterno suspeito das dinamites, o antifascista, o editor militante, o agitador sindicalista, o companheiro de lutas trabalhistas da venenosa Elizabeth Gurley Flynn e da gorda Emma Goldman, faz tempo que ele não é suspeito de cometer um crime terrível. Atormentado pela nostalgia, ele vai ao restaurante, fuma cachimbo, bebe vinho tinto e relembra as manchetes do passado: "Tresca admite plano de atentado contra Rockefeller", "Policiais de Waterbury mais uma vez prendem Tresca: companheiro de cela" e "Haywood, Tresca, Miss Flynn e mais dois condenados".

Ele com frequência fala das cadeias e festivais de anos atrás. Como a Diversão Vermelha dos Anarquistas, em 1915. O evento ocorreu no Harlem Casino e Emma Goldman apareceu vestida de freira. A diversão começou com uma valsa chamada "O Deslize dos Anarquistas", que consistia em inclinar a mulher para trás duas vezes, um passo curto e mais o que Ben Reitman, o empresário de Miss Goldman, batizou de "suingue eterno".

"Isso não é uma maravilha?", teria berrado Reitman quando Miss Goldman tentou em vão dar as duas inclinadas e o passo curto. "Manda ver, Emma."

"Foi divertido naquela noite", disse Tresca, que sempre foi o ídolo das moças anarquistas.

E houve uma vez em que um policial rasgou as roupas de Tresca durante um tumulto na 6th Avenue com a 41st Street, e acabou encontrando um livro. A roupa,

rasgada em três pedaços, foi levada para a delegacia. Em um dos bolsos, os implacáveis policiais encontraram um volume compacto e gasto de *Sonetos de Amor*, de Elizabeth Barrett Browning. Uma linha do poema – "E diga para vossa alma que suas raízes ficaram na minha" – tinha sido grifada e, abaixo dela, estava escrito: "Amo você, Carlo. Elizabeth Gurley Flynn, 12 de dezembro de 1912". Miss Flynn, conhecida como "a Joana d'Arc dos sindicalistas", e líder de muitas greves em fábricas de seda de Nova Jersey, era casada. Tresca também era casado. Por um tempo, os jornais se referiam a eles como "os amantes do sindicato".

Com um prazer sarcástico, Tresca se lembra de outra manchete: "Tresca diz para credores: não tenho um tostão". Um ano atrás, o jornal dele, *Il Martelo* [*O Martelo*], em que Mussolini era vividamente agredido todas as semanas, foi à falência. A tendência que Tresca tem de ficar lembrando do passado não significa que ele está diminuindo o ritmo. Naquela semana, havia voltado de uma viagem pelas comunidades italianas da Nova Inglaterra com Athos Terzani, o antifascista acusado de matar outro antifascista durante um encontro ocorrido no Queens, organizado por Art J. Smith e seus Camisas Cáqui da América, uma organização fascista. Em dezembro, ele volta a publicar *Il Martelo*.

Tresca tem três esconderijos. Ele pode ser encontrado em seu escritório, que fica no último andar de um prédio de *lofts* no número 52 da West 15th Street. O prédio pertence a *La Stampa Libera*, o maior jornal antifascista do país, para o qual ele eventualmente escreve artigos. (Esse é o jornal desdenhado por Steuer em seu discurso no rádio. Ele apoiava La Guardia.)

Você sobe até o escritório em um elevador lento e encardido. A maioria dos editores e repórteres vivia exilada por causa de Mussolini. Eles desconfiam de visitas. Ao meio-dia, os editores espalham queijos e vinhos sobre suas mesas. E Tresca, quando está presente, faz alguns comentários difamatórios acerca de Mussolini.

Tresca também marca presença todos os dias no escritório de Manhattan dos Trabalhadores Industriais do Mundo, no terceiro andar do número 94 da 5th Avenue, um daqueles prédios habitados por artistas comerciais, pintores de placas e organizações radicais. No andar de cima fica o escritório de seu jornal inativo. Há uma fileira de bancos no saguão diante do escritório e dezenas de exilados antifascistas usam o lugar como quartel-general. Eles falam de suas tribulações para Tresca, que costuma dar bons conselhos.

"Claro", disse Tresca, "vou contar tudo que sei sobre os exilados da Itália. Depois que os *fascisti* assumiram o poder em 1922, vinte mil fugiram do país, uma multidão enorme todo mês, e vieram para os Estados Unidos. Foi assim durante anos. Eles tinham crenças políticas bastante impopulares, ou eram maçons, ou não aceitaram mais as coisas como estavam. Por isso foram embora. Os mais famosos e os mais ricos foram para Paris ou para a Suíça. Os pobres vieram para cá.

"O mais famoso a vir para cá foi o professor Gaetano Salvemini, um historiador que foi também membro da Câmara dos Deputados – o mesmo que um parlamentar aqui. No caminho para os Estados Unidos, Salvemini parou em Londres. Lá ficou sabendo que suas propriedades tinham sido confiscadas. Ele riu. 'Que engraçado!', disse ele. 'É um elogio. As únicas propriedades que tenho são uma porção de livros amarelados e alguns móveis'. Agora, ele é um respeitado professor de história em Yale. Se pisar em solo italiano, ele pega trinta anos de cadeia, mas talvez Mussolini reduzisse a pena para vinte e cinco anos. Quem sabe?

"Vincenzo Vacirca também era famoso. Também era deputado. Também teve sua casinha confiscada. Foi um editor famoso aqui e hoje em dia é vendedor de azeite de oliva no Brooklyn. Virgilia D'Andrea era outra, muito famosa nos movimentos trabalhistas da Itália, e uma poeta talentosa. Ela foi espancada, insultada e teve a casa destruída. A única salvação dela era o exílio. Aqui, morreu um mês atrás.

"Houve vários outros muito famosos. Eles se viram de um jeito ou de outro, como você pode ver, mas o que acontece com as grandes massas, os trabalhadores e as pessoas simples? Nada de bom. Só coisa ruim. Nesta cidade, existem pelo menos quinze mil militantes antifascistas. Todos eles odeiam o Mussolini. É certo que pelo menos três mil estão aqui clandestinamente. Eles vivem todos os dias com medo, todos os exilados. Mudam de casa duas, três vezes por mês. Veja, quem está aqui clandestinamente é estrangeiro. Se eles forem deportados, significa que serão mortos na Itália. Por isso eles vivem com um medo terrível. É todo um esquema de extorsão baseado no medo. Os fascistas perseguem os exilados no exterior.

"Um fascista descobre um estrangeiro. Certo. Numa noite, um homem bate à porta. Ele entra e diz: 'Sou do Departamento de Justiça. Você será deportado'. Então ele diz que duzentos dólares podem resolver o problema. É um tipo de exploração, percebe? Acabei com essas extorsões três vezes, mas elas não terminam nunca: tudo fica calmo por um tempo, mas aí um dos meus garotos vem falar comigo e diz que eles estão sendo chantageados de novo no Bronx, ou em Staten Island, em qualquer

lugar onde vivam exilados italianos. É difícil para os exilados ilegais conseguirem emprego. Eles vivem mal. Eles são os soldados desconhecidos da guerra contra o fascismo.

"Na Itália, um homem pode ter que buscar exílio se disser: 'Não há como prosperar aqui. Nada nunca melhora'. Isso é considerado um crime contra a honestidade e a integridade das finanças italianas. Uma vez, Mussolini anunciou que anistiaria todos os exilados. Um amigo meu, Anthony Vellucci, decide voltar para casa. A gente tenta convencê-lo a ficar, mas não adianta. Ele acredita que Mussolini está dizendo a verdade. Ele volta para a Itália. Quando chega ao país, é preso e o governo diz: 'Você precisa passar cinco anos preso na ilha. Depois disso, fica tudo bem'. Um ótimo negócio. Cinco anos naquela ilha de malária e a próxima parada é o paraíso."

Tresca se deleita ao lembrar de um encontro com Mussolini em 1904.

"Na Itália", disse ele, "trabalhei com o sindicato socialista dos trabalhadores das estradas de ferro. Também fui editor do *Il Germa* [*A Semente*]. É um jornal muito poderoso. De repente, fui preso por algo que escrevi, recebi uma sentença de dezoito meses de cadeia ou dez anos no exílio. Escolhi o exílio. Na viagem para cá, parei em Basel, na Suíça. Existe outro exilado vivendo lá. O nome dele é Benito Mussolini. Ele tem um temperamento ruim e é vaidoso, do tipo que gosta de aplausos. Discuto com ele todas as noites. Ele diz ser um homem muito radical, um socialista radical. No dia seguinte, ele se despede de mim na estação e diz: 'Tresca, você não é radical o suficiente'.

"Dá para imaginar uma coisa dessas? Sou um anarquista agora e o que aconteceu com Mussolini, que era muito radical? Um traidor da causa. Ele se lembra desse incidente e, se eu chegar perto da Itália, sou um homem morto."

Quando Tresca chegou a Nova York, conseguiu trabalho como editor no *Il Proletario*. Depois ele foi para Pittsburgh, fundou um jornal anticatólico, *La Plebe*. Todo revolucionário italiano é anticatólico.

"Bom", disse ele, "as igrejas da região se uniram e criaram um jornal para combater o meu. Não deu certo, então começaram a me processar. Não deu certo também. Então arranjaram um sujeito para me matar, pagaram um adiantamento de quinhentos dólares. Ele veio para cima de mim com uma navalha. Está vendo esta cicatriz?"

Tresca tem uma cicatriz enorme que vai do canto da boca até a orelha direita. Ela é decorativa.

"Mas peguei a navalha. E ele não me matou, só cortou minha garganta. Como não conseguiram me matar, colocaram os correios contra mim. Boa manobra. Essa funcionou. Mas fiz outro jornal."

Depois ele saiu de Pittsburgh, prestou auxílio na defesa de Ettore Giovannitti em Lawrence, no estado de Massachusetts, deu assistência nas greves das fábricas de seda de Nova Jersey e na greve dos hotéis de Nova York em 1912. Liderou as greves dos mineradores de ferro de Mesabi Range no norte de Minnesota em 1916, foi preso pelo assassinato de um delegado, mas não foi a julgamento. Durante a guerra, anonimamente e com enorme dificuldade, ele fundou *Il Martelo*. Ao longo de 1917, apenas vinte e sete edições do jornal foram proibidas.

Em 1925, ele foi condenado a um ano na Penitenciária Federal em Atlanta por publicar um anúncio de duas linhas a favor do controle de natalidade. O presidente Calvin Coolidge reduziu a sentença para quatro meses. Tresca se divertiu na prisão em Atlanta. Conseguiu reunir provas de um esquema de tráfico de drogas dentro da prisão e saiu da cadeia com os itens nas solas dos sapatos. O Departamento de Justiça implorou pelas provas, mas ele riu e disse: "Meu único interesse é acabar com o seu governo". A caminho de casa, ele parou em Washington e acompanhou um grupo de estudantes em visita à Casa Branca.

"Eles faziam parte de uma expedição amistosa", disse ele. "Então entrei na fila e apertei a mão do presidente. Eu queria dizer: 'Mr. Coolidge, eu sou o homem da penitenciária que o senhor perdoou. Muitíssimo obrigado'. Mas não disse nada. Fiquei com medo que um guarda avançasse em mim quando ouvisse meu nome e berrasse: 'Pelo amor de Deus, senhor presidente, tenha cuidado. Ele pode ter uma bomba no bolso da calça'."

Alguns anos depois de sair da cadeia, o período bombástico da carreira de Tresca chegou ao fim. Dentro de algumas semanas, ele voltará a publicar *Il Martelo* e mais uma vez sua vida será turbulenta.

4. Investigador da SACAE[267]

[267] No original, *ASCAP (American Society of Composers, Authors and Publishers)*, ou Sociedade Americana de Compositores, Autores e Editores (SACAE).

Na agitada vida noturna desta metrópole, casas noturnas se espalham como fogo em palha seca. Um ex-atendente de cafeteria com ilusões de grandeza usa todas as suas economias para alugar uma loja, um porão ou um salão de um prédio qualquer. Carpinteiros montam um bar de segunda mão com torneiras de chope que não funcionam direito e usam tábuas velhas para fazer uma pista de dança. Algumas caixas do que chamam de vinhos selecionados e de outras bebidas são empilhadas em um canto e toalhas xadrezes são colocadas sobre duas dúzias de mesas bambas. A mulher do proprietário compra algumas panelas, frigideiras e dois potes de cerejas em conserva e entrega a cozinha para "o chef", um ex-encanador com a barba por fazer. Miss Lucy de Lulu, uma aprendiz da dança dos leques, é contratada por doze dólares e cinquenta centavos por semana e uma orquestra – piano, violino, saxofone e bateria – é montada. Luminosos começam a piscar e assim surge El Clippo.

Antes que a alavanca da caixa registradora fique engordurada, um investigador da SACAE, ou Sociedade Americana de Compositores, Autores e Editores, no número 30 do Rockefeller Plaza, ouve falar do estabelecimento conhecido como El Clippo. No instante em que uma casa noturna que usa música ao vivo surge em algum lugar, espera-se que a SACAE cumpra seu dever. Seus investigadores percorrem a cidade de carro à noite e veem os luminosos, ou alguma propaganda.

El Clippo pode ficar lá em cima, no Bronx, debaixo dos trilhos da ferrovia elevada na 3rd Avenue, ou no coração do Harlem, mas sem demora o investigador toma nota em pequenos cartões. É parte do trabalho do investigador convencer o proprietário indignado de que ele precisa de uma licença da SACAE antes que a orquestra possa executar canções como "It's a Sin to Tell a Lie" ou "These Foolish Things (Remind me of You)".

"É um trabalho complicado", disse Russell W. Rome, um ex-jogador de futebol americano da Wesleyan University que se tornou um dos melhores investigadores da SACAE. A maioria dos empresários envolvidos com cabarés e salões de dança no distrito de Nova York é composta de tipos durões. Nem todos são assassinos, é claro, mas você não vai encontrar muitos deles na escola dominical. Alguns atuaram no tráfico de bebidas durante a Lei Seca, outros são gângsteres ou apostadores.

"Quando você faz uma visita para explicar que a SACAE representa os compositores e editores que detêm os direitos autorais da maioria das músicas que

eles tocam, e que eles precisam de um alvará emitido por nós para poder tocar essas músicas, eles normalmente dizem: 'Isso é golpe. Sai daqui, seu vagabundo, dedo-duro, imbecil'.

"Explicar o problema para eles é um trabalho complicado e demorado. Pegue um estabelecimento como esse El Clippo. Na teoria, cobramos uma taxa anual mínima de duzentos e dez dólares, que dá para o proprietário o direito de tocar todas as nossas músicas, mas num lugar como esse o comitê provavelmente decidiria que um valor entre sessenta e noventa dólares por ano seria justo, dependendo da capacidade de público, do número de horas que a orquestra trabalha, de coisas assim. Algumas das casas maiores e mais requintadas chegam a pagar dois mil dólares por ano. Nós emitimos autorizações para hotéis, teatros, salões de dança, cafés e restaurantes, emissoras de rádio e qualquer lugar que tenha uma orquestra.

"Quando abre um lugar novo, nós enviamos uma carta de apresentação explicando o que é a SACAE e solicitamos que o proprietário pague a taxa anual. A cada cem cartas enviadas, noventa e nove são jogadas no lixo. Esperamos uma semana e então enviamos mais um aviso, que também vai para o lixo. É quando o investigador entra em ação. Muitos usam os bares também como escritórios e você tem de ir até o bar para explicar o problema. O sujeito diz que não recebeu as cartas.

"Ele diz que comprou as partituras, pagou caro por elas, e questiona por que nós queremos cobrar por algo que ele já pagou? Pegamos uma partitura e mostramos a linha que diz 'Todos os direitos reservados, incluindo apresentações públicas comerciais'. Isso não significa nada para ele. Se ele é o dono, finge ser só o *barman* e diz: 'Tenho que falar com o patrão'. Ou diz que vai falar com o advogado ou com o líder distrital. Eles sempre têm que falar com alguém. Depois ele diz: 'Vá embora!'."

O passo seguinte é uma carta registrada. Quando esta também é ignorada, o investigador começa a fazer o trabalho difícil.

"Ele vai até o bar e pede uma cerveja", disse Mr. Rome, "ou leva uma garota para ajudar no disfarce, ocupa uma mesa e pede um sanduíche. Sempre bebemos cerveja ou café. Perdi a conta de quantas xícaras de café tomei a serviço da SACAE. Às vezes, chego a visitar dez lugares numa mesma noite. A maior parte de nosso trabalho é feita depois da meia-noite.

"Tudo que o investigador faz é sentar quieto e ouvir a música. Ele anota cada um dos títulos à medida que a banda vai tocando, e quase todas as canções são

composições feitas por nossos membros. A banda toca ‘Is It True What They Say About Dixie?’. É uma música nossa. Toca ‘All My Life’. É nossa também.

“Ele anota todas as músicas. Faz também uma descrição do lugar, de modo que possa responder a perguntas se tiver que testemunhar caso a gente tenha que mover um processo. Depois de um tempo, ele dá um cartão de visita para o garçom levar até o patrão. É claro que o dono não se lembra de nada e você tem que explicar tudo de novo. E ele continua se fazendo de desentendido. Ele diz: ‘Isso é golpe’. Você explica mais um pouco e ele diz: ‘Vá embora’. Aí você pega o relatório e leva para o escritório. Você flagrou uma violação de direitos autorais e pode mover um processo.”

Mr. Rome diz que mais algumas cartas são enviadas. Por fim, o proprietário é notificado por ter violado a Lei de Direitos Autorais de 1909, é informado de que a SACAE acionou seu departamento jurídico e de que será processado no Tribunal Distrital dos Estados Unidos caso se recuse a pagar pelo alvará.

“É quando começa a dor de cabeça”, disse Mr. Rome. “Na cidade de Nova York, é difícil dizer quem é o dono de um cabaré ou de um estabelecimento desse tipo. O homem que eles dizem ser o dono, no fim, pode ser só o porteiro. Você precisa conseguir o nome do proprietário para que o oficial de Justiça possa entregar a intimação para a pessoa certa. O melhor lugar para descobrir o nome certo é na licença para vender bebidas alcoólicas. Nós acionamos a autoridade estadual responsável por esse documento, mas leva tempo. Normalmente, damos um jeito de ver o nome que está na licença que fica pendurada na parede do estabelecimento.

“Normalmente, eles penduram a licença no ponto em que a parede encontra o teto, onde fica impossível de ler, ou atrás do fogão na cozinha. Você precisa ser esperto. Existem outras formas de se conseguir o nome que está na licença. Eu começo uma conversa com o *barman* a respeito de cervejas. Depois conversamos sobre problemas de vista. De repente digo: ‘Aposto uma cerveja que consigo ler o nome naquela licença pendurada na parede’. Ele aposta e eu digo qualquer nome que me vem à cabeça. Ele dá uma gargalhada triunfante e diz que não é esse o nome na licença. Ele pega o documento para provar o que está dizendo e eu gravo o nome que está no papel.

“Existe mais um jeito bom: Frederick C. Erdman, o responsável pelo Distrito de Nova York, tem um par de binóculos. Eu levo os binóculos para o bar e digo para o *barman*: ‘Olha o que eu comprei num leilão por cinquenta centavos’. Ele pega os

binóculos, aponta para lá e para cá, ajustando o foco. Depois ele se cansa e eu aponto para lá e para cá, ajustando o foco, e consigo ver a licença. Quase sempre dá para ler a licença desse jeito.

"Assim que conseguimos o nome, o oficial é acionado para entregar a intimação e o investigador vai junto para reconhecer o proprietário. Lembro de uma noite em um barzinho barra-pesada cheio de marinheiros e de filipinos com suas namoradas na área do Brooklyn, onde se concentra o pessoal das docas. O dono já tinha falado para mim: 'Meu amigo, se você der as caras aqui de novo, vou acabar com tua raça'. Acredito que o cavalheiro acabaria mesmo comigo, então deixei o oficial falar com ele.

"O oficial entregou a intimação. O dono rasgou o papel e acertou em cheio o oficial, que se estatelou no chão. Juntei os pedaços de papel, entreguei para o dono e corri para fora do bar. Costumo ficar perto da porta em situações assim. É uma boa tática. O oficial chamou a polícia e finalmente o dono do bar ficou mansinho e decidiu solicitar um alvará. Ele até pagou uma rodada para todo mundo."

Depois de serem intimados, em sua maioria os proprietários falam com seus advogados e enfim entendem que precisam solicitar o alvará e pagar a anuidade. Eles custam a entender que música não é de graça. Se o dono leva o caso para a Justiça, provavelmente terá de pagar duzentos e cinquenta dólares como indenização para cada infração cometida. Cada vez que uma música é executada, isso constitui uma infração. Poucos casos terminam na Justiça. Antes que um proprietário briguento consiga permissão para solicitar o alvará, ele terá de pagar as despesas do oficial de Justiça e outros custos do tribunal.

Há nove investigadores no escritório de Nova York. Todos entendem de música e a maioria tem ensino superior completo. A SACAE tem escritórios em cidades-chave espalhadas pelo país inteiro e os investigadores trabalham nas ruas. Se uma cervejaria com música ao vivo abriu em Ashpole, na Carolina do Norte, ou se um hotel contrata uma orquestra em Claremont, no Texas, os investigadores da SACAE farão uma visita antes que o bar comece a ter cheiro de cerveja.

"Vendemos algo intangível", disse Mr. Rome, "e é difícil fazer as pessoas entenderem que não se trata de um golpe e que os compositores têm direito de serem pagos por suas músicas. Eles estão comprando uma coisa que não podem comer, uma coisa que não conseguem segurar nas mãos, e acham estranho ter de pagar por algo assim."

5. Fazendeiros de água salgada

I

Em uma área rasa de água azul da Great South Bay, demarcada por quatro postes, o capitão Jacobus Kwaak manobrava o velho *Willie K.*, seu barco revestido de cobre, o principal da frota de ostras de Bluepoint[268]. Quando chegou ao meio do leito, o capitão reduziu a velocidade e dois pescadores com botas que lhes chegavam até a coxa correram para a frente do barco e soltaram a draga que fica a estibordo. A draga pesada atingiu o fundo da baía e começou a sugar ostras gordas de cinco anos de idade.

Em poucos minutos, a draga foi recolhida e sua carga, largada sobre o deque. Com as ostras, a draga sempre traz uma porção de lixo, e desta vez trouxe também alguns filhotes de caranguejo, vários maços de alfaces-do-mar, um peixe-sapo horrível, uma porção de caramujos, uma estrela-do-mar e três punhados de esponjas-do-mar. O velho capitão berrou para um de seus homens assumir o leme. Em seguida, resmungando, foi até o deque e revirou o monte de ostras encharcadas. Ele jogou um monte de lixo de volta para o mar e escolheu uma ostra do meio da pilha, uma bem grande.

Sacou uma faca antiga e toda enferrujada para abrir a ostra. Ela era gorda e limpa. Com a lâmina, ele cutucou a extremidade da ostra, a parte mais gorda onde ficam o estômago, as glândulas digestivas e o coração. A carne inchou com os toques da lâmina. Terminada a inspeção, o capitão Kwaak ergueu a concha no ar e com perícia fez a ostra escorregar para sua boca.

"Este vai ser um bom ano[269] para ostras", disse ele. "A safra inteira está boa. Tivemos bastante tempo ruim que deixou a água turva no fundo do leito, aumentando a matéria vegetal microscópica da qual as ostras se alimentam. Elas estão gordas, levemente salgadas e viçosas. Os parasitas das ostras – as estrelas-do-mar e os

[268] Bluepoint é um vilarejo em Long Island, no estado de Nova York. Bluepoints, com S, é o nome da companhia que emprega o capitão Jacobus Kwaak.

[269] Ainda é possível encontrar nas histórias marcas deixadas pela publicação em jornal, como quando a história se refere a "este ano", por exemplo. Porém, nenhum dos textos foi datado na versão original do livro. Sabe-se apenas que foram publicados entre 1929 e 1938.

caramujos – não apareceram nos leitos. Essas ostras estão entre as melhores que já comi e olha que devoro pelo menos uma dúzia todos os dias há sessenta e cinco anos."

Nessa temporada, a empresa sindicalizada para a qual o capitão trabalha, a Bluepoints Company, uma subsidiária da General Foods Corporation, deve vender aproximadamente cem mil barris de ostras com concha e cerca de trezentos mil galões de ostras sem concha distribuídas em caixotes. A empresa e suas subsidiárias – fazendas de ostras em Connecticut, Rhode Island e Long Island – têm cerca de cinco milhões de alqueires[270] de ostras de várias idades dispostas no fundo da Great South e de outras baías rasas.

A safra deste ano será excelente. Apenas na área de Long Island, a produção deste ano para as companhias de ostras sindicalizadas e independentes chegará a um milhão e meio de alqueires. Nesta semana, o setor vai pegar embalo depois de quatro meses mornos de desova e, ao longo da costa atlântica, nas melhores fazendas de ostras do mundo, pelo menos vinte e cinco mil homens estão voltando ao trabalho, pescando ostras e colocando-as em barris, separando-as em vários tamanhos e qualidades, acondicionando-as em bacias de gelo e extraindo-as das cascas para transportes longos.

O barulho dos martelos usados pelos ostreiros pode ser ouvido em centenas de galpões de Long Island e, em celeiros limpos mas de cheiro forte, fileiras de trabalhadores – em grande parte, homens saudáveis descendentes de holandeses ou negros vindos da Virginia e de Maryland – extraem milhares de ostras de suas cascas todos os dias. Eles vão trabalhar intensamente até o próximo mês de maio.

A maioria das ostras que você comerá neste inverno foram plantadas pelo menos cinco anos atrás. Existem várias semelhanças entre a ostreicultura e a horticultura. Assim como os tomates, ostras são plantadas primeiro em viveiros para depois serem transplantadas. De fato, nos três a cinco anos que demora para uma matriz de ostra amadurecer o suficiente para ser comercializada, ela pode ser transplantada três ou quatro vezes. Uma ostra pode nascer em Rhode Island, ser

[270] Alqueire (*bushel*, no original) é uma unidade de medida agrária que varia de lugar para lugar (no Brasil, varia até de um estado para o outro). Ela é usada para calcular quantidades de cereais, frutas e outros produtos – como ostras, no caso da história narrada por Mitchell. Nos Estados Unidos, um alqueire equivale a um volume de mais ou menos trinta e cinco litros. No Brasil, as ostras costumam ser medidas em dúzias, quilos e toneladas.

transplantada em viveiros de Connecticut e passar os últimos dois anos de sua vida em Long Island.

"Esses transplantes e o combate aos parasitas é o que faz as ostras custarem muito mais caro do que deveriam", disse Joseph B. Glancy, um funcionário da Bluepoints Company que fez pesquisas sobre cultivo de ostras em várias partes da costa atlântica nos últimos dez anos.

"Esse negócio envolve uma quantidade enorme de capital. Por exemplo, a minha empresa é proprietária, por meio de leis que regulamentam áreas ribeirinhas, de um total de seis milhões de hectares de terreno submerso na baía e, desse total, apenas um milhão e duzentos mil são apropriados para o cultivo de ostras. Se o fundo é muito lamacento, não é bom para as ostras porque elas se perdem e acabam morrendo sufocadas, e um fundo de areia, que muda com frequência, não é bom porque, durante uma tempestade, as ostras podem ser carregadas para áreas de cultivo de outras empresas.

"É claro que todos os nossos viveiros são sinalizados e mapeados. Nós temos trinta barcos com capacidade de carga que vai de quinhentos a quatro mil e quinhentos alqueires de ostras, e os capitães conhecem a baía. O capitão Kwaak conhece o fundo da Great South Bay tão bem quanto um fazendeiro conhece os seus campos. Ele cuida da área o tempo inteiro e, quando a temporada começa, vai de viveiro em viveiro, colhendo algumas ostras aqui e outras ali, provando para ver se estão prontas para ganhar o mercado, e de olho em estrelas-do-mar e caramujos.

"Você viu as dragas no *Willie K.*, elas puxaram alguns alqueires do viveiro número vinte e um e o capitão considerou que as ostras estavam boas. Quando ele voltar para a fábrica, vai dizer que as ostras estão prontas para serem colhidas e os barcos vão começar a trazer centenas de alqueires. Todas as ostras da Great South Bay podem ser chamadas de Bluepoint se permaneceram no local por pelo menos três meses. De acordo com uma lei estadual de Nova York, uma ostra precisa passar esse período de tempo na baía para que possa ser chamada de Bluepoint."

As embarcações resistentes do capitão Kwaak partem dos viveiros comerciais (viveiros em que as ostras ficam de seis meses a dois anos antes de serem colhidas) e seguem rápido até um cais ao lado dos galpões da Bluepoints Company em West Sayville, Long Island. As ostras são içadas do barco para um galpão e depois são colocadas numa série de caixotes. Diante desses caixotes ficam homens com botas e sacos de estopa em volta das pernas. Eles batem em cada uma das ostras com um

martelo para ver se elas estão boas. Em seguida, classificam as ostras, arremessando cada uma delas em um dos barris dispostos em semicírculo.

"Existem várias classificações. A Bluepoint é uma ostra pequena e arredondada e cabem mil e trezentas delas em um barril. Existe um tipo chamado de meia-concha e num barril cabem mil dessas. As médias são as ostras próprias para serem fritas e grandes demais para serem comidas na meia-concha, são setecentas e cinquenta para encher um barril e podem ser vendidas como Cape Cods[271]. A Rockaway ou Lynnhaven é a vovozinha. Cabem só quinhentas dessas em um barril com gelo.

Mr. Glancy disse que os ostreiros monitoram seus viveiros e mesmo assim se incomodam com piratas.

"São milhões de dólares em ostras descansando no fundo da baía", disse ele, "e os roubos são inevitáveis. Em noites de nevoeiro, os piratas vão até lá e fazem o maior estrago. Às vezes eles usam barcos a motor e pegam as ostras com pinças, e às vezes eles têm dragas nos barcos.

"É impossível acabar com os piratas. O único homem que conseguiu manter os ladrões afastados de seus viveiros foi Stanley Lowndes, o milionário das ostras, que pesava cento e oitenta quilos. Ele já morreu.

"Ele sofreu vários roubos na região de Staten Island, que era perfeita para ostras. Um dia, ele saiu da cama e pegou um grupo no flagra. Os ladrões estavam carregando as ostras como se fossem donos do lugar. Mr. Lowndes ficou furioso.

"Ele pegou um de seus barcos e ficou lado a lado com o barco dos piratas. 'Então vocês querem ostras?', gritou ele para os ladrões. Bom, havia uma montanha de ostras no barco dele e ele fez seus funcionários descarregarem as ostras no barco dos ladrões. Não demorou muito para o barco pirata afundar na baía. Os ladrões tiveram que nadar de volta para a costa. Mr. Lowndes seguiu os ladrões no barco e de vez em quando gritava: 'Vou ficar com o barco de vocês como prova do crime'. Depois disso, ele não se preocupou mais com piratas."

II

[271] Cape Cod é uma variedade de ostra, assim como Bluepoint e Rockaway.

Esbanjando boa saúde, os nativos de Long Island, com nomes holandeses e estômagos espaçosos, que plantam e colhem as safras de ostras combinam técnicas de pescadores, biólogos e fazendeiros. O capitão Jacobus Kwaak é um homem típico desse meio, que fuma um dos tabacos europeus mais fortes do Hemisfério Ocidental e marcha sobre o deque de seu barco sob todo tipo de clima com o mesmo vigor de um homem de quarenta anos, embora tenha quase setenta e cinco, uma disposição que atribui ao fato de comer uma quantidade indeterminada de ostras todos os dias (no mínimo, uma dúzia) há sessenta e cinco anos.

O capitão veio da Zelândia, nos Países Baixos, quando tinha três anos de idade. Depois de frequentar uma escola em Long Island por nove meses, decidiu que tinha estudado o suficiente e conseguiu um emprego nos galpões de ostras. Ele trabalha com ostras desde então e se tornou uma autoridade nos hábitos delas, hábitos esses que intrigam os biólogos há gerações. Ao longo da vida, ele criou dez filhos. Também se tornou um dos cidadãos mais respeitados de sua cidade natal, West Sayville, e um dos melhores meteorologistas amadores da América, baseando suas previsões na forma como as ostras se alimentam e na sua posição no fundo do viveiro. Consome com gosto uma quantidade enorme de cada safra de ostras colhidas na Costa Atlântica e, quando vai a um restaurante e vê as pessoas pedindo sucos de fruta em vez de ostras, fica abismado e pensa que alguém esqueceu a porta do hospício aberta.

"Nos meses de verão, os meses sem R no nome[272], as ostras se reproduzem. É por isso que não encorajamos o consumo de ostras nesses meses. Elas não fazem mal, mas pouco antes de se reproduzirem, elas ficam sem gosto e, logo depois, ficam fibrosas. Não consigo adivinhar se uma ostra é macho ou fêmea só de olhar para ela. A maioria das ostras começa como macho e algumas viram fêmeas com o passar dos anos. Porém, dá para saber que a proporção de machos num viveiro é mais ou menos a mesma que a de fêmeas.

"Quando as águas se aquecem o suficiente, a ostra fêmea expele de dez a sessenta milhões de ovas microscópicas, e o macho lança o esperma. Eles boiam juntos na água e formam larvas, que boiam ou repousam no leito por duas semanas. Depois elas se agarram às conchas vazias que nós descartamos no mar. Dentro de

[272] O personagem se refere aos meses de junho (*june*), julho (*july*) e agosto (*august*), quando é verão nos Estados Unidos. O mês de maio (*may*), no fim da primavera, também não tem R no nome, mas o capitão não parece preocupado com isso.

alguns meses, podemos tirá-las da água e prever como será a safra dali a cinco anos. Elas levam cinco anos para se desenvolver.

"Um monte de pequenas ostras se agarra a uma concha vazia e nós precisamos arrancá-las e espalhá-las na água, dando espaço para crescerem, do mesmo jeito que um fazendeiro faz numa plantação de milho. Além disso, o tempo que um fazendeiro gasta com o controle de ervas daninhas é o tempo que a gente gasta com estrelas-do-mar e caramujos, os dois predadores da ostra."

O capitão Kwaak e outros capitães que trabalham com ostras passam uma parte do ano erradicando estrelas-do-mar. Esse animal abraça a ostra afetuosamente e consegue se infiltrar na concha. Depois, lança seu próprio estômago dentro da concha, cobre a ostra com sucos gástricos, digere a ostra e puxa o estômago de volta.

Uma vez, um funcionário da Bluepoints Company, a maior empresa comercializadora de ostras no mundo, para a qual o capitão Kwaak trabalha como comandante do *Willie K.*, ouviu um dos pescadores perguntar ao capitão qual foi a maior quantidade de ostras que ele conseguiu comer de uma sentada.[273]

"Numa noite eu e um amigo meu comemos um barril de ostras", disse o capitão. (Um barril tem cerca de mil ostras.)

"Desse jeito, capitão, aposto que o senhor não jantou, né?", perguntou o pescador.

"Não jantei uma ova", disse o capitão, "comi o barril depois de ter jantado".

De acordo com seu estado de espírito, o capitão se considera ora um fazendeiro, ora um biólogo.

"Nosso cultivo é debaixo d'água", disse ele, "e precisamos preparar nosso terreno como um agricultor. Para deixar o leito pronto para as ostras, nós lançamos ao mar toneladas de conchas vazias. Lançamos pelo menos mil duzentos e cinquenta alqueires de conchas vazias para cada hectare de terreno submerso. É nessas conchas que as ostras pequenas vão se agarrar."

Os pescadores varrem o fundo do leito com vassouras longas de algodão na luta contra as estrelas-do-mar. Os parasitas ficam presos à vassoura e são trazidos para o deque do navio. Os homens derramam rápido água fervente sobre eles. É um

[273] A forma como algumas informações se repetem nesse parágrafo – como o capitão trabalhar para a Bluepoints comandando o barco Willie K. – sugere que a primeira e a segunda parte da história foram publicadas em edições diferentes de jornal. A repetição serviria para recapitular a história ou informar os leitores que não leram a primeira parte. A edição do livro poderia ter eliminado essas redundâncias, mas não o fez.

processo custoso e, se você acha que as ostras poderiam ser mais baratas, você devia odiar estrelas-do-mar.

Espalhadas no fundo da Great South Bay, que tem uma profundidade média de dois metros e meio, as ostras filtram galões de água salgada através de suas brânquias e comem vegetais e animais microscópicos, e se empanturram com larvas de caramujos e mariscos. Na condição de canibal, a ostra devora também as próprias larvas. A maioria dos ostreiros se gaba com razão de que a ostra é uma das comidas mais saudáveis que existem. Os biólogos contratados pela indústria descobriram que as ostras são ricas em proteína, iodo e sais minerais, principalmente ferro, cobre e manganês. Se você se preocupa com esse tipo de coisa, talvez fique feliz de saber que a ostra tem "potenciais nutritivos balanceados de vitaminas A, B, C e D". Ela também tem vitamina G, boa para combater a pelagra[274].

A maioria dos ostreiros come ostras cruas sem nenhum tempero. Os únicos trabalhadores desse meio que não têm um entusiasmo tremendo pelas ostras como alimento são os responsáveis por abrir as conchas, os homens que ficam de pé diante dos caixotes o dia inteiro e abrem as ostras que serão transportadas em latas. Poucos deles comem mais que uma dúzia por dia.

Os homens que abrem as ostras são habilidosos. Um principiante corre o risco de decepar as mãos tentando abrir uma ostra. Existem dois métodos para abrir. Um é o método de craqueamento, em que o trabalhador quebra a ponta da concha, insere a faca e força a abertura. O outro método, conhecido como "corte lateral", é mais simples, porém exige mais força. O homem apenas segura a ostra com firmeza em uma mão, insere a faca e separa as conchas girando o punho.

Os galpões em que as ostras são abertas, limpas e enlatadas são imaculados. Todos os utensílios são esterilizados e os bancos em que os homens abrem as ostras recebem jatos de água fervente todas as noites. Os trabalhadores são pagos por quantidade de ostras abertas. O valor atual é de vinte e cinco centavos por galão. A maior quantia recebida por um dia de trabalho foi onze dólares, no ano passado, quando um homem abriu quarenta e quatro galões, ou oito mil e oitocentas ostras.

O capitão Kwaak acredita que as ostras devem ser comidas direto das conchas. "Acompanhamentos são desnecessários", disse ele. "Às vezes, uma bolacha simples fica boa com ostra, mas raiz-forte e essas coisas, não. O melhor jeito de comer ostra, é

[274] Pelagra é o nome dado à deficiência de ácido nicotínico (vitamina B3 ou PP), também chamado de niacina.

claro, é assim que elas saem dos viveiros. Tenho que me segurar quando estou fazendo a colheita. Quando fazemos a dragagem, a pilha no deque fica na altura da casa do leme. Quando chega a essa ponto, estico o braço e começo a comer.

"Comer ostras e mariscos virou um hábito e faço isso todos os dias. Agora, para mim, elas são quase tão necessárias quanto água. No verão passado, fui para Denver ver uma das minhas sete filhas e queria comer uns mariscos. Entrei num restaurante de Denver e eles vendiam seis *cherrystones*[275] por um dólar. Eu disse para o garçom que prefiro morrer de fome em vez de pagar tudo isso por meia dúzia de mariscos."

Ostreiros da Costa Leste desprezam as ostras do Pacífico, que acham amargas e difíceis de digerir, e com frequência têm matrizes japonesas. Eles respeitam as famosas ostras Colchester, da Inglaterra, e as ostras verdes de Marennes, na França, e se orgulham de ver que os europeus desenvolveram tanto gosto pelas ostras da Costa Leste dos Estados Unidos que milhares de barris são enviados para lá todos os anos. Porém, muitos ostreiros de Great South Bay acreditam que as melhores ostras do mundo são, indiscutivelmente, das variedades Bluepoint ou Cape Cod, as mais gordinhas e bem nutridas, produzidas em Mattituck Creek, na Great Poconic Bay[276].

"Pode vasculhar as águas do mundo inteiro", disse o capitão Kwaak, escolhendo uma Bluepoint do monte que nivelava com a janela da casa do leme, "e você não vai encontrar frutos do mar melhores que as ostras do Estuário de Long Island".

6. Um novo ciclo no cartum[277]

Peter Arno

[275] *Cherrystone* é uma espécie de marisco nativa da América do Norte.
[276] Poconic Bay fica em Long Island, Nova York.
[277] No original, Mitchell fala em *comic art* e *comic* pode ser tanto "cômico" quanto "história em quadrinhos". Embora os termos *cartum* e *cartunista* tenham aparecido em português nos anos 1960, a etimologia dessas palavras remete ao século XVII, na Itália. Como o texto trata de cartunistas, a tradução de *comic art* como "cartum" funciona. Daqui a pouco, Mitchell vai se referir a Peter Arno (1904–1968) como *cartoonist*.

“Acho que não existe nada mais divertido do que agarrar firme uma pessoa esnobe, homem ou mulher, e sacolejar até você ouvir as dentaduras rangerem”, disse Peter Arno, que fez da figura da mãezona esnobe de seios grandes o símbolo de uma ordem social decadente.

Era fim de tarde quando o cartunista bem vestido chegou ao seu estúdio bagunçado, que ocupa um andar inteiro no número 15 da East 56th Street. Enquanto ele falava, comia com vontade um sanduíche de presunto da Virginia e bebia café de um copo de papelão. Era o seu desjejum.

O chão ao redor da prancheta estava coberto de esboços traçados com carvão na noite anterior – que depois devem ser revisados –, esboços feitos com um cuidado extremo, mas com a aparência de que foram rabiscados num instante.

Empilhadas em um canto do estúdio amplo, havia três caixas de madeira com a inscrição “Berry Bros., & Co., Comércio de Bebidas”. “Tenho mais dez caixas dessas em Nassau. Uisquinho de primeira. Comprei por trinta e cinco a caixa porque os sujeitos que me venderam não sabiam o quanto ele era bom. Agora, eles querem comprar o uísque de volta e me ofereceram oitenta por caixa. Não vendo de jeito nenhum.”

Na conversa, o cartunista pulava de um assunto para outro nervosamente. Havia um telefone perto de seu cotovelo, que tocava de tempos em tempos. Ele dava um pulo para atender e ficava batendo os pés no chão num sapateado tímido enquanto falava.

“Em nenhum momento na história do mundo”, disse ele, mexendo o café no copo de papelão, “houve tantos imbecis juntos num mesmo lugar como agora em Nova York. Vá nas maiores boates da cidade para você ver. A cidade está tomada de idiotas. Garotinhas fúteis com a cabeça cheia de álcool e nenhum bom senso. Dê uma olhada em qualquer boate ou nos restaurantes chiques na hora do almoço.

“O tipo de pessoa endinheirada que diz para si mesma: ‘Eu sou demais. Comigo, ninguém pode’. Esnobe. O velho gordo que se arrasta pela cidade como se fosse dono do mundo inteiro e do que existe nele. A velha viúva que fica sibilando no camarote da ópera com sua cara feia e gorda…”

O telefone tocou de novo, e era urgente. Um amigo ligou para orientar o cartunista sobre uma infração de trânsito que o levará ao tribunal.

Parece que Mr. Arno ainda é adepto do pé na tábua e não mudou nesse quesito desde a época em que reclamou para a Packard Motor Car Company que seu

automóvel não era capaz de chegar a cento e sessenta quilômetros por hora. Agora ele dirige um Duesenberg, um negócio arriscado. Ele se divertiu um monte na corrida da Vanderbilt Cup, em Westbury. Entre seus amigos, estão alguns dos melhores pilotos do país.

"Sim", disse ele, largando o telefone no gancho, "essas pessoas me tiram do sério, e os mais novos são piores do que os mais velhos. Você só é um bom cartunista se estiver com raiva de alguma coisa. Isso é verdade. Por muitos anos, eu não tinha raiva de nada. Fui para Hollywood só para fazer farra. Meu trabalho piorou muito. Ficou uma porcaria.

"Sempre fui contra a ordem social, se é que você me entende. No mínimo, era contra alguns aspectos da ordem social. À medida que cresci, isso virou uma insatisfação com a vida ao meu redor. Eu via pessoas pretensiosas e ridículas em lugares públicos, nas boates em que tocava com a minha banda, nos trens e nas praias, nos cafés, nas festas, e me incomodava demais com elas, pelas coisas que elas faziam e diziam. Assim surgiu o impulso de sentar para desenhar e exagerar nos aspectos ridículos que eu via. Essa raiva, de certa forma, foi o que deu a pegada do meu trabalho, foi o que deu vida a ele. Na verdade, raiva é a única palavra que me vem à cabeça."

"Por que você sentia raiva?", perguntei. "Você sempre foi tão bem de vida quanto as pessoas que você desenhava. Você tinha uma banda de jazz bem-sucedida. Um dos seus espetáculos [*The New Yorkers*, em 1930, com o violento Clayton, Jackson e Durante, a adorável Frances Williams e Ann Pennington, das pernas classudas] marcou a história do teatro de revista nos Estados Unidos. Você é um cartunista de sucesso desde sempre. Então o que impediu você de se tornar gordo e complacente?"

"Ah, sei lá!", disse Mr. Arno, fazendo uma bola com o papel-manteiga que envolvia o seu sanduíche para depois arremessá-la no ar. "Qual é a vantagem de usar rótulos em você mesmo?"

O cartunista ficou quieto por uns dez minutos, pensando no assunto. Ele concluiu que, acima de tudo, o desprezo pelos acomodados e pelos pretensiosos veio de seu interesse pelo período da Guerra Civil e do respeito que sente pelos desenhos de Honoré Daumier, descoberto por ele nos livros da biblioteca de seu falecido pai, Curtis A. Peters, juiz da Suprema Corte.

Arno ficou fascinado por Daumier, que trabalhou para revistas semelhantes a *The New Yorker* – como *La Caricature* e *Charivari* –, que passou seis meses na cadeia por fazer uma caricatura de Louis Philippe como Gargântua[278], que morreu em 1879 como um velho cego, deixando pelo menos 3.958 litografias para uma posteridade agradecida.

O interesse de Arno pela Guerra Civil teve resultado. Embora fale pouco sobre o assunto, ele é um estudante aplicado do tema. Tem uma coleção de biografias e de livros de história e seu herói é o general Nathan Bedford Forrest, que capturou trinta e um mil prisioneiros. (Ele é separatista, a favor do Sul, embora a família de seu pai seja da Nova Inglaterra e sua mãe, inglesa.)

A questão é que ele ficou impressionado "pela graça e pela decência e pelos costumes da civilização do Sul", e usou tudo aquilo que leu sobre essa civilização como base de comparação com seus contemporâneos. Era, com certeza, uma comparação injusta. Contudo, ele considera seus contemporâneos limitados.

Assim, as litografias perspicazes de Daumier e o interesse pela Guerra Civil, e o fato de ter crescido numa época em que se questionavam centenas de certezas, fizeram com que Arno olhasse para uma "adorável senhorinha" e visse nela "uma velha mãezona gorda, que resmunga toda vez que se senta", e que olhasse para um "general ofegante", com algumas dezenas de medalhas penduradas na túnica, e visse nele uma figura engraçada. Essa explicação é dele.

Agora com trinta e três anos, Arno viu suas obras e seus pontos de vista influenciarem vários contemporâneos no campo dos desenhos humorísticos. Ele está longe de se sentir satisfeito com o próprio trabalho. Parou de desenhar as Irmãs Whoops, um par de senhoras desinibidas e estridentes que ele criou em 1926, porque ficou com medo de que os leitores estivessem começando a achar a piada batida. Ele acabou de comprar uma câmera fotográfica, um aparato que cartunistas consideram valioso. Ele revela os próprios filmes e amplia as próprias fotos.

"Meus desenhos são como reportagens", disse ele, "e acho que estou desenvolvendo um estilo mais consistente e mais honesto de reportagem. Gosto de desenhar gente com cara de assustada como às vezes você vê em fotografias tiradas

[278] Uma referência ao que talvez seja o trabalho mais conhecido do francês Daumier: ele desenhou o rei Louis Philippe como o gigante de apetite descomunal Gargântua, personagem criado no século XVI por Rabelais. O trabalho foi publicado pela revista *La Caricature* em 15 de dezembro de 1831 e mostra o povo largando sacos enormes de ouro – de impostos cobrados pela coroa – numa esteira que corre direto para a boca do rei, que caga títulos honoríficos para a classe privilegiada da França.

com flash. Faço várias fotografias espontâneas e depois uso como referência. Faço fotos debaixo das marquises dos teatros, em boates, no fim de tarde na 5th Avenue, em lugares assim. Elas me inspiram bastante.

"Tiro fotos quando estou de férias em Martha's Vineyard, ou nas Bahamas, e cheguei a fazer algumas fotografias posadas usando iluminação profissional. Também tenho muitas fotos boas que fiz em aviões.

"Acho que estou mudando como artista, mas não consigo explicar como. Cada vez mais, trabalho com horários fixos. Minha vida foi tranquila no último ano. Mas um cartunista não pode ficar escondido na sua toca. Tenho que circular à noite, visitar lugares diferentes e ver pessoas com aparências estranhas. Nunca criei um personagem inspirado numa única pessoa. Vejo umas vinte ou trinta pessoas de certo tipo e pego um pouquinho de cada uma.

"Não gosto de desenhar gente jovem. Os jovens não são engraçados. A maioria das situações engraçadas, para mim, envolve pessoas mais velhas. Existe algo a mais em tudo que elas dizem ou fazem. Jovens são inexperientes, e o que eles dizem, para mim, é mais ridículo do que engraçado. Gosto de desenhar as velhinhas que ficam na janela o dia inteiro, ou os coronéis de bigode branco, ou até o marido tímido da esposa bonitona, o baixinho com bigode escorrido e olhar infantil.

"Gosto de trabalhar de noite. É claro que às vezes trabalho durante o dia, mas gosto de chegar ao estúdio depois da janta, quando a vizinhança está mais quieta e consigo me concentrar. Outras vezes, venho para cá depois de um espetáculo, por volta da meia-noite, e me perco no trabalho. Fico desenhando até as cinco ou seis da manhã. O café me ajuda. Agora não estou mais bebendo tanto uísque e gostaria que parassem com as histórias sobre eu ser um arruaceiro."

Arno é um cartunista prolífico. Já produziu cinco livros de cartuns. Ele explicou que *The New Yorker* tem prioridade sobre os cartuns que faz e que, por contrato, ele precisa entregar um mínimo de quarenta desenhos por ano. Ele desenha para publicidade, trabalhando direto com agências, e faz um especial de duas páginas uma vez por mês para o *College Humor*. Ele produz uma pilha de esboços para as revistas e só finaliza depois que os editores apontaram suas escolhas. Disse que 80% das piadas são dele mesmo, mas ele também usa ideias sugeridas por editores, ou ideias que vêm pelo correio.

Ele não se interessa por cartuns políticos. Seu interesse por políticos é pequeno demais para que encontre alguma graça neles. Alguém ligado ao comitê de

campanha dos democratas pediu permissão – e não obteve – de usar um dos desenhos, uma ilustração com cidadãos típicos de Arno, com a legenda: "Vamos para o Trans-Lux vaiar o Roosevelt"[279]. Ele não fez seu título de eleitor porque não estava particularmente interessado em votar no presidente Roosevelt e considerava Landon "um fantochezinho ridículo"[280].

Todavia, ficou satisfeito quando Heywood Broun o chamou de "o mais eficiente artista proletário em atividade da América". De acordo com Mr. Broun, "o jornal *The Daily Worker* adota a alcunha 'Senhor Barriga-Cheia' quando menciona qualquer líder industrial desprezível. Arno faz a mesma coisa, só que de maneira mais concisa, usando os seus traços".

Ele se orgulha de sua educação formal como artista ser extremamente limitada. "Ah, frequentei a Yale Art School durante um mês e parei porque me senti enojado", disse ele. "Depois fiquei na Art Students' League por um mês e também abandonei. Meu professores me davam nojo. Eles criticavam exatamente o que dava algum significado para o meu trabalho. Em Yale, pintei algumas naturezas-mortas só para mostrar para eles o que sabia fazer.

"Isso pode soar arrogante, mas, enquanto eu pintava, os professores ficavam de pé atrás de mim e me viam trabalhar até que um deles disse que o meu estilo lembrava o de George Luks. Depois pintei outra coisa, decompondo as cores, e eles me compararam com o Monet. Meus quadros estão em exibição permanente na Yale Art School."

O cartunista pareceu satisfeito com essa recordação. "Mostrei para eles o que sabia fazer", disse ele.

Helen Hokinson

As pessoas mais engraçadas da república para Helen E. Hokinson, ex-moradora de Mendota, em Illinois, e filha de um caixeiro-viajante dos Arados Moline, são as

[279] Trans-Lux era um cinema popular em Nova York por exibir filmes noticiosos em que o presidente Franklin D. Roosevelt aparecia com frequência.

[280] Na eleição de 1936, o então presidente Roosevelt, que era democrata, conseguiu se reeleger vencendo o republicano Alf Landon. No Estados Unidos, o voto não é obrigatório, o que explica um adulto de trinta e três anos como Peter Arno nunca ter se registrado para votar. Os americanos falam em registro e não em título de eleitor, como os brasileiros. O registro para votar precisa ser feito apenas uma vez na vida (desde que a pessoa se registre e vote em pelo menos uma eleição no intervalo de quatro anos).

senhoras de meia-idade que nunca saíram de suas cidadezinhas em Westchester, de seus bairros de Oranges ou de Gramercy Square, e cujas vidas mais ou menos vazias giram dignamente em torno do jardim ou do clube, do salão de beleza e das histórias de detetive.

Elas são mulheres que têm dinheiro no banco, bastante tempo livre, poodles, motoristas, um camarote na ópera e o direito de usar o Gramercy Park[281]. Elas têm horários marcados com cabeleireiros, e o dinheiro que algumas delas gastam com salões de beleza levaria certos bancos à falência.

Os maridos delas são executivos e corretores da bolsa. Elas fazem parte de conselhos de organizações beneficentes e há várias primeiras-damas entre elas.

Quase todas as atividades delas são divertidas do ponto de vista de Miss Hokinson, talvez a melhor moça cartunista da América[282], com um olhar incisivo, um senso de humor agudo e uma habilidade considerável com carvão e tinta.

O trabalho dela é pessoal e feminino. Basicamente, ela desenha só mulheres – e pode acabar com qualquer mulher –, mas, quando tem de desenhar um homem, ela só rabisca a figura. Na verdade, Dorothy McKay é talvez a única das mulheres cartunistas cujo trabalho nem sempre mostra "o ângulo feminino".

A penteadeira, o provador em uma loja de roupas e o salão de beleza são os cenários da maioria dos cartuns de Barbara Shermund, de Alice Harvey e de Mary Petty, todas colegas de Miss Hokinson.

O trabalho de Miss Petty, por exemplo, é caracterizado por um cartum que mostra uma senhora de óculos experimentando um vestido com cauda. A vendedora ao lado dela diz: "Quero que Miss Moak dê uma olhada na senhora. Miss Moak soluciona todo tipo de defeito".

Miss Shermund desenha garotas frívolas e angulosas. Por exemplo, duas garotas estão relaxando em uma sala, uma delas veste pijamas e a outra, um vestido de gala. A segunda diz: "Eu disse para ele que existem coisas que não vou fazer, e ir ao museu é uma delas".

---

[281] O Gramercy Park é um parque privado que fica no centro da região homônima, em Manhattan, na cidade de Nova York.

[282] Aqui, com "moça cartunista", Mitchell mostra que era um homem de seu tempo. Mas ele ainda ganha pontos por falar de artistas como Helen Hokinson numa época em que as mulheres ainda eram cidadãs de segunda classe (o voto feminino, por exemplo, existia há pouco mais de uma década nos Estados Unidos, havia pouquíssimos empregos disponíveis para mulheres e o movimento feminista surgiria dali a trinta anos). Apesar de tudo, não seria um exagero afirmar que o estilo de Hokinson se tornou o estilo dos cartuns da *New Yorker*. Hoje, é difícil olhar para um de seus trabalhos e não pensar imediatamente na revista.

Miss Hokinson vai além com suas personagens.

"Imagino minhas mulheres em feiras de flores, em exposições de cães e em outros lugares assim", disse ela. "Elas vão a concertos, tentam se comover com a música porque pessoas cultas se comovem com música. E imagino essas mulheres em feiras de flores, falando sobre flores e citando os nomes das plantas em latim. Acho isso divertido porque tenho um belo jardim de flores e gosto de flores tanto quanto essas personagens, mas não sei nenhum nome científico.

"Não gosto quando as pessoas acham que meu olhar sobre essas mulheres é amargo. Só acho que elas são engraçadas. Raramente desenho mulheres perversas – elas não me interessam nem um pouco. Gosto daquelas que são engraçadas sem saber que são engraçadas."

Os cartuns dela destacam as frivolidades do tipo de mulher que frequenta clubes. Num deles, uma anfitriã gorda acompanha uma mulher também gorda em meio a um ambiente cheio de moças, até chegar a um grupo e dizer: "Mrs. Purvis acabou de voltar da Espanha. Ela diz que agora as espanholas estão usando saias BEM curtas".

Outro mostra duas senhoras de meia-idade – se as mulheres desenhadas por Miss Hokinson são "de meia-idade" ou "idosas" é um mistério – que descem as escadas de um prediozinho arruinado. Uma das janelas tem um cartaz que diz: "Mrs. Digby, a Espiritualista, Mensagens". Ambas as senhoras parecem um pouco desapontadas. Uma vira para a outra e diz: "Qualquer dia desses, vou visitar uma médium de *cinco* dólares".

Muitas das situações que ela satiriza ocorrem em salões de beleza ou lojas de roupa, e um personagem recorrente é a vendedora fútil, ansiosa para fechar a venda e para impressionar a cliente com seu bom gosto. É ela que diz para a mulher grã-fina que está de pé diante do espelho: "Se ficar com barriguinha, a gente tira a barriguinha fora".

"Um homem de um jornal de Boston me escreveu uma carta e disse que ele gostava bastante das minhas grã-finas, mas que por muito tempo não acreditou que elas existissem", disse Miss Hokinson. "Mas na carta ele mandou um recorte que mostrava uma reunião de um desses clubes de mulheres grã-finas e elas eram exatamente como um dos meus cartuns."

Um dos melhores cartuns de mulheres grã-finas que ela fez foi um em que Edna St. Vincent Millay aparece falando em uma tribuna (é uma boa caricatura de

Miss Millay). Uma mulher no público dá um salto e, acenando a mão, diz: "Senhora presidente, proponho que a gente leia alguns dos nossos poemas para Miss Millay depois que ela terminar".

Miss Hokinson passa a maior parte do ano num bangalô que ela chama de Chalé Columbine, perto de Dishpan Creek, em Silvermine, Connecticut. É uma região que abriga muitos artistas. Ela trabalha numa casinha de madeira cheia de janelas construída em um bosque na beira de um prado. Ela pode levantar a cabeça da prancheta e ver um cavalo viçoso chamado Charley pastando na grama espessa de Connecticut e abanando o rabo contra as moscas. Ao lado da prancheta, ela tem um arquivo em que guarda centenas de esboços.

O arquivo guarda esboços feitos em programas de concerto, em envelopes, nas margens de jornais, em folhetos.

"Gente de toda parte me manda sugestões para cartuns", disse ela. "Pago um percentual caso use a ideia. Existe uma senhora em Nova Jersey que me manda muitas sugestões. Nunca nos encontramos. Se ouve uma vendedora dizer algo engraçado, ela manda para mim. Gosto de receber essas ideias."

Miss Hokinson também encontra tipos que servem para os seus cartuns em reuniões de igreja e em festas de bingo na comunidade em que vive.

Ela compra ingressos para esses eventos na igreja da esposa do velho dono da serraria que fica de frente para o seu bangalô, do outro lado do rio Silvermine.

O nome verdadeiro de Miss Hokinson é Haakonson. O pai dela era sueco, mas ele americanizou o nome pouco depois de se estabelecer em Illinois. Ela saiu de Mendota para estudar na Academia de Belas Artes de Chicago, com planos de trabalhar com moda.

"Eu queria ganhar meu próprio dinheiro", disse ela. "Não queria voltar para Mendota, embora seja um lugar legal. Minha mãe ainda vive em Sterling, Illinois, e sempre viajo para lá no Natal."

Depois de estudar na academia, ela ficou em Chicago por dois anos, produzindo desenhos de moda para a Marshall Fields e para outras lojas. Então veio para Nova York. Ela acha que isso aconteceu "por volta de 1922, porque me mudei para cá uns dois anos antes de *The New Yorker* começar".

Ela foi uma artista que trabalhou com moda durante vários anos. Certa vez, nessa época, fez uma tira em quadrinhos para um tabloide e chamou de "Sylvia na Cidade Grande".

"Ficou horrível", disse ela. "Um dos editores veio falar comigo e disse: 'Escuta aqui. Seu público é a meninada que masca chiclete e você tem que desenhar para ele'. Durei uns cinco ou seis meses, mas nesse tempo consegui guardar dinheiro suficiente para procurar um trabalho melhor."

O ponto de virada na carreira dela veio com a teoria da simetria dinâmica, segundo a qual existem formas geométricas em absolutamente tudo – um floco de neve, uma folha, o corpo humano – e assim o artista deve "elaborar seu desenho com uma série de formas similares baseadas em triangulações simétricas para que a ilustração surja conforme as regras da natureza".

A teoria não é aceita por todos, mas alguns dos melhores artistas de todos os tempos, incluindo George Bellows, acreditavam nela e, para Miss Hokinson, ela era bem útil.

"Ouvi falar da simetria dinâmica numa aula dada por Howard Giles na Parsons School", disse ela. "Mudou a minha vida. Agora, quando desenho, esboçando uma pessoa sem pensar muito, começo usando pequenas formas triangulares e desenvolvo o desenho a partir disso.

"É maravilhoso para retratar os gestos das pessoas ou para desenhar chapéus e casacos.

"Mr. Giles disse para a gente desenhar pessoas no metrô a caminho da aula, mostrando como elas ficam sentadas, usando linhas retas – sem nenhuma curva. Eu desenhava mulheres com essas linhas retas e Mr. Giles olhava meus desenhos e dava risada. Eu me ofendi. Ele disse para eu não desistir.

"Um dia, Garrett Price viu alguns dos desenhos que eu carregava numa pasta quando fui visitar uma amiga. Eram desenhos de mulheres gordas acenando para amigas, agitando seus lenços.

"Ele disse que eu deveria levar os desenhos para *The New Yorker*, que na época era uma revista nova. Fiz o que ele disse, a revista gostou do meu trabalho e desde então desenho para a revista. No começo, meus desenhos eram publicados sem legendas. Depois eles começaram a colocar legendas e logo peguei o jeito da coisa.

"Prefiro quando meus cartuns saem sem legendas. Acho legal quando o desenho dá todas as informações necessárias. Mas é claro que gosto de legendas quando elas dizem algo como: 'Se ficar com barriguinha, a gente tira a barriguinha fora'!"

William Steig

William Steig[283] não tinha trinta anos quando vendeu seu primeiro cartum em 1930 e, em seis anos, tornou-se um dos cartunistas mais respeitados do país, celebrado tanto por suas habilidades quando pelo humor e pela crítica social inerente em seus desenhos da vida de casado na classe média, de humanos comendo e bebendo, de crianças nas cidades. Ele é talvez mais conhecido por seus cartuns de crianças, na série chamada de *Small Fry*.

Ele se tornou um cartunista de sucesso com o mínimo de bagagem e de conteúdo. Depois de dois anos no College of the City of New York, onde era uma estrela do polo aquático, ele decidiu que queria ser artista. Conversou sobre o assunto com o pai, Joseph Steig, na época um pintor de casas autônomo, mas hoje um pintor de quadros que retratam multidões, e os dois concluíram que o melhor seria se William estudasse na National Academy of Design.

Depois de deixar a Academy, ele descobriu que queria desenhar cartuns o tempo todo e se concentrou em cartuns, embora seja bom com aquarela a ponto de um de seus trabalhos, "O Protesto" – um estudo de um marido com sua esposa –, fazer parte do acervo do Brooklyn Museum.

"Tive que romper com as coisas que aprendi na Academy", disse ele. "Você acaba desenvolvendo hábitos ruins em lugares assim. Foi uma época boa para mim. Nos intervalos, a gente jogava futebol no jardim e frequentava uma sorveteria perto da escola para falar de arte.

"As pessoas eram legais no curso, mas tive que romper com as coisas que me ensinaram. Acho que muitos cartunistas que passaram por escolas de arte tiveram uma experiência parecida com a minha. Fico satisfeito de fazer desenhos humorísticos. Acho que o cartum é uma arte que tem valor."

Vários cartuns e capas que Mr. Steig fez, particularmente aqueles com as crianças da cidade com olhos arregalados, são baseados em memórias de experiências que teve nas ruas e em terrenos baldios usados para jogar beisebol e futebol americano na parte alta de Manhattan, onde ele nasceu, e no Bronx, para onde se

[283] Depois de trabalhar para a *New Yorker*, William Steig faria fama como autor de livros infantis; sua criação mais famosa talvez seja o personagem Shrek, levado ao cinema em 2001.

mudou quando era criança. A maioria das crianças na série *Small Fry* provavelmente frequentou com ele a escola pública n. 53.

Os desenhos da *Small Fry* são mais realistas e mostram uma consideração pelas crianças maior do que a das ilustrações lindas e radiantes feitas por mulheres nas revistas femininas.

Exemplo disso é a menininha medrosa com as mãozinhas agarradas uma na outra que olha os relâmpagos no céu através da janela de casa; ou o menino que encontrou um verme na maçã; ou o menino curioso que cuidadosamente desmontou um relógio despertador.

Talvez você se lembre do desenho de um menininho muito satisfeito por estar acomodado em um sofá com quatro almofadas enquanto devora um pirulito. A legenda diz: "Sensualista".

Mr. Steig é um cartunista urbano. Todos os seus personagens vivem em apartamentos ou em quitinetes. Quando ele faz um cartum bucólico, é um cartum sobre pessoas da cidade que visitam uma fazenda em Connecticut no verão. Ele vive pelo menos seis meses por ano em Connecticut. Sua casa de estilo colonial é perto da cidadezinha de Sherman, mas ele recebe sua correspondência em Gaylordsville, seu número de telefone está listado em New Milford e o trem que ele às vezes usa para ir para casa depois de passar a semana em Manhattan para em Brewster, Nova York. Por consequência, ele não sabe explicar direito onde mora.

A família dele é incomum. Dez anos atrás, não havia nenhum artista na família e agora existem oito. O pai dele, que chegou aqui trinta anos atrás vindo da cidade de Lemberg, então na Áustria e hoje, na Polônia[284], era um pintor de paredes autônomo até 1932, quando problemas de saúde o obrigaram a se aposentar. Desde então, ele está pintando quadros. E já fez uma exposição.

"Ele pinta multidões", explica o filho. "Eventos como feiras estaduais e concertos musicais. Acho que ele nunca pintou um quadro que tivesse menos de cem pessoas.

"Minha mãe, Loura Steig, começou a pintar em fevereiro passado e ela é muito boa. Acho que chamam o que ela faz de primitivismo. Minha esposa, Elizabeth Mead, é artista barroca. Ela faz *design* de interiores. Meu irmão Henry é artista. Ele também é escritor. Ele publicou artigos sobre músicos de suingue. Ele assina como

[284] Hoje, a cidade se chama Lviv (Lemberg era o nome em alemão) e fica na região oeste da Ucrânia, perto da fronteira com a Polônia.

Henry Anton. A mulher dele, Mimi Steig, é pintora. Meu outro irmão, Arthur, escreve textos de publicidade para agências de propaganda, mas também é pintor. Ele é o melhor artista da família. A mulher dele, Phyllis Steig, pinta retratos. Não vai demorar para fazermos uma exposição todos juntos."

Desde seu casamento em janeiro passado, Mr. Steig parou de fazer cartuns satirizando situações domésticas. No entanto, não parou porque poucos meses de casado o convenceram de que os desenhos que fazia do marido entediado na poltrona confortável eram falsos ou sem graça, mas sim pelo mesmo motivo que levou Peter Arno a parar de desenhar as Whoops Sisters – ele quis parar antes que os leitores se entediassem.

Ele gosta de fazer ilustrações de pessoas envolvidas em atividades que mostram exatamente o tipo de ser humano que elas são – comendo espiga de milho, por exemplo, ou sentadas na sala depois do jantar, lendo o jornal. Alguns de seus melhores trabalhos estão em duas séries de estudos que fez para a *Vanity Fair*, de pessoas bebendo e comendo. Nelas aparecem o bebedor de leite desnatado, um homem de rosto gordo com o cabelo cuidadosamente repartido; e o bebedor de cerveja, um cavalheiro robusto com bigode irregular e uma expressão simpática.

Nos desenhos de gente comendo, Mr. Steig parece se divertir muito. Entre eles, está o que ele chama de "a consumidora supostamente com razão": uma senhora com dois queixos que pretensiosamente bebe chá e come biscoito com os dois minguinhos apontados para cima; e "o bruto": um cavalheiro que segura um enorme pão de semente de papoula numa mão e uma colher de sopa quente na outra.

Mr. Steig tem uma mente curiosa e já procurou entender por que as pessoas riem de cartuns. Ele não acredita que as risadas, mesmo as que são causadas por um cartum, sejam sempre dignas. Ele acha que, "com frequência, há um tanto de maldade nelas".

"Acho que as risadas causadas por um cartum ou por uma tira de quadrinhos são muito bem explicadas por um homem chamado A. M. Ludovici, autor do livro *The Secret of Laughter*[285]", disse ele. "Muitos cartunistas acreditam que ele está certo. Ele defende o que chama de 'teoria da superioridade'. A ideia é que uma coisa se torna engraçada quando cria no espectador um sentimento de superioridade, fazendo a

[285] Uma referência ao livro de Anthony Mario Ludovici, cujo título se traduz como "O Segredo do Riso", inédito no Brasil.

pessoa se sentir superior por um momento, com certeza superior ao homem que levou uma pancada na cabeça com um rolo de massa.

"Veja o exemplo de um homem que fala uma língua estrangeira. Ele ouve alguém tentando dizer alguma coisa nessa outra língua e acha que as pronúncias erradas são extremamente engraçadas. Ele se sente superior.

"É fácil rir dos cartuns que tiram sarro de crianças, porque nós com certeza somos mais preparados do que elas. Ao passo que crianças adoram uma chance de rir dos adultos. Quanto mais ridículo um adulto for em uma tira de quadrinhos, mais as crianças acham graça. Ao mesmo tempo crianças gostam de ilustrações de outras crianças. Vi crianças rirem dos meus desenhos da *Small Fry* e, sem dúvida, elas se sentiam superiores.

"Acho arriscado ir longe demais com o senso de humor. Por exemplo, existe gente que acha que a única forma de fazer o público prestar atenção em alguma coisa é contar uma monte de anedotas. E o público acha que, se a pessoa não for engraçada, não vale a pena ouvir o que ela tem a dizer, e isso é ruim.

"A diversão de ver um cartum envolve o que Freud chama de alívio da tensão psíquica[286]. Somos todos inibidos, e uma peça de humor derruba essas inibições. Um desenho absurdo liberta a pessoa por um instante da carga dos pensamentos sérios."

Mr. Steig acredita que o cartunista é um cidadão importante sempre que o mundo sofre com as depressões e os males que acompanham as mudanças da ordem social. As pessoas ficam desconcertadas com o que acontece na vida e apelam para os cartuns, da mesma forma que apelam para o cinema e para o jazz, em busca de algum alívio, de uma oportunidade para rir e se sentirem superiores.

Ele está satisfeito com o fato de que cartunistas não dependem mais de piadas do tipo ele-disse-ela-disse, mas acredita que a dependência de legendas também pode se tornar um problema. Acredita que um desenho que aceite seis legendas diferentes só pode ser um desenho ruim, e se mostra ansioso por um futuro em que a maioria dos cartuns não terá legenda nenhuma. Ao contrário de muitos cartunistas, ele escreve as suas próprias legendas.

Ele é um cartunista prolífico e não sofre nem um pouco para desenhar. Usa bico de pena, carvão e aquarela. Ele pinta alguns desenhos com tinta guache, que é mais opaca que a aquarela. Para se distrair, trabalha em sua fazenda de doze hectares,

[286] A citação feita aqui por Steig é um pouquinho torta. Na verdade, Freud usava a expressão "energia psíquica" (*psychic energy*) para se referir à libido. E não "tensão psíquica" (*psychic tension*).

podando macieiras ou mexendo em seu jardim de flores. Também para se distrair, faz esculturas com a madeira retirada das árvores de seu pomar.

"Faz um ano que estou esculpindo em madeira e isso me dá muito prazer", disse ele. "Nós podamos algumas árvores do pomar e eu acabo usando a madeira. A madeira de árvores frutíferas não é macia, mas é fácil de entalhar.

"No ano que vem, vamos plantar uma horta e acho que vou comprar umas cabras. A maioria dos meus personagens é composta de tipos que vivem em Nova York, mas posso trabalhar tão bem em Connecticut quanto trabalho em Manhattan, e a gente está pensando em passar o ano inteiro aqui, e não só seis meses."

Ele vai para a cidade todas as terças-feiras com um maço de desenhos. O trabalho dele aparece regularmente na *New Yorker*, embora ele ilustre textos para a *Collier's* e para outras revistas. Publicou um livro, *Man About Town*[287]. Ele não tem horários fixos de trabalho, começando e terminando seus expedientes quando quer.

Agora está finalizando cartuns para uma companhia de gasolina, além dos trabalhos regulares, e nas viagens que faz para a cidade ele com frequência encontra seus desenhos estampados em painéis de Connecticut.

Sua tira de quadrinhos favorita é *Barney Google* e, quando pedem para ele nomear seu artista predileto, cita Pieter Brueghel e Giotto, que dizem ter desenhado um círculo perfeito com um traço só quando pediram uma amostra de seu trabalho para levar ao papa.

Ao listar cartunistas cujo trabalho respeita, ele começa com James Thurber e nomeia mais uns vinte.

[287] O livro de William Steig é inédito no Brasil. A expressão do título pode ser traduzida como "homem cosmopolita".

Capítulo VIII

Domínio de cena

1. George Bernard Shaw[288]

George Bernard Shaw brinca de esconde-esconde, mas finalmente recebe a imprensa

George Bernard Shaw caiu hoje em um dos truques mais antigos dos fotógrafos que trabalham para a imprensa na metrópole. A partir do momento em que embarcaram na *Imperatriz da Bretanha* na baía inferior de Nova York às oito da manhã até uma hora depois de começarem a trabalhar às dez e meia, fotógrafos de todos os tipos de veículos correram feito loucos pelos corredores do navio em busca de uma chance de apontar suas câmeras para Shaw.

Às onze horas, um fotógrafo confiante foi até a cabine 161 do deque A, ocupada por Shaw, e começou a bater na porta. Surgiu diante dele a expressão surpresa de Archibald Henderson.

"É uma questão de justiça", berrou o fotógrafo. "Três homens conseguiram imagens de Shaw quando ele foi tomar café da manhã. Agora, se Shaw não der as caras, vai sobrar para todo mundo que ainda não tem uma foto dele. Pede para ele aparecer na porta por um segundo. Diga para ele que é uma questão de justiça. Diga que ele precisa ser justo com todo mundo."

Mr. Henderson desfez sua expressão surpresa. Um instante depois, Mr. Shaw colocou a cabeça para fora da cabine. Seu nariz estava queimado de sol. Ele passava um lenço com um pouco de remédio no nariz. Estava de gravata verde.

"Qual é o problema?", reclamou ele.

Trinta fotógrafos começaram a gritar ao mesmo tempo.

---

[288] O irlandês George Bernard Shaw (1856–1950) escreveu dezenas de peças teatrais. A mais famosa delas talvez seja *Pigmalião*, de 1912, sobre um especialista em dicção que entra em uma aposta: ele se acha capaz de ensinar uma garota tosca a falar como uma dama da sociedade. Existem dezenas de versões dessa peça para o cinema e a televisão, em vários países, mas a mais conhecida é de 1964 e se chama *My Fair Lady*, estrelada por Audrey Hepburn e dirigida por George Cukor (*Minha bela dama*, no Brasil). Shaw foi também conhecido pelo seu engajamento político – era um socialista marxista – e por ter vencido o Prêmio Nobel de Literatura em 1925.

“Meu Deus”, disse Shaw. Ele saiu no corredor.

“Esperem um pouquinho”, disse ele, encarando trinta câmeras. “Eu vou até o deque.”

Os fotógrafos lotaram elevadores e interditaram escadas. No deque, eles se aglomeraram debaixo de toldos e próximo dos tubos de ventilação.

No deque, Mr. Shaw se encostou na balaustrada e cruzou os braços. Um dos homens empregados por uma companhia de filmes sonoros correu para perto dele e pediu que acenasse com a mão e dissesse: “Uísque!”.

“A gente pensou que esse seria o tipo de imagem que o senhor aprovaria”, disse o homem do som.

“Como vocês sabem o que eu aprovo?”, disse Shaw. “Gostaria que vocês jogassem todas essas câmeras ao mar. Isso eu aprovaria”, disse ele.

Um fotógrafo começou a bater fotos. “Por favor, olhe para cá, Mr. Shaw. Ô, Mr. Shaw! Ô, Mr. Shaw! Pelo amor de Deus, diz para o velho olhar para cá.”

Mr. Shaw caminhou até o fotógrafo, segurou os ombros dele e deu uma chacoalhada. Vermelho de raiva, Shaw fez o fotógrafo derrubar a câmera e as chapas fotográficas. A multidão gritou, berrou e gargalhou. Os outros fotógrafos batiam suas fotos uma atrás da outra.

Mr. Shaw tem ideias bem específicas sobre como deve posar para as câmeras filmadoras. Os cinegrafistas queriam filmar com a câmera sobre trilhos. Mr. Shaw insistiu em ser filmado com os tubos de ventilação ao fundo. Ele sairia de trás de um dos tubos e caminharia na direção das câmeras.

A ideia dele prevaleceu, porém, antes que pudesse colocar o plano em prática, ele tinha que seguir mais algumas orientações dos fotógrafos. Por fim, ele foi para trás de um tubo de ventilação. Arrumou a gravata e o colarinho, e enfiou as mãos nos bolsos.

Um cinegrafista berrou: “Mr. Shaw está pronto!”. Ele estava errado, pois Mr. Shaw disse: “Não, Mr. Shaw não está pronto”. “Não, Mr. Shaw não está pronto!”, berrou o cinegrafista.

Ele estava errado de novo. “Agora estou pronto”, disse Mr. Shaw, e ele veio caminhando na direção das câmeras com uma expressão muito séria.

Quando chegou perto das câmeras, ele olhou para cima e abriu um sorriso enorme.

"Seja bem-vindo à América", disse Archibald Henderson pela terceira vez, apertando a mão de Mr. Shaw a pedido dos homens com as câmeras.

"Estou cansado de ser bem-vindo à América", disse Shaw. Súbito, ele deu as costas para todo mundo e caminhou direto para uma escada. A multidão, lembrando da chacoalhada que ele deu num fotógrafo, abriu espaço para ele passar.

"Não, eu não vou dar nenhuma declaração para os jornais até amanhã de manhã", disse Shaw. "Vocês não entendem inglês?"

Você está certo, é mesmo Shaw enfrentando uma bateria de jornalistas – e um pouquinho irritado

George Bernard Shaw ocupou hoje um assento na sala de fumantes do *Imperatriz da Bretanha*, atracado no píer, e cumpriu a promessa de ter uma conversa aberta com os repórteres depois de passar horas se esforçando para evitá-los no dia anterior.

"Cavalheiros, podem começar", disse ele. "De vez em quando vocês escrevem textos mal-intencionados sobre coisas que eu não disse. Mas podem começar."

A primeira pergunta foi sobre o suposto insulto que ele lançou contra Miss Helen Keller.

Shaw: O repórter que escreveu essa história deveria ser fuzilado. Tudo o que eu disse foi que ela podia ouvir, falar e ver muito melhor do que seus conterrâneos.

Miss Keller escreveu a história para *The New York Times*.

Repórter: O senhor estaria interessado em participar de um congresso com grandes nomes da literatura para criticar a guerra?

Shaw: Por que criticar a guerra? Guerra é apenas um método de se matar pessoas. Existem muitas pessoas que devem ser mortas.

Repórter: O senhor acha que os ingleses devem ser mortos?

Mr. Shaw se recusou a responder, gesticulando como se considerasse a pergunta absurda.

Repórter: E os irlandeses?

Shaw: Sim, quase todos os irlandeses deveriam ser mortos.

Mr. Shaw disse em seu discurso na noite passada, no Metropolitan Opera House, que o verdadeiro objetivo dos jornais americanos era dissimular a verdade. Pediram para ele explicar melhor essa afirmação.

Shaw: Foi exatamente o que quis dizer. Os jornais caem nas mãos de gente muito rica e toda vez que você escreve uma história que seja desfavorável a essas pessoas muito ricas, os jornais não se dão o trabalho de publicá-la.

Repórter: Gostaria de dizer para o senhor que acho que isso não é verdade.

Shaw: Estou muito impressionado com a sua ingenuidade.

Repórter: O que o senhor acha de Henry L. Mencken?

Shaw: Mr. Mencken parece ter uma inteligência incomum para um americano.

Repórter: O que o senhor acha de Hitler?

Shaw: Quando um homem começa sua carreira como político perseguindo judeus, é como se fosse um oficial do exército que começa sua carreira trapaceando nas cartas. A propósito, sei que vocês tentaram perseguir os católicos. E me contem uma coisa: a Ku Klux Klan ainda existe?

Ninguém respondeu.

Shaw: Às vezes fico impressionado com o povo americano e me pergunto o que acontecerá com ele.

Repórter: O senhor acha que existe alguma chance de mudarmos?

Shaw: Melhor o senhor perguntar essa para o todo-poderoso.

Repórter: Não sabia que o senhor tinha contato com o todo-poderoso, Mr. Shaw.

Shaw: Não tenho, mas o povo americano tem.

Repórter: Suas trinta peças foram úteis de alguma forma?

Shaw: Cada uma delas deve ter sido útil de alguma forma para alguém.

Repórter: Aonde o senhor acha que vai depois de morrer?

Shaw: Sinceramente, espero que minha morte seja o meu fim. Você acha que me agrada a ideia de durar para sempre? O que você acha da ideia?

Ninguém emitiu opinião a respeito.

Repórter: O que o senhor gostaria de fazer em Nova York caso ficasse um pouco mais na cidade?

Shaw: Gostaria de sair dela.

Repórter: O senhor gosta de insultar as pessoas?

Shaw: Agora, vou dizer uma coisa. Se eu falo para um americano: “Você está de chapéu”, ele vai ficar alvoroçado e dizer: “O que você quis dizer com ‘você está de chapéu’?”.

Repórter: O senhor acha que alguma de suas peças será lembrada daqui a cem anos?

Shaw: É impossível saber. Sempre disse que, quanto antes você acabar com uma reputação, melhor. Desde que os direitos autorais continuem existindo, eu não me importo.

Mulher repórter: O senhor gostaria de visitar o zoológico?

Shaw: Tenho pavor de zoológicos. Se eu fosse para um zoológico, libertaria todos os animais.

Repórter: Como o senhor acha que será a próxima civilização?

Shaw: Pelo que a gente sabe, a próxima civilização será negra.

Repórter: O senhor ainda acha a humanidade estúpida como achava quando era mais jovem?

Shaw: Eu vejo as crianças saindo das escolas. Elas parecem todas iguais. Fico desapontado.

Thomas W. Lamont, que ouviu Mr. Shaw dizer em seu discurso na Opera House que todos os financiadores eram 95% insanos, levou Mr. Shaw de automóvel até o navio.

Shaw: Ele não me pareceu ofendido.

Repórter: O que o senhor acha de Eugene O'Neill?

Shaw: Não vim aqui para ficar falando de meus colegas.

Enquanto os repórteres continuavam a fazer perguntas, Mr. Shaw colocou a mão no bolso, tirou de dentro dele um relógio e disse: "Terminei por aqui. Tenho um compromisso com meu advogado e com meu editor".

Ninguém ouviu Shaw. Antes que se desse conta, ele estava no salão principal cercado de fotógrafos e técnicos de som. Uma dúzia de flashes disparou ao mesmo tempo. Ele bateu o pé no chão e ergueu a voz. "Vocês não devem disparar essas coisas sem avisar antes", berrou ele. "E tirem esses microfones daqui."

Ele viu um cinegrafista conversando com Archibald Henderson. Foi até eles e interrompeu a conversa.

"Escutem aqui", disse ele, "vocês querem que Mr. Henderson me dê as boas-vindas à América mais uma vez ou alguma outra coisa besta e eu não vou mais tolerar nada disso. Tirem esses microfones da minha frente!"

De repente, Mr. Shaw deu um giro pela sala e deu de cara com os microfones. Ele agarrou dois deles e os arremessou para o lado. Um deles caiu sobre um monte de

cabos e alguma coisa deu errado. Em outra parte da sala uma máquina começou a estalar.

"Vocês podem fazer o favor de desligar esses microfones?", berrou ele. "Que barulho é esse?"

"É uma câmera com som, chefe", disse um cinegrafista. "Está tudo bem."

Mr. Shaw não aprovou as cadeiras em que ele e o professor Henderson tiveram de se sentar. O professor começou a arrastar as cadeiras.

"Ele quer que você caminhe até mim e eu vou me levantar da cadeira e apertar a sua mão", disse Mr. Shaw[289]. "Que absurdo! Eu me recuso. Para que servem essas coisas, essas coisas ali? São microfones? Para mim, chega."

Ele deixou rápido o ambiente. O professor Henderson foi atrás para tentar trazê-lo de volta.

"Olha, fui capaz de dizer para a rainha Maria[290] levantar o vestido", disse um cinegrafista. "Esse cara não faz diferença para mim. Se ele quiser voltar, OK. Se não quiser, que fique no buraco dele."

Antes que Shaw voltasse para sua cabine, uma repórter o alcançou e perguntou sobre o caso de Scottsboro[291].

"Não tenho nada a ver com os garotos de Scottsboro!", gritou ele, batendo a porta. "Não vim aqui para interferir com suas leis bestas."

Mr. Shaw chamou a constituição americana de "estatuto de anarquia" no discurso que deu ontem à noite.

"Foi exatamente isso que quis dizer", disse ele hoje. "Deveria ser ignorada. É apenas um acúmulo de esforços por parte das pessoas que não querem ser governadas. Eu me dei conta de que, neste mundo, é uma questão difícil essa de ser livre. Quero ser livre, mas não consigo ser livre o tempo todo. Se não conseguimos ter liberdade

---

[289] Citar Shaw aqui parece ter sido um erro da edição original. Faria mais sentido que Mr. Henderson falasse essa frase e a resposta de Shaw viesse em seguida.

[290] O cinegrafista se refere à Maria Alexandra Vitória (1875–1938), a rainha Maria de Saxe-Coburg-Gota, a última rainha consorte da Romênia, casada com o rei Fernando I. Uma celebridade internacional nos anos 1920, ela visitou os Estados Unidos em 1928 e a imprensa a perseguiu de maneira implacável.

[291] Nove jovens negros dos Estados Unidos com idades entre 13 e 20 anos foram acusados de estuprar duas mulheres brancas em um trem no estado do Alabama, em 1931. O caso ficou conhecido como "Os Garotos de Scottsboro" e se tornou um marco entre os erros judiciais ligados a racismo nos Estados Unidos. A história começou com um julgamento mal-ajambrado, seguiu com tentativas de linchamento, prisões, fugas de prisões e muitos anos de cadeia para todos eles. No fim, aqueles que não escaparam e nem tiveram um destino trágico (um deles chegou a se suicidar), viveram para ver suas sentenças serem revertidas, foram perdoados e saíram da prisão.

plena, podemos ter liberdade dentro de alguns limites e escapar à tirania atual das leis que ninguém quer."

Mr. Shaw, comentando outra parte de seu discurso na noite anterior, disse: "Não mencionei William Jennings Bryan para ilustrar o exemplo perfeito de um homem 100% americano. Ele foi um homem formidável, um gigante que dedicou toda sua vida à questão da prata, que ele achava que mudaria o mundo e melhoraria a raça humana. Não o mencionei, mas deveria ter mencionado."

Mr. Shaw fingiu que não conseguia entender o interesse dos americanos por ele.

"Por quê, para começar", questionou ele, "vocês estão aqui ao meu redor? É algum tipo de admiração, mas por quê? Se vocês tivessem lido meus livros, eu até entenderia, mas poucas pessoas que dizem me admirar leram qualquer um dos meus livros ou sabem alguma coisa a meu respeito, fora o que leram nos jornais.

"Esse anseio abstrato me interessa, essa admiração que vocês têm, e só me resta torcer para que isso seja sensato. Talvez eu possa dizer que vocês são repletos de emoções inativas."

Alguém disse que os livros dele eram lidos por muita gente.

"O quê?", devolveu Shaw. "Você não conheceu leitores que não leram os livros de Shaw e dizem admirar Shaw? Então você conheceu as pessoas erradas. Existe um monte de gente que, ao ouvir o nome Bernard Shaw, fica com os olhos cheios de lágrimas."

Mr. Shaw disse a Lawrence Langner, do conselho administrativo da Theatre Guild, responsável por encenar vários textos de Shaw, que ele está contemplado temas para outras peças. Mr. Langner, a mulher dele, Armina Marshall, Robert Lorraine e a princesa Kropotkin foram convidados para tomar café da manhã com Shaw a bordo do navio.

Apenas seis pessoas se cansaram, levantaram e foram embora ontem à noite enquanto Shaw, atrás de um grande cesto de flores no palco da Opera House, proferiu dezesseis mil palavras críticas em cem minutos. Ele foi aplaudido vigorosamente enquanto criticava quase todas as instituições americanas. O público riu em vez de aplaudir quando ele disse que talvez a América possa salvar o mundo.

Mr. Shaw declarou que os quatro anos do presidente Roosevelt, "se ele tiver de seguir a Constituição com o mesmo Congresso podre e tudo mais", certamente serão uma decepção tão grande quanto a administração de Mr. Hoover[292].

Ele disse que um conhecimento superficial de ciência política basta para saber que a primeira coisa a fazer para resolver os problemas atuais é nacionalizar os bancos.

Shaw, aos oitenta anos e "morrendo", renega que suas obras sejam enterradas em livros didáticos

George Bernard Shaw, que odeia aniversários tanto quanto odeia carne, cerveja, tabaco e americanos, fará oitenta anos amanhã, mas é improvável que comemore a data porque, como disse certa vez para um repórter, "o interesse do público em mim depende de coisas que consigo fazer e que ninguém mais consegue, e qualquer um faz aniversário".

O celebrado vegetariano, dramaturgo e piadista tem uma saúde de ferro exceto por um resfriado ocasional, de acordo com um de seus representantes americanos, Howard C. Lewis, da Dodd, Mead & Company. E a julgar por uma de suas cartas, um documento explosivo que Mr. Lewis tornou público hoje, Mr. Shaw demonstra a mesma inteligência corrosiva que fez dele um dos principais nomes das letras inglesas.

A carta se refere às seções sobre livros escolares, reimpressão de antologias e honorários para adaptações de suas peças no contrato entre Mr. Shaw e seus editores.

"Não quero ter nada a ver com escolas e universidades, não importa o quanto me paguem; nenhuma das minhas obras deve virar, com minha autorização, um maldito livro didático", escreveu Mr. Shaw. "Que comprem as edições de bolso, se quiserem. Um livro escolar implica uma edição com notas, prefácios e muito material para questões como: 'Determine a idade da tia-avó de Bernard Shaw quando ele escreveu *Nunca Se Sabe* e explique a razão para se acreditar que a inscrição no túmulo dela em Ballyhooly está incorreta'. Os estudantes experientes leem as notas e os prefácios em vez de ler as peças, e vão me odiar para sempre."

[292] Herbert C. Hoover (1874–1964), presidente dos Estados Unidos de 1929 a 1933, quando foi sucedido por Franklin D. Roosevelt (1882–1945).

Mr. Shaw escreveu que, quando pedem permissão para incluir uma de suas peças em uma antologia, “tenho o hábito de barganhar com o editor a ponto de fazer até uma doação para a Sociedade de Autores ou para a Associação de Autores da América”.

Ele disse que honorários pagos por amadores (para a produção de suas peças) são insignificantes e que ele costuma autorizar que teatros pequenos paguem honorários de 5% da receita total (quando esta não ultrapassa duzentos e cinquenta dólares), “desde que o dinheiro seja usado para financiar a companhia e o teatro em vez de ser doado para caridade, ou gasto em bebedeiras profissionais”.

Mr. Shaw tem ainda várias coisas pessoais a dizer ao discutir a duração de seu contrato com a editora.

“O limite de cinco anos, com certeza, será esquecido por nós, já que o contrato é renovado automaticamente pela eternidade se estivermos satisfeitos com ele”, escreveu Shaw. “Mas se Frank [Frank Dodd, presidente da Dodd, Mead] ficar louco e Edward [Edward Dodd, presidente do conselho] e Chase [Arthur Chase, tesoureiro] forem enforcados, e Lewis decidir publicar literatura pornográfica e acabar censurado por isso, como faço para sair da editora a menos que possa romper o contrato com aviso prévio de seis meses? Além disso, eles podem querer se livrar de mim caso eu me torne infame demais para qualquer editor respeitável querer se aproximar dos meus livros.”

Mr. Lewis disse que, na véspera do aniversário de oitenta anos do dramaturgo, ele gostaria de tentar acabar com a impressão, bastante difundida nos Estados Unidos, de que Mr. Shaw é “um mercenário, louco por dinheiro, e mão fechada”.

“Espero que ele tenha um aniversário extremamente agradável”, disse Mr. Lewis, “porque o admiro muito. Em 1933, fui para Londres para tentar convencê-lo a mudar de editora, a mudar da Brentano para a Dodd, Mead. Fui até a casa dele, no número 4 da Whitehall Court, e nós conversamos. Falamos durante horas sobre a Rússia, sobre os estrangeiros em Nova York, sobre as leis de censura e sobre outros assuntos diferentes. Por fim, a secretária dele apareceu e disse que eu teria de ir embora. Shaw me disse para voltar no dia seguinte.

“Na próxima visita, aconteceu a mesma coisa. Shaw falou sem parar e a gente não chegou a discutir o assunto de mudar de editora e elaborar um contrato. Pouco antes de eu ir embora, Shaw disse: ‘Bom, nós não tivemos tempo de discutir o contrato, mas vou fazer o seguinte: vou escrever um contrato hoje à noite e mandar

para você'. Na manhã seguinte, um mensageiro chegou ao meu hotel, o Savoy, com o contrato.

"Ele estava escrito à mão e era uma proposta absolutamente satisfatória e justa. Era o contrato mais justo que eu tinha visto e com os termos legais que um advogado usaria. Era um contrato complicado, por causa dos temas que abordava, mas ele o redigiu de maneira cristalina. Eu tinha ouvido falar que Shaw era mercenário e fiquei surpreso de ver como o documento era justo. Com o contrato, veio uma nota pedindo que eu enviasse uma cópia do contrato assim que chegasse aos Estados Unidos. É inusitado que um autor, especialmente alguém com a reputação que Shaw tem, confie num editor a esse ponto."

Desde seu aniversário de setenta e nove anos, Mr. Shaw deu mais algumas de suas declarações extremamente francas. Ao saber da morte de Robert Loraine, o famoso ator britânico, ele disse: "Não me sinto abalado com a morte dele porque eu mesmo devo morrer logo". A maior briga que ele comprou no último ano envolve o cartão que escreveu para Sociedade de Auxílio às Crianças, de Londres, que havia pedido para que ele fizesse uma caridade. (No que diz respeito à caridade, Mr. Shaw é irredutível: ele a descreve como "um desvio pernicioso do dever público".)

"Como o mundo atual não é apropriado para crianças", rabiscou Mr. Shaw nas costas de um cartão postal, "por que não dar aos pequenos inúteis uma festa maravilhosa e depois, quando já tiverem comido, dançado e dormido, ligar o gás e deixar que acordem no paraíso?".

A julgar por essa carta delicada, o vegetariano marrento não está amolecendo com o passar do tempo.

2. Gene Krupa[293] quer o "suingue africano"

Num ambiente à prova de som no edifício Brunswick, Gene Krupa está ensaiando dia e noite com os músicos de sua nova banda de swing para uma turnê. Gene Krupa é um jovem magrelo e desajeitado com dedos longos e o sorriso de um maníaco feliz, que começou a tocar bateria enquanto vendia refrigerante em um *resort* de quinta

[293] Eugene Krupa (1909–1973) é um dos maiores bateristas da história dos Estados Unidos. Com carreira no jazz e no swing, ganhou fama na orquestra de Benny Goodman. Procure ver um vídeo de Krupa tocando "Sing, Sing, Sing" com Goodman. É uma experiência.

categoria perto de Madison, Wisconsin, e que agora, quatorze anos depois, é considerado o melhor baterista do mundo. Ele saiu da banda de Benny Goodman algumas semanas atrás para formar sua própria banda, selecionando músicos de toda parte.

"Existiam coisas que eu não podia fazer com Goodman", disse Mr. Krupa. "Eu queria ir além. Houve uma expedição africana que registrou sons tribais na selva do Congo e eu tive acesso a essas gravações, um total de doze faixas, e tenho estudado esse material. Esses garotos africanos sabem usar um tambor. Dizem que eu sei tocar bateria, e acho mesmo que sei, mas esses africanos sabem o que fazem. Quero aprender com eles, inserir esse som autêntico da África na minha banda. Tirado direto da selva, por assim dizer."

A maioria dos bateristas de jazz monta seus instrumentos com tantos acessórios barulhentos que eles mais parecem o carro de um universitário e não uma bateria, um hábito que Mr. Krupa detesta. "Para mim, basta um tambor", disse ele. "Humilho todos eles. Por mim, poderia pegar um barril, esticar umas peles, deixar secar no sol e pronto. Tenho várias baterias. Se eu pegasse todas as minhas baterias e colocasse para vender, teria uma loja bem equipada. Tenho oito caixas, seis bumbos e quinze tom-tons. Tenho umas cinco ou seis baterias. Estou sempre no meio de uma bateria. Outros podem pensar diferente, mas acho que uma bateria é a base de uma banda."

Enquanto Mr. Krupa falava, os músicos continuavam tocando. Ele tem três trompetistas, quatro saxofonistas, um guitarrista, um pianista e um baixista. Depois de sair da banda de Mr. Goodman, ele percorreu o país e escolheu músicos que tinha ouvido e que admirava. Ele trabalhou em pelo menos oito bandas – "das bandinhas de boteco até as mais famosas" – e, toda vez que ouvia um músico que chamava sua atenção, anotava o nome num caderninho que carregava o tempo todo.

"Quando me senti pronto para montar minha banda", disse ele, "sabia exatamente quem eu queria chamar. Tinha os nomes anotados no meu caderno preto. Só precisei viajar pelo país para contratar os músicos. Chamei dois da Costa Oeste, dois de Detroit e alguns vieram do Texas. O resto é daqui mesmo. Temos quarenta e oito contratos, mas quero fechar sessenta antes de começar a turnê. Abrimos em Atlantic City e seguimos com dois meses de shows agendados, todos eles de uma noite só. Uma vez por semana, voltamos para Nova York para gravar discos. A turnê é uma espécie de ensaio. Quero que a gente esteja bem para tocar em Nova York."

Além de vender refrigerante, tocar bateria foi o único trabalho que Mr. Krupa teve na vida. Ele nasceu em Chicago e tem vinte e nove anos. Seu pai, Bartley Krupa, foi um vereador do Sul que morreu quando Gene tinha oito anos. O sobrenome dele é austríaco – "Acho que é austríaco", disse ele, "mas minha mãe era sueca". Ele começou a estudar para ser padre num seminário de Indiana, trabalhando no verão como vendedor de refrigerante.

"Eu ficava de pé ao lado da geladeira e servia refrigerante gelado, de cinco centavos", disse ele. "Eu não precisava preparar nada. Era só abrir as garrafas. O *resort* tinha uma banda e o baterista deixava eu tocar de vez em quando. Eu pedia e ele não se importava. Até gostava de descansar um pouco. Bom, você sabe como são essas coisas – um dia ele ficou doente e eu entrei no lugar dele. Quando terminou a temporada no Wisconsin Beach Gardens, eu me mudei para Chicago, me sindicalizei e entrei numa banda. Nunca mais parei de tocar bateria."

Ele é casado com Ethel Fawcett. Ela trabalhava como telefonista no Dixie Hotel. Para se divertir, ele gosta de ir a jogos de beisebol e de ler o noticiário esportivo. No entanto, disse que a única coisa que lhe interessa de verdade é tocar bateria. Quando estava com Goodman, os fãs de swing costumavam cercar o baterista e exibir sinais de insanidade toda vez que as baquetas eram arremessadas no ar e aterrissavam nas mãos dele, ou toda vez que as baquetas percorriam o prato, a caixa, o *cowbell* e o tom-tom. Ele gosta quando os fãs se reúnem ao redor dele e dançam feito loucos.

"Gosto de ver como eles vão à loucura", disse ele. "Sem dúvida nenhuma."

3. George M. Cohan[294]

"É, eu gostava de circular pela Broadway e de tomar umas cervejas com a rapaziada", disse George M. Cohan, olhando através da janela de seu apartamento na 5th Avenue para os pombos gordos e barulhentos empoleirados nos beirais do Metropolitan Museum, do outro lado da rua.

[294] Mitchell dá vários detalhes sobre a vida de George M. Cohan (1878–1942) nesse perfil. Um artista que começou no vaudeville, como tantos outros de sua época, Cohan fazia um pouco de tudo. Hoje, no entanto, poucos saberiam dizer quem ele foi.

"Hoje em dia, quase nunca vejo a Broadway. Às vezes, passo por ela a caminho do escritório do meu advogado, ou quando tenho de atuar em algum teatro do centro, ou às vezes dou uma passada no Dinty Moore para comer fígado com bacon e tomar um uísque de centeio, mas não sinto que seja a mesma cidade em que eu vivi anos atrás.

"Sempre que sinto vontade de tomar um drinque, vou até o Plaza, o Plaza antigo, onde ficam umas carroças com cavalos, mas nem isso eu tenho feito mais. O que dá para fazer é passear pelo Central Park, quase sempre na região do reservatório, e ver um jogo de beisebol sempre que dá, embora eu não torça para nenhum time específico.

"Andar pela cidade não é mais tão divertido quanto era antes. Eu gostava de andar com um amigo meu, Steve Reardon, um policial aposentado que já morreu. Ele era um cara engraçado. E gostava muito de andar. Ele despachava uma maleta de mão para Albany quando mudava a estação só para andar até lá e pegar a maleta. Quando chegava a primavera, ele colocava um dinheiro na meia, despachava a maleta e começava a andar."

A carreira de Mr. Cohan como artista que canta e dança, como dramaturgo, ator e produtor, como compositor de músicas e como astro de cinema desafortunado foi marcada pela amplitude e pela intensidade de sua indignação, mas ele disse que a situação atual da Broadway não o deixa indignado; só faz com que queira ficar em casa. Sua agressividade é gigantesca pelo menos desde a época em que os Quatro Cohan costumavam ser escolhidos no lugar dos acrobatas fixos para abrir um espetáculo de vaudeville, ocasiões em que o pai, a mãe e a irmã dele tinham que se segurar para não abandonar o teatro. No fim de quase todos as apresentações que fazia no vaudeville, ele ia falar com o diretor do teatro e berrava: "Um dia eu vou voltar aqui e comprar esse teatro só para colocar você no olho da rua!".

Ele reclama de Hollywood toda vez que fala com um repórter – "Se tivesse que escolher entre Hollywood e Atlanta, eu ficaria com Leavenworth", ou algo parecido –, mas com relação à Broadway, ele fica triste e não indignado. Ele é mais ou menos como o sujeito que economiza dinheiro para visitar sua terra natal e descobre que todas as pessoas que conhecia não estão mais lá.

"Eles também têm que ganhar a vida", diz ele enquanto caminha pela Broadway e vê vendedores e levantadores de peso em tudo que é canto, e os anunciantes com megafones berrando até ficarem roucos na frente de cinemas que

cobram dez centavos por cabeça. Lembra que a Broadway antiga também tinha um monte de porcaria quando passa por regiões do distrito teatral tão barulhentas e chamativas que fazem Coney Island parecer um balneário elegante na Riviera.

"Com certeza", disse ele, falando com o canto direto da boca torta, "é preciso seguir em frente, mudar e envelhecer. Existe muita coisa boa no teatro americano, até mesmo em Hollywood. W. C. Fields, por exemplo, um artista como nenhum outro, e Groucho Marx, e esse jovem Clifford Odets não é ruim. Ele recende a teatro. Ele esmurra a mesa bastante, mas é um bom ator. Quando vi *Awake and sing*, houve momentos em que não conseguia ficar parado."

Ele vai se apresentar em uma "comediazinha" na época do Dia de Ação de Graças, quando as eleições estiverem terminado, e deverá fazer uma turnê depois disso. Ele não escreveu nenhuma canção para campanhas deste ano e não tem planos de fazê-lo. Ainda não superou o fato de que um monte de gente riu da canção que ele fez para Roosevelt em 1934, "What a Man, What a Man, What a Ma-a-an", cantada com a melodia de sua famosa "Over There". (Para o Jubileu das Luzes, ele escreveu uma canção similar sobre Thomas Alva Edison, "What a Man, What a Plan", que usava a mesma melodia.) Ele também disse que não se sente muito patriótico nesta eleição. A vida toda ele foi democrata, mas nesta eleição parece um pouco confuso.

"Tenho amigos dos dois lados", disse ele.

Daqui a dois anos, Mr. Cohan fará sessenta anos, mas diz que os músculos de suas pernas ainda aguentarão uma turnê de vaudeville com três espetáculos por dia. Seu cabelo é branco, mas seu rosto rosado impressiona pela jovialidade.

"Pode não parecer, mas às vezes sinto o peso da minha idade", disse ele. "Mas costumo andar para manter a forma. Peso sessenta e dois quilos. Cheguei a pesar quarenta e cinco quilos aos vinte e sete anos.

"Na temporada de 1927–1928, dancei durante trinta e sete semanas. Durante treze anos, nunca tinha dançado. Até que um ator mais velho, Arthur Deagon, morreu e tive de assumir o papel dele, mas não foi difícil. Isso foi no espetáculo 'The Merry Malones'. É bom saber que meus músculos funcionam. Não sei jogar golfe nem tênis, ou qualquer outra coisa que se costuma praticar hoje em dia. Nem sequer sei nadar e nunca aprendi a dirigir um automóvel. Devo ser a única pessoa no mundo que ainda não aprendeu a dirigir.

"Meu esquema é caminhar. Existe um pequeno grupo de pessoas que faz caminhadas diárias ao redor do reservatório de água. Reconheço mais as pessoas

quando caminho pelo Central Park – pessoas com quem posso conversar e dizer: 'Olá, como vai você?' – do que quando vou à Broadway.

"Estou bebendo menos. Se tomei uma dúzia de drinques nos últimos seis meses, foi muito. Passei doze semanas na Europa durante o verão e não bebi nada, nenhuma cerveja na Irlanda, nenhum vinho na França. Não é que eu esteja abstêmio nem nada disso. Não gosto de fazer cerimônia – quando estou a fim de tomar uns drinques, vou até o bar e tomo."

A viagem para a Irlanda no verão era uma promessa que havia feito para si mesmo anos atrás. Ele fez uma turnê tranquila por Leinster e Munster, sem se aventurar pelo norte. Os avós dele eram de Cork e ele se divertiu lá. Foi visitar os lagos de Killarney em County Kerry e viu o Liffey desaguar no mar em Dublin. Foi uma viagem discreta com sua esposa, visitando lugares sobre os quais ouviu falar a vida inteira. Seu filho, George Michael Harris Cohan, está trabalhando para um litógrafo, mas Mr. Cohan costumava dizer que queria que o filho fosse jogador de beisebol. Sempre que tem uma partida de beisebol na cidade, Mr. Cohan marca presença no estádio.

"De acordo com as fofocas que circulam pela cidade", disse ele, "tentei comprar todos os times de beisebol das duas ligas. De fato, uma vez comprei o New York Giants com a ajuda de Sam Harris, meu sócio. Nós fechamos negócio com um aperto de mão e achei que estava tudo resolvido, mas outra oferta surgiu na manhã seguinte e os proprietários se esqueceram do aperto de mão com Sam Harris e George Cohan e venderam o time para um outro sujeito."

Mr. Cohan não tem mais um escritório. Seu chapéu é seu escritório, embora ele mantenha um contador no escritório de Sam Harris, seu ex-sócio.

"Também tenho um armazém na altura das Fifties[295]", disse ele. "A rua exata, eu não me lembro qual é. São dois andares lotados com todos os meus cenários, equipamentos de iluminação e figurinos antigos. Faz anos que não ponho o pé lá. Aposto que me custaria uns cinco mil dólares levar essas coisas todas para a cidade de Long Island, e queimar tudo."

Mr. Cohan disse que a história de que ele tinha intenção de abandonar a Broadway para sempre e se juntar a uma trupe de artistas num espetáculo de navio

[295] Referência às ruas numeradas de 50th até 59th.

que percorre os rios Ohio e Mississippi era uma boa história, mas que o responsável por ela era Charles Washburn, o assessor de imprensa.

"Você dá um lápis para um assessor de imprensa e não faz ideia do que ele vai escrever", disse Mr. Cohan. "Por coincidência, um produtor de espetáculos para navios de Cincinnati, Billy Bryant, era amigo de Mr. Washburn, que me convenceu de que era uma boa ideia escrever para Bryant dizendo que eu estava procurando um emprego. Bryant tinha acabado de escrever um livro e Charlie queria um pouco de publicidade para ele."

A carta para o produtor, supostamente escrita por Mr. Cohan, tinha um parágrafo dramático: "Você gostaria de ter mais um artista capaz de cantar e dançar neste verão? Quero voltar a ser criança e me afastar do aplauso cético do teatro em terra firme. Sinto um vazio na minha vida e quero deixar para trás o peso de escrever, atuar e produzir peças para a Broadway de hoje".

"A carta era boa", disse Mr. Cohan, sem disfarçar as lágrimas, "quem me dera eu soubesse escrever desse jeito. De qualquer forma, eu não me importaria de trabalhar de novo com uns melodramas das antigas. Eu me lembro de viajar com a trupe do espetáculo *Daniel Boone on the Trail*. Era tão intenso que às vezes eles precisavam fabricar mais sangue no porão antes do fim do terceiro ato".